

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP – DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

GABRIEL VIEIRA CÂNDIDO

O desenvolvimento de uma cultura científica no Brasil:
contribuições de Carolina Martuscelli Bori

Ribeirão Preto

2014

GABRIEL VIEIRA CÂNDIDO

O desenvolvimento de uma cultura científica no Brasil:
contribuições de Carolina Martuscelli Bori

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, como parte das exigências para obtenção do título de Doutor

Área de Concentração: Psicologia

Orientadora: Marina Massimi

Versão Corrigida

Ribeirão Preto

2014

Autorizo a reprodução e divulgação deste trabalho por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

FICHA CATALOGRÁFICA

Cândido, Gabriel Vieira

O desenvolvimento de uma cultura científica no Brasil: contribuições de Carolina Martuscelli Bori, 2014, 376 p. : Il.; 30cm

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo

Orientadora: Massimi, Marina

1. História da Psicologia no Brasil. 2. História da Ciência. 3. Psicologia

Nome: Cândido, Gabriel Vieira

Título: O desenvolvimento de uma cultura científica no Brasil: contribuições de Carolina Martuscelli Bori

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, como parte das exigências para obtenção do título de Doutor

Aprovado em:

Banca examinadora

Prof. Dr. _____	Instituição _____
Julgamento _____	Assinatura _____

Prof. Dr. _____	Instituição _____
Julgamento _____	Assinatura _____

Prof. Dr. _____	Instituição _____
Julgamento _____	Assinatura _____

Prof. Dr. _____	Instituição _____
Julgamento _____	Assinatura _____

Prof. Dr. _____	Instituição _____
Julgamento _____	Assinatura _____

Agradecimentos

Escrever e falar sobre alguém tão conhecida e com tantas histórias já contadas quanto Carolina M. Bori não é tarefa nada fácil. Entretanto, seria muito mais difícil se eu não tivesse a colaboração e apoio de algumas pessoas que, em diferentes momentos da minha história pessoal ou no período de desenvolvimento deste trabalho, deram sua colaboração, fizeram com que eu me tornasse a pessoa que sou hoje e tornaram possível a realização desta pesquisa. Por isso, gostaria de agradecer a meus pais que, apesar de sentirem a distância que estive nos últimos anos, nunca me impediram de ir atrás do que eu acreditava e sempre me deram o apoio de que precisava.

À Carol, minha esposa, que nos últimos anos tem sido uma companhia amorosa, compreendendo minhas ausências e me ajudando a resolver os problemas que escrever uma tese apresenta. Esteve comigo em diversos momentos deste trabalho, nas várias viagens que precisei fazer e também nos momentos de descanso. Ao Djalma, Marilda, Leandro e Camila que se tornaram presentes e aliviaram o peso de estar longe da minha família.

Agradeço a minha orientadora, Marina Massimi, que foi fundamental desde a elaboração do problema, na fundamentação teórica que utilizei, na escolha e tratamento das fontes, na análise dos dados e na escrita da história. Soube me fazer voltar ao trabalho quando a correria do dia-a-dia me afastava dele. Além de toda a orientação na pesquisa, me ajudou a refletir sobre vários aspectos profissionais. Agradeço também a todos do grupo de pesquisa em História e Memória da Psicologia (USP/RP) que passaram por ele nos últimos quatro anos (em ordem alfabética): Alekssey Sobral, Carmen Justo, Carol Damas, Caroline Okubo, Clara Lutz, Eneida Damasceno, Frei Sergio, Gabriela Daharem, Lidiane Panazollo, Livia, Maira Allucham, Milena Cosentino, Nayara Saran, Rodrigo da Silva, Rodrigo Miranda, Sandro Gontijo, Suzana Peron.

Um especial agradecimento à Maria do Carmo Guedes, que me introduziu na área de História da Psicologia, fez surgir em mim o interesse pela área. Além disso, foi uma presença marcante para o desenvolvimento deste trabalho. Foi interlocutora, conselheira, mestra...

Aos colegas da Unoeste que, compreendendo a dificuldade de fazer um doutorado quando se tem números cada vez maiores de alunos, fizeram o meu trabalho mais fácil e parazeroso.

Agradeço aos professores Sérgio Cirino e Sergio Fonseca que na qualificação deram contribuições para o desenvolvimento desta pesquisa. Agradeço também às professora Mitsuko Antunes e Lilian Martins que compuseram a banca de avaliação desta pesquisa.

Aos amigos Bruno Costa, Felipe Souza, Paula Bullerjhan, Dalton Demoner Figueiredo, Rodrigo Caldas, João Carlos Martinelli, Dumas Gomes, Daniel Medeiros, Maira Giroto e Eduardo Giroto que também fazem parte desta minha conquista.

Agradeço também o Otávio Beltramello e Raquel Ciqueto, que foram dois importantes interlocutores e me ajudaram a pensar muitas das coisas que estão registrados neste trabalho.

Esta pesquisa também não seria concluída sem a colaboração de vários pesquisadores e de Carla Simioni que cederam seus depoimentos sobre Carolina Bori.

Agradeço às professoras Andreia Schmidt e Bia Neufeld por também terem se feitos presentes em diversos momentos desta minha jornada.

Os nomes aqui citados certamente não representam todos os que foram importantes mim durante estes anos de doutorado. Portanto, gostaria de agradecer a todos que de alguma forma passaram por esta pesquisa e não aqui foram incluídos, mas que tornaram possível a conclusão desta pesquisa.

“Nunca foi tão grande o desencontro entre os pesquisadores e o governo”, lamenta a professora Carolina Bori. “Nós passamos décadas tentando convencer os governos sobre a necessidade de termos um sistema nacional de pesquisa minimamente amparado, e parece que sempre falamos para as paredes”. (...)

Carolina diz que não adianta mais tentar convencer os governos. Agora é preciso convencer a população de que o desenvolvimento científico e tecnológico é um gênero de primeira necessidade. “Enquanto a população não colocar esse problema em sua extensa pauta de reivindicações e não fizer pressão, os cientistas continuarão falando sozinhos” (Jornal O Estado de São Paulo, quarta feira, 9 de junho de 1989 – caderno Ciência e Tecnologia, p. 32)

RESUMO

Cândido, G. V. (2014) O desenvolvimento de uma cultura científica no Brasil: contribuições de Carolina Martuscelli Bori. Tese – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto

Uma biografia científica é geralmente escrita com o objetivo de interpretar tanto o caráter mutante da prática científica quanto as características individuais dos cientistas. Pela identificação dos interesses pessoais de cientistas pode ocorrer uma mudança no modo como a ciência é entendida. O objetivo do presente trabalho é analisar o desenvolvimento da ciência e da psicologia no Brasil tendo a biografia científica de Carolina Bori como ponto de partida. Escrever sobre Carolina Martuscelli Bori é escrever sobre uma pesquisadora que teve um grande impacto sobre o desenvolvimento científico no Brasil. Pode-se dizer que mesmo depois de sua morte a memória de Carolina Bori influencia pesquisas, planejamento de cursos, debates sobre ciência, etc. Exemplos disso incluem os pelo menos 11 artigos sobre ela, escritos entre 2004 e 2012. Além disso, ela já havia sido homenageada com uma edição especial da revista *Psicologia USP*. Para atingir este objetivo, foi necessário reunir informações sobre ela disponíveis nesses materiais, em depoimentos de uma sobrinha dela, uma funcionária da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, e de 15 pesquisadores de diferentes áreas que trabalharam com ela. Utilizou-se, também, cartas pessoais que ela trocou com o psicólogo estadunidense Fred S. Keller (1899-1996), que se tornou um mestre e amigo pessoal, bem como nos artigos assinados por ela. Carolina Martuscelli nasceu em São Paulo em 4 de janeiro 1924 e era a filha mais velha de sua família, entre outros quatro filhos. Seu pai era italiano e sua mãe era brasileira. Frequentou uma escola alemã desde os seis anos de idade e formou-se como professora. Como pedagoga, estudou motivação do ponto de vista Gestalt sob orientação de Tamara Dembo durante seu mestrado nos Estados Unidos, e com Annita Cabral durante seu doutorado, no Brasil. No início de 1950, Carolina se casou com um italiano, cujo nome de família ela assumiu e com quem teve um filho. Eles se divorciaram alguns anos após o nascimento de seu filho, mas ela manteve o nome de casada. Depois de um problema pessoal com a chefe da cadeira onde trabalhava, Carolina Bori foi afastada da universidade. Na ocasião, Bori foi convidada para coordenar o departamento de psicologia do curso de pedagogia em Rio Claro. Durante esse tempo, ela foi aluna de Fred S. Keller, e, juntos, escreveram os primeiros trabalhos em um campo que desenvolveram no Brasil e que alguns psicólogos ofereceram resistência. Em 1962, ela foi convidada para criar e coordenar o departamento de psicologia da Universidade de Brasília, na capital brasileira recém-fundada. O curso, com base na experimentação e técnicas comportamentais, começou em 1964, mas em 1965 o governo militar invadiu a universidade e o departamento foi extinto. Com isso, Bori voltou à USP e se tornou a principal pesquisadora no campo da Instrução Programada e PSI no país. Em 1969, ela se submeteu ao concurso de livre-docência, no entanto, devido a rivalidades políticas, seu certificado foi negado. Ela também orientou teses de mestrado e doutorado, dirigiu sociedades científicas que lutaram por melhores condições de ensino e pesquisa no país, contribuiu para o reconhecimento legal da Psicologia no Brasil e foi fundamental para a criação do sistema de ciência e tecnologia brasileira. A partir da biografia científica de Bori pode-se observar uma série de características da ciência e da psicologia no Brasil e como algumas preocupações pessoais e problemas podem levar ao desenvolvimento do campo.

Palavras-chave: Cultura Científica, Ciência no Brasil, Psicologia no Brasil

ABSTRACT

A scientific biography is usually written with the aim of interpreting both the mutant character of scientific practice and the individual characteristics of scientists. Identifying the personal interests of scientists brings about a change in the way science is understood. Writing about Carolina Martuscelli Bori is to write about a researcher who had a great impact on the scientific development in Brazil. One may say that even after her death, the memory of Carolina Bori proceeds to influence researches, cost planning, discussions concerning science etc. Examples of those include at least 12 articles about her written from 2004 to 2012. Furthermore, she had already been honored with a special edition of the *Psicologia USP* journal. Once scientific activity is necessarily identified with the identities of its practitioners, the aim of the present work is to analyze the development of science and psychology in Brazil having the biography of Carolina Bori as a starting point. In order to achieve that aim it is necessary to gather the information about her available in those materials, in the accounts of a relative of hers and of 14 researchers from different fields who worked with her, in personal letters she exchanged with North-American psychologist Fred S. Keller (1899-1996), who became a master and friend of hers, as well as in the articles she signed. Carolina Martuscelli was born in São Paulo on January 4th 1924 and she was the eldest daughter in her family, among four other children. Her father was Italian and her mother was Brazilian. She attended a German school from the age of six and graduated as a teacher. As a pedagogue, she studied motivation from the gestalt point of view with Tamara Dembo during her master's degree in the United States, and with Annita Cabral during her doctorate in Brazil. In the early 1950s, Carolina married an Italian man, whose family name she assumed and with whom she had a son. They divorced few years after the birth of their son but she kept her married name. After a personal problem with her supervisor, Carolina Bori was withdrawn from university. On that occasion, Bori was invited to coordinate the psychology department of the pedagogy course in Rio Claro. During that time, she was a Fred S. Keller's student, and together they wrote the first works in the field developed in Brazil, to which some psychologists offered resistance. In 1962, she was invited to create and coordinate the Psychology Department of Brasília University, in the recently founded Brazilian capital. The course, based on experimentation and behavioral techniques, started in 1964, but in 1965 the military government invaded the university and that Department was extinct. Therewith, Bori returned to USP and became the main author in the field of Programmed Instruction and PSI within the country. In 1969 she took an aptitude test which certifies the candidate's quality of teaching and researching skills, however, due to political rivalries her certificate was denied. She also tutored nearly a hundred masters and doctorate theses, she was bound to scientific societies struggling for better teaching and researching conditions in the country, she contributed to the legal recognition of Psychology in Brazil and she was pivotal in the creation of the Brazilian science and technology system. From Bori's scientific biography one can observe a number of characteristics of science and psychology in Brazil and how some personal concerns and problems may lead to the development of the field.

Keywords: Scientific Culture, Science in Brazil, Psychology in Brazil

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	19
2.	FONTES PARA UMA HISTÓRIA DA CULTURA CIENTÍFICA	23
3.	OBJETIVOS.....	29
4.	MÉTODO	31
5.	CONTEXTO DA POLÍTICA CIENTÍFICA E A PSICOLOGIA NO BRASIL	43
6.	BIOGRAFIA CIENTÍFICA DE CAROLINA MARTUSCELLI BORI.....	49
6.1.	FAMÍLIA, FORMAÇÃO ACADÊMICA, PRIMEIRAS PESQUISA E PROFISSÃO.....	51
6.2.	FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIO CLARO E O INÍCIO DA FORMAÇÃO BEHAVIORISTA	55
6.3.	UNB	57
6.4.	UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO: DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA EXPERIMENTAL E INSTITUTO DE PSICOLOGIA (IP).....	59
6.5.	DESENVOLVENDO UMA CULTURA CIENTÍFICA EM SOCIEDADES CIENTÍFICAS.....	61
6.6.	LIVRE-DOCÊNCIA	65
6.7.	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	67
7.	ANÁLISE HISTÓRICA DE PUBLICAÇÕES DE CAROLINA MARTUSCELLI BORI	69
7.1.	DEFINIÇÃO DE CIÊNCIA.....	69
7.2.	DEFINIÇÃO DE PSICOLOGIA	75
7.2.1.	A formação em psicologia	80
8.	UMA NOÇÃO DE PSICOLOGIA EM CORRESPONDÊNCIAS DE CAROLINA MARTUSCELLI BORI PARA FRED S KELLER	85
9.	CONTRIBUIÇÃO DE CAROLINA MARTUSCELLI BORI PARA A CULTURA CIENTÍFICA: UMA CONSTRUÇÃO A PARTIR DAS NARRATIVAS	95
9.1.	DÉCADA DE 1950: PRIMEIRAS CONTRIBUIÇÕES	96
9.2.	FACULDADE DE FILOSOFIA CIÊNCIAS E LETRAS DE RIO CLARO E O INÍCIO DA FORMAÇÃO BEHAVIORISTA	101
9.3.	DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA.....	104
9.4.	USP, CADEIRA DE PSICOLOGIA E INSTITUTO DE PSICOLOGIA	109
9.5.	SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA	124
9.6.	SOCIEDADES DE PSICOLOGIA.....	132
10.	DISCUSSÃO FINAL	135
	APÊNDICE A – Isaias Pessotti	155
	APÊNDICE B – Maria do Carmo Guedes	169
	APÊNDICE C – Deisy das Graças de Souza	183

APÊNDICE D – Luiz Edmundo de Magalhães	204
APÊNDICE E – Walter Hugo de Andrade Cunha	216
APÊNDICE F – Rachel Kerbauy	233
APÊNDICE G – Maria Helena Souza Patto.....	245
APÊNDICE H – João Claudio Todorov.....	252
APÊNDICE I – Geraldina Porto Witter	259
APÊNDICE J – Frederico Guilherme Graeff.....	271
APÊNDICE K – Arno Engelmann	277
APÊNDICE L – João Bosco Jardim.....	281
APÊNDICE M – Silvio Paulo Botomé	295
APÊNDICE N – Eduardo Moacyr Krieger	308
APÊNDICE O – Jesuína Lopes de Almeida Pacca	315
APÊNDICE P – Eunice Maria Fernandes Personini.....	330
APÊNDICE Q: Glossário	339

LISTA DE ABREVIATURAS

ABP – Associação Brasileira de Psicólogos

ABPMC – Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental

ABRAPSO – Associação Brasileira de Psicologia Social

ANPEPP – Agência Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia

APA – American Psychological Association

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CBPE – Centro Brasileiros de Pesquisas Educacionais

CECH-UFSCar – Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos

CENAFOR – Centro Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal para a Formação Profissional

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo

FeSBE – Federação das Sociedades de Biologia Experimental

FFCL – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras

IBECC – Instituto Brasileiro de Educação Ciência e Cultura

Incor – Instituto do Coração

NUPES – Núcleo de Pesquisas sobre o Ensino Superior

PSI – Personalized System of Instruction

PUC – Pontifícia Universidade Católica

SBP – Sociedade Brasileira de Psicologia

SBPC – Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência

SPRP – Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto

SPSP – Sociedade de Psicologia de São Paulo

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UnB – Universidade de Brasília

USP – Universidade de São Paulo

1. INTRODUÇÃO

Uma discussão comum entre historiadores tem sido qual a definição de história e qual objeto de estudo devem perseguir os interessados por ela. Especificamente na história da psicologia, Smith (1988), ao responder à pergunta “A História da Psicologia tem um objeto?” afirma que não há como identificar uma origem para a área, já que o que hoje é parte dela vem se desenvolvendo há muitos séculos. Cabe ao historiador de hoje, então, “traçar as tradições de pensamento, o fundo social dos indivíduos ou instituições, valores culturais, ou circunstâncias econômicas e políticas, que se tornam parte de uma psicologia posteriormente” (Smith, 1988, p. 157). O que o historiador da psicologia deveria abordar seria um objeto histórico que apresente um conjunto de características ou temas semelhantes aos objetos atuais da psicologia. Com isso, chama a atenção para a continuidade daquilo que os historiadores da psicologia vão perseguir.

Assumindo uma posição contrária ao anacronismo, o autor afirma que o papel do historiador é fazer a mediação da relação entre o passado e o presente a partir da imersão ao contexto do objeto estudado, sem nenhum tipo de julgamento:

Qualquer escrita histórica (assim como a tradução) deve equilibrar a possibilidade de significado desconhecido no objeto histórico com o significado conhecido do interesse atual. Tal escrita (entre outras coisas) tenta equilibrar a escolha de um objeto histórico como tendo valor em relação ao presente (uma condição de sentido para um público atual), com precisão sobre o contexto detalhado (a condição de sentido no passado) em que o que é escolhido existiu (Smith, 1988, p. 157).

Para este autor, o que definiria o objeto histórico da psicologia não seria a forma atual dos conceitos e temas da psicologia, mas sim, objetos do passado, analisados de acordo com o período histórico (tempo e local) em que eles foram apresentados para a comunidade. Esta atitude do pesquisador abriria espaço para o reconhecimento de toda a pluralidade de contribuições e desenvolvimentos, lutas travadas ao longo da história, interesses individuais e políticos, condições sociais, entre outros aspectos que a história mais tradicional da psicologia não reconhece. Toda escrita histórica deve ser feita a partir de registros históricos, abrangendo as mais variadas informações dentro de um quadro coerente. Ao fazer isso, “tudo parece ligado a tudo e a identificação da descontinuidade aparece como uma improbabilidade metodológica” (Smith, 1988, p. 163).

Samelson (1999), outro historiador da psicologia, afirma não apoiar a produção de uma história celebrativa. Em vez disso, discute a importância de uma história com temas introduzidos por diferentes autores em diferentes períodos, mas que hoje estão presentes na psicologia de diferentes maneiras. Para este autor, desde a contribuição de autores como Robert Watson, muitas mudanças aconteceram na história da psicologia, dentre elas, “aprendemos muitos detalhes interessantes sobre os indivíduos esquecidos ou desconhecidos, episódios ignorados, ideias heterodoxas, caminhos não tomados” (p. 249). Para compreender estes diferentes temas discutidos ao longo da história da psicologia, “a pesquisa em arquivos tem se tornado um componente do nosso trabalho histórico” (Samelson, 1999, p. 248) e tem trazido alguns desenvolvimentos para a área, como a perspectiva feminista.

Sobre a visão tradicional da história da psicologia, Furumoto (2003) afirma que muitos cursos de história abordam a participação de grandes homens, as suas grandes ideias, e o surgimento da psicologia como uma ciência experimental. Assim, a história tem sido narrada a partir da contribuição de poucos homens brilhantes que participaram da construção da psicologia como uma ciência experimental. Para este autor, uma abordagem que leve em consideração o contexto histórico da produção do conhecimento é preferível por permitir a inclusão da contribuição de várias pessoas ao longo do tempo e em diferentes contextos. Esta abordagem contextualista permitiria incluir o papel e a contribuição de mulheres, as minorias étnicas, os aspectos aplicados da disciplina, aspectos sociais.

Já na ciência de um modo geral, Debus (2004) discute o desenvolvimento da ciência através de embates culturais diversos visando uma desconstrução de uma visão linear e progressista da ciência. Deste modo, uma visão de ciência em que se destaca a influência de diversos fatores no desenvolvimento científico, dentre eles, as crenças dos cientistas: “os historiadores escrevem com um objetivo, e que este, frequentemente, pode se transformar em propaganda de suas próprias crenças profundamente arraigadas” (p. 35). Afirma que tensões externas à ciência influenciam o interesse científico dos pesquisadores e, da mesma forma, a ciência também exerce influência em outras formas de organização social, como religião e política.

Para o autor, desde a Revolução Científica, durante os séculos XVI e XVII, os historiadores tinham um propósito que refletiam a reforma da religião e da ciência. Neste período, os escritos históricos sobre a ciência requeriam a “destruição da filosofia dos antigos e sua substituição por uma nova ciência baseada na Sagrada Escritura, observação e experimento. Esta seria uma nova filosofia cristã” (Debus, 2004, p. 17). Com os escritos de base mecanicista a partir do século XVII, muitas mudanças ocorrem no cenário científico.

Neste período, aparecem escritos históricos sobre o progresso que conduziu ao estado atual das ciências:

“A ênfase, invariavelmente, era atribuída à ciência da Europa Ocidental. A aura religiosa do período da Idade Média era tratada com desdém e responsabilizada pela falta de progresso naquele período. Nem receberam maior consideração os feitos do extremo Oriente ou do Islã” (Debus, 2004, p. 23).

Novamente, ocorrem mudanças nos escritos sobre a história da ciência a partir do século XIX, com caráter essencialmente progressista, muito influente. Mais recentemente historiadores tem buscado por um contexto histórico mais amplo para inserir a história da ciência.

Segundo Debus (1991) existem vários textos que servem de evidência de que importantes pesquisadores foram influenciados por questões sociais. Para o autor, abordar a história da ciência sem estudar estas questões é uma prática questionável. Do mesmo modo, o impacto da ciência na vida cotidiana é tão grande que estudar o mundo moderno sem considerar os avanços científicos tornaria o mundo moderno incompreensível.

Ao definir a história da ciência, então, o autor afirma:

A meu ver, o debate entre internalistas e externalistas na história da ciência e na história da medicina foi, de modo geral, uma perda de tempo para todos os envolvidos. Aliás, isto já foi observado por outros. Acredito que seja verdade, não só porque as duas tradições estão imbricadas, mas também porque precisamos de ambas as perspectivas. Queremos saber exatamente como Lavoisier procedeu experimentalmente, assim como gostaríamos de descobrir o efeito da religião no desenvolvimento da teoria científica do século XVII (...) Em suma, precisamos aprender não só sobre os desenvolvimentos técnicos das ciências, mas também as inter-relações entre elas e todas as outras esferas da atividade intelectual. (Debus, 1991, pp. 11-12)

É o que deve acontecer também com toda pesquisa sobre história da psicologia, pois permite integrar os diversos saberes presentes em determinada cultura, cada um com sua historicidade. É impossível analisar algum período ou evento histórico sem analisar a história das pessoas que deles fizeram parte. Vale lembrar que, por trás de todo vestígio, escritos e instituições, estão os homens.

Assim, esta pesquisa teve como objetivo, abordar o desenvolvimento de uma cultura científica no Brasil. Utilizou-se da discussão feita por Smith (1988), Samelson (1999), Furumoto (2003) sobre a história da psicologia e por Debus (1991 e 2004) sobre história da

ciência, para abordar a contribuição de uma mulher apontada como um dos grandes nomes da ciência brasileira, Carolina Martuscelli Bori (1924 – 2004) (Plonsky e Saidel, 2001).

Bori foi uma psicóloga que desde o começo da década de 1950, lutou pelo reconhecimento legal da psicologia (que aconteceu em 1962) e desenvolveu atividades como professora de psicologia experimental para o curso de Filosofia da Universidade de São Paulo. Em 1998, uma edição especial da revista Psicologia USP foi dedicada a ela. Nela, pesquisadores de várias áreas assinaram artigos contando algum evento em que Carolina Bori teve colaboração indispensável e descrevendo sua militância na formação de docentes/pesquisadores, na implantação de cursos de psicologia e laboratórios de psicologia experimental, na introdução e difusão da análise experimental do comportamento, a atuação em associações e órgãos de fomento, na divulgação da ciência, na Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, entre outras.

Para analisar a contribuição de Carolina M. Bori, foram usados três conjuntos de fontes históricas: publicações de Bori, testemunhos de pesquisadores que atuaram com ela e cartas trocadas entre ela e Fred S. Keller, pesquisador estadunidense que desenvolveu trabalhos em estreita relação com Bori. Buscou-se estudar o contexto de atuação de Bori, a relação que ela estabeleceu com outros pesquisadores brasileiros ou não brasileiros, os locais onde ela esteve desempenhando alguma função, os cargos que ela assumiu para, enfim, avaliar como sua atuação contribuiu para o desenvolvimento da psicologia e de outras ciências brasileiras.

2. FONTES PARA UMA HISTÓRIA DA CULTURA CIENTÍFICA

Uma grande dificuldade encontrada pelo historiador se refere à constatação do evento que está sendo investigado. Os historiadores não podem participar dos acontecimentos que estão investigando, assim, todo acesso a informações relevantes para a escrita sobre o passado seria indireto. Discutindo o trabalho do historiador, Rousso (1996) afirma que toda escrita da história depende de dois fatores: o que foi conservado e a própria capacidade pessoal do historiador.

Alguns vestígios são os documentos escritos, (como cartas e boletins), documentos presentes em arquivos pessoais ou de instituições, entre outra infinidade de documentos que são, sempre, a referência de uma falta:

de um lado, por sua própria definição, o vestígio é a marca de alguma coisa que foi, que passou, e deixou apenas o sinal de sua passagem; de outro, esse vestígio que chega até nós é, de maneira implícita, um indício de tudo aquilo que não deixou lembrança e pura e simplesmente desapareceu sem deixar vestígio (Rousso, 1996, p. 90)

É importante reconhecer que esses vestígios não são a própria história e que, por si, não falam nada. Os documentos produzidos no período estudado não são fontes puras, livres de distorções e contradições. Assim como testemunhos utilizados pelos historiadores do presente, todo vestígio do passado pode não revelar um episódio como ocorreu.

A pesquisa em arquivos é fundamental para a escrita histórica por ser um local de registro de informações sobre o passado. Contudo, lembra Rousso (1996) que os arquivos sempre guardam uma pequena parte do que aconteceu, cabendo ao historiador suprir a falta de documentos que deixaram de existir, dar sentido aos vestígios e apresenta-los de maneira inteligível.

Outro autor a defender a necessidade do uso de documentos no trabalho do historiador é Marrou (1978). Para ele, toda resposta para uma questão histórica deve ser dada a partir de documentos. Apesar da impossibilidade de acesso direto às informações de que necessita para alcançar seu objeto, utiliza-se traços que este objeto deixou através do tempo. Cabe ao historiador interpretar estes traços e torná-lo compreensível.

Não podemos alcançar o passado diretamente, mas apenas através dos traços, inteligíveis para nós, que ele deixou atrás de si, *na medida em que* esses traços subsistiram, em que os reencontramos e em que somos capazes de interpretá-los. (p. 55, grifo do autor)

Como os documentos não surgem do nada e nem falam por si, o historiador precisa estar preparado para reconhecer um documento e saber elaborar a ele a pergunta correta. Para Prost (1994), a partir das questões levantadas é possível ir atrás das fontes e documentos que poderão responder à pergunta. Na medida em que se avança no estudo de algum fato histórico, novos documentos vão se tornando necessários para o aprofundamento e novas perguntas vão sendo formuladas.

Quando se estuda o desenvolvimento científico, há necessidade de estudos de materiais de arquivos não-publicados, nas suas mais diversas formas, como interação por correspondência, materiais não publicados, materiais científicos manuscritos, variações do mesmo manuscrito e informações biobibliográficas. Ao contrário, ao focalizar o trabalho de cientistas e aspectos teóricos, escolas ou sistemas, materiais publicados e disponíveis em bibliotecas são fontes de dados básicos (Brozek, 1998).

Bringmann e Ungerer (1998), ao descrever a importância de estudos em arquivos, afirmam que o uso de fontes documentais em narrativas biográficas é pouco comum e o contrário do que acontece quando se discute as teorias e contribuições científicas. Afirmam que os documentos de um arquivo, apesar de fornecerem um quadro muito mais rico de uma biografia do que as publicações, eles nunca refletem toda a vida do biografado. Além disso, é importante lembrar que estes documentos também sofreram influências do próprio biografado, familiares ou daqueles que organizaram o arquivo. A combinação de materiais acaba sendo uma alternativa mais adequada para um trabalho histórico.

Ainda sobre o uso de documentos, o historiador do presente está em condições privilegiadas em relação ao historiador do século XVI, por exemplo, quando se diz respeito à quantidade de fontes. Para Frank (1999), um privilégio dos historiadores do presente é a possibilidade de se usar fontes orais, uma vez que historiadores de períodos mais antigos não podem entrevistar os verdadeiros atores de uma época.

Para o autor, o historiador constrói a sua fonte ao interrogar uma testemunha, sendo ele, além de construtor, seu usuário. Apesar de ser reconhecida a função geradora de erros da distância temporal entre o testemunho e o evento narrado, em alguns casos, o testemunho é insubstituível, sendo papel do historiador corrigi-lo e desmistificá-lo. Sendo assim, a memória não é uma construção de um evento, é sua reconstrução feita a partir de um distanciamento entre o momento lembrado e o momento do relato. Como tentativa de correção e desmistificação de um testemunho militante, convém ao historiador fazer uma análise crítica e usar outras fontes além das orais. Fontes orais, ainda, seriam insubstituíveis na compreensão de motivações profissionais e percursos de carreira, mecanismos de tomada de decisão e em

caso de inexistência de fontes escritas. “Em outros termos, há imediatismo entre o historiador do presente e a testemunha, e é preciso tirar partido disso” (Frank, 1999, p. 117).

Bloch (1997) enfatiza a importância dos testemunhos como forma de acessar informações sobre o passado. Testemunho não somente de pessoas que viveram a época e, supostamente, são os mais aptos a falar sobre o assunto (como de professores de uma universidade, ao tratar do desenvolvimento científico em tal universidade, ou fundadores de revistas científicas ao analisar a contribuição de publicações para difusão da ciência no país). Supostamente, porque toda história contada tem a influência da história pessoal do contador. Aquele que conta, conta apenas uma parte da história, aquela da qual fez parte. Existe, ainda, o que o autor chamou de testemunhos escritos e não-escritos. Tais documentos materiais são vestígios do passado. São livros e artigos publicados ou não, cartas pessoais, jornais, boletins, revistas científicas, estatutos, premiações, dedicatórias e qualquer outro material produzido no passado e que possa trazer informações sobre o período que se deseja pesquisar. Com tais materiais se torna possível completar relatos que apresentam lacunas e conferir relatos suspeitos.

Sobre o método da História Oral, Schwarzstein (2001) afirma que “se trata de um método que cria seus próprios documentos, documentos que são por definição diálogos explícitos sobre a memória, com o entrevistado triangulando entre as experiências passadas e o contexto presente e cultural em que se recorda” (p. 73). Não se trata de um simples registro do passado, mas sim de produtos culturais complexos, que tem grande influência dos discursos e práticas do presente (a simples presença do entrevistador já exerce influência sobre o relato).

O testemunho, portanto, não é a história. É preciso refletir sobre as condições que o afetaram para entendê-lo, analisá-lo e inseri-lo na escrita histórica, entendendo os mecanismos pelos quais o testemunho se constrói e se constitui. Sobre a importância de se usar fontes orais, Schwarzstein (2001) exemplifica usando seus trabalhos sobre histórias traumáticas, mas a conclusão a que ele chegou poderia ser estendida também para qualquer outro tipo de história: “A utilização de fontes orais tem sido um recurso muito adequado para esta investigação já que tem permitido conhecer o testemunho de indivíduos que sofreram na própria pele a guerra e o exílio, e, cuja participação, visão e narrativa autobiográficas do momento histórico que viveram teriam se perdido de outra maneira” (p. 80).

Quando o texto histórico abordar a história de vida, alguns cuidados específicos devem ser tomados. Ao analisar algumas narrativas de história de vida, Bourdieu (1986) afirma que muitas delas são contadas como um trajeto, um caminho que alguém percorreu ou

deveria percorrer e, geralmente, é uma apresentação de uma vida orientada ou como se a pessoa tivesse algum objetivo a perseguir. Assim, a história de vida é narrada com um começo, etapas alcançadas e um fim (com um duplo sentido: finalidade e término). Para o autor, esta não deve ser a prática daquele que se propõe estudar a vida de uma pessoa. Já que é impossível compreender uma trajetória como uma série única de acontecimentos, suficiente por si. Seria necessário, então, buscar toda a rede e complexos acontecimentos sociais, da qual o indivíduo esteve inserido:

O que equivale a dizer que não podemos compreender uma trajetória (isto é, o envelhecimento social que, embora o acompanhe de forma inevitável, é independente do envelhecimento biológico) sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado – pelo menos em certo número de estados pertinentes – ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis.

Sobre a escrita da história de vida, Hartog (1999) discute alguns modos de apresentar o outro, baseando-se na narrativa de gregos da época clássica sobre os outros (os não-gregos). Um dos pontos apresentados pelo autor é a diferença entre a epopeia (gênero literário em que as glórias de um herói são exaltadas), e história, como apresentação pública “de um novo lugar e como sua circunscrição nas práticas discursivas e nos saberes em curso” (p. 17). Para ele,

Quando se passa da epopeia para a história, o campo alarga-se em muitas direções. Não se celebra mais a lembrança das simples façanhas – busca-se guardar a memória do que fizeram os homens, soletrar e fazer lembrar os traços e as marcas da ação não mais somente de tal ou qual herói singular, mas dos gregos e dos bárbaros, isto é, de todos os homens. Com uma correção: não serão retiradas senão aquelas ações que são “grandes e maravilhosas”. Muda a façanha notadamente guerreira: a excelência torna-se coletiva. (p. 19)

Assim, narrar uma biografia científica de Carolina Bori não poderia ser contar uma história que celebre os grandes feitos e as vitórias como superior em relação às outras pessoas da época. Mas, seria enfatizar as diferenças entre ela e outras pessoas com quem ela conviveu, os diferentes lugares por onde ela passou e trabalhou, as relações profissionais que ela estabeleceu, os seus interesses pessoais, entre outros fatores internos e externos à ciência.

Discutindo a importância dos estudos biográficos como uma unidade científica, Porter (2006) afirma que a vida de um cientista está muito além das atividades científicas. Muito mais do que construir gráficos, analisar dados e conduzir experimentos, cientistas também

estudam teologia, tratam pacientes, buscam patrocínio, dão palestras para a população em geral, negociam com as editoras, exploram patentes, fundam empresas, dão concessões, orientam altos funcionários do governo, etc.

Deste modo, identificar os interesses pessoais dos cientistas produz uma mudança na forma de compreender a ciência. Ela deixa de ser uma atividade estritamente acadêmica para se tornar uma área em que seus paraticantes se esforçam para reconhecer novas áreas e dimensões. Para o autor, a atividade científica é, necessariamente, identificada com as identidades de seus paraticantes. Para Porter (2006) é necessário que se produza biografias que vão contra a noção de neutralidade nas ciências.

Durante alguns anos, incluindo o período da guerra fria, exigia-se do cientista uma separação entre suas vidas profissional e pessoal, mas historiadores nos dias atuais não se preocupam mais em distinguir ciência e subjetividade dos cientistas. Pelo contrário, “a biografia, se não assumir a separação entre ciência e vida, pode retomar algumas das maneiras que cientistas encontraram significado no mundo e atribuíram valor moral ao seu trabalho” (Porter, 2006, p. 316).

Preocupada em examinar os diferentes gêneros de biografia científica, incluindo as motivações dos historiadores ao escolher quem será o biografado e as estratégias para a reconstrução da vida biográfica, Nye (2006) afirma que muitos historiadores da ciência fazem uso da biografia científica para analisar processos científicos e cultura científica. Estas biografias tem grande aceitação popular, e, segundo a autora, “as biografias científicas mais atraentes são aquelas que retratam as ambições, paixões, decepções, e as escolhas morais que caracterizam a vida de um cientista” (p. 322). Porém, toda biografia é feita com base na vida do biografado, com uma série de eventos a serem narrados; também é feita com base nas experiências do biógrafo, que decidirá como organizar os eventos vividos pelo biografado, para, então, reconstruí-la.

Segundo Nye (2006), alguns cientistas deixam um amplo registro de tudo que viveram. Estes biografados guardaram correspondências, diários, cadernos de laboratório e até ingressos de teatro e notas de serviços, oferecendo ao historiador uma riqueza de registro pessoal e profissional. Aos historiadores do presente, ainda é possível utilizar testemunhos de amigos e colegas, que poderão relatar anedotas e lembranças. Ainda para a autora, o distanciamento histórico parece ser impossível em qualquer um dos casos.

Toda biografia também é feita com base em uma audiência. Por ser um gênero de grande interesse, “a biografia científica é um meio eficaz para envolver os leitores nas lutas, sucessos e fracassos de cientistas elaborando suas próprias vidas, como eles exploram e

constroem o conhecimento do mundo natural” (Nye, 2006, p. 329). Ainda, este tipo de texto é feito com o objetivo de interpretar o tanto o caráter mutante da prática científica quando as características individuais dos cientistas.

De acordo com a literatura apresentada, pode-se afirmar que elaborar uma construção biográfica de Carolina M. Bori é uma boa maneira de avaliar sua contribuição para o desenvolvimento de uma cultura científica no Brasil. Isto deve ser feito com base em vestígios de seu envolvimento científico e interesses pessoais. Relato de profissionais que atuaram com ela pode dar informações sobre a motivação pessoal de Bori, modos de agir e falar, interesses particulares, amizades, etc. O uso de outros documentos como artigos e cartas podem auxiliar na compreensão de atividades desenvolvidas, interesses acadêmicos, assuntos externos à ciência, modo de trabalho, contexto político e econômico, etc. Uma biografia científica de Carolina Martuscelli Bori seria uma forma de avaliar, ainda, características de produção de conhecimento científico no Brasil, dado o impacto de sua atuação.

3. OBJETIVOS

Objetivo Geral

Evidenciar a contribuição de Carolina Martuscelli Bori para o desenvolvimento de uma cultura científica brasileira elaborando uma biografia científica de Carolina Martuscelli Bori.

Objetivos específicos

- Descrever o contexto político e cultural em que Carolina Bori nasceu, se formou e atuou;
- Analisar as perspectivas de diferentes indivíduos sobre a contribuição de uma cientista brasileira;
- Realizar levantamento das publicações de Carolina Martuscelli Bori
- Analisar as publicações de Bori, buscando identificar uma noção de Ciência e de Psicologia.
- Analisar cartas trocadas com Fred S. Keller, buscando identificar uma noção de ciência e psicologia;
- Realizar e comparar entrevistas, buscando diferenças e semelhanças entre os pontos de vista sobre as contribuições de Carolina Bori;
- Analisar como as várias pessoas que trabalharam com Carolina Bori avaliam os motivos de seu envolvimento em tantas frentes de trabalho.

4. MÉTODO

Para a realização desta pesquisa, o caminho escolhido para atender aos objetivos propostos seguiram as etapas do método histórico, conforme apresentado por Massimi (1998). Para a autora, o primeiro passo é definir um tema e um problema, que, necessariamente, é um recorte e uma perspectiva adotada pelo próprio autor da pesquisa. Em seguida, é necessário realizar uma busca por fontes, pois elas são materiais básicos com os quais o pesquisador trabalhará. Nesta etapa é importante reconhecer que as fontes diferenciam-se quanto aos objetivos. A terceira etapa é o tratamento das fontes, quando foi feita uma análise para compreensão do conteúdo das fontes. Aqui, é importante reconhecer a influência de pressupostos do próprio pesquisador e reconhecer que os documentos utilizados são importantes também como um limitador dessas influências. O limite colocado pelos documentos históricos acontece quando se reconhece a realidade histórica e geográfica no qual foram produzidos. A compreensão do documento depende, também, da compreensão da dimensão histórica e geográfica dos documentos. Nesta etapa ocorrerá o rastreamento das influências externas do conteúdo do documento, evitando análises presentistas. A quarta etapa (a interpretação), é a apreensão do sentido do documento, uma vez que eles são sinais de um universo. Assim, procede-se à reconstrução histórica. Por fim, a última etapa será a escrita da história, retratando-a para que se torne compreensível aos homens do presente:

Uma vez reconstruído um mundo é preciso retratá-lo para que seus contornos se tornem evidentes aos olhos dos homens do presente. Assim, o passado que nos foi transmitido pelo documento, adquire uma existência no presente através da nossa narração. Este é o momento em que o passado torna-se *nosso*, personifica-se para os outros através da nossa reconstrução (Massimi, 1998, p. 28)

Documentos

Para atingir os objetivos desta pesquisa, três conjuntos de fontes foram utilizados. No primeiro, estão artigos publicados por Bori. No segundo, cartas trocadas entre Carolina Bori e Fred S. Keller e que estão sob responsabilidade do *Milne Special Collections*, da *University of New Hampshire Library* (Durham, NH). Tanto a análise dos artigos quanto a das cartas tiveram o objetivo de identificar uma noção de Ciência e de Psicologia com a qual ela trabalhava e possíveis mudanças nesta noção ao longo dos anos.

Já no terceiro conjunto, os documentos foram produzidos a partir de entrevistas com pesquisadores que atuaram com Bori em algum momento de sua vida profissional e foram

analisados de acordo com os procedimentos da História oral, conforme Meihy e Holanda (2007)

“um recurso crescente, prático, persuasivo e, para muitos, respeitável. Sua utilidade se abre para a apreensão, registro e, eventualmente, trabalho analítico sobre experiências de pessoas e grupos que se dispõem a deixar testemunhos ou que são convidadas para, pela fala, transformar sua experiência em documentos escritos” (p. 63)

Procedimentos para o levantamento dos documentos

a. Artigos

A busca pelos artigos publicados por Bori foi realizada a partir das referências bibliográficas presentes na edição especial sobre Carolina Bori da revista *Psicologia USP*, publicado em 1998 (n. 1, v. 1). Nesta busca, foram identificados 11 trabalhos, dos quais 8 são artigos e 3, resumos apresentados em encontros científicos.

Foi realizada uma busca a partir do sistema de bibliotecas da Universidade de São Paulo, utilizando os descritores Carolina Bori, Carolina Martuscelli e Carolina Martuscelli Bori como autora. Ao todo, identificou-se 24 arquivos, sendo 11 depoimentos/entrevistas, 9 resumos publicados em anais de eventos científicos e 4 artigos originais

Foi realizado um levantamento diretamente na sessão de artigos de todas as edições da revista *Ciência e Cultura*, no sumário do *Jornal Brasileiro de Psicologia* e *Boletim de Psicologia*. Nesta busca, mais 17 novos artigos foram localizados.

Assim, no total, 26 artigos foram identificados nesta busca dos quais, 23 foram localizados em bibliotecas da Universidade de São Paulo nos campus de São Paulo e Ribeirão Preto e da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

b. Cartas

As cartas foram acessadas após contato direto com o responsável pela coleção Fred Keller, da *Milne Special Collections (University of New Hampshire)* que enviou cópias das cartas e autorizou o uso em pesquisas. O contato com o responsável pelo arquivo ocorreu por meio de correspondência eletrônica trocada entre o pesquisador responsável por esta pesquisa e responsáveis pelo acervo da citada universidade. Ao todo são 52 cartas escritas em 101 páginas:

- de Bori para Keller: três cartas em 1962, uma carta em 1964, seis cartas em 1965, sete cartas em 1966, uma carta em 1967, duas cartas em 1969, uma sem data. Juntos formam um conjunto com 58 páginas.

- de Keller para Bori: duas cartas em 1962, duas cartas em 1964, quatro em 1965, duas em 1966, duas em 1967, duas cartas em 1969, uma em 1971, 1978, 1979, 1980, 1981, 1987, quatro em 1989 e outras seis cartas sem data. Em conjunto, estas cartas possuem 43 páginas.

Depoimentos

Para o registro do relato de pesquisadores, foi utilizado gravador digital para registro do áudio das entrevistas, e computador para reproduzir as entrevistas e auxiliar na transcrição e arquivamento. Inicialmente, elaborou-se uma relação com nomes de pesquisadores no cenário nacional que atuaram com Bori em diferentes instituições e diferentes períodos. Os primeiros entrevistados convidados foram escolhidos pela facilidade de contato e proximidade geográfica (mesma cidade ou cidades próximas à cidade do entrevistador). Estas entrevistas permitiram aprofundar pontos e definir a sequência das entrevistas seguintes.

As entrevistas foram semi-estruturadas e as questões que nortearam as entrevistas estavam relacionadas às atividades que os entrevistados desenvolveram com Carolina Bori e o período em que ocorreram, descrição da atuação e atividade de Carolina Bori, além de pontos de vista sobre a importância dela para a atividade que está sendo contada. Toda entrevista começou com uma fala do entrevistado se apresentando, apresentando o projeto e apresentando os motivos do convite ao pesquisador (todos estes pontos já haviam sido apresentados no contato inicial por email ou telefone). Em seguida, apresentava-se o que o entrevistado esperava com a entrevista. A fala inicial do entrevistado era semelhante ao apresentado a seguir: “Vi que o senhor(a) trabalhou com/foi aluno de Bori na universidade (nome da universidade), na sociedade (nome da sociedade)... Então, eu pensei que o senhor(a) poderia falar um pouco sobre a relação com ela, as atividades que desenvolveram em parceria e uma avaliação pessoal da contribuição de Bori para ciência no Brasil”.

Antes do convite ao entrevistado para participar da pesquisa foi realizada uma pesquisa no currículo Lattes do convidado e na edição especial da *Psicologia USP* (1998, v.1, n1). Este procedimento permitiu um conhecimento prévio da contribuição e interesse pessoal do entrevistado e o contato estabelecido entre ele e Bori. Em seguida, algumas perguntas foram elaboradas. Como afirma Tourtier-Bonazzi (2006), “Cada entrevista supõe a abertura de um dossiê de documentação. A partir de elementos colhidos, elabora-se um roteiro de perguntas do qual o informante deve estar ciente durante toda a entrevista” (p. 236)

O local da entrevista foi de escolha do entrevistado, com previsão de duração de uma hora, que foi alterada de acordo com o cansaço do entrevistado e interesse pelo assunto. O

contato com os entrevistados foi feito por email, telefone ou diretamente em alguns encontros científicos. Os depoentes foram informados quando aos objetivos da pesquisa, o uso das entrevistas, o encaminhamento das entrevistas após o término da pesquisa, os motivos de terem sido convidados e outros procedimentos éticos (assim como assinatura de termo de consentimento) foram realizados. As entrevistas foram realizadas pelo próprio autor da pesquisa, o áudio das entrevistas foi gravado e a divulgação de todas as entrevistas foram autorizadas pelos depoentes por meio de assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

As entrevistas foram transcritas com o devido cuidado na transposição da palavra oral para a escrita, seguindo as fases descritas por Meihy e Holanda (2007):

- Fase 1: Transcrição absoluta – Conservaram-se as perguntas, erros gramaticais, repetições e palavras sem peso semântico. As palavras foram colocadas exatamente como foram ditas.
- Fase 2: Textualização – Eliminaram-se erros gramaticais, palavras sem peso semântico, sons e ruídos, tornando o texto mais claro e liso. Também foi retirada uma frase que qualificasse a entrevista.
- Fase 3: Versão final – É o texto que compôs uma série de outras entrevistas do mesmo projeto.

As transcrições seguiram algumas regras:

- 1- Passagens que não puderem ser compreendidas serão colocadas entre colchetes;
 - 2- Silêncios serão sinalizados por reticências;
 - 3- Pessoas citadas serão designadas pelas suas iniciais, se necessário;
 - 4- Datas e nomes próprios serão corrigidos, em caso de erros flagrantes do entrevistado.
- O erro do entrevistado será inserido no texto através de notas de rodapé.

Procedimento de análise dos artigos e das cartas

Para compreensão da noção de Ciência e Psicologia apresentadas nos artigos e nas cartas, todos os documentos foram inicialmente organizados e mantidos no ambiente virtual. Os artigos foram copiados em papel e, em seguida, copiados em formato digital. Em seguida, foram organizados por datas e, no caso das cartas, de acordo com o remetente. No formato digital, o arquivo dos artigos está organizado primeiro pelo nome do artigo, seguido pelo ano de publicação, o volume, o número e, por fim, o nome da revista. Os artigos e cartas escritas em inglês foram traduzidos, lidos e fichados.

Para a análise dos artigos, observou-se o tipo de pesquisa realizada (conceitual, experimental, histórica e metodológica), instrumentos de pesquisa utilizados, suas conclusões, propostas de ensino que apresenta, aplicações que realizou, o referencial teórico utilizado, conceitos analisados, críticas e propostas. Também, buscou-se por mudanças do ponto de vista teórico que aparecem nos textos e divergências nas afirmações feitas por ela.

Para análise das cartas, algumas categorias de análise foram criadas *a priori* como: data e endereço/cidade do remetente. Estas categorias contribuíram para localizar outras informações sobre o assunto que estava sendo tratado ou, por exemplo, permitiram a descoberta da origem de determinado assunto que estava sendo comunicado (se surgiu em encontro com outra pessoa, se era uma viagem de férias...).

Paralelas a estas análises, outras informações foram buscadas e inseridas para uma melhor compreensão dos assuntos tratados. Para alguns assuntos fazerem sentido, foi necessário colocá-lo em um contexto. Isso significa que, para uma melhor compreensão dos assuntos tratados no ano de 1965, por exemplo, se fez necessário compreender o que estava ocorrendo em 1965. Para auxiliar na contextualização e compreensão dos assuntos, alguns artigos foram utilizados. Abaixo, segue a referência destes trabalhos:

- Psicologia USP (1998), 9, 1, 324 p.
- Bori, C. M. *Cientistas do Brasil*, São Paulo: SBPC, 1998. p. 693-701. [Entrevista concedida a Vera Rita de Costa]

Como as cartas são fontes que apresentam informações sobre várias pessoas, todas as informações desnecessárias para a compreensão da noção de Ciência e Psicologia contidas nas cartas foram ignoradas neste trabalho.

Análise das entrevistas

Para Meihy e Holanda (2007), as entrevistas, isoladas, não falam por si. Para conduzir a análise das entrevistas é preciso alinhá-las. Pontos de intercessão precisam ser indicados para que as entrevistas possam se sustentar enquanto história oral.

Segundo Brozek e Massimi (2001), historiadores da psicologia devem estar preocupados com a “conduta de homens e mulheres concretos que vivem e escrevem no contexto de uma sociedade caracterizada pelas intenções, invenções e idéias” (p. 76). Toda a descrição, ao ser inserida em um contexto mais amplo, possibilitará a explicação não apenas do que aconteceu, mas também do porquê de tais fatos terem acontecido da forma como aconteceu.

Nenhum relato é tido como verdadeiro, mas como pontos de vista individuais sobre uma parte da história. Os depoimentos foram analisados e considerados complementares. Cada depoente relatou seu ponto de vista que será confrontado com outros pontos de vista. Este procedimento permite analisar conflitos, divergências, lutas pelo poder, tomadas de decisões, motivações, entre outras questões pessoais envolvidas no desenvolvimento da ciência.

Assim, buscou-se explicar os principais acontecimentos na vida de Carolina Bori e de pessoas que fizeram parte de sua história, seja numa perspectiva mais ampla (sua formação como pessoa, incluindo pais, irmãos, filhos, amigos, entre outros), ou, mais especificamente, como cientista (professores, orientadores, profissionais que atuaram com ela, entre outros). Foi realizada, também, análise dos principais acontecimentos na ciência brasileira cuja participação de Carolina Bori foi importante, descrevendo repercussões e desdobramentos, sempre os relacionando ao contexto social e cultural mais amplo.

Abaixo, seguem os nomes dos entrevistados e a justificativa para a escolha deles para a participação na pesquisa:

- *Isaias Pessotti*: É formado em filosofia pela Universidade de São Paulo, doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo em 1969. Publicou diversos livros e artigos sobre psicologia tanto em língua portuguesa quanto em língua italiana. Como escritor de literatura, recebeu um prêmio Jabuti por melhor romance escrito em 1994.

Lecionou na Universidade de Brasília, na Universidade Federal de São Carlos, é professor visitante da Universidade de Urbino, na Itália.

Foi aluno de Carolina Bori no curso de filosofia, no começo da década de 1950. Após se formar, foi convidado por ela para lecionar psicologia no Departamento de Psicologia da FFCL de Rio Claro, em 1959, e em Brasília, em 1965. Concluiu seu doutorado sob orientação dela.

- *Maria do Carmo Guedes*: Formada em Filosofia pela USP, no ano de 1956, foi aluna no curso de Psicologia Experimental, lecionado por Carolina Bori. Após formada, teve contato indireto com o trabalho de Bori até se interessar por fazer doutorado sob sua orientação. A partir de então, teve uma atuação próxima à de Bori em questões ligadas à educação e política científica. Maria do Carmo Guedes é professora emérita da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, onde atua desde o começo da década de 1960, junto ao Departamento de Psicologia.

- *Deisy das Graças de Souza*: Formada em Psicologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, em 1973, concluiu mestrado e doutorado em Psicologia Experimental pela Universidade de São Paulo em 1977 e 1981, respectivamente. Atualmente, é professora titular da Universidade Federal de São Carlos.

Teve seu trabalho de mestrado e doutorado orientado por Carolina M. Bori. Além disso, quando fez parte da equipe que Bori coordenou quando trabalhou na Universidade Federal de São Carlos em 1974.

- *Luiz Edmundo de Magalhães* (1927 – 2012): Graduou-se em História Natural pela Universidade de São Paulo, em 1952 e concluiu o curso de doutorado em Ciências Biológicas em 1958. Atuou na área de genética, principalmente em genética animal e genética de populações. Realizou trabalhos experimentais, produzindo o primeiro camundongo transgênico do Brasil.

Atuou na Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência por vários anos, assumindo cargos do Conselho e da Diretoria de 1969 a 1991. Nesta ocasião, trabalhou com Bori, dividindo cargos e funções na sociedade.

Novamente, trabalhou com Carolina Bori quando ele, como reitor da Universidade Federal de São Carlos, a partir de 1973, convidou-a para trabalhar coordenando o Centro de Educação da Universidade.

- *Walter Hugo de Andrade da Cunha*: É professor aposentado do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, formou-se em filosofia e doutorou-se em psicologia, também pela mesma instituição. Atuou na área de psicologia animal e etologia, fundou o laboratório de psicologia comparada, dando diversas contribuições para a área com estudos sobre comportamento de formigas.

Como aluno no curso de filosofia, foi aluno de Carolina Bori na disciplina de psicologia experimental. Ao concluir a graduação, foi convidado a integrar o corpo docente da instituição e se tornou professor na mesma cadeira em Bori lecionava. Por toda a sua vida acadêmica, participou de reuniões da cadeira de psicologia, até 1957, do Departamento de Psicologia Social e Experimental em 1958 e 1959 e, a partir de 1970, do Instituto de Psicologia.

- *Rachel Kerbauy*: Formou-se em Pedagogia pelo Instituto Sedes Sapientiae, em 1955, é mestre e doutora em Psicologia Experimental pela Universidade de São Paulo, concluídos em 1968 e 1972, respectivamente. Atualmente é professora aposentada do Instituto de Psicologia da USP. Após formada, Kerbauy iniciou seu mestrado na Universidade de Brasília, em 1964 e trabalhou ao lado de Bori, também, no Instituto de Psicologia

- *Maria Helena Souza Patto*: Graduou-se em psicologia no ano de 1965, mestre e doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo, concluídos nos anos de 1970 e 1981. Atualmente, é professora titular do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, no Departamento de Psicologia da Aprendizagem do Desenvolvimento e da Personalidade, atuando principalmente no tema “fracasso escolar”.

Foi aluna de Carolina Bori durante a graduação e atuou, como docente, no mesmo instituto, mas em departamentos diferentes. Teve contato com Bori em reuniões de pós graduação, na maior parte.

- *João Cláudio Todorov*: Graduou-se em Psicologia pela Universidade de São Paulo (1963) e concluiu doutorado em Psicologia pela Arizona State University (1969). É Professor Emérito da Universidade de Brasília. Foi Reitor (1993-1997), Vice-Reitor (1985-1989). Tem atuado, principalmente, nas áreas de práticas culturais, controle aversivo, escolha e preferência.

Foi aluno de Bori durante a graduação na Universidade de São Paulo e na Universidade de Brasília e atuou ao lado dela na Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.

- *Geraldina Porto Witter (1935 - 2014)*: Graduada em Pedagogia, especializou-se em Psicologia da Educação em 1965 e doutorou-se em Ciências em 1977. Toda a sua formação foi feita pela Universidade de São Paulo. Trabalhou, principalmente, com avaliação da produção científica, leitura-escrita, aprendizagem de ciências e matemática.

Foi professora assistente do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, coordenado por Carolina Bori, desempenhando atividades de ensino, pesquisa sobre análise experimental do comportamento, supervisão de estágio na área educacional e orientação de pesquisa.

- *Arno Engelmann*: Formado em Filosofia pela Universidade de São Paulo, no ano de 1960, quando cursou Psicologia Experimental lecionado por Carolina Bori. Após formado, recebeu convite para se tornar professor assistente na cadeira de Psicologia Experimental na mesma instituição. É conhecido por suas pesquisas na área de Psicologia da *Gestalt*.

Participou, ao lado de Bori, de diversos momentos importantes na história da psicologia no Brasil (como a luta pelo reconhecimento legal da profissão de psicólogo e formação em psicologia) e na história do Instituto de Psicologia da USP. Teve sua dissertação e tese orientados por Bori.

- *Frederico Guilherme Graeff*: É médico e doutor na área de farmacologia pela Universidade de São Paulo na cidade de Ribeirão Preto e professor titular aposentado da mesma instituição. Interessou-se pelas questões fisiológicas relacionadas ao comportamento e se tornou reconhecido por estudos nesta área. Na década de 1960, teve grande influência da análise experimental do comportamento, aproximando-se do grupo liderado por Carolina Bori na Universidade de São Paulo e na FFCL de Rio Claro. Na instituição em que trabalhou, teve um papel importante no início da área de Psicobiologia, ao lado de outro ex-aluno de Bori, Luis Marcelino de Oliveira.

- *João Bosco Jardim*: Formado em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Conheceu Carolina Bori enquanto ele estava cursando Psicologia e Bori foi convidada a dar um curso sobre Psicologia Social Experimental na UFMG. A partir deste curso, manteve contato com Bori e foi fazer o curso de mestrado sob orientação dela. Também com Bori, trabalhou como jornalista em diferentes projetos de difusão científica durante a década de 1980, junto à SBPC.

- *Silvio Paulo Botomé*: Formado em Psicologia pela PUC-SP em 1972, teve contato com Bori ainda na graduação e se estendeu durante seu mestrado e doutorado, realizado sob orientação de Bori. Atualmente, trabalha na Universidade Federal de Santa Catarina, onde desenvolve pesquisas sobre comportamentos profissionais e processo de ensino-aprendizagem.

Trabalhou ao lado de Bori em projetos ligados ao ensino de análise do comportamento tanto no Brasil quanto em países da América Latina, ajudando a aprimorar a discussão acerca da elaboração de objetivos comportamentais e elaborando novos projetos ligados ao processo de ensino-aprendizagem.

- *Eduardo Moacyr Krieger*: Formou-se em Medicina na Faculdade de Medicina de Porto Alegre, em 1953, e doutorou-se na área de fisiologia cardiovascular na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, em 1959. Desenvolveu pesquisas sobre hipertensão cardiovascular e foi pioneiro no uso de ratos como modelo para estudos de regulação da pressão arterial no sono e no exercício, bem como no registro da atividade simpática, em condições fisiológicas.

No final da década de 1950, foi professor na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto e, atualmente, trabalha na Faculdade de Medicina da USP/Incor. Trabalhou com Bori em diversas ocasiões decisivas no cenário da política científica nacional, como a criação do Ministério de Ciência e Tecnologia, como representante da Federação das Sociedades de Biologia Experimental (FESBE) ou da Associação Brasileira de Ciências.

- *Jesuina Lopes de Almeida Pacca*: É licenciada e bacharel em física, em 1962, mestre em Ensino de Ciência, em 1977 e doutora em Educação, em 1983, todas pela USP. Desenvolve pesquisas na área de ensino de ciências, com ênfase em ensino de física, formação de professores de física e sobre aprendizagem de conceitos científicos.

Bori foi importante na formação da professora Jesuina Pacca ao desempenhar função semelhante à de um co-orientador de seu trabalho de mestrado no recém-criado programa de pós-graduação em Ensino de Ciências da USP. Além disso, Bori ofereceu um curso de psicologia experimental para um grupo de alunos da mesma pós-graduação, permitindo a eles discutir questões da aprendizagem a partir do modelo com o qual trabalhava.

- *Eunice Maria Fernandes Personini*: É formada em Serviço Social, pela PUC-SP e a atual secretária executiva da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e funcionária mais antiga da sociedade. Começou a trabalhar junto à sociedade na ocasião da preparação da 26ª Reunião Anual da SBPC, em 1974. Antes de ocupar o cargo de secretária executiva, trabalhou por 14 anos no setor de sócios e eventos.

Participou de grandes acontecimentos da história da sociedade, como o encontro anual de 1977, na PUC-SP. Desde sua entrada na SBPC, trabalhou com todas as diretorias, os problemas que cada uma enfrentou, mudanças de sede, falta de verbas, longos encontros para a preparação das reuniões anuais, entre outros. Em diversas ocasiões, Eunice trabalhou ao lado de Bori e presenciou a atuação de Bori nas diversas posições em que ela ocupou e nos variados papéis que desempenhou até seu falecimento.

- *Carla Martuscelli Peres Simioni*: É sobrinha e afilhada de Carolina Bori. A entrevista feita com ela foi utilizada para produção da biografia de Bori, mas preferiu-se não publicar a entrevista na íntegra, como foi feito com os demais entrevistados por conter muita informação pessoal que extrapolava o objetivo deste trabalho. Esta entrevista está mantida sob os cuidados do pesquisador responsável por este estudo.

Procedimento ético

Ao realizar uma pesquisa que se propõe resgatar e estudar lembranças de experiências de pessoas em uma determinada época, alguns cuidados precisam ser tomados. Este projeto foi submetido à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (USP) e todos os procedimentos necessários foram cumpridos antes de ser iniciada qualquer entrevista. Aos que aceitaram o convite para colaborar com esta pesquisa dando uma entrevista, foi solicitado que assinem o(s) Termo(s) de Consentimento Livre Esclarecido, autorizando que sua entrevista gravada componha um banco de memória para que possam ser utilizadas futuramente. Os termos foram assinados em duas vias, ficando um com o entrevistado e outro com o pesquisador responsável.

5. CONTEXTO DA POLÍTICA CIENTÍFICA E A PSICOLOGIA NO BRASIL

Como em todos os estudos sobre história da ciência há grande necessidade de se compreender contextos maiores que interferiram no desenvolvimento da área em estudo, também na história da psicologia, alguns autores tem destacado este ponto. Antunes (1998), por exemplo, afirma:

Para se compreender a Psicologia como construção histórica devem ser considerados três aspectos: o desenvolvimento específico das idéias e práticas psicológicas, sua base epistemológica e os fatores contextuais (aspectos estes só separáveis como recurso didático) (p. 10).

Assim, este capítulo apresenta o desenvolvimento de ideias e práticas psicológicas no Brasil, antes de seu reconhecimento legal no país, assim como uma breve análise do desenvolvimento da psicologia após seu reconhecimento legal, em 1962. Esta análise será feita considerando o cenário político e científico do país. Como Carolina M. Bori atuou durante a segunda metade do século XX, optou-se por discutir mais o cenário científico deste mesmo período, com uma breve explanação da primeira metade deste mesmo século.

Pode-se dizer que o início do século XX é um período de grandes transformações no cenário científico e acadêmico no Brasil. A pesquisa era um assunto que não fazia parte da formação de brasileiros ou da atuação de profissionais e neste período ela passou a ser encarada como uma prática que deveria se tornar mais livre e independente de resultados práticos. Começa a surgir, então, o debate sobre a criação de uma universidade no Brasil que deveria abrigar a ciência, os cientistas e as humanidades em geral, além de promover a pesquisa. Com isso, na década de 30, no Brasil, três universidades foram criadas. São a Universidade de São Paulo (USP), a Universidade do Brasil e a Universidade do Distrito Federal (as duas últimas no estado do Rio de Janeiro) (Sampaio, 1991).

Para Sala (1991), as ciências no Brasil se institucionalizaram na virada para o século XX, sendo a criação do Instituto Oswaldo Cruz, no Rio, em 1900, um marco do desenvolvimento da pesquisa no Brasil desta época. Contudo, a criação da Universidade de São Paulo (USP) e das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL), em 1935, representam a formação e treinamento profissional do pesquisador brasileiro. A partir de então, diversos professores estrangeiros se deslocaram para o Brasil, oferecendo vários cursos. Para o autor, foi com a criação da USP e das FFCL que “formou-se a primeira massa

crítica com consciência científica e os profissionais foram despertados para os problemas que inibiam o progresso científico” (p. 154).

Para autor, três fases dividem o reconhecimento da necessidade de desenvolvimento de pesquisa e de apoio para realizá-las. A primeira fase vai até a década de 1940, caracterizando-se por doações particulares à fundação Rockefeller e os Fundos Universitários de Pesquisa, constituído pelo Estado de 1947, que previa o uso de 0,5% da arrecadação tributária.

A segunda fase inicia-se com a criação do CNPq, em 1951 e inclui a FAPESP, em 1960, o Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT) criado em 1969, a criação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (CAPES), pelo Ministério da Educação (MEC), e do Fundo Tecnológico - BNDES Funtec.

Por fim, a terceira fase se inicia da década de 1970. Segundo análise de Sala (1991) “Esta é caracterizada pelo reconhecimento explícito, ao nível de governo, que ciência e tecnologia são assuntos de Estado” (p. 154).

Um dos grandes marcos da ciência brasileira foi, sem dúvida, a criação da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em 1948, sociedade científica da qual Carolina Bori se associa em 1954, segundo relação de sócios admitidos entre setembro e dezembro de 1954 apresentada na Ciência e Cultura de 1954 e participou da diretoria, em diferentes cargos, por 17 anos, entre 1973 e 1989. Vale lembrar que a associação é fundada no ano em que Bori terminara seu curso de especialização em psicologia educacional pela USP.

Os campos de atuação em que a psicologia esteve presente até o início da década de 1960 foram, principalmente, a educação, a organização do trabalho e a medicina. A educação foi o campo com o maior número de trabalhos realizados, destacando as atividades desenvolvidas no Serviço de Psicologia Aplicada do Instituto Pedagógico da Diretoria de Ensino de São Paulo; a fundação da Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais, em 1932; a criação de uma “Escola para Anormais” no Sanatório de Recife, em 1936; a fundação do INEP; a instalação da Clínica de Orientação Infantil/Seção de Higiene Mental da Diretoria de Saúde Escolar da Secretaria de Educação de São Paulo, em 1938; a fundação da Fazenda do Rosário, em 1940, com a finalidade de educar crianças da zona rural, crianças “excepcionais” e “abandonadas”; o ISOP, em 1947; entre outros (Antunes, 2004).

Na área do trabalho, houve a utilização de testes psicológicos, já na década de 1920, para fins de seleção de pessoal, sendo intensificado com a vinda de Emilio Mira y Lopes ao Brasil, em 1947. Neste período, destaca-se a criação do Centro Ferroviário de Ensino e Seleção Profissional (CFESP); a Comissão de Psicotécnica da Associação Brasileira de

Engenharia Ferroviária; o Boletim de Psicotécnica; o Serviço de Psicotécnica e seu laboratório no Serviço Nacional da Indústria (Senai) e no Serviço Nacional do Comércio (Senac).

Na área clínica, a Psicologia aparece sempre vinculada à medicina, servindo sempre como um apoio ou elemento subsidiário da área médica: “Essa idéia é reforçada pela resistência dos médicos, mais tarde, à regulação da profissão de psicólogo com atribuição clínica, além de outras investidas posteriores” (Antunes, 2004, p. 132).

Sobre estudos, pesquisas, eventos e entidades científicas e profissionais, Antunes (2004) destaca a participação maciça da Psicologia, em 1950, no encontro da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC); a primeira bolsa de pesquisa em Psicologia, em 1952; a primeira tese em psicologia experimental, sobre neurose experimental, de Joel Martins (1953), a fundação da Sociedade de Psicologia de São Paulo (SPSP) em 1945, por iniciativa de Annita Cabral e Otto Klineberg; a Associação Brasileira de Psicotécnica, em 1949, que, entre outras ações, entregou um memorial e um esboço de anteprojeto de lei relativo à formação de psicólogos ao Ministério da Educação, em 1953; a fundação da Sociedade de Rorschach de São Paulo, em 1952; a Associação Brasileira de Psicólogos e a Associação Brasileira de Psicologia, em 1954, a Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul, em 1959. Algumas dessas associações e sociedades se tornaram importantes na organização de uma comissão para elaborar um substitutivo ao projeto de lei de 1953 em prol do reconhecimento da psicologia como profissão independente. As associações que entraram nesta luta, segundo Antunes (2004), foram a Associação Brasileira de Psicologia Aplicada, a Sociedade de Psicologia de São Paulo e a Associação Brasileira de Psicólogos.

Durante este período de consolidação da Psicologia como área do conhecimento e campo de aplicação, Annita de Castilho e Marcondes Cabral (1953), preocupada com a formação acadêmica de profissionais preparados para atuar em psicologia, discute, em artigo, os requisitos básicos para a formação de “psicologistas”. Para ela, a preparação acadêmica deste profissional é uma necessidade urgente e deveria ser pensada respeitando três aspectos específicos (que são interdependentes). São os aspectos teórico, experimental e prático. Só assim a psicologia poderia “se organizar nas condições requeridas tanto pelo estado atual da ciência que a fundamenta, como também pela variedade e urgência das tarefas em cuja realização essa profissão é chamada a cooperar” (p. 43).

Sobre este período ela ainda afirma:

O ensino de psicologia, na Universidade se faz nas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, mas somente de maneira subsidiária aos

estudos de Filosofia e de Educação; em algumas faculdades desse tipo a psicologia social entra subsidiariamente no currículo de ciências sociais. (...) Começa-se, aqui e ali, a sentir que a criação de um Curso de Psicologia (autônomo) é não só necessária, como urgente (Cabral, 1953, p. 44).

Analisando todo o processo pelo qual a psicologia passou até seu reconhecimento como profissão no Brasil, Baptista (2010) afirma que este processo se iniciou com a “exposição pública das primeiras ideias sobre a regulamentação” (p. 172) no início da década de 1950, passou pela regularização da profissão pela Lei nº 4119/62 e foi finalizado apenas com a aprovação do código de ética e da instalação dos Conselhos de Psicologia, no ano de 1975. A análise que a autora faz, além de considerar os vários projetos que visavam a regularização da profissão, inclui o que se fazia nas diferentes regiões do país em que a Psicologia se fazia presente, as diversas associações que lutaram pelo reconhecimento da profissão e outras que também estavam relacionadas à Psicologia (como a Associação Brasileira de Psicotécnica, Sociedade Brasileira de Psicologia, Sociedade de Psicologia de São Paulo, Associação Mineira de Psicologia, Instituto de Psicologia da Universidade do Brasil, por exemplo), a discussão sobre o tempo que a formação do psicólogo deveria ter, os níveis de formação (bacharelado e a licença), as diversas comissões e encontros que discutiam a formação e regularização, a necessidade de formalizar a formação daqueles que trabalhavam com a Psicologia, a nome que o profissional da Psicologia deveria ter (Psicologista, Psicólogo ou Psicotécnico), os cursos que foram sendo oferecidos antes 1962 e um movimento dos médicos para que alguns pontos do projeto não fossem aprovados. Sobre isso, Baptista (2010) afirma:

Segundo relato de Mathilde Neder, a presidente da Sociedade de Psicologia de São Paulo, Carolina Bori, recebeu um telefonema do senador Lauro Cruz informando que havia uma pressão dos médicos para não aprovarem na regulamentação o que se relacionasse à psicoterapia... (p. 186).

Segundo Baptista (2010), logo após a aprovação da lei que regulamenta a profissão, foi formada a Comissão de Avaliação de Registros de Diplomas, com o objetivo que conferir os títulos conforme os critérios já apresentados. Esta comissão era formada com profissionais do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais era presidida por Lourenço Filho¹, Pe. Antonius

¹ Manuel Bergström Lourenço Filho (1897 – 1970), foi um educador brasileiro, escreveu livros em áreas como Geografia e História do Brasil, Psicologia (principalmente sobre testes e medidas na educação, maturação humana), Estatística e Sociologia.

Benkő², Carolina Bori, Enzo Azzi³ e Pedro Parafita Bessa⁴. O papel desempenhado por esta comissão teria, segundo a autora, gerado muitos embates e conflitos. Além disso, a análise dos processos durou cerca de 10 anos.

Com a criação dos primeiros cursos de psicologia, um dos grandes problemas foi o material didático. Vilela (2012) afirma que “O ensino continua, pois, centrado na *expertise* do professor” (p. 39). Esta característica só mudaria quando alguns professores começam a encontrar bibliografia da área de Psicologia, já que a ênfase dos cursos de então era o ensino de uma Psicologia voltada para a Educação. De todo modo, nas décadas de 1950 e 1960 começam a ser publicados vários livros específicos traduzidos para o português. Nesta tarefa, a autora destaca o papel de Dante Moreira Leite⁵ e Carolina Bori.

Além disso, Matos (1998) afirma que Carolina Bori esteve presente durante este processo de regulamentação da Psicologia e foi a principal responsável pela implantação e disseminação de laboratório de Psicologia Experimental em cursos de graduação. Tomanari (2005) destaca a importância dela para a introdução e fortalecimento da Análise Experimental do Comportamento no Brasil. Já César Ades (1998) enfatiza a visão de Bori sobre a definição de Psicologia. Ela tinha uma visão clara de que a psicologia deveria ser uma ciência experimental, contudo, nunca desvalorizando outras formas de definição da área. Segundo o autor, a visão de psicologia que Bori tinha, aparecia sempre implicitamente em suas defesas à pesquisa.

² Pe. Antonius Benkő (1920 – 2013), húngaro, chegou no Brasil em 1954 e a partir de 1957, foi contratado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Criou o Centro de Orientação Psicopedagógica – COPP.

³ Enzo Azzi (1921-1985), italiano, doutor em Medicina e Cirurgia, pela Universidade de Parma, e em Psicologia Experimental e Educacional pela Universidade Católica de Turim, foi o responsável pela organização do IPPUCSP (Instituto de Psicologia e Pedagogia da PUC/SP).

⁴ Pedro Parafita de Bessa (1923 – 2002), mineiro, foi o primeiro diretor do curso de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, no ano de 1960. Teve aulas no Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento de Professoras com a professora Helena Antipoff. Ele foi uma das trinta pessoas que assinaram a ata da primeira reunião da Sociedade Mineira de Psicologia, na década de 1950.

⁵ Dante Moreira Leite (1927 – 1976), intelectual e filósofo formado pela USP, foi professor do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, traduziu diversos livros sobre Psicologia, contribuiu grandemente para Psicologia Social no Brasil. Entre suas principais publicações estão: Psicologia e literatura (1965) e O caráter nacional brasileiro (1969).

6. BIOGRAFIA CIENTÍFICA DE CAROLINA MARTUSCELLI BORI

Portanto, além de qualidades estilísticas, técnicas e historiográficas, uma biografia precisa ter ainda outro elemento que, pelo seu caráter subjetivo, pode ser sempre alvo de disputas e discussões: o respeito pela memória do biografado (Schmidt, 1997, p. 18).

Uma das contribuições de estudos biográficos na ciência é a apresentação da relação entre atuação de cientistas e atividades cotidianas, já que isto permite uma análise das atividades do próprio leitor da biografia: “Como um gênero de escrita e análise histórica, a biografia científica é um meio eficaz para envolver os leitores nas lutas, sucessos e fracassos de cientistas elaborando suas próprias vidas, como eles exploram e constroem o conhecimento do mundo natural” (Nye, 2007, p. 24). Assim, como há um grande interesse da comunidade por biografias, este gênero pode ser um aliado na difusão de conhecimento e prática científicos: “O foco biográfico também pode ser um meio eficaz para explorar e analisar as políticas da prática científica e da formação cultural do conhecimento natural” (Nye, 2007, p. 23).

Contudo, escrever sobre Carolina Martuscelli Bori é um trabalho que exige muito cuidado por se tratar de uma pesquisadora que teve grande impacto no desenvolvimento científico no Brasil, uma figura de destaque no cenário político-científico atual. Bori foi uma dessas pessoas conhecidas em vários contextos, admirada por muitos cientistas que frequentemente falam nela e do que aprenderam com ela. Pode-se dizer que, mesmo após sua morte, a memória de Carolina Bori continua influenciando pesquisas, planejamento de cursos, discussão sobre ciência, etc. Exemplos disso são os aproximadamente nove artigos *in memoriam* escritos nos anos de 2004 e 2005 (Feitosa, 2005; Gorayeb, 2005; Guedes, 2004; Guedes, 2005; Kerbauy, 2004; Macedo, 2005; Souza, 2004; Todorov, 2004; Tomanari, 2005), além de outros que, a partir de métodos historiográficos, analisam sua contribuição para a ciência (Feitosa, 2007; Candido e Massimi, 2012), outros que citam sua atuação e influências atuais desta atuação (Todorov, Moreira e Martone, 2009) e uma publicação original de uma conferência feita por Bori na Universidade de Brasília (Botomé, 2007).

Ainda, antes destas publicações, em 1998 já havia sido publicada uma edição especial da revista *Psicologia USP* homenageando a professora Carolina M. Bori e, para esta edição, os editores da revista convidaram diversos pesquisadores que trabalharam com ela para relatarem um pouco do contato que tiveram com Bori. A obra contém 324 páginas com 52

pequenos textos divididos em duas partes. Na primeira (“Carolina Bori, Psicologia e Ciência no Brasil”), 49 relatos foram organizados em 6 capítulos (“O início: A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo”, “A Afirmação da Psicologia na Universidade e na Sociedade”, “Inovações: Análise Experimental do Comportamento no Brasil”, “Além da Universidade: Educação e Formação de Professores – A Ciência no Cotidiano das Instituições de Ensino”, “Ciência e Política no Brasil das Últimas Décadas” e “Dona’ Carolina”). A segunda parte recebeu o nome “Produção na Universidade: Os Frutos da Pós-Graduação” e conta com três artigos que analisam a contribuição de Carolina Bori a partir de orientações que ela realizou e de publicações. Portanto, grande parte da vida profissional de Bori é narrada por pessoas que estiveram com ela. Nesta edição, os editores afirmam que

É tão extensa e diversificada a atuação de Carolina Bori, foram tantas as suas formas de militância em favor da psicologia, da ciência, da educação e da sociedade, que não foi nada fácil organizar um documento que representasse de forma minimamente adequada a amplitude e relevância de suas contribuições. Nossa tarefa foi ainda mais dificultada pelo mau costume (de nosso ponto de vista) que tem Carolina de não alardear suas realizações e os frutos de seu trabalho: fazer muito e falar pouco sobre o que faz parece ser o lema de Carolina! Um exemplo disso é o fato de nunca ter adotado a prática corrente de assinar a co-autoria das inúmeras publicações resultantes de seu trabalho de orientação (que não foi pouco: apenas na Universidade de São Paulo, 49 dissertações de Mestrado e 47 teses de Doutorado). (Carvalho, Matos, Tassara, Silva e Souza, 1998, p. 19)

Se de um lado há poucos relatos de Bori sobre “suas realizações e os frutos de seu trabalho”, por outro há inúmeros trabalhos que tentam informá-los, analisá-los, divulgá-los ou mesmo reproduzi-los. Assim, mesmo com os inúmeros textos sobre a vida de Carolina Bori, para que os objetivos deste trabalho possam ser atingidos é necessário reunir as informações sobre ela disponíveis nestes materiais assim como em relato de uma familiar, de cartas pessoais, entrevistas cedida por Carolina Bori e artigos assinados por ela. Evita-se, contudo, reconhecê-la como uma heroína, cujos feitos devem ser celebrados, já que não é objetivo deste texto descrever Carolina Bori como alguém que estava além de seu tempo, que deu a vida pela ciência. É objetivo, sim, descrever o que foi diferente na atuação dela, assim como afirma Hartog (1999): “Dizer o outro é enunciá-lo como diferente... Desde quando a diferença é dita ou transcrita, torna-se significativa, já que é captada nos sistemas da língua e da escrita” (229).

Respeitando questões éticas, decidiu-se não aprofundar em questões pessoais e familiares, dada a opção da própria Carolina Bori de não comentá-las. Eventualmente, alguns destes tópicos serão mencionados quando relevantes para a compreensão de motivações e decisões profissionais.

6.1. FAMÍLIA, FORMAÇÃO ACADÊMICA, PRIMEIRAS PESQUISA E PROFISSÃO

Carolina Martuscelli nasceu em São Paulo no dia 4 de janeiro de 1924. Seu pai, Aurélio, italiano, era engenheiro e chegou ao Brasil por volta de 1890. Instalando-se em São Paulo, montou uma empresa no ramo de construção e se tornou um empresário bem sucedido. Sua mãe, Maria Teresa, brasileira, trabalhava em uma loja de tecidos e fez todos os seus filhos terem formação universitária. Além de Carolina, filha mais velha do casal, Aurélio e Maria Teresa tiveram mais 5 filhos: Wanda, Francesco, Florinda, Adele e Nicola. Aurélio faleceu ainda novo e Maria Teresa contou sempre com o apoio de sua mãe, Fiorinda Filomena, nos cuidados com os filhos. No começo da década de 1950, Carolina se casou com um italiano, Giovanni Bori, de quem recebeu o sobrenome e com quem teve um filho. Divorciou-se poucos anos após o nascimento de seu filho, mas manteve o sobrenome de casada. Em outubro de 2004, Carolina Bori faleceu aos 80 anos de idade com falência múltipla dos órgãos.

Em entrevista cedida a Maria Amélia Matos e Vera Rita da Costa, Carolina Bori contou que frequentou uma escola alemã desde os seis anos de idade. Formou-se para professora na Escola Normal Caetano de Campos⁶. Concluiu curso de pedagogia no ano de 1947 pela Universidade de São Paulo e, no ano seguinte, concluiu um curso de especialização na área de psicologia educacional na mesma instituição. Entre os anos de 1949 e 1951, Carolina Martuscelli estava matriculada no curso de mestrado em psicologia na *Graduate Faculty of New School For Social Research*, nos Estados Unidos, sob orientação de Tamara Dembo. O boletim da universidade, publicado em 5 de setembro de 1949, apresenta a New School e seus objetivos da seguinte forma:

⁶ Sobre a Escola Normal Caetano de Campos, Baptista (2004) afirma: “A Escola Normal Caetano de Campos, segundo as evidências, foi um núcleo que funcionou fortemente como impulsionador da Psicologia em São Paulo. Em primeiro lugar, diferenciava-se por ser uma das duas escolas estaduais consideradas Escolas Normais Secundárias e, como tal, responsável pela formação do professor secundário; conseqüentemente, tinha um currículo mais rico, composto por Inglês e Trigonometria, além das matérias básicas. Em segundo lugar, era considerada tradicional, por ter um grande renome e ser frequentada por uma clientela selecionada. Muitos profissionais que por ali passaram foram depois completar seus estudos no exterior. Também recebeu, ao longo de sua história, vários profissionais famosos vindos do mundo todo para ministrar cursos, dar palestras e montar laboratórios” (p. 158).

Uma cidadania informada e responsável foi acreditada pelos fundadores da New School ser possível tão rapidamente quanto necessária somente se homens e mulheres maduros pudessem se encontrar em torno de um grupo de estudiosos engajados em pesquisa social, como distinto da estritamente científica, técnica e de problemas vocacionais, e se eles poderiam, pela educação mútua de adultos, aprender a organizar seu conhecimento social e moral em conceitos positivos. Trinta anos de experiência tem apenas fortalecido este ponto de vista. (p. 1)

A universidade foi concebida para ser a casa de intelectuais liberais e radicais. Durante a Segunda Guerra Mundial, a New School recebeu vários professores exilados e, por isso, ficou conhecida como Universidade em Exílio. Steinacher e Barmettler (2013) afirmaram:

A Universidade em Exílio contribuiu para um frutífero diálogo entre o pensamento continental e americano. Krohns listou 184 pensadores imigrantes que estavam afiliados à New School. Entre eles estavam Hans Kelsen, Claude Levi-Strauss, Gaetano Slavemini, Hannah Arendt e Max Wertheimer” (p. 56)

No primeiro semestre de 1949, as disciplinas da psicologia e os responsáveis por ela estavam organizados da seguinte maneira:

Statistics for psychologists
William H. Helme

Experimental Psychology I
Mary Henle

Experimental Psychology II
Tamara Dembo

Experimental Psychology I
David A. Emery

Experimental Psychology II
William H. Helme

Social Psychology
Solomon E. Asch

The Social Psychology of Leadership
Arthur L. Swift

Seminar In Group Dynamics
David A. Emery

- Motivation
David A. Emery
- Dynamic Theory of Personality
Tamara Dembo
- Psychology of Learning
Mary Henle
- Systems of Psychology
Mary Henle
- Advanced Experimental Psychology
Members of the Psychology Faculty
- Research Seminar in Psychology
Mary Henle
- Social-Emotional Relationships
Tamara Dembo
- A Philosophical Introduction to Psychology II
Eugen Kullmann

Neste contexto, Bori ingressou nesta universidade e, em 1951 defendeu a tese intitulada “*The Recall of Interrupted Tasks: A Review of the Literature*”. Em 1953, concluiu seu doutorado sob orientação de Annita Cabral, pela Universidade de São Paulo. Esta tese recebeu o título “Experimentos de interrupção de tarefas e a teoria de motivação de Kurt Lewin”.

Carolina Martuscelli se tornou professora assistente na cadeira de psicologia em 1948 e passou a lecionar disciplinas de Psicologia Experimental no curso de Filosofia da USP. Esta disciplina estava vinculada à cadeira regida por Annita Cabral. O catedrático tinha autoridade para convidar professores para a cadeira e dar orientação para as disciplinas das quais era responsável. Em entrevista a Matos e Costa (1998), Bori afirmou que a professora Annita havia estudado nos Estados Unidos com importantes gestaltistas, tinha uma boa formação teórica e incentivava os alunos a realizarem pesquisa. Como catedrática, era responsável em convidar assistentes para a cadeira, encaminhar sua formação, atendendo aos interesses da cadeira. Ainda segundo Bori (Matos e Costa, 1998), a catedrática achava que a *Gestalt* deveria ser a única orientação da cadeira. Foi assim que Bori entrou para a cadeira de psicologia e foi para a *New School for Social Research*, mesma instituição onde Annita Cabral havia concluído sua tese de doutorado.

Nesta mesma época, também existia a cadeira de psicologia educacional da USP que seguia uma tradição diferente da cadeira de psicologia regida pela professora Annita Cabral. Segundo Bori, enquanto a primeira estava muito ligada às questões de educação, a segunda era mais ampla, não restrita à educação e preocupada em estudar a psicologia como ciência. Esta diferença entre as cadeiras foi comentada por Bori:

Eles nos chamavam de positivistas e isso para eles era um horror! Para nós, no entanto, essa era apenas uma maneira de conceber a produção do conhecimento; uma maneira que valorizava a obtenção de dados experimentais. Éramos rigorosas ao coletar os dados e mais rigorosas ainda em analisá-los. A tendência no entanto era outra: muito mais especulativa e interpretativa. Essa é a imagem que ainda se passa da psicologia: o leigo não tem contato com o conhecimento científico que existe em psicologia, mas é bombardeado de idéias vagas, que acabam formando uma mixórdia sem sentido (Matos e Costa, 1998, p.787)

Vale lembrar que ainda não existiam cursos de graduação em psicologia no Brasil. O curso de graduação em psicologia da USP começou em 1958, mas disciplinas de psicologia oferecidas em cursos de graduação, como os de Filosofia. Em suas aulas, Carolina fazia com que seus alunos replicassem pesquisas experimentais clássicas. Acerca deste período de atuação na USP, Carolina Bori fez uma reflexão em entrevista cedida a Matos e Costa (1998).

A cadeira de psicologia não tinha prestígio suficiente para contar com grande número de assistentes. Lembro que quando houve a separação das cadeiras de psicologia e filosofia, que eram oferecidas pelo mesmo professor, foi uma surpresa a psicologia ficar a cargo de uma pessoa da casa e ... mulher. Isso era uma raridade naquela época, em que os professores eram, em sua maioria, homens e estrangeiros. Era tudo muito difícil e era preciso lutar por tudo. O bom é que a professora Annita era uma pessoa extremamente combativa, o que de fato precisava ser, porque a congregação da Faculdade de Filosofia era refratária a mudanças. Eu fui a primeira e a única assistente da cadeira durante um bom tempo (p. 785)

As publicações de artigos científicos não é uma marca de Carolina Bori, contudo, na década de 1950, há algumas publicações que indicam algumas das preocupações de Bori enquanto professora. Dentre os artigos publicados por ela, entram-se discussões acerca da pesquisa experimental em psicologia (Bori, 1952/1953; 1953/1954; 1955/1956) e sobre estudo de personalidade (Bori, 1955/1956; Martuscelli, 1954/55). Alguns deles são estudos que utilizaram do Teste da Figura Humana, de Karen Machover⁷.

⁷ De acordo com o Boletim da *New School for Social Research* publicados em 4 de setembro de 1950, e 9 de abril de 1951, Karen Machover ofereceu as disciplinas intituladas *Personality Projection in the Drawing of the Human Figure* e *Advanced Figure-drawing analysis* no período em que Bori estava nesta instituição.

Com a criação do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE), sob direção de Darcy Ribeiro⁸, nesta mesma época, Carolina Bori recebeu um convite para contribuir com o centro que tinha o objetivo de discutir questões relacionadas à educação brasileira. Entre os anos 1956 e 1962, Bori trabalhou como psicóloga social, e, a partir de outras publicações de Bori, percebe-se que ela trabalhou avaliando a personalidade de integrantes de um grupo do interior do estado de Minas Gerais (Martuscelli, 1957a), os fatores que interferem na evasão escolar (Martuscelli, 1957b) e a aceitação de grupos raciais (Martuscelli, 1950). Além de algumas pesquisas, ela também trabalhava com grandes nomes da sociologia, no Brasil, como Hutchinson⁹, Florestan Fernandes¹⁰, Octávio Ianni¹¹ e Antônio Cândido¹².

6.2. FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIO CLARO E O INÍCIO DA FORMAÇÃO BEHAVIORISTA

Após um problema pessoal com a chefe da cadeira de psicologia, Carolina M. Bori foi afastada da universidade. Na ocasião, Bori foi convidada a coordenar o Departamento de Psicologia instituído no curso de pedagogia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) de Rio Claro, um Instituto Isolado recém-criado. Sobre o curso de pedagogia de Rio Claro, Camargo (1999) afirmou:

O Curso de Pedagogia e mais os de História Natural, Geografia e Matemática passaram a funcionar em 1959. Vieram os professores que se tornariam responsáveis pelas cadeiras previstas para tais cursos. Assim chegaram os primeiros professores de Pedagogia que, como os alunos diziam, “vieram de fora” (p. 5)

Carolina Bori foi professora titular da cadeira de psicologia geral e educacional no curso de pedagogia de 1959 à 1963, enquanto se mantinha como professora assistente da

⁸ Darcy Ribeiro (1922 – 1997), mineiro, antropólogo, político brasileiro, desenvolveu trabalhos nas áreas de educação, sociologia e antropologia. Foi o idealizador da Universidade Estadual do Norte Fluminense e, ao lado de Anísio Teixeira, foi um dos criadores da Universidade de Brasília.

⁹ Bertram Hutchinson, sociólogo britânico, dirigiu um estudo sobre mobilidade social e trabalho na cidade de São Paulo junto ao Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE) e financiado pela Unesco e pelo Ministério da Educação do Brasil.

¹⁰ Florestan Fernandes (1920 – 1995), sociólogo e político brasileiro, foi professor da Universidade de São Paulo (USP) na década de 40, foi afastado pelo regime militar em 1969. É considerado o fundador da sociologia crítica no Brasil.

¹¹ Octavio Ianni (1926 – 2004) formou-se em ciências sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, em 1954, é considerado um dos maiores sociólogos do país. Tornou-se professor na cadeira de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, sob a chefia de Florestan Fernandes

¹² Antonio Cândido de Mello e Souza (1918 -), estudioso da literatura brasileira e estrangeira, professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Publicou mais de vinte livros, entre os quais: O método crítico de Sílvio Romero, 1945; Formação da Literatura Brasileira. Momentos decisivos, 2 v., 1959; Os parceiros do Rio Bonito. Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida, 1964; Vários escritos, 1970; A educação pela noite, 1987; O discurso e a cidade, 1993; O albatroz e o chinês, 2004

cadeira de psicologia da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de São Paulo. Neste período, Bori teve, ao todo, três assistentes: Nilce Mejias, Isaias Pessotti e Geraldina Witter.

Enquanto trabalhavam na FFCL de Rio Claro, ficou sabendo que um professor estadunidense, convidado por Paulo Sawaya¹³, iria oferecer um curso na USP. Segundo Pessotti, a notícia que Bori havia recebido é que Keller¹⁴ era especialista em *self-teaching* (ou auto-ensino). Ela acabou indo para São Paulo semanalmente para assistir às aulas de Keller e, segundo Pessotti, “ficou cada vez mais empolgada com o condicionamento operante, era assim que se chamava”. Assim, em contato com Keller, ela foi montando um laboratório para ensino de psicologia para alunos do curso de pedagogia: “Eram quatro gaiolas de passarinho adaptadas. Um horror, mas funcionava”. Keller apresentou a eles o ensino programado (método de ensino baseado nos conceitos da análise do comportamento) que Bori utilizou já para a formação dos alunos de pedagogia, em Rio Claro.

Ainda em Rio Claro, Pessotti deu início a uma linha de pesquisa utilizando o condicionamento operante. Na ocasião, propôs uma série de estudos, a pedido de um importante geneticista Warwick Estevam Kerr¹⁵, que estava interessado em estudar a inteligência de abelhas.

Segundo a sessão Noticiário, da revista *Jornal Brasileiro de Psicologia*, publicado em janeiro de 1964, havia três pesquisas de base behaviorista sendo realizadas em Rio Claro. Uma delas “O papel dos estímulos aversivos na aprendizagem” tinha financiamento da FAPESP e estava aguardando importação de equipamento. As outras duas pesquisas eram de Isaias Pessotti (“Aquisição e extinção de uma discriminação operante e algumas características da “*corpora pedunculata*” em espécies diferentes de abelhas” e “Discriminação em três subespécies de *Apis mellifera* em crf e extinção”). A primeira estava em fase de coleta e a segunda, aguardando a publicação. Além dessas, havia outra pesquisa financiada pela FAPESP, sob responsabilidade de Carolina M. Bori, sobre “A socialização da criança”.

¹³ Paulo Sawaya (1903 – 1995) foi chefe do Departamento de Fisiologia Geral e Animal da USP, diretor da extinta Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, diretor do Instituto de Biociências da USP, diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro.

¹⁴ Fred S. Keller (1889 – 1996), um dos precursores da Psicologia Comportamental. Publicou importantes livros, entre eles *Princípios de Psicologia: um texto sistemático na ciência do comportamento* (1950), junto com Schoenfeld e PSI, the *Keller Plan Handbook: Essays on a personalized system of instruction* (1964), em parceria com Sherman.

¹⁵ Warwick Estevam Kerr (1922 -) foi chefe do Departamento de Biologia em Rio Claro em 1955 e chefe do Departamento de Genética da Faculdade de Medicina da USP – Ribeirão Preto, em 1965. É conhecido por seus estudos sobre abelhas.

Em artigo escrito por Bori (1964) com o objetivo de relatar a experiência de quatro anos equipando um laboratório de psicologia experimental, ela conta que as escolhas dos equipamentos dependeu da proposta do curso:

Partindo destas considerações vários critérios orientaram a aquisição do primeiro grupo de aparelhos. Os cursos do Departamento visam oferecer elementos para o aluno compreender a aplicação da Psicologia à Educação. Este objetivo exige antes de mais nada uma discussão ampla do estudo do comportamento que os alunos realizam de forma mais completa através de experimentos (p. 62)

Bori ainda estava com algumas atividades da USP, mas muitos dos estudos iniciais da teoria skinneriana foram feitos fora desta instituição. No momento em que Bori e um grupo de alunos começaram a aderir à proposta behaviorista, conforme Keller apresentava, houve uma reação contrária. Segundo Bori, a tendência na produção de conhecimento, naquela época era mais especulativa e interpretativa, o que gerava uma ideia vaga de psicologia para a população em geral. Ao mesmo tempo, ao se posicionar em oposição à esta tendência da psicologia, todo este grupo foi qualificado como positivista por valorizar dados experimentais. Para ela, havia muitas confusões na psicologia resultante da falta de formação em ciência (Matos e Costa, 1998).

6.3. UNB

Em 1963, Darcy Ribeiro convidou Carolina Bori para criar o Departamento de Psicologia na recém-criada Universidade de Brasília (UnB). Para isso, ela estendeu o convite a diversos pesquisadores que auxiliaram a montar o curso, a ensinar Psicologia para todos os cursos da universidade, a traduzir diversos livros e trabalhar com a programação de cursos individualizados. O método de ensino que estavam utilizando em todas as disciplinas de psicologia da universidade era baseado nos conceitos estudados em laboratório de Psicologia nos moldes que Keller havia apresentado em 1961. No grupo responsável pelo departamento estavam Carolina Bori, o próprio Keller, Sherman¹⁶ (professor norte americano que havia

¹⁶ Gilmour Sherman (1931 – 2006) ex-aluno de Keller nos Estados Unidos, deu continuidade aos trabalhos de Keller na USP, em 1962 e publicou trabalhos sobre o PSI.

substituído Keller, na USP, em 1962) Rodolpho Azzi¹⁷, João Claudio Todorov, Rachel Kerbauy, Mario Guidi¹⁸ e Isaias Pessotti.

Interessante notar que, aparentemente, a ida do grupo coordenado por Bori para Brasília pode ter causado algum incômodo nos alunos da USP pois, no volume 1, número 1 da revista *Jornal Brasileiro de Psicologia* de 1964 há uma nota dos alunos do curso de Psicologia da USP assumindo uma preocupação com “a possível evasão de alguns professores para a Universidade de Brasília” (p. 116). Afirmam:

Quando o nosso Curso está se estruturando, quando a experiência de poucos anos de existência começa a delinear especialistas em diversas disciplinas, esta perspectiva realmente nos assusta. Este desabafo vem principalmente em vista de um boato que corre sobre o afastamento da professora Carolina Martuscelli para Brasília. O Curso de Psicologia da Personalidade ficará assim prejudicado, pois além dos méritos específicos da ilustre professora, conta ela com um tirocínio e experiência no exercício desta função. Não é lamentável que possam acontecer coisas assim? Trata-se de um apelo e um lamento que achamos útil comunicar à ilustre redação desta revista. (pp. 116 – 117)

Contudo, o curso de Brasília conforme planejado por Bori se iniciou em 1964 e terminou em 1965 por intervenção do governo militar brasileiro instalado também no ano de 1964 (Bori, 1974; Bori & Azzi, 1964; Bori, Pessotti & Azzi, 1965; Keller, Bori, & Azzi, 1964; Zannon & Bori, 1996). Em artigo publicado em 1964, Keller, Bori e Azzi anunciam o início deste Departamento:

A começar no dia 16 de agosto, o departamento de psicologia da UNB oferecerá um curso básico onde serão examinados os conceitos, princípios e técnicas fundamentais destinado a estudantes de psicologia e a outros para s quais é matéria subsidiária. Este curso corresponde do ponto de vista do conteúdo a mais ou menos um ano letivo, tal como por exemplo, o “1-2” da Universidade de Columbia ou ao “2.º” de psicologia experimental da Universidade de São Paulo. (p. 398)

Já no ano seguinte, publicam uma primeira avaliação do curso da UnB:

O programa do curso incluiu 9 capítulos do livro de K&S¹⁹ e 29 séries do texto programado de Holland-Skinner²⁰, ambos traduzidos para o

¹⁷ Rodolpho Azzi (1927-1993), filósofo, fez grandes contribuições para a Psicologia no Brasil, esteve entre os precursores da Análise do Comportamento no Brasil como professor da USP e da UnB. Traduziu obras de B. F. Skinner e Fred S. Keller. No período do Regime Militar, devido à posições políticas, passou por dois períodos de prisão.

¹⁸ Mário Arturo Alberto Guidi foi um aluno de Carolina Bori e responsável pela construção de alguns equipamentos de laboratório. Em colaboração com Herma Bauermeister, publicou o livro *Exercícios de Laboratório em Psicologia* em 1968 e, anos depois, dedicou-se à áreas como Cinema e Fotografia

português. Os experimentos de laboratório foram realizados com o equipamento descrito por M. A. A. Guidi²¹.

Nas questões que tratavam de problemas examinados experimentalmente durante o curso, houve cerca de 75% de acerto; nas questões “teóricas” especificamente tratadas, houve 50% de acerto; em questões teóricas em que havia necessidade de extrapolar o estudado (isto é, não tratadas no curso) o acerto variou de 10% a 30% (Bori, Pessotti e Azzi, 1965, p. 219).

Segundo Matos (1998), a experiência de Brasília resultou no *PSI (Personalized System of Instruction)*, nos Estados Unidos. Já no Brasil, a experiência levou à *Análise de Contingências em Programação de Ensino*, que

marcou inúmeras gerações de análises do comportamentos (...) Esta opção representava uma maneira particular de Carolina considerar a programação de ensino. Centrava-se na identificação e análise das diversas contingências envolvidas nos diferentes objetivos de ensino, e na programação de atividades que garantissem essas contingências (p. 95)

Com a tomada do governo pelos militares em 1964 e a invasão dos militares na UnB em 1965, alguns professores foram demitidos e, então, ocorreu o que Pessotti chamou de “demissão coletiva” (o que significou o fim das atividades que estavam desenvolvendo em Brasília). Com o fim das atividades em Brasília, Carolina Bori foi recontratada na USP.

6.4. UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO: DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA EXPERIMENTAL E INSTITUTO DE PSICOLOGIA (IP)

Os motivos da recontração de Bori na USP, segundo Cunha (1998), foram dois. Um deles foi devido a um apoio que ela deu à Annita Cabral, em um momento em que não queriam renovar seu contrato:

Acho que o que influenciou na decisão da Professora Annita, além das necessidades da cadeira, foi uma solidariedade que ela devia à Professora Carolina. Por volta de 1964 ou 1965, a Doutora Annita teve uma dificuldade de renovação de contrato pois, sendo interina, devia fazer o concurso de Livre-Docente para assegurar a chefia e a indicação para a Cadeira de Psicologia... Como forma de apoio à Dra Annita, providenciei um abaixo-assinado em sua defesa (p. 52)

¹⁹ Trata-se de Keller, F., Schoenfeld, N. (1950). *Principles of Psychology: a systematic text in the science of behavior*, New York: Appleton-Century-Crofts

²⁰ Trata-se de Holland, J. G., Skinner, B. F. (1961) *The Analysis of Behavior: A Program for Self-Instruction*. New York: McGraw-Hill Book Company

²¹ Trata-se de um artigo de Guidi que estava no prelo na época da publicação do artigo citado.

Dentre os que tinham assinado estavam Carolina Bori e Rodolpho Azzi.

O outro motivo para a recontração de Bori era a própria necessidade do novo curso de pós-graduação que estava sendo implantado na USP:

a Dra Annita planejava criar o primeiro curso de pós-graduação em Psicologia no país, para o qual contava, como orientadores, com Carolina, já doutora, e comigo (que defenderia a tese em breve), além dela própria. A Dra Annita encarregou então a mim e a Carolina de pensar na parte de Psicologia Experimental de um curso de pós-graduação em Psicologia Social e Experimental (Cunha, 1998, p. 53)

Pouco tempo depois, em 1968, um grupo de alunos da graduação estava se organizando contra a renovação do contrato de Annita Cabral devido a problemas de relacionamentos e porque achavam que ela estava prejudicando o desenvolvimento do curso de Psicologia. Nesta mesma época, começou também o movimento da Reforma Universitária, que levou à extinção das Cátedras, transformando-as em Departamentos. Com isso, Carolina Bori foi eleita a primeira Diretora do Departamento de Psicologia Social e Experimental: “Penso que os alunos confiavam na Carolina e viam nela uma líder, uma pessoa que poderia representar esses novos ares de mudança, inclusive porque ela tinha feito parte de uma Universidade revolucionária, a Universidade de Brasília” (Cunha, 1998, p. 56).

Em 1970, o Instituto de Psicologia (IP) da USP foi criado e o Departamento de Psicologia Social e Experimental, chefiado por Bori foi dividido em dois: Departamento de Psicologia Social e Departamento de Psicologia Experimental. Segundo Cunha (1998), a partir da criação do IP, Bori foi se voltando à pós-graduação.

Novamente, a influência da abordagem teórica é notada nas disciplinas quando se inicia o curso de pós-graduação em Psicologia Social e Experimental na USP. As disciplinas eram “Ensino Programado”, área em que se tornou referência no país, e “Táticas de Pesquisa Científica”, baseada em um livro de Murray Sidman (*Tactics of Scientific Research*, de 1960).

Bori orientou centenas de dissertações de mestrado e teses de doutorados. Luiz Edmundo Magalhães, que fez parte da diretoria da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) no mesmo período em que Bori integrou a diretoria, afirmou que ela estava sempre rodeada por alunos e que ela cuidava deles com um carinho e atenção quase maternal. Alguns dos entrevistados foram orientados dela e afirmam que uma característica de suas orientações eram as perguntas que fazia. Dificilmente dava uma resposta ou opinião sobre um dado da pesquisa ou método a ser utilizado. Ela sempre respondia aos alunos com novas perguntas. Deisy das Graças afirma que “era uma questão de ter clareza de que se o aluno não tem independência (...) ela está falhando com o papel dela”. Sobre as orientações que recebia,

Maria do Carmo Guedes afirmou que o texto que escrevia e levava para orientação voltava com pequenas interrogações ou anotações em cima das palavras que tomavam horas até que todas as correções fossem feitas. Nenhum dos orientandos falou ter tido problemas com ela e todos consideram ter tido uma excelente orientação.

Rachel Kerbauy afirmou que Carolina Bori foi, por muito tempo, a única pessoa apta a orientar trabalhos de mestrado e doutorado que envolvesse experimentação em Psicologia, o que fez muitas pessoas recorrerem a ela. Além deste aspecto Luiz Edmundo Magalhães afirmou que podia se ver nas conversas que tinha com Bori que ela dominava a área de Psicologia Experimental e que ela tinha interesse e preocupação enormes no desenvolvimento de pesquisa experimental na Psicologia. Outra grande preocupação de Bori era com a metodologia científica, assunto que buscava sempre discutir com alguns professores.

Walter Hugo da Cunha, ex-professor do Departamento de Psicologia Experimental foi, ao lado de Carolina Bori, um profissional que lutou (e ainda luta) pelo desenvolvimento de uma Psicologia “mais voltada para a ciência”. Sobre a luta que traçaram, o entrevistado afirmou terem participado da organização do que se tornaria o Instituto de Psicologia da USP e o Departamento de Psicologia Experimental quando o curso de pós-graduação em Psicologia Social e Experimental da USP começou a ser oferecido, no final da década de 1960. Nesta ocasião, Carolina Bori estava voltando de Brasília (este período será apresentado mais adiante) e, junto com Rodolpho Azzi, foram contratados para a parte experimental do programa.

Sobre a elaboração do Departamento de Psicologia Experimental, Maria Helena Souza Patto afirma que Carolina teve um papel fundamental no que ela chamou de nova fase da Psicologia Experimental, assim como o professor Walter Hugo. Esta função foi desempenhada com o fim do sistema de cátedras pela reforma educacional de 1968, pois criaram departamentos separados e, no Departamento de Psicologia Experimental, Carolina Bori e Walter Hugo trabalharam juntos na contratação de jovens docentes, pediram verbas para montagem de biotério, de laboratório, entre outras atividades.

6.5. DESENVOLVENDO UMA CULTURA CIENTÍFICA EM SOCIEDADES CIENTÍFICAS

De todas as sociedades científicas em que Bori trabalhou, talvez a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência seja a que Bori mais dedicou mais tempo. Seu primeiro cargo na diretoria da sociedade foi em 1973, permaneceu por dezesseis anos (8 mandatos) e assumiu as posições de Secretária, Secretária-geral, Vice-presidente e Presidente. Sua atuação

na SBPC chama atenção por ser uma sociedade que incentivou diversas iniciativas nas ciências, no Brasil. Para muitas áreas do conhecimento, ela representou a principal sociedade que dava condições para a discussão de pesquisa, lutava junto a políticos brasileiros reivindicando melhores condições de trabalho para pesquisadores. A atuação de Bori junto à SBPC foi tão intensa que Freire Maia afirmou “que muitas vezes não se pode pensar em uma sem se pensar na outra” (1998, p. 189). Alguns programas de difusão científica da SBPC surgiram durante os anos em que Bori esteve na gestão. Exemplos são a revista “Ciência Hoje, Ciência Hoje das Crianças e o programa de rádio “Ciência Hoje pelo Rádio”. Além desses programas, Bori também desempenhou papel importante junto ao IBCEC – “Carolina criou um grupo de apoio ao professor secundário com uma publicação regular de notícias de interesse ao professorado bem como resumos ou títulos de artigos publicados no país e no exterior dando conta dos progressos científicos recentes (Sala, 1998, p. 185) –, na Estação Ciência – “Este projeto não lhe era estranho, como vice-presidente da SBPC, a professora havia acompanhado a sua elaboração, conhecia seus objetivos e a proposta de funcionamento deste museu interativo de ciência. Vim a perceber, posteriormente, que ela provavelmente estava a par de quase todas as iniciativas renovadoras na área da educação e que tinha dado seu apoio e contribuição a um número enorme de iniciativas” (Soares, 1998, p. 147) –, e no concurso “Cientistas de Amanhã” – “Auxiliava na preparação da programação, na leitura do projeto, no auxílio e na verificação do comportamento dos jovens classificados, mas não parava aí” (Ormastroni, 1998, p. 133).

Outra contribuição de Carolina Bori aconteceu na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) no começo da década de 1970. O então reitor da universidade, Luiz Edmundo de Magalhães a convidou para auxiliar na organização do núcleo de Educação e Psicologia da instituição. Para isso, ela convocava todo o corpo docente da graduação de Pedagogia, que era organizado em dois departamentos (Departamento de Tecnologia Educacional e Departamento de Fundamentos Científicos e Filosofia da Educação) para reuniões. De todas as ideias discutidas para o desenvolvimento do Núcleo, ganhou força aquela que propunha o desenvolvimento da área de educação especial. O grupo havia avaliado que esta era uma área com poucos profissionais habilitados para trabalhar na área e para formar novos profissionais. Foi assim que criaram um curso de pós-graduação em nível de mestrado e doutorado em Educação Especial da UFSCar, antes de existir um curso de graduação na área.

No início da década de 1970, Bori foi procurada por professores do Instituto de Física da USP para ajudar a resolver algumas questões de ensino de Física junto ao curso de pós-graduação em Ensino de Física recém-criado. Inicialmente, ela foi solicitada a auxiliar na

orientação de uma dissertação de mestrado que tinha como objetivo a análise de um curso personalizado. Villani (1998) comentou esta participação:

ninguém poderia ser mais adequado do que a Professora Carolina além de ser famosa por sua competência como pesquisadora na área de Psicologia experimental tinha participado, junto com o Professor Keller, do experimento pioneiro de Brasília, no qual foi utilizado, de maneira inaugural, o que posteriormente foi nomeado de *Método Keller*, ou *Sistema de Ensino Individualizado* (p. 141)

A partir deste contato, começou a oferecer uma disciplina aos alunos do curso de pós-graduação em Ensino de Física e, ao fim deste curso, um grupo de alunas propôs a organização de um curso experimental de Física que seria oferecido aos calouros da graduação em Física da mesma universidade. Todo o curso seria planejado de acordo com os princípios discutidos na disciplina oferecida por Bori. Assim Pacca (1998) descreveu as aulas de Bori:

O Instituto de Psicologia, através do grupo liderado pela Profa. Bori, oferecia disciplinas cujo conteúdo se referia com muita propriedade as procedimentos de pesquisa, que permitiam reconhecer dados relevantes e adequados bem como maneiras de analisá-los com propósitos coerentes do ensinar Física. Nesses cursos, o contato dos estudantes com os professores, especialmente com a Profa. Carolina, era bastante estreito e as avaliações exigiam um grande esforço dos estudantes. Através de entrevistas e seminários, discutíamos questões objetivas e concretas de Ensino de Física, orientados pela intervenção sumária e medida da Profa Carolina: “Professora, qual é o problema que a senhora quer resolver com isto?”, “Professora, será o que aluno entendeu isso?” (pp. 138-139)

Em artigo comentando o desenvolvimento do PSI no Brasil, Bori (1974) afirma que o sistema de ensino implementado em Brasília se tornou popular em cursos de Psicologia no Brasil. Porém, quanto às outras áreas do conhecimento, a utilização do PSI começou pelo Departamento de Física da USP. Segundo a autora, “havia um clima de insatisfação com o estado do ensino de ciências no Brasil que se mostrou em várias direções, percorrendo desde encontros informais à discussões em simpósios que lidam com a necessidade urgente de inovação metodológica” (p. 69) e, neste contexto, foi solicitado a ela que oferecesse um curso sobre princípios básico do comportamento. A partir de então, o curso começou a ser oferecido para estudantes de física e engenharia.

Outras ações desenvolvidas por Bori em sociedades, associações e fundações científicas não específicas da Psicologia foram estavam ligadas à SBPC, ao IBECC e à Estação Ciência.

Junto ao IBECC, coordenou o prêmio Jovem Cientista, desenvolvia equipamentos, protótipos e kits para ensinar ciências. e investia em equipamentos para a educação infantil como kits de química, uns kits de física, etc. Além disso, o IBECC também produziu caixas de Skinner. O ensino básico e fundamental também foi foco dos trabalhos de Bori durante sua atuação da Estação Ciência, onde ela coordenou cursos de formação de professores de ciências, professores do país inteiro, elaborando material didático.

Bori esteve vinculada à sociedades científicas desde o início de sua carreira. Já em 1954, seu nome constava na relação de sócios admitidos na Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Neste mesmo ano, assumiu a presidência da Associação Brasileira de Psicólogos, uma das associações que participou da elaboração de uma proposta para regulamentação da profissão de psicólogos. Outra sociedade importante nesta luta foi a Sociedade de Psicologia de São Paulo, da qual assumiu a presidência nos anos 1960 e 1961.

Nas sociedades de psicologia, participou ativamente do reconhecimento da profissão tanto na elaboração de projetos de lei, quanto no pedido de assinaturas para que a lei fosse votada pelos deputados e até mesmo na luta pelo reconhecimento da profissão pela sociedade. Na sessão “Notícias” da revista Boletim de Psicologia (1961, 41 e 42), os responsáveis pela sessão anuncia a defesa de Bori pela equiparação do cargo de “psicologista” aos demais cargos de nível universitário. Após o reconhecimento da profissão, em 1962, Bori integrou uma comissão que daria o título de psicólogo para quem já atuava na área antes de seu reconhecimento. Além dela, M. B. Lourenço Filho, Pe. A. Benkö, P. Parafita Bessa e Enzo Azzi também integraram a comissão.

Bori também assumiu cargos na diretoria de outras sociedades como Associação de Modificação de Comportamento (1969/1976), Sociedade Brasileira de Psicologia (1990/1994) e Associação Nacional de Pesquisa e Pós Graduação em Psicologia (1984/1986).

Contudo, foi na SBPC que Bori lutou pela construção de um sistema de política científica no Brasil, discutindo com políticos brasileiros sobre os rumos da ciência no Brasil. No Boletim Informativo da SBPC, nº 103, referente ao mês de julho de 1987, há um telex enviado por Carolina Bori ao então ministro da Ciência e Tecnologia, Renato Archer:

Manifestamos preocupação com notícias da possível redução do número de bolsas de estudo e da desvinculação do seu valor dos níveis salariais dos professores de universidades federais. Consideramos importante preservar política de expansão do número e estabilidade valores de bolsas condição necessária para garantir sucesso dos programas de formação de recursos humanos.

O aumento do número de bolsas e o seu vínculo aos níveis salariais das universidades federais é antiga reivindicação da comunidade

científica. Alterações como as noticiadas redundarão em grave retrocesso na política de apoio ao desenvolvimento científico sucessivamente reafirmada pelo governo. (p.6)

Outro exemplo de discussão política de Bori é outro telex, entre vários, enviados ao então presidente da república José Sarney, sobre a inclusão do Ministério de Ciência e Tecnologia à outros ministérios ou suprimidos. Segue o texto:

A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e a Comissão das Sociedades Científicas vêm a público manifestar a sua preocupação com o noticiário sobre a inclusão do Ministério da Ciência e da Tecnologia entre os que podem ser suprimidos ou fundidos com outros, como parte da reforma político-administrativa anunciada pela presidência da República. A criação do ministério representa uma mudança na política científica e tecnológica do país e uma avaliação objetiva dos serviços que pode prestar requer muito mais tempo do que os seus dois anos e meio de existência, que foram, em grande parte, consumidos no difícil trabalho inicial de instalá-lo e estruturá-lo. Filiam-se ao Ministério da Ciência e Tecnologia entidades responsáveis por grande parte da formação de recursos humanos e por quase toda a atividade científica que se desenvolve nos institutos de ensino superior e pesquisas do país. A estabilidade e a continuidade nas ações a cargo destas entidades é da maior importância para o desenvolvimento social e econômico da nação. Submetê-las a transições e reorganizações frequentes não é a forma adequada de se promover o desenvolvimento nacional em ciência e tecnologia". Carolina M. Bori (presidente da SBPC) e Alberto Carvalho da Silva (coordenador da Comissão das Sociedades Científicas). (Boletim Informativo da SBPC, nº 109, 10/10 a 16/10/1987, p. 5)

6.6. LIVRE-DOCÊNCIA

Um episódio marcante na vida acadêmica de Carolina M. Bori aconteceu no ano de 1969. Nesta época, o sistema de ensino das universidades brasileiras estava em discussão e um dos motivos de insatisfação era o sistema de cátedras, já que uma das reivindicações dos estudantes era participar mais das decisões da universidade e terem uma maior representatividade. E a psicologia da USP começava a se reestruturar.

Bori descreveu este período ao Keller, por carta, em 1967. Disse:

Por aqui não muito entusiasmo existe. As resistências para mudar parece que são cada vez maiores. A situação geral do país não anda lá muito boa como o senhor sabe e isto condiciona as pessoas a preferirem posições mais radicais. Imagina o que isso significa em psicologia! Infelizmente, não posso dizer que algum de nós ainda tem grandes esperanças.

Estamos desde fins de junho experimentando uma divisão interna da cadeira em dois setores: um social e industrial e outro experimental e comparativa animal. Sou a responsável pelo último, o que não quer dizer muita coisa. Dona Annita continua boicotando muita a área toda de experimental.

Segundo Cunha (1998), quando a cadeira de Psicologia se torna um Departamento, todo o corpo docente do novo departamento pressionou Carolina Bori para ela se submetesse ao exame de livre-docência porque ela teria mais condições e isto daria mais força ao grupo. Ele afirma ter lido a tese e ajudado com alguns comentários.

Na tese, intitulada “Famílias de Categorias Baixa e Média de Status Social de Centros Urbanos: caracterização das relações formais e informais dos membros e do papel social dos cônjuges”, utilizou dados coletados pelo CBPE a partir de estudos de campo e coleta a partir de entrevistas e questionários. Os dados coletados foram usados para discutir a família: papel do esposo e da esposa, papel social dos membros, posição dos membros e relações externas em relação à família. Por fim, Bori faz apontamentos sobre as opções metodológicas e conceituais dos estudos.

Com o trabalho concluído e submetido ao concurso de livre docência, a banca sugeriu que ela retirasse a tese e não a defendesse, pois seria reprovada. Segundo Cunha (1998), houve uma reunião entre os professores da comissão avaliadora (que incluía um professor da cadeira de Psicologia Educacional) e decidiram sugerir a retirada da tese porque ela seria reprovada. Afirmou o autor: “Submetida a tese, a Comissão Examinadora solicitou que fosse retirada sob pena de ser reprovada, claramente uma forma de evitar que ela conseguisse o título, já que certamente era melhor do que muitas outras teses aprovadas, segundo minha experiência” (Cunha, 1998, p. 59).

Este episódio também foi comentado por Luiz Edmundo de Magalhães, geneticista que trabalhou com Bori na SBPC a partir da década de 1970, em entrevista pessoal. Ele destacou que, desde o início da Psicologia, na USP, havia uma separação entre os profissionais de diferentes escolas e disse que, injustamente, ela teve um insucesso em obter a livre-docência: “Eu me lembro que foi um coisa muito desagradável, muito triste que ela superou porque a Carolina era um pouco estoica também. Estoicismo, uma resistência a não se incomodar com o sofrimento e fazer as coisas” e se apoiava nos seus alunos que formavam um grupo muito grande que a confortava.

Por fim, em carta escrita no dia 11 de novembro de 1969, Keller dá a Bori a sua impressão deste período pelo qual ela passava. O texto não traz informações sobre este evento

em si, mas ajuda a entender um pouco mais sobre como Bori e as pessoas com quem ela convivia lidaram com ele:

“Dona Mausi tinha algumas más notícias. Ela me diz que você tem trabalhado muito duro. No começo eu lhe disse que este era apenas o seu modo de vida, mas ela finalmente me convenceu de que você está com excesso de trabalho --- que você estava carregando fardos demais no Departamento e um adicional de preparação para o exame livre-docente. Eu sinto muito sobre isso. Espero que, até agora, pelo menos, o exame esteja fora de caminho, e tenho certeza que você fez uma defesa caracteristicamente profunda, e eu espero que você esteja agora a bronzear-se na praia (é quente o suficiente?) Ou à procura no mundo de alguma alta montanha.

Tenho certeza de seu sucesso no exame. Mas mesmo se, por algum motivo ou outro, algo tenha se virado contra você (como muitos líderes tem de uma vez ou outra), eu espero que você não se sinta derrotada. Você é uma história de sucesso já, em todos os sentidos importantes, e continuará a ser, uma vez que você é uma professora. Seus alunos a amam e a admiram e respeitam, não por sua alta posição, mas por sua dedicação à ciência psicológica, a sua vontade para compartilhar tudo o que você sabe, e seu encorajamento de seus próprios esforços. Seu filho, sua sala de aula, e o carinho dos alunos teus --- estas são as coisas importantes. E a sua saúde --- não se esqueça disso” (Keller, 11 de novembro de 1969)

6.7. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Cunha (1998), afirmou que Bori foi “a ‘Dama de Ferro do Instituto de Psicologia’. É uma mulher de uma energia inquebrantável, que não se deixa abater por derrotas. Sempre teve suas próprias ideias e foi capaz de perseguir os seus ideais, apesar dos revezes” (p. 60). Esta característica descrita pelo autor pode ser ampliada para todos os setores em que atuou. Ocupou diversas posições administrativas em universidades e sociedades científicas para que pudesse desenvolver aquilo que julgava ser importante. Defendeu o método experimental na psicologia independente das opiniões contrárias, lutou pela difusão do conhecimento científico em todas as camadas da sociedade, ajudou a elaborar o sistema científico brasileiro, contribuindo para o desenvolvimento de uma cultura científica.

7. ANÁLISE HISTÓRICA DE PUBLICAÇÕES DE CAROLINA MARTUSCELLI BORI

Em textos sobre história da psicologia no Brasil, facilmente encontram-se referências à Carolina Bori. Além da edição especial da revista *Psicologia USP* de 1998 (número todo dedicado a ela), cerca de 11 outros artigos sobre ela foram escritos após seu falecimento. Todos eles descrevem ações desta professora, que atuou em várias frentes de trabalho em prol de uma cultura científica, porém, pouco se sabe sobre a sua própria produção bibliográfica. Por exemplo, apenas 6 das 26 referências de artigos com autoria dela (identificados até o momento) são citados na edição especial da *Psicologia USP* (além dos 8 artigos, mais três resumos de trabalhos por Bori foram citados). Assim, neste trabalho, a produção bibliográfica de Bori foram os documentos utilizados para identificar uma noção de Ciência e Psicologia.

Dos 26 artigos identificados, 23 foram localizados, incluindo sua tese de doutoramento (1959), um editorial da revista *Ciência e Cultura* (1989) e um artigo de 2007 (após sua morte, quando Silvio Paulo Botomé publicou uma apresentação que Carolina Bori fez em uma mesa redonda sobre “A pesquisa no Brasil; problemas e soluções”, na Universidade de Brasília em outubro de 1984).

A análise que se segue foi realizada visando identificar a maneira como a ciência e a psicologia são definidas em sua obra. Como a cultura científica tem se identificado mais com sua atuação do que com sua obra, identificar alguns conceitos que representam sua atuação pode ser de grande importância.

7.1. DEFINIÇÃO DE CIÊNCIA

Os textos publicados por Bori desde o início de suas atividades como professora assistente da cadeira de psicologia no curso de Filosofia da Universidade de São Paulo já contém informações que ajudariam a definir a ciência conforme seu ponto de vista. Em 1959²², por exemplo, ela publicou sua tese de doutorado, intitulado “Os experimentos de interrupção de tarefa e a Teoria de Motivação de Kurt Lewin”. Nele, antes de discutir os experimentos de interrupção de tarefas, a autora discute a maneira pela qual a ciência se desenvolve, apresentando a necessidade de “adotar a maneira de pensar galileica” (Martuscelli, 1959, p. 12), em vez da maneira de pensar aristotélica.

²² Publicada em 1959, mas concluída em 1953.

Segundo a análise da autora, os conceitos aristotélicos são organizados de forma dicotômica, são classificações abstratas e incluem valoração. Cientistas que adotam esta visão consideram como objeto apenas aqueles eventos que são regulares e frequentes: fatos individuais ou exceções acabam ficando de fora das concepções científicas.

Uma concepção mais adequada de ciência, proveniente da física, seria a concepção galileica. Cientistas que adotam esta concepção se opõem ao uso de conceitos valorativos. Os conceitos dicotômicos se tornaram, por sua vez, gradações contínuas: “Verificou-se uma transição do conceito de classe para o conceito de série” (Martuscelli, 1959, p. 12). Assim a autora descreve a importância deste novo modo de elaborar conceitos científicos:

Uma das contribuições mais importantes da maneira galileica de pensar é a descrição da realidade concreta mesmo quando se trata de um caso único. E assim também o caso individual, segundo essa orientação, é caracterizado e estudado no seu aspecto quantitativo. (Martuscelli, 1959, p. 12)

Bori também adota uma noção funcionalista de ciência ao afirmar que o objetivo de toda teoria científica é explicar, “o que significa estabelecer as relações funcionais entre as variáveis” (Martuscelli, 1959, p. 145) e isto deve ser feito ultrapassando os limites das observações diretas. Assim, uma teoria científica é considerada uma generalização para além dos dados imediatos.

Contudo, há um problema que se coloca nesta lógica das ciências. Segundo a autora, este é o problema da construção e formulação dos conceitos. A questão dos enunciados científicos é abordada por Bori como uma dificuldade de toda a ciência, uma vez que são nos enunciados que as relações entre as variáveis são expressas, permitindo a generalização: “A dificuldade primordial está no fato de que o conceito tem que unir numa palavra ou frase toda uma série de observações, feitas em épocas e condições diferentes” (1959, p. 146).

O método científico também é outro ponto discutido por Bori. Em diversos momentos, a autora privilegia o método experimental como “o método a ser preferido entre todos” (Bori, 1952/1953, p. 17). Isto porque

A experimentação é tanto uma maneira de pensar como um grupo de técnicas e precauções de laboratório. O laboratório é tradicionalmente considerado como uma situação de investigação na qual o estudo científico de um fenômeno pode se verificar sem a intervenção de fatores desconhecidos de qualquer magnitude. Um experimento é simplesmente uma observação feita sob condições de controle (Bori, 1952/1953, p. 09).

Uma experimentação, portanto, deve ser feita a partir do controle de variáveis, mantendo constantes todos os estímulos, exceto aquele cujo efeito pretende-se avaliar: “Se pudermos mostrar que a resposta varia de uma maneira sistemática em relação à variação dos estímulos, teremos estabelecido um fator causal de um fenômeno psicológico” (p. 10). Porém, vale considerar que, para a autora, apenas com essas observações não há uma contribuição científica. Para tal, os resultados gerados pela observação em condições controladas devem ser interpretadas com base no corpo teórico da área. Para que estes resultados sejam de fato, uma contribuição científica, eles precisam ser comparados com resultados e teorias já produzidas até então:

Há ainda a considerar, porém, a interpretação crítica dos resultados, que traz em si a mais difícil e delicada de todas as funções do experimentador e dá a experimentação sua forma de contribuição científica, porque ela engloba os dados obtidos num todo coerente de conhecimentos comprovados (Bori, 1952/1953, p. 16).

Para Bori, as maiores críticas que uma teoria científica pode receber estão relacionadas ao método utilizado, seja no desenvolvimento ou na verificação da teoria, ou, como afirma a autora,

No nível mais baixo estão as críticas ao processo de verificação da teoria. Tais críticas se resumem nas técnicas que foram usadas para determinação dos fatos que a comprovam”.

Mais geral que a crítica à técnica, mas ainda do mesmo tipo, é a crítica à aplicabilidade de um experimento a uma dada teoria. Tal crítica poderá mostrar que os fatos tais como foram mencionados podem ser colocados em mais de um contexto e que a investigação deixa de distinguir entre esses contextos (Martuscelli, 1959, p. 145)

Assim, pode-se notar que, do ponto de vista de Bori, o conhecimento científico deve ser produzido a partir de eventos individuais, buscando relações funcionais entre eventos. Aparentemente, isto evita a construção de conhecimento por classificação de fenômenos regulares e a valoração de fenômenos estudados. A experimentação ganha destaque em relação à outros métodos de construção de conhecimento, apesar de não recusar a possibilidade de construção de conhecimento a partir de outros métodos e mesmo apontar a necessidade de fazê-lo, como será discutido adiante a partir dos texto dela. É possível encontrar análises históricas de conceitos e técnicas (Bori, 1955/1956, por exemplo), defesa do conhecimento da história da área (Botomé, 2007) e o relato da utilização de uma pesquisa sócio-psicológica, caracterizada quando

a complexidade da situação torna a princípio impossível um ataque direto a um ou outro aspecto, que parece ser o mais importante... Tudo que pode se esperar de um trabalho deste tipo é chegar o pesquisador a formar uma ideia das interrelações estabelecidas, dos aspectos que poderão ser estudados diretamente mais tarde e do tipo de técnicas mais adequadas ao estudo (Martuscelli, 1957a, p. 85).

Na pesquisa em que ela utilizou este método, tinha o objetivo de levantar hipóteses que pudessem explicar o “comportamento exteriorizado” (Martuscelli, 1957a, p. 84) por pessoas de uma seita religiosa do interior de Minas Gerais. Assim, o método utilizado em uma pesquisa deve ser escolhido de acordo com o objeto de interesse. Isto pode ser concluído quando a autora justifica a opção metodológica de seu estudo: “Os fatores que poderiam ser importantes e, portanto, deveriam ser objeto de verificação, não são conhecidos e nem sempre seriam prontamente controlados se se suspeitasse de uma existência e atuação” (Martuscelli, 1957a, p. 85)

Outro ponto importante na definição de ciência de acordo com Bori é uma preocupação com as definições de conceitos estudados. Ao propor estudar o comportamento manifestado pelo grupo, afirma:

partimos da hipótese geral e básica de que o comportamento do indivíduo é determinado pela estrutura do campo psicológico no momento da ação. O campo psicológico submetido à experiência como estendendo-se ao redor do indivíduo, inclui o indivíduo e a experiência dos objetos e pessoas que compõem o campo. O indivíduo é concebido como sofrendo a influência de um campo de forças psíquicas exteriores ao seu próprio corpo, e ele sente-se a si mesmo locomovendo-se sob a ação dessas forças em direção de um objetivo positivo ou afastando-se de um objetivo negativo (Martuscelli, 1957a, p. 85)

A definição de conceitos aparece também em estudos sobre evasão escolar (Bori, 1969), em distinção entre experimentos e aparelhos (Bori, 1964), expressão de personalidade (Martuscelli, 1954/1955, Bori, 1955/1956), técnicas projetivas (Martuscelli, 1954/1955).

Em 1984, Carolina Bori participou de uma mesa redonda na Universidade de Brasília, discutindo o tema “A pesquisa no Brasil: problemas e soluções”. O que foi exposto por Bori foi gravado e, em 2007, Silvio Paulo Botomé, que havia trabalhado na transcrição e edição do texto, publicou esta apresentação com o título “Onde falta melhorar a pesquisa em Psicologia no Brasil sob a ótica de Carolina Martuscelli Bori”. Segundo Botomé, grande parte da edição do texto foi feita com a supervisão da própria Carolina Bori, porém, ela faleceu antes de

conseguirem enviar para publicação. Ainda assim, ele considerou importante que publicasse o texto.

Nesta apresentação, Bori analisa o desenvolvimento científico nacional, incluindo a necessidade do desenvolvimento de todo tipo de pesquisa. Para ela, a produção de conhecimento é a base para o desenvolvimento do país, portanto, é compromisso dos cientistas discutir e apresentar suas pesquisas para toda a população: “E essa é uma tarefa enorme e desafiadora que o cientista tem neste País: ele não pode continuar a falar sozinho ou para seus pares, ele precisa aprender a falar também para as pessoas dos mais diferentes segmentos da população” (Botomé, 2007, p. 31).

Para que a população possa, de fato, ter acesso ao conhecimento científico de qualidade, o cientista deve dominar o conhecimento existente

O conhecimento existente no mundo, pelo menos na área em que cada cientista atua e em áreas afins, é fundamental para o desenvolvimento como Ciência e como sociedade. Não apenas o conhecimento científico como também o conhecimento produzido por outros processos (ou maneiras) de conhecer. Todos são contribuições que precisam ser conhecidas. Sem ‘dominar o conhecimento’ existente, não superaremos as condições em que vivemos (Botomé, 2007, p. 32)

Afirma que o ponto principal de qualquer discussão sobre ciência deve ser as questões da sociedade brasileira. Para ela, tudo que será realizado em pesquisa, no Brasil, deve ter como foco as necessidades e condições do país. Não se trata do desenvolvimento de uma ciência nacionalista, mas de uma busca por solução de problemas específicos do Brasil. A autora critica cientistas que importam soluções ou uma visão de que, como a ciência brasileira é incipiente, não é mais necessário desenvolvê-la. Segundo a noção de ciência de Bori, importar soluções de países que estão mais desenvolvidos não é uma prática adequada.

a perspectiva de exame do problema precisa ser uma perspectiva brasileira. Só é possível equacionar “soluções” que sejam apropriadas ao contexto de desenvolvimento da Ciência e da Tecnologia **deste meio**. Da Ciência e Tecnologia apropriadas ao desenvolvimento **deste país** (Botomé, 2007, p. 31, grifo do autor)

Todos estes aspectos podem ser encontrados em uma fala de Bori (1989), também em Brasília, na Câmara dos Deputados, para discutir uma proposta do Poder Executivo que previa um recurso financeiro insuficiente para o setor de ciência e tecnologia. Na ocasião, Bori, como presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, discute afirma: “Neste painel, pesquisadores discorrerão sobre o que se faz em nome da ciência, por meio dela ou visando seu desenvolvimento. Mas, também, a propósito da ciência, de sua utilização e de sua

responsabilidade social” (Bori, 1989, p. 213). A autora baseou sua fala no Artigo 218 e 219 do capítulo da ciência e tecnologia presentes na Constituição Brasileira. No geral, estabelecem que é papel do Estado promover e incentivar o desenvolvimento científico, a pesquisa e a capacitação tecnológica. Além disso, enfatiza a importância do desenvolvimento de tecnologias para solução de problemas tipicamente brasileiros.

A Ciência é vista por Bori como uma atividade coletiva e, junto com a Tecnologia, são dois ingredientes que ajudariam na solução dos problemas que o país enfrenta. A Universidade seria o local, por excelência, onde Ciência e Tecnologia se desenvolveriam. Os profissionais deveriam ter “uma formação científica suficiente para serem capazes de produzir conhecimento e atuar na sociedade de maneira coerente como o melhor conhecimento existente” (Botomé, 2007, p. 34).

Há outro ponto a se considerar na noção de ciência proposta por Bori. Para ela, o cientista deveria conhecer o que já é conhecido. Isto implica em conhecer a história da ciência como pré-requisito para produção de um conhecimento que seja, de fato, relevante:

Não parece aceitável ver a extinção de muitas condições criadas para responder a necessidades do País, sendo substituídas por rotinas de atividades consagradas pela inércia e pelo hábito dos que já aprenderam a realizar essas atividades sob as condições existentes hoje. A gênese de muito do que a Ciência conseguiu nos dias atuais está em algumas décadas antes e nós ignoramos isso. Sem história não faremos ciência. Pelo menos Ciência digna desse nome” (Botomé, 2007, p. 34)

Por fim, vale considerar uma mudança de ênfase na discussão sobre ciência nas publicações de Bori, o que não significa uma mudança na noção de ciência. Em suas primeiras publicações, há uma defesa do método experimental (Bori, 1952/53, 1953/54, 1955/56), o que não deixou de acontecer ao longo do tempo, porém, parece haver, nas últimas publicações da autora (Bori, 1989; Botomé, 2007, por exemplo) uma defesa da construção do conhecimento que seja mais integrado e que vise atender às necessidades da população brasileira.

A definição de ciência, de acordo com as publicações de Bori, enfatiza as atividades coletivas do cientista visando a construção do conhecimento de modo coerente. Isto significa dizer que um cientista deve dominar todo o conhecimento da área e apresentar o resultado de suas pesquisas de modo coerente. Teoria e dados de experimentação fazem parte de uma mesma preocupação e devem estar presentes em todas as propostas de solução de problemas

sociais. Aliás, a grande preocupação que os cientistas deveriam ter é a solução de problemas que o país enfrenta.

Uma teoria científica deve, portanto, apresentar enunciados com generalizações das relações funcionais entre eventos e, além disso, deve ser apresentada a toda a população que possa se interessar pelo conhecimento. Este deveria ser o caminho da ciência.

7.2. DEFINIÇÃO DE PSICOLOGIA

Na tentativa de responder à pergunta “Qual a contribuição de Carolina M Bori para o desenvolvimento de uma cultura científica nacional?”, o problema da psicologia se torna relevante por ser a área do conhecimento no qual Bori atuou e formou novos pesquisadores. A análise realizada a partir de sua obra permite conhecer alguns aspectos de Bori como alguém atuante na produção de conhecimento, sua difusão e no ensino.

Em artigos que tratam principalmente do ensino de psicologia, métodos de pesquisa e estudos de grupos (este, principalmente na década de 1950), Bori, discutiu a necessidade de desenvolver um pensamento crítico na psicologia a partir do desenvolvimento de pesquisas. Defendeu a introdução do método experimental na psicologia e realizou pesquisas com variados métodos (conceitual, sociodemográfico, experimental, aplicação de testes psicológicos). Contudo, vale lembrar que suas publicações não são pesquisas numerosas e nem foram encontrados trabalhos de intervenção. A definição de Psicologia apresentada por Bori foi elaborada a partir de discussões acerca do objeto de estudo, do método para produção do conhecimento científico e da formação em psicologia.

O objeto de estudo

Ao analisar a discussão feita por Bori quanto ao objeto de estudos da Psicologia, percebe-se que, desde suas primeiras publicações, há um interesse na compreensão do comportamento. Contudo, há uma mudança na maneira de compreender comportamento que se torna significativa em suas publicações a partir de 1964.

Nas publicações antes de 1964, comportamento era entendido como expressão de desejos, emoções e “características mais profundas e duradouras englobadas no conceito de ‘personalidade’” (Martuscelli, 1954/1955, pp. 59-60). Era estudado a partir de testes psicológicos, principalmente a prova do desenho da figura humana de Karen Machover, um teste projetivo. Para ela, “o indivíduo, a reagir aos estímulos experimentais apresentados dá uma amostra, numa escala reduzida, dos característicos do seu comportamento mental e emocional e do ajustamento social ao seu ambiente” (Martuscelli, 1954/1955, p. 60).

Neste primeiro momento de suas publicações, era comum o estudo de conceitos como personalidade e motivação, como conceitos explicativos dos comportamentos. Outro conceito muito presente neste período, que se relacionava com a personalidade e motivação, é o conceito de campo psicológico, conforme teoria de Kurt Lewin.

O conceito de campo, segundo Bori, seria um conceito básico, uma vez que o comportamento é determinado pela sua estrutura. Baseando-se em Lewin, Bori afirma: “Uma das características básicas da teoria de campo em psicologia ao meu ver – afirmou Lewin – é que requer que o campo que influe sobre um indivíduo seja descrito na maneira que existe para a pessoa naquele tempo e não em termos de ‘objetividade física’” (Martuscelli, 1959, p. 14)

Este conceito já havia sido utilizado por Bori (Martuscelli, 1957) ao estudar o comportamento manifesto de um grupo do interior de Minas Gerais. Nesta pesquisa, afirmou que “Ao estudar o comportamento manifesto pelo grupo durante os acontecimentos, partimos da hipótese geral e básica de que o comportamento do indivíduo é determinado pela estrutura do campo psicológico no momento da ação” (Martuscelli, 1957a, p. 85). O conceito é mental e refere-se à maneira pela qual o indivíduo compreende suas barreiras e fronteiras. Assim, o modo como o indivíduo agirá depende da maneira como o campo é organizado. Todo ajustamento e motivação dependem, portanto, do processo pelo qual seu campo de forças psíquicas se organiza.

A partir de 1964, os conceitos utilizados na busca da compreensão do comportamento deixam de se identificar com a proposta da Gestalt, conforme Lewin, e se aproximam da proposta behaviorista, conforme Skinner. Em textos em que ela discute o ensino de Psicologia ou métodos para o ensino, observam-se alguns conceitos skinnerianos:

O objetivo do ensino consiste, em geral, em incrementar e diversificar o repertório de comportamentos dos indivíduos. Como isto supõe aprendizagem, os bons métodos educacionais devem utilizar o que há de melhor na compreensão que se tem do processo de aprendizagem (Keller, Bori e Azzi, 1964, p. 397)

No trecho acima, em coautoria de Keller e Azzi, os autores definem aprendizagem a partir do incremento e diversificação do repertório comportamental, conceito que se refere às possibilidades de ação de um indivíduo em relação ao ambiente. Este princípio teria sido norteador do curso de Psicologia que estavam organizando na Universidade de Brasília.

Em outro texto, Bori (1974), ao discutir o desenvolvimento do PSI no Brasil, novamente apresenta a compreensão do comportamento a partir da proposta skinneriana.

Neste texto, a autora afirma que o sistema de ensino que ela propunha não enfatizava mais a programação de cursos. Isto porque, ao assumir as contingências de três termos como unidade de análise, as atividades propostas para o ensino já não podem mais identificar tal sistema: “Claramente falando, nós já não ensinamos pessoas à programar cursos, mas buscar por contingências dentro das atividades e programá-las”. (Bori, 1974, p. 72). Isto significa que a proposta de atividades de ensino deve envolver

um completo exame dos antecedentes do qual o específico comportamento é uma função, o comportamento, por ele mesmo, e suas consequências. Uma vez que as contingências de três termos são agora nossa unidade de estudo, as próprias atividades já não mantêm sua identidade. Nosso trabalho crescentemente se tornou um estudo das contingências. (Bori, 1974, p. 72)

Com isso, nota-se a importância que Bori dá à compreensão do comportamento e das variáveis que o afeta. Adota uma visão determinista, seja antes de 1964, quando afirmou que o comportamento é determinado pela estrutura do campo, seja após 1964, quando passou a afirmar que o comportamento é função das variáveis ambientais.

A questão do método

Assim como na discussão sobre ciência, a questão do método da psicologia ganha destaque em suas publicações. Em diversos momentos, Bori faz uma defesa da experimentação, cita alguma pesquisa experimental como base para aplicação ou o papel do experimentador e do sujeito.

Em sua tese de doutorado os primeiros parágrafos sintetizam a posição de Bori em relação à experimentação. É uma profissional preocupada com os métodos utilizados na psicologia, preocupada em divulgar os avanços em relação ao método, à experimentação e ao conhecimento produzido. Não se trata de uma defesa da teorização da Psicologia, ou seja, da construção de uma Psicologia despreocupada com teorias, hipóteses, nem muito menos da filosofia ou qualquer outra forma de conhecimento. Trata-se de incluir um método que utiliza de condições rigorosas de controle de variáveis, proporcionado pelo laboratório, como etapa necessária para a construção da ciência psicológica:

A psicologia ampliou durante os últimos cem anos seu conteúdo, tornou cada vez mais rigoroso seu método científico, e ninguém lhe poderá negar hoje o lugar a que tem direito entre as demais ciências. Apesar das diferenças que existem entre os psicólogos, diferenças de interesse e orientação, todos estão de acordo em que a psicologia só poderá ser considerada uma ciência na medida em que se basear na experimentação.

Nem a psicologia, nem outra qualquer ciência pode prescindir da teoria. Mas essa teoria para ser aceita deve ser verificada pelo método experimental. O relevo dado a essa verificação como uma fase na construção da teoria, evidencia uma maturidade crescente dos estudos psicológicos. As hipóteses são proposições que o psicólogo não deverá considerar como afirmações de fato. Mas ao contrário, como problemas de experimento (Martuscelli, 1959, p. 5).

Para ela, a expressão “Psicologia Experimental” não deveria denotar uma área independente da Psicologia. Ao contrário, toda teoria em psicologia, deveria incluir pesquisas de laboratório, feitas em condições controladas. Deste modo, falhas nas conclusões das pesquisas não deveriam ser consideradas falhas no método, mas falhas nos arcabouço teórico que fundamenta a pesquisa, uma vez que os dados obtidos em uma pesquisa só tem algum valor quando analisados à luz de uma teoria. Um subsequente aprofundamento teórico auxiliará na elaboração de novas investigações. Esta é uma questão extremamente importante na concepção de psicologia de Bori apresentados em textos da década de 1950. A qualidade de uma teoria deveria ser observada em relação à possibilidade de realização de pesquisa em condições controladas e outras observações. Qualquer teoria que não permita sua verificação é uma teoria falha. Foi exatamente esta relação entre experimentação e teoria que Carolina Bori pesquisou em sua tese de doutorado. Apesar de toda esta discussão acerca da experimentação, ela tem apenas uma pesquisa experimental publicada (Todorov, Souza e Bori, 1993)

Para Bori, um passo importante na introdução do modo de pensar galileico na psicologia, um modo de pensar que considera o caso individual, sem elaborar conceitos valorativos e a interpretação por classificação, como discutido anteriormente, é o estudo da “*situação* na qual se verifica o fato psicológico” (Martuscelli, 1959, p.13). Isto é importante porque muda a forma como a análise é feita: desvia-se o olhar das classificações rígidas para as “condições momentâneas do indivíduo e a estrutura da situação psicológica” (p. 14). Em suas palavras:

A tarefa que se apresenta à psicologia seria, em última análise, procurar representar essa situação psicológica concreta com suas características individuais e a estrutura concreta da pessoa. (Martuscelli, 1959, p. 11)

Esta situação de crise dentro da psicologia evidenciaria a necessidade de uma teoria capaz de determinar as interrelações causais, de manter uma estreita relação com os fatos e de englobar num único sistema todas as contribuições esparsas dos vários ramos da psicologia, representando tanto a lei geral quanto as características do caso individual. Uma teoria com tais peculiaridades só poderia ser

construída abandonando qualquer tipo de classificação e tentando apresentar determinados conceitos. (Martuscelli, 1959, p. 11)

Para ela, os conceitos da psicologia devem seguir os mesmos procedimentos de elaboração que as ciências mais básicas seguem. Entretanto, a psicologia não deve se reduzir às ciências básicas. Assim, dois critérios devem ser seguidos. Um deles é a necessidade de construções teóricas com propriedades lógico-matemáticas e, o outro é que estas construções devem ser passíveis de definição operacional. Isto porque a verificação das hipóteses por experimentos seria facilitada. A estatística não é vista como pré-requisito para a construção de conhecimento, uma vez que ela pode acentuar a dicotomia ou valoração dos conceitos.

Ao falar sobre controle de variáveis para observação dos efeitos sobre uma variável, a autora discute a possibilidade do próprio sujeito/participante da pesquisa ser o observador. Com isso faz uma defesa da introspecção como método experimental, apesar de apontar algumas dificuldades em utilizá-la. Aqui a autora discute a necessidade de adequar o método ao objeto estudado:

Há um tipo de experimento psicológico em que é a experiência consciente que deve ser estudada e esta pode ser observada somente por aquele que a experimenta. Assim o material é ao mesmo tempo S [sujeito] e observador, porque ele responde aos estímulos e também relata suas observações acerca de suas próprias respostas. Este tipo de experimento segue a tradição de Titchener. Estes experimentos introspectivos tem importantes qualidades. O sujeito psicológico é somente uma parte do material experimental a ser manipulado. Existem também pesos, luzes, instruções, etc., aos quais ele responde. Mas, por outro lado, ele não se limita a ser material experimental. Ele é também um “observador” o que quer dizer que ele tem uma das funções do E [experimentador].

Esta peculiaridade da introspecção torna difícil o controle das condições experimentais pois há uma certa interrelação entre a atitude de observação e a experiência a ser observada por ser o S ao mesmo tempo observador e observado (p. 12).

Outro ponto que se percebe em suas publicações é a defesa que faz da pesquisa livre e independente de seus resultados práticos. Para ela, a prática poderia criar interesses de pesquisa, mas esta não deveria ser a regra. A pesquisa, em seu ponto de vista, seria tão importante quanto qualquer prática e deveria fazer parte da formação de novos profissionais. Esta defesa pode ser observada quando ela afirma que o teste da figura humana, de Karen Machover, deveria interessar apenas ao pesquisador. Apesar do grande interesse de clínicos pelo método de avaliação, o uso deste teste não deveria interessá-los porque permite descrever o indivíduo apenas por categorizações. Este teste foi utilizado por ela em outros momentos,

deixando claro que a pesquisa e a prática são independentes. Contudo, mesmo sendo independentes, uma não deveria existir sem a outra. Isto se percebe pela preocupação em desenvolver uma ciência que seja socialmente relevante. Para Bori, não se deve desenvolver um conhecimento e tecnologia que sejam desvinculados dos problemas enfrentados pela população brasileira. Então, mais que a prática profissional, o que deveria dirigir o interesse em pesquisa são as necessidades que as pessoas enfrentam (Botomé, 2007).

7.2.1. A formação em psicologia

Bori apresenta uma grande preocupação com a formação do psicólogo mesmo antes da profissão ser reconhecida no Brasil. Preocupava-se em oferecer conhecimentos produzidos por outras áreas ao futuro psicólogo, em vez de uma formação limitada ao conhecimento produzido pelos próprios psicólogos. Apesar de não especificar quais outras áreas do conhecimento ela considera importante que se ensinasse ao futuro psicólogo, fica clara a importância que a estatística teria, na visão da autora. Percebe-se a preocupação básica com a experimentação, seja a sua realização ou a leitura, pois há a necessidade de formação de profissionais que saibam criticar aquilo que leem, e, para isso, o conhecimento da estatística seria imprescindível. Há, também, a preocupação com a utilização de cálculos estatísticos adequados ao que está sendo estudado, dando o foco ao objeto, em vez do método, porque a interpretação dos dados estatísticos não pode apagar o fenômeno psicológico estudado.

A literatura psicológica faz muitas vezes referências a pontos de vista contrários e às mais diversas opiniões sobre o uso de técnicas estatísticas em problemas psicológicos. Essas discussões, embora teoricamente importantes, não implicam necessariamente numa desvalorização daquele instrumento. Embora vários psicólogos se neguem a reconhecer a validade das técnicas estatísticas quando aplicadas à psicologia e realizem experimentos sem uma qualquer referência a essas técnicas, esta não é a regra geral. Existem psicólogos, e não em pequeno número, que planejam e realizam seus experimentos incluindo um tratamento estatístico muito simples e ainda outros que baseiam seus experimentos exclusivamente na estatística. Naturalmente, o maior ou menor uso de técnicas estatísticas depende, não somente da orientação teórica dos vários autores, mas também do próprio problema da experimentação.

Portanto, mesmo aceitando o ponto de vista dos que criticam o uso da estatística em psicologia, não podemos deixar de reconhecer que o estudante da matéria deve estar habilitado a ler e a compreender os relatos dos experimentos que incluem uma consideração estatística dos problemas psicológicos (Bori, 1953/1954, pp. 18-19).

Outro aspecto importante da introdução da estatística na formação do psicólogo, segundo Bori, é a sua utilização na experimentação, atividade que todo aluno de psicologia deveria desenvolver durante sua formação. A experimentação deve ser parte da formação dos alunos porque o desenvolvimento da própria psicologia depende dela. Para ela, aparentemente, ao utilizar o método experimental, análises estatísticas podem ser consideradas:

o estudante de psicologia será levado a desenvolver uma atividade como experimentador. Essa atividade, da qual depende o desenvolvimento da própria ciência psicológica, requer o conhecimento e a prática de técnicas experimentais como de técnicas estatísticas (Bori, 1953/1954, p. 19).

Esta preocupação com o método experimental deve ser levado aos estudantes de Psicologia pois a experimentação seria uma maneira de pensar (Bori, 1952/1953) que deveria ser ensinada conduzindo o aluno para um ambiente em que todos os fatores que podem influenciar o fenômeno estudado são conhecidos e controlados. Um primeiro relato de Bori sobre a inclusão da experimentação na formação de novos profissionais foi publicado em 1964, contando a experiência da inclusão do trabalho em laboratório na Faculdade de Pedagogia da FFCL de Rio Claro. Na ocasião, defendia que o estudo do comportamento, em laboratório, auxiliaria na compreensão de fenômenos educacionais (Bori, 1964). Esta defesa também foi colocada nos textos que Bori escreveu sobre a criação do Departamento de Psicologia da UnB, onde alunos teriam o treino de laboratório em todas as etapas de sua formação.

Para ela, há a necessidade de incrementar a formação de pesquisadores, com utilização de aparelhos e laboratório, haja visto o grande número de professores empenhados na formação profissional e em pesquisas que não envolvem técnicas de laboratório. Outra exigência era com a construção e manutenção de equipamentos de laboratório. Bori e Azzi (1964) discutem a preparação do laboratório do Departamento de Psicologia da Universidade de Brasília:

Não temos nenhuma ilusão a respeito da palavra laboratório. Nem nenhum fetichismo em relação a aparelhos. Muito do que chamamos Psicologia foi feito sem eles. Entretanto, os requisitos de controle experimental das variáveis aumentam cada dia mais e todos nós que acompanhamos a literatura especializada – vemos com certo desconforto a eletrificação crescente dos aparelhos, procedimentos e registros. Além disso, a tendência de aumentar cada vez mais a duração dos experimentos acentua-se a ponto de se tornar imparaticável planejá-los sem o devido cabedal tecnológico. Em

suma, os aparelhos se complicam e se especializam. E, sobretudo, encarecem.

De outro lado, não se pode formar investigadores sem que tenham oportunidade de se exercitar com experimentos e ganhar familiaridade com um mínimo de equipamento padrão. Uma orientação experimental sem experimentos dificilmente deixa de ser uma profissão de fé para se concretizar em normas de trabalho (Bori e Azzi, 1964, p. 108-109)

Em um relato de experiência, publicado na revista *Ciência e Cultura*, em colaboração com outros autores (Keller, Bori e Azzi, 1964) pode-se perceber a posição de Bori (e dos outros autores do artigo) sobre a importância que a experimentação tem na formação de psicólogos, na construção do conhecimento e no ensino. Em 1964, Keller, Bori e Azzi publicam o planejamento do curso de psicologia da UnB (que ainda não havia sido iniciado) e dão esclarecimentos sobre suas bases teóricas que permitiram propor um método de ensino totalmente novo. O conhecimento produzido em laboratório de Psicologia, sobre processos de aprendizagem, também deveria ser utilizado em contexto acadêmico, na preparação de aulas. Afirmam:

O objetivo do ensino consiste, em geral, em incrementar e diversificar o repertório de comportamento dos indivíduos. Como isto supõe aprendizagem, os bons métodos educacionais devem utilizar o que há de melhor na compreensão que se tem do processo de aprendizagem. Devem, pelo menos, tentar aplicar os princípios mais facilmente demonstráveis no laboratório, pois, se a solidez dos princípios não depende da prática educacional, a melhor prática será a que mais adequadamente os empregue (p. 397).

Na passagem citada, é dada à experimentação outra importância. Além de ser importante para a formação do profissional da psicologia, é fundamental para o conhecimento dos processos envolvidos na aprendizagem, o que é indispensável na educação. Assim, como o laboratório de psicologia vem testando e demonstrando princípios de aprendizagem, nada mais compreensível do que a utilização destes princípios na educação e na formação de profissionais. Com isso, reconhecem que não se deve esperar apenas que a experiência dos professores seja suficiente para resolução dos problemas educacionais.

Bori tem uma grande preocupação em adequar a psicologia aos métodos aceitos pelas ciências mais básicas. Como todas as ciências naturais, a psicologia também deveria se preocupar com o método experimental, definição dos conceitos, generalização dos resultados e validação de uma teoria. Uma característica da sua produção é a defesa da construção de um conhecimento que seja socialmente relevante e, para isso, os cientistas devem se preocupar

com a divulgação deste conhecimento a todos que possam se interessar. Para ela, a ciência, e a psicologia como uma forma de fazer ciência, são fundamentais para o desenvolvimento do país. A tecnologia deve chegar até a população uma vez que é a própria população que financia seu desenvolvimento.

A formação de psicólogo não deve se restringir a interesses aplicados pois a tecnologia depende de métodos científicos. Como um cientista, a teoria, o conhecimento já produzido e métodos adequados devem ser utilizados ao tentar propor um modo de atuar sobre os problemas sociais. Além disso, é importante, do ponto de vista da autora, assumir a independência do desenvolvimento científico em relação às preocupações com a aplicação.

8. UMA NOÇÃO DE PSICOLOGIA EM CORRESPONDÊNCIAS DE CAROLINA MARTUSCELLI BORI PARA FRED S KELLER

O texto que se segue foi escrito com o objetivo de definir uma noção de psicologia a partir da análise de correspondências trocadas entre Carolina M Bori e Fred S Keller (disponibilizadas pela *Milne Special Collection – University of New Hampshire Library, Durham NH*). A partir da leitura das cartas poderá se conhecer mais sobre o trabalho que Bori realizou em prol da psicologia no Brasil, em três instituições: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, Universidade de São Paulo e Universidade de Brasília. Além disso, o envolvimento e participação de Keller nas atividades em que Bori realizou poderá ser melhor explorado.

As correspondências, como vestígios do passado, são fontes que apresentam informações sobre um determinado período. Nelas, o escritor apresenta suas emoções, motivações, expectativas entre outras singularidades. Geralmente são escritas com um objetivo imediato e seu conteúdo se torna compreensível no presente apenas quando são consideradas em contexto já que é contemporânea dos fatos que narram. Como afirma Rousso (1996),

O documento escrito (carta, circular, auto etc.) proveniente de um fundo de arquivo foi por sua vez produzido por instituições ou indivíduos singulares, tendo em vista não uma utilização ulterior, e sim, na maioria das vezes, um objetivo imediato, espontâneo ou não, sem a consciência da historicidade, do caráter de "fonte" que poderia vir a assumir mais tarde (p. 87).

Deste modo, para que se possa entender a noção de psicologia que os autores tinham a partir dos vestígios deixados nas cartas, é necessário compreender as questões que o período colocava aos sujeitos que escreviam e a quem a correspondência era escrita. Os documentos, então, foram analisados em conjunto, levando em consideração o tempo e o espaço de seus autores.

Inicialmente, pretendia-se buscar uma noção de ciência a partir das cartas, porém, não foi identificada nenhuma discussão sobre o assunto. As primeiras cartas analisadas foram enviadas no ano de 1962. Neste ano, Carolina Bori era responsável pela psicologia ensinada no departamento de pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro ao mesmo tempo em que lecionava da USP. Fred S. Keller havia terminado suas aulas na USP (da qual Bori havia participado como aluna) e retornara para a Universidade de Columbia, instituição da qual estava vinculado. Para seu lugar na USP, Keller indicou Gil Sherman.

Um tema muito recorrente nas cartas escritas até 1969 (ano da última carta escrita por Bori que se teve acesso) é a formação de psicólogos, preparação de material didático, organização de biblioteca e compra de equipamentos para laboratório. Estes temas foram discutidos em relação ao curso da FFCL de Rio Claro, da Universidade de São Paulo, da Universidade de Brasília e do curso que Bori deu na Universidade do Texas como professora visitante. A discussão sobre o que ela considerava necessário para a formação de psicólogos, então, apresenta alguns pontos que ajudaram a definir a noção de psicologia de Bori.

Em todas as cartas escritas por ela no ano 1962 há alguma informação sobre o seu trabalho na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro. Como este ano foi subsequente ao ano em que Keller esteve na Universidade de São Paulo, pode-se notar o impacto do contato entre eles no ano de 1961. Um exemplo das implicações que isto gerou está na utilização do laboratório como recurso didático. Neste período, Bori começava a se interessar pela vertente behaviorista da psicologia, o que gerou implicações na maneira de Bori preparar as aulas. No dia 06 de fevereiro de 1962, Bori contou sobre como o curso de Keller, alterou a preparação de suas aulas:

Minha vontade de introduzir um pouco (em Rio Claro) da sua maneira de pensar e trabalhar me envolveu numa série de decisões desde a compra de gaiolas até naturalmente o preparo de todo um curso de introdução sobre análise do comportamento. Em relação a tudo estou no começo. Na expectativa do Andrés²³ terminar mais duas unidades vamos usar uma improvisação semelhante àquela do seu curso: uma pequena barra de arame e o reforço dado à mão²⁴. Se conseguimos aprender alguma coisa assim, os alunos de Rio Claro também poderão fazê-lo. Contamos com as fotocópias de quase todos os artigos e separatas que aqui deixou e já começamos a fotografar aqueles que continuam chegando em grande quantidade. (Bori, 27 de março de 1962)

²³ Matos (1998) descreve o Andres Aguirre como um inventor muito criativo que se dedicava a construir aparelhos especiais para médicos ortopedistas.

²⁴ Maria Amélia Matos (1998), também aluno no curso de Keller, em 1961, descreve uma unidade de caixa de condicionamento operante improvisada para que os objetivos do curso deste professor norte americano fosse atingido. Afirma:

“Rodolpho havia improvisado um pequeno laboratório didático com quatro ou cinco unidades de "caixas de Skinner", e que na verdade funcionava muito bem. Adaptara, a uma das paredes de gaiolas comuns de passarinho, placas de metal com uma perfuração redonda no meio. Por essa perfuração passava uma vareta de metal de cerca de 30 cm de comprimento, dobrada numa das extremidades como se fora um cabo de guarda-chuva. Cerca de 10 cm da extremidade reta da vareta entravam pela perfuração da placa de metal, enquanto a extremidade curva ficava do lado de fora da gaiola. Quando a parte reta da vareta ("a barra") era deslocada para baixo, a parte curva deslocava-se para cima e batia na placa metálica produzindo o "barulho do bebedouro".

Trabalhávamos sempre em dupla: o experimentador controlava as contingências, registrava o tempo e as respostas e dava ordens ao "bebedouro". O "bebedouro" era o outro membro do par: com uma pequena cuba com água e uma pipeta de vidro "reforçava" os deslocamentos da barra introduzindo a pipeta (devidamente molhada) na caixa, ao alcance do rato”.

Sobre construção de laboratório, Bori disse ter tido maior verba em Rio Claro e, com isso, mais duas unidades de caixa de condicionamento operante poderiam ser construídas para o laboratório e ainda poderiam comparar um painel de controle e registro eletrônico. Chama a atenção, entretanto, que as caixas deveriam ser construídas no Brasil. Como estavam introduzindo uma nova maneira de trabalhar em psicologia, não havia empresas que fabricassem os equipamentos necessários. Buscar por alguém que fizesse este trabalho supriria a necessidade de importação, pelo menos, momentaneamente.

Sobre a formação de profissionais, Bori comenta a necessidade de aumentar o número de pessoas treinadas em pesquisa e que tinha planos para isto, mas que não são comentados na carta. Há apenas uma frase que parece ser uma alusão a isto: “Vou começar com o curso de introdução seguindo aqueles conselhos que me deu na cabine da Biblioteca Municipal” (Bori, 06 de fevereiro de 1962).

De uma maneira geral, o que se observa em algumas cartas escritas em 1962 é uma preocupação de Bori em formar pessoas estudantes que pudessem trabalhar com a teoria do reforço. Por isso, o treino de laboratório na graduação e a preparação de material didático para o ensino da teoria apresentada por Keller.

Enfatizando o crescimento do grupo interessado na área, Bori comentou sobre quatro projetos de pesquisa sobre teoria do reforço enviadas para a consideração da FAPESP. Duas pesquisas eram de Rodolpho Azzi, uma de Bori para desenvolvê-la em Rio Claro e o quarto projeto, para desenvolvimento em Ribeirão Preto dentro do curso de psicologia para médicos. Em todos os projetos havia a solicitação de compra de aparelhos de laboratório. Bori destaca a participação de vários pesquisadores e diz ser importante esse envolvimento, pois um “reforça” o comportamento do outro.

Bori também escreve para comunicar a aprovação de um projeto de pesquisa que seria realizada em Rio Claro – O papel dos estímulos aversivos na aprendizagem: condições que mantêm o comportamento de esquiva. Uma vantagem desta aprovação é que poderiam comparar um equipamento importado e pede sugestão ao Keller:

No momento já iniciei a compra solicitando a licença de importação. Quando esta parte estiver mais adiantada penso escrever o pedido formal para a Grason e Gerbrands e enviar o dinheiro através do banco. O senhor, com sua experiência de compra de equipamento, acha que esta é a melhor maneira de proceder? Se conhecer um meio mais adequado e eficiente poderia me orientar? (Bori, 8 de julho de 1962)

Ainda sobre esta pesquisa, Bori discute a importância do envolvimento de pessoas com mais experiência no assunto para a realização adequada da pesquisa. A chegada de Sherman no Brasil representava a possibilidade de desenvolver a ciência, como pretendia, de modo mais adequado: “Somente a certeza da vinda do Prof. Sherman faz com que nos sintamos alegre com o financiamento recebido. Sem ele apesar de sermos três em Rio Claro – Nilce, Isaias e eu – seria muito difícil desenvolver a investigação sem muito erro” (Bori, 8 de julho de 1962)

Outro contexto em que a formação de psicólogo foi muito discutida foi a criação do curso de psicologia da UnB. A criação deste curso é assunto entre Bori e Keller desde 1962, quando Darcy Ribeiro, então reitor da universidade, convidou Carolina Bori para assumir a função de criar e coordenar o departamento de psicologia. Todo o planejamento foi feito entre Carolina Bori, Rodolpho Azzi, Gil Sherman e, à distância, Fred S. Keller. As cartas contêm tanto comentários sobre o convite que Bori havia recebido de Darcy Ribeiro para criar o departamento, quanto discussões acerca dos rumos que o departamento e a psicologia no Brasil deveria tomar. Sobre a importância da inclusão da experimentação no programa que estavam desenvolvendo, afirmou:

Quando estive em Brasília pela primeira vez e o Darcy Ribeiro (reitor da Universidade) me perguntou como eu organizaria um departamento de psicologia eu lhe respondi que o assunto era muito amplo e exigia estudos e informações que eu não possuía. No momento – eu lhe disse – a única coisa que posso dizer é que se deveria começar organizando um laboratório. Lembro-me que ele perguntou muito surpreso: laboratório para o curso de introdução? Então, seguiu-se uma longa discussão sobre a formação de psicólogo com base na experimentação. Creio que nesse momento Darcy não ficou muito convencido com o meu ponto de vista... Nessa segunda viagem a Brasília recebi a incumbência – convite formal – de organizar o Departamento que deverá começar com cursos em 1964. (Bori, talvez 1962)

Neste trecho citado, Bori torna explícita a sua preocupação em oferecer uma “formação de psicólogo com base na experimentação”. Diante da ideia inicial, Darcy Ribeiro aparentou um pouco relutante com a possibilidade de oferecer a prática em laboratório como curso introdutório de psicologia, porém, não impediu que a ideia fosse elaborada e posta em prática. Nesta carta, Keller foi convidado a participar da criação do departamento, podendo sugerir material bibliográfico, organização do programa de aulas, contratação de professores.

Bori também discute o lugar da psicologia na universidade brasileira. Já em 1962, quando Bori iniciava a organização do departamento de psicologia da UnB, apresenta seu ponto de vista sobre a psicologia:

Li na sua última carta sua opinião sobre a colocação de psicologia num departamento de ciências humanas. Pensando em termos de Brasil, acho que esta colocação não é tão errada. Para se desenvolver, a psicologia terá mais chance num instituto que engloba campos novos no nosso meio, do que ser apenas “um primo pobre” num departamento de fisiologia. O que vai ser importante para este desenvolvimento sem dúvida será o próprio plano de organização do departamento. É essa organização, ao nosso ver, que deve colocar não só o nível mas a própria orientação dos estudos que serão realizados no departamento.

A ideia de começar o funcionamento dos cursos em 1964 por um curso de laboratório de experimento com animais já foi preliminarmente aceita. Com este começo assegurado no plano o resto se seguirá quase que naturalmente. (Bori, 27 de junho de 1962)

Neste trecho retirado de uma correspondência escrita por Bori, pode-se observar uma preocupação com questões de política universitária. O departamento onde a psicologia estaria influenciaria diretamente na verba que receberia, por exemplo. Além disso, a aceitação da psicologia (uma área que acabara de ser legalmente reconhecida no Brasil) poderia acontecer mais facilmente se ela mantiver relação com outros novos campos do conhecimento. Porém, apenas a relação com outras disciplinas não garantiria o desenvolvimento da psicologia como ela pretendia. Para isso, a maneira como o curso está organizado é o que deve garantir tal desenvolvimento (e este previa um curso de laboratório de experimentos com animais como introdução à psicologia).

Bori escrevia dando notícias sobre como o curso estava estruturado e como a equipe profissional estava trabalhando. Em carta de 17/10/1964, Bori descreve a atuação de todos que estavam trabalhando pelo recente curso de psicologia em Brasília, as pesquisas em andamento, as disciplinas, os trabalhos administrativos, a construção do laboratório e planos para o próximo semestre. Um deles, Rodolpho Azzi, havia preparado um curso programado que era, na opinião dos alunos e professores, o melhor. Assim Bori descreveu o trabalho de Azzi: “Nunca vi uma pessoa trabalhar tão amplamente (entusiasmo, dedicação, constância, quantidade e qualidade) como ele o fez neste semestre”. Este trabalho havia sido no planejamento do primeiro semestre de Introdução à Análise Experimental do Comportamento I (IAEC-I), no formato do PSI. Como era um método de ensino criado por Keller e modificado para ser implantado em Brasília, havia muitas críticas quanto ao modelo adotado para ensino e avaliação. Buscando discutir estas críticas, estavam planejando uma avaliação no modelo tradicional:

Vários alunos já terminaram o curso e a maioria restante está bem adiantada nos passos. Rodolpho está planejando uma verificação da

aprendizagem em termos tradicionais para apresentar como prova do aproveitamento do aluno. Isto é, para convencer os incrédulos. (Bori, 17 de outubro de 1964)

Além do IAEC, outras disciplinas que entravam no primeiro ano do curso de psicologia eram “Estatística” e “Psicologia Fisiológica”, lecionada pelos “Nazzaro” (um casal norte americano também indicado por Keller) que começaram a ser assistidas por oito alunos vindos de várias faculdade brasileiras. Além disso, o curso de psicologia fisiológica “está sendo muito difícil (fisiologia e anatomia do sistema nervoso em 4 semanas! Em três ‘lectures’ semanais!).

Uma das características do curso de Brasília foi ter iniciado, ao mesmo tempo, graduação e pós-graduação em psicologia, o que mostra a ênfase na pesquisa na formação. Além disso, as disciplinas oferecidas no departamento de psicologia poderiam ser feitas por estudantes de outros cursos. Especificamente no curso de IAEC, em 1965, mais da metade dos alunos seriam de cursos diferentes da psicologia. Sobre a pós-graduação e o intercâmbio de estudantes entre departamentos, Bori afirmou:

No grupo de alunos de pós-graduação temos muito bons elementos que espero continuem conosco apesar das dificuldades iniciais. Já recebemos cerca de 10 pedidos de novas inscrições para pós-graduação – 1965. No curso de introdução se inscreveram mais de 50 alunos, 20 por cento desses vão fazer o curso de psicologia. No próximo ano a procura de matrícula para esse curso vai ser muito maior. Temos assim certeza que não nos faltarão alunos e muito bons. Isto nos entusiasma para continuar com os planos de desenvolvimento do Dep. (Bori, 17 de outubro de 1964)

Como o curso estava sendo iniciado, toda a estrutura física para seu funcionamento precisou ser montada. Nesta mesma carta, Bori comenta que a biblioteca da UnB precisava de alguns livros e números de revistas. Para isto, Keller também colaborou com o envio de uma série de materiais como separatas e revistas científicas, além de uma carta escrita por E.S.Wolf, editor da revista *Psychological Record*, oferecendo números e artigos para a universidade.

Também neste período, o grupo que estava em Brasília trabalhava na elaboração de material didático para serem usados nos cursos brasileiros. Um dos problemas que tinham era material em língua portuguesa e, com este objetivo, começaram a tradução do livro *Principles of Psychology*, de Keller e Schoenfeld. A carta termina com Bori dizendo que a tradução estava sendo feita.

Para o começo do primeiro semestre de 1965, apesar da “absoluta falta de dinheiro”, como Bori descreveu em 03 de março de 1965, algumas ampliações no laboratório foram feitas. Conseguiram finalizar duas salas contíguas, com revestimento acústico e ar condicionado.

Um último comentário sobre formação de alunos em que pode se notar uma noção de psicologia foi feito no ano de 1966, quando Bori foi à Universidade do Texas como professora convidada. Na ocasião, Bori estava preparando um curso para o departamento de psicologia educacional sobre curso programado individualizado. Ao dividir o curso em três partes, percebe-se que ela se preocupava, então, com os princípios fundamentais para a compreensão do comportamento humano, com os resultados obtidos em utilizações prévias dos princípios de comportamento aplicados ao ensino (estes resultados podem ser analisados a partir de relato de experiência), e, por fim, com o exercício prático dos alunos no planejamento de um curso programado individualizado:

como o senhor sugeriu dividi o curso em três partes: I fundamental principles of human behavior (basicamente o curso que o senhor preparou para Washington); II experiences and results with the new method of teaching (onde se leria e discutiria seus “papers” sobre o assunto e se examinariam os programas elaborados em Arizona e eu descreveria o de Brasília); e III planing a programmed-individualized course. Esta parte III será interessante por que pedirei para programarem um curso como os que estão dando, este semestre, no dep de ed psych: 332s Psychological foundations of secondary education. (Bori, 28 de setembro de 1966)

Nesta mesma carta, Bori descreve uma reunião que teve com 6 assistentes deste curso. Neste trecho, novamente, pode-se notar a maneira como Bori fala sobre a relação teoria-experimentação:

Segunda-feira encontrei o grupo de 6 assistentes pela primeira vez. Mostraram-se interessados pelo curso programado até que ouviram qual era a base teórica. No meio de uma longa discussão com coloridos emocionais verifiquei que os mais críticos nunca haviam estudado sistematicamente nada. Somente dois assistentes haviam feito curso com os exercícios básicos de laboratório (Bori, 28 de setembro de 1966)

Além da crítica que fizeram à base teórica, Bori relata uma diferença na maneira como estes assistentes viam a relação entre a teoria e a prática de ensino. A prática de ensino, segundo a descrição, havia gerado interesse nos ouvinte que tinham problemas/críticas em relação à base teórica. Assim, após descobrirem a fundamentação teórica, o curso programado

perdeu um pouco do interesse que havia recebido. De todo modo, fica clara a importância que Bori dava à uma aplicação fundamentada na teoria desenvolvida com base na experimentação.

Na última carta de Bori a que se teve acesso, ela conta do período em que viviam, na USP em 1969. Bori menciona a decisão tomada pelo “departamento de psicologia” (“excadeira de psicologia”), constituída até a aprovação da reforma universitária. Este departamento, então, seria responsável pelas áreas de psicologia experimental, comparada, social e do trabalho. Após a reforma, seria instalado o Instituto de Psicologia e as áreas de psicologia social e do trabalho se separariam da psicologia experimental e comparada, ou nas palavras de Bori “e então, passaremos a funcionar separados das áreas de social e do trabalho que formarão outro departamento”. A identificação que ela faz de seu trabalho com as áreas de psicologia experimental e comparada é importante para compreender uma definição de psicologia que faz. Para ela, a psicologia deveria se desenvolver como uma ciência natural:

A situação geral é instável, fluida e, por isso, angustiada para os que se interessam realmente pela universidade e pelo ensino nesse nível. As aposentadorias de professores eminentes e apolíticos que se sucederam continuam a manter um clima de terror entre os professores – o que é inevitável. É no meio disso tudo que continuamos com a ideia de sempre: de desenvolver psicologia como ciência natural. Aparentemente, nunca tivemos tanta possibilidade de trabalhar por essa ideia como agora, considerando o pessoal que dispomos no departamento, e, o entusiasmo do grande número de alunos de pós-graduação, que o departamento tem (Bori, 21 de maio de 1969).

Assim, pode-se dizer que, com a preocupação de desenvolver a psicologia como ciência natural, a experimentação ganha destaque. Tanto na FFCL de Rio Claro, quanto na UnB e na USP, a experimentação se tornou o ponto principal na discussão que Bori fazia sobre a formação de psicólogos. Além disso, a apresentação dos princípios que derivaram da experimentação se tornou a primeira parte de um curso sobre ensino que Bori ofereceu na Universidade do Texas. Aspectos teóricos, metodológicos ou filosóficos não aparecem muito, como a experimentação. Contudo, é comum os pedidos de livro e artigos que Bori faz a Keller, assim como as doações de revistas e livros que Keller fez. Também é importante destacar as traduções de livros que o grupo de Brasília, coordenado por Bori, fazia. Este trecho acima, mostra também a preocupação que ela tinha com o trabalho de base: infraestrutura, material didático, laboratórios, biblioteca, entre outros.

Quando os brasileiros começam a trabalhar com a teoria do reforço e a ensiná-la nas universidades, um dos problemas que encontraram foi a inexistência de material em língua portuguesa para usar nos cursos de graduação. Os poucos textos que tinham à disposição

foram deixados por Keller, no ano de 1961. Para suprir esta falta, começam a traduzir livros. O primeiro deles foi o *Principles of Psychology*, escritos por Keller e Schoenfeld, em 1950. Durante a tradução, Bori pede a Keller que escreva notas de rodapé e atualização da bibliografia. Os livros citados por Keller e Schoenfeld foram adquiridos. Alguns já eram parte da biblioteca e aqueles que ainda faltavam foram enviados por Keller. Em 1964, Bori previa terminar a tradução até março de 1965. Nesta mesma época começam a traduzir outro livro: *The Analysis of Behavior* de Holland e Skinner. Ela mandaria uma versão ao próprio Skinner assim que estivesse finalizado.

Em meados de 1965, um dos livros que terminaram de traduzir foi o *Science and Human Behavior*, de Skinner. O processo para publicação na Editora da Universidade de Brasília estava adiantado. O copyright já havia sido solicitado e todo o necessário para a publicação estava sendo feito. O pedido que Bori fazia era que Keller entrasse em contato com B. F. Skinner e pedisse a ele que escrevesse uma apresentação para a versão brasileira do livro. No dia 16 de julho de 1965, Keller escreveu uma carta respondendo ao pedido de contato com Skinner. Disse que, provavelmente, Skinner enviaria a apresentação diretamente para ela.

Aliás, B. F. Skinner foi uma das pessoas que aparecem muito nas correspondências. Sempre aparecem muitas notícias sobre ele, desde pesquisas que ele estava fazendo, até prêmios que ele recebeu e problemas de saúde. Uma das pesquisas que Keller relatou em correspondência foi publicado em um artigo chamado *Symbolic Communication Between Two Pigeons*, escrito por Robert Epstein, Robert P. Lanza, and B. F. Skinner (1980). Contudo, Keller conta que o artigo seria publicado em breve e que Bori iria adorar conhecê-lo, pois se trata de uma explicação alternativa à explicação cognitiva, feita em termos de encadeamento e discriminação.

Em carta de 01 de outubro de 1965, especificamente, Bori pede sugestão à Keller sobre uma proposta feita por Robert Berryman, um norte americano indicado por Keller, para estabelecer vínculo de pesquisa com universidades norte americanas. Aparentemente, alguns dos professores de psicologia, em Brasília, não estavam satisfeitos com a proposta. Em um trecho da carta pode-se perceber a posição de Bori quanto ao papel do pesquisador e professor de psicologia. Insatisfeita com o modelo tradicional da formação de psicólogos no Brasil, ela afirma que seria desonestidade reproduzir o mesmo modelo já existente em outras instituições brasileiras. Sendo assim, o que ela considerava necessário era aproveitar dos propósitos do departamento de psicologia de Brasília e “criar uma nova atitude no estudo dos problemas psicológicos”. Para ela, a desonestidade estaria no fato da pretensão que a UnB tinha de ter

uma estrutura que fosse nova em relação às estruturas já desenvolvidas no país. Assim, eles não deveriam desenvolver um departamento que reproduzisse os “vícios” de “duplicar ou triplicar os setores” e dividi-los entre os pesquisadores que se tornariam “donos” de seus setores. Afirmou:

Num paiz tão carente de coisas básicas a organização de um departamento de psicologia, como quer que seja, já é um luxo. Luxo explicável, somente, pela seriedade dos propósitos de contribuir com sua parcela para, pelo menos, criar uma nova atitude no estudo dos problemas psicológicos. Não fazer isso – temos plena conciencia que nosso departamento apenas se inicia – e se propor fazer também outra coisa é desonestidade. É repetir, se o senhor me permite dizê-lo, dentro da estrutura da UnB que pretende ser nova, o vício tão comum nas outras universidades brasileiras de duplicar ou triplicar os setores para dividi-los entre vários “donos” (Quão distantes estamos daquelas discussões sobre encampar ou não o serviço de orientação educacional que tivemos na cidade universitária de São Paulo!) É por isso que a proposição se apresenta como irresponsável. É ditada e movida pela vontade de ser chefe de alguma coisa e não de produzir. (Bori, 1º de outubro de 1965)

Como apontado anteriormente, as cartas tem inúmeras discussões acerca da formação do psicólogo. Buscou-se enfatizar apenas as cartas escritas por Bori à Keller entre os anos de 1962 e 1969. Sabe-se que, possivelmente, estas não foram todas as cartas escritas por ela ao Keller, contudo, elas abrangem um importante período da vida de Bori. Há informações sobre os departamentos de psicologia de Rio Claro e de Brasília, ambos coordenados por ela. Também abrangem o período da reforma educacional de 1968, quando o Instituto de Psicologia da USP foi criado e algumas decisões que os professores (incluindo ela) tomavam em relação aos rumos do curso de psicologia eram relatadas ao Keller. Recorreu-se às cartas que ela recebeu do Keller, mas poucas foram as passagens que auxiliaram na definição de psicologia, segundo Bori.

9. CONTRIBUIÇÃO DE CAROLINA MARTUSCELLI BORI PARA A CULTURA CIENTÍFICA: UMA CONSTRUÇÃO A PARTIR DAS NARRATIVAS

Os depoimentos coletados são relatos de dezesseis pesquisadores que trabalharam com Carolina Bori e apresentam seu ponto de vista sobre a contribuição dela para o desenvolvimento de uma cultura científica no Brasil. Os entrevistados destacaram experiências pessoais, apontaram momentos em que ela esteve presente durante uma tomada de decisão, em reunião de equipe, ministrando disciplinas de graduação e pós-graduação, orientando mestrados e doutorados, criando cursos de formação de profissionais, alguma ocasião pessoal, entre outros. Como a área de história oral aponta (Meihy e Holanda, 2007, Schwarzstein, 2001, Tourtier-Bonazzi, 2006), os relatos contêm detalhes e emoções já que, diferente da história construída a partir de documentos não orais, a história é narrada por pessoas que viveram a história e são parte dela, participaram de momentos decisivos e do processo de construção da psicologia e da ciência no Brasil. Com isso, os relatos não são apenas sobre a contribuição de Carolina Bori para o desenvolvimento de uma cultura científica, mas são sobre o próprio processo de construção da psicologia e da ciência no país, do qual os entrevistados foram protagonistas.

Cada entrevista é um registro de um ponto de vista construído a partir da relação do entrevistado com os fatos de sua própria história e fatos do presente. A história de cada um dos participantes foi narrada por eles, destacando as posições que ocuparam, a relação que estabeleceram com outros profissionais e as atividades que desempenharam. Como cada relato em si não é a própria história, mas pontos de vista diferentes sobre uma pequena parte da história, o conjunto de entrevistas pode ser analisado como complementar, já que agrega diferentes posições, em diferentes momentos do desenvolvimento da área, no país. Como discutido anteriormente, esta característica dos relatos orais não faz com que ele se torne um documento menos adequado em estudos históricos do que documentos não orais, já que todos eles são construídos a partir de um contexto maior. Como parte do papel do historiador, cabe a ele identificar este viés que todo documento histórico apresenta.

Em alguns momentos, os entrevistados falam sobre o mesmo período ou atividade (por exemplo, as aulas de Carolina Bori no começo da década de 1950, os anos em que ela foi responsável pelo Departamento de Psicologia da UnB ou quando ela se tornou professora e orientadora da pós-graduação em Psicologia da USP). Também há relatos divergentes quanto ao papel que Bori teria desempenhado (por exemplo, sobre as orientações das dissertações e

teses ou a sua contribuição enquanto pesquisadora). De todo modo, o que se observa é uma história não linear, mas cheia de embates e lutas por espaço e difusão de ideias.

Além da história da psicologia no Brasil desde a década de 1950, há relatos sobre o desenvolvimento científico nacional neste mesmo período, principalmente no que diz respeito às atividades da SBPC, da criação da UnB e da FAPESP, da UFSCar, do Ministério de Ciência e Tecnologia e, mais especificamente, da criação do curso de pós-graduação em Educação Especial da UFSCar. Além das atividades nestas instituições, destaca-se o Centro Brasileiro de Pesquisas e Educacionais e seus polos regionais como uma importante iniciativa para o desenvolvimento da educação no Brasil, do qual Bori e alguns dos entrevistados fizeram parte. Grandes nomes da ciência, no Brasil, como Crodowaldo Pavan, Warwick Kerr, Florestan Fernandes, Darcy Ribeiro e Paulo Sawaya aparecem em estreita relação com Carolina Bori e alguns dos entrevistados. Estes relatos mostram a presença de psicólogos no cenário científico nacional durante este período. Como neste trabalho o objetivo é analisar a contribuição de Carolina Bori para o desenvolvimento científico nacional, as informações serão analisadas a partir dos pontos de vista dos entrevistados e será elaborada uma descrição de características pessoais de Carolina Bori, sua formação acadêmica e a relação que ela estabelecia com outros pesquisadores para que se torne mais adequada a compreensão de sua contribuição científica.

Os depoimentos analisados a seguir contêm informações que os depoentes apresentam ao avaliar a contribuição de Bori para o desenvolvimento de uma cultura científica no Brasil. Cada entrevistado participou de momentos diferentes em relação com Bori e cada um apresenta um ponto de vista sobre a atuação dela. Assim, cada avaliação feita pelo depoente se refere ao episódio específico que relata. Na sequência, a biografia de Bori, apresentada anteriormente, será revisitada apontando a descrição e avaliação que os entrevistados fizeram de sua atuação e contribuição para o desenvolvimento de uma cultura científica no Brasil, a partir das diferentes instituições em que ela esteve.

9.1. DÉCADA DE 1950: PRIMEIRAS CONTRIBUIÇÕES

As primeiras contribuições de Bori apontadas pelos entrevistados foram realizadas no início da década de 1950. Ela havia acabado de concluir o curso de mestrado na *Graduate Faculty for Social Research*, onde estudou sob orientação de Tamara Dembo, e estava lecionando a disciplina “Psicologia Experimental” para alunos de graduação em filosofia da Universidade de São Paulo. Esta era a mesma instituição em que Annita Cabral havia estudado durante o seu curso de doutorado tendo Max Wertheimer como professor.

Na época, não havia cursos de graduação em psicologia no Brasil e existiam duas cadeiras de psicologia na Universidade: uma delas era Psicologia Educacional e estava sob regência de Noemy da Silveira Rudolfer²⁵; a outra era Psicologia, “mais geral”, afirma Walter Hugo da Cunha, que estava sob regência de Annita Cabral e era a cadeira para a qual Carolina Martuscelli (na época) havia sido contratada para dar Psicologia Experimental. Alguns dos depoentes foram alunos nessa época e afirmaram que, nas aulas, os alunos eram levados a fazer experimentos clássicos da Psicologia da Gestalt, adaptados para as condições que a universidade tinha na época. Isaias Pessotti foi aluno nesta época e falou sobre as aulas dela:

como *gestaltista*, ela conhecia os experimentos do Köhler²⁶, da *Gestalt*, com macacos que pegavam a banana com pedaço de pau. Eu me lembro de um experimento do qual eu fui sujeito. Ela pegou as carteiras pesadas (...) formou um círculo na sala, na Maria Antonia e pôs lá um livro e disse: “Você agora precisa alcançar aquilo lá”. Eu falei: “Posso pular as cadeiras?” “Não”. Ela tinha explicado o tal insight do Köhler, que, num certo momento o macaco percebe que o pau serve para alcançar a banana. Num certo momento eu falei: “Mas eu não posso pular?” “Não” “Posso usar o que tiver na sala?” “Pode”. Então, peguei uma cadeira, empurrei, empurrei, empurrei, empurrei até o livro ser empurrado até o outro lado, dei a volta e peguei o livro. Pronto, tinha comprovado o princípio do *insight*. Era assim que ela ensinava experimentação.

Outro aluno de Bori no começo da década de 1950 foi Walter Hugo da Cunha que descreveu seu interesse nas aulas que assistia da seguinte maneira: “Eu gostei muito do curso da Carolina porque ela me mostrou que era possível fazer observação e fazer experimentação com a psicologia. Eu só conhecia a psicologia de falação, teórica, de filósofos, de reflexão”.

Além das aulas de Psicologia Experimental, a partir de 1956, Bori integrou o CBPE. Neste centro, realizou várias pesquisas como psicóloga social e aplicou testes de personalidade em indivíduos de diferentes grupos. Alguns dos depoentes tiveram contatos com ela neste período e avaliaram a atuação que ela teve. Maria do Carmo Guedes, por exemplo, foi aluna de Bori na década de 1950 e disse que “ela era conhecida como psicologia social. As disciplinas que eu fiz eram em psicologia social e experimental. Então, a social da Carolina, voltada para educação. É assim que eu conheço Carolina Bori”. Isaias Pessotti também descreve este momento da vida de Bori:

²⁵ Noemy da Silveira Rudolfer (1902 – 1980) foi responsável pela cadeira de Psicologia Educacional após a incorporação do Instituto de Educação à Faculdade de Filosofia. Em 1936 defende sua tese de cátedra, *A evolução da psicologia educacional através de um histórico da psicologia moderna*.

²⁶ Wolfgang Köhler (1887 – 1967) foi um dos principais teóricos da Psicologia de Gestalt. Publicou, em 1917, um livro chamado *The Mentality of Apes*, discutindo como macacos poderiam resolver problemas a partir de *insights*.

E ela tinha muita ligação com Psicologia Social. Com pesquisas sociais, não Psicologia Social. Pesquisa sociológica. Era muito ligada ao professor Hutchinson, um filão do período em que ela se dedicou muito a isso e aí ela ficou muito ligada ao Octavio Ianni e a outros sociólogos da Maria Antonia. Todos respeitavam a Carolina pela seriedade, simpatia, sobretudo, sobriedade. Com o Hutchinson ela tinha um cubículo na biblioteca municipal de São Paulo.

Walter Hugo da Cunha disse ter sido diretamente beneficiado pelo trabalho que ela desenvolveu neste centro quando, em uma atividade que desenvolveu junto à Companhia Municipal de Transporte Coletivo, de São Paulo, selecionou funcionário. Na ocasião, ele havia usado a técnica de Karen Machover para seleção de motoristas de ônibus e foi buscar apoio de Bori: “Carolina que me andou emprestando livros de estatísticas, me dando algumas preleções sobre como fazer estatística e tudo. Então, nesse ponto ela era muito prestativa”. Além disso, o uso da técnica tinha o objetivo de identificar patologia mental nos candidatos ao cargo de motorista de ônibus e, para isso, convidou Carolina Bori para ser juiz na correção do teste:

Então, ela conhecia do teste de Machover. Então, eu resolvi usar a Carolina como juiz, para ela poder me discriminar entre o que era o grupo A, o grupo B e o grupo C, que era patologia...
E achei muito interessante porque a Carolina entendia mesmo do teste de Machover e ela funcionou assim, ela foi capaz de discriminar, com grande porcentagem de acerto, quem era de um grupo, quem era do outro, o que era patologia mental ou não.

Ainda nesta década, integrou grupos que trabalhavam pela regulamentação da profissão de psicólogo no Brasil. Como presidente da Sociedade de Psicologia de São Paulo (SPSP), ajudou a elaborar um projeto de lei regulamentando a profissão e formação de psicólogo e, em colaboração com outras associações científicas e instituições, discutiu as condições necessárias para esta regulamentação. Este tópico foi comentado por diversos depoentes. Arno Engelmann participou de algumas dessas discussões sobre a regulamentação da profissão: “uma vez, fui com ela no momento em que queríamos a profissão de psicólogo”. Em algumas dessas discussões, teriam se encontrado com Lauro Cruz que foi um deputado e, posteriormente, senador que trabalhou na defesa do projeto de lei que regulamenta a profissão e formação em psicologia.

Maria Helena Souza Patto comentou esta participação:

Olha, eu acho que a própria criação dos cursos de Psicologia, porque em toda verdade, foi uma luta difícil, porque os Médicos não queriam, e a luta foi encabeçada pela Annita Cabral, mas eu tenho certeza que a

Carolina estava nos bastidores da coisa, eu acho então, que a própria criação dos cursos de Psicologia, eu apontaria como uma dessas coisas

Em 1962 foi aprovada a lei 4119/62, regulamentando a profissão e formação em psicologia. A partir de então, Bori integrou uma comissão que reconheceria profissionais que já atuavam com psicologia. Geraldina Porto Witter disse também ter colaborado neste momento da história da psicologia no Brasil em contato próximo de Bori:

Quando eu fui aluna dela no primeiro ano, eles estavam já buscando conseguir assinatura de pessoas para conseguir sair a profissão. Tinha que arranjar, naquela época, vinte mil assinaturas de pessoas que fossem profissionais, de profissão já reconhecida, que dessem o número de título de eleitor e número de título de qualquer coisa dele lá certo? (...) Não, que trabalhasse a criação de uma nova profissão, mas preferencialmente da área de Educação e de Saúde. Então, ela dava as folhas para a gente e a gente saía por aí, catando assinatura. Eu consegui um monte em Mogi, eu fui em todos os médicos de Mogi, assinaram para mim lá que eles concordassem que surgisse a nova profissão. Tinha umas folhas já preparadas, não? A gente ia, punha o nome legível punha todos os dados, endereço, tudo para a gente mandar para Brasília. É, e a gente conseguiu, mas não foi fácil não. Então, em Rio Claro também a gente conseguiu um monte de assinatura

Entretanto, os depoentes apontam que a relação entre os profissionais das cadeiras de Psicologia e Psicologia Educacional era muito conflituosa. Walter Hugo da Cunha comentou sobre uma grande rivalidade dentro da USP envolvendo as catedráticas Annita Cabral e Noemy Rudolfer:

A grande rival dela (Annita Cabral) era a Noemy da Silveira Rudolfer. Ela tinha sido aluna da Noemy e acho que tinha sido assistente da Noemy na Escola Normal e a Noemy foi chefe da cadeira de Psicologia Educacional. Então, como eu disse, eram duas cadeira. Uma pertencia à sessão de Filosofia e outra à sessão de Educação. Depois elas se desmembraram, se tornaram autônomas. A cadeira, realmente teórica, era a cadeira da Dra. Annita. Era mais ligada à psicologia fundamental. E a Dra. Annita tomou mais providência, ela foi quem propôs o curso de psicologia e isso é uma coisa que a Noemy não perdoava. Que ela tivesse proposto o curso de psicologia. Era uma coisa. Ela dizia que em vez dela propor o curso de psicologia, que era prematuro, ela deveria se submeter ao concurso [de livre-docência]. E a dona Annita disse: “Eu não vou fazer isso porque eu vou entregar minha cabeça numa bandeja”. Porque quem ia compor, a presidente da banca ia ser ela, a Noemy, que já era catedrática. Então, a situação era essa.

Além disso, a cadeira de Psicologia era regida por Annita Cabral de modo autoritário. Isaias Pessotti a descreveu como “uma fazendeira laica. Annita era antipática, arrogante.(...) Agora, a Annita era antipática a quase todos, mas era temida. Ela tinha relações políticas, certo? Fazendeira quatrocentona, de Penápolis”.

Outro depoente a descrever a atuação de Annita Cabral foi Arno Engelmann: “houve um momento que todos os assistentes não aguentavam mais a Annita. Ela era uma pessoa muito inteligente, muito. Mas...” e “ela era uma pessoa muito capaz, mas ela... e eu realmente... mas eu não... ela brigava com todos nós”. Por fim, descreveu um episódio exemplificando suas afirmações. Ao ser questionado sobre o curso sobre análise experimental do comportamento que Keller deu na USP em 1961 (discutido no próximo tópico), ele afirmou:

eu comecei a fazer [o curso], mas eu era assistente da dona Annita. A dona Annita disse assim: “ou o senhor continua no meu departamento ou faz o curso”. Era assim, direta. E eu me dava tão bem com eles... Era um gestaltista, não era... mas ela não aceitou de jeito nenhum.

Em uma ocasião, Annita Cabral “gelou a Carolina”, segundo Isaias Pessotti devido a um desentendimento pessoal que a catedrática teria tido com o marido de Bori. Este gelo resultou no afastamento de Bori da universidade, já no final da década de 1950. Com isso, em 1958, Bori foi convidada a coordenar o Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, posição que ocupou até por volta de 1962. Ela estava nesta instituição quando teve contato com Fred S. Keller, professor estadunidense que introduziu a análise experimental do comportamento no Brasil. Esta instituição marca o início de uma atuação que gerou o desenvolvimento de uma nova área na psicologia no Brasil.

Assim, como os relatos apontam, Bori teve atuação em três diferentes áreas durante década de 1950: era professora assistente na cadeira de psicologia, lecionando psicologia experimental na faculdade de filosofia da USP; desenvolvia pesquisas como psicóloga social, ao lado de importantes sociólogos, no CBPE; e participou da luta pelo reconhecimento da profissão de psicólogo no Brasil. Todas estas três linhas de atuação continuaram presentes em outros momentos da vida Bori. Relatos de pessoas que conheceram Bori a partir da década de 1970 apontam que ela era reconhecida pela defesa do método experimental, tinha grande preocupação com questões sociais, usava o conhecimento científico como meio de solucionar estas questões e pensava que o método experimental era fundamental para a formação de psicólogos.

9.2. FACULDADE DE FILOSOFIA CIÊNCIAS E LETRAS DE RIO CLARO E O INÍCIO DA FORMAÇÃO BEHAVIORISTA

No período entre 1959 e 1963, Bori estava coordenando o Departamento de Psicologia em Rio Claro. Ao mesmo tempo, ela ainda mantinha alguma atividade na USP. Maria Helena Souza Patto, por exemplo, foi aluna de Bori já no curso de psicologia da USP “na primeira metade da década de sessenta ela nos deu uma disciplina chamada ‘Psicologia da Personalidade’”. João Claudio Todorov também afirmou ter sido aluno de Bori na disciplina Psicologia da Personalidade, na graduação em psicologia da USP e que em 1962, após já ter cursado a disciplina, foi para Brasília com ela e Gil Sherman.

Ela dava a disciplina de Psicologia da Personalidade na USP enquanto estava em Rio Claro, onde coordenava o Departamento de Psicologia na Faculdade de Pedagogia e teve, ao longo dos anos em que esteve lá, três professores assistentes: Nilce Mejias, Isaias Pessotti e Geraldina Witter. Sobre este período, Isaias Pessotti afirmou:

O João Dias que era o diretor, trabalhava com Geografia e História, que era uma cadeira única na Maria Antonia. Quando ele montou Rio Claro, ele sabia quem era bom em História, quem era bom em Geografia. Levou o Witter, o Witter levou a Geraldina, que era sua esposa, e a Carolina contratou a Geraldina. A Nilce Mejias ficou muito pouco tempo e Carolina, Geraldina e eu tocamos o barco.

Enquanto o grupo de Rio Claro desenvolvia suas atividades, Bori havia recebido a informação de que um professor norte americano chamado Fred S. Keller estava indo à Universidade de São Paulo para dar um curso. Segundo Isaias Pessotti, a informação que teria chegado até ela é que este professor era especialista em “*auto-ensino*”. Assim que o curso começou, Bori, Pessotti e Witter iam para São Paulo assistir ao curso e “a Carolina, com isso Então, ficou cada vez mais empolgada com o condicionamento operante” (Isaias Pessotti). O curso era sobre análise experimental do comportamento e, nele, os alunos eram levados a fazer sessões experimentais com ratos em uma caixa experimental improvisada. E muito do que se fazia e discutia durante o curso com o professor, era inserido no Departamento de Psicologia de Rio Claro. Lá foi montado um laboratório de psicologia experimental e, entre os equipamentos do laboratório estavam unidades de condicionamento operante feitas por Andreas Aguirre “que era marido de uma assistente da cadeira de Psicologia Educacional da Maria Antonia, marido da Maria José Aguirre. O Aguirre era meio mecânico e fez essas gaiolas” (Isaias Pessotti). Ainda seguindo o depoimento de Isaias Pessotti sobre estas caixas construídas por Andreas Aguirre e o uso que elas tiveram, encontra-se o seguinte relato:

Eram quatro gaiolas de passarinho adaptadas, aquele negócio... Um horror, mas funcionava. Então, se formaram os primeiros: Luiz de Oliveira, Herma Bauermeister, uma Eda não sei o que era freira na ocasião, são os primeiros aluninhos de Rio Claro que é o primeiro grupo de graduação, em pedagogia, que fazia laboratório com a gente

Geraldina Witter, ao descrever o laboratório, afirmou ter dois grupos de aparelhos. Um deles era formado pelos aparelhos fabricados pelo Andrés Aguirre e dedicados ao uso dos alunos. O outro grupo de aparelhos era formado por aparelhos importados da marca Grasson. Disse:

O laboratório de Rio Claro era bem montadinho sim. (...) Era bem montado tinha todas as coisas e nós tínhamos uns aparelhos modernos. Os modernão eram só para os escolhidos, nós professores. O Marcelino, era aluno nosso que podia usar. (...) a produção dos aparelhos sim era esse professor, esse marido da Maria José que fez todas as Skinner Box nossa. (...) Era tudo feito aqui. Agora, o que nós professores usávamos era da Grasson, importado da Grasson. A Carolina que trouxe.

Foi neste laboratório onde uma das linhas de pesquisa começou a ser desenvolvida no Brasil. Esta linha vem estudando condicionamento operante em abelhas, uma espécie de animal que até então nunca havia sido utilizado como sujeito experimental em pesquisas em análise experimental do comportamento. Os animais mais comumente usados eram ratos ou pombos. Parte dos equipamentos do laboratório de Rio Claro foi adquirida com financiamento para pesquisas sobre discriminação com abelhas que Isaias Pessotti iniciou. Assim ele descreve a aquisição dos equipamentos de Rio Claro:

Tinha um painel da *Grasson-Stadon* que eu consegui porque outro admirador da Carolina era o Kerr, das abelhas, geneticista. estava em Rio Claro. estava em Rio Claro e me encomendou um teste de inteligência para abelhas. (...) Quando eu fiz o negócio com o Kerr, nós conseguimos o painel da *Grasson-Stadon*, com o fiozinho que o Sherman tinha ensinado a fazer. A ligar o circuito que era um relê, certo? Então, nós tínhamos um baita equipamento. Tudo isso num rack só. Como nós prometíamos caminhar na pesquisa com abelhas, ele nos deu equipamento da FAPESP e nosso laboratório ficou bom. Bom, mínimo!

Pode-se dizer que este laboratório ganhou alguma repercussão para além da própria FFCL de Rio Claro. Isto porque Frederico Guilherme Graeff, médico, professor da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (USP) relatou ter ido conhecer o laboratório de Rio Claro e aprender como se pesquisava na área de comportamento operante: “Nessa ocasião, aliás, acho

que até antes disso eu me interessei por essa área e, naturalmente, a Professora Carolina foi pioneira na área de Comportamento Operante. E ela e o Isaias estavam em Rio Claro, o Isaias na ocasião estava inclusive fazendo aquele treinamento de abelhas”. Graeff também tinha contatos com o professor Kerr e por isso, ele foi a Rio Claro e, posteriormente, para o Laboratório de Psicologia Experimental de São Paulo que Gil Sherman estava montando.

Além do laboratório, foi em Rio Claro onde ocorreu a primeira utilização, no Brasil, da instrução programada. As primeiras traduções na área começaram a ser feitas, os primeiros testes dos materiais produzidos e uma versão da máquina de ensinar. Segundo Isaias Pessotti, quando o Keller, em 1961, falou sobre programação de ensino, Bori teria se interessado e começado a planejar seu uso, já que esta teria sido sua motivação para o curso da USP. Geraldina Witter afirmou que a primeira utilização do curso programado no Brasil ocorreu em uma espécie de parceria desenvolvida com Rodolpho Azzi na Universidade de São Paulo:

muitas das coisas a gente testava em Rio Claro para ver se aquelas instruções estavam boas não? E a gente tinha um... Bosque, era Roberto Bosque um secretário nosso lá que era muito eficiente, excelente datilógrafo. Sabe aquele livro do Holland e Skinner que é de instrução programada? Foi tudo digitado lá em Rio Claro. A gente testava com os nossos alunos e usava nas nossas aulas e na forma de apostila e o Rodolpho tentando traduzir. Depois ele fez a versão final, a gente mostrava aonde não funcionou e nossos alunos foram os nossos participantes.

a gente fez as primeiras tentativas, os primeiros ensaios tanto de curso programado, como de instrução programada...

Então, a gente fez aquilo, testava primeiro em Rio Claro, depois o Rodolpho testava, retestava aqui [em São Paulo]...

Ainda segundo Geraldina Witter, Rodolpho Azzi retestava a tradução em alunos bolsistas da América Latina que estudavam psicologia em um curso interamericano na faculdade de educação:

Então nós imprimíamos, fazíamos as cópias tudo em Rio Claro e de Rio Claro vinham os pacotes. A Carolina trazia os pacotes para São Paulo e ele testava lá, e então, a gente foi ajeitando. Às vezes era questão de tradução, às vezes a palavra era nova e a pessoa não conhecia e foi fazendo a adaptação.

Quanto a máquina de ensinar utilizada em Rio Claro, ela comenta a contribuição de Andreas Aguirre e descreve as características da versão brasileira da máquina:

A primeira máquina de ensinar foi até o marido da Maria José Aguirre, ele tinha muita competência e habilidade, ele fez a primeira máquina de ensinar que era uma caixinha de madeira. A nossa datilógrafa, naquela época era datilografia, ele cortava as tiras de

papel, datilografava naquela... colava as tiras de papel e o aluno lia, respondia num burquinho que tinha aqui, rodava, se ele estava certo ele ia adiante senão... Era a máquina de ensinar nossa de madeira.

Todas estas atividades estavam sendo realizadas em Rio Claro, no ano de 1962, quando Bori recebe um convite de Darcy Ribeiro para criar o Departamento de Psicologia da recém-criada Universidade de Brasília. O convite que recebeu foi estendido aos professores assistentes em Rio Claro e outros que foram para Brasília dar continuidade ao trabalho que estava sendo feito. Sobre a preparação do departamento de Brasília, Geraldina Witter contou que ficou encarregada de estudar os cuidados com ratos em laboratório: “Como é que ia conseguir os ratos, a qualidade de vida, o que é que precisava, onde a gente podia arranjar os ratos. Então li sobre ratos”. Além de aprender sobre os cuidados com ratos, ficou de comparar os primeiros livros que comporiam a biblioteca do departamento.

então ela [Carolina Bori] me deu outra tarefa que era comparar os primeiros 1000 livros de psicologia para a biblioteca de Brasília, da parte da Psicologia. Então, lá fui eu para as livrarias daqui pegar os catálogos para importar livros e ver o que a gente queria. Para isso, eu tive primeiro que ter uma ideia geral do que é que a gente ia dar e quem era o psicólogo que a gente ia formar, para eu ir buscar os livros que precisava comparar.

Então, eu acabei comparando 1500 livros, primeiro tinha um tanto, mas, então, a gente era bastante, era amigo dos livreiros... Então a gente conseguiu comparar, fazer a compara.

Apesar de todo seu envolvimento para a criação do departamento de Brasília, Geraldina Witter teve alguns problemas pessoais que dificultaram sua ida para Brasília.

Em 1964, então, Bori deixou a FFCL de Rio Claro e a Universidade de São Paulo para dar início a um momento de sua carreira que gerou grande entusiasmo em todos que foram trabalhar com Bori devido à possibilidade de criar algo que fosse relevante para o desenvolvimento do país.

9.3. DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Era a capital, no centro do país. Então, fazia parte dessa ideia de o que uma capital no centro do país deveria resultar no desenvolvimento do próprio país. Mas a universidade era vista como uma coisa crítica. A ideia era recrutar alunos do país inteiro, né, e que a universidade deveria formar essas pessoas para voltar para os seus lugares de origem. Então ela seria um centro irradiador de conhecimento e de transformação social. Então era uma ideia muito grandiosa e parece

que tinha muito dinheiro e tinha muita liberdade para fazer. Então foi nessa época que Darcy Ribeiro convida Carolina para ir fazer, para então ser responsável pelo departamento de Psicologia, o curso de psicologia. Ela foi e convidou várias pessoas. Foi ai que ela convidou o Isaias, o Todorov, Rachel Kerbauy, Rodolpho Azzi, esse povo todo. Rodolpho Azzi tinha trabalhado com ela no curso. João Claudio e Isaias, acho que tinham sido alunos nessa época. Então ela leva essa equipe toda para Brasília e que que eles tem lá? Antes da pesquisa eles tem uma tarefa de montar um curso de psicologia e mais que isso, montar cursos para ensinar a psicologia para todos os cursos da universidade. A universidade começou com uma ideia inovadora lá, que era o curso propedêutico, que era o que? No primeiro ano, todos os alunos faziam as mesmas disciplinas que eram coisas gerais: Psicologia, Biologia, Física, Química e depois eles escolhiam a carreira. Era uma coisa assim, bastante inovadora para época. Então eles tinham que pensar o ensino para grandes contingentes e tinha o Keller com a experiência da Colúmbia, com o curso de introdução à análise do comportamento. Foi nessas conversas, nessas discussões entre eles então que eles resolveram implementar na Universidade de Brasília, o PSI. Segundo o Isaias, a primeira experiência com o PSI, na verdade, a Carolina tinha tentado em Rio Claro com ele e a Herma Bauermeister. Então, ela tinha já tido certa experiência em fazer isso. Então, em Brasília era a chance de experimentar. E foi tudo muito perto: 61, 62 Rio Claro, 63 já estava em Brasília, 64 estava começando. (Deisy das Graças de Souza)

Esta foi a avaliação que Deisy de Souza fez do departamento que Bori havia planejado, quais os objetivos que ele deveria atender e qual o contexto em que foi criado. Ela foi aluna de algumas das pessoas que estavam em Brasília e o relato que ela apresenta foi baseado naquilo que estas pessoas contaram a ela. Portanto, é um relato enviesado pelo relato daqueles que viveram o período e, possivelmente, com um pouco da empolgação que eles tinham na época. Outro depoente a apresentar essa empolgação com o trabalho feito em Brasília foi Maria do Carmo Guedes que relatou:

Então foi Então, que eu prestei atenção na Carolina, mas através dos olhos de amigos. Quer dizer, eu vi primeiro do Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro, que não eram amigos, eram chefes nossos. Depois, quem foi para Brasília? João Claudio (acho que isso eu contei um pouco naquela palestra em 2008). Quem é que me dava notícia de Brasília? João Cláudio, Isaias Pessotti e a minha irmã Maria Helena. (...) Eu sempre fui muito escrivinhadora de cartas, então eu escrevia para Brasília, escrevia bilhetes para eles e tinha respostas.(...) Então, esses três me falavam da maravilha que era Brasília

Uma das pessoas que foi para Brasília trabalhar no Departamento foi Rachel Kerbauy, que contou como recebeu o convite. Ela contou que havia se apaixonado pela análise

experimental do comportamento que havia conhecido com Keller e com Gil Sherman na USP e estava decidindo se aceitaria uma bolsa de estudos para estudar deficiência mental na França. Carolina Bori foi uma das pessoas com quem ela conversou e recebeu influências na decisão de ir para a França. Ao retornar ao Brasil, Kerbauy escreveu um projeto para estudar discriminação em crianças normais e com deficiência, baseando-se na bibliografia em análise experimental do comportamento que havia conhecido antes de ir para a França. Conta que, com o projeto em mãos, foi até a USP e conversou com o Rodolpho. Assim relatou ter sido a conversa:

[Ele] leu o projeto e falou: "Você sabe o que é um...", não era um retroprojektor, era de projetar coisas, um aparelhinho, "sabe o que é isso?" e eu falei "não, não sei" e ele disse "Pois é, em Brasília vai ter tudo isso. Ao invés de pedir bolsa aqui, você vai pedir uma bolsa para ir para Brasília... porque nós estamos indo para Brasília com o professor Keller e você vai fazer pós-graduação lá. (...) Eu vou te levar lá para conversar com o Keller para ver se ele te aceita no curso", me levou lá na casa que o Keller estava, na casa de quem que o Keller estava... não lembro, e o Keller achou ótimo que eu fosse. E Então, eu fui para Brasília com eles, fazer pós-graduação.

Inicialmente, o grupo que estava em Brasília era formado por Luis Otávio, João Cláudio, Luis Oliveira e ela, que eram alunos de pós-graduação em análise do comportamento. Os professores que iniciaram o curso foram Carolina Bori, Rodolpho Azzi e Fred Keller, mas ao longo do curso, outros professores foram contratados, como Nazzaro que deu a disciplina de Estatística. Kerbauy descreve o grupo que foi trabalhar em Brasília como "meia dúzia de gato miado" "que estava lutando para instalar uma coisa nova na psicologia e em Brasília, porque Darcy Ribeiro tinha dado abertura para isto na universidade". Como tudo estava sendo criado ainda, ela descreve que as atividades desenvolvidas eram muitas e variadas: monitoravam os alunos na graduação, ajudavam a escrever as instruções para os experimentos e "carregava móveis se precisasse".

Neste grupo, Kerbauy relata que o papel de Carolina Bori era dar cursos de pós-graduação e, como coordenadora do Departamento, "ia atrás de tudo": verbas, comunicação com a reitoria e política:

Essa política assim, ela fazia muito bem. Então, no departamento, ela era coordenadora, quer dizer, se a Carolina não falasse amém, não acontecia nada, e ela que assinava todos os pedidos. Ela incentivava isso, porque a gente estava fazendo. Agora, a gente trabalhava feito doido, não tinha hora não! (...) E a gente entrava de manhã e saía a hora que dava. Às vezes às dez horas da noite

Outra atividade que desenvolviam estava relacionada à preparação do material didático que seria utilizado nas aulas. João Cláudio Todorov disse que a partir de 1962, enquanto era aluno de graduação em São Paulo, começou a ajudar na preparação de Brasília. Uma vez, viajou até lá para conhecer a cidade, a universidade e decidir se iria. Relatou ter tido bastante contato com Bori em 1963 porque estava ajudando a construir equipamentos com Mario Guidi. Segundo ele, “a tarefa nossa era muito de soldar fios, desencapar fios”. Foi durante este contato que Bori teria dado a ele um novo trabalho: traduzi o livro *Science and Human Behavior*, do Skinner. E lamenta não ter visto o lançamento do livro: “quem é que levou para a editora, essas coisas todas, quem fazia era a Carolina. A minha tarefa era traduzir, traduzir... E como eu sei, aliás, nós todos saímos de Brasília em 65, eu não vi o livro publicado pela editora da UnB em 67”.

Todorov descreveu o papel de Carolina Bori neste contexto como de fundamental importância. Para ele, ela era “uma figura importante dentro da universidade, como coordenadora do curso de psicologia e com atuação política muito forte ela conhecia vários dos coordenadores dos outros cursos, tinha sido colega do Darcy na USP, então ela tinha muita ocupação enquanto dirigente”. Por fim, destaca o entusiasmo que sentia e o fascínio pelo desafio de fazer algo novo:

Desde São Paulo, o trabalho era fantástico, tanto que eu desisti... eu tinha um emprego que pagava o dobro do que eu ia ganhar em Brasília com bolsa, mas, o desafio era fascinante. (...) Eu acho que eu resolvi o que queria fazer da vida. Então, ao invés de continuar em Psicologia Organizacional, uma área que dá dinheiro e tal, eu resolvi trabalhar com Psicologia Experimental. (...) Ainda com a ideia minha romântica de fazer Clínica Experimental e tal, acho que tinha saído o livro do Bachrach, *Experimental Foundations of Clinical Psychology*²⁷, mas enfim. E o ambiente era de entusiasmo, era muito bom...

Isaias Pessotti estava na Europa quando recebeu uma carta de Carolina Bori contando sobre o curso de Brasília que havia começado e convidando-o para voltar ao Brasil e integrar o corpo de professores. Ele conta que, ao chegar, foi conversar com Rodolpho Azzi que o comunicou que ele daria a disciplina chamada Introdução à Análise Experimental do Comportamento 2 (IAEC 2). O planejamento das disciplinas previa a disciplina Introdução à Análise Experimental do Comportamento 1 (IAEC 1), que utilizava animais como sujeitos experimentais e IAEC 2, com humanos. IAEC 1 já havia sido oferecida e faltava um professor para a continuação da disciplina.

²⁷ Bachrach, A. J (1962) *Experimental Foundations of Clinical Psychology*. Basic Books.

Ele contou que Bori e ele integravam a comissão de bolsa, que avaliava a condição financeira dos alunos e a necessidade de bolsa para selecionar dentre aqueles interessados. Ele mesmo contou o critério de seleção das bolsas: “a gente dava bolsa para os comunistas”. Pessotti descreve Bori como alguém que estava debatendo o papel da universidade e defendendo o direito de acesso de todos à educação: “E ela sempre nas cúpulas, na política acadêmica, ela sempre estava na linha de frente de defesa da universidade pública. Sempre! Era universidade pública e laica. Acho que ela era católica, mas é outro jogo. Pública, laica e ciência”.

Vale lembrar que o golpe militar já havia ocorrido e, dentre os objetivos dos militares estava a preocupação em evitar que se instalasse um regime comunista no Brasil. Segundo Pessotti, a atuação que tinham no Departamento de Psicologia fez com que todos eles fossem vigiados pelos militares. Até que, em 1965, houve a demissão de alguns professores da universidade que foram acusados de serem comunistas, o que gerou a demissão coletiva de vários professores da instituição. Com isso, os planos do Departamento foram interrompidos e os professores voltaram às instituições onde trabalhavam anteriormente. Pessotti descreve este momento da seguinte maneira:

“Duzentos e sessenta e tanto se demitiram no mesmo dia. Isso nunca vai acontecer no país. Era outro tipo de gente, que foi lá para fazer um Brasil. E a gente, como nenê recém parido, demitido! E a gente com mudança no caminhão, demitido! Chegando, demitido! (...) Eu vi a Carolina chorando, eu me lembro da gente descendo com equipamento, eu tenho os equipamentos de abelha. Alguém fotografou isso, tem uma foto que tem a irmã da Loira, que eu me lembro, a Herma Bauermeister, e outros na saída do ICB, do Instituto Central de Biologia”.

Esta interrupção dos planos de Brasília também foi comentada por Rachel Kerbaury e Frederico Graeff:

Agora teve aquele negócio de expulsar de Brasília não?, de sair todo mundo, não? Eu vim para cá, com o mestrado sem entregar. Eu tinha acabado todos os créditos da pós mas eu não tinha entregado a dissertação de mestrado. Eu cheguei aqui... Tinha a da USP. Era psicologia, era pós-graduação em psicologia, mas não era de análise do comportamento, era com a dona Annita. (Rachel Kerbaury)

e

Agora, o que aconteceu o seguinte, quando foi fundada a Universidade de Brasília eu fiquei bastante interessado, e ela me convidou para ir

para lá, mas o meu nome não foi aceito porque já tinha mudado o regime entendeu? (...) já tinha havido a revolução e o então reitor tinha mudado todo o quadro e eu peguei essa fase de transição. Quer dizer, eu não cheguei a entrar. Que a maior parte já foi demitida. Entrou e foi demitido. Eu não cheguei a entrar (Frederico Graeff)

Com o fim da participação de Bori no Departamento de Psicologia da Universidade de Brasília, ela retorna à USP. Neste momento, ela desenvolve novas parcerias, a pós-graduação da universidade é formada, cresce seu o número de orientandos, ela recebe vários convites para criar laboratórios e cursos de psicologia no Brasil. Quanto ela retornou à USP, já era professora há cerca de 17 anos, tinha concluído o mestrado há 14 e o doutorado há 11. Somava, em seu currículo, a criação de dois Departamentos de Psicologia (todos com base na experimentação), trabalhos como psicóloga social, projeto de lei regulamentando a profissão de psicólogo no Brasil, algumas pesquisas em andamento e um histórico de representação política na universidade.

9.4. USP, CADEIRA DE PSICOLOGIA E INSTITUTO DE PSICOLOGIA

No ano de 1965, quando Bori saiu do Departamento de Psicologia da UnB, a psicologia na USP ainda estava dividida nas cadeiras de Psicologia e Psicologia Educacional. Os problemas entre os professores das duas cadeiras eram grandes e um grupo de professores, segundo Walter Hugo da Cunha, não estava querendo renovar o contrato da professora Annita Cabral até que ela fizesse o concurso de livre docência ao mesmo tempo em que “Vinha gente do Brasil inteiro querendo saber como que fazia um curso de psicologia, (...) que livros devia ter, o que que devia fazer, quem devia contratar, quem devia levar. Então era assim. Ela perdia um tempo enorme” (Walter Hugo da Cunha). O depoente contou que, na ocasião, elaborou um abaixo assinado a favor da permanência de Annita Cabral e, em suas palavras: “E para minha surpresa, a Carolina assinou. E o Rodolpho Azzi também assinou. Então, gente... o Dante assinou, eu procurei esse pessoal todo e eles todos: ‘Não, dona Annita é muito importante, defendendo a psicologia, fazendo’ e tal”. Foi nesse momento em que Annita Cabral abre o curso de pós-graduação em Psicologia Social e Experimental e, para o curso, precisava contratar professores. Afirmou: “ai ela resolveu abrir o curso de pós-graduação em Psicologia Social e Experimental e para parte de social ela pensou em umas contratações e na parte de experimental conversando lá, nós chegamos à conclusão de que seria ótimo trazer a Carolina, trazer o Rodolpho também, não?”. Assim, Bori é recontratada para a USP.

Maria do Carmo Guedes também comenta sobre o retorno de Bori para São Paulo. A depoente era professora da PUC-SP em 1965 quando o diretor do Instituto de Psicologia da PUC, Enzo Azzi, pergunta a ela se a professora Carolina Bori poderia ministrar Psicologia Experimental durante o primeiro semestre de 1966. Ela afirmou: “Então foi no primeiro [semestre] de 66 que eu conheci Carolina de perto”. E descreve um pouco a participação de Bori neste primeiro semestre de 1966, na PUC:

a Carolina deu aula para duas turmas. Ficava aquela fila no pátio da cruz de gente para ser atendido... porque ela era professora, sozinha. Na verdade, ela tinha a Herma. Ela trouxe a Herma... Então, Carolina e Herma, no primei... acho que no primeiro semestre de 66. Eu não tinha nem... estava longe de imaginar que eu ia fazer tese em Psicologia. Depois em 67 a Herma ficou com a gente. Ou 66, segundo semestre, não sei. A Herma, eu consegui contratar a Herma.

Contudo, após a participação durante um semestre na PUC-SP e de volta à USP, inicia-se um período de reformulação na educação brasileira. Walter Hugo descreve o momento de “rebeldia dos estudantes” insatisfeitos com o sistema de cátedras e que buscavam uma representação maior dos estudantes nas decisões do curso. Na avaliação dele, os alunos

Queriam criar os departamentos, que era uma ideia simpática, eu acho uma ideia interessante porque o catedrático sempre foi uma pessoa importante demais, mas centralizadora demais, também. Se o catedrático fosse bom, a cadeira dele era ótima. Mas se o catedrático fosse ciumento, fosse uma pessoa enjoada, era difícil. Era muito difícil. Então, a gente, no geral, os professores e os assistentes todos eram a favor de criar departamento. E o nosso curso de psicologia tinha até uma coisa boa. Que ele tinha uma coordenação de professores que eram todos os departamentos que... todas as cadeiras que lecionavam no curso mandavam aquela pessoa que lecionava lá para essa reunião para resolver problemas de horário, de programa, de contratação, de verba de compra de material, etc. Então, estava se criando um departamento. Mas com a rebeldia dos alunos, eles investiram contra os catedráticos e o único catedrático que nós tínhamos era o Arrigo. Então eles investiram contra o Arrigo... e contra a Annita, que não era catedrática era interina. Catedrática interina.

Walter Hugo afirmou que em todas as disciplinas da cadeira de Psicologia, regida por Annita Cabral incluía experimentos em alguma parte. A experimentação que Bori ensinava acabou se tornando análise experimental do comportamento. Num certo momento, ele avalia que a catedrática tinha a intenção de dividir a cadeira de Psicologia em duas: uma Social e outra Experimental. Por isso, a criação da pós-graduação em Psicologia Social e Experimental, em 1967, já era uma mudança nesta direção. O ambiente na Psicologia da USP

era muito instável: tinha a rivalidade entre as duas cadeiras, a contratação de novos professores, o movimento contra a renovação do contrato de Annita Cabral, a criação de uma pós-graduação. Walter Hugo afirmou que neste momento, “a dona Annita começou a ficar um pouco paranoica. Ela começou a se sentir um pouco perseguida inclusive pelos assistentes dela” até que houve o “movimento dos alunos, ocuparam o pavilhão e exigiram a saída dela. Eles só voltavam à aula se ela saísse. Procuraram então, o apoio dos professores. É um episódio meio chato”. Dentre os professores da pós-graduação, neste momento, estavam o próprio Walter Hugo, Arno Engelmann, Cesar Ades²⁸, Carolina Bori e Rodolpho Azzi.

No curso de pós-graduação, Carolina Bori ministrava as disciplinas ‘Táticas de Pesquisa Científica’ e ‘Ensino Programado’. Muitos dos depoentes fizeram estas disciplinas com ela e alguns deles comentaram algumas dessas disciplinas. Maria do Carmo Guedes, por exemplo, afirmou:

com ela eu fiz Táticas, eu fiz Programação de Ensino, acho que só. [Táticas] Era leitura do livro do Sidman, junto com Maria Amélia. Dava confusão. (...) Táticas era um curso que me ajudava aqui [na PUC] em Metodologia da Pesquisa, sem dúvida. E Programação do Ensino porque era isso que me interessava, quando falo que estava interessada em educação, não era educação em geral, era ensino.

João Bosco Jardim fez a disciplina “Táticas” pouco tempo depois de Maria do Carmo Guedes e comentou tanto a metodologia utilizada na disciplina quando o que isso representou para ele:

O que marcou a todos nós, a toda nossa geração foi o curso de táticas da pesquisa científica. Era um curso muito difícil de ser dado, porque era novidade, o livro não era traduzido e então ela tinha um sistema. Ela dava o Sidman de uma maneira muito curiosa, ela reunia o grupo e pedia que cada um fizesse a ela um número de perguntas, se eu não me engano três. Então, ela dispensava o grupo, ia para a sala dela, estudava as perguntas e voltava e, então, a gente discutia pergunta por pergunta com ela, e era muito interessante, e era muito, muito, muito interessante. É curioso que ela tenha feito assim, de uma maneira tão aberta um curso que, tão explícito, sem esconder um curso que implicitamente... É curioso que ela usasse o método de forma tão explícita e dizia que “eu quero estudar antes de conversar com vocês”. É muito, é muito interessante isso. Agora, é claro que Sidman naquelas alturas era um *suparassumo*. Aquele livro é um marco extraordinário, então ela precisava mesmo, ela trancava na sala dela, ela pegava pergunta por pergunta, estudava, depois vinha.

²⁸ César Ades (1943 – 2012), psicólogo, professor do Instituto de Psicologia da USP, foi diretor do Instituto de Estudos Avançados da USP, fundador e vice-presidente da Sociedade Brasileira de Etologia. Trabalhou na área de etologia, comportamento animal e cognição animal.

Silvio Botomé foi aluno na disciplina de Ensino Programado e descreve o impacto que na formação dos alunos que ela teve e na sua própria formação. Para ele, uma linha de pesquisa foi desenvolvida a partir das discussões de Bori no tema, gerando uma visão diferenciada de aplicação do método em relação à utilização estadunidense:

tem uma história de desenvolvimento de conhecimento que teve Carolina como alma, como inspiração, como origem, como orientação, como o caminho, como orientadora de direções para vários de nós e essa foi uma delas. Como teve no ensino programado, outras pessoas em vários lugares do Brasil, também tiveram isto com ela. Nem todos tomaram isto como um campo de investigação. Eu tomei.

Estas descrições ajudam a compreender o comentário de Walter Hugo sobre o momento de alunos da USP querendo a demissão de Annita Cabral e um mal-estar entre os professores da pós-graduação em Psicologia Social e Experimental:

os alunos de 68, da turma de 68, era uma turma muito rebelde, era uma turma que queria reformar as coisas, que queria tomar o poder de baixo para cima, não? Queriam começar pela universidade, modificar as coisas... logo eles se aborreceram com isso, mas naquela ocasião, os alunos achavam que a Carolina, ela tinha ideias sobre o que se ensinava nas outras universidades, o que deveria ser ensinado, não é? Sobre pessoas que ela conhecia, e tal, e achavam que ela realmente podia ser a chefe, organizar as coisas. Então, a dona Annita pessoalmente, achou que a Carolina e o Rodolpho tinham feito a cabeça dos alunos contra ela. Não me parece que... na verdade eu acho que era um entusiasmo dos alunos pelo entusiasmo da Carolina.

Arno Engelmann aponta a dificuldade de relação com Annita Cabral e menciona este mesmo movimento dos alunos que Walter Hugo menciona: “houve um momento que todos os assistentes não aguentavam mais a Annita. Ela era uma pessoa muito inteligente, muito. Mas... Então, no fim era um movimento contra ela”.

Com isso, em 1968 o sistema de cátedras acabou e a cadeira de Psicologia, regida por Annita Cabral se tornou Departamento de Psicologia Social e Experimental até o surgimento do Instituto de Psicologia, quando este Departamento foi dividido em dois: Departamento de Psicologia Experimental e Departamento de Psicologia Social e do Trabalho. Carolina Bori se tornou chefe do Departamento de Psicologia Social e Experimental, e, como vice-chefe, Walter Hugo da Cunha.

Neste momento de reformulação daquilo que se tornará o Instituto de Psicologia em 1969, Bori lutou pelo desenvolvimento de um curso que prezasse a experimentação. Walter

Hugo lutou, neste momento, junto com Bori. Ele afirmou que, do ponto de vista deles, um curso de psicologia não poderia enfatizar a aplicação porque

não pode haver uma aplicação que preste sem uma ciência por trás. Se não houver ciência, não houver investigação, essa aplicação vai ser conversa de comadre como você vê por aí. Psicologia virou isso. São comadres. Da palpite na vida de todo mundo, o psicólogo quer colocar a cabeça dele no lugar da cabeça dos outros. “Abandona a sua cabeça e põe a minha que euestoucerto.

Na avaliação de Walter Hugo da Cunha, quando o curso de psicologia foi criado, em 1958, ele não tinha condições para permanecer com a mesma estrutura por muito tempo. Apesar disso, o curso continuava sendo oferecido em condições muito semelhante às condições iniciais. Afirmou: “Quando os alunos começaram a pedir uma reforma para o curso de psicologia, é porque o curso de psicologia era uma bagunça mesmo. Ele foi criado sem condições suficientes para isso. (...) algumas matérias eram dadas em duplicidade de uma maneira que irritava os alunos”.

Os alunos pretendiam instituir o curso em departamentos, com discussão entre os pesquisadores que os integravam e que as decisões fossem tomadas em grupo. Lutavam, em tempos de ditadura militar, por um departamento cujas decisões não fossem tomadas de modo vertical. Nas palavras de Walter Hugo: “nosso departamento funcionava desse jeito. Ele era um departamento democrático. Em grande parte, isso foi obra da Carolina”. Neste momento, mais uma vez, percebe-se a contribuição de Bori marcando o desenvolvimento de uma postura diante dos problemas que um departamento precisa enfrentar.

Em 1969, outro episódio teria gerado grande desparazer em Bori e foi avaliado por Walter Hugo como “uma perseguição” e “uma coisa muito desagradável, muito triste” por Luiz Edmundo de Magalhães, que explica: “Eu acho que por esse período, infelizmente, injustamente até eu posso dizer, ela teve um mal, um insucesso em obter a livre-docência”. Diversos entrevistados comentaram este episódio porque, segundo os relatos, a banca avaliadora teria sugerido à ela que retirasse a tese ou ela seria reprovada. Deisy de Souza, por exemplo, comentou que, após o falecimento de Bori, recebeu um telefonema da secretária que trabalhava com Bori comunicando que todo o material dela estava sendo jogado no lixo. Deisy teria ido até o local e localizado a tese de livre docência. Afirmou: “eu tenho uma cópia, uma cópia de uma tese dela, que ela fez, que ela nunca defendeu na USP que era para ser um, era para ser uma Tese de Livre docência e... e essas coisas políticas da USP, eu sei que ela retirou a tese e nunca defendeu. Eu tenho a tese”.

Outro a comentar este episódio foi Arno Engelmann. Ele destaca que ela era chefe do departamento e que, uma banca formada por cinco pessoas decidiram que ela não deveria se submeter ao concurso. Disse: “No fim ela não fez. (...) É, depois foi organizado uma banca. Um professor de zoologia, um professor de... realmente eles não aceitaram. (...) Havia dois professores de sociologia”.

Um ponto importante para compreender este episódio da livre-docência é a luta política que existia na psicologia da USP. Este ponto foi enfatizado por Walter Hugo que disse que a de Bori se submeter ao concurso de livre-docência foi tomada pelo grupo da psicologia experimental da USP para poderem criar o Departamento. Disse: “Ela estava mais adiantada, mais perto. Então, começamos a pressioná-la para fazer a livre docência”. Assim ele descreveu o episódio:

Só que ela estava numa tensão enorme, porque tinha o problema de chefia, a luta política, aquela coisa. Ela estava numa tensão enorme, Então, nós a dispensamos da chefia, eu assumi a chefia para que ela fizesse a livre docência. E para que ela pudesse andar um pouco mais, ela me pediu para ler a tese dela e comentar e... fazer comentário mesmo, por escrito, sugerir reforma e mudança e tal. A tese dela estava um pouco descosida, com alguns... tinha alguns dados interessantes, mas ela estava com dificuldade de expressão. Então eu tive um bocado de trabalho para entender o que ela estava querendo fazer e fazer ela colocar, mas ela estava lá colocando. Eu não vi todo o trabalho dela pronto. Eu sei que quando ela apresentou, eles fizeram uma reunião, era uma reunião do Arrigo, o Sawaya, um professora que era de antropologia, Maria Isaura, que ela achava que era muito amiga dela. (...) E não sei quem era o outro, eu sei que eles fizeram uma reunião e propuseram ela, se não me engano foi o Sawaya que propôs, que retirasse a tese porque senão ela ia ser reprovada. E nós achamos muito injusto aquilo porque, talvez a tese dela não fosse perfeita, não fosse... foi feito meio às pressas, meio ajambrada lá, sei lá. mas, conhecendo certas teses que foram produzidas no departamento do Arrigo, era um... havia umas pessoas lá que se botassem as mãos no chão, não levantava mais. Era... era... havia teses fraquíssimas lá. e foram aprovadas. E aprovadas com notas altas. Então, eu tenho a impressão que foi mesmo uma perseguição. (...) [Ela] devia ter defendido a tese. Ora, que reprovassem em público.

Com isso, nunca mais voltou a tentar o título. Acabou se envolvendo cada vez mais com atividades de política científica. Por causa desse envolvimento político, alguns dos depoentes questionaram a contribuição de Bori como uma cientista. Outros criticaram esta visão da contribuição de Bori, afirmando que ela continuou fazendo pesquisa, mesmo com a atuação política. Este assunto é o que gerou mais discordância entre os entrevistados. Nove deles discutiram diretamente o assunto. Alguns avaliam que Bori fez muito pelo

desenvolvimento da ciência no Brasil, mas, ainda sim, ela não pode ser considerada uma pesquisadora. Walter Hugo, por exemplo, afirmou: “Ela não era pesquisadora. Você não consegue apontar uma grande descoberta que ela tenha feito, não? Alguma contribuição grande, assim”. Luiz Edmundo avaliou as condições de trabalho de Bori para falar de suas limitações e contribuições como pesquisadora:

Primeiro, eu acho que psicologia, infelizmente, ela foi uma área, e não sei hoje como está, mas seguramente ela foi uma área que não tinha o desenvolvimento, a qualidade necessária dentro da USP. Então isso é grave. E é responsável porque as pessoas também não se desenvolvem lá dentro. E eu considero que as limitações, que as eventuais limitações da Carolina são decorrentes daquele ambiente que você não pode superar sozinho. Você precisa forças maiores para... você precisa trazer gente de fora, você precisa ter um reitor ou um diretor que tome a peito essa tarefa. Então, você tem problemas institucionais e que a responsabilidade não é dela. Então como eu te disse, eu acho que ela como profissional, ela foi extremamente dedicada, ela foi extremamente honesta, investiu, procurou trab... dentro da filosofia dela com certas limitações do que forneceram para ela. Ela tinha uma visão... era uma pessoa muito tranquila, eu acho. Ela demonstrava uma certa tranquilidade. Ela encarava as coisas, ela procurava estudar, ela procurava avaliar, mas ela... ela queria que os alunos fizessem pesquisa, ela se apegou ao problema da metodologia, ela incentivava muito o desenvolvimento dessa área, mas ela mesma ficou tão assoberbada de trabalho causa alunos e a sociedade de uma certa forma que não permitiu que ela desenvolvesse mais.

Na mesma linha de análise de Luiz Edmundo de Magalhães, Isaias Pessotti afirmou: “Engraçado, muito militante em favor da pesquisa, da formação de pesquisadores, mas ela pesquisou muito pouco”.

Um ponto de vista diferente quando à contribuição de Bori como pesquisadora foi apresentada por Eduardo Moacyr Krieger, que também separou a atuação como pesquisadora da atuação no contexto da política científica: “a Carolina teve uma atuação paraticamente nos dois setores com grande intensidade e com grande sucesso”. Para ele, apenas quem é reconhecido como liderança aqueles que, primeiro, tem um reconhecimento como pesquisador em uma área específica.

Ela nunca deixou de ser pesquisadora e nunca deixou de atuar politicamente em sociedades, SBPC, Estação Ciência. Tudo que envolvia, digamos, problemas de educação, problema de ciência e tecnologia, estrutura do sistema. Ta certo que estava tudo para ser construído. O Ministério de Ciência e Tecnologia foi criado em 1985 e começou a passar por momentos de turbulência de que não era mais Ministério, virava Secretaria e virava Ministério de novo. Então, esse é o depoimento que eu poderia dar. Não é? É uma pessoa que teve um

envolvimento muito ativo, mas com legitimidade, não é? Porque você... na nossa área, para você ter liderança, digamos na área universitária, acadêmica, é preciso você ser reconhecido pelos pares dentro do seu setor, dentro da sua competência. Isso é muito importante, que você legitima a sua liderança se você é reconhecido pelos pares na sua... Isso ela era! Quer dizer, ninguém duvidava da competência dela na psicologia experimental. Então, isso dava suporte.

João Cláudio Todorov preferiu dividir a atuação de Bori como pesquisadora em outros duas áreas: desenvolvimento de pesquisa e publicação de pesquisa. “É, isso Então,, eu acho que ela foi uma grande cientista, ela não publicou muita coisa”. Justifica-se dizendo que a pesquisa era feita junto aos vários mestrados e doutorados que orientou.

Outro ponto que gerou divergências é o que diz respeito às publicações de Bori. João Claudio Todorov afirmou que “os doutorandos [de Bori] não publicavam”. Rachel Kerbauy, por outro lado, também separou as duas atividades em dois setores mas apontou a contribuição de Bori apenas no setor de política científica. No que diz respeito à publicações, Bori nunca incentivou:

Na realidade, eu tenho impressão que ninguém foi incentivado por ela a publicar, ou porque ela não tinha publicado, isso Freud explica e não eu. Eu sou incapaz de explicar isso dela ou porque ela estava muito mais interessada no papel político de abrir campos e formar gente e de dar condição de ter doutores na área e de desenvolver laboratórios. E ela achava que era irrelevante publicar.

Dois dos depoentes justificaram o número de publicações de Bori a partir do contexto em que viveu. Geraldina Witter afirmou que

no auge da vida dela lá na USP, [publicar] não era tão valorizado. É com a pós-graduação, (...) com a cobrança da CAPES, que agora tem que publicar no exterior... hoje a gente cobra também mais dos alunos a publicação. Então eu acho que era uma contingência de vida que a gente tinha que ninguém valorizava muito isso. A gente ficava contente com o resultado e pronto.

Deisy das Graças segue a mesma argumentação de Geraldina Witter e, ao discutir o assunto, conta uma experiência atual:

eu acho que ela tinha uma visão muito clara de como era melhor ela dividir o tempo dela. Então, eu acho que ela priorizou tudo isso à publicação. Além disso, na época dela, se olhava para a publicação de um jeito diferente do que se olha hoje, não? Teve um congresso, não me lembro o nome, uns anos atrás saiu lá a conversa, discutindo os critérios da CAPES para credenciar programas e credenciar

professores para a pós-graduação, critérios do CNPq para dar bolsa de produtividade em pesquisa e a fala geral era: “Uma Carolina Bori...” que ela é muito respeitada não só na análise do comportamento mas na Psicologia também. Mas a fala era: “Carolina Bori jamais seria pesquisadora do CNPq e hoje ela teria que sair do programa dela, porque se ela ficasse lá ela prejudicaria o programa dela”, desse ponto de vista, de publicações, mas é que o mundo era outro, não?, as exigências...

Silvio Botomé apresenta uma visão muito particular da contribuição de Bori. Para ele, esta discussão sobre as pesquisas e publicação de Bori é desnecessária porque, do ponto de vista dele, ela foi a inspiração de muitos problemas de pesquisa, ela motivou muitos pesquisadores, abriu novos caminhos e acompanhava aqueles que se interessavam pelos caminhos que ela abria. Ainda, para ele, muitos dos seus orientandos publicavam seus mestrados e/ou doutorados, mas Bori não aceitava que seu nome fosse como autor. Segue sua avaliação:

A prática dela era exatamente isto, ela fazia as pesquisas conosco, ou seja, ela nos levava a fazer e nos acompanhava. (...) Ela não aceitava ser coautora, mas foi coautora. Porque é um problema importante. Não é só o executor, o redator que é o autor. A pessoa que teve a percepção da gênese daquele trabalho, teve a percepção dos problemas no núcleo dele, que orientou os passos que você deu é um coautor. (...) Então, tá a maneira de Carolina escrever: ela escrevia em nossos comportamentos, ela escrevia com as contingências que ela produzia para a gente fazer as coisas.

Ainda sobre o assunto das publicações, pode-se dizer que Maria do Carmo Guedes comentou sobre o que Silvio Botomé chamou de “escrever em nossos comportamentos”. Ela contou que a aproximação dela de Bori aconteceu por causa do seu interesse pelo PSI, utilizado em Brasília. Maria do Carmo já havia feito a disciplina de Ensino Programado durante o doutorado, estava utilizando o método em suas aulas, estudando o assunto na sua tese de doutorado. Então, ela relata que recebeu um convite de Bori para trabalhar na edição de três livros para professores de ensino técnico: “Um livro era sobre aula expositiva, um livro era sobre exercício e o terceiro, se Deus quiser, era sobre avaliação, que é um tema que eu sempre gostei”. Era um livro programado e, para elaborá-lo, montou uma equipe para dar seguimento a um projeto pensado por Bori: “Então você tinha que ter para cada passo, um monte de pequenas frases que iam conduzindo a pessoa”. Com isso, ela conclui: “Minha conclusão, citando esse livro é isso. Tudo que ela deu era difícil, não sei como é que ela

achava que a gente era capaz de fazer e a gente fazia. Devia ter apoio dela. Não sei como ela apoiava a gente, mas ela apoiava”.

Alguns depoentes enfatizaram o papel de Bori como uma coordenadora que precisava tomar decisões. Arno Engelmann avalia que primeiro teve um período em que Annita Cabral tomava as decisões pela cadeira e, depois, aponta o período de Carolina Bori como substituta de Annita Cabral. Contudo, aponta a diferença entre o modo de decidir a tomada de decisão: “ela tomava mas não era a única pessoa. Era uma coisa bem diferente da dona Annita”. Ele avaliou o comando de Bori como “muito boa” e “muito influente”. Em muitos momentos, ele compara a coordenação dela à de Annita Cabral e afirma que, assim como houve um movimento contra Annita Cabral, também ocorreu um movimento contra Carolina Bori. Ele foi o único a falar sobre este movimento contra Bori e relatou não lembrar de muitos detalhes. Disse:

O que eu me lembro, não sei se... houve um movimento contra a dona Annita. Ela saiu. Depois, algum momento, com a Carolina, houve também um movimento contra ela e eu não fui. Eu era bem amigo do Walter, do Cesar, do... mas, queria realmente... não era uma coisa... éramos poucos... na parte de experimental eram quase todos contra a Carolina. (...) Dentro da experimental, o grupo... o Walter, o Cesar e Fernando. Eles eram... novamente eu disse: “não, mas... somos contra a dona Annita, mas...”

Ele também discutiu as diferenças de abordagem teórica que existiam entre os professores do Instituto de Psicologia. Para ele, apesar de Bori ter deixado de trabalhar sob o ponto de vista da Gestalt e se tornado behaviorista, ela ainda orientava teses em outras abordagens, como foi o caso dele. Assim, contou que, em uma ocasião, Annita Cabral o chamou de behaviorista, por causa da proximidade que ele tinha com Bori e ele disse: “eu sou gestaltista, mas com ela [Carolina Bori] e não com a dona Annita”.

Walter Hugo também descreveu a maneira como Bori tomava decisões e pondera:

Ela, quando foi chefe, ela não tomava decisão sozinha. Ela reunia todo mundo e a gente discutia, e tal, e punha em votação e estendia. Se bem que uma vez ou outra, ela também fugia, ela também não cumpria... ela também tinha lá suas... (risos) é, ela tinha também os seus... os seus... as suas preferências.

Para ele, houve um momento em que ela foi contra a contratação de Dante Moreira Leite para o Departamento de Psicologia Experimental porque “Eu penso que ela não queria dividir o poder com ele. Ou talvez tivesse as razões dela, eu não sei, né”. Além dessa ocasião, Walter Hugo comentou um episódio em que ele teve uma grande divergência com Bori e

avaliou a posição que ela teve como imediatista. Na ocasião, todos os professores do Departamento de Psicologia Experimental tinham chegado ao acordo de que alguns de seus professores iriam ser dispensados de algumas aulas para terminarem suas pesquisas de doutorado. Com isso, aumentaria a titulação dos professores do Departamento e eles teriam mais força. Além disso, para esta decisão valer, Carolina Bori, que era presidente da comissão da pós-graduação do Instituto, deveria levar esta posição na reunião da pós-graduação. Porém, na reunião, ela teria defendido outra posição. Assim ele descreve o episódio:

A Carolina era a presidente da comissão da pós-graduação do instituto. Mas do departamento era eu. Então, “Tá de acordo? Tá de acordo!”. A Maria Amélia foi de acordo, a Dora foi de acordo, Mario Guidi foi de acordo, todo mundo foi de acordo, Carolina também. Elas saíram da reunião, Maria Amélia e a Carolina, e foram para comissão de pós graduação, onde a Carolina era presidente. Chegando lá, eu mandei a proposição dos cursos que deveriam ser dados, eles estavam livres desse curso. Eles recusaram e fizeram eles darem o curso. Ai um professor de lá, que já faleceu, o seu Rosamiro, veio e contou para algum dos professores lá que a Carolina e a Maria Amélia tinham faltado a palavra delas, que elas tinham dado na reunião, que ele tinha sabido da reunião... ai eu tornei a convocar uma reunião e, publicamente, na reunião, nós questionamos as duas, porque que é que elas foram... e a Carolina disse: “Ahh, não achamos que... é importante dar o curso, nós estamos aqui... tal e tal”. Mas ai eu disse: “Vocês são muito imediatistas, você não estão vendo o futuro”. Então, eu mandei colocar no prontuário das duas, eu estava como chefe, ai já era chefe, não?, não era mais a Carolina. Mandei colocar no prontuário das duas uma recriminação por terem faltado ao compromisso que havia sido votado em departamento e deve constar como um desamor na ficha dela.

Walter Hugo comentou outros desentendimentos que teve com ela por causa do que ele avaliou como uma visão “um pouco imediatista” que ela tinha. Para ele, como todo mundo propunha disciplinas com 10, 15 ou 20 unidades de créditos, todas as propostas de disciplinas para a pós-graduação deveria seguir esta mesma característica:

Se eu mandasse um programa com treze unidades de crédito, a Carolina mandava cortar. Tinha que adaptar. Tinha que ser dez ou tinha que ser quinze. Ai eu perguntei a ela por que? Não, porque todo mundo ta assim. Então, eu disse “Se todo mundo entrar de farda, então você acha que também vai ter que entrar de farda?”.

Maria Helena Souza Patto descreve a atuação de Bori baseada em contatos esporádicos que teve com ela, que estava “à frente da pós-graduação” quando Patto era matriculada no curso de doutorado, em 1981: “E tive contatos com ela rápidos e tenho até

documentos assinados por ela, da pós-graduação e principalmente na formação da banca, aquela coisa toda, tinha gente que não podia e ela que chamava, substituía por outra, sempre muito atenciosa e muito dedicada...”.

Elas trabalhavam em departamentos diferentes, mas Patto afirmou que, em alguns momentos, foi beneficiada por Bori. Segundo ela, o livro “A Produção do Fracasso Escolar”, de sua autoria, foi resultado de uma pesquisa financiada pelo CNPq. Ela conta a sua surpresa quando ficou sabendo que foi Carolina Bori quem deu o parecer aprovando o financiamento deste projeto “que era absolutamente contrário de todos os princípios da ciência experimental”. Isto representou, para ela, “uma comprovação do compromisso dela com o progresso do conhecimento, e o conhecimento eu acho que ela pensava assim, pode ser emitido de diferentes caminhos, existia o caminho dela, mas ela também não o tinha como o único caminho, então isso eu achei sempre muito interessante na Carolina” (Maria Helena Souza Patto).

Alguns dos depoentes consideram que um importante papel de Bori, ainda como professora do Instituto de Psicologia da USP, foi criando condições para que a ciência se desenvolvesse a partir de viagens para diferentes cidades do país e fora do país. João Bosco Jardim, por exemplo, conta sua impressão de aluno de quarto ao quinto ano de Psicologia, em 1968, quando Bori foi à Belo Horizonte dar um curso de Psicologia Social Experimental. Segundo ele,

Ela não estava dando um curso de Análise do Comportamento Social, no contexto analítico comportamental. Embora, todas as afinidades do Zajonc e outros textos que ela apresentou... mas ela não apresentou só textos, ela citou Asch²⁹, textos tradicionais, textos clássicos. Então, porque que vingou? Por que um grupinho nosso de alunos, muito atirado, começou a se reunir com a Carolina nos botequins, nos bares, nos restaurantes e ali a Carolina, falou de Análise [do Comportamento]

A conversa iniciada no curso se estendia nos contatos que teve com ela fora da universidade e, com isso, novos interesses iam surgindo, e nestes encontros de alguns dias, João Bosco avalia que gerou um enorme impacto entre aqueles que estavam neste curso: “Ah, aquilo valia por muito mais do que um ano de curso. O curso foram poucos dias, o curso deve ter durado, sei lá eu, uma semana, dez dias”.

Em 1976, Bori foi convidada por Luiz Edmundo de Magalhães, então reitor da UFSCar, para coordenar o Centro de Educação e Ciências Humanas desta instituição. O

²⁹ Solomon Eliot Asch (1907 – 1996): Psicólogo gestaltista e pioneiro da psicologia social.

próprio Luiz Edmundo contou que, ao assumir o cargo da universidade, que tinha poucos anos de existência, convidou algumas pessoas para ajudá-lo em várias áreas do conhecimento e dentre os convidados estava Carolina Bori. Segundo ele, “Ela ia toda semana para lá e abrimos, ela participou disso, ela me ajudou nisso, abrimos a primeira pós-graduação lá”. Deisy das Graças era professora do Centro para o qual Bori foi convidada à ser coordenadora e apresentou seu ponto de vista sobre a maneira como Bori coordenava:

o Centro de Educação era muito pequeno perto da universidade e do desenvolvimento que era pretendido. Então a Carolina reunia o corpo docente todo e colocou a gente para discutir o que que esse centro poderia fazer para ser de fato um Centro de Educação em Ciências Humanas que tivesse, que desse uma contribuição para área, uma contribuição para região, etc. Então, ela animava essa universidade. Ela vinha dois dias por semana. Quando a Carolina chegava, as pessoas começavam a... ficava todo mundo em volta. (...) Ela reuniu os professores e disse que o centro precisava expandir, mas quem ia decidir o que fazer eram os professores. Muitos levantamentos foram feitos, muitas ideias surgiram, mas uma que ficou muito clara era que precisava de professores de educação especial. Foi pensado educação infantil, ne, preparar gente para trabalhar em creche, uma porção de coisas na área de educação, mas o de educação especial foi o que deslanchou.

Então, com essas reuniões decidiram abrir um curso de pós-graduação em Educação Especial, pioneiro no país, antes do curso de graduação, para poderem formar professores universitários com especialidade em educação especial. Segundo os depoentes, esta pós-graduação abriu portas para que a área pudesse se desenvolver no país. Deisy de Souza avalia que este mesmo papel que ela teve em São Carlos, desenvolvendo uma área, motivando pessoas, ela também fez em vários outros lugares: “essas coisas que ela fazia assim ela fez aqui, ela fez na Bahia, ela fez no Rio Grande do Sul, ela fez no nordeste (...). Fez em Minas, fez na Venezuela. (...) Para ela eram tarefas. Tarefas que ela assumia para poder ajudar, mas a base dela era a USP”.

Silvio Botomé trabalhou em colaboração de Bori no desenvolvimento do PSI na Venezuela, com objetivos semelhantes ao trabalho de Bori em Belo Horizonte e São Carlos, relatados anteriormente. Nesta ocasião, o objetivo era “desenvolver um programa de ensino personalizado, o PSI, do modelo Keller”, porém, já com algumas alterações que estavam propondo. Ele relatou que esta não foi a única vez em que ela foi para outros países latino-americanos com objetivos como este: “Teve outras vezes que ela foi, foi com o Mário Guidi, tinha uma professora argentina que também ia conosco para lá”.

Outra contribuição aconteceu na USP e pode ser avaliado como uma colaboração de Bori na criação de condições para o desenvolvimento científico. Esta, apesar de ser na mesma instituição em que Bori trabalhava, ocorreu especificamente no Instituto de Física, quando um grupo de pesquisadores deste instituto estava trabalhando para a criação de uma pós-graduação inter-disciplinar na área de Ensino de Ciências. Jesuína Pacca foi aluna da primeira turma, em 1973, e contou que, apesar do Instituto de Psicologia da USP não ter entrado na pós-graduação, o seu início se deve a contribuições de Carolina Bori e um grupo que trabalhava com ela porque foi “o nosso primeiro contato com o laboratório em que você ia tratar de elementos que estavam te dando informações de aprendizado, do aprender”. Na época, para o grupo de professores do Instituto de Física, a ideia de um laboratório para o estudo da aprendizagem satisfazia algumas das exigências que a física, enquanto área de conhecimento, tinha. Assim ela descreve a primeira contribuição de Bori para o surgimento da pós-graduação em Ensino de Ciências, ao receber um grupo de 10 alunos matriculados nesta primeira turma do curso de pós-graduação:

E Então, que eu te digo que a gente pode perceber como é que a gente poderia ter dados de natureza qualitativa, não é? Num experimento em que você estava observando aprendizagem, não? Mesmo... a gente chegava a discutir a validade, tudo isso e questionar o fato de que um ser humano e o ratinho são muito diferentes. Então, eu estou vendo um certo tipo de comportamento que é resultado de uma possibilidade que o ratinho tem, que o ser humano eu acho que tem mais do que isso, certo? Mas foi o momento que a gente tomou contato com esse tipo de conteúdo e nos tínhamos que fazer o experimento com relatos objetivos... com relatos objetivos da observação, daquilo que a gente tinha como observação. E acho que o nosso... o nosso vício quantitativo, a gente ficava mais ou menos feliz quando a gente via que o número de vezes que a gente teve que acionar as gotinhas ou tal, com o que o ratinho ia fazendo, ne, quantos passos ele teve, isso dava uma tranquilidade, não? A gente achava ótimo, certo? E ao mesmo tempo, se admirava com aquilo que era um comportamento que o sujeitinho ali ia apresentando, não? Então, foi o nosso primeiro contato com uma coisa que a gente podia chamar de experimental, relacionado com o ensino, ne, e que nós podíamos medir. Então, para mim, era essa a minha... a minha surpresa agradável, certo? Que eu podia, então, trabalhar com esse tipo de concepção.

Após este primeiro contato, a relação entre Pacca e Bori permaneceu. Segundo ela, o contato com Bori foi constante durante a elaboração de sua dissertação e o resultado final do trabalho foi “uma mistura entre o que a Carolina me dizia, o que o meu orientador me dizia, que eles falavam línguas bem diferentes e a minha cabeça de pesquisadora novata”. No contato pessoal, Pacca afirmou que sempre que precisou falar com Bori ela era recebida: “Ela

nunca me disse que não podia ou qualquer coisa”. Segundo Pacca, quando se encontravam, Bori conversava “Como se eu fosse uma autora e ela tivesse discutindo comigo. Exatamente, era essa a coisa. Ela nunca me citou uma referência”. Para ela, “isso foi uma coisa boa porque ela seguia a minha cabeça, entendeu? O que eu tinha feito, o que eu tinha pensado, estava no papel”. Então, ela descreve a atuação de Bori como orientadora semelhante à forma com que outros orientandos, como Isaias Pessotti, Maria do Carmo Guedes e Deisy das Graças, descreveram:

Mas a Carolina nunca me perguntou de referência. Ela trabalhou com a minha cabeça. Eu não sei se isso era consciente dela se era... eu sempre achei que a Carolina era muito espontânea, certo? E tinha uma coisa de intuição muito forte, também. E eu... hoje, eu olhando para trás, eu me sinto que era tratada dessa maneira. Era o que eu tinha li naquele momento, eu levava aquilo: ‘Olha, veja se é razoável. O que que a senhora acha disso?’. E ela, então, fazia as questões(Jesuína Pacca)

Em outro momento, Bori contribuiu para o desenvolvimento de condições para a pesquisa aconteceu quando Maria do Carmo Guedes busca ajuda dela para a criação da Fundação Aniela e Tadeuz Ginsberg, que tinha o objetivo de dar bolsa para estudantes interessados em fazer pesquisa. Quando criaram uma comissão científica para a inscrição da fundação junto à FAPESP, Maria do Carmo Guedes descreve sua surpresa com a composição da comissão: “a Carolina topou fazer parte da comissão científica (...). Ela levava tão a sério a nossa comissãozinha científica mixuruquinha, como as reuniões da fundação de Brasília”. Ela disse isso comparando a diferença entre a comissão da fundação que acabara de criar e a Fundação UnB, que cuidava da Universidade de Brasília.

Talvez a maior contribuição de Bori tenha acontecido a partir de sua atuação em agências, setores da universidade e associações que ela presidiu. Muitos entrevistados destacaram as posições que Bori ocupou como uma maneira de conseguir que fosse produzido aquilo que ela considerava importante. Assim, foi coordenadora do Departamento de Psicologia em Rio Claro e Brasília, chefiou o Departamento de Psicologia Experimental da USP, integrou diversas comissões nesta mesma instituição, assumiu todos os cargos da SBPC, entre outros. Eduardo M. Krieger afirma: “eu guardo dela uma ideia de uma das lideranças que esse país teve”. Alguns dos depoentes que comentaram a forma como Bori exercia sua liderança, falam sobre sua atuação discreta. Maria Helena Souza Patto afirmou que

há formas e formas de querer o poder. Na minha trajetória acadêmica eu vi pessoas que queriam o poder por uma questão meramente narcísica para se sentirem poderosas e se sentirem as donas da área e

do pedaço, nunca vi isso na Carolina. (...) A Carolina exercia o poder de uma forma extremamente discreta, talvez porque ela queria os postos de poder para poder realizar aquilo que ela achava que era preciso realizar dentro campo científico brasileiro, talvez.

Para Rachel Kerbauy, Bori sempre buscava o poder para conseguir “impor ideias”:

ela gostava do poder também e ela sabia que precisava de poder para conseguir as coisas também. (...) Porque ela sabia onde estava. Como ela era muito simpática, agradou assim... tinha uma voz mansa, na realidade ela conseguia penetrar nos lugares. Eu não posso falar umas coisas porque fica feio, mas na realidade ela sabia se relacionar assim, no superficial... com as pessoas... muito bem, para entrar, para impor ideias e numa luta teoria ou de lugar para a psicologia, ela não vacilava, ela ia até o fim da briga, entende?

Por fim, Maria do Carmo Guedes, ao discutir o papel de Bori na posição de liderança científica, referiu-se à atuação de Bori na área de programação de ensino: Afirmou que:

Ela era uma programadora de ensino, ela não ensinava ao léu. (...). Porque eu não acho que ela era... por exemplo, eu não acho que ela entrava nas reuniões com tudo na cabeça programadinho. Ela era espontânea. Ela reagia, só que reagia certo ao que as pessoas faziam.

Assim, na sequência, serão comentados alguns outros lugares em que Bori assumiu alguma posição de liderança, destacando as decisões tomadas, as posições assumidas e as avaliações que os entrevistados fazem da atuação dela. As diversas posições serão discutidas cronologicamente, tomando como referência a sua atuação junto à SBPC.

9.5. SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA

Os primeiros registros de Carolina Bori junto aos arquivos da SBPC datam do ano de 1954, quando seu nome aparece dentre os pesquisadores que se associaram naquele ano. A partir de então, sua atuação junto à sociedade foi se intensificando: tornou-se conselheira em 1969, tornou-se secretária na gestão de 1973-74, e, nas gestões seguintes, foi assumindo outros cargos da diretoria até se tornar presidente em 1986. Após 1989, deixou a presidência da SBPC e passou a integrar o conselho efetivo, composto por todos os ex-presidentes. Assim, ela integrou cargos da SBPC de 1969 à 2004, ininterruptamente. Além desses cargos, Bori também recebeu o título de presidente de honra. A atuação de Bori foi tão ligada a esta sociedade que Eunice Personini considerou que ela foi, nos últimos 40 anos, a pessoa que mais se dedicou às causas da SBPC: “eu comento direto, toda hora que se fala das várias

diretorias da SBPC, que não teve outra pessoa, eu acho, não me lembro desde que eu estou aqui, tão dedicada como ela para questões da SBPC, mesmo”.

Luiz Edmundo de Magalhães se tornou secretário geral da SBPC na mesma gestão em que Bori se tornou membro da diretoria pela primeira vez, na função de secretária. Ele apresentou o contato que tiveram:

A Carolina tinha um cargo que estava vinculado comigo, que eu era o secretário geral e mantivemos sempre um bom relacionamento. A Carolina era uma pessoa muito produtiva, muito. Levava muito a sério o trabalho dela, então eu tive um bom contato com ela. Nos tornamos amigos porque havia identidade de pensamento, de objetivos, avaliações coincidentes da situação política, tanto a política nacional quando a própria política da SBPC, e você sabe, era uma sociedade, naquela época, com uma certa projeção, uma boa projeção e tinha um papel relevante

Após este contato, trabalharam em parceria em outros momentos, como quando o Luiz Edmundo se tornou reitor da UFSCar e convidou Bori para ajudá-lo no Centro de Educação e Ciências Humanas. Além dessa vez, trabalharam na diretoria da SBPC em gestões posteriores e em cargos diferentes. Na avaliação que ele faz da atuação dela,

a Carolina sempre foi muito bem vista. Ela era uma pessoa de muito cuidado para externar opiniões, sabe, ela era uma pessoa bastante reservada, uma pessoa bastante reservada, principalmente a sua privacidade. Era intocado, tá. Ela era uma pessoa, também bastante presente nas urgências, nas necessidades, nos agravos. Ela era uma companheira. Então é uma pessoa conhecida, ela tinha uma grande popularidade, indiscutivelmente, indiscutivelmente. Tá certo? Ela tinha atitudes, ela foi uma pessoa sempre atuante, tinha muita penetração, ela falava com autoridades, tanto dentro da universidade como fora, governador do estado, ministro, etc. Ela tinha condições intelectuais para enfrentar, reivindicar, discutir.

A presença de Bori na sede da sociedade era quase diária e o papel que ela desempenhava foi descrita por Eunice Personini como de “bastidores”. Conferia os programas das reuniões anuais, respondia cartas, enviava correspondências aos sócios, entre outros:

E ela chegava, tanto quanto secretária como depois como secretária geral, como depois como vice-presidente e como presidente, ela ia todos os dias, depois da função dela. Que ela chegava 5h30, 6 horas, que a gente até pensava: “Puxa”! Sempre a gente ia ficar até tarde. E ficava... e ela escrevia mesmo todas... ela pegava cada correspondência... que não tem isso hoje em dia, não tem ninguém. Cada correspondência e pegava e escrevia a mão, com aquela letra linda, pequenininha, completamente legível, bonita. Era uma arte a letra dela. Tem algumas cartas e escrevia todas as cartas. E em cada

uma ela deixava com a resposta com aquela que veio e a gente datilografava... E com um cuidado, com um esmero que não existe. E a todas as questões que se apresentavam, ela se envolvia com todas.

Esta mesma característica de Bori foi destacada por Luiz Edmundo de Magalhães:

A gente ia quase que todo dia, meia hora, uma hora, duas horas para trabalhar na SBPC. Eu tinha que dar ordens, mandar o secretário lá executar isso e aquilo, o funcionário, não? E a Carolina ia também: “Tem que fazer um ofício não sei para quem. Tem que fazer não sei o que...”

Junto a isso, Bori tinha uma grande dedicação na preparação das reuniões anuais. Enquanto estavam sob os cuidados de Bori, as reuniões cresceram muito em número de participantes e trabalhos apresentados. Passaram de “mil participantes para 5 mil e depois para 10 mil”, segundo Eunice Personini. Os encontros também se tornaram um local para discussão política em tempos de ditadura militar. A maneira de Bori organizar a reunião foi descrita por Eunice:

não tinha nem computador, tudo era bem manual. Para fazer o índice, a revisão, a gente ficava até três, quatro horas da madrugada e ela ficava junto. Não é que ficavam as secretárias e os secretários. Tinha um grupo de 12 pessoas. A Carolina ficava junto, ela pegava aquele programa e revisava todo. Naquela época, com os recursos que a gente não tinha, a reunião só era realizada porque tinha uma pessoa como ela, entendeu?

Uma das reuniões em que Bori ajudou a organizar aconteceu na PUC-SP, sob forte pressão do regime militar que havia proibido a sua realização: “tava vetado”, afirmou Luiz Edmundo:

Então, consultamos a USP e o reitor da USP falou: “Eu não posso, eu tenho dois assessores de segurança aqui que falaram para não fazer, não deixar fazer na USP”. Fomos na PUC e fomos acolhidos entusiasticamente e imediatamente, sem pestanejar. Eu acho que era uma reitora, na época. Era uma reitora: “Pode fazer” e entregaram a PUC para nós. Foi muito festejado o começo dessa reunião. A Fafá de Belém estava por aí, cantava o hino nacional, junto com o Sala. O Sala foi capa da veja, o presidente da SBPC. A gente conseguiu fazer essa reunião. (...) Erasmo. O Erasmo é um doido varrido. O Erasmo é um loucão, um cara totalitário, com ódio no coração. Era um idiota. (...) Ele invadiu, prendeu gente, acho que machucou, foi muito chato, foi muito desgastante isso.

Eunice Personini, novamente apresenta a contribuição de Bori para esta reunião de 1977, especificamente, mostrando um artigo da Ciência e Cultura, assinado pela diretoria da

SBPC, mas, segunda ela escrito por Carolina Bori, comunicando a possibilidade de sua não realização por falta de apoio do governo. Por causa deste comunicado, vários artistas, em apoio, fizeram leilões de quadros para angariar fundos e a população foi colaborando de maneiras diversas:

Então, eu até li porque o encontro de 77 ela foi uma das corajosas que peitou fazer. Tinha gente que achava que não devia fazer. E a Carolina peitou, que tínhamos que fazer a reunião. Tínhamos que enfrentar o governo, sim. (...) Ela era, acho a única mulher na diretoria, mas ela brigou, ela não tinha receio disso com políticos. (...) As reuniões estouraram porque era o único espaço aberto naquele momento político da ditadura. Então, todo mundo queria participar da SBPC. Quando fala hoje, a SBPC... mas naquela época foi um salto gigantesco. Eu não consigo imaginar, assim. Porque Então, todos os outros apareciam, davam entrevistas, mas quem punha a mão na massa enquanto, ela estava, era ela. E foi a primeira mulher presidente.

Sobre este mesmo encontro, Luiz Edmundo completa a análise do sucesso da reunião: “A Fafá de Belém estava por aí, cantava o hino nacional, junto com o Sala. O Sala foi capa da Veja, o presidente da SBPC. A gente conseguiu fazer essa reunião”.

Por causa do trabalho desenvolvido junto à SBPC, Bori foi convidada por Sala, ex-presidente da SBPC, para ajudar em trabalhos junto ao IBECC, em colaboração com Luiz Edmundo de Magalhães. Ele descreveu este trabalho como “mais um pouco de administração”.

O trabalho que Bori desenvolveu neste instituto chegou até Maria do Carmo Guedes em mais um pedido:

ela me chama para indicar pessoas para trabalhar com ela num projeto muito bonito na área de educação que era atualização do professor primário e ensino médio. Principalmente do ensino médio que reagiu bem a isso. Então eles produziam um jornalzinho que mandava pros professores, rápidos resumos de descobertas recentes na sua área. Física, química...

Deisy de Souza se referiu ao trabalho de Bori junto ao IBECC para justificar a sua visão que, para ela, era necessário desenvolver a ciência do país: “Eu acho que isso justifica o envolvimento, agora, dela com o IBECC, a criação do IBECC, a administração do IBECC. Ela fez isso por anos. O IBECC desenvolvia equipamentos, protótipos, kits para ensinar ciências”.

Luiz Edmundo de Magalhães também destacou um trabalho de Bori voltado para a sociedade, o que exigia dela “uma certa ideia da ciência, do desenvolvimento científico” que

precisava ser defendido por líderes da SBPC. Como função de um presidente, “ela tinha que fazer pronunciamentos que eram da nação, eram divulgados, não era restrito a uma sala de conferência”.

Outro depoente a comentar a contribuição de Bori junto à SBPC foi Eduardo Moacyr Krieger, que afirmou ter entrado em contato com Bori quando ela era presidente da SBPC. Na época, ele era presidente da Federação das Sociedades de Biologia Experimental (FeSBE), que reúne sociedades de fisiologia, farmácia, imunologia, etc. Relata que o contato aconteceu porque a SBPC reunia todas as outras sociedades mais específicas para discutir os rumos da ciência no Brasil. Este papel de Bori como presidente da SBPC foi de grande importância, segundo a avaliação que fez e disse que “apreciava muito essa visão que ela tinha de papel que o cientista tem que ter em debater, influenciar os rumos das adversidades da ciência e tecnologia”.

Como característica de sua atuação, Krieger afirmou que ela aparentava, inicialmente, ser uma pessoa frágil:

e não era. Ela enganava porque ela era absolutamente dura nas negociações. Mas, disfarçava. Procurava, digamos, ser agradável, mas todo mundo sabia que a Carolina tinha ideias muito fortes e sabia defendê-las. Alias, acho que essa era uma das características dela. Firmeza! Firmeza! Firmeza mas dentro de uma exteriorização mais frágil, mais feminina, mais doce! Mas na verdade, ela não era não, na negociação.

Além de sua firmeza nas negociações, ele ainda destaca a coerência com que dirigia suas decisões. Nas diversas posições que assumiu, nas mais diferentes situações do país, sempre teve uma mesma meta da qual nunca se afastou. E tudo que procurou fazer ao longo de sua carreira foi buscando melhores condições para atingir sua meta: “Todos os anos que eu conheci as preocupações dela, em geral, foram sempre as mesmas. Mudava um pouco por causa... com o tempo, mas a preocupação central era a universidade e o nosso sistema de ciência e tecnologia, o nosso sistema educacional”.

Segundo a avaliação que fez, a principal preocupação que o unia a Bori era a estrutura da ciência e tecnologia do país. Para ele, buscavam “transformar política de ciência e tecnologia e educação, em política de Estado, e não de governo. De Estado quer dizer que seja permanente, que seja reconhecido pelo governo, pelo congresso, pela sociedade”. Esta luta, segundo Krieger, é uma luta que tem durado vários anos e que ainda não foi vencida: “São valores e atividades que precisam ser mantidos porque são partes do Estado e ninguém pode duvidar da questão. Isso nós lutávamos sempre e ainda não conseguimos”.

Bori, ao assumir a presidência da SBPC, em 1986, convidou Krieger para trabalharem em uma comissão organizada com o objetivo de reestruturar o sistema nacional de ciência e tecnologia do Brasil. Isso porque, inicialmente, havia sido criado o Ministério de Ciência e Tecnologia e, pouco tempo depois, se tornou Secretaria de Ciência e Tecnologia. Por isso, a comissão lutou para que a secretaria voltasse a ser ministério e, depois de conseguir isso, a comissão se voltou para o trabalho no Ministério.

Silvio Botomé comentou este episódio na história do desenvolvimento político-científico do Brasil, destacando a criação do Conselho de Ciência e Tecnologia, por José Sarney, então presidente do Brasil. Assim ele descreve seu desconforto ao ver a composição do conselho:

Eu olhei e fiquei assustado, porque na composição tinha sindicato, tinha sindicato patronal, tinha associação das indústrias, tinha não sei o que, e não tinha uma universidade, nem referências às universidades. Então, eu mandei imediatamente o fax, telefonei para Carolina e mandei o fax para Carolina: “Carolina, da uma olhada nisso aqui porque a SBPC tem que quebrar o pau com o governo, agora”. Carolina recebeu o fax, telefonamos, conversamos e ela disse assim: “Silvio, isto tem que ser discutido diretamente com o Presidente da República”, ela na direção da SBPC pediu audiência para o Sarney, tá? E o Sarney recebeu e incluiu a representação do Ministério da Educação (Risos). E ela ficou possessa.

Outro depoente a falar sobre este momento do Ministério de Ciência e Tecnologia foi Eunice Personini, mostrando um documento que foi enviado ao presidente Sarney, apresentando o ponto de vista de Bori em relação ao caminho que o CNPq e o Ministério estava tomando. No documento, Bori demonstra sua preocupação com as decisões tomadas pelo governo e Eunice, mostrando o documento enviado, comenta o sucesso de Bori:

Esse aqui é dos cargos que eles estavam nomeando sem consulta à comunidade científica, CAPES, CNPq. Eu acho que foi aí, que veio o CD do CNPq, que agora a comunidade científica que... das diversas áreas, ne, indica. A SBPC até que coordena a consulta e é até por mérito, por currículo, tal. Antigamente eram eles que punham. Também tem isso aqui, um Telex dela. Tem outro que eu já tinha visto que era do... que iam fundir o Ministério de Ciência e Tecnologia e ia perder poder.

Outra atividade pensada por Bori visando o desenvolvimento da ciência no Brasil está ligada à programas de difusão da ciência. Segundo João Bosco Jardim, ela o convidou para criar um setor de difusão científica na SBPC: “Ela não falava divulgação, ela falava difusão e estava coberta de razão”. Na sua avaliação, a preocupação terminológica de Bori estava

relacionada ao interesse dela em fazer a ciência ser parte da vida das pessoas, ideia não contemplada pelo termo “divulgação”.

O que ela queria dizer é que não era meramente um exercício de tradução de uma linguagem científica para uma linguagem menos científica, se quiser, popular. Não! É a ciência sendo difundida como instrumento de melhoria de vida, é a ciência sendo difundida para ela se integrar à vida das pessoas e fazer parte do modo do modo de viver...

Então, com esta ideia, João Bosco Jardim relatou ter criado e coordenado uma “equipe jornalística para fazer difusão científica” e produziram um programa de rádio em contrapartida à versão escrita de divulgação científica da revista “Ciência Hoje”: “E nós procuramos uma outra vertente, ali o cientista tinha que falar, ele não tinha que escrever”. Esta característica do programa de difusão, na concepção de João Bosco, criou uma nova necessidade entre os cientistas que não sabiam falar para não cientistas. Assim ele relatou a dificuldade que tiveram na comunicação entre cientistas e não cientistas: “jogava fora muita entrevista, aquela chatice, nossa”!

Depois da experiência no rádio, João Bosco relata que tentaram um programa de televisão regular, que passaria na TV Cultura: “era um troço assim, inconcebível”. Tinha a participação de grandes nomes da ciência brasileira como Oscar Sala, Crodowaldo Pavan, Zé Reis, Carolina, Luís Edmundo: “eram os titulares da ciência brasileira reunidos em torno de uma mesa para falar de... discutindo divulgação científica”. Assim é a avaliação que ele faz da contribuição de Bori para a ciência no Brasil:

Na minha visão, o que eu consigo recuperar, eu via a Carolina ali, com uma consciência crítica das pessoas, da SBPC, no momento de tomar grandes decisões. Então, a história, hoje, tornou-se famosa. Da proibição da Ditadura ao congresso da SBPC, que acabou sendo na PUC. Foi Carolina que fez aquilo. Não porque os outros não quisessem. Não, todos queriam! Mas tinha a Carolina, a protagonista. (...) A SBPC cresceu enormemente, divulgou-se enormemente a partir desse... Foi Carolina que fez. Entendeu? Se isso é a resposta, eu acho que é a sua pergunta, quais são as contribuições... Foi essa atuação de pessoa que sabe o que quer, tem os objetivos claros, sabe como atingi-los e sabe como mobilizar. Sabe como mobilizar seus atores do conjunto para levar, a termo, aquilo que tem que ser feito.

Uma avaliação semelhante da contribuição de Bori foi feita por Eduardo M. Krieger: “O que ela fazia, ela tinha um conhecimento da comunidade científica, por causa da vivência dela. Então ela escolhia as pessoas dentro da comunidade científica que ela achava que tinha

liderança, conhecimento, capaz de auxiliá-la nas tarefas”. Esta foi a análise que fez após avaliar o papel de Bori junto à Estação Ciência: “Então, você vê que ela foi presidente da SBPC, falava em ciência, falava em divulgação de ciência... é diretora, então, da Estação Ciência que é identificada exatamente a educar o pessoal da importância e à popularização da ciência”. Por causa do conhecimento que ela tinha da comunidade científica, ela convidava aqueles que ela julgava capazes de contribuir com a meta dela. Dentre as coisas que ela organizava como diretora da Estação Ciência era exposições, uma das quais, solicitou colaboração de Krieger. Complementando o ponto de vista de João Bosco sobre difusão científica, nota-se a seguinte avaliação de Eduardo Moacyr Krieger junto à Estação Ciência:

A Estação Ciência faz parte do sistema de difusão do conhecimento. Por um lado você luta pela estrutura da ciência, fazer pesquisa, obter verba. Por outro lado, você enquanto pesquisador tem a obrigação também de levar a ciência pro povo. Então, isso que a Estação Ciência fazia. Quer dizer, ela faz parte da difusão da ciência que é um componente importante também.

Também por causa da atuação que teve junto à SBPC e à relações estabelecidas em prol da sociedade, Bori recebeu um convite para integrar o conselho da Fundação Universidade de Brasília. Segundo Eduardo Krieger, que também integrou o conselho, o então Ministro da Educação convidou os dois para organizarem a Fundação e fazê-la funcionar adequadamente. Assim ele descreve o papel que ele e Bori tinham como conselheiros:

E qual era o nosso papel lá? Era auxiliar a Universidade de Brasília, era um conselho da Fundação que dirigia, o reitor ia lá. Aliás, de acordo com lei, era o conselho que deveria ser... eleger o diretor, mas na prática, as coisas já tinham passado, a universidade estava muito politizada e o conselho não ia pretender nomear o reitor. Mas o reitor tinha que prestar todas as contas pro conselho da Fundação. (...) nós trabalhamos lá e foi muito agradável porque a gente procurava, digamos, de alguma forma, equacionar os problemas da Universidade de Brasília, não só a parte de ensino e pesquisa, mas principalmente administrar a parte financeira. (...) O número de prédios que universidade tinha, etc.

Alguns depoentes mencionam a preocupação que Bori tinha em seguir aquilo que estava previsto no estatuto. Ela tinha um enorme conhecimento do estatuto da SBPC e brigava quando alguém mudava algo:

Outro dia aconteceu uma coisa que a gente ficou: “Não, mas estatuto tá ou não tá?”. A primeira pessoa que eu ligava: “Doutora Carolina, assim, assim, assim”. Ela sabia exatamente a resposta. Ela sabia o estatuto da SBPC, que ela participou da feitura, de cor. E ela falava com a coerência. Quer dizer, você tinha consultado o advogado,

tinha... ela sabia, entendeu? Ela sempre falava: “Precisa tomar cuidado, não pode mudar o estatuto porque o estatuto... são princípios...” (Eunice Personini)

Eunice Personini descreveu a atuação de Bori na SBPC como uma atuação de doação: “E ela era doação, mesmo. Doação de tempo, doação de recursos, doação de todos os tipos de recurso. É inacreditável”. Como maior exemplo desta doação de Bori para a sociedade Eunice cita a colaboração de Bori até bem próximo ao seu falecimento:

Ela vinha de ônibus. Quando ela falava... a última vez, eu lembro, que ela esteve na SBPC, aqui mesmo, na Maria Antônia, por uma questão assim, que estava com dúvida no estatuto, eu telefonei para casa dela e ela falou “Não, eu vou. Pode deixar, Nicinha, eu vou para aí”. E veio de ônibus. Ela falava que vinha de taxi e a gente, no mínimo, reembolsa. E ela nunca apresentava nada. Ela veio, certamente, de ônibus.

Como marca de Bori, Eunice relata a luta que travou para que as decisões fossem “de forma democrática”. Muitos cargos públicos relacionados à ciência e tecnologia no país eram assumidos por pessoas indicadas pelo governo que, na maior parte das vezes, não tinham nenhuma relação com a área acadêmica ou mesmo com área que estavam representando: “E aí a SBPC participa de tudo. Hoje, a comunidade científica indica nomes e toma conta, tem conhecimento do que se faz, né, graças a essa... atuação cuidadosa, certo? Trabalhosa, também” (Eunice Personini).

9.6. SOCIEDADES DE PSICOLOGIA

A atuação de Bori em sociedades científicas que teve maior impacto aconteceu na SBPC, contudo, os depoentes também mencionam contribuições de Bori em outras sociedades, estas mais ligadas à Psicologia. A primeira das sociedades foi a Associação Brasileira de Psicologia, criada no começo dos anos 1950 “para ser uma espécie de APA, mas acabou degenerando e sumiu. (...) A ideia da Carolina era criar uma APA aqui, mas não deu certo. Não deu certo porque não houve continuidade e também essa coisa de “eu quero ser”, “eu quero ser e não quer trabalhar”.

Outra sociedade para a qual ela colaborou foi a Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto (SPRP). João Cláudio Todorov afirmou que, desde as primeiras reuniões da sociedade ela era “uma figura frequente”. Ela nunca foi membro do conselho ou diretoria, mas sempre era convidada a participar como palestrante. E Isaias Pessotti complementa a participação dela nesta sociedade: “Sempre apoiou muito, vinha quando a gente chamava e aqui era muito

acolhida, porque aqui estava eu, Tereza Mettel, que estava na medicina comigo, quem mais? A Vera Otero, o pessoal de clínica daqui que adorava a Carolina, o Luis de Oliveira, que era cria dela em Rio Claro”.

No começo da década de 1990, a SPRP se tornou Sociedade Brasileira de Psicologia. Com isso, ela deixa de ser uma sociedade local, com suas reuniões acontecendo sempre em Ribeirão Preto, e se torna uma sociedade brasileira, com reuniões anuais acontecendo em diversas cidades do país. A primeira presidente da nova sociedade foi Carolina Bori. A contribuição dela para a SBP foi descrita por Deisy das Graças de Souza, que integrou a diretoria na mesma gestão de Bori:

nós tivemos muitos membros da diretoria, então muitas vezes a gente trabalhou ali em Ribeirão Preto, naquela salinha da SBP quando ainda era só uma salinha, hoje tem um espaço maior, mas era só uma salinha, muito apertadinha, muito cheio de coisa... eu me lembro de uma situação, por exemplo, que a gente tinha conseguido comparar uma maquininha de fazer... uma cafeteira, uma cafeteirinha para fazer café, porque a gente trabalhava horas naquilo ali sem comer e aquela disposição que eu disse para você que ela chegava aqui em São Carlos com aquela carinha de que... ne, de que ta se preparando pro dia, ela chegava em Ribeirão, viajava de ônibus, raramente a Carolina aceitou uma passagem aérea para Ribeirão. Ia de ônibus e a gente trabalhava horas naquela reunião. Horas mesmo. A gente começava a trabalhar uma e meia, duas tarde e ia até duas, três da manhã, preparando reuniões.

Dentro da psicologia, ela também colaborou com iniciativas de sociedades mais específicas como a Associação de Modificação do Comportamento, que depois se tornou Associação Brasileira de Análise do Comportamento. Segundo Botomé, a colaboração dela foi sempre crítica “muito incisiva, assim, sempre de uma forma colaborativa. Nunca foi de forma envenenada, para atrapalhar, não, sempre ajudou, arregaçou as mangas”.

Outra contribuição de Bori em sociedades científicas foi a criação da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP). Segundo Maria do Carmo Guedes: “Ela que fez o estatuto, ela foi a primeira presidente”. Ela lembra que, quando a ANPEPP completou 20 anos, Bori foi convidada para falar sobre a criação da associação: “A pergunta para ela: Os desafios para criar a ANPEPP. Ela disse ‘O único desafio foi o avião da Vasp, que caiu’”. Segundo Maria do Carmo, este episódio foi lembrado como uma crítica porque estavam parando de fazer política científica. Os encontros da associação estavam se tornando encontros para discutir periódico científico: “Todo mundo quer ter nota A no periódico científico, então aproveita para ver como faz para ter nota A no periódico científico.

Então, de novo não é política científica, não é nem política de periódico, porque eles querem saber para obedecer”.

Outro local de atuação de Bori foi o Núcleo de Pesquisas sobre o Ensino Superior (NUPES), que não se identifica como uma associação científica, mas como um núcleo de pesquisas. Foi o último centro onde ela atuou, que tinha como a educação como preocupação principal. Contudo, não foi possível obter muitas informações acerca do NUPES a partir das entrevistas realizadas.

10. DISCUSSÃO FINAL

Os documentos analisados neste trabalho permitem avaliar a contribuição de Carolina Martuscelli Bori de diferentes formas. Os artigos oferecem dados para discutir a contribuição de Bori do ponto de vista teórico. As cartas permitem conhecer, a partir de conversas com um mesmo interlocutor, algumas das preocupações e motivações que ela tinha e, por fim, os relatos oferecem pontos de vista e posições pessoais acerca da atuação e contribuição de Bori. Nesta sessão, as informações levantadas a partir dos três grupos de documentos, analisadas em conjunto, permitem discutir as motivações de Bori e as influências que ela foi recebendo ao longo de sua vida e os fatores internos e externos à ciência que interferiram na atuação dela serão destacados.

Como a história da ciência aponta, a prática científica tem um caráter mutante e as características individuais dos cientistas interferem nas mudanças que esta prática apresenta. Esta relação entre mudanças na prática científica e as características individuais de Bori serão buscadas para tentar responder à pergunta inicial: “Qual a contribuição de Bori para o desenvolvimento de uma cultura científica no Brasil?”.

A Tabela 1 sintetiza os principais locais de atuação e formação de Bori, organizados cronologicamente, ao mesmo tempo em que aponta os artigos que publicou por período. Assim, pode-se observar a instituição em que Bori trabalhava e, a partir dos títulos dos artigos, conhecer um pouco sobre as preocupações teóricas dela no período. Todas as instituições inseridas na tabela foram retiradas das cartas e dos depoimentos coletados.

Como pode se observar na Tabela 1, durante a década de 1950, Bori publicou artigos que podem ser divididos em dois grupos. Um deles está relacionado diretamente à disciplina que lecionava, como “O papel do experimentador e do sujeito na situação experimental”, “Um Curso de Estatística Aplicada à Experimentação Psicológica” e “Como o laboratório de psicologia estuda a expressão da personalidade”. Nesta década, ainda, concluiu seu mestrado e doutorado, quando defendeu, respectivamente, os trabalhos intitulados “The Recall of Interrupted Tasks: A Review of the Literature” e “Experimentos de interrupção de tarefas e a teoria de motivação de Kurt Lewin”.

O outro conjunto de artigos publicados nesta década está relacionado com outra contribuição de Bori, também presente nos ideais da *New School for Social Research*. A partir de 1956, ela integrou o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE), onde realizou várias pesquisas como psicóloga social e aplicou testes de personalidade em indivíduos de diferentes grupos. Utilizou o teste da Figura Humana, de Karen Machover, para avaliar a personalidade

de integrantes de uma seita religiosa de uma cidade do interior do estado de Minas Gerais que tinham se envolvido em uma série de crimes. Este estudo está publicado em “Estudo psicológico do grupo”. Além deste estudo, também publicou “O julgamento de ocupações: Um estudo preliminar”. Neste momento, teve grande contato com pensadores do Brasil como Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro, Florestan Fernandes, Octavio Ianni, entre outros, o que provavelmente aumentou em Bori a preocupação em produzir conhecimento que pudesse auxiliar nos problemas cotidianos. Bori era uma das poucas mulheres que estavam inseridas no meio acadêmico, marcado pela participação masculina.

Tabela 1: Cronologia das instituições em que Carolina Martuscelli Bori atuou e suas publicações

Década	Carolina Bori	Publicações	
1940	1947 – Graduação em Pedagogia pela USP		
	1948 – Especialização em Psicologia Educacional pela USP – Professora Assistente na cadeira de Psicologia da USP		
1950	1951 – Mestrado em Psicologia pela New School For Social Research	1950 - Uma pesquisa sobre aceitação de grupos nacionais, “raciais” e regionais em São Paulo 1951 – The Recall of Interrupted Tasks: A Review of the Literature 1952/53 - O papel do experimentador e do sujeito na situação experimental 1953/54 - Um Curso de Estatística Aplicada à Experimentação Psicológica. 1954/55- Desenho no estudo da personalidade: a prova de desenho da figura humana. 1955/56 - Como o laboratório de psicologia estuda a expressão da personalidade	
	1954 – Doutorado em Ciências pela USP – Presidente da ABP	1957 - Estudo psicológico do grupo 1957 - O julgamento de ocupações: Um estudo preliminar	
	1956 – Pesquisadora do CBPE	1958 - Percepção e arte	
	1958 – Coordenadora do Departamento de Psicologia da FFCL Rio Claro – Presidente da SPSP	1959 - Experimentos de interrupção de tarefas e a teoria de motivação de Kurt Lewin	
	1960	1962 – Integrou a Comissão de Avaliação de Registros de Diplomas	1963 - Suggested Portuguese translations of expressions in operant conditioning

	1964 – Coordenadora do Departamento de Psicologia da Universidade de Brasília	1964 - Aparelhos e o laboratório de psicologia 1964 - Uma experiência no Ensino de Psicologia 1964 - Um curso moderno de Psicologia 1965 - Um curso moderno de psicologia 1969 - Fatores responsáveis pela “evasão” da escolha primária: uma pesquisa na cidade de Rio Claro
	1969 – Tese de livre-docência recusada – Diretora do Departamento de Psicologia Experimental	1969 – Famílias de categorias baixa e média de status social de centros urbanos
1970	1971 – Integrou a diretoria da SBPC 1974 – Diretora do Centro de Educação e Ciências Humanas da UFSCar	1974 - Developments in Brazil
1980	1984 – Diretoria do IBECC 1986 – Presidente da SBPC	1980 - Curso de especialização em análise e programação de condições de ensino: uma análise comportamental 1981 - Descrição e análise de problemas de desempenho de professores de química do segundo grau na região de São Carlos 1984 - Onde falta melhorar a pesquisa em Psicologia no Brasil sob a ótica de Carolina Martuscelli Bori 1989 - Editorial: SBPC, ciência e tecnologia 1989 - Ciência, tecnologia e desenvolvimento nacional
1990	1990 – Diretora da Estação Ciência	1993 - Momentary Maximizing in Concurrent Schedules With a Minimum Interchangeover Interval 1996 - Chapters in the life of Fred. S. Keller - SBPC, 1972: “Relato do Plano Brasília” por Fred S. Keller

A instituição americana em que ela estudou durante o curso de mestrado tinha forte preocupação com a produção de conhecimento que seja socialmente relevante. Além disso, diversas das disciplinas oferecidas quando Bori chegou à universidade eram sobre psicologia experimental. Estas, inclusive, eram as principais preocupações de Bori apresentadas pelos entrevistados e que aparecem, também, em cartas e artigos publicados por ela. Este fato parece estar diretamente relacionado com o tipo de preocupação que Bori possuía na época. Pode-se pensar em duas diferentes direções: Bori foi para a universidade onde realizou seu mestrado, pois já conhecia as preocupações da universidade e o tipo de estudo realizado frequentemente por lá. Mas também, pode-se hipotetizar que suas preocupações com as questões sociais se iniciaram ou, ao menos, intensificaram-se após seus anos na *New School*.

Uma primeira mudança na atuação de Bori pode ser observada a partir de suas publicações da década de 1960. Alguns conceitos utilizados para analisar aspectos psicológicos como, por exemplo, o conceito de “campo psicológico” e a fundamentação teórica para o uso de testes projetivos continuam presentes em trabalhos como “Aparelhos e o laboratório de psicologia”, “Fatores responsáveis pela “evasão” da escolha primária: uma pesquisa na cidade de Rio Claro” e “Famílias de categorias baixa e média de status social de centros urbanos”, este último, sua tese de livre-docência não apresentada. Entretanto, alguns destes conceitos são criticados à luz da perspectiva behaviorista, como contingência e controle aversivo.

Muitos dos artigos desta década apresentam alguma influência da teoria apresentada por Keller, em 1961. Nas cartas que Bori escreveu ao Keller, fica clara a vontade que ela tinha de inserir a experimentação ensinada por Keller nas disciplinas que lecionava em Rio Claro. Porém, antes mesmo do contato com Keller, a preocupação em difundir a Psicologia Experimental já estava presente nas aulas que Bori dava na USP e em Rio Claro e em artigos de sua autoria. O foco na experimentação, mais do que em uma teoria específica em psicologia, pode ser observado em artigo de 1964, quando ela apresentou o laboratório que havia montado em Rio Claro contendo equipamentos variados para a pesquisa experimental em psicofísica e uma unidade de uma caixa de condicionamento operante. A partir destas afirmações, poder-se-ia levantar a hipótese de que, com o contato com Keller, ela deixava de se identificar com a psicologia da gestalt e aderira à teoria behaviorista. Entretanto, levando em conta a organização do departamento de Brasília a partir de bases experimentais, considera-se mais adequado afirmar que o que ela discutia em seu artigo e em cartas com Keller era a necessidade de se investir em uma ampla formação experimental. Apesar de, em outros momentos ela apresentar interesse em desenvolver a análise experimental do comportamento no Brasil, neste momento, o que ela enfatiza é a necessidade de fomentar a experimentação em psicologia.

Chama a atenção, entretanto, a mudança de Bori em relação à teoria da *Gestalt*, presente em toda a sua formação experimental e atuação profissional para uma proposta teórica que acabara de conhecer e que havia sido apresentada por um professor também desconhecido pelos brasileiros. Ainda, segundo o relato de alguns dos depoentes, a chefe da cadeira era contra a presença de outra teoria na cadeira, além da Gestalt. Contudo, vale considerar que neste momento, apesar de Bori estar lecionando na cadeira de psicologia da USP, passava por um momento de conflitos com a catedrática e era responsável pelo Departamento de Psicologia de Rio Claro. Possivelmente, este distanciamento dela com a

cadeira de psicologia da USP abriu novas possibilidades a ela. Além disso, pode-se observar que Bori sempre esteve em contextos que propunham mudança social a partir do conhecimento científico, ideia que continuava presente na proposta teórica apresentada por Keller.

Neste momento, ela não foi mais identificada pelos entrevistados como psicóloga social, apesar de ainda integrar o CBPE. Alguns deles discutem o interesse de Bori pela proposta de Keller e o distanciamento entre ela e o grupo gestaltista da USP, liderado por Annita Cabral. Ao mesmo tempo, em várias cartas, Bori trata Keller como alguém que poderia auxiliá-la em momentos de incertezas. Principalmente nas cartas do começo da década de 1960 de que se teve acesso, ela recorreu ao Keller pedindo sugestões, indicação de material didático e orientação para algumas pesquisas e para a construção do departamento de psicologia da UnB. Talvez, principalmente devido às novas relações de trabalho que ela estabeleceu a partir de 1959, quando foi para Rio Claro, a influência gestaltista que recebia estando na cadeira de psicologia da USP foi se tornando cada vez menor, permanecendo a preocupação com a psicologia experimental e social. Aliás, pode-se dizer que a preocupação de Bori com questões sociais sempre passou, primariamente, pelo tema da educação, haja vista sua formação em pedagogia, suas pesquisas na área social dentro de um centro de pesquisas em educação e, mesmo após o estabelecimento do contato com Keller, em 1961, ela se interessou pelas questões voltadas à educação. Uma das primeiras pesquisas feitas por ela com financiamento da FAPESP ainda quando estava em Rio Claro tinha o título “O papel dos estímulos aversivos na aprendizagem: condições que mantêm o comportamento de esquiva”, mais um dado que mostra o interesse de Bori pela educação.

O social com o qual Bori trabalhava era, desde o início de sua carreira, voltado para a educação. Tanto que, anos mais tarde, em 1974, ela era a principal representante do PSI no Brasil e escreveu uma análise histórica do desenvolvimento deste método de ensino no Brasil, enfatizando as inovações que ocorreram a partir de estudos feitos neste país. A preocupação de Bori com questões educacionais estará presente em sua atuação durante toda a sua vida. Isto pode ser percebido mesmo após se tornar professora aposentada, quando teve uma forte colaboração com o Núcleo de Pesquisa em Ensino Superior (NUPES). Segundo Guedes (2004), “ao falecer era ainda uma ativa diretora do Conselho Científico do Nupes, trabalhando há dois anos num projeto sobre a questão do negro na universidade, projeto que teve como uma de várias atividades um curso para professoras que enfrentam o episódio de discriminação em sala de aula” (p. 191).

O momento político em que Bori desenvolveu estas atividades inclui todo o período do governo militar, com sua política de repressão. Assim, algumas das discussões e lutas travadas por ela visando o desenvolvimento científico esbarraram nos limites colocados pelo governo militar. Exemplos disso foram o fim do Departamento de Psicologia da UnB, em 1965, e a reunião da SBPC, que ocorreu em 1974.

Vale considerar que sua preocupação era com as bases da educação em todos os níveis, não apenas universitário. No IBECC, desenvolveu atividades promovendo a formação de professores primários. Na UFSCar, ajudou a desenvolver um programa de pós-graduação voltada para a formação de professores universitários na área de educação especial. Coordenou a organização de cursos e livros programados voltados à formação da população em geral e projetos de difusão do conhecimento científico.

Apesar da grande preocupação de Bori com a pesquisa experimental, conforme apontado nas entrevistas, sua única pesquisa experimental foi publicada em 1993, em um periódico internacional de grande impacto na comunidade científica. Isto mostra que ela não assumia a pesquisa experimental como a única forma de produção de conhecimento. Na década de 1990, Bori já representava a comunidade científica em importantes fóruns nacionais e já havia grande identificação da área com Bori, mesmo sem que ela tivesse publicado na área, o que permite afirmar que o impacto de sua atuação não se deve estritamente à publicação, mas à maneira como ela defendia a importância da ciência para o país, o que extrapola as fronteiras da experimentação.

Mesmo não tendo amplo número de publicações, menos ainda quando se trata do campo da experimentação, importantes pesquisadores experimentais na psicologia, como João Claudio Todorov e Deisy das Graças de Souza afirmam ter aprendido experimentação com Bori. Além deles, Maria Helena Souza Patto, que nunca teve uma atuação próxima de Bori, enfatizou a contribuição dela no desenvolvimento de áreas que usavam métodos completamente diferentes aos métodos com o qual a própria Bori trabalhava. Isto aponta que ela tinha um compromisso com a construção do conhecimento, tanto quanto o método utilizado. Apesar da ênfase que ela dava na experimentação, não desconsiderava outras possibilidades metodológicas e, como foi visto, utilizou métodos não experimentais.

Interessante notar que a comunidade científica não reconhece as publicações de Bori, já que seus artigos são pouco citados. Pode-se afirmar que os pesquisadores se identificam mais com a prática estabelecida por ela, seja em contexto acadêmico ou político-científico. De acordo com alguns depoimentos, não existia um sistema de ciência e tecnologia no Brasil que incentivasse verdadeiramente o desenvolvimento da área. Identificando esta falha, Bori

investiu seus esforços na elaboração destas condições. Segundo depoimentos, encontrou e discutiu diretamente o sistema de ciência e tecnologia no país com, pelo menos, um presidente da república: José Sarney. Com isso, ela marcou o início de uma nova fase da psicologia no Brasil, com preocupações experimentais e em estreita relação com outras áreas do conhecimento. Alguns entrevistados enfatizaram áreas do conhecimento que surgiram a partir da atuação de Carolina M. Bori. Silvio Botomé, por exemplo, afirmou: “Então, tem uma história de desenvolvimento de conhecimento que teve Carolina como alma, como inspiração, como origem, como orientação, como o caminho, como orientadora de direções para vários de nós”. Frederico Guilherme Graeff, após apresentar a participação de Bori em sua formação, afirma: “foi uma vertente da psicofarmacologia brasileira que começou com a relação com ela”. Ainda destacando esta mesma contribuição, Maria do Carmo Guedes fala de sua experiência pessoal: “A palavra mestra (...) Era a palavra com a qual eu me lembrava sempre da Carolina. Ela foi a minha grande mestra.” E Geraldina Witter destacou a importância que ela teve para o desenvolvimento da psicologia no Brasil, além do desenvolvimento de toda a ciência no país.

A partir da leitura e análise das cartas pôde se conhecer um pouco mais sobre a atuação de Carolina Bori em três instituições: Rio Claro, USP e UnB. Pôde-se conhecer seu envolvimento na criação de laboratórios de psicologia experimental em todas estas universidades e sua preocupação com a formação de profissionais que pudessem atuar com experimentação. A psicologia experimental é parte fundamental na produção do conhecimento, portanto, a formação de psicólogo deve ter uma orientação experimental e esta foi uma marca que Bori em todas as instituições por onde passou. Nas três instituições citadas, criou laboratórios e defendeu sua importância.

No cenário científico, o papel de Bori foi promover o desenvolvimento científico a partir da criação de condições como a autonomia do pesquisador, financiamento de pesquisa, contato entre pesquisadores, utilização do conhecimento para resolução de problemas práticos, entre outros. Seu trabalho junto à SBPC e como diretora do CECH-UFSCar estão diretamente relacionadas a esta motivação. Este mesmo aspecto da contribuição de Bori pode ser encontrado nos depoimentos de Eduardo Moacyr Krieger. Para ele, Carolina Bori foi uma das lideranças científicas que o país já teve e assim ele descreve o papel de uma liderança científica:

Você está no laboratório, faz as coisas, você sabe que aquilo que você ta fazendo depende de um conjunto maior de coisas. O conjunto maior de coisas se chama Sistema de Ciência e Tecnologia, que, se não funciona, lá dentro você não faz nada. Você precisa sair um pouco de

lá. Alguns ficam lá e estão fazendo certo porque aquilo é que tem que fazer, tem que fazer a pesquisa andar. Mas outros precisam ter a vocação de sair de lá para poder assegurar que aquilo lá funciona... Que aquilo lá vai funcionar não por acaso. Vai funcionar se houver reconhecimento, houver vontade, houver conhecimento político da importância daquilo lá. Então é isso que a liderança faz, liderança científica faz. É lutar para que aquilo seja reconhecido.

Sua ampla visão de ciência e psicologia permitiu que ela se inserisse no cenário político-científico nacional, representando a posição de cientistas das mais variadas áreas do conhecimento e influenciando opiniões sobre os rumos da ciência no país. Sua atuação junto à SBPC foi, indiscutivelmente, uma atuação em nível nacional que marca ainda o desenvolvimento científico atual. Foi a primeira mulher a assumir cargo de presidência da sociedade, portanto, a discutir ciência em um meio tradicionalmente formado por pesquisadores do sexo masculino e de áreas do conhecimento mais tradicionais. Tinha uma sólida formação teórica, como seus artigos permitem afirmar, o que dava a ela a competência necessária para debater e defender suas ideias. Suas referências eram variadas e os temas discutidos em suas publicações eram defendidos em assembleias e comissões científicas. Estabeleceu contatos com pesquisadores de referência em várias áreas do conhecimento.

A atuação de Bori ocorreu em um período de constituição da psicologia no Brasil. Talvez por isso ela tivesse tanta preocupação com a formação de psicólogo e a inclusão da experimentação ainda na graduação. Além disso, foi exatamente a sua definição de ciência e psicologia que permitiu a atuação de Bori na regulamentação da profissão e formação de psicólogo no Brasil, a criação do Departamento de Psicologia da UnB, o Departamento de Psicologia Experimental da USP e a Pós-Graduação em Psicologia Experimental na mesma instituição. Também era o período de mudanças na psicologia da USP, com o início do curso de graduação em psicologia, em 1958, a regulamentação da profissão e formação em psicologia, o que fez com que o curso da USP se tornasse uma referência para outros cursos que se iniciaram a partir de 1962, a crise no sistema de cátedras e início do Instituto de Psicologia. Tudo isso sempre marcado por lutas entre os professores da psicologia que estavam, inicialmente, divididos entre as cadeiras de psicologia e de psicologia educacional e que buscavam, cada grupo à sua maneira, abrir espaço para o crescimento da psicologia que representavam, o que significava contratar novos professores para sua área, ganhar mais verbas para a construção do espaço físico e para pesquisas, propor novas disciplinas, entre outros.

A psicologia que ela representou neste cenário fez com que a área, recém-reconhecida legalmente, se tornasse mais respeitada por outras áreas do conhecimento. Este respeito pode ser afirmado com base nos relatos de Eunice Personini sobre a importância de Bori na SBPC, no convite de Luiz Edmundo de Magalhães para Bori organizar a Centro de Educação e Ciências Humanas da UFSCar, nos encontros com Edmundo Moacyr Krieger na Fundação UnB ou representando a comunidade científica, no convite recebido por Darcy Ribeiro para criar e coordenar o Departamento de Psicologia da UnB ou no curso que ela ofereceu para jovens físicos interessados no ensino de ciências, comentado por Jesuína Pacca.

Em todos os depoimentos há afirmações que apontam que a criação de bases para que a ciência pudesse se desenvolver como uma das principais contribuições de Bori. Seu principal papel, então, teria sido o de dar condições para que pesquisadores das mais diferentes áreas do conhecimento e das mais diferentes regiões do país pudessem elaborar suas pesquisas, discutirem com outros pesquisadores e levar este conhecimento até a população. Deisy das Graças de Souza, por exemplo, afirmou: “Eu acho que ela tinha clareza disso, que ela podia ser mais eficaz ajudando a criar condições do que sentando em um laboratório e ela fazendo a pesquisa”. Ao dizer isto, enfatizava os cargos que Bori assumiu ao longo de sua carreira, criando estatutos de associações científicas, criando cursos e laboratórios de psicologia. Com isso, foi deixando de publicar artigos mas gerando condições para vários outros pesquisadores desenvolverem pesquisas, publicarem e discutirem aquilo que faziam.

De acordo com as informações levantadas, pode-se afirmar que a principal contribuição de Bori aconteceu em três áreas diferentes. Uma delas era o desenvolvimento da ciência no Brasil. A segunda está relacionada ao desenvolvimento da psicologia no Brasil e a inserção do método experimental na Psicologia. Por fim, a terceira área de preocupação de Bori seria o desenvolvimento da análise do comportamento como uma forma de fazer psicologia. Esta preocupação com o desenvolvimento científico brasileiro estava ligada à preocupação com o desenvolvimento do país e foi o que ela fez no anos em que esteve vinculada à SBPC. A segunda preocupação (com os métodos experimentais na psicologia) foi uma bandeira levantada em uma época em que a tradição na formação em psicologia era estritamente a profissão/atuação prática do profissional e não havia uma formação em pesquisa experimental.

Contudo, ao longo de sua atuação, enfrentou algumas dificuldades principalmente no que diz respeito às relações estabelecidas dentro da própria universidade em que fez sua carreira profissional.

Enquanto destacam contribuições de Bori para a ciência e a psicologia, outros depoentes apontaram alguns limites em sua atuação. Há quem afirme que ela estava mais preocupada com o desenvolvimento científico no Brasil do que desempenhar um papel de pesquisadora, publicando suas descobertas científicas. Outros, enfatizam sua preocupação com a difusão do conhecimento científico, seja em sociedades científicas, edição de jornais, ou professora, viajando como convidada de alguma instituição.

Apesar das críticas, percebe-se uma contribuição em diversos setores da ciência no país e uma grande preocupação em organizar o sistema de ciência e tecnologia no Brasil, principalmente a partir da década de 1980, quando sua atuação se distancia de uma ênfase na psicologia e se aproxima das ciências no Brasil. Ao longo da sua história, atuou com Psicologia Experimental, vertente com a qual ela foi constantemente identificada pelos entrevistados. Também teve grande preocupação com questões educacionais tanto nos trabalhos desenvolvidos junto ao CBPE, no Departamento de Psicologia da UnB, quando propôs o ensino a partir de novos métodos, na disciplina que deu e as pesquisas que orientou junto à pós-graduação na USP ou no núcleo que integrou até o fim da vida. Além de tudo isso, representou a ciência em contato com políticos brasileiros, negociando verbas e organização do sistema de ciência e tecnologia no Brasil.

Aqui, levanta-se a hipótese de que Bori via na educação a possibilidade de transformação social e a experimentação como um método que permitiria propor melhores condições de ensino. Assim, para ela, a ciência e a educação eram vistas como complementares, já que a ciência deveria produzir métodos para ensino e proporia conteúdo a serem ensinados. Ao mesmo tempo, a educação deveria gerar interesse em ciência. O conhecimento científico deveria ser aplicado aos problemas educacionais e a educação deveria ser voltada para as ciências. Estas são as ferramentas de mudança social. Esta foi sua principal marca de atuação na SBPC. Além disso, trabalhou para que o conhecimento científico pudesse chegar a todos. Isto representa seu papel no IBECC, CENAFOR e Estação Ciência.

Levando em consideração o cenário científico do final da década de 1940, quando Bori se tornou professora assistente na USP e o cenário científico dos primeiros anos do século XXI, quando Bori faleceu, percebem-se enormes diferenças que vão desde o número de instituições públicas voltadas para a ciência, os números de investimento financeiro para o desenvolvimento de pesquisa, o acesso à educação, a formação acadêmica da população brasileira, planos e metas de desenvolvimento científico nacional, centros de divulgação e difusão científica, desenvolvimento de estratégias para levar o conhecimento científico à

população brasileira, prêmios para pesquisadores, pesquisas sobre métodos de ensino, entre outros. E muitas dessas diferenças podem ser atribuídas ao engajamento político de Bori no planejamento do desenvolvimento de uma cultura científica nacional, novamente, passando por um complicado período de repressão intelectual da ditadura militar brasileira.

A biografia científica de Carolina M. Bori evidencia a importância da atuação do cientista para além do meio estritamente acadêmico. Esta atuação amplifica o impacto das pesquisas que os cientistas fazem porque elas melhoram em qualidade e em difusão, aumenta o interesse da comunidade, entre outros. Entretanto, evidencia também a luta insistente por uma causa culturalmente negligenciada pelos governantes. A preocupação genuína de Bori com o desenvolvimento de uma cultura científica nacional fez com que ela desenvolvesse estratégias para lidar com as falhas do sistema de ciência e tecnologia vigente e propusesse algumas mudanças. Assim, estabeleceu relações com pesquisadores das mais diferentes áreas do conhecimento, apoiou a diversidade metodológica e não mediu esforços para produzir avanços no cenário científico que fossem permanentes.

REFERÊNCIAS

- Ades, C. (1998). Lembranças a Respeito de Carolina: 1968. *Psicologia USP*, vol. 9, n. 1
- Antunes, M. A. M. (1998). *A Psicologia no Brasil: Leitura Histórica sobre sua Constituição*. São Paulo: Educ, 134 p.
- Antunes, M. A. M. (2004). A Psicologia no Brasil no Século XX: Desenvolvimento Científico e Profissional. Em: Massimi, M., Guedes, M. C. *História da Psicologia no Brasil: Novos Estudos*. São Paulo: Educ, Cortez, 252 p.
- Baptista, M. T. D. S. (2004). A constituição da identidade de alguns profissionais que atuaram como psicólogos antes de 1962 em São Paulo. Em: Massimi, M; Guedes, M. C. *História da Psicologia no Brasil: Novos Estudos*, São Paulo: Educ.
- Baptista, M. T. D. S. (2010). A Regulamentação da Profissão Psicologia: documentos que explicitam o processo histórico. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30, número especial, pp 170 – 191.
- Bloch, M. (2001). *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*. Tradução organizada por Lilian Moritz Schwarcz e André Telle. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor (Originalmente publicado em 1997).
- Boletim Informativo da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (1987). *Política Científica*, n 109, 10/10 a 16/10.
- Bori, C. M (1952/53). O papel do experimentador e do sujeito na situação experimental. *Boletim de Psicologia*, pp 9 – 17.
- Bori, C. M. (1953/54). Um Curso de Estatística Aplicada à Experimentação Psicológica. *Boletim de Psicologia*, n 18, 19 e 20, p. 18 – 21.
- Bori, C. M. (1955/56). Como o laboratório de psicologia estuda a expressão da personalidade. *Boletim de Psicologia*, n 25, 26 e 27, pp 7-26
- Bori, C. M., (1964). Aparelhos e o laboratório de psicologia. *Jornal Brasileiro de Psicologia*, v. 1, n. 1, pp. 61-65.
- Bori, C. M. (1969). Fatores responsáveis pela “evasão” da escolha primária: uma pesquisa na cidade de Rio Claro. *Revista de Psicologia Normal e Patológica*, n. 3-4, p 239-266
- Bori, C. M. (1974). Developments in Brazil. In: Keller, F. S. Sherman, J. G. *The Keller Plan Handbook*. W. A. Benjamin, Inc. pp. 65-72.
- Bori, C. M. (1989). Ciência, tecnologia e desenvolvimento nacional. *Ciência e Cultura*, v. 41, n. 3, pp. 213-214
- Bori, C. M. (1996). Chapters in the life of Fred. S. Keller. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 12, n. 3, pp 189 – 190

- Bori, C. M., Azzi, R. (1964). Uma experiência no Ensino de Psicologia, *Jornal Brasileiro de Psicologia*, v.1, n.2, p. 105-110.
- Bori, C. M., Pessotti, I., Azzi, R. (1965). Um curso moderno de psicologia. *Ciência e Cultura*, v. 17, n. 2, p. 219.
- Botomé, S. P. (2007). Onde falta melhorar a pesquisa em Psicologia no Brasil sob a ótica de Carolina Martuscelli Bori. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23, número especial, p. 29-40.
- Bourdieu, P (1986). L'illusion biographique. *Actes de la recherche en sciences sociales*. vol. 62-63, pp. 69-72.
- Bringmann, W. G., Ungerer, G. A. (1989). Uma viagem pelos arquivos em busca de Wilhelm Wundt. In: Brozek, J., Massimi, M. *Historiografia da Psicologia Moderna*. São Paulo: Edições Loyola, pp. 265 – 303.
- Brozek, J. (1998). Comentário introdutório. In: Brozek, J., Massimi, M. *Historiografia da Psicologia Moderna*. São Paulo: Edições Loyola, pp 239 – 242.
- Brozek, J., Massimi, M. (2001). Curso de introdução à historiografia da psicologia: apontamentos para um curso breve. *Memorandum*, 1, pp 72-78.
- Cabral, A. C. M. (1953). Requisitos básicos da formação de psicologistas. *Ciência e Cultura*, 5, 1, p 43-44.
- Camargo, M. A. J. G. (1999). Os primeiros anos da Pedagogia de Rio Claro. *Educação: Teoria e Prática*, 7, 12 e 13, pp. 4 – 8.
- Cândido, G. V., Massimi, M. (2012). Contribuição para a formação de Psicólogos: análise de artigos de Carolina Bori publicados até 1962. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32, n. especial, pp. 246-263
- Carvalho, A. M. A., Matos, M. A., Tassara, E. T. O., Silva, M. I. R., Souza, D. G. (1998). Carolina Bori, Psicologia e Ciência no Brasil, 9 (1), 25-30.
- Cunha, W. H. A. (1998) Carolina Martuscelli Bori e a Psicologia na USP. *Psicologia USP*, v. 9, n. 1, p. 49-60.
- Debus, A. G. (1991). A ciência e as humanidades: a função renovadora da indagação histórica. *Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência*, 5, pp. 3 – 13.
- Debus, A. G. (2004). Ciência e história: o nascimento de uma nova área. Em: Alfonso-Goldfard, A. M., Beltran, M. H. R. *Escrevendo a História da Ciência: tendência, proposta e discussões historiográficas*, São Paulo: Educ, 229 p.
- Feitosa, M. A. G (2005). Carolina Bori recebe o título de doutora honoris causa pela Universidade de Brasília. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 1, 2, pp 263-267

- Feitosa, M. A. G. (2007). Carolina Martuscelli Bori: Sob o Olhar de um *Lattes* a Ser Interpretado. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23 n. especial, pp. 25- 28
- Frank, R. (1999) Questões para as fontes do presente. In: Chauveau, A., Tétard, Ph. *Questões para a história do presente* (trad. Ilka Stern Cohen).
- Freire-Maia, A. (1998). Carolina SBPC Bori. *Psicologia USP*, 9(1), 189-190
- Furutomo, L. (2003). Beyond Great Men and Great Ideas: History of Psychology in Sociocultural Context. Em: Bronstein, P., Quina, K. *Teaching gender and multicultural awareness: Resources for the psychology classroom*. Washington, DC, US: American Psychological Association, pp. 113-124.
- Gorayeb, R. (2005). Carolina Bori, Viva para sempre! *Paidéia*, 15, 30, p. 7
- Guedes, M. C. (2004). Memorável Carolina Martuscelli Bori (1924-2004). *Memorandum*, 7, 189 – 195.
- Guedes, M. C. (2005). Relembrando Carolina Bori. *Paidéia – Cadernos de Psicologia e Educação*, v. 15, n 30, p. 9-10.
- Hartog, F. (1999). *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 481 p.
- Keller, F.S., Bori, C.M. & Azzi, R. (1964). Um curso moderno de Psicologia. *Ciência e Cultura*, 16, 4, 379-397
- Kerbauy, R. R. (2004). A presença de Carolina Martuscelli Bori na Psicologia. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, v. 6, n. 2, p 159 – 164.
- Macedo, L. (2005). Sobre Dona Carolina: de Lino de Macedo, seu orientando. *Temas em Psicologia da SBP*, 13, 1, pp. 06 – 08
- Marrou, H. I. (1978). *Sobre o Conhecimento Histórico*, Rio de Janeiro: Zahar editores.
- Martuscelli, C. (1950). Uma pesquisa sobre aceitação de grupos nacionais, “raciais” e regionais em São Paulo. *Boletim CXIX, Psicologia*, n. 3. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.
- Martuscelli, C. (1951). *The Recall of Interrupted Tasks: A Review of the Literature*. Tese defendida na New School for Social Research. Orientador: Tamara Dembo
- Martuscelli, C. (1954/55). Desenho no estudo da personalidade: a prova de desenho da figura humana. *Boletim de Psicologia*, n 21, 22, 23 e 24, pp 59-62.
- Martuscelli, C. (1957a). Estudo psicológico do grupo. In: *A aparição do demônio no Catulé - estudos de sociologia e história*. São Paulo, Ed. Anhembi, p.84-125.
- Martuscelli, C. (1957b). O julgamento de ocupações: Um estudo preliminar. *Boletim do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais*, v.2, n.4, p. 173-196.

- Martuscelli, C. (1958). Percepção e arte. *Boletim de Psicologia*, n. 35 e 36, p. 101.
- Martuscelli, C. (1959). *Experimentos de interrupção de tarefas e a teoria de motivação de Kurt Lewin*. Tese defendida na Universidade de São Paulo. Orientador: Annita de Castilho Marcondes Cabral
- Massimi, M. (1990). *História da psicologia Brasileira: da época colonial até 1934*. São Paulo: EPU, 82 p.
- Massimi, M. (1998). A história das idéias psicológicas: Uma viagem no tempo rumo aos novos mundos. In G. Romanelli & Z. M. Biasoli-Alves (Eds.), *Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa* (pp. 11-30). Ribeirão Preto, SP: Legis Summa.
- Matos, M. A. (Ed.). *Psicologia USP*, v. 9, n. 1, 1998.
- Matos, M. A. (1998). Carolina Bori: A Psicologia Brasileira como Missão. *Psicologia USP*, v. 9, n. 1, 1998.
- Matos, M. A, Costa, V. R. (1998). Entrevista com Carolina Martuscelli Bori In: Candotti, E. *Cientistas do Brasil: depoimentos*, São Paulo: SBPC.
- Meihy, J. C. S. B., Holanda, F. (2007). *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 175 p.
- New School for Social Research (1949). *New School Bulletin*, v. 7, n. 1
- Nye, M. J. (2006). *Scientific biography: history of science by another means?* *Isis*, 97(2), pp. 322-329.
- Nye, M. J. (2007). Scientific biography in the history of chemistry: the role of Dexter and Edelstein Award winners in the last fifty years. *Bulletin for the History of Chemistry*, 32, 1, pp. 21 – 26.
- Ormastroni, M. J. S. (1998) Será que eu contei tudo? *Psicologia USP*, v.9, n.1, p.133-135.
- Pacca, J. L. A. (1998). Há Vinte Anos. *Psicologia USP*, v. 9, n. 1, 1998.
- Plonsky, G. A, Saidel, R. G. (2001). Gender, Science and Technology in Brazil. *Minerva*, 39, pp. 217-238.
- Porter, T. M. (2006). Is The Life of Scientist a Scientific Unit? *Isis*, 97, pp. 314 – 321.
- Prost, A. (2008). *Doze lições sobre história*. Tradução organizada por Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora. Originalmente publicado em 1994.
- Rouso, H. (1996). O Arquivo ou o Indício de uma Falta. *Estudos Históricos*, 17, pp. 85-91
- Sala, O. (1991). A questão da ciência no Brasil. *Estudos Avançados*, 12, 5, p 153-160

- Sala, O. (1998). Carolina M. Bori. *Psicologia USP*, v.9, n.1, pp. 185 – 186.
- Samelson, F. (1999). Assessing Research in the History of Psychology: Past, Present and Future. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 35, 3, pp. 247 – 255.
- Sampaio, H. (1991). Evolução do Ensino Superior Brasileiro, 1808-1990. Documento de Trabalho do Núcleo de Pesquisa sobre Ensino Superior (Nupes), mês 08
- Schmidt, B. B. (1997). Construindo Biografias... Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos. *Estudos Históricos*, 10, 19, pp. 3 - 21
- Schwarzstein, D. (2001). História oral, memória e histórias traumáticas. *História Oral*, 4, p. 73-83.
- Smith, R (1988). Does the history of psychology have a subject? *History of the Human Sciences*, 1, 2, pp. 147 – 177.
- Soares, V. (1998). Professora Carolina Bori. *Psicologia USP*, v. 9, n. 1, 1998.
- Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (1954). *Sócios admitidos de Setembro a Dezembro de 1954*, v. 6, n. 4, pp. 217 – 218
- Souza, D. G. (2005). Saudade de Carolina. *Boletim Contexto da ABPMC*, janeiro, pp. 1 – 6
- Steinacher, G, Barmettler, B. (2013). The University in Exile and the Garden of Eden: Alvin Johnson and his rescue efforts for European Jews and Intellectuals. Em: Eichtinger, M. Karner, S., Kramer, M., Ruggenthaler, P. *Reassessing History from Two Continents: Festschrift Günter Bischof*, Innsbruck University Press, pp. 49–68.
- Todorov. J. C. (2004). Notícia: Carolina Martuscelli Bori, Analista do Comportamento, Pesquisadora. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 20, 3, pp. 295-296
- Todorov, J. C., Moreira, M. B. Martone, R. C. (2009). Sistema Personalizado de Ensino, Educação à Distância e Aprendizagem Centrada no Aluno. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25, 3, pp. 289-296
- Todorov, J. C, Souza, D. G., Bori, C. M. (1993). Momentary Maximizing in Concurrent Schedules With a Minimum Interchangeover Interval, *Journal of Experimental Behavior Analysis*, 60, p 415-435
- Tomanari, G. Y. (2005). Pioneirismo na Ciência e na Psicologia: Carolina Martuscelli Bori (1924-2004). *Boletim de Psicologia*, 2005, vol. LV, nº 123, pp. 241 – 246.
- Tourtier-Bonazzi, C. Arquivos: propostas metodológicas. In: Ferreira, M. M.; Amado, J. (Org.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- Vilela, A. J. (2012). História da Psicologia no Brasil: Uma Narrativa por Meio de seu Ensino. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 2012, 32 (num. esp.), pp. 28 – 43.

- Villani, A. (1998). Uma Professora com Competência Dialógica. *Psicologia USP*, v. 9, n. 1, 1998.
- Zannon, C. M. L. C., Bori, C. M. (1996). SBPC, 1972: “Relato do Plano Brasília” por Fred S. Keller. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 12, n. 3, pp. 191-192.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Isaias Pessotti

Transcrição da entrevista com Isaias Pessotti, ocorrida no dia 07/06/2011, em uma terça feira de chuva às 18h30min, mesmo dia em que Palocci se demite do ministério da casa civil. Isaias chega ao local combinado (um bar na Av. do Café, em Ribeirão Preto, SP), procurando pela TV para ver notícias do Palocci, ao mesmo tempo, fazia perguntas sobre o meu projeto, meus interesses em conversar com ele e dizendo como poderia me ajudar. Enquanto conversávamos sobre estes assuntos, também procurávamos uma mesa com menos barulho e que fugisse da chuva e do vento forte:

“Porque ela era uma pessoa séria, interessada, patriota no melhor sentido do termo e, seguramente, nunca se aproveitaria de ninguém. Por isso, todo mundo apostava nela”.

Isaias Pessotti: Eu conheci a Carolina, a Dona Carolina, que eu sempre chamei Dona Carolina. A molecada mais recente, mais jovem chamava: “Oh, Carolina”. Eu nunca! Sempre Dona Carolina. E ela ficava brava. E eu falava: A minha chefe.

Quando eu entrei na Maria Antônia³⁰, em 1952 ela foi minha professora. Eu entrei na filosofia da Maria Antonia e a filosofia tinha várias disciplinas de psicologia. A Carolina dava psicologia experimental dentro de filosofia. E eu me distingui um pouco nisso, então acabou que ela me apadrinhava um pouco, porque eu rendia como aluno.

Gabriel Vieira Cândido: E ela dava aula de coisas ligadas à psicofísica ou algo do tipo?

IP: Psicofísica! Eu fazia as reguinhas, os pesinhos de pau na fábrica dos meus tios para ela dar as aulas porque não tinha nenhum material para experimentos. Agora, ela era assistente da Annita Cabral, *gestaltista* de primeira água, *gestaltista* aluna de Wertheimer³¹, quer dizer primeiríssima água. Annita Cabral era chefe da psicologia dentro de filosofia, da cadeira, não tinha departamento. Carolina era assistente. Eu era aluninho em 52. Ela estava grávida, muito bonita a Carolina e ela tinha sido eleita poucos anos antes miss faculdade de filosofia. Miss faculdade. Tinha um colega, não vou dizer o nome, mas era maluco pela beleza dela. Durante as aulas ele ficava babando.

GVC: Mas eu já vi as fotos do rosto dela, e ela tem cara de brava, não?

IP: Severa! Rígida e exigente. Agora, ela vinha da *Gestalt*. Ela, no exterior, trabalhou com o pessoal da Zeigarnik³², que era *gestaltista*, mas a tese de Annita Cabral, a chefe, que marcou a cátedra,

³⁰ Rua em que funcionava o curso de Filosofia da USP, na época.

³¹ Max Wertheimer (1880 – 1943) psicólogo, um dos fundadores da Teoria da Gestalt juntamente com Kurt Koffka e Wolfgang Köhler.

³² Bluma Wulfovna Zeigarnik (1901 – 1988) estudou com Kurt Lewin, e, em 1927, realizou uma pesquisa sobre motivação humana conforme proposta de Lewin, que afirmava existir um equilíbrio entre um indivíduo e o ambiente. Qualquer perturbação desse equilíbrio provocaria uma tensão e os indivíduos se esforçariam para

a cadeira, a orientação era *Gestalt* e era sobre memória e formas analisadas do ponto de vista da *Gestalt*. As aulas da Carolina eram de *Gestalt*, mas eram experimentais. Não havia animais, então era Psicofísica. Agora, como *gestaltista*, ela conhecia os experimentos do Köhler³³, da *Gestalt*, com macacos que pegavam a banana com pedaço de pau. Eu me lembro de um experimento do qual eu fui sujeito. Ela pegou as carteiras pesadas. Carteira era uma cadeirona pesada com uma tábua assim, mas bem pesadas. Não era essas coisas de fórmica de hoje. Formou um círculo na sala, na Maria Antonia e pôs lá um livro e disse: “Você agora precisa alcançar aquilo lá”. Eu falei: “Posso pular as cadeiras?” “Não”. Ela tinha explicado o tal insight do Köhler, que, num certo momento o macaco percebe que o pau serve para alcançar a banana. Num certo momento eu falei: “Mas eu não posso pular?” “Não” “Posso usar o que tiver na sala?” “Pode”. Então, peguei uma cadeira, empurrei, empurrei, empurrei, empurrei até o livro ser empurrado até o outro lado, dei a volta e peguei o livro. Pronto, tinha comprovado o princípio do *insight*. Era assim que ela ensinava experimentação.

GVC: E isso era em uma disciplina?

IP: Uma disciplina dentro de filosofia. Tinha outra disciplina que era psicanálise, tinha outra disciplina, psicologia social, psicologia diferencial, tinha mais alguma coisa que não me lembro agora, mas acho que personalidade.

Ela dava experimental no primeiro aninho e deu outra na Maria Antonia. Tínhamos duas notas, do exame semestral e de um trabalho de aproveitamento do semestre. Você tem que fazer um exame no fim e um trabalho que se você pifar em um dos dois, perdeu. Ela me mandou fazer um experimento com cada um dos quatro métodos da psicofísica. Um trabalho de aproveitamento em duplas. Meire Amazonas ficou de fazer dois dos métodos e eu outros dois. Cada um com três ou quatro sujeitos. Então, ir para casa procurar parentes, medir reguinhas, etc.

Então, ficou que a Meire Amazonas, eu lembro do nome porque me traiu (traiu no sentido de deixou na sinuca). Eram dois cada um, chegou a data de entregar o trabalho e eu entreguei. Era tudo escrito a mão, papel *al maço*. Não tinha computador, gráfico era feito em papel milimetrado. Eu fiz os meus dois métodos com quatro sujeitos cada um ou coisa parecida e entreguei. E ela falou: “não, o trabalho que eu mandei era fazer os quatro métodos” eu falei “mas não era dupla? A Meire ficou de ver...” “eu não aceito trabalho incompleto”. Dura! Eu falei “mas não dá!” Ela disse: “eu quero o trabalho completo”. Como a outra era relapsa, eu fui correndo para São Bernardo, fui de ônibus, ninguém tinha carro. Foi duro, consegui juntar uns amigos lá e fazer os dois conjuntos, os dois estudos lá, completei, levei, ela corrigiu a lápis, sempre. Corrigiu, elogiou o trabalho e deu uma nota baixa: “trabalho entregue fora do prazo” Mesmo sabendo que eu tinha entregado a minha parte no prazo. Eu

aliviar esta tensão. Zeigarkin, então, expos os participantes a uma série de tarefas e algumas eram interrompidas antes de serem finalizadas. Seus dados confirmaram as hipóteses de Lewin e este efeito ficou conhecido como Efeito Zeigarnik.

³³ Wolfgang Köhler (1887 – 1967) foi um dos principais teóricos da Psicologia de Gestalt. Publicou, em 1917, um livro chamado *The Mentality of Apes*, discutindo como macacos poderiam resolver problemas a partir de *insights*.

aprendi com ela a primeira lição: Compromisso se cumpre! Tem um livro da Maria Amélia³⁴, a Maria Amélia editou quando a Carolina morreu ou antes de morrer. Tem lá o depoimento de todo mundo, certo?

Bom, isso era Carolina, então, improvisando experiências *gestaltistas*, mas experimentação. Aliás, um trabalho que me credenciou para depois ser indicado como assistente da cátedra, que era um milagre. Quem que tinha um emprego na universidade? Eu me formei e virei assistente. Eu tinha feito um trabalho sobre percepção de formas, os fatores da percepção segundo Wertheimer, não me lembro agora como era o texto. Eu fiz um trabalho sobre isso aí com algumas figuras que eu introduzi. Isso aí me credenciou primeiro como um sujeito interessado na pesquisa, depois como um cumpridor: eu já tinha apanhado por causa da mancada passada da outra, mas ela passou a me respeitar. Então, houve um incidente: o marido, o Bori, dela tinha negócios com a Annita Cabral, me parece que ele mancou, ou foi esperto demais. Eu sei que a Annita Cabral gelou a Carolina, que era mulher dele. Então, começou o atrito e a Carolina acabou saindo da cátedra.

GVC: Foi quando ela foi para Rio Claro ou não?

IP: Não, ainda não. Ainda não, ela continuou. Eu saí antes porque, quando eu fui nomeado, logo depois da formatura, nomearam uma dama que hoje é oncop psicológica, não sei o que. Psicooncóloga e que, por razões pessoais, tinha sido nomeada junto comigo e estava lá em Portugal atrás de alguém.

GVC: E para ser professor era nomeação, não era concurso...

IP: Não tinha, não tinha, não tinha carreira, era um regimento, era escolhido! Escolhido! Escolhido pelo catedrático.

GVC: E com ela foi assim também.

IP: Eu e essa moça. Só que essa moça tinha muito a ver com [não deu para entender – min – 4'10'' da faixa 6]. Aliás, teve um trabalho de lógica que o Rock Spencer, tudo indica, fez por ela. E eu fiz o meu sozinho. Que era um trabalho de aproveitamento. Quando a Carolina mandou fazer o trabalho de psicofísica, o Granger³⁵ mandou fazer, para mim e para Magui, a lógica de Pascal contra o método de Descarte, primeiro ano de faculdade. “Faz isso!” Bibliografia em francês. “Vire-se!”. Era assim a vida. Eu fiz o meu, o Granger gostou. Ela fez o dela. Ele deu uma nota muito boa para mim e uma nota feita para ela. Isso era anterior. Depois, na hora de ser nomeado, nomearam ela. Ela estava em Portugal e eu estava trabalhando adoidado, vinha lá de São Bernardo pagando lanche e tudo, ah, sem receber. A Talita Pompeu de Toledo que nos dava psicanálise, brilhante ela. Me lembro da

³⁴ Maria Amélia Matos (1939 – 2005): psicóloga, pioneira da análise experimental do comportamento no Brasil, foi professora na Universidade de São Paulo, contribuiu com a criação do Programa de Pós-graduação em Psicologia Experimental, na mesma instituição. Desenvolveu inúmeras pesquisas, dentre elas, pesquisas na área de controle aversivo e controle de estímulos.

³⁵ Gilles Gaston-Granger (1920 -): Nascido em Paris, França, é um epistemólogo e filósofo racionalista, foi professor na Universidade de Provença (Université de Provence), no Colégio da França (Collège de France) e professor convidado no Conservatório Nacional de Artes e Ofício (Conservatoire national des arts et métiers). Entre os anos 1947 e 1953, lecionou na Universidade de São Paulo e marcou o Departamento de Filosofia desta universidade.

Margot Proença, mãe da Maite Proença, era minha colega de mesa, sempre nós dois juntos. E quando a Talita fala a inveja do pênis, essas coisas, castração, ela ficava vermelha. É, coitadinha da Margot. E a Talita saiu, por razões de saúde, o salário dela ficou todo para nós dois, só que ficou tudo para a Magui. Ela em Portugal e eu trabalhando. Então, um dia eu fui para a Catedrática e falei: “Dona Annita, assim não dá! Eu estou trabalhando, a Magui está ganhando tudo e eu não ganho um tostão”. Sabe o que ela falou? “Ela simplesmente está demonstrando que é mais inteligente que você”.

GVC: Por estar fora e você...

IP: É, eu sai e fui para o centro de pesquisa educacional³⁶ que o Fernando de Azevedo³⁷ tinha criado no Butantã, cidade universitária. O Joel Martins³⁸ que estava na PUC, antes já tinha também saído da cátedra da Annita, ninguém parava. Foi montar a divisão de pesquisas educacionais. Então, fui lá eu, a Loira Guedes³⁹ foi lá depois, o Lutero, José Mario Azanha⁴⁰, Célia Marques, não sei quem mais. Lá no centro de pesquisa, várias vicissitudes, mas eu acabei brigando lá depois de uns dois ou três anos, três e meio e fui para a rua. Eu me demiti e fui para rua. Eu tinha uma amiga na avenida Angélica e eu disse para ela: “Olha, eu me demiti”. E ela: “E agora, o que você vai fazer? Olha, disseram que a Carolina está montando uma faculdade isolada em Rio Claro. O João Dias⁴¹, da Geografia da Maria Antônia, que está montando e a Carolina vai dar Psicologia lá na Pedagogia”.

GVC: E como ela foi parar lá? Você sabe?

IP: Ela tinha muito prestígio na faculdade e o João Dias a levou para lá. O João Dias, ligado ao governo do estado que criou a faculdade isolada, oficiais, mas isoladas a levou para lá. Ela tinha saído da cadeira da Annita, ele convidou, ela aceitou. Falei para essa amiga: “Olha, me demiti lá do centro de pesquisa”. Ela falou “E o que você vai fazer?” eu falei “eu não sei” ela falou “Olha, a Carolina parece que vai lá pro João Dias, para Rio Claro”. Eu falei: “bom, ela me conhece, ela me apoiou na Maria Antônia”. Era na frente do prédio, desci aqui, atravessei a av. angélica, subi, era o outro. Subi e falei para Carolina: “A senhora tá em Rio Claro” “Tô” “Eu quero trabalhar lá” “Ótimo, só que eu já tenho compromisso com uma moça: Nilce Mejias. Eu preciso falar com ela e ver com o João Dias se tem verba também para você”, e me levou para lá. De 1952 a 1955 ou 56, Maria Antônia. Em 1956,

³⁶ Trata-se do Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo (CRPE), um dos centros ligados ao Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE). Era constituído pelas divisões de Estudos e Pesquisas Sociais, de Estudos e Pesquisas Educacionais, de Documentação e Informação Pedagógica e de Aperfeiçoamento do Magistério. (SBPC, 1956)

³⁷ Fernando de Azevedo (1894 – 1974), sociólogo, catedrático do Departamento de Sociologia e Antropologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo redator e crítico literário de jornal O Estado de São Paulo.

³⁸ Joel Martins (1920 – 1993), mestre e doutor em Psicologia Educacional, foi diretor da Divisão de Pesquisas Educacionais no Centro Regional de Pesquisas Educacionais – CRPE, no estado de São Paulo e atual em grande parte da sua vida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

³⁹ Trata-se de Maria do Carmo Guedes, professora no curso de Psicologia da PUC-SP. Ver entrevista na página 28

⁴⁰ José Mário Pires Azanha (1931-2004), professor da Universidade de São Paulo desde 1966, na Faculdade de Educação e Ciências da Educação.

⁴¹ João Dias da Silveira, (1913-1973) responsável pela cadeira de Geografia Física a partir de 1939.

1957, 1958 e 1959, quase 1960, Centro de Pesquisa com Joel Martins, eu. Em 60 fui com a Carolina para Rio Claro.

GVC: Foi quando ela também estava indo para lá?

IP: Ela já tinha ido e me aceitou. E logo depois deve ter ido a Geraldina, que fazia mestrado em São Paulo. O Witter⁴², grande historiador da história do Brasil, curador do museu vários anos, muito amado pelo Sérgio Buarque de Holanda⁴³, pai do Chico, foi contratado para dar história do Brasil em Rio Claro. O João Dias o conhecia.

O João Dias que era o diretor, trabalhava com Geografia e História, que era uma cadeira única na Maria Antonia. Quando ele montou Rio Claro, ele sabia quem era bom em História, quem era bom em Geografia. Levou o Witter, o Witter levou a Geraldina, que era sua esposa, e a Carolina contratou a Geraldina. A Nilce Mejias ficou muito pouco tempo e Carolina, Geraldina e eu tocamos o barco.

GVC: Mas era um curso de Pedagogia?

IP: Pedagogia. Tudo dentro da Pedagogia. O João Dias que era o diretor, era geografia e história, que era uma cadeira única na Maria Antonia. Quando ele montou Rio Claro, ele sabia quem era bom em história, quem era bom em geografia. Levou o Witter e o Witter levou a Geraldina. E a Carolina contratou a Geraldina. Então, ficou a Geraldina e eu. A Nilce Mejias ficou muito pouco tempo e Carolina, Geraldina e eu tocamos o barco.

GVC: Ela era como se fosse a catedrática?

IP: Sim, sim. Chefe do departamento. Chefe do Departamento. Isso em 60⁴⁴, o ano em que veio o Keller⁴⁵. Existia um sujeito lá na USP, Paulo Sawaya⁴⁶, fisiologista de renome, muito político, farejou que iam criar o bacharelado em Psicologia. Ele queria a Psicologia na Fisiologia dele. A unidade maior era a Biologia. Ele trouxe o Keller, sugerido por uma amiga dele.

Todos gostavam da Carolina porque era séria, leal, franca e científica. Todos gostavam: João Dias a levou, o Sawaya queria ela lá, mas ela estava ligada em Rio Claro. Veio o Keller e a Carolina me falou: “O Sawaya vai trazer um tal de Keller” “Mas o Kohler morreu”. Eu pensei que ela fala do Kohler, da *Gestalt*. “Não, é outro, um tal de Keller. Você já ouviu falar? Parece que ele é especialista

⁴² José Sebastião Witter (1933 -), professor do Departamento de História, na USP, publicou livros como ‘Túnel do Tempo’ - Ateliê Ed., 2007; ‘USP -50 Anos – Registros de Um Debate’ – Editora da USP, 2008; ‘Memorial de Mogi das Cruzes’ – Ateliê Ed. SP, 2002.; ‘República, Política e Partido’ – EDUSC, Bauru; ‘Breve História do Futebol Brasileiro – FTD, SP 1996; ‘O que é Futebol’ (Coleção Primeiros Passos -237-), Editora Brasiliense.

⁴³ Sérgio Buarque de Holanda da Cunha (1902 – 1982), historiador brasileiro. Escreveu livros como *Então, zes do Brasil* (1936), *Cobra de Vidro* (1944), *Caminhos e Fronteiras* (1957), *Do Império à República* (1972) e *Tentativas de Mitologia* (1979)

⁴⁴ A literatura da área afirma que a vinda de Fred S. Keller ao Brasil foi em 1961

⁴⁵ Fred S. Keller (1889 – 1996), um dos precursores da Psicologia Comportamental. Publicou importantes livros, entre eles *Princípios de Psicologia: um texto sistemático na ciência do comportamento* (1950), junto com Schoenfeld e *PSI, the Keller Plan Handbook: Essays on a personalized system of instruction* (1964), em parceria com Sherman.

⁴⁶ Paulo Sawaya (1903 – 1995) foi chefe do Departamento de Fisiologia Geral e Animal da USP, diretor da extinta Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, diretor do Instituto de Biociências da USP, diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro

em... está gravando? Isso é importante. “Parece que ele é especialista em *self-teaching*”. Auto-ensino. Era assim que ela enxergava o Keller. E eu também, por tabela. Então, ela começou a frequentar as aulas dele.

GVC: Ela não tinha recebido nenhum convite, até então, formal para acompanhar essas aulas?

IP: Não, ela que foi atrás.

GVC: Ela foi como aluna?

IP: Que eu saiba, ela foi atrás. Na verdade, quem deve ter buzinado para ela ir foi Rodolpho Azzi⁴⁷, brilhante, filósofo, também era do meu time⁴⁸ só que ele estava dois ou três anos na minha frente, na Maria Antonia. Era o único que tinha lido Skinner no Brasil, eu acho. *Behavior of Organisms*. Quando Keller chegou, ele era o único que tinha ouvido falar de Skinner⁴⁹. Eu tinha feito em 1956, eu escrevi uma pequena resenha sobre *The science of learning and the art of teaching*, um artigo do Skinner.

Foi meu contato com Skinner. Mas me interessava pelo aspecto educacional, nunca o experimental, nem essa teoria toda. Então, provavelmente buzinada pelo Rodolpho, ela falou “Vamos assistir”, só que tinha que viajar. Viajava de Rio Claro para São Paulo. Eu estava morando em Rio Claro e a gente ia de trem assistir as aulas do Keller.

GVC: Que era sobre Psicologia Comparada e animal, certo?

IP: Não tinha muito nome. Tinha até um nome.

GVC: Muitas vezes eu vejo os nomes e as vezes elas não coincidem.

IP: É, acho que Psicologia animal ou comparada.

GVC: Parece que eram duas, não? Algumas pessoas falam que tinham História da Psicologia.

IP: Não, o Keller nunca deu isso. Acho que ele nunca deu isso.

GVC: É bem parecido com um livro dele: A Definição da Psicologia.

IP: Não, ele dava era rato mesmo. Era uma epopéia, eu já contei isso outras vezes, como é que era a improvisação para fazer o rato apertar a barra: Aleluia, aleluia⁵⁰. É, bom, a Carolina, com isso Então, ficou cada vez mais empolgada com o condicionamento operante, era assim que se chamava. E, quando o velho⁵¹ falou em curso programado, “Vamos fazer”. Ah, as primeiras gaiolinhas que nós montamos em Rio Claro, quem fez foi o Andreas Aguirre que era marido de uma assistente da cadeira de Psicologia Educacional da Maria Antonia, marido da Maria José Aguirre. O Aguirre era meio mecânico e fez essas gaiolas. Eram quatro gaiolas de passarinho adaptadas, aquele negócio! Um

⁴⁷ Rodolpho Azzi (1927-1993), filósofo, fez grandes contribuições para a Psicologia no Brasil, esteve entre os precursores da Análise do Comportamento no Brasil como professor da USP e da UnB. Traduziu obras de B. F. Skinner e Fred S. Keller. No período do Regime Militar, devido à posições políticas, passou por dois períodos de prisão.

⁴⁸ Referia-se à graduação em Filosofia da Maria Antônia.

⁴⁹ Burrhus Frederic Skinner (1904 – 1990), psicólogo norte americano, fundador do Behaviorismo Radical e da Análise Experimental do Comportamento

⁵⁰ “Aleluia, aleluia, aleluia”, era uma brincadeira que ele fazia no começo da década de 1960, que substituíam a contagem de três segundos, referente ao tempo em que deixava a água, usada como reforço, disponível.

⁵¹ Trata-se de Fred S. Keller.

horror, mas funcionava. Então, se formaram os primeiros: Luiz de Oliveira, Herma Bauermeister, uma Eda não sei o que era freira na ocasião, são os primeiros aluninhos de Rio Claro que é o primeiro grupo de graduação, em pedagogia, que fazia laboratório com a gente.

GVC: E era um laboratório que tinha não só caixa de condicionamento de Skinner, mas tinha outros equipamentos também.

IP: Não, tinha pouca coisa, tinha muito pouca coisa. Tinha um painel da *Grasson-Stadon* que eu consegui porque outro admirador da Carolina era o Kerr⁵², das abelhas, geneticista. estava em Rio Claro. estava em Rio Claro e me encomendou um teste de inteligência para abelhas. Isso eu já contei outras vezes. Então, toda a história da minha tese, da minha carreira, que ninguém entendeu. Até hoje. Alguns entenderam agora, muito tarde, a importância teórica daquilo, mas deixa para lá. A Carolina se entusiasmou muito. Laboratório, fizemos. Tem um publicação, em uma revista efêmera que se chamou *Jornal Brasileiro de Psicologia*, tem uma fotografia desse laboratorinho que a gente montou em Rio Claro. *Jornal Brasileiro de Psicologia*. Deve ter em algum canto. Então, em Rio Claro a gente ia fazendo, o que o velho ia dizendo a gente montava. Depois, o que aconteceu?

GVC: Só, só uma coisa: a Carolina era *gestaltista*.

IP: Mas quando veio o Keller, ela balançou muito. Primeiro, a separação da Annita Cabral a tirou do ambiente *gestaltista*. Mas sempre, mas sempre pesquisa, pesquisa, pesquisa. Como *gestaltista*, como depois de 61. Ahh, isso caracterizava a conduta do comportamento. Então, 60 a 63 ficamos juntos em Rio Claro, Rio Claro. Então, eu comecei em 62.

GVC: Mas lá que teve o primeiro equipamento mesmo, certo? Eu acho que vi um artigo dela, de 1964, com uma caixa mesmo, construída em Rio Claro.

IP: *Jornal Brasileiro de Psicologia*. Agora, eu comprei gaiola de passarinho na estação, na frente da estação de Rio Claro para fazer isso. É que eu falo de mim porque eu estava lá.

GVC: E o PSI lá?

IP: O PSI? Não, era ensino programado! O PSI é depois. Depois é que eu encontrei o pessoal em Brasília, mas o primeiro fomos nós. Chamava Ensino Programado. Era o *self-teaching* que ela tinha ouvido falar quando falaram que vinha esse homem. Bom, estamos em Rio Claro, fazendo o que dá. Então, o Kerr ficou o primeiro presidente da FAPESP, recém criada e ele queria um teste de inteligência para abelhas, para medir graus de evolução de espécies de abelha. Então, o que o velho falava a gente fazia.

GVC: Mas ele não estava no Brasil, estava?

IP: Estava! A gente ia assistir as aulas

GVC: E como era isso?

⁵² Warwick Estevam Kerr (1922 -) foi chefe do Departamento de Biologia em Rio Claro em 1955 e chefe do Departamento de Genética da Faculdade de Medicina da USP – Ribeirão Preto, em 1965. É conhecido por seus estudos sobre abelhas

IP: A gente ia para fisiologia, voltava para Rio Claro e fazia. Quando eu fiz o negócio com o Kerr, nós conseguimos o painel da *Grasson-Stadon*, com o fiozinho que o Sherman⁵³ tinha ensinado a fazer. A ligar o circuito que era um relê, certo?! Então, nós tínhamos um baita equipamento. Tudo isso num rack só. Como nós prometíamos caminhar na pesquisa com abelhas, ele nos deu equipamento da FAPESP e Então, nosso laboratório ficou bom. Bom, mínimo!

Em 60 a 63, nós em Rio Claro e o velho em São Paulo, depois o Sherman. O que ele falava, a gente fazia. Com o Sherman, nós aprendemos a fazer o circuito e nós tínhamos um laboratorinho. Então, veio 63, tensão desgraçada, o golpe, todo mundo sendo seguido, o Rodolpho era comunista, redator da voz operária, uma inteligência única. Só que muito difícil. O Rodolpho era brilhante! Bom, então, 60-63 ta resumido. Em 64 eles foram para Brasília e eu estou na Europa. Recebo essa carta da Carolina. Chego em São Paulo, vou para Brasília e me instalo lá. Então, Rodolpho falou: “Você vai dar IAEC 2” e eu falei: “O que que é isso?” Elas davam IAEC 1 com animais, agora IAEC 2 com humanos. Assumi. Então a equipe era Carolina, Rodolpho, eu, Mario Guidi⁵⁴, que era instrutor, João Claudio Todorov⁵⁵ estava no exterior, Todorov, estava lá e depois foi pro exterior.

GVC: Maria Amelia Matos?

IP: Maria Amelia, não. Maria Amélia nunca foi para Brasília. Maria Amélia ficou em São Paulo. Nunca foi para Brasília. Ela tocou o trem em São Paulo durante a ditadura e nós tocamos em Brasília até 65. Um ano eu fiquei lá. Em 65 foi o cerco. Então, tivemos que desmontar tudo. Todo o departamento, todas as cabeças do departamento foram na lista negra de demissão por subversão. Carolina, Rodolpho, eu, não sei o que, não sei o que.

Mas no período que eu fugi, que eu sai da Maria Antônia, que a Annita disse que era mais inteligente, eu fui pro Fernando de Azevedo, no centro de pesquisa. O Fernando de Azevedo gostava muito de mim. O Fernando de Azevedo tinha garantido a cátedra para o Laerte Ramos de Carvalho⁵⁶ que havia concorrido com Arrigo Angelini⁵⁷. O Laerte devia muito ao Fernando de Azevedo.

Era o catedrático mais jovem da universidade. Brilhante redator do estadão, editorialista do estadão, nunca imaginamos que ele ia entregar a universidade para os militares. Entregou com cunho

⁵³ Gilmour Sherman (1931 – 2006) ex-aluno de Keller nos Estados Unidos, deu continuidade aos trabalhos de Keller na USP, em 1962 e publicou trabalhos sobre o PSI.

⁵⁴ Mário Arturo Alberto Guidi foi um aluno de Carolina Bori e responsável pela construção de alguns equipamentos de laboratório. Em colaboração com Herma Bauermeister, publicou o livro *Exercícios de Laboratório em Psicologia* em 1968 e, anos depois, dedicou-se à áreas como Cinema e Fotografia

⁵⁵ João Claudio Todorov (1941 -), formado em Psicologia no ano de 1963, foi Professor Emérito da Universidade de Brasília e reitor desta mesma universidade de 1993 a 1997. Com Rodolpho Azzi, traduziu o livro *Ciência e Comportamento Humano*, de B. F. Skinner e publicou importantes artigos como *Behaviorismo e análise experimental do comportamento* (1982), *A psicologia como estudo de interações* (1989) e *O conceito de contingências na psicologia experimental* (1991)

⁵⁶ Laerte Ramos de Carvalho (1922 -1972), lecionou história e filosofia da educação na Faculdade de Filosofia da USP, foi diretor do Centro Regional de Pesquisas Educacionais de 1961 a 1965, reitor da Universidade de Brasília de 1965 a 1967.

⁵⁷ Arrigo Leonardo Angelini (1924 -), professor catedrático de Psicologia Educacional da USP a partir de 1956 com a tese intitulada *Um novo método para avaliar a motivação humana: estudo do motivo de realização*.

ideológico ou sei lá. Mas o Laerte Ramos de Carvalho passou a dirigir o centro de pesquisa. Quando ele virou reitor de Brasília, que os militares puseram lá, o Estadão apoiou... apoiou a ditadura até que o censuraram. O Laerte era reitor. Duzentos e sessenta e tantos se demitiram no mesmo dia. Isso nunca vai acontecer no país. Era outro tipo de gente, que foi lá para fazer um Brasil. E a gente como nenê recém parido, demitido! E a gente com mudança no caminhão, demitido! Chegando, demitido! Música, arquitetura, engenharia, isso agora, isso agora é secundário.

Todo o nosso departamento na lista negra. Carolina e eu estávamos na comissão de bolsa, que dava bolsa para os necessitados e a gente dava bolsa para os comunistas. Nós estávamos muito visados. Muita reunião, muita assembleia, muita coisa. Então, vinha a demissão coletiva, vamos esvaziar. Eu vi a Carolina chorar, pela primeira vez, descendo as escadas para ir embora. E ela sempre nas cúpulas, na política acadêmica, ela sempre estava na linha de frente de defesa da universidade pública. Sempre! Era universidade pública e laica. Acho que ela era católica, mas isso é outro jogo. Pública, laica e ciência. Então veja bem: o nosso departamento foi todo condenado, eu fui salvo por que o Laerte Ramos de Carvalho devia favores ao Fernando de Azevedo que me adorava. Por que? Ele levou para Brasília o genro do Fernando de Azevedo, em troca de favores, como oficial de gabinete. Na hora de me condenar, que veio a lista que os militares mandaram, o Renato qualquer coisa, disse: “Dr. Laerte, Dr. Fernando não vai gostar. Seu Isaias foi para lista”. Então me tirou da lista. Com isso eu perdi várias indenizações, não virei mártir e me demiti com os duzentos e tanto. Bom, já virei para mim. Mas é que eu estou lá.

Eu vi a Carolina chorando, eu me lembro da gente descendo com equipamento, eu tenho os equipamentos de abelha. Alguém fotografou isso, tem uma foto que tem a irmã da Loira, que eu me lembro, a Herma Bauermeister, e outros na saída do ICB, do Instituto Central de Biologia.

Nós tentamos muita coisa no congresso, abracei o Tancredo Neves, que a gente detestava, direitista. Veja, não, e era um homem lúcido, um político lúcido. Que que era? Não era comunista, não era de esquerda, então não presta! Bom, sei lá, isso é outro jogo. Então, acabou Brasília. Então, ela veio para São Paulo e eu já estava em Ribeirão, porque, quando acabou Brasília eu fugi para Milão, fugido mesmo. Então, eu recebi, na mesma semana, um convite da filô⁵⁸ daqui [de Ribeirão Preto] e da medicina daqui.

GVC: Sim, ela saiu de Brasília e veio recontratada para a USP?

IP: Eu não sei como foi isso. Porque eu me separei dela. Porque eu fiquei na Europa entre 66 e 67. Em 65, Brasília. 66-7, Milão. Lá eu recebi o convite para vir para Ribeirão Preto. Como eu tinha apanhado muito em isolada, eu e o Witter (apanhado no sentido de sofrer pressões lá), eu aceitei a USP, que é na medicina. Quem estava aqui? O Kerr, na genética, que me queria aqui. O das abelhas. Tinha vindo para cá, ele não foi para Brasília. Quando acabou Rio Claro, ele foi para Ribeirão e montou uma genética poderosa aqui. A Carolina foi para Brasília. Depois a Carolina foi para São

⁵⁸ Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo

Paulo, o Kerr estava aqui. A medicina me chamou porque o Kerr mandou me chamar. Então eu vim contratado com carga didática na psiquiatria, com pesquisa na genética. Eu fiz os belos experimentos com pressão à barra, mas a primeira pressão à barra é Brasília.

Bom! Alguns fatos mais genéricos, ela orientava tudo quanto era coisa. Parecia que isso era uma certa leviandade. Na verdade, ela pensava: “Esse está querendo fazer pesquisa, vamos ajudar”.

GVC: A luta dela era em favor da pesquisa

IP: Formar pesquisador! Ela era muito parca de elogios. Ela dificilmente me elogiava. Muito difícil! Mas um ela me fez e esse eu guardo. Ela disse que eu já mudei de *Gestalt* para Behaviorismo, de Behaviorismo para ansiedade, depois fiz ansiedade, depois fiz deficiência mental, depois não sei o que. Ela disse: “Você muda de orientação mas não porque não consegue ou porque fracassa em uma. Mas porque ela te cansa. E onde você esteve, você deixou alguma coisa que vale.” Isso ela me fez. Acho que ela devia estar bêbada!

Risos

IP: Ela era muito parca de elogios. O que fazia era trabalhar. Bom, estamos em Brasília. Brasília acabou, ele veio para São Paulo. A Maria Amélia foi a grande braço direito dela. Rodolpho já tinha desintegrado (em vários sentidos), conforme Brasília foi acabando. Mario Guidi ficou em São Paulo.

Agora, em Brasília eu tenho que sublinhar a briga dela nas comissões e comitês de greve. Sempre! Engraçado, precisa ser feito isso, mas ela podia até acreditar que aquilo podia ser um golpe ou não sei o que, ela tinha uns freios éticos mesmo quando se tratava de quebrar o pau. Com os militares ou com o reitor. Veja, esse tempo em Brasília, uma ligação para São Paulo só tinha um telefone lá no meio do pátio. Uma ligação para São Paulo demorava três, quatro horas. E qualquer um podia ouvir você falando porque tinha uma fila. Os episódios de resistência em Brasília, eu me lembro que eu estava na comissão de bolsa e ela no comitê de greve. Nós dois na comissão de bolsa, mas ela me deixou representando o departamento na comissão de bolsa. Então, a gente foi muito pressionado.

GVC: E nas associações e sociedades, como por exemplo a AMC e a ABAC?

IP: Em todas ela entrou, em todas que pareciam sérias ela entrou. Entrou e brigou. Sempre.

GVC: Do mesmo jeito de Brasília?

IP: Ela era uma promotora de iniciativas em Psicologia, mais que tudo. Engraçado, muito militante em favor da pesquisa, da formação de pesquisadores, mas ela pesquisou muito pouco. Ela se dividia, ela tinha muito faro político. Não tinha muita facilidade de comunicação. Carolina explicando as coisas não era muito fácil, na minha opinião. Discussão política com ela era muito complicado porque ela tinha focos muito claros, mas não deixava claro, não porque escondesse. Era dificuldade de comunicação mesmo. Mas ela tinha faro político, mas de política científica, política acadêmica, política de ciência. Tanto que, as reuniões da SBPC sempre valorizou muito a Carolina. Todos os

presidentes. Ela enxergava o processo de formação da ciência brasileira. Preocupada com o processo. Engraçado isso, porque não era preocupada com uma certa etapa, por exemplo, o genoma virou um problemão Então, há pouco tempo. O genoma é uma meta. Ela quer é um processo. O processo de formar cientistas e o processo de uma ciência brasileira.

Eu me esqueci de uma coisa! Quando eu estava em Rio Claro, ela não ficava, ela não morava em Rio Claro. Ela morava em São Paulo. Tinha um filho, Mario, que estava na barriga dela quando eu fui aluno dela em 52. Já agora, 60, estamos em Rio Claro, o velho Keller chegou, ela ainda morava em Rio Claro. E ela tinha muita ligação com Psicologia Social. Com pesquisas sociais, não Psicologia Social. Pesquisa sociológica. Era muito ligada ao professor Hutchinson⁵⁹, um filão do período em que ela se dedicou muito a isso e ela ficou muito ligada ao Octavio Ianni⁶⁰ e a outros sociólogos da Maria Antonia. Todos respeitavam a Carolina pela seriedade, simpatia, sobretudo, sobriedade. Com o Hutchinson ela tinha um cubículo na biblioteca municipal de São Paulo. Então, quando eu vim de Rio Claro para São Paulo, nosso encontro para decidir o que se fazia em Rio Claro ou minhas pesquisas que ainda não era tese, eu era orientado por ela lá. Bom, mas tudo isso é secundário. Estava falando da Carolina nas comissões, na nas sociedades. Ela nunca quis ser presidente de nada.

GVC: Mas sempre foi presidente de tudo!

IP: Mas se era importante para promover a ciência, ela aceitava. Não sei se ela tinha vaidades nesse ponto, mas a minha impressão é que ela apostava mais no sucesso das iniciativas dela mais do que da repercussão. Ela era uma pessoa muito fechada e eu acho que emotivamente, muito reprimida. Uma vida meio acidentada.

É que isso não se escreve. Agora, uma coisa importante. Como uma marca da Carolina, marca de seriedade da Carolina. Lembro-me de uma discussão quando começou essa badalação do método Paulo Freire, ela achou que era puro oba oba da imprensa, dos pedagogos ou da esquerda X. Para ela eram apenas contingências bem manipuladas. O caiçara lá, de Cananeia, “Diga-me as capitais da África do Norte”. Poxa, vai complicar a vida no inferno. “Como é que chama a tua cidade e quais cidades você conhece perto dela?” É a mesma geografia, só que sem viadagem. Então ela enxergava assim.

Ela gostava de uma boa piada e eu me lembro de gente que, em Brasília, contou piada extremamente pesada, ela ria, mas ficava vermelha. Alias, ela ficava vermelha quase sempre.

GVC: E a SPRP? Ela teve alguma coisa a ver?

⁵⁹ Bertram Hutchinson, sociólogo britânico, dirigiu um estudo sobre mobilidade social e trabalho na cidade de São Paulo junto ao Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE) e financiado pela Unesco e pelo Ministério da Educação do Brasil.

⁶⁰ Octavio Ianni (1926 – 2004) formou-se em ciências sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, em 1954, é considerado um dos maiores sociólogos do país. Tornou-se professor na cadeira de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, sob a chefia de Florestan Fernandes

IP: Sempre apoiou muito, vinha quando a gente chamava e aqui era muito acolhida, porque aqui estava eu, Tereza Mettel, que estava na medicina comigo, quem mais? A Vera Otero⁶¹, o pessoal de clínica daqui que adorava a Carolina, o Luis de Oliveira⁶², que era cria dela em Rio Claro. Ele foi presidente da sociedade aqui. Mas a Carolina era muito ocupada com as grandes coisas nacionais, tipo CNPq, Capes, essas coisas. A ligação dela com pesquisa social era grande.

Então, ela era ligada ao Florestan⁶³, Octávio Ianni e sempre ao monumental Antônio Cândido⁶⁴. Que mais? Eu me lembro que ela orientou pesquisas de uma dupla que era inseparável. Era Suad Haddad⁶⁵, que agora é gurua de psicanálise aqui e Joselina de Fero, que se suicidou em frente ao prédio da Carolina ou a Carolina a viu caindo ou viu lá em baixo. Eu me lembro disso. Parece ter tido mágoas com o filho, com a queda de Brasília e o fim dela é muito esquisito. A Deisy sabe alguma coisa a mais, mas ela se isolou muito e tenho a impressão de que ela se deixou morrer. Penso que ela morreu muito só. Mas isso é muito superficial, precisaria ver isso aí.

GVC: Ela estava muito envolvida em coisas de educação, com um grupo da USP.

IP: Mas eu não sei se era doença também que ela teve. Mas a impressão que eu tenho é que ela não colheu as glórias que merecia, os êxitos que merecia e que ela ajudou a produzir.

O apego aos dados era impressionante. “Dados, quero ver os dados”. Uma atitude importante dela, estava la numa discussão qualquer, sobre o que quer que fosse, você sabia que ela tinha o que dizer, ela não dizia, não dizia, não dizia, até ser consultada. Então, soltava os cachorros.

GVC: Mas isso com qualquer pessoa e não só aluno?

IP: Não, em situação de discussão científica, ou política, questão educacional, política científica. Era muito prudente. Não sei quanto disso era timidez ou prudência. Que ela era uma pessoa tímida. Interessadíssima em pesquisa, em formar pesquisadores e pesquisou pouco.

GVC: E escreveu pouco, também.

IP: E escreveu pouco. Publicou pouquíssimo. O efeito Zeigarnik foi acho o doutoramento dela.

Meu primeiro trabalho, que ela deve ter gostado, era o conceito de tensão em Kurt Lewin, porque ela que trouxe o Kurt Lewin para cá. Que era uma *Gestalt* mais matematizada.

⁶¹ Psicoterapeuta comportamental

⁶² Luiz Marcellino de Oliveira (1939 – 2008) foi aluno das experiências pioneiras no Brasil no emprego da Análise Experimental do Comportamento, instalou o laboratório de Psicologia Experimental no Departamento de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto e, posteriormente, implantou uma linha de pesquisa sobre Nutrição e Comportamento junto ao programa de pós-graduação em Psicobiologia da USP-Ribeirão Preto.

⁶³ Florestan Fernandes (1920 – 1995), sociólogo e político brasileiro, foi professor da Universidade de São Paulo (USP) na década de 40, foi afastado pelo regime militar em 1969. É considerado o fundador da sociologia crítica no Brasil.

⁶⁴ Antonio Cândido de Mello e Souza (1918 -), estudioso da literatura brasileira e estrangeira, professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Publicou mais de vinte livros, entre os quais: *O método crítico de Sílvio Romero*, 1945; *Formação da Literatura Brasileira. Momentos decisivos*, 2 v., 1959; *Os parceiros do Rio Bonito. Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*, 1964; *Vários escritos*, 1970; *A educação pela noite*, 1987; *O discurso e a cidade*, 1993; *O albatroz e o chinês*, 2004.

⁶⁵ Suad Haddad de Andrade é Membro Efetivo e Analista Didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP) e da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), SP, Brasil

GVC: Parece que tinha uma rixa ou alguma coisa, entre o Sawaya e a Annita Cabral, também.

IP: Sempre! Havia duas coisas. Havia uma coisa: Sawaya era católico. Acho que até um líder católico, mas não no ambiente acadêmico. Annita era uma fazendeira laica. Annita era antipática, arrogante. O Sawaya era panos quentes. Annita era competidora direta do time do Sawaya, na Maria Antonia, que era na Psicologia Educacional, onde estava Noemi Rudolfer, rivalidade desde a escola normal e superior com a Annita Cabral. Depois da revolução de 32, que São Paulo (o estado) apanhou porque era separatista mesmo. Então, as elites paulistas resolveram: “Nós vamos formar elites para governar o Brasil. Vamos fazer uma universidade que não escolhe elites, forma elites”. Na minha classe eu tinha colegas filho do Julio Mesquita, do Estadão, filho da Guiomar de Barros, torneiro mecânico, eu era filho de operário, marceneiro, vendedor de móveis. Não se escolhia, mas saía bom

A rivalidade da Annita e da Noemi era desde quando se criou a USP, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras que era o miolo da USP. As duas foram nomeadas catedráticas ou coisa parecida catedrática, uma da Psicologia, na Filosofia e outra na Psicologia da Pedagogia, educacional, portanto. Então, estava a Noemi, que era chefe, o Arrigo Angelini, que era peixinho dela e a turma do Arrigo. Muita gente ligada à cúria, ao bispo. Odette van Colck, também bastante, bastante religiosa, pelo jeito. Annita, competidora direta do pessoal católico da Maria Antonia. E o Sawaya era um líder católico, de um lado.

GVC: Um coisa nada acadêmica, então.

IP: Sim! Do outro lado, do outro lado havia o seguinte: a briga por verbas da congregação era feroz, certo? Então, se ele pudesse pegar as verbas da Psicologia, também, para Biologia, era uma boa. Agora, a Annita era antipática a quase todos, mas era temida. Ela tinha relações políticas, certo? Fazendeira quatrocentona, de Penápolis. Então, uma coisa é essa: católica e laica. Talvez não como motivação principal, mas era o fato de que Annita quanto pudesse cortava as asas do pessoal do Sawaya em Psicologia, agora, na Pedagogia.

GVC: E, voltando um pouco, também, como foi a luta pelo reconhecimento da Psicologia como profissão?

IP: A Carolina brigou muito! Ela foi da comissão que decidia quem virava psicólogo ou não. Tinha gente com tantos anos de atividade, até militares que fazia psicofísica e viraram psicólogos. E ela não me fez psicólogo! Não! Porque eu não tinha doutoramento em Psicologia. E eu era assistente dela.

GVC: Sim. E disse que o que você fazia não era Psicologia

IP: Eu não tinha os papéis para ser psicólogo. Em educação ela lutou muito. Discutia muito com Darcy Ribeiro. Tinha um grupo em Brasília, já. Já era Brasília. Newton Sucupira⁶⁶ era um grande

⁶⁶ Newton Lins Buarque Sucupira (1920 – 2007) é formado em direito e filosofia pela Universidade Federal de Recife, professor emérito da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, presidiu o grupo de trabalho que elaborou a Lei da Reforma Universitária no Brasil, em 1968. É considerado o patrono da pós-graduação no país,

educador e com outros grandes pensadores do projeto educacional brasileiro e ela era íntima desse pessoal.

Uma coisa eu notava na Carolina: era muito respeitosa na linguagem. Em uma conversa coloquial: “Dona Carolina, o Anísio falou para o Fernando de Azevedo isso” Ela respondia: “Eu não sei o que o Doutor Anísio falou, mas o que o Professor Fernando...”. Era sempre professor e doutor. Isso, de certo modo, a tornava uma parceira agradável.

Quando eu estava em Rio Claro, me lembro agora, ela levou lá, para ver meu trabalho, e para conversar, o padre Benkö com K, que era um padre importante, acho que na PUC do Rio. E o Pedro Bessa, da Federal de Minas. Era um chefe de escola. Pedro Bessa. Foi com os dois que eu apostei que a abelha agora vai no azul, quer ver? “vamos apostar?” “Vamos!”.

GVC: E ganhou a aposta?

IP: Ahh, sempre! Assim, eu ganhei muita cerveja. “Agora ela vai apertar o lado esquerdo!” “Vai apertar, vai ver” “E agora?” “Agora, esquerdo de novo” “Como você sabe?” “Controle!”

APÊNDICE B – Maria do Carmo Guedes

Entrevista com Maria do Carmo Guedes cedida à Gabriel Vieira Candido no dia 14/07, véspera de seu aniversário. O local da entrevista foi sua sala de trabalho, no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Experimental: análise do comportamento (São Paulo, SP), por isso, algumas interrupções foram feitas por telefonemas e outros professores que chegavam até a sala. Como contexto da entrevista: Maria do Carmo Guedes acabara de lançar, junto com diversos outros pesquisadores da área de história da Psicologia, um dicionário de instituições da história da área e preparava dois livros, um sobre os 60 anos de Psicologia na PUC-SP e outro sobre os 50 anos da Análise do Comportamento no Brasil. Abaixo, segue transcrição da entrevista.

“A palavra mestra (...) Era a palavra com a qual eu me lembrava sempre da Carolina. Ela foi a minha grande mestra.”

Gabriel Vieira Cândido: Bom, a ideia do projeto é conhecer o que a Carolina Bori fez, conhecer a atuação dela a partir de pessoas que trabalharam com a Carolina Bori, certo? Então, eu já tenho a listinha com as pessoas, mas a ideia é mesmo conhecer um pouco o primeiro contato que vocês tiveram, o que fizeram juntas depois, as impressões sobre o trabalho que a Carolina Bori fazia. É um pouco isso. A ideia é pegar coisas mais pessoais mesmo, coisas que não foram publicadas. Coisas que não se acham escritas ainda.

Maria do Carmo Guedes: Eu talvez devesse pegar os três textos que eu já fiz sobre a própria Carolina, mas resolvi não pegar. Eu achei que como você sabe que eles existem, não era necessário eu própria pegar o que eu já disse. Talvez não tenha dito nunca que foi como professora que eu conheci Carolina. Eu fazia Filosofia e ela foi minha professora de psicologia. Eu tive três Psicológicas no curso de Filosofia. Acho que a primeira foi Psicologia Diferencial, com o Dante⁶⁷, Dante Moreira Leite, depois Psicologia Experimental com Carolina e, no terceiro ano, Psicologia Social com Annita Cabral.

GVC: Eram disciplinas de um ano?

MCG: Não, estes dois, no segundo ano. Um no primeiro semestre e o outro no segundo. Se bem me lembro acho que era isso. O da Annita era o único que era ano inteiro. Eu gostei do curso do Dante, eu não fiz conta do curso da Carolina nem do curso da Annita. Porque não estava interessada em psicologia. Eu gostava mesmo de Filosofia e Literatura. Eram duas coisas que eu curti bem e no curso do Dante, ele usou muito literatura, como o curso do Antonio Candido havia sido. Sociologia eu fiz com Antonio Candido. Então, fora da filosofia eu tive, com Antonio Candido, sociologia, que

⁶⁷ Dante Moreira Leite (1927 – 1976), intelectual e filósofo formado pela USP, foi professor do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, traduziu diversos livros sobre Psicologia, contribuiu grandemente para Psicologia Social no Brasil. Entre suas principais publicações estão: Psicologia e literatura (1965) e O caráter nacional brasileiro (1969).

também era um crítico literário além de sociólogo. E o Dante Moreira Leite que usou literatura para falar do que era chamado de psicologia diferencial. Mas eu fui me interessar por Carolina Bori porque ela foi escolhida por Darcy Ribeiro⁶⁸. Escolhida pelo Darcy para levar Psicologia para UnB. Então, meu interesse era educação. Eu trabalhava no Centro de Pesquisas Educacionais, estava interessada em educação, já havia terminado a graduação. Fui direto da graduação para o CRPE (Centro Regional de Pesquisas Educacionais), que era um dos cinco centros criados pelo Anísio Teixeira⁶⁹. O Anísio Teixeira criou esses centros, pelo menos assim dizia o Darcy Ribeiro, que foi com que a gente teve mais contato, para atrair, acho que a expressão que ele usava era essa, para atrair o pessoal da universidade, não importava a área, para o problema educação. Educação era um problema sério demais para ficar só na mão dos educadores. E foi quando ele consegue atrair, de fato, pessoas importantes. Ele atrai Florestan Fernandes, por exemplo, para a área de educação. Ele nunca tinha feito nada especificamente na área de educação. Florestan foi ajudar lá no CRPE⁷⁰ de São Paulo. Então, o CRPE de São Paulo era um lugar muito interessante de se trabalhar. E quando eu vi que o Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro convidaram Carolina Bori para fazer a psicologia da UnB foi que eu me dei conta quem era essa mulher.

GVC: Então, o único contato, até então, com ela era com essa disciplina?

MCG: Como professora!

GVC: Só nessa disciplina?

MCG: Só! E acho que nunca conversei com ela em sala de aula. Eu era muito calada em sala de aula lá na USP.

GVC: E ela dava experimentos, não era isso? Ela dava aula prática em sala de aula com os alunos?

MCG: É, era isso. Aliás, acho que depois quando eu dei Psicologia Experimental aqui eu lembrava um pouco aquele jeito dela de fazer. Você tinha leituras e tinha experimentos. Um aluno sentava na frente do outro, um ficava como pesquisador o outro como sujeito e depois trocava. Essas pesquisinhas, esses experimentos pré-planejados com lápis e papel.

GVC: Engraçado, Carolina já fazia isso. Essa coisa de fazer os alunos fazerem pesquisa desde a graduação. É, porque de um jeito ou de outro é a mesma lógica dos nossos laboratórios de AEC, por exemplo, na graduação.

MCG: E que é o que ela vai fazer na pedagogia, em Rio Claro. Então foi aí, que eu prestei atenção na Carolina, mas através dos olhos de amigos. Quer dizer, eu vi primeiro do Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro, que não eram amigos, eram chefes nossos. Depois, quem foi para Brasília? João

⁶⁸ Darcy Ribeiro (1922 – 1997), mineiro, antropólogo, político brasileiro, desenvolveu trabalhos nas áreas de educação, sociologia e antropologia. Foi o idealizador da Universidade Estadual do Norte Fluminense e, ao lado de Anísio Teixeira, foi um dos criadores da Universidade de Brasília.

⁶⁹ Anísio Spínola Teixeira (1900 – 1971), formado em Direito em 1922, no Rio de Janeiro, tornou-se secretário da Educação do Rio de Janeiro em 1931. É um importante nome na história da educação brasileira, representante do movimento da *Escola Nova*. Reformou o sistema educacional da Bahia e do Rio de Janeiro

⁷⁰ Centro Regional de Pesquisas Educacionais (CRPE)

Claudio⁷¹ (acho que isso eu contei um pouco naquela palestra em 2008). Quem é que me dava notícia de Brasília? João Cláudio, Isaias Pessotti e a minha irmã Maria Helena. João Claudio foi meu estagiário no CRPE. Essa aproximação se intensificou, não sei se o termo é esse, porque ele e meu irmão trabalharam juntos na GE, então ele freqüentava minha casa. Ele foi muito amigo da gente. Então, João Claudio foi para Brasília, Isaias Pessotti trabalhou comigo no CRPE. Não comigo exatamente, mas entramos juntos. Os meus primeiros três meses no CRPE foram de estágio e o Isaias estagiou exatamente comigo lá no mesmo projeto que era do curso para professor primário. Mas eu fui conhecer de perto Carolina, em 66, quando o Dr. Azzi trouxe Carolina para fazer um semestre aqui na minha disciplina.

GVC: Então você já estava na PUC?

MCG: Eu estava dando aula aqui desde 64, quando eu comecei a dar Psicologia Experimental aqui na PUC. Era o segundo ano da primeira turma. Então, o Azzi me procura para perguntar se podia encaixar nas horas de Psicologia Experimental. Como é que eu dava Psicologia Experimental? Eu tinha três anos de experimental: Experimental 1 eu dava leituras e experimentos pré-planejados; em 65 eu dei o segundo ano. O meu primeiro ano foi à moda do que eu tinha visto Carolina fazer. Desconfio que foi isso que me levou a fazer desse jeito. Agora, eu tinha uma vantagem sobre ela, eu tinha os aparelhos. Então minhas pesquisas não eram só em sala de aula, eram também no laboratório.

Então, 65, que era o segundo ano de psicologia, junto com Silvia Lane⁷², que veio para cá e o Raul de Moraes que era o estatístico, nós demos uma pesquisa em grupo para os alunos, que servia para as três disciplinas: Experimental, Estatística e Social. Então, o tema da pesquisa era Social, o trabalho servia para mim porque eu não lidava apenas com experimentos, eu lidava também com observação e correlação. Eram três tipos de pesquisa que eu ensinava para eles. Na verdade, eu tinha um outro termo que eu usava que era questionamento. Você faz pesquisa por observação, direta ou indireta. Na indireta você depende de questionamento. Questionamento pode ser questionário, pode ser entrevista, pode ser história de vida, pesquisas correlacionais. Para Psicologia Social eu não me lembro o que os alunos escolhiam. Eles escolhiam com a Silvia Lane e comigo eles vinham para ajudar a planejar. E o professor de estatística também ajudava desde o planejamento. Era muito interessante trabalhar com ele. Então, quando a Carolina veio em 66, eu já estava no terceiro ano de Psicologia Experimental. Então, o que que nós combinamos? Que os alunos novos, que estavam chegando no segundo e no terceiro ano (eu precisaria conversar com alguém para saber exatamente), mas a Carolina deu aula para duas turmas. Ficava aquela fila no pátio da cruz de gente para ser atendido porque ela era professora, sozinha. Na verdade, ela tinha a Herma⁷³. Ela trouxe a Herma. Eu

⁷¹ João Cláudio Todorov cedeu entrevista para esta pesquisa. Ver página 286.

⁷² Silvia Tatiane Maurer Lane (1933 – 2006), formou-se em filosofia, é doutora em Psicologia, trabalhando como psicóloga social na PUC-SP. É precursora da Psicologia Comunitária, Psicologia sócio-histórica e Associação Brasileira de Psicologia Social – ABRAPSO.

⁷³ Herma Bauermeister, psicóloga, escreveu o livro *Exercícios de Laboratório em Psicologia*, primeiro manual brasileiro com exercícios de análise experimental do comportamento, em parceria com Mario Guidi.

estava longe de imaginar que eu ia fazer tese em Psicologia. Depois, em 67 a Herma ficou com a gente. O meu curso de Psicologia Experimental tinha sempre três unidades: uma era um pouco de filosofia da ciência, que era o que eu gostava de dar; o outro pouco era metodologia da pesquisa, que era a minha aproximação de filósofa para outra área qualquer. Metodologia da pesquisa. E o terceiro era a parte prática. Então, eu entreguei a parte prática para a Herma. Esta coisa aqui eu comecei a entregar para o pessoal da análise do comportamento. Então, em vez de ser experimentos inventados da Psicologia em geral, a parte prática da Psicologia Experimental passou a ser análise do comportamento. Por quê? Porque ensinava tudo que eu queria. Ensinava observação, registrar, paciência, o que eu achava importante numa parte prática. Porque, pelo menos no primeiro ano ela não era verdadeira. Era sempre pré-planejado, então, servia o que a análise do comportamento dava. Em metodologia da pesquisa eu continuava fazendo essas coisas e filosofia da ciência era sempre um pouco de provocação. Agora, depois disso, como é que foi crescendo aqui não tem nada a ver com Carolina Bori. Eram pessoas que eu acabei encontrando na Carolina Bori, em 68. 68 foi muito marcante para nos aqui na PUC. Nós fizemos um curso completamente diferente. Foi em 68, por causa do movimento estudantil, por causa da boa política que se fazia nesta universidade, coisa que não estava acontecendo na USP, eu decidi ficar na PUC e na Psicologia. Em 68 eu fui fazer curso na USP. Decidir ficar na USP me levou de volta para fazer o doutorado. A gente não tinha mestrado, a gente fazia direto o doutorado. Podia fazer mestrado mas não tinha curso de mestrado. E aí eu fui atrás da Carolina.

GVC Porque ela dava já as disciplinas que você lecionava?

MCG: Porque eu queria a Carolina como orientadora, e ela me aceitou. Eu não sei se ela me aceitou logo, se eu fiz curso primeiro para depois ter coragem de pedir. Acho que, conhecimento a minha timidez, eu acho que fiz isso primeiro. Assisti alguma coisa para depois conversar com ela. Eu fiz sob orientação dela, coisas deliciosas. Eu fiz curso com Arno⁷⁴, eu fiz curso com o Leicy, um americano que dava filosofia da ciência. Ela me apoiou nesse tipo de coisa. O Arno deu um curso sobre emoções. Até fiz um artiguinho. O meu *paper* de final de ano virou um artigo que a gente publicou na revista da PUC. Fiz curso de observação com o Walter Hugo⁷⁵, mas é sobre Carolina que eu vou falar. Eu estou citando essas coisas porque foi sob orientação dela que eu fiz essas coisas.

GVC: E ela sugeria os cursos ou não?

MCG: Acho que tinha a lista e eu escolhia, conversava e ela apoiava. Porque são coisas bem diferentes, certo? Não estava levando a assunto nenhum. Não é para um tema em especial e eu ia fazendo cursos. Com ela eu fiz Táticas⁷⁶, eu fiz Programação de Ensino e acho que só.

⁷⁴ Arno Engelmann (1931 -), cursou Filosofia na USP, em 1955 e, em 1960, após formado, se tornou assistente no curso de Psicologia e começou a trabalhar com experimentação. Atualmente está aposentado, mas continua atuando na área acadêmica

⁷⁵ Walter Hugo de Andrade Cunha cedeu uma entrevista para esta pesquisa. Ver página 229.

⁷⁶ Sidman, M. (1960). *Tactics of scientific research: Evaluating experimental data in psychology*. New York: Basic Books

GVC: Táticas é o livro do Sidman?

MCG: Era leitura do livro do Sidman, junto com Maria Amélia⁷⁷. Dava confusão. E, eu fiz também, e eu acho que foi a gota d'água para mim, eu fiz também, Controle Aversivo com Maria Amélia Matos. Na área de Análise do Comportamento foi o único curso que eu fiz e que foi com Matos, quando ela estava chegando dos Estados Unidos. Táticas era um curso que me ajudava aqui em Metodologia da Pesquisa, sem dúvida. E Programação do Ensino porque era isso que me interessava, quando falo que estava interessada em educação, não era educação em geral, era ensino. Então, o único curso de análise do comportamento que eu fiz acho que foi esse. O resto tudo eu continuava uma pessoa com esse perfil de quem veio da filosofia. Então era isso, eu continuava uma filósofa, só que eu estava me metendo na psicologia porque era lá que Carolina estava.

Na verdade, eu estava entusiasmada com o PSI porque em 61, antes de ir embora, o Azzi deu uma aula aqui na PUC. Eu conhecia o PSI desde 61, mas, foi em 70 que eu me toquei para ideia de que eu estou usando como eu quero, não estou usando direitinho porque não tem ninguém me vigiando. Não estou fazendo pesquisa nem nada. Então o que que é o personalizado para mim? Eu conhecia cada aluno, então, tudo que eu programava era para conhecer melhor o aluno. Em 70 a minha pergunta era: “E agora? Eu respondo por 1200. Como eu vou fazer isso?” então a gente inventou um programa que ficou prontinho em janeiro de 71. As aulas iam começar em março e em fevereiro. Em fevereiro inteirinho, todos os dias nós demos um curso de 15 semanas onde eu era a professora, os convidados para ser os professores do curso eram os monitores e os alunos convidados para serem os monitores no curso eram os alunos. Então, nos experimentamos o curso... porque que eu não fiz a minha tese só com isso, certo? Hoje eu penso que isso daria uma tese. Nós experimentamos o curso que começou em março. Em março de 71. Então, em fevereiro de 71, nós cumprimos um programa que eu planejei no segundo semestre de 70

O que nós tínhamos nesse curso que começou em março de 71? Muito e bem feito registro acadêmico. Nem todos os meus professores eram alunos de psicolo... ex-alunos de psicologia. Eu tinha alunos de Ciências Sociais e Pedagogia. Mas eu tinha o seguinte: nós tínhamos direito, como coordenadores do curso, a ter 3 assistentes e 20 professores, mais ou menos 20 professores. Dependia um pouco dos horários deles porque cada professor podia pegar de 3 a 4 salas. Nem sei se era 20 justo. Por aí. De todo modo, eu fiz o seguinte: eu troquei um dos assistentes por um grupinho que eu chamava “as minhas contingências” que era Téia, Ziza e uma menina de Pedagogia chamada Neuzinha, (Pedagogia, Psicologia e Psicologia). O que que elas faziam comigo? A gente analisava os dados todos que iam sendo levantados. Então, era assim, o aluno... ah não, agora eu estou saindo já da Carolina. Esquece. Então é isso. 70 e 71, 72 que eu ainda estava fazendo alguma disciplina, eu me dei conta que eu tinha na mão uma tese se eu quisesse aproveitar esses registros. Eu nunca fiz o plano

⁷⁷ Maria Amélia Matos (1931 – 2005), uma das pioneiras da Psicologia no Brasil, ingressou no primeiro curso de Psicologia da USP, em 1958. Foi aluna de importantes pesquisadores da Análise do Comportamento, como Keller e Schoenfeld e se tornou grande representante da Análise Experimental do Comportamento/Psicologia Experimental do Brasil.

de aula com os meus professores. A gente tinha reunião semanal, o grupo de professores e eu. Nunca fiz um plano de aula pensando em pesquisa, era por causa das aulas, mas os registros eram bem feitos e a gente tinha tudo guardado. Porque essas meninas me ajudavam nisso. Eu fui e propus para Carolina que eu acho talvez ela tenha me incentivado a fazer isso, não me lembro. Realmente eu não me lembro. Eu sei que eu tinha os registros, fui meio que guardando e no primeiro semestre de 73 eu tirei um mês de férias em março pensando que eu ia sentar e escrever a minha tese. Tonta, ne! Rendeu muito e eu levei um primeiro texto para Carolina. Mas claro que eu não acabei. E eu levei um primeiro texto para Carolina, que eu não tenho mais, não sei onde ficou isso, mas que me desesperou porque ela punha pequenas interrogações em cima das palavras e disse que estava ótimo. Eu voltei para casa. Cada palavra que eu lia me tomava meses. Lembro de uma coisa que eu disse: “eu fiz tal coisa para assegurar” ela pôs uma interrogação. Claro que eu mudei a palavra, mas eu ia para o dicionário e soltava a imaginação. Outra coisa que ela fazia, ela colocava do lado assim: “não aqui” “não aqui” Não aqui o que, carambola!/? Eu não tinha coragem de voltar e perguntar porque ela era uma professora, uma professora politiqueira, entendeu. A Maria Amélia, por exemplo, odiava que eu gastasse tanto tempo em política. Quer dizer “Você faz besteira ficando lá na PUC. Você tem que sair. Vem para cá fazer o doutorado e depois fica por aqui. Besteira ficar lá na PUC”. Mas então eu tinha vergonha de ir lá fazer pergunta. Então eu ficava imaginando e depois de muito tempo: “Claro, isto é procedimento. Embora eu esteja falando sobre o sujeito, mas o foco principal aqui... o sujeito é este, o verbo é este. Isto é procedimento” Eu mudei de lugar. Então eu levei acho que o resto do ano e defendi em 74. Eu fui algumas vezes conversar com Carolina, mas eu ia lá, perguntava e a gente não ficava levando texto para ela ler, texto para ler. Era um outro estilo o dela e ela também era muito ocupada. Eu tinha vergonha de ir fazer pergunta.

Então, a minha vida com Carolina, enquanto eu não defendi o doutorado, foi desse jeito: fazendo cursos com ela, tento uma orientação ultra delicada. Veja, hoje eu chamo de delicada, na ocasião eu dizia: “que mulher desgraçada, por que que não me escreveu o que ela quer?” Entendeu? Eu tinha sim meus rompantes. Nunca disse o que o Sérgio Luna⁷⁸ disse uma vez. Ele veio para mim e disse: “Carolina não leu o meu texto!” Eu disse: “por que você acha isso, Sérgio?” “Não tem nada escrito” “Ahh, Sérgio! Me poupe” entendeu? “Ela leu e se não tem nada escrito é porque ta bom”. Ele disse “Mas eu nem tenho certeza se a minha linguagem é própria da análise do comportamento”. Eu disse “Se fosse errada ela teria dito. Não tem interrogações?” Ele achou algumas interrogações porque era um redondinho tão pequenininho, tão delicado que custava para achar. Você tinha que procurar dentro.

⁷⁸ Sérgio Vasconcelos Luna, professor no curso de Psicologia da PUC-SP, integra os grupos de pesquisa em História da Psicologia, Análise do Comportamento: Pesquisa e Intervenção e Bases da Psicologia na Educação, todos na mesma instituição.

Eu já era doutora em 74, eu acho que fiquei mais atrevida. Por exemplo, no ano em que ela foi, pela primeira vez, secretária na SBPC⁷⁹, ela me pede um serviço. Ela quer que eu prepare uma exposição de livros na SBPC, que ia acontecer aqui em São Paulo e que eu prepare a exposição de livros. Então, eu não sei de onde ela tirou que eu seria capaz disso. Não consigo imaginar. E pode ser que por isso eu tenha me voltado tanto para livros depois. Porque, o que que eu fazia? Eu ia atrás de editores e perguntava se eles queriam expor na SBPC que seria tal dia, em tal lugar, na USP. Fiz isso, eu acho que deu muito trabalho, porque eu não sou boa nessa coisa de fazer conta e guardar papelzinho. Sou capaz de fazer papelzinho, mas não guardá-los. Me deu muito trabalho, porque tinha que prestar contas pros editores, do que foi feito, mas quem ia vender o livro era o livreiro do próprio editor. Eu não me lembro e envolveu dinheiro, se eu ganhei direito para fazer alguma coisa ou se a SBPC que pôs tudo lá. Mas era no prédio da História e Geografia. Nesta época eu tive bastante contato com Carolina. Não sei data diss, mas foi a primeira vez que ela foi secretária. Porque a secretária da SBPC que tinha a obrigação de planejar o evento.

Ela sempre soube que o meu interesse era o PSI, não era mais nada na análise do comportamento a não ser o PSI. E ela então me convida, agora eu não sei quando foi isso. Pode ter sido mais ou menos na mesma época, mas ela me convida para ajudá-la num lugar chamado CENAFOR⁸⁰. O que que nós fizemos lá? Ela me convidou para fazer três livros para professores de ensino técnico. Um livro era sobre aula expositiva, um livro era sobre exercício e o terceiro sobre avaliação, que é um tema que eu sempre gostei. Eu então montei uma equipe, no livro eu tenho o nome das pessoas da equipe. Eu só lembro que deu muito trabalho, mas deu muito trabalho. Porque era um livro programado. Era mais do que um curso programado. Eu achava muito mais difícil que programar curso. Então você tinha que ter para cada passo, um monte de pequenas frases que iam conduzindo a pessoa. Eu tinha tido uma experiência pequenininha nisso quando eu fui trabalhar com eles na programação de um livro sobre o que é o ar. Nossa! Eu fiquei pouco tempo, porque era muito difícil, muito chato. Eu não me lembro mais, mas eu me interessei tanto pela programação que eu fui atrás da Carmen Junqueira, uma bambambam da Antropologia, para ver se eu fazia um livro sobre o que é Cultura. Por que cultura? Porque eu achava que era o grande fenômeno para pensar o que é Psicologia. Então, este livro programado, possivelmente a Carolina descobriu que eu tinha feito aquilo, sei lá, não sei, só sei que ela convidou a gente e a gente topou. Eu tenho os três livros, se você precisar, só para você ter uma ideia do que, um dia eu trago um deles, eu mando, eu leio lá em casa o nome das pessoas e mando para você se você precisar. E a gente foi tantas vezes a Campos do Jordão para ficar enfurnado lá sem ninguém interromper, foi muito interessante fazer esse livro, mas foi sofrido.

⁷⁹ A primeira vez que Bori foi secretária da SBPC foi na gestão de 1973-1975. A diretoria era formada por Oscar Sala (Presidente), Carlos Alberto Dias e Carlos Chagas Filho (Vice-presidente), Luiz Edmundo de Magalhães (Secretário-geral) Carolina Bori e Eliane Azevedo (Secretárias) e Renato Basile (Tesoureiro)

⁸⁰ Centro Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal para a Formação Profissional (CENAFOR).

Ela dava coisa difícil para gente. Minha conclusão, citando esse livro é isso. Tudo que ela deu era difícil, não sei como é que ela achava que a gente era capaz de fazer e a gente fazia. Devia ter apoio dela. Não sei como ela apoiava a gente, mas ela apoiava. De novo eu fiquei muito próxima de Carolina quando a gente criou a Fundação Aniela e Tadeuz Ginsberg. Eu estou pulando pedaços, mas depois talvez eu recheie se você quiser. Eu estou lembrando onde eu aprendi coisas que com certeza eu não sabia mesmo. Quer dizer, de repente ela era, de novo, a orientadora. Quando a gente criou a Fundação Aniela, até para pensar na Fundação eu fui conversar com ela.

A Fundação Aniela só foi criada em 88. Por quê? Porque foi muito difícil. Eu não sabia o que era fazer uma fundação. A Sandra Beto, uma colega aqui, e eu, íamos conversar com o ministério público, o curador de fundações para saber o que era uma fundação, porque no testamento da Aniela dizia que era para criar uma fundação para dar bolsa para estudante. Até a gente aprender como cria uma fundação, até conseguir cria-la, levamos 4 anos, acho. Começamos em 84 e só em 88 que a gente tinha o primeiro estatuto da fundação. E eu devo ter ido algumas vezes conversar com ela nesse período, mas em 88, quando a gente criou a fundação, a gente não tinha dinheiro para dar bolsa para estudante, então o que que nós sabíamos fazer? Projeto de pesquisa. Eu atendia estudante interessados em pesquisar, ajudava a fazer um primeiro projeto, ia procurar o professor para orientar e pedir bolsa. Então, não eram bolsas com dinheiro da fundação, mas eram bolsas realizadas na fundação. Para isso, eu, junto com a Sandra, tomei a decisão. Eu era a diretora da fundação, ela era secretária, nós duas sentamos pensar, pensar e resolvemos, olha que atrevimento, colocar na FAPESP que a gente existia. Então nós criamos uma comissão científica, na fundação, e a Carolina topou fazer parte da comissão científica. Isso eu descrevo um pouco melhor, naquele texto que está junto com o do Raul nos 70 anos da Carolina. Ela vinha e levava a sério a nossa. Ela levava tão a sério a nossa comissãozinha científica mixuruquinha, como as reuniões da fundação de Brasília. Ela era do conselho curador da fundação de Brasília. A Fundação UnB é uma das fundações mais ricas desse país, porque tem metade do chão de Brasília. Ela era do conselho curador. Ao mesmo tempo, ela era da comissão científica da nossa fundaçãozinha, que não tinha um tostão. Era muito interessante, era muito honroso para nós ter a Carolina. Ela que ensinou a gente a planejar prêmio. Ela dizia “Não pode não ter um prêmio. Você tem que aprender a escolher entre os que se apresentaram.” Segundo “não pode ter um deslize, o prêmio tem que ser muito bem feito para que seja respeitado. É esse o compromisso que você tem com o ganhador do prêmio porque os ganhadores anteriores deveriam estar vigiando a fundação para que ele continue sendo um bom prêmio”. Então, toda vez que ia apresentar um prêmio, a gente fazia uma comissão contar diretinho tudo o que foi feito. E a gente sempre teve dois pareceristas, nenhum é da graduação. A gente só vai, na PUC só atrás da Pós-Graduação e tem sempre um de fora da PUC. Então, é um prêmio bem feitinho porque a Carolina nos ensinou a fazer um prêmio bem feito, que é o Prêmio Aniela Ginsberg. Depois outros prêmios foram inventados, mas a gente sempre tomou cuidado para ficar sempre bem feito.

Quando mais eu tive contato com Carolina? A palavra mestra, tão mal usado pelo pessoal do objetivo, certo? Eles chamam todo mundo de mestre. Era a palavra com a qual eu me lembrava sempre da Carolina. Ela foi a minha grande mestra. Realmente, o tempo todo ensinando a gente com uma diferença bem grande em relação ao ideal de professora que eu gostaria de atingir.

GVC: Diferente?

MCG: Muito! Ela era muito discreta. Ela não ia muito além do que você perguntava. Eu não, eu vou contando. Você faz uma pergunta, quando assusta eu estou contando coisas. Ela não. Ela era parcimoniosa no que dizia, no que falava. Por exemplo, ela era de uma discricção... Eu falo da minha família, eu falo da minha vida. Ela nunca falou da família dela, nunca falou da vida dela. Isso que eu faço eu não aprendi com ela. Talvez eu tenha aprendido com ela, agora vou fazer psicanálise, porque faltou para mim, que ela fosse mais. Mais o que? Que ela contasse mais da vida dela? Eu não me conformo com ela ter ido pro hospital sem a gente saber. Na véspera dela ir pro hospital, antes de morrer, eu telefonei para combinar a data do jantar na minha casa. Eu só estava esperando ela terminar os exames médicos para marcar e nesse telefonema ela fala para mim “Ih, Maria do Carmo, está meio complicado, os exames nem todos estão bons. É melhor esperar a minha visita no médico para marcar a data. Eu não sei quando eu vou poder” e já não pode. Já ficou no hospital.

GVC: Foi quando ela morreu?

MCG: É. Então, é isso que eu lastimo muito. A gente não sabia nada para poder participar um pouco da vida dela como ela conseguia participar da da gente. Eu fui à casa dela duas vezes na vida.

GVC: Talvez isso devesse ser não dela como professora, certo? Não a preocupação dela com o aluno ou coisa assim. Devia ser mais uma característica mesmo.

MCG: Então, era muito discreta. Eu não sou discreta. Acho que é isso. Acho que é isso. Por outro lado, ela tinha tanto que fazer que acho que ela não ficava perdendo tempo como eu perco. Eu não... não sei se não pode ser alguma coisa assim. Ela era mais correta. Uma vez eu li e me marcou muito, tanto que eu, cada vez que pego aquele livro, procuro ver se ta lá mesmo. Nesse livro sobre os 70 anos tem um moço de uma área que eu não me lembro se é Física ou Química, por alguma razão eu acho que é uma dessas áreas, que ao falar dela... você lembra que tem vários depoimentos de gente de fora da Psicologia? Um deles fala: “Ela nunca falou do que eu não fiz. Ela só falava do que eu fazia.” Essa é uma marca da Carolina que me chamou muita atenção sempre e que talvez resolva essa conversa que a gente ta tendo. Ela era discreta, mas também, ela era professora em cima do que você fazia, não do que você não fazia. Como eu nunca perguntei para ela da vida dela, ela nunca falou. Entendeu? Pode ser só isso, quer dizer, é uma correção enorme no ser professor, eu acho. E essa frase dele é muito importante para mim. Quer dizer, é com ela que eu gosto de citar Carolina. O que que ela fazia? Ela era uma programadora de ensino, ela não ensinava ao leu.

GVC: Ela trabalhava com o comportamento, era isso? Trabalhava com o comportamento?

MCG: Só. Então, o que será que eu fiz para ela me convidar para essa exposição de livro? Eu levei um susto tão grande. A gente devia ter conversado sobre a SBPC.

GVC: E você já estava, nessa época, na editora da PUC ou algo deste tipo, ou ainda nem existia?

MCG: Não, acho que não estava, acho que não estava. Uma vez descendo a rampa, Carolina e eu, aquela rampa da Monte Alegre⁸¹ para o restaurante, como sempre a gente vai encontrando pessoas conhecidas. Uma vez uma pessoa disse: “Nossa, parece pau descendo o rio, se enrosca em tudo”. E descendo a rampa, no final da rampa ela disse assim: “Que poder você tem aqui, Maria do Carmo!?” Porque eu conhecia todo mundo, então era aluno, era professor, era funcionário, era velho, era moço, era... “Que poder você tem aqui.” Eu disse: “Que poder, professora. Nenhum, nessa escola eu não tenho poder nenhum. A senhora não viu o que que o aluno me disse?” Eu perguntei para ele: “E aí, terminou?” Ele disse, “Só!” Quer dizer, eu nem sei se ele terminou ou não. Eu não tenho poder nenhum. E eu perguntei porque ele ta devendo. Mas eu acho que era essa coisa de entender muito de comportamento. Quer dizer, se você conhece todo mundo na PUC, o que que você faz com isso? Nunca parei pensar nisso. Nem na hora eu pensei, estou parando hoje para pensar nisso. Agora, eu não acho que ela era uma programadora, como direi, maquiavélica. Eu acho que ela sabia observar e sabia usar pro bem o que observava. Então, ela precisa de alguém para fazer isso, ela me observou e achou que eu podia fazer. E aí me ajudava no que eu não sabia. Por exemplo, eu não acho quer ela entrava nas reuniões com tudo na cabeça programadinho. Ela era espontânea. Ela reagia, só que reagia certo.

GVC: Ao que as pessoas faziam, certo?

MCG: Ao que as pessoas faziam. Então, ela não planejava para as pessoas fazerem, como os meus coleguinhos quando eu fui aluna na USP.

Eu trabalhei mais de perto com ela em nenhuma associação. Veja, a Carolina dirigiu muito periódico. Eu era da USP e nunca me toquei para nada de psicologia. Eu fui decidir que eu ia ficar na psicologia só em 68, 69. Não, 68. Eu ia ficar aqui na PUC e ia ficar em psicologia. E em seguida, talvez em 70 eu tenha decidido “Vou fazer...” não. Junto com isso eu já decidi “Vou fazer minha tese em Psicologia”. Eu já tinha desistido completamente de fazer a tese em filosofia, embora, se na ocasião eu tivesse encontrado alguém na filosofia USP, eu tivesse balanceado. Então, ficar em psicologia ainda não era uma certeza até que eu fiz programação de ensino com Carolina, porque isso era educação, não era psicologia. Então, tudo que eu fiz que tem a ver com educação, ou, tudo que Carolina fez que tem a ver com educação, eu acompanhei de perto, porque eu gostava do que ela fazia. Por exemplo, ela trabalhou num lugar chamado IBECC⁸² e ela me chama para indicar pessoas para trabalhar com ela num projeto muito bonito na área de educação que era atualização do professor primário e ensino médio. Principalmente do ensino médio que reagiu bem a isso. Então eles produziam um jornalzinho que mandava para os professores, rápidos resumos de descobertas recentes na sua área. Física, química, entre outros. Então ela veio pedir para mim, nome de pessoas para trabalhar com ela. Então eu acompanhava o trabalho dessas meninas porque elas também trabalhavam

⁸¹ Rua Monte Alegre é uma das ruas que dá acesso à PUC.

⁸² Instituto Brasileiro de Educação, Cultura e Ciência (IBECC)

comigo aqui. Nesse dicionário, aliás o dicionário tá aqui em cima porque eu queria mostrar para você. Nesse dicionário tem o IBECC. Deixa ver onde é que tá. Tem que procurar pela letra.

O IBECC foi um dos lugares onde ela trabalhou. Porque o CENAFOR era outro que tinha a ver com educação. O que mais ela fez que tinha a ver com educação? Prometo para você que eu vou dar uma paradinha e lembrar, mas é isso, se você achar uma coisa que ela tinha a ver com educação, talvez eu tenha me misturado lá. O Silvio, por exemplo, Silvio Botomé⁸³ foi logo trabalhar com ela quando ainda acho que era aluno aqui, porque também era interessado em educação e ensino superior.

Quando eu digo para você que reparei na Carolina porque Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro convidaram, não pensam que eles convidaram ela a toa. Ela trabalhou com eles no Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, lá no Rio de Janeiro. Que Centro era esse? O Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais fazia pesquisas na área, enquanto a gente, nos cinco centros regionais, fazia pesquisa mais junto a educação, o pessoal de lá, dirigido pelo Darcy Ribeiro, fazia pesquisas antropológicas, sociológicas e nessas pesquisas, eles buscaram gente da Psicologia e Psicologia Social. Então, a Carolina Bori foi como psicologia social para lá. Aniela Ginsberg foi como psicologia social para lá. Aniela foi aplicar Roschard em índio e Carolina foi descrever uma comunidade. Esse texto é dentro das pesquisas do CBPE. Pesquisa encomendada. Então, ela era conhecida como psicologia social. As disciplinas que eu fiz eram em psicologia social e experimental. A social da Carolina, voltada para educação. É assim que eu conheço Carolina Bori. Ela foi minha orientadora, também em experimental, porque eu fiz programação de ensino. E o que eu fiz foi análise experimental do comportamento, lá na programação de ensino. Na minha tese tem um estudo especial sobre o comportamento de estudar do aluno universitário. Com todos os gráficos e análises que eu aprendi com Jack Michael⁸⁴, que trabalhava nessa área. Agora, foi a única coisa que eu fiz em análise do comportamento. Eu não pesquiso nessa área. Eu não sei o que eu faço na vida, mas eu acho que sobrevivo porque entendo um pouco de comportamento. Porque eu leio sobre comportamento, porque eu leio os principais textos do Skinner, do Michael, do Sidman, dessas pessoas que eu conheci ao longo do tempo e que me formaram programadora de ensino. Eu acho que até hoje eu faço programação de tudo que eu dou. O meu jeito de levar um texto é lembrando que um aluno falou tal coisa na aula. Não é gratuito, não é de grande sabedoria. É porque ele falou tal coisa e eu saio procurar o que ele falou. Eu gosto de dizer: “Eu é que ganho para trabalhar. O aluno paga para trabalhar. Então eu que tenho que trabalhar antes de vir para sala. É por isso que eu dou pouca leitura obrigatória”. Agora, não sei. O resto eu precisaria folhear alguma coisa para lembrar, mas se eu estive com Carolina

⁸³ Silvio Paulo Botomé, professor da Universidade Federal de Santa Catarina e lidera o grupo de pesquisa Processos comportamentais em produção de conhecimento científico e em planejamento de ensino e de instituições.

⁸⁴ Jack Michael é professor e autor de vários artigos e livros na área de Psicologia Experimental e Análise do Comportamento. Cunhou os termos Operações Motivadoras, Operações Estabeledoras e Operações Abolidora, utilizados no estudo da motivação na Análise do Comportamento.

em alguma coisa, foi na área de educação, eu acho. A única coisa que não era bem educação, foi ANPEPP⁸⁵.

Na criação da ANPEPP eu me envolvi tanto porque eu estava representando meu programa numa reunião. E tive chance de ver Carolina atuando diretamente... eu tive outras chances, mas eu me lembro bem da ANPEPP na coordenação de uma associação. Eu me lembro, por exemplo, quando a ANPEPP fez vinte anos, eu fui convidada para uma mesa, mas eu já vinha fazendo um certo levantamento sobre sociedades científicas no país. O meu engajamento com a Filosofia da Ciência me preparou muito para política científica. Uma associação como a ANPEPP, que é uma associação da pós-graduação e pesquisa em Psicologia, me chamou muita atenção. Eu logo me dediquei um pouco a ela. Quando ANPEPP fez 20 anos eu queria levar para ANPEPP um pouco de história da ANPEPP e levamos uma pequena exposição, que não chamou muita atenção (que eu precisava muito que ela chamasse atenção, mas eu não soube fazer direito), mas a Carolina foi chamada para falar sobre a criação da ANPEPP e ela fez uma coisa muito interessante. A pergunta para ela: Os desafios para criar a ANPEPP. Ela disse “O único desafio foi o avião da Vasp, que caiu”. Ela não fala dos desafios para criar a ANPEPP. Ela fala sobre como a ANPEPP está fora do trilho. Deixou todo mundo incomodado. Ela disse: “A ANPEPP é um associação de política científica. Tudo bem, vir aqui, fazer os grupos de estudo, grupos de trabalho, que precisam avançar, mas e a política científica? O que a ANPEPP já fez nessa direção? Tanto que depois dessa reunião, o pessoal inventou os tais fóruns, que hoje acontecem com temas como política científica. Só que você vai no fórum (agora vou falar mal dos outros) e o povo só discute periódico científico. Todo mundo quer ter nota A no periódico científico, então aproveita para ver como faz para ter nota A no periódico científico. De novo, não é política científica, não é nem política de periódico, porque eles querem saber para obedecer. Agora, tinha lá um fórum, e eu participei e a Carolina foi brilhante, de novo, área de educação: a relação entre a graduação e a pós-graduação. Isso para mim é discutir ensino superior. Isso não é discutir Psicologia. É discutir política científica na Psicologia. Eu fui e, quando eu vi a plateia, eu inclusive, eu incluída nessa plateia, eu pensei: “Aqui vai sair fogo. Eu estou desesperada”, porque do lado esquerdo tinha Ana Bock⁸⁶ e mais asseclas, do lado direito, Carolina Bori e os asseclas da Carolina Bori. Então, quando um rapaz que coordenava a mesa, o Virgílio, disse: “Eu precisava de alguém que ajudasse a secretariar”, eu me ofereci. Eu disse: “Opa, vou pegar um lugar cômodo.” Ta certo? Mas foi muito interessante, acontece que eu tenho tudo registrado, aquele meu jeito para nem erguer a cabeça. Eu registrei tudo, o Virgílio levou, mas não me devolveu. Eu tenho uma raiva dele. Eu disse: “Virgílio, não é justo. Eu tenho lá um documento precioso sobre um tema, um momento precioso das brigas em Psicologia, por causa das diretrizes curriculares. E houve uma cena que eu descrevo como sendo o nocaute da Ana Bock. Então, Ana Bock reclamando as coisas dela e a Carolina meio calada, caladona. Ana Bock fala que o que

⁸⁵ Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP), criada em 1983.

⁸⁶ Ana Mercedes Bahia Bock, psicóloga, professora da PUC-SP, foi presidente do Conselho Federal de Psicologia por três gestões e preside o Instituto Sílvia Lane -Psicologia e Compromisso Social.

precisava mesmo, na relação graduação-pós graduação era que todas as associações de Psicologia frequentasse o fórum que ela tinha inventado lá no CFP e estava em briga também isso. Porque o fórum queria que todo mundo marcasse a sua reunião anual ou bianual no mesmo mês em que o fórum aconteceria. Porque assim as grandes personalidades da pesquisa estariam presentes já em São Paulo, naquela hora. E Então, a SBP brigou. Não topo. E a SBP era identificada com Carolina, ABRAPSO, com Ana Bock, essas coisas que acontecem vida dos psicólogos, não na minha, na deles. E então a Carolina teria dito “Não, a ANPEPP não pode ir” e a Ana Bock disse com todas as letras “A ANPEPP é sócia da fórum”. Carolina disse “Não pode, o estatuto não permite”. Ela que fez o estatuto, ela foi a primeira presidente da ANPEPP. Caiu a cara da Ana Bock. Mas foi um nocaute, deu um silencio na sala por algum tempo... foi horrível, foi horrível. Quer dizer, foi horrível nada, foi uma delícia ver, desculpa a franqueza, mas foi assim um nocaute mesmo.

Ela tinha uma confiança no que ela sabia. e só falava o que sabia. Entendeu? Era assim, muito claro, e se não sabia ela avisava e vinha, isso eu aprendi com ela, vinha no outro dia dizer o que não sabia. Ela, 20 anos antes, tinha feito o estatuto, agora, pergunta o que fez o presidente, na primeira chance que teve de virar presidente? Mudou o estatuto para incluir o direito da ANPEPP de fazer parte de grupos que fosse de outra coisa, entendeu? Essa precisão com que Carolina sabia fazer coisas, ela usava. E as pessoas, tontas, em volta, sem meio saber o que estava acontecendo.

Então, se você achar alguma coisa em educação, da Carolina, pode me chamar. Naquele livro você vai encontrar, ela deu aula de programação de ensino para tudo quanto é curso de mestrado da USP. Ela indicou Silvia Lane para dar Psicologia Social e a mim para dar Metodologia do Ensino Superior, na enfermagem da USP. Ela me conhecia, ela sabia o que eu queria fazer da vida, entendeu? O que eu estudava, o que eu lia, o que eu... eu só lamento nunca ter conversado com ela sobre Anísio Teixeira, sobre Darcy Ribeiro. Para mim ela era imortal, entendeu? Não parei pensar nisso, mas o trabalho dela com o Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro era um trabalho de ciência política, entendeu?

Ela que era coordenadora do premio Jovem Cientista. Ela me contou uma vez que na comemoração de não sei quantos anos do premio Jovem Cientista da SBPC, era junto com o IBECC. Ela, de repente se deu conta de que os presentes ali, que eram os premiados, eram todos pesquisadores de ponta das principais áreas do desenvolvimento no país. Essa coisa da cultura científica me chama muita atenção. Ela é produto dessa época.

SBPC foi criado em 48. Antes de 50. Em 55 ainda estavam discutindo a importância de um espírito científico porque aqui nesse país ainda não existia. O nosso atraso em relação a isso, fez com que, por exemplo, Silvia Lane, na Psicologia Social, desse um salto muito grande. Ela conseguiu isso a custa da ditadura. Porque você não podia falar, você tinha que fazer as coisas escondido. Então, em vez de trabalhar numa instituição, você vai trabalhar numa comunidade.

Carolina, mulher elegante que ela era. Ela deve ter tido uns fãs interessantes. No enterro dela, um professor falou no velório dela: “Eu acho que sou a pessoa que conheceu a Carolina antes de todo mundo”. E ele se refere a ela como uma linda moça que fazia pedagogia e falou outras coisas onde ele

encontrou com ela. Foi uma fala comovente. Ele, já bastante idoso, e na verdade, eu acho que doente. Eu tenho uma suspeita, mas agora desliga isso!

APÊNDICE C – Deisy das Graças de Souza

Transcrição da entrevista cedida por Deisy das Graças de Souza, psicóloga, professora da Universidade Federal de São Carlos, no dia 18/10. O entrevistador foi Gabriel Vieira Candido. O local da entrevista foi transferido para a residência da entrevistada, em São Carlos, SP, porque motivo de saúde.

“Eu acho que ela tinha clareza disso, que ela podia ser mais eficaz ajudando a criar condições do que sentando em um laboratório e ela fazendo a pesquisa”.

Deisy das Graças de Souza: Eu conheci a Carolina já quando eu fui fazer o mestrado, Gabriel. Eu fiz graduação em Ribeirão, certo?

Gabriel Vieira Cândido: Na USP de Ribeirão?

DGS: Ainda era Instituto Isolado, não era USP. Era Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, era um Instituto Isolado em São Paulo. Era já onde é, ali no Campus, mas era um Instituto Isolado. Só depois disso que virou parte da USP, depois que já tinha saído de lá, alguns anos depois. Eu tinha feito graduação ali.

GVC: Então você tinha sido aluna do Isaias e do Marcelino?

DGS: Eu fui. Eu fiquei na Psicologia porque fui aluna do Marcelino porque quando eu entrei na universidade, eu queria ser professora e eu tinha dúvidas sobre qual área. Então, eu prestei dois vestibulares: um para fazer Letras em Franca e um para fazer Psicologia em Ribeirão. Eu tinha muita dúvida, então eu comecei meu primeiro mês, eu viajava para Franca para fazer aulas de literatura e línguas e voltava para Ribeirão para fazer aulas de Psicologia. O Luis deu a primeira aula de análise do comportamento, era uma disciplina individualizada e já tinha laboratório com ratos. Poder ver o organismo aprendendo ali que me pegou de um jeito. Então, eu resolvi ficar na Psicologia e deixei para lá o curso de Letras. Primeiro, aluna do Luis e ao longo do curso eu fui aluna do Isaias, aluna do Todorov⁸⁷ e, aluna da Tereza Mettel, desse povo todo e eu fui caminhando mais para análise do comportamento por conta dessas experiências. Eu tive uma bolsa de iniciação científica com Todorov, para fazer pesquisa com ele e eu ouvia falar sobre a Carolina e Maria Amélia via Todorov. Eu fui aluna da Elenice Ferrari⁸⁸, que na época estava fazendo pós-graduação em São Paulo e eu era de turmas um pouco anteriores a do Ricardo Gorayeb⁸⁹, que na época começou a fazer mestrado em São

⁸⁷ Ver entrevista cedida por ele na página 286.

⁸⁸ Elenice Aparecida de Moraes Ferrari é professora do Instituto de Biologia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Atua nas linhas de pesquisa a) das bases neurais do comportamento, aprendizagem, memória e plasticidade neural e (b) da organização temporal circadiana desses processos.

⁸⁹ Ricardo Gorayeb, psicólogo, é professor Associado da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo, atuando no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina – FMRPUSP.

Paulo. Então meu conhecimento da pós-graduação da USP era via Elenice, Ricardo, os dois eram orientandos, e João. Era conversa de laboratório, era assim que eu sabia quem era Carolina, nunca tinha visto ela antes. Nem a Carolina, nem Maria Amélia. Quando eu fiz a seleção para mestrado, em 74, eu conversei um pouco com João Cláudio, ele já tinha se mudado para Brasília, mas a dúvida era: Com quem que eu vou fazer essa pós-graduação? Com Carolina ou Maria Amélia? Então eu fui decidida a pedir para Carolina me orientar, mas fui com a cara e a coragem porque ela não me conhecia e eu não a conhecia. Na primeira conversa, ela não quis saber muito de me aceitar. Ela me mandou falar com a Maria Amélia, mas eu tinha medo terrível da Maria Amélia, por conta de histórias que corriam. Maria Amélia tinha voltado recentemente do exterior, era uma pessoa muito brava. Depois eu mudei toda essa ideia, ficamos grandes amigas, gosto muito dela. Mas naquela época eu tinha pavor de chegar perto da Maria Amélia e a Carolina insistiu. Mas para mim era tão difícil que eu disse para ela: “não, se a senhora não quiser me orientar eu não vou fazer o mestrado”. Mais tarde, pensando no que eu fiz, se eu conhecesse a Carolina, jamais faria isso, certo? Mas eu fiz assim, entre um medo e outro medo. A coisa era: “Não, se eu tiver que falar com a Maria Amélia eu estou desistindo”. Ela disse: “não, então a gente vai conversando”. Então, eu comecei o mestrado com ela, já com orientação e nessa época ela devia ter uns 30 orientandos. A gente brinca que a sala dela era o confessionário e ficava aquela fila, marcava com vários no mesmo dia, ficava aquela fila e cada um entrava para falar com ela. Foi essa a experiência de orientação. Eu fui aluna dela no curso de PSI e fui aluna de várias outras pessoas, fui aluna da Maria Amélia e eu aprendi a gostar muito da Maria Amélia, adorei o curso dela, fui muito bem. Eu fiz o mestrado e o doutorado com a Carolina. Agora, tanto o mestrado quanto o doutorado eram sobre temática que eu já tinha começado a estudar lá em Ribeirão, com o João Cláudio e, tanto que as publicações tem a co-autoria dele porque era continuidade daquele trabalho.

GVC: Tem um artigo no JEAB⁹⁰ seu, do Todorov e da Carolina Bori.

DGS: Minha tese de doutorado. Porque tem o Todorov? Exatamente, porque foi uma pesquisa que eu comecei com ele. A pós-graduação da USP tinha os laboratórios. No ano em que eu fui fazer pós-graduação, eu fui contratada aqui em São Carlos. Naquela época era difícil conseguir um afastamento integral para fazer pós-graduação. O que eu tinha era dois dias por semana para ir fazer as disciplinas. Então ficava complicado demais fazer a pesquisa em São Paulo. Como a gente tinha um laboratório aqui, era novo, estava começando, eu tive a autorização da Carolina para fazer a pesquisa aqui. O laboratório estava começando e eu trouxe o João Cláudio para ajudar a montar, porque tinha que montar uma série daqueles equipamentos eletromecânicos e eu tinha um pouco de dificuldade com aquilo. Então o João veio, passou uma semana aqui e ajudou a instalar os instrumentos que a gente tinha comparado. Trabalhamos juntas na pós-graduação, mas antes mesmo de eu terminar meu

⁹⁰ *Journal of Experimental Behavior Analysis* (JEAB), criada em 1958 e ainda em atividade é a principal revista científica que publica artigos em Análise Experimental do Comportamento.

mestrado, entrou esse reitor novo na UFSCar, o professor Edmundo Magalhães⁹¹, que tinha trabalhado com ela na SBPC (ele era secretário geral, eu acho, e ela era secretária) e eles tinham acabado de organizar uma reunião da SBPC juntos.

Ele veio para cá como reitor em 75, eu acho. Se foi 74, foi bem no fim, mas eu acho que foi em 75. Em 76 ele convidou a Carolina para ser diretora do Centro de Educação e Ciências Humanas. Então, eu trabalhei muito de perto dela, sem ser na condição de aluna. O professor Edmundo trouxe a Carolina para ser diretora e ela fez uma revolução nesse Centro de Educação e Ciências Humanas da UFSCar.

GVC: E o que que ela fez?

DGS: Ela fez várias coisas. O Centro tinha curso de graduação em Pedagogia, estava começando um mestrado em Educação, tinha dois departamentos relativamente grandes mais um Departamento de Tecnologia Educacional e um Departamento de Fundamentos Científicos e Filosóficos da Educação. Como os cursos eram de educação, esse Departamento de Fundamentos reunia sociólogos, historiadores, filósofos da educação, psicólogos. Os psicólogos tinham mais essa função no curso de pedagogia, de psicologia da educação e davam aula nas licenciaturas, nas disciplinas de aprendizagem e desenvolvimento. E o outro Departamento estavam aquelas disciplinas de didática, estrutura e funcionamento. Era essa a atividade do Centro.

Então, a universidade estava crescendo bastante nas engenharias, já tinha cursos clássicos aí: engenharia de produção, que já era bem atuante, o programa de ecologia que era super famoso, mas o Centro de Educação era muito pequeno perto da universidade e do desenvolvimento que era pretendido. Então a Carolina reunia o corpo docente todo e colocou a gente para discutir o que esse centro poderia fazer para ser de fato um Centro de Educação em Ciências Humanas que desse uma contribuição para área, uma contribuição para região, etc. Então, ela animava essa universidade. Ela vinha dois dias por semana. Quando a Carolina chegava, ficava todo mundo em volta. Todo mundo queria falar com ela, todo aquele edifício do Departamento, dos dois Departamentos, ficava cheio de gente, todo mundo esperando para falar com a Carolina, porque todo mundo tinha um assunto para falar com ela.

Ela reuniu os professores e disse que o centro precisava expandir, mas quem ia decidir o que fazer eram os professores. Muitos levantamentos foram feitos, muitas ideias surgiram, mas uma que ficou muito clara era que precisava de professores de educação especial. Foi pensado educação infantil, né, preparar gente para trabalhar em creche, uma porção de coisas na área de educação, mas o de educação especial foi o que deslanchou. Por quê? Porque naquela época, o governo de São Paulo tinha decidido que as escolas de educação especial tinham que ter um professor especializado, que devia ser formado num curso de pós-graduação. o estado todo, naquela época, só tinha 15 cursos de

⁹¹ Luiz Edmundo de Magalhães (1927 – 2012), pesquisador da área da Genética e membro de várias diretorias da SBPC. Alguns meses antes de seu falecimento, Luiz Edmundo concedeu uma entrevista para esta pesquisa. Ver página 211.

graduação no estado com áreas específicas de educação especial. Estavam cheios de educação para cegos, de doente mental, só que esses cursos não tinham professores preparados. Era tudo improvisado. O governo criou, tinha que ter um curso, tinha que ter um professor especializado, mas isso não era uma área no país e não tinha quem fizesse. Nós começamos a discutir nessa direção: faltam professores de educação especial. A primeira ideia? “Vamos fazer uma boa graduação em educação especial”. E aí a gente ficou com o mesmo problema dos outros. “Mas quem faz educação especial? Ninguém faz.” E ela convidou o Isaias para ajudar a discutir isso e nós começamos a discutir e resolvemos dar um curso de especialização: o Isaias, eu e a professora Darcy, que hoje é professora... ela é aposentada daqui. Nós demos um curso para professores da APAE, acabaram vindo professores outros da região (Itapetininga, Bauru...), e a gente deu esse curso de especialização. E ao longo e ao final do curso, a gente foi ficando com essa ideia de que nós íamos ter problemas com o curso de especialização porque não tínhamos os professores que soubesse fazer isso. Quer dizer, o Isaias e eu demos o curso porque a gente sabia sobre aprendizagem, então nós íamos discutir com os professores sobre princípios de aprendizagem, sobre programação de ensino, sobre formas de ensinar, mas paraticamente a gente não conhecia. O Isaias tinha tido uma experiência na Itália. Ele tinha trabalhado com pessoas com retardo e ele já era experiente, naquela época chamada Modificação de Comportamento, depois mudou de nome, mas ele era uma pessoa muito criativa. A gente não sabia a etiologia da deficiência mental, etiologia de estilos disso e aquilo e seus quadros, não era nossa especialidade. A gente começou a achar que precisava ter professores para a graduação, mas a gente ia ter um problema: a gente ia reproduzir o problema. Eu não vou ser capaz de lembrar, acho que a ideia foi do Isaias ou da Carolina, mas surgiu de uma conversa dessas, que foi uma virada de raciocínio, que a ideia era: “se não tem professor, então não vamos abrir mais um curso de graduação, vamos abrir uma pós-graduação. A gente inicia uma área de pesquisa, vai formar as pessoas, os próprios professores vão redirecionar um pouco suas pesquisas, seus estudos, vamos construir juntos com pós-graduandos, porque a gente vai formar professores para os cursos de graduação. Gente com mestrado e doutorado na área e também vamos fazer pesquisa”. Aqui tinha uma ou outra pesquisa esporádica, mas não tinha uma linha de pesquisa.

GVC: A graduação surgiu agora há pouco, não foi?

DGS: A graduação está no terceiro ano agora, porque primeiro nós começamos com a pós-graduação. Isso foi uma coisa muito inovadora. Antes era: primeiro você tem a graduação. Aqui foi o inverso. Vamos abrir uma área, vamos desbravar. Foi uma coisa muito pioneira e muito corajosa, numa situação em que a universidade tinha um curso de educação, mas o pessoal de educação não topou muito essa coisa de educação especial, porque eles eram contra. Por razões políticas, ideológicas, etc., eles achavam que não tinha que ter esse negócio de educação especial. Mas por outro lado, tinham os cursos, o governo de estado querendo professores e tem a população que precisa do atendimento. Era uma coisa que precisava ser feito, certo? Então, desse ponto de vista foi uma coisa muito corajosa.

GVC: E essa ideia me lembra algumas coisas que eu já vi dela dizendo. Essa coisa de formar pessoas para formarem os profissionais.

DGS: Isso! Essa ideia foi muito forte. E aqui, uma possibilidade. Eu me lembro da Carolina fazendo a proposta para CAPES. Hoje, fazer um projeto para CAPES você tem que escrever um projeto enorme. Naquela época era uma folhinha, era um formulariozinho, não tinha computador, o máximo que tinha era uma máquina IBM. Eu tenho na minha cabeça o formulário que a Carolina preencheu à mão, com aquela letrinha dela, a folhinha que foi para CAPES para abrir esse mestrado em Educação Especial. E foi uma coisa assim muito acertada porque formou muita gente e instaurou uma área de pesquisa no país, ne, que, depois disso, outros programas abriram linhas de pesquisa! Esse aqui continua sendo até hoje o único que é uma pós-graduação em Educação Especial. Os outros tem linhas de pesquisa: UERJ tem, Marília tem, etc, certo? Mas esse aqui inaugurou, sim, uma área de pesquisa, fez uma revolução porque vários de nós foi fazer pós-doutorado fora, já para trabalhar. Não só os professores de aprendizagem, mas o pessoal de filosofia, o pessoal de sociologia, o professor Bento Parado⁹² entrou nisso, Lucia Parado, Albertino Rodrigues⁹³, varias dessas pessoas. Era um programa, de fato, multi-disciplinar, mas ninguém que tivesse trabalhado com essa problemática antes. Todo mundo teve que começar a brincar.

Mas isso porque criou um pensamento. Essa foi uma coisa importante: ter aberto uma pós-graduação, pioneira, que teve esse efeito. Mas não foi só isso. Junto com Luis Edmundo, a Carolina fez uma coisa que também foi muito importante para a universidade. Eles conseguiram trazer para São Carlos algumas pessoas importantes que tinham tido problemas durante a ditadura militar. Eles enfrentaram essa situação em uma época bem negra da ditadura, 76, 77. Eles conseguiram trazer, por exemplo, o Bento Parado, Albertino Rodrigues, que eram contratações politicamente muito complicadas de fazer e eles foram corajosos. Juntos, ela e o reitor, fizeram isso. Eu digo ela e o reitor porque essa era uma época em que a universidade ainda não tinha os colegiados instalados. Também foi mérito dessa gestão, deles terem começado a instalar os colegiados na universidade, porque antes disso era o reitor, era pró-tempora. O diretor era convidado pelo reitor. Hoje é bem diferente, tem eleição, mudou muito. Mas naquela época, a universidade tinha começado em 70. Quando a gente pensa em perspectiva, a universidade era novíssima e estava ainda se estruturando. Não tinha colegiado, não tinha nada, mas ela teve esse papel muito grande nesse Centro de Educação e Ciências Humanas. Ela continuava na USP. Ela foi convidada aqui, por isso ela vinha dois dias por semana. Às vezes, quando as coisas ficavam complicadas, ela ficava três, mas em geral, ela vinha dois dias por semana. Eu não sei se foi naquele vídeo mesmo que ela fala que essas coisas que ela fazia assim ela fez aqui, ela fez na Bahia, ela fez no Rio Grande do Sul, ela fez no nordeste, fez em Minas, fez na

⁹² Bento Parado de Almeida Ferraz Júnior (1937 – 2007), filósofo, foi professor titular da Universidade Federal de São Carlos e escreveu sobre história da filosofia, filosofia da psicanálise, filosofia da linguagem, crítica literária e poesia. É considerado por muitos como um dos maiores filósofos brasileiros.

⁹³ José Albertino Rodrigues, cientista social, trabalhava com os temas Movimento Sindical e Condições de vida da massa trabalhadora, faleceu em 1992.

Venezuela. O Silvio pode contar bem sobre as coisas da Venezuela. Para ela eram tarefas. Tarefas que ela assumia para poder ajudar, mas a base dela era a USP. Então ela teve esse papel assim, muito importante aqui na UFSCar. Então, depois, foi ainda na gestão dela, então, tendo vindo o professor Albertino, tendo vindo o professor Bento Parado, etc, eles abriram um curso de Ciências Sociais, uma graduação de Ciências Sociais que é esse que depois mais tarde evoluiu para Pós-Graduação. Começou a ampliar a graduação na UFSCar mas uma coisa importante foi esse mestrado em Educação Especial. Nessa época eu trabalhei muito de perto com a Carolina.

GVC: Você era orientanda e ao mesmo tempo trabalhava com ela?

DGS: Era ao mesmo tempo orientanda e era uma professora sob comando dela no comecinho do centro, certo? E abrimos a Pós-Graduação juntos.

GVC: E como era? Bom, eu sei que o Isaias trabalhou com pesquisa experimental sob orientação dela, mas hoje quando se fala em Carolina Bori eu sempre penso em PSI, penso muito em Brasília, USP, Educação, mas eu ouço falar pouco dela como pesquisadora básica, de laboratório, com rato, com pombo, com outras coisas.

DGS: Ela fez. Na verdade a Carolina começou trabalho com Psicologia Social. Era mais Social, certo? Tem um trabalho publicado naquela revista Anhembi sobre um episódio que tinha uma crença religiosa, uma coisa assim, e eles acabaram matando pessoas. Ela foi fazer esse estudo com uma equipe grande coordenada por alguém, mas não vou lembrar. É um artigo. Ela teve esse trabalho e ela trabalhava com Lewin⁹⁴. Agora, o que eu mais sei é a história depois disso. E eu tenho uma cópia, uma cópia de uma tese dela, que ela fez e que nunca defendeu. Era para ser uma Tese de Livre docência, mas essas coisas políticas da USP, eu sei que ela retirou a tese e nunca defendeu. Eu tenho a tese.

Como que esse material veio parar na minha mão? Quando ela faleceu, um tempo depois essa secretária que eu falei para você me ligou dizendo que tinha algumas coisas da Carolina que iam pro lixo em um certo setor lá que eu não sei o que iam fazer. E que ela tinha conseguido ir lá com o carro dela e recuperar partes das coisas e que se eu não queria ir lá ver se tinha alguma coisa que me interessava. Então eu fui no NUPES⁹⁵, eu e por acaso estava lá o professor Olavo Galvão⁹⁶, que também tinha sido aluno da Carolina, que é professor da Federal do Pará, nós fomos lá e então tentamos recuperar uma parte desse material. Eu pensei “Vou pegar isso para não ir pro lixo, depois eu vejo o que faço”. Eu tenho essa tese dela que é um estudo sobre situação educacional de alunos, uma coisa assim. Com a vinda do professor Keller, em 61, que esse ano ta fazendo 50 anos exatamente, eu

⁹⁴ Kurt Lewin (1892 – 1947), psicólogo alemão, mudou-se para os Estados Unidos em 1933 por defender uma teoria incompatível com o nazismo. Sua Teoria do Campo Psicológico defende que todo comportamento depende de característica pessoais e à situação social (tensão) na qual ela se encontra.

⁹⁵ Núcleo de Pesquisas sobre o Ensino Superior (NUPES), criado em 1988, vinculado à USP.

⁹⁶ Olavo de Faria Galvão, professora de Psicologia na Universidade Federal do Pará, vinculado ao Programa de mestrado e doutorado em Teoria do Comportamento e estuda comportamento simbólico em primatas.

não sei porque razão a Carolina estava lá na USP, mas ela também tinha alguma coisa em Rio Claro. Essa parte de Rio Claro o Isaias sabe melhor.

Eu não sei direito essa parte. Mas eu sei que por alguma razão a Carolina foi assistente do Keller. Então, todas aquelas coisas que o Keller fez lá na USP, ele deu duas disciplinas na USP naquele ano de 61 e ele resolveu tentar colocar as pessoas para reproduzir em laboratório o que ele tinha na Colúmbia. Quer dizer, o jeito que ele tinha achado para ensinar Análise do Comportamento era ensinar o indivíduo a aplicar os procedimentos e a aprender observando o comportamento do organismo enquanto ele aprende. Foi uma aventura enorme porque, como não tinha equipamentos, ele não tinha tempo de importar, ele resolveu criar uma versão tupiniquim do laboratório, da caixa de Skinner, certo? E na versão tupiniquim, a caixa era uma gaiola de passarinho, que parece que o Mario Guidi comprou não sei onde. Então, em São Paulo, o bebedouro era uma pipeta que eles punham água, seguravam e quando soltava caía uma gota de água que o rato bebia, a barra era alguma coisa de arame presa na porta da gaiola, enfim, mas eles começaram a fazer experimentos com ratos. Então, tem uma pesquisa sobre espaçamento de respostas, tecnicamente era um esquema de reforçamento diferencial de baixas taxas, eles fizeram essa pesquisa, nessa época, está publicada no JEAB.

Nesse período tem uma publicação que era uma tradução. Tem uma publicação que era uma pesquisa experimental que foi esse trabalho que fizeram. É uma pesquisa, então, com esquemas de reforço.

GVC: E é interessante. Nesse artigo, o primeiro parágrafo é: “O objetivo deste trabalho é testar o laboratório”.

DGS: É testar o laboratório!

GVC: Testar o laboratório. Interessante isso, ne?

DGS: Isso, porque eles estavam começando, não tinha equipamento, não tinha nada. O experimento era um pretexto para testar o laboratório e para instalar o repertório de pesquisador nas pessoas que estavam fazendo. Era exatamente isso. Bom, mas nessa época, tudo começou muito depressa, ne, Gabriel. Porque em 60 foi inaugurada Brasília, e estava gestada a Universidade de Brasília, que segundo a Carolina, a ideia, a grande ideia da Universidade, o que ela deveria ser, de como ela deveria ser, era do Anísio Teixeira. E depois veio o Darcy Ribeiro com a tarefa de implementar essa Universidade. A ideia da universidade era que ela fosse, que ela tivesse um papel central no país. Era a capital, no centro do país. Então, fazia parte dessa ideia de o que que uma capital no centro do país deveria resultar no desenvolvimento do próprio país. Mas a universidade era vista como uma coisa crítica. A ideia era recrutar alunos do país inteiro, ne, e que a universidade formar essas pessoas para voltar para os seus lugares de origem, então ela seria um centro irradiador de conhecimento e de transformação social. Então era uma ideia muito grandiosa e parece que tinha muito dinheiro e tinha muita liberdade para fazer. Então foi nessa época que Darcy Ribeiro convida Carolina para ir fazer, para então ser responsável pelo departamento de Psicologia, o curso de psicologia. Ela foi e convidou várias pessoas. Foi aí que ela convidou o Isaias, o Todorov, Rachel

Kerbaudy⁹⁷, Rodolfo Azzi, esse povo todo. Rodolfo Azzi tinha trabalhado com ela no curso. João Claudio e Isaias, acho que tinham sido alunos nessa época. Então ela leva essa equipe toda para Brasília e que que eles tem lá? Antes da pesquisa eles tem uma tarefa de monta um curso de psicologia e mais que isso, montar cursos para ensinar a psicologia para todos os cursos da universidade. A universidade começou com uma ideia inovadora lá, que era o curso propedêutico, que era o que? No primeiro ano, todos os alunos faziam as mesmas disciplinas que eram coisas gerais: Psicologia, Biologia, Física, Química e depois eles escolhiam a carreira. Era uma coisa assim, bastante inovadora para época. Então eles tinham que pensar o ensino para grandes contingentes e tinha o Keller com a experiência da Colúmbia, com o curso de introdução à análise do comportamento. Foi nessas conversas, nessas discussões entre eles então que eles resolveram implementar na Universidade de Brasília, o PSI. Segundo o Isaias, a primeira experiência com o PSI, na verdade, a Carolina tinha tentado em Rio Claro com ele e a Herma Bauermeister. Então, ela tinha já tido certa experiência em fazer isso. Então, em Brasília era a chance de experimentar. E foi tudo muito perto: 61, 62 Rio Claro, 63 já estava em Brasília, 64 estava começando.

GVC: E em 65 acaba.

DGS: Mas lamentavelmente, em 64 o golpe militar, a universidade sofreu drasticamente e eles tiveram que ir embora em 65 quando eles pediram demissão em massa. Então, foi uma história muito curta mas muito densa.

GVC: Além de formar muita gente, publicou muita coisa, traduziu muita coisa.

DGS: Publicou, traduziu muita coisa. Era aquele movimento intenso e entusiasmado. Tinha aquele entusiasmo de que ia ser possível fazer uma coisa nova no país. Então muita gente se envolveu. Então eles traduziram muitos livros e eles programaram curso individualizado, eles contrataram muitos instrutores porque para dar o curso individualizado eles precisavam dos instrutores. Não tinha os monitores ainda porque era a primeira turma da universidade, então eles contratavam instrutores, depois ia passar para monitores. A ideia era essa. Então, tem uma coisa bem interessante. Eu acho que quem pode falar bem para você a diferença entre o PSI inicial e a programação de ensino, proposta pela Carolina. Tem umas pessoas que tem uma visão muito clara disso. Adélia Cristina⁹⁸, da UFMG⁹⁹. Adélia é uma pessoa interessante para conversar. Ela foi aluna da Carolina e discutiu muito com Carolina. Adélia tinha uma escola em Belo Horizonte, uma escola privada e o que ela e sua equipe fizeram foi a programação de ensino para crianças da escola ao ensino fundamental, tudo conversando muito de perto com Carolina. Então, tem um livro recente da Adélia em que ela discute bastante qual é a contribuição genuína da Carolina para a programação, que é diferente do PSI. Qual é a ideia principal do PSI? É a ideia de que o ensino devia ser individualizado, guiado por objetivos, mas

⁹⁷ Rachel Kerbaudy cedeu uma entrevista para esta pesquisa. Ver página 254.

⁹⁸ Adélia Maria Santos Teixeira, psicóloga formada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), doutora em Psicologia Experimental da USP. Foi professora da UFMG, atuando nas áreas de ensino, ensino programado, tecnologia de ensino, individualizado e PSI.

⁹⁹ Universidade Federal de Minas Gerais

individualizado, pequenos passos, respeitando o ritmo do aluno, todos aqueles princípios do PSI. Mas a ênfase era na individualização como solução para as dificuldades para a aprendizagem do aluno quando eles estão em grandes classes. Essas eram a ênfase do PSI, a individualização, o respeito ao ritmo próprio, a criação de condições para o aluno. A programação de ensino da Carolina ela se volta, agora, para o que e como ensinar. Uma coisa é: eu posso ensinar de maneira individualizada ou eu posso ensinar de outras maneiras – em grupos – mas o importante é que a programação de ensino seja guiada por objetivos, mas ela não se satisfazia com a noção de objetivos que estava na literatura. Porque a noção era uma noção pobre. Vinha da análise do comportamento, então tinha a ideia de que você precisa especificar operacionalmente o que você queria ensinar. Mas os livros que ensinavam a formular objetivos, eles se referiam a comportamentos, mas em geral eram comportamentos muito pobres. Quer dizer, era como se a pessoas traduzissem os comportamentos ensinados na tarefa que ele queria dar para os alunos ele transformava aquilo no comportamento. Então, por exemplo, ele queria ensinar adição. O objetivo comportamental era: Realizar, com precisão de 100%, três adições com três dígitos. Era bem especificadinho, mas era o quê? Era uma tradução da tarefa. Quer dizer, o que que se quer quando você quer um indivíduo faça uma adição? Na verdade, o que você ta querendo faz parte de uma coisa muito mais ampla que é: devia operar com o raciocínio matemático, dominar as operações, fazer uso disso na vida. Então, Carolina não se conformava muito, não aceitava essa coisa de objetivos meio no estilo da Julie Vargas¹⁰⁰

A Carolina não gostava de nada daquilo. Ela achava que a gente tinha que pensar no seguinte: o que que o indivíduo vai fazer, passando pela condição de ensino, como é que ele deve sair disso, que repertório ele deve ter? E que o repertório ele devia ter não devia ser definido por topografia de resposta, mas como uma função: como é que ele deve funcionar no seu ambiente. Quer dizer, se a criança é um nadador, como é que ele deve se comportar no ambiente dele; mas se é um professor, como é que ele deve funcionar como professor; se ele vai ser um químico, trabalhando em uma bancada, como é que ele deve operar como um químico, como um físico. É por isso que esse pessoal todo veio muito atrás dela porque tinha essa coisa interessante, de pensar no caso dos profissionais, de pensar o profissional. Então você pensava qual era o repertório, como é que essas pessoas deviam funcionar no ambiente. A partir disso então que se propunha objetivos e Então, uma outra coisa importante. O PSI, inicialmente, ele tinha o princípio dos primeiros passos mas ele se contentavam um pouco em dividir materiais que já estavam prontos em unidades menores: “Agora, em vez de mandar o aluno ler um livro inteiro, nós vamos trabalhar por capítulos do livro, mas se o capítulo for muito grande, a gente vai dividir o capítulo em duas partes”. Mas ainda era muito livresco, era muito material escrito. Na questão da escrita, tinha uma concepção muito clara de que as instruções para os alunos tinham de ser claras e tudo isso era produzido pelos professores. Mas o material mesmo, o conteúdo em geral era tirado dos livros. A Carolina, com essa inversão de como é que eu penso para

¹⁰⁰ Vargas, J. S. (1976). Formular Objetivos Comportamentais Úteis. São Paulo: E.P.U.

que que o indivíduo deve ser formado, isso leva a pensar também, em que condições eu preciso para instalar esses repertórios. Então, primeiro que material didático nunca tá pronto paraquilo que você quer, material didático, texto, etc, pode ser importante para instalar repertório conceitual (isso é importante também), mas quando se tratar de instalar habilidades, nesse caso não basta o livro. Nesse caso o aluno deveria ser exposto às situações o mais similares possíveis àquelas onde ele vai atuar depois.

GVC: Que era o papel do monitor ou não?

DGS: Não, o papel do monitor é crítico na hora de implementar, mas eu estou falando ainda da análise da programação, que, para ela, tudo isso precedia. Quer dizer, antes de você dar um curso, primeiro você tem que pensar: Você tá formando quem para fazer o que? Ai quando você pensar quais são os objetivos, pensados como horizontes, Então, você tinha que pensar o seguinte: Bom, que condições permitem isto? Que condições além de texto. Então, às vezes era preciso preparar texto porque o texto, os textos que tinham não eram suficientes. Mas às vezes era preciso preparar outras condições a que o indivíduo fosse exposto. Por exemplo, se você vai ensinar a fazer pão, não adianta eu dar uma receita de pão pro indivíduo. Eu devia preparar uma bancada com farinha, ovo e fermento e o indivíduo devia ter suas habilidades.

GVC: Você precisa ensinar a amassar?

DGS: Isso, exato. Mesmo se fosse em situações simuladas, mas o quanto possível mais próximas. Se você vai ensinar um enfermeiro a dar injeção, você não pode falar para ele como é que dá injeção. Você tem que pegar. Você pode começar aplicando em laranja, por exemplo. Até hoje a enfermagem faz isso. Você ensina aplicando em outras coisas, depois você vai pro braço, mas tem chegar lá, senão o enfermeiro, quando ele enfrentar o paciente de fato, o que que ele vai fazer? Então, era um pouco esse o raciocínio que ela trazia: dos objetivos para as condições de ensino. Bom, pensando nas condições, eu tinha que pensar em como é que eu vou falar isso, em que sequência, etc. Então, a tese do Silvio Botomé, por exemplo, é um texto que tenta, de certa maneira, registrar as ideias da Carolina, desde a proposição de objetivos até você pensar em sequenciar. Por mais que os objetivos amplos, transformar em objetivos intermediários, nos objetivos menores, pensar nas condições e sequenciar essas condições para ir gerando os intermediários até que chegasse nos objetivos terminais. Ela tem uma contribuição genuína. O trabalho dela gera uma maneira de trabalhar o ensino que vai muito além do PSI, muito mais rica. E quando você pensa assim, tendo preparado materiais e condições, etc, a forma de fazer, se você vai fazer individualizado, se você vai fazer pequenos grupos, você vai fazer para grandes grupos, é uma questão de como você organiza o ambiente para ensinar. Claro que se você vai fazer individualizado, você precisa de monitores mesmo porque a ideia é que o aluno tenha oportunidade. Primeiro, a resposta ativa (primeiro princípio), o aluno tinha a oportunidade de fazer alguma coisa. Mas, segundo, que ele tenha *feedback* imediato (se está correto, se não está correto). A Carolina enriqueceu demais, ela refletiu lá, pensando com o Keller, mas ela enriqueceu muito a proposta.

GVC: Como que a senhora via essas coisas nas orientações que ela dava? Dava para perceber todas essas questões que ela discutia sobre ensino programado? Como a senhora vê isso na prática dela?

DGS: Na prática dela de orientação? Essa é uma pergunta muito interessante, Gabriel. A Carolina, ela tinha clareza disso. Se você era um pesquisador, você deve ser um pensador, você deve tomar decisões, ter independência, etc. então, ela nunca foi aquela orientadora que diz: Você deve fazer isso, você deve fazer aquilo, eu estava começando o mestrado, eu tinha orientações. Eu achava que tinha que ir lá dar satisfação para ela com muita frequência, mas ela me deixava assim, livre. Se eu não pedisse para marcar, ela deixava e confiava que eu estivesse fazendo. Agora, quando você levava material para ela ver, ela olhava, mas ela nunca dava uma opinião. Ela nunca fala: “Nossa, que dado super interessante” ou “que seu dado quer dizer isso”. Ela sempre fazia perguntas: “Ah, esse é o dado. O que que você tá vendo aí? O que que você acha que seus dados mostram?” Ai você dizia: “Ah, mostra isso, que o pombo respondeu assim, respondeu assim”. Eu trabalhei com pombo, não trabalhei com rato. “É? Mas o que isso quer dizer?” Perguntas curtas, ela não falava muito e ela não fazia perguntas muito elaboradas. Eram perguntas que você tinha que tentar descobrir o que ela estava querendo saber. Mas com isso ela te forçava muito a pensar.

GVC: A pergunta não era elaborada, mas a resposta...

Risos

DGS: Às vezes eu chegava para ela e dizia: “Carolina, eu estou com uma dúvida se eu faço assim ou se eu faço assado” Decisão de método, como é que eu vou implementar esse procedimento. Ela dizia, o que que você acha? Então, digamos que eu dissesse: “Ah, eu acho que eu devia encurtar a sessão para fazer mais ratos por dia”. Uma pesquisa com ratos. Ela parava um pouquinho: “Mas por que? Por que que você acha isso?” Então, nada podia ficar sem uma justificativa, ou do ponto de vista teórico, ou do ponto de vista metodológico. Mas ela nunca te dava uma resposta. Era você que tinha que construir a resposta. E ela tinha toda a paciência do mundo. Ela esperava, cruzava as mãos, direitinho, mãos muito bonitas, usava sempre anéis muito elegantes, muito sofisticados, cruzava a mão e esperava. Você podia pensar na frente dela, você tinha todo o tempo. Impressionante! A fila lá fora estava imensa, mas ela não mostrava ansiedade, o seu tempo era seu tempo. Ela cruzava a mão, colocava sobre a mesa, as vezes ficava girando o anel um pouquinho, mas olhando para você e muitas vezes não dava o menor sinal de que estava aprovando ou desaprovando. Ela estava te ouvindo. E você tinha que ir se ouvindo e se convencendo ou não daquilo que você estava dizendo. Porque muitas vezes acontecia o inverso. No meio de uma conversa você parava e falava: “Ih, mas eu pensei besteira”. Ela não dizia nem que sim nem que não e ai você tinha que refazer.

Perguntas! E as perguntas eram assim. Eu me lembro da minha tese de doutorado. Eu escrevi e entreguei para ela a tese já pronta, inteira. No curso da Maria Amélia, eu tinha que fazer uma pesquisa

junto e tinha que entregar relatório. E o relatório da Maria Amélia, uma letra que você não entendia, vinha rabiscado da primeira à última linha. Ela comentava e rabiscava tudo. Então, eu entreguei a tese para Carolina esperando isso. A tese vinha assim, às vezes a página tinha uma interrogação. A interrogação significava: “Aqui eu devo ter dito alguma coisa que ela não entendeu, ela não concorda.” Mas a interrogação era: “Leia isso aqui de novo”. Pouquíssimos comentários, mas todos eles que me fizeram eu mesmo ter que sentar e rever a tese e esperar que ela dissesse “Defenda” ou “Não defenda”. Acho que ela tinha muita clareza disso que, do ponto de vista de uma orientação, o aluno tinha que ter independência, a pesquisa era dele, a tese era dele, ele que tinha que produzir isso. Quais eram as condições que ela podia te oferecer? Claro, quando eram os alunos trabalhando lá na USP, ela também ajudava na questão de dar suporte para laboratório, né, mas no meu caso, como eu estava fazendo aqui em São Carlos, o que que ela tinha? Ela tinha que me levar a pensar e a tomar decisões de método. Hoje, em retrospecto, eu nunca tinha pensado nisso, a sua pergunta que tá me fazendo pensar, mas em retrospecto, eu acho que ela tinha clareza de que se ela estava fazendo um pesquisador, ela queria que ele pensasse e que fosse capaz de ter domínio de método e de como trabalhar. Ela respeitava demais! Olha, um respeito pelo aluno, pelas ideias do aluno, pelo que ele quer fazer era, assim, uma questão de princípio. Acho que nunca a Carolina me disse: “Você deveria fazer assim, você deveria fazer...” não, eu estou mentindo. Teve uma vez que ela me disse o que eu deveria fazer e nesse caso não foi em relação à pesquisa, à minha pesquisa ou a disciplina que eu estava fazendo com ela. Foi em relação, então, com relação mudando de orientação.

Não tem a ver com a sua pergunta, mas para contar para você uma coisa sobre um aspecto interessante da relação da Carolina com as pessoas. Eu era aluna dela em São Paulo, eu tinha compromisso de fazer disciplina, eu tinha compromisso de fazer pesquisa, mas eu era uma professora aqui. Primeiro, eu cheguei lá e contei para ela que, por alguma razão, eu não poderia fazer alguma coisa porque o meu departamento aqui tinha uma pesquisa que o meu departamento tinha se comprometido com ela coletivamente e eles me pediram para ajudar na pesquisa. Eu me lembro que não tinha nada a ver comigo, uma pesquisa sobre Mobral¹⁰¹, alfabetização, etc. mas eles determinaram que eu ia precisar ajudar nessa pesquisa. E eu contei isso para ela ingenuamente. A Carolina virou uma fera. Uma das poucas vezes que eu vi ela brava e quando ela ficava brava era muito típico porque além dela falar assim, muito firme, ela ficava vermelha. Você via que subia aquela vermelhidão. Quando eu contei isso para ela, ela ficou vermelha na hora e falava brava: “Você não tem que fazer isso!” E ela ficou muito brava com a situação. Na época eu não entendi bem claro, mas depois olhando eu acho que entendi várias coisas. Primeiro que era temática, a história do Mobral, a gente trabalhando com o Mobral, tinham todas as questões ideológicas sobre aquela coisa de trabalho e tudo mais, que eu acho que ela não apreciava e depois era o fato de que, na universidade, alguém assume um compromisso e depois passa para outra pessoa que não tinha nada que ver com aquilo e que vai interferir com as

¹⁰¹ Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), projeto do governo brasileiro criado pela Lei nº 5.379, de 15 de dezembro de 1967.

possibilidades porque era uma coisa que ia tomar tempo. Não só ia interferir com a minha pós-graduação mas também com a minha possibilidade de ensinar. Então, dessa vez eu vi a Carolina brava. Brava, assim: “Você não devia entrar nessa...” como é que se diz “...nessa enrascada, nessa situação besta”. Mas do ponto de vista do trabalho científico, ela sempre deu muita liberdade. Quer dizer, eu senti isso no meu próprio trabalho, mas também de relatos com os colegas. Ela respeitava demais a independência do aluno e pensando no jeito da Carolina trabalhar, operar, eu acho que isso não era só uma questão de respeito por respeito. Era uma questão de ter clareza de que se o aluno não tem independência...

GVC: Ela ta falhando com o papel dela?

DGS: Ela ta falhando com o papel dela. Exatamente! Eu acho que era bem por aí.

GVC: Ela foi uma pessoa que publicou pouco, certo? Ela não tem muitos artigos.

DGS: Ela publicou pouco. Eu acho que o papel da Carolina, Gabriel, o papel crítico da Carolina foi criar condições para pesquisa. Não ela fazer pesquisa. Eu não tenho duvidas de que ela teria competência para fazer muito bem, mas eu acho que ela tinha uma clareza tão grande de que era preciso fomentar a pesquisa básica e para isso precisa ter uma ação política importante, precisava criar condições na universidade, precisava incentivar pessoas para formar pessoas que ela dedicou a vida inteira dela a isso. Então, se você olhar quantas vezes a Carolina trabalhou no CNPq, trabalhou na CAPES, criando programas, ajudando a criar, ajudando a definir políticas. O trabalho dela na SBPC, essas tarefas que ela aceitou para vir à São Carlos ser diretora, ajudar a desenvolver o Centro de Educação e Ciências Humanas no verdadeiro sentido. Não era para vir aqui e ser administradora de um Centro que já estava Então,, era para vir aqui desenvolver um Centro. A história de ir para Bahia e ajudar a desenvolver curso, a ideia de ir pro Rio Grande do Sul e discutir com um pessoal que estava querendo começar uma pós-graduação. Ela dava esse tempo com uma generosidade, assim, impressionante. Eu acho que ela tinha clareza disso, que ela podia ser mais eficaz ajudando a criar condições do que sentando em um laboratório e ela fazendo a pesquisa. Eu tenho impressão de que ela tinha clareza disso. De que era preciso, alguém tinha que fazer isso. Ela fez na SBPC, ela fez nas agencias de fomento, ela não perdia oportunidade, em congresso. Era convidada para congresso, ela ia falar sobre esses assuntos, então ela se dedicou muito, criou uma revista, te contei, ela não só ajudou a editoriar e a rever, ela lia todos os artigos que eram publicados, ela lia linha por linha e editava isso. Ela ia atrás de gráfica, ela ia atrás de fazer, ela ia atrás das agências para buscar recurso para isso e depois ela sentava e preenchia o envelopinho à mão, para mandar para pessoas, pros assinantes da revista porque ela achava importante ter uma revista científica que as pessoas tivessem acesso. Então, ela dedicou tempo demais dela para as revistas, para as agencias de fomento, para as sociedades científicas. Então, ela teve esse papel de fomentadora de pesquisa e como ela tinha esse papel, ela virou uma pessoa que todo mundo procurava. Eu lembro que eu fiz um curso uma vez com a Maria Alice Vanzoline (Maria Alice Vanzoline era uma pessoa para você conversar). Maria Alice foi colega da Carolina desde os primórdios lá da USP e elas eram bem amigas.

GVC: Maria Alice?

DGS: Maria Alice Vanzoline da Silva Leme. Ela é mãe de uma professora atual lá da USP que é a Silva Leme, como é que é o primeiro nome dela? Esqueci. É uma professora da Social lá de São Paulo. Mas a Maria Alice é irma do Paulo Vanzoline¹⁰², eu acho. Maria Alice Vanzoline da Silva Leme era irmã do Paulo Vanzoline e o Silva Leme eu acho que é do marido dela. A filha dela também é Silva Leme, esqueci o nome da moça. Depois quando a gente conversar, talvez eu lembre o nome dela. Maria Alice sabe bastante sobre Carolina no começo da pós-graduação lá na USP, no começo do B10, da experimental, etc, essas histórias ela sabe bem. Mas eu fui aluna da Maria Alice numa disciplina de Psicologia Social e numa situação, discutindo papéis de liderança, discutindo, ne, papéis e coisas desse tipo, ela fez um comentário. Como todos os alunos paraticamente conheciam a Carolina, ela era coordenadora da pós e dava programação e dava o livro de Táticas, então quase todo mundo era aluno da Carolina nessa época. Ela comentava isso, que a Carolina tinha se tornado uma importante... não foi bem fonte de reforçadores que ela usou, era uma palavra mais forte... era detentora de reforçadores, uma coisa assim. Uma pessoa que ela pode criar condições para as quais outra pessoa vai se comportar e obter reforçadores. Então, ela pode abrir portas, ela te dá dicas de como apresentar um projeto na FAPESP que pode ter chance de se bem sucedido, lembrando que nessa época que eu estava prestando pós-graduação era 74, a FAPESP tinha começado em 72. Então a própria FAPESP era nova, as pessoas ainda estavam aprendendo a pedir coisas para FAPESP. Eu lembro que, em 76 eu estava numa reunião da SBPC com a Carolina, Luis Marcellino e Então, apareceu o presidente da SBPC para conversar com ela. Ela não perdia oportunidade de defender que a Psicologia precisava de recurso, precisava de verbas, etc. E ela estava conversando com ele exatamente sobre isso e Então, eu me lembro dele ter respondido: “mas professora Carolina, dinheiro tem. O CNPq tem dinheiro. Se a Psicologia tem pouco é porque está pedindo pouco”. E ele dizia “A Psicologia não pede, a Psicologia não pede. Então não tem demanda. A gente está distribuindo de acordo com a demanda e não tem demanda na Psicologia. E quando pede, pede mal”. Pede mal assim, projetos mal formulados, orçamentos pouco fundamentados, etc. então eu lembro dela fazer esse tipo de gestão sempre que era possível e essa coisa que a Maria Alice disse significava que todo mundo que ia queria mandar um projeto ia até Carolina para ver se ela podia ler o projeto, se ela podia dizer se vale a pena, se não vale a pena e que, certo?

GVC: Fazia uma qualificação do projeto para FAPESP?

DGS: Isso, a qualificação do projeto para FAPESP. Então, ela era a pessoa a quem todo mundo recorria para pedir assessoria. Hoje a palavra seria assessoria, para perguntar para ela “Devo ou não devo?”, “Como é que eu faço isso?”, “Como é que eu faço aquilo?” e com isso ela passava a ter muita informação sobre quase tudo que estava sendo feito na Psicologia. Tendo informação, ela aumentava esse papel dela, porque se eu vou procurar ela e falar: “Carolina eu quero saber...” ela

¹⁰² Paulo Emílio Vanzolini (1924 - 2013), zoólogo e compositor brasileiro, é um dos idealizadores da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

dizia, “O Gabriel está fazendo isso, vai falar com ele que você”. Ela sabia o que você estava fazendo, você e eu, com isso ela tinha um domínio enorme do que as pessoas estavam fazendo e ela então criava redes entre as pessoas porque ela punha umas em contato com outros e punha um para dar dicas pro outro e com isso ela criava essas redes sociais na Psicologia. Então, eu acho, Maria Alice fez uma análise interessante desse papel que a Carolina tinha, de detentora de informações que eram preciosas para as pessoas. Então ela era muito procurada por todo mundo e era muito procurada pelas agências, certo? A FAPESP, o CNPq, CAPES, etc, porque quando precisava de alguma coisa para definir política, lá estava a Carolina para ajudar a pensar, ajudando a definir, não? Na pós-graduação da USP ela foi coordenadora daquele programa por, sei lá 15 ou não sei quantos anos, ela paraticamente criou aquele modo de funcionar, quer dizer, quando você vê a história da USP, geralmente ela é contada, ne, de uma maneira que... o professor Arrigo acho que foi o primeiro diretor do instituto, etc, etc. Mas quando você olha para pós-graduação, a Carolina que implantou essa pós-graduação que foi um modelo. Por muitos anos foi o único doutorado em Psicologia do país era o da USP, por muitos e muitos anos. Muito depois apareceu o da UnB. O da UnB foi aberto com 5 vagas para doutorado em 89. Foi o ano... eu passei um tempo na UnB, logo que eu fui para lá o doutorado tinha acabado de ser aprovado e eu fui coordenadora do ano seguinte, quando recebeu a primeira turma de doutorado da UnB com 5 vagas. Então, esse doutorado da USP foi um modelo para gente, no país e era a Carolina que estava ali encabeçando isso. Então, ela tinha esse papel.

Mas você estava me perguntando que ela não fez muita pesquisa, ela publicou pouco. Eu acho que por conta disso. Eu acho que ela achava que tinha que criar condições para os outros fazerem. Agora, ela chegou a fazer algumas coisas, ela mesma, no PSI, não na pesquisa experimental de laboratório, mas no PSI e ela trabalhou bastante, por exemplo, com a Beth Tunes¹⁰³, o Silvio Botome, com a Livia¹⁰⁴, com a Eda Tassara¹⁰⁵, com esse povo tem pesquisa em programação de ensino, mas eu acho que ela nunca chegou a se preocupar com ela publicar. Ela mesma não gostava muito de escrever.

GVC: Eu já ouvi informações também, algumas pessoas já me falaram que ela não aceitava que o nome dela fosse em artigos de mestrado e doutorado de alunos dela.

DGS: Não mesmo.

GVC: Foi até uma coisa que tem a ver com a pergunta que eu tinha feito antes, sobre o artigo do JEAB seu, do Todorov e dela.

¹⁰³ Elizabeth Tunes é psicóloga, pesquisadora associada da Universidade de Brasília e professora do Centro Universitário de Brasília. Sob orientação de Carolina Bori, concluiu sua tese de doutorado em 1981, com o título Identificação da Natureza e Origem das Dificuldades de Alunos de Pós-Graduação para Formularem Problema de Pesquisa, Através de Seus Relatos Verbais.

¹⁰⁴ Livia Mathias Simão, professora do Instituto de Psicologia da USP, onde Coordena o Laboratório de Interação Verbal e Construção de Conhecimento do Departamento de Psicologia Experimental. Sob orientação de Carolina Bori, defendeu a tese Interação Verbal e Construção de Conhecimento, em 1988.

¹⁰⁵ Eda Terezinha de Oliveira Tassara, professora do Instituto de Psicologia da USP, defendeu a tese Análise de um programa de intervenção sobre o Sistema Educacional - da promessa à possibilidade, sob orientação de Carolina Bori, em 1982.

DGS: Aquele artigo do JEAB, o nome dela está lá porque eu fiz uma heresia. Eu não perguntei para ela antes. Porque ela tinha isso como princípio. O trabalho era do aluno. Mas no meu caso particular, a origem daquela pesquisa tinha sido lá na minha iniciação científica, com o Todorov. Eu tinha discutido muito com ele sobre essa pesquisa ao longo do tempo e eu discutia sistematicamente com ela. Ela me deu muito tempo para olhar para os meus dados enquanto eu estava coletando os dados que deram depois cada ponto da curva. Então, quando a gente foi escrever, eu comentei com o João Claudio que eu queria que ela fosse como co-autora. Então a gente pôs e eu entreguei o artigo para ela: “Carolina, já submeti”. Mas dava chance dela dizer: “Não, não quero. Tira meu nome”. Ela achava isso: o trabalho é do aluno. Ela estava fazendo um trabalho dela de orientação, mas o trabalho é do aluno, ele é responsável por ele e ele tinha que publicar. Ele que tinha que publicar. Ela tinha essa coisa muito clara. Então, essa publicação comigo de certa maneira foi meio a revelia dela. É só por isso que está aí. E ela não gostava muito de escrever. Às vezes a gente conversava sobre coisas, ela achava que era importante escrever: “Vou escrever”. E depois demorava, demorava, demorava. Ela não gostava. Escrevia super bem, escrevia muito bem, com clareza, mas ou ela não gostava de escrever ou eu acho também que a Carolina tinha muito pouco tempo. Ela lia demais, ela lia muito e portanto, a Carolina era sempre uma pessoa extremamente informada e ela tinha esse papel. Ela não lia só porque ela queria saber, ela lia porque achava importante saber o que estava acontecendo na Psicologia. E ao ter lido, ela distribuía isso para as pessoas. Quantas vezes eu já fui beneficiada pela Carolina dizer: “Saiu um livro assim, Saiu um livro assado. É preciso ler. É preciso saber o que tá sendo publicado, etc.”. Então ela lia muito isso. Lia muitas teses porque ela era banca de Deus e o mundo. Lia muitos documentos oficiais das agências e sociedades científicas. Ajudou a definir e a preparar estatutos de N dessas sociedades científicas das quais ela participou. Eu me lembro de que quando ela vinha para São Carlos, ela vinha de ônibus para São Carlos. Ela vinha de Cometa. Ela carregava uma sacola cheia de coisas para ler. Então ela ia lendo, voltava lendo. Um dia eu perguntei: “Carolina, você não cansa de ler não?”, “Não, não”. Ela chegava, assim, com uma disposição, como se tivesse acabado de acordar de manhã, tomado um banho, um bom café da manhã. A cara fresca, assim, de descansada, de atenta, não?, de lúcida, disposta a conversar. Mas você vê, ela lia todas essas coisas. Ela lia teses dos alunos. Ela orientou mais de 100 teses e dissertações. Todas quando? Nesse período de 69... 30 anos, gente. Essa mulher orientou mais de 100 teses, não? Então ela lia muita, muita coisa. No papel de diretora do centro ela tinha dezenas de coisas para ler, documentos oficiais para ler e para produzir. Produzia documentos que tinham que ser gerados. Então, ela escrevia essas coisas, mas escrever sobre o que ela pensava, escrever artigos, ela escreveu menos. Mas porque ela se dedicou demais a fazer essas outras coisas que criavam condições institucionais para a pesquisa.

GVC: Uma outra coisa que eu achei interessante nos artigos dela que eu li. Os primeiros textos que ela escreveu são riquíssimos de referência, por exemplo, muitos artigos teóricos, conceituais, pesquisa, mas no começo dos anos 60, passa a ter muito relato. Sobre a UnB, ela em Rio Claro, ela e o PSI, a relação dela com o Keller.

DGS: É, e essas coisas, se você pensar, não é que ela decidiu escrever sobre isso: “Vou sentar e vou contar história”. As pessoas pediam para ela. Então quem editava: “Carolina, preciso saber essa coisa assim, etc e tal”. Então, ela relutava, não é que ela gostasse de fazer, mas eu acho que ela era muito requisitada para fazer isso. Então esses relatos eram para preencher essas funções. As pessoas queriam saber ou queriam publicar livro assim ou assado... ela tem isso no livro do Keller, ela tem isso porque as revistas pediam: “Carolina, precisa contar a história da Psicologia na UnB”, a própria UnB eu acho que pedia. Então eu acho que ela escrevia para atender esse tipo de demanda. Mas, eu não sei, eu me lembro em retrospecto que tinha sempre essa perspectiva de que era preciso construir a ciência da psicologia no país e portanto, precisava ter o registro. Deixar o registro das condições, de como foi feito, do que foi feito. É bem nessa direção. Trabalhou demais no IBECC¹⁰⁶, para criar aquele IBECC. Para criar equipamentos, ensinou-se a pensar, quer dizer, muita gente vê a Carolina como uma analista do comportamento, e de fato, depois do Keller ela veio a ser uma analista do comportamento, mas se você pensar, olhar de maneira geral, a Carolina teve uma dedicação enorme com o país, com o desenvolvimento do país, com o desenvolvimento científico do país. Então, ela nunca tratou só da Psicologia, da ciência. Se você pensar numa hierarquia, primeiro era o país, a ciência do país para promover o desenvolvimento. Depois a Psicologia que precisava se desenvolver como ciência e, daí, a análise do comportamento como Psicologia. Mas essa visão dela de que o país precisava se desenvolver, de que a nossa população é sofrida, de que nosso povo, pelo povo era preciso desenvolver a ciência. Ela tinha muito essa clareza de que precisava desenvolver a ciência no país. Eu acho que isso justifica o envolvimento, agora, dela com o IBECC, a criação do IBECC, a administração do IBECC. Ela fez isso por anos. O IBECC desenvolvia equipamentos, protótipos, kits para ensinar ciências. Ela tinha muita clareza de que uma coisa era desenvolver a pesquisa científica, mas para isso, primeiro ela tinha que começar formando criança. Ela tinha muita clareza sobre isso. Então, ela gastava tempo enorme. O IBECC não fez só a caixa de Skinner, foi só uma coisa que fez, mas fazia uns kits de química, uns kits de física, etc. Ela trabalhou na Estação Ciência muitos anos, criando e coordenando pesquisa, por um lado, sobre o ensino básico, ensino fundamental, o ensino de segundo grau, o ensino de ciências. Administrando cursos: eles deram milhares de cursos de formação de professores de ciências, professores do país inteiros nesses anos. Ela coordenava a elaboração de material didático para estudo, ela trabalhou num projeto enorme, agora preciso lembrar, de um instituto que nas décadas de 70, 80, trabalhou no ensino, por exemplo, de ensinar agricultores o manejo de terra, plantar, de como ter plantações mais produtivas, etc. De onde vem isso? Era o CENAFOR¹⁰⁷! Fundação CENAFOR! Carolina deu anos para essa Fundação CENAFOR. E o que tem de material programado, individualizado, já nessa perspectiva de programação de ensino que ela tinha. Eu mesma tenho um material sobre *Serving*, um tipo de pesquisa de *Serving*. Eles construíram todo um material programado para ensinar o indivíduo a fazer *Serving*. É um material preciosíssimo. Eu tenho

¹⁰⁶ Instituto Brasileiro de Educação Ciência e Cultura/UNESCO (IBECC).

¹⁰⁷ Centro Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal para a Formação Profissional (CENAFOR).

cópia, não sei onde foi parar isso, não sei se as pessoas usam. Mas é um material de uma qualidade. Começa, por exemplo, ensinando o indivíduo a aprender a noção de variável. O material é uma preciosidade, porque o tempo inteiro ele trabalha com a noção de que vai fazendo o indivíduo fazer. Começa com exercícios simples do seguinte tipo: “Olha para os móveis dessa sala e fala como é que você pode classificar”. Então, primeiro você classifica por móveis e plantas. “Mas agora olha para os móveis. Tem mesa, tem banco, tem cadeira, tem sofá. Se você quiser organizar agora por que matérias esses móveis são feitos? Você tem coisa de madeira, coisa de plástico, coisa de tecido”. E então, vinha a ideia de variável: “ah, então o móvel pode variar em relação ao que ele é feito, pode variar em relação à função”. Você passa a raciocinar que são categorias ou classes ao longo das quais a dimensão varia. Então, a noção de variável. E eles vão construindo repertório até o indivíduo ser capaz de formular um questionário das categorias que ele vai usar para analisar, na estatística que vai ser feita. É uma beleza de material. Mas isso não é uma coisa que faz da noite para o dia. Levaram anos construindo e isso que eu estou te dando é um exemplo de material. Veja como ela se dividiu em todas essas coisas, certo? Ela tinha todas essas tarefas, nas organizações científicas, nas sociedades. A SBPC ela gastou anos e era um trabalho intenso. Ela se dedicava de corpo e alma. Não é que ela ia lá e ser secretária e quando tinha reunião. Não, ela ia lá e assumia, coordenava os funcionários, ela gerenciava a programação de reunião anual inteira, das primeiras notícias até sair o livro de programa que ela editava linha por linha. Ela selecionava as pessoas que iam ler os resumos para ver se eles iam ser aprovados ou não para entrar no programa. Ela organizava o programa que ia ser apresentado, ela negociava com a universidade para ver onde a SBPC ia. Então, gente, não era pouca coisa. Essa mulher trabalhava demais, demais, demais, mas tudo nesse nível de organização pros outros poderem fazer, para os outros poderem fazer reunião científica, para os outros poderem fazer ciência, para os outros, para universidade funcionar, para os cursos serem feitos. Acho que, desse ponto de vista, ela foi de uma generosidade imensa e ao mesmo tempo eu acho que ela tinha uma visão muito clara que esse papel de como era melhor ela dividir o tempo dela. Então, eu acho que ela priorizou tudo isso à publicação. Além disso, na época dela, se olhava para a publicação de um jeito diferente do que se olha hoje, não? Teve um congresso, não me lembro o nome, uns anos atrás saiu lá a conversa, discutindo os critérios da CAPES para credenciar programas e credenciar professores para a pós-graduação, critérios do CNPq para dar bolsa de produtividade em pesquisa e a fala geral era: “Uma Carolina Bori...” que ela é muito respeitada não só na análise do comportamento mas na Psicologia também. Mas a fala era: “Carolina Bori jamais seria pesquisadora do CNPq e hoje ela teria que sair do programa dela, porque se ela ficasse lá ela prejudicaria o programa dela”, desse ponto de vista, de publicações, mas é que o mundo era outro, não?

GVC: O título de livre docência dela tem a ver um pouco a ver com isso? Parece que não quiseram dar o título porque não tinha publicação.

DGS: Essa história eu conheço muito pouca. Ela era muito reservada, ela falava muito pouco. Eu sei pouco sobre essa história.

GVC: Eu não queria te tomar muito tempo mais, mas eu queria te fazer uma última questão. Tem alguma coisa mais pessoal, mais dela com as pessoas, alguma coisa fora da vida profissional \ que seja interessante, que seja importante?

DGS: Gabriel, eu presenciei tantas coisas interessantes da Carolina, tantas situações que é difícil lembrar de uma coisa, mas tem coisas singelas, assim. Por exemplo, você sabe que ela foi presidente da Sociedade Brasileira de Psicologia, depois que transformou a SPRP em Sociedade Brasileira, ela foi presidente. Então muitas vezes eu conferi com a Carolina, que ela era presidente e eu era secretária. Nós tivemos muitos membros da diretoria, então muitas vezes a gente trabalhou ali em Ribeirão Preto, naquela salinha da SBP quando ainda era só uma salinha, hoje tem um espaço maior, mas era só uma salinha, muito apertadinha, muito cheia de coisa. Eu me lembro de uma situação, por exemplo, que a gente tinha conseguido comprar uma cafeteira porque a gente trabalhava horas naquilo ali sem comer e aquela disposição que eu disse para você que ela chegava aqui em São Carlos com aquela carinha de que está se preparando para o dia, ela chegava em Ribeirão, viajava de ônibus, raramente a Carolina aceitou uma passagem aérea para Ribeirão. Ia de ônibus e a gente trabalhava horas naquela reunião. Horas mesmo. A gente começava a trabalhar uma e meia, duas tarde e ia até duas, três da manhã, preparando reuniões. Eu me lembro que um dia eu ia fazer um café e fui na direção da torneirinha da pia e ela disse: “Você vai usar água do filtro, certo?” Um exemplo, coisinha assim. E eu não estava nem prestando atenção. Para mim, ela tinha muita clareza de que não podia. Ela tinha essas coisas de clareza sobre coisas em geral do país. Por exemplo, água de torneira: “Você deve usar água filtrada porque a nossa água de torneira não é suficientemente bem tratada”. Ela tinha essas noções assim. Ela tinha a noção, por exemplo, aqui no nosso prédio, aqui no centro, volta e meia entupia o banheiro. Então ela fazia um comentário assim: “Os esgotos brasileiros não são feitos para suportar...” O povo entupia aqui porque nos Estados Unidos o povo jogava o papel e dá descarga daquela que vai tudo embora. Você quer fazer a mesma coisa aqui, você entope porque os nossos, a nossa tubulação é diferente. Ela tinha essa visão geral de como funcionavam as coisas. Esse tipo de coisa assim, peculiar. Uma vez a gente estava em Ribeirão, era um calor assim, imenso, e eu lembro, gente saiu daquela salinha e nós fomos na Filosofia visitar o espaço onde ia ser a reunião. Aquele calor de Ribeirão, de você ficar transpirando. Eu lembro dela ter pego um pentezinho e ela penteava o cabelo assim, para cima, para abrir o cabelo. Eu olhei e ela disse assim: “É o único jeito de refrescar um pouco a cabeça” (risos). Então, ela tinha umas coisas assim, muito interessantes.

A Carolina era uma pessoa religiosa, ela ia a missa toda semana. Então as vezes eu comentava com ela: “Tentei te ligar tal hora”. Ela dizia: “Ah, tinha ido à missa”. A Deíta, que é minha colega aqui, lembra que a mãe dela também era religiosa e frequentava a mesma igreja que a Carolina.

Adorava viajar. Era divertido, Carolina tinha umas coisas muito... não sei se você conhece. Você já viu? tem uma foto dela... tem uma foto dela naquele livro de 98¹⁰⁸, alguém deu para postar lá. Não sei se o professor Aziz¹⁰⁹, alguém deu uma foto da Carolina numa expedição da SBPC em que ela ta com um chapeuzinho assim, de moleque. Eu acho que era Chapada Diamantina, ou Chapada dos Viadeiros, era uma dessas chapadas. Camiseta e um bonezinho virado para trás. Alguns alunos, ex-alunos dela me contaram, que isso eu nunca presenciei, mas alguém me contou uma história que ela tinha um Jeep. Que ela ia para USP num Jeep, um Jeep desses abertos para tomar vento. Então ela era muito aventureira, ousada, eu acho, para época dela. Eu já peguei um pouco mais tarde, mas digamos que ela foi uma pessoa bem aventureira, bem ousada, bem moderna, não? Eu lembro de um diretor do CNPq comentador. Do CNPq ou da CAPES, que chamou a Carolina para uma entrevista e ficou muito impressionado com a aparência dela, ele comentou sobre como ela era uma mulher muito moderna, que usava óculos muito modernos, muito bonitos. Ele ficou muito impressionado com a figura dela. Então era uma figura muito elegante, muito culta, muito culta. Lia e lia muito, muito, muito. Eu acho que era uma das pessoas que mais conhecia sobre Psicologia, ela sabia tudo que estava sendo publicado em Psicologia, tudo que estava sendo feito. Ela não lia só análise do comportamento, não. Ela pegava sempre, ela tinha interesse genuíno pelo desenvolvimento da Psicologia em geral.

Eu nunca comi nada feito pela Dona Carolina mas eu soube de dizer que quando ela fazia, ela fazia uns pratos muito gostosos e uma vez comentando sobre comida italiana, em geral, a gente comentou sobre risotos e que ela fazia um risoto bom, mas tinha que ser com açafrão verdadeiro e aí, para ela, tinha que ser importado da Itália. Então, eu comentei que adoraria comer um risoto desse. Na semana seguinte ela veio, para mim, com uma receitinha escrita à mão, receitinha do risoto, escrita em italiano, à mão e me trouxe um pacotinho do açafrão importado. Uma vez ela cortou o papel assim, era meia folhinha e me deu. Recentemente, eu recuperei isso e agora, com a facilidade da informática, um aluno conseguiu escanear para mim. Então, agora eu tenho a receita da Carolina, escrita à mão, como um documento guardado. Está aqui o papel guardado. Gabriel, não sei se tem o material que você queria.

GVC: Era isso mesmo. São só algumas informações mais pessoas, de contatos, vou entrevistar um monte de gente, vou juntar os materiais. Eu acho que a ideia era essa mesmo: conseguir uma conversa desse tipo e agora eu acho que posso ficar conversando, por mim eu ficaria.

DGS: Eu tenho, adoro história, adoro fotos.

GVC: Eu também. Eu gosto tanto que estou trabalhando com isso. Então, por mim eu ficaria, mas eu não vou te tomar muito tempo, então, eu só vou agradecer mesmo a gentileza.

¹⁰⁸ Trata-se da edição especial da revista *Psicologia USP*, publicada em 1998 (vol. 9, n. 1), com artigo cujos autores atuaram com Carolina Bori. Esta edição foi uma homenagem do Instituto de Psicologia da USP à Carolina Bori, na ocasião do recebimento do título de professora emérita.

¹⁰⁹ Aziz Nacib Ab'Saber (1924 – 2012), foi um dos mais importantes geógrafos brasileiros. Foi professor emérito da Universidade de São Paulo e membro da Academia Brasileira de Ciências. Recebeu diversos prêmios como o Prêmio Internacional de Ecologia de 1998 e o Prêmio UNESCO para Ciência e Meio Ambiente de 2001. Com mais de 300 trabalhos acadêmicos desenvolvidos nas linhas de estudos sobre os aspectos naturais do Brasil.

DGS: Foi um prazer falar com você. É bom saber que você ta trabalhando sobre a Carolina, eu tenho uma grande admiração por ela e eu acho que fico feliz de saber que você ta ai, se dedicando seu tempo, sua juventude a esse tipo de registro.

APÊNDICE D – Luiz Edmundo de Magalhães

Entrevista com professor Luiz Edmundo realizada no dia 27/01/2012. Muito agradável e receptivo, convidou-me para ir até sua casa, em São Paulo (SP), para entrevistá-lo. A entrevista ocorreu no dia seguinte à divulgação da Presidente Dilma Rousseff de que o Ministério da Ciência e Tecnologia estava sendo assumida por Marco Antônio Raupp, então presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), ocupando o cargo de Aloizio Mercadante, que assumia o Ministério da Educação.

“eu vou fazer uma hipótese porque eu não tenho dados e não é um problema que tenha me atraído, mas com todo carinho que eu tenho pela Carolina, respeito, eu acho que dentro da psicologia, a Carolina era uma ilha e acho que ela não tinha um grande entrosamento dentro da instituição. E ela procurou, com habilidade, desenvolver e fortalecer a sua posição. E ela fez uma bandeira de desenvolver a pesquisa”

Gabriel Vieira Cândido: Bom, falando do meu trabalho fica mais clara a minha intenção. Comecei estudando no mestrado coisas nada a ver com esse assunto específico, mas estudando história da análise do comportamento que era a área do mestrado. E então, estudando a história da área, acabei caindo muito no nome da Carolina Bori. Quando eu resolvi que iria para o doutorado, a minha orientado falou: “Vamos estudar então a contribuição dela para a ciência”. Porque era um nome que aparece muito, em muitas horas, em vários lugares e, ao mesmo tempo, uma pessoa que tem uma produção, número de publicação baixa. “Então, vamos tentar entender isso. Por que ele é tão citada, várias pessoas contam histórias sobre ela, todo mundo lembra dela com certo carinho, uma certa admiração”. Eu resolvi fazer um trabalho em cima disso. Por enquanto, meu título é “A contribuição de Carolina Bori para a ciência no Brasil”. Então, é um pouco essa a vertente que eu estou correndo atrás. Eu quero conhecer um pouco o que que ela fez, por que é que as pessoas falam dela, qual, na visão do senhor, no caso, qual a contribuição dela, porque ela é importante ou como o senhor enxerga o papel que ela teve na ciência do Brasil.

Luiz Edmundo de Magalhães: Olha, eu vou falar o que eu sei, que não é grande coisa, mas de qualquer forma pode te ajudar. Eu quero te dizer o seguinte. Eu entrei para universidade como suplente em 1949, terminei o curso em 51 e continuei na universidade e fiz carreira. Terminei como diretor do meu instituto. Então, eu fui convidado depois de estar já como professor assistente, eu fui convidado para participar da SBPC. E muito coisa com ela é na SBPC. Então, eu fui editor da Ciência e Cultura, eu reformei essa revista e fui membro do conselho, mas, em 1972 eu me candidatei para o

cargo de secretário geral da diretoria da SBPC e fui eleito e tomamos posse em 73, nós tomamos posse. E Carolina foi eleita secretária.

GVC: Foi a primeira vez que ela esteve?

LEM: Foi a primeira vez e eu também. Então, já se falava na Carolina, era um nome que era conhecido.

GVC: O senhor ainda não a conhecia?

LEM: Paraticamente, não. Eu acho que a família da minha esposa, a irmã dela, havia estudado, havia sido contemporânea, qualquer coisa desse tipo.

GVC: Como a diretoria foi formada, o senhor lembra?

LEM: O presidente era o Oscar Salas, o vice presidente era, eu acho, do Rio Grande do Sul.

GVC: E essa comissão se juntou como? Abria a chapa e tinha eleição, era isso?

LEM: Não, eu acho que não foi uma chapa. Foi cada um se candidatou, se inscreveu. Então, eu até nem me recordo exatamente, mas eu acho que nem sabia que a Carolina era candidata. Mas fomos eleitos, tomamos posse e começamos a interagir. A Carolina tinha um cargo que estava vinculado comigo, que eu era o secretário geral e mantivemos sempre um bom relacionamento. A Carolina era uma pessoa muito produtiva, muito. Levava muito a sério o trabalho dela, então eu tive um bom contato com ela. Nos tornamos amigos porque havia identidade de pensamento, de objetivos, avaliações coincidentes da situação política, tanto a política nacional quando a própria política da SBPC, e você sabe, era uma sociedade, naquela época, com uma certa projeção, uma boa projeção e tinha um papel relevante. Hoje eu acho que ta tendo de novo, mas passou por um período muito importante. E eu fui eleito, eu e a Carolina fomos reeleitos, ela já estava em outro cargo e depois eu voltei a ser candidato e ela também, e acho que a Carolina nunca mais se afastou da diretoria da SBPC.

Eu não me lembro exato quantos mandatos ela ficou, mas 5 são 10 anos. Eu acho que são mais porque era de secretária, ela foi secretária geral, quando eu voltei ela era vice-presidente, que foi na gestão do Pavan¹¹⁰ e depois ela foi presidente. O Pavan se afastou para assumir a diretoria do CNPq e ela ficou e foi eleita como presidente. Então, ela ficou por dois anos, pelo menos. E o período dela foi longo. Foi bastante, ela foi muito ativa, ela progrediu, ela galgou todos os cargos, até a posição maior de presidente.

GVC: O que que era feito nesses cargos? Dentro da diretoria, quais eram as atividades?

LEM: Olha, para o secretário geral, principalmente organizar as reuniões anuais. Era uma tarefa muito pesada, inclusive porque não existia computador, não existia internet, não existia essas facilidades. Então, você imagina, a SBPC ela tinha como filosofia, fazer reuniões anuais em várias cidades do Brasil porque ela queria levar a ciência, estimular o desenvolvimento científico dentro dos

¹¹⁰ Crodowaldo Pavan (1919 – 2009), biólogo e geneticista, foi presidente da SBPC de 1986 a 1990. Tornou-se professor assistente da USP em 1942, fundou um laboratório de genética celular. Em 1975, após sua aposentadoria, dirigiu o Instituto de Biologia da Universidade Estadual de Campinas. Seu trabalho investigava a genética, taxonomia e ecologia de moscas (*Drosophila e Rhynchosciara americana*, por exemplo).

diferentes estados da Federação. Então, eu fiz reunião no Paraná, no Rio Grande do Sul, fiz em Pernambuco, fiz em Salvador acho que duas, fiz no Pará, fiz em Manaus. Então, o que eu quero dizer é o seguinte: eu tinha que fazer o livro com o resumo dos trabalhos que iam ser apresentados e o programa e isso tinha que ser feito com muita antecedência. Porque quando você não tem computador você tinha que fazer tudo à máquina, bater. Se você erra o negócio, você tem que fazer tudo de novo. Não tem cópia. Se você for colocar carbono, é um trabalho infernal. A maravilha do computador, o que facilitou como máquina de escrever, de produção de texto, junto com a impressora é inacreditável, é inacreditável, é um avanço, o que significa economia de tempo e trabalho, ninguém hoje avalia e dá valor para isso, só quem passou. Além do mais, hoje você manda o seu material por email para outras cidades e manda imprimir lá. Eu tinha que fazer antes e mandar um caminhão que quebrava no caminho. Não chegava, tinha que ser muito antes para chegar na hora. Então, essa mudança é absolutamente fantástica. A SBPC, na minha época, era a reunião de todas as sociedades científicas do Brasil. Na reunião anual todas elas iam frequentar. Eu tinha que ter um programa para física, um programa para química, um programa para biologia, um programa para literatura, línguas, um programa para história, todas as áreas eram contempladas nessa reunião. Então, eu tinha que manter contato com todas as sociedades, ver as reivindicações, e cada vez ficava mais difícil conseguir espaço, arrumar sala tudo isso para, depois organizar as reuniões, saber que vai receber estudante, preparar infra-estrutura de comida, de hospedagem. Era um trabalho respeitável. Além do mais, você tinha a publicação da *Ciência e Cultura*¹¹¹, eu fui editor, depois sai. E gostei muito de ser editor, foi a coisa que eu mais amei na minha vida foi ser editor, eu achei fantástico, fiz uma boa revista, indiscutivelmente, mudei a tradicional, eu mudei tudo e então, a gente tinha bastante trabalho. Nós fazíamos reuniões, tinha uma avaliação política das coisas que estavam acontecendo, você promovia o desenvolvimento da ciência, você batalhava para conseguir verbas, para fazer as coisas, defender a FAPESP, CNPq, salário de cientistas dos institutos isolados, Butantã, você tem uma porção de institutos, principalmente biológicos, você tem o de Campinas, o Agrônomo do Campinas, onde constantemente o salário cai muito, fica defasado. A gente brigou muito com os governadores de São Paulo, os secretários de Estado deles para aumentar esse salário. Então, você tinha um papel político. Quando chega a revolução, a coisa se torna muito mais complicada e eu vivi esse momento da revolução, logo em 60.

GVC: Mas você ainda continua com todas essas coisas?

LEM: E eu espero que muito mais.

Risos

LEM: Tive essa convivência, nós entramos em 73. A revolução já tinha ocorrido. Alias, em 68 é que começam os anos de chumbo. É que vem aquela junta militar e depois veio o Médici.

¹¹¹ Revista editada pela SBPC.

GVC: Em 68 foi o AI-5¹¹², não é isso? Que foi aquela coisa mais forte, mais pesada.

LEM: Exatamente, exatamente. Foi o AI-5. Então, mal fadado, não? Por que foi feito por gente da USP, não? O ministro que fazia parte lá da presidência era um ex-reitor da USP.

GVC: Foi mais ou menos nesses anos 70 que teve aquele famoso encontro da SBPC que os militares invadiram e mudaram de local do encontro. Ia ser na USP, mudaram de última hora para PUC. Foi mais ou menos nesse período? Como foi isso?

LEM: Eu era o secretário. Isso, foi exatamente isso. Deixa eu me lembrar. Eu vou te contar, eu vou chegar lá. Nesse momento eu tinha um relacionamento só em torno da SBPC, com a Carolina. Eu sabia, e às vezes a gente conversava, a Carolina dominava a área de Psicologia Experimental e ela tinha uma vocação enorme, um interesse enorme no desenvolvimento dessa área e a parte de pesquisa experimental, de trabalho experimental, que a Psicologia tem um ramo que faz muita coisa. Eu acho que ela tinha alguns professores que discutiam com ela. Ela era muito interessada na metodologia científica e a Carolina tinha, antes disso, passado um ou mais anos, eu não sei, ela trabalhou na Universidade de Brasília. E na universidade de Brasília ela trabalhou com uma pessoa, um americano, você lembra o nome?

GVC: Sim, Fred Keller.

LEM: Isso, ela trabalhou com esse americano, parece que era uma pessoa muito boa na área de educação e ela teve uma ligação muito forte junto com ele em Brasília. Que ela se reportava muitas vezes, durante as conversas, a trabalho dele, da experiência deles e eu acho que eles tinham assim, uma visão da importância da metodologia científica numa área que é essencialmente humanística das ciências humanas e não das ciências experimentais. Nem ciências exatas, nem biológicas. Então, essa era uma dificuldade de linguagem, de abordagem, etc, porque eu fiz biologia e eu trabalhei no laboratório como estudante e durante muitos anos da minha vida eu fiz experiência, publiquei trabalho. Então, a Carolina também orientava muita gente. Ela estava sempre às voltas com os estudantes. E ela era uma pessoa, ela tinha um filho que ela dedicava um carinho, um cuidado exagerado... eu nunca vi esse menino, esse filho. Falava-se muito, ela fala muito “Meu filho”, “Meu filho”, mas eu sei que ela tinha um cuidado imenso com ele, um carinho. Ela, eu não sei se era separada do marido, ela nunca teve nenhuma outro relacionamento de casamento ou qualquer outro tipo. Ela vivia exclusivamente para esses dois objetivos e depois o terceiro que era a SBPC. Era a educação, o carinho, o cuidado com o filho e que ela estendia mais ou menos as suas necessidades maternas a seus estudantes porque ela ficava, assim, acompanhando, vendo, corrigindo com toda dedicação. Eu acho que por esse período, infelizmente, injustamente até eu posso dizer, ela teve um mal, um insucesso em obter a livre-docência. Eu me lembro que foi um coisa muito desagradável, muito triste que ela superou porque a Carolina era um pouco estóica também. Estoicismo, uma resistência a não se incomodar com o

¹¹² O Ato Institucional número 5 (AI-5) foi o quinto decreto emitido durante o regime militar brasileiro durante o governo do presidente Artur da Costa e Silva. Dentre outras coisas, este ato ficou conhecido pelas censuras da imprensa, da música, do teatro e do cinema, mas se estendia às ações de qualquer cidadão.

sofrimento e fazer as coisas. Ela era uma batalhadora, era uma mulher dedicada, ela fazia coisas com muito afinco, sabe. Muita dedicação. Ela expendia tempo mesmo. Se tinha que ler um trabalho, ela lia o trabalho, ela criticava o trabalho, ela analisava o trabalho, ela aprovava ou reprovava, corrigia, voltava a ler. Então, ela realmente foi uma pessoa assim, extremamente aplicada em tudo que fazia. Ela era caprichosa, ela era detalhista, ela se estendia demais. Eu acho que dentro de certas limitações, eu fiquei muito amigo da professora. Nós tivemos esse contato. Eu fiquei de 72 à 76, eu acho. 73 até mais ou menos 76. Em 75, eu estava na diretoria e eu fui escolhido para ser reitor da Universidade Federal de São Carlos. Eu fui para lá, era uma universidade, naquele tempo, muito pequena, estava absolutamente no começo, foi o que me seduziu, o que me agradou para fazer esse desafio, porque eu estava podendo implantar as coisas como eu estava imaginando que elas deviam ser.

GVC: Era uma universidade pequena mas já estava se despontando ou não? Já tinha alguns centros se formando?

LEM: Não, não era. Ela tinha quatro anos de funcionamento e muito precário, muito limitado. Quem abriu a coisa fui eu, realmente. Fui eu que criei cursos, aumentei, construí, porque isso eu trabalhei duro para construir aquela universidade. E uma das coisas que eu fiz foi pedir a colaboração de várias pessoas e da Carolina. Ela foi dar um curso de psicologia na universidade, ela tinha uma moça que ficou estudante dela, para fazer doutorado.

GVC: A Deisy¹¹³

LEM: A Deisy, ficou lá com ela. Ela ia toda semana para lá e abrimos, ela participou disso, ela me ajudou nisso, abrimos a primeira pós-graduação lá, a segunda, na verdade, mas a pós-graduação na área de educação, que eu fiz em colaboração com a Fundação Carlos Chagas, que tinha um bom grupo de teóricos e que faziam pesquisa nessa área. Então, eu não podia usar outra universidade, mas eu peguei o pessoal, eu fui presidente de banca da Fundação desde a origem, durante mais de dez anos. Depois eu era do conselho da Fundação. Conselho Fiscal. Eu ajudava lá a referendar os balancetes. Então, eu levei a Carolina, ela colaborou comigo, sofreu até um pequeno acidente de carro. Uma vez que ela chegou lá, o carro deu uma batida, sei lá. Ela se machucou, foi parar no hospital, a Deisy que levou, eu fui ver, mas eu convidei a Carolina para me ajudar.

GVC: Mas a ideia do convite feito a ela era para fazer exatamente o que? O senhor se lembra? Qual era a intenção do senhor? Montar o curso de psicologia?

LEM: Não era montar, mas tinha psicologia na área de educação. Então, ela orientava o curso, ela era responsável pelo curso. Ela dava aula ou orientava a Deisy que dava as aulas e ela devia dar aulas.

GVC: Na educação?

LEM: E ela colaborou comigo na elaboração da implantação da pós-graduação em educação especial, que não é pouco.

¹¹³ Ver entrevista com Deisy das Graças de Souza, página 182.

GVC: Sim, outra coisa que eu queria perguntar para o senhor é sobre o Bento Prado.

LEM: O Bento Prado, eu contratei. Está certo? Eu contratei, trazendo do exterior, sem perguntar ao conselho de segurança nacional. Eu tinha condições de fazer essas coisas. Eu nunca tive gente do SNI¹¹⁴ no meu gabinete, como os outros reitores. Você tinha o assessor especial de segurança, eu não tinha. Então, fiz isso, não dei satisfação e não me importunaram. Como contratei gente que vinha da Rússia para matemática, um cara da estatística, tinha feito uma universidade que todos os exilados fazia lá na Rússia. Também ninguém veio me aborrecer. Eu era respeitado. Sabe por que? Por que eu era da SBPC. Eu era secretário e o governo não queria problema. Quando teve esse episódio, eu ainda era, estava no fim do mandato de secretário geral. Eu ia fazer a reunião no Ceará. O comandante da 4ª região militar proibiu a reunião no Ceará. Eu tinha feito uma em Pernambuco, com muito sucesso, muito sucesso.

GVC: Dava muita gente?

LEM: 10 mil pessoas, 10 mil pessoas. Era a válvula de escape. Era onde todo mundo podia falar. E nós fazíamos mensagens para vários órgãos do governo, reclamando, cobrando, aprovado em assembleia geral, que era a maior coisa que nós fizemos foi a primeira reunião em Brasília, quem diria, em frente ao governo. Fizemos uma reunião lá na Universidade de Brasília e foi tudo absolutamente tranquilo, aceitaram. Então eu tinha um trânsito muito bom no governo. O professor Salas¹¹⁵ tinha um trânsito, a Carolina, todo mundo, nós tínhamos um trânsito muito bom no Governo Federal. Respeito mútuo. A gente não exagerava, não provocava, mas era respeitado. Então, o presidente Geisel¹¹⁶ mandou me chamar. O Ney Braga gostava muito de mim, ele fazia assim com a mão: “Edmundo, pelo amor de Deus, transfere essa reunião para setembro que nós garantimos a realização”. E eu falei: “Ministro, eu não posso fazer. Os sócios me matam. Matam o Salas, eu não posso...” “Não, mas vocês precisam... Nós garantimos, setembro nós garantimos” Eu não sei quando é que foi, mas eu acho que trocou lá o ministro do exército. Então, íamos tentar fazer a reunião, mas tivemos que deixar porque não era possível fazer lá. Tínhamos uma proibição, estava vetado. Então, consultamos a USP e o reitor da USP falou: “Eu não posso, eu tenho dois assessores de segurança aqui que falaram para não fazer, não deixar fazer na USP”. Fomos na PUC e fomos acolhidos entusiasmamente e imediatamente, sem pestanejar. Eu acho que era uma reitora, na época. Era uma reitora: “Pode fazer” e entregaram a PUC para nós. Foi muito festejado o começo dessa reunião. A Fafá de Belém estava por Então,, cantava o hino nacional, junto com o Salas. O Salas foi capa da veja, o presidente da SBPC. Então, a gente conseguiu fazer essa reunião. Como é que chama o secretário de segurança daquela época? Era um

¹¹⁴ Secretariado Nacional de Informação, organismo criado para apoiar o governo militar.

¹¹⁵ Oscar Salas (1922 – 2010), graduou-se em física no ano de 1943, pela Universidade de São Paulo, tornou-se professor assistente da cadeira de Física Geral e Experimental logo em seguida. Tornou-se chefe do Departamento de Física Nuclear nos períodos 1970-1979 e 1983-1987. Também foi presidente da SBPC e diretor científico da FAPESP.

¹¹⁶ Ernesto Beckmann Geisel (1907-1996) foi o quarto presidente do regime militar. Seu governo foi marcado pelo início da abertura política.

professor militar. Ele era o secretário de segurança. No último dia, ele invadiu. Erasmo Dias¹¹⁷. O Erasmo é um doido varrido. O Erasmo é um loucão, um cara totalitário, com ódio no coração. Era um idiota.

Ele invadiu, prendeu gente, acho que machucou, foi muito chato, foi muito desgastante isso. E eu já não era mais, eu tinha terminado meu mandato naquela reunião, eu encerrei o meu mandato e só voltei mais tarde, na gestão do Pavan. Eu tornei a me candidatar e me tornei secretário geral. Alguns anos depois quando o Pavan foi eleito e a Carolina, quando eu entrei, a Carolina já era Vice-Presidente. Ela tinha sido secretária no meu lugar, secretária geral e depois ela passou a vice-presidente. E eu fui. Mas então, como eu te contei, eu levei a Carolina para São Carlos. Ela ficou lá uns dois ou três anos, enquanto eu fui reitor, depois eu não sei o que aconteceu, acho que ela saiu, a Deisy continuou, tinha um vínculo com ela.

GVC: Já tinha formado um grupo também?

LEM: Tinha formado um grupo, a coisa cresceu, etc. Então, eu acho que eu prestigiei muito a Carolina. Reconhecia a participação dela, a importância dela.

GVC: Ela levou outras pessoas para lá também?

LEM: Provavelmente, eu não me lembro mais, mas o que eu queria te contar, mais tarde, quando eu estava em São Carlos ela levou, ela levou algumas pessoas que foram muito importantes. Quando eu estava na reitoria em São Carlos, a academia da aeronáutica de Pirassununga (Academia militar de aeronáutica de Pirassununga) tinha um desafio. Ele convidava muito a Federal de São Carlos, tinha um convênio que dava certos cursos e um atendimento para isso. E eles nos pediram para fazer uma avaliação porque os alunos estavam tendo dificuldade no aprendizado de pilotar aviões grandes. Começavam com pequeno e quando tinha um avião a jato, não sei o que, tinham muita dificuldade. E a Carolina que me indicou uma pessoa, que eu não me lembro o nome agora, mas um homem que ele era especialista nessa coisa. Então ele deu um atendimento na academia para treinar os pilotos que deviam perder o medo. Eles tinham, realmente eles tinham medo (os estudantes) de que o avião cEntão, sse, perdesse o controle. Eu acho que eles voavam sozinhos.

Então, de qualquer forma essa foi uma participação, uma ajuda que a Carolina deu para resolver esse problema e nós atendemos a Academia militar de aeronáutica lá em Pirassununga, para treinar os alunos, fazer um levantamento da situação, fazer um diagnóstico do problema. Então, foi interessante. Eu deixava, ela resolvia. Não era da minha especialidade, que eu estava tratando de outras coisas. Então, eu acho que eu fiquei muito agradecido e contente. A Carolina colaborou bastante comigo e eu confiava nela. Sempre tive interesse em desenvolver com qualidade a área de educação. Eu achei que o que eu encontrei lá, quando eu cheguei, não tinha o padrão que eu desejava. Então, por isso que eu chamei a Carolina para dar um levantamento, dar uma melhorada. Era uma coisa complicada, principalmente a área de educação. E eu acho que eu deixei coisas extraordinárias

¹¹⁷ Antônio Erasmo Dias (1924 – 2010) foi secretário da Segurança Pública durante o governo Geisel. Era identificado como um militar da chamada linha-dura.

no tempo que eu passei nessa reitoria. Todos os departamentos melhoraram, eu só contratava doutores, química melhorou, computação melhorou, engenharia. Eu criei muitas engenharias, engenharia melhorou, psicologia melhorou com a Carolina. Terminado a minha participação, a minha atividade em São Carlos, eu voltei para São Paulo e realmente você muda a cabeça, muito trabalho burocrático, eu continuei um pouquinho dando aula, mas depois eu acabei sendo diretor do instituto e fiquei e gostei da parte de administração e me aposentei.

GVC: Mas o senhor teve alguma coisa com ela no IBECC?

LEM: Foi por causa do Salas. O Salas era presidente e ela foi convidada. Eu e ela. Nós éramos amigos do Salas, nós dávamos uma assessoria pro Salas lá no IBECC. Eu acho até que ela mais do que eu, mas a minha mulher, ela estava interessada numa pesquisa e ela desenvolveu. O Salas pediu e ela ficou lá desenvolvendo uma pesquisa junto com outros professores e a Carolina já participava. Ela eu acho que era da SBPC. Eu não sei se foi nessa época que eu voltei para SBPC no mandato do Pavan. Não me lembro exatamente qual foi o ano, mas é verdade que ela participou do IBECC.

GVC: Mas vocês faziam alguma coisa juntos ou eram coisas diferentes e de vez em quando se esbarravam?

LEM: Não, não, era mais um pouco de administração. A gente se encontrava e seguramente a gente discutia as coisas que podia ser feitas. Mas, eu tenho essa imagem da Carolina. Um profissional muito dedicada ao seu trabalho. Com uma dedicação exagerada com os alunos, os doutorandos e os mestrandos dela, os alunos que estavam se especializando.

GVC: O senhor lembra de coisas que ela falava sobre eles?

LEM: Olha, alguns anos eu fiquei junto com ela na diretoria. Então, tinha um contato fora. A gente ia quase que todo dia, meia hora, uma hora, duas horas para trabalhar na SBPC. Eu tinha que dar ordens, mandar o secretário lá executar isso e aquilo, o funcionário, não? E a Carolina ia também: “Tem que fazer um ofício não sei para quem. Tem que fazer não sei o que...” e a gente estava sempre junto trocando ideias, acompanhando. Então, o meu contato com Carolina foi grande, foi bastante e tanto é que eu não teria convidado para São Carlos se não aprovasse o comportamento dela. Eu gostava das coisas da Carolina. Uma pessoa muito séria, muito distinta, muito reservada. Eu cheguei até a ir uma ou duas vezes, eu acho, uma vez na casa dela pelo menos com certeza eu fui, fazer não me lembro o que.

GVC: É, isso era coisa rara, porque geralmente as pessoas falam que não tinham este tipo de contato com ela. Era mais profissional mesmo.

LEM: Mas eu tenho certeza que a Carolina também tinha estima por mim, eu não tenho dúvida porque quando ela ficou na presidência e eu estava fora, às vezes me requisitava. “Edmundo, tem que resolver esse problema. Só você é capaz de fazer. Você dá um jeito. Você é habilidoso”. Eu sou mineiro. “Você leva as coisas no papo, minimiza, não quer encrenca”. E ela me chamava para apagar incêndio. Então, eu acho, vou te dizer uma coisa que é muito grave. Eu acho que a universidade de São Paulo, ela tem altos e baixos. Se você quiser, eu acho até que uma medicina, uma faculdade de

medicina tem um aparato para formar médico excepcional, que eu duvido que deva qualquer coisa para outra universidade. Pesquisa de alto nível, desenvolvimento científico positivo. Eu estava te falando, eu estava te falando que se você tem coisas muito boas, você tem algumas áreas que não se desenvolveram suficiente e não tem uma produção muito grande. Eu vi que na sua exposição inicial você falou que a Carolina é uma pessoa que publicava pouco.

GVC: Nos anos 50 e comecinho dos 60 tem alguma coisa. Mas a partir daí, é mais difícil encontrar.

LEM: Eu até entendo muito bem. Primeiro, eu acho que psicologia, infelizmente, ela foi uma área, e não sei hoje como está, mas seguramente ela foi uma área que não tinha o desenvolvimento, a qualidade necessária dentro da USP. Então isso é grave. E é responsável porque as pessoas também não se desenvolvem lá dentro. E eu considero que as limitações, que as eventuais limitações da Carolina são decorrentes daquele ambiente que você não pode superar sozinho. Você precisa forças maiores, você precisa trazer gente de fora, você precisa ter um reitor ou um diretor que tome a peito essa tarefa. Então, você tem problemas institucionais e que a responsabilidade não é dela. Então como eu te disse, eu acho que ela como profissional, ela foi extremamente dedicada, ela foi extremamente honesta, investiu, procurou trabalhar dentro da filosofia dela com certas limitações do que forneceram para ela. Ela tinha uma visão, era uma pessoa muito tranquila, eu acho. Ela demonstrava uma certa tranquilidade. Ela encarava as coisas, ela procurava estudar, ela procurava avaliar, mas ela queria que os alunos fizessem pesquisa, ela se apegou ao problema da metodologia, ela incentivada muito o desenvolvimento dessa área, mas ela mesma ficou tão assoberbada de trabalho causa alunos e a sociedade de uma certa forma que não permitiu que ela desenvolvesse mais. E uma frustração, eu acho que foi uma injustiça não terem aprovado a Carolina na livre-docência.

GVC: O senhor sabe por quê?

LEM: Não, não sei. Eu acredito que tenha um fundo político. Eu acredito que tenha um fundo político. Mas eu posso te dizer que eu achava a psicologia, (isso não quer transparecer, eu espero a reserva que você faça dessa entrevista, que eu preciso te explicar) era fraca. A gente identificava isso com absoluta clareza, tá. Problema de qualidade você detecta com uma certa facilidade. É só você pensar um pouco, prestar atenção um pouco que você fala: “Putz”

GVC: O senhor consegue me dizer o que é que tinha na psicologia? Como era, o que é que acontecia...

LEM: Olha, eu conhecia pouco. Eu sei que a psicologia, originariamente, começou com duas professoras. Annita Cabral e uma senhora morena, não me lembro o nome, mas eu sei que elas não se davam. Tinha escolas diferentes e eu acho que deve ter se aposentado cedo, uma delas. Era psicóloga mas não era da psicologia, a outra era e provavelmente a outra se manifestava em desacordo, brigava na congregação, qualquer coisa assim que eu não participava disso. Eu era muito jovem para dar palpite, mas eu acho que não foi muito feliz, pelo menos, não sei hoje, donde a PUC ter mais cartas do que a USP, na psicologia. A PUC era considerada uma boa escola, um bom curso de psicologia.

Superou o da USP. Eu acho que a Carolina tinha limitações nessa área de psicologia, embora ela tinha aprendido bastante com esse americano que você lembrou o nome. Eu até cheguei a conhecer, ele veio para São Paulo.

GVC: É ele fez uma palestra, acho que de abertura, na SBPC, tem artigos dele na Ciência e Cultura. Mas na opinião do senhor, o que não teria acontecido se ela não existisse.

LEM: Olha, eu vou fazer uma hipótese porque eu não tenho dados e não é um problema que tenha me atraído, mas com todo carinho que eu tenho pela Carolina, respeito, eu acho que dentro da psicologia, a Carolina era uma ilha e acho que ela não tinha um grande entrosamento dentro da instituição. E ela procurou, com habilidade, desenvolver e fortalecer a sua posição. E ela fez uma bandeira de desenvolver a pesquisa.

GVC: A posição de?

LEM: Liderança, de liderança. Então, o que ela fez bem: acolheu todos os alunos que a procurava, que quiseram e ela acolheu muito bem e se dedicou a esses alunos. Um grupo de apoio não institucional, mas dentro da instituição, um grupo muito grande, que confortava, que dava alento e que dava condições para ela continuar a fazer o que ela fazia. Então, ela lia os trabalhos, talvez teses, eu não sei exatamente se ela orientava tese ou não, eu não sei, mestrado ou doutorado.

GVC: Mestrado e doutorado.

LEM: Pois é, então, eu acho que ela fez com o conforto dos alunos, com o apoio dos alunos e alguns docentes em torno dela, como a Maria Amélia, que foi aluna dela. O pessoal tinha respeito. E eu acho que ela se dedicou a um trabalho na sociedade, tudo na SBPC, onde ela militou e com um grande êxito, que, como eu disse, ela chegou a ser presidente da sociedade. De um modo que, ela devia ter, dentro da concepção dela, uma certa ideia da ciência, do desenvolvimento científico, etc, porque liderar a SBPC precisa, tem que defender certas posições. Ela, eu não me lembro mais, ela tinha que fazer pronunciamentos que eram da nação, eram divulgados, não era restrito a uma sala de conferencia. Jornais, entrevistas, então, ela foi uma figura que eu acho que era importante. Ela teve uma bandeira que era muito forte. E perseverante. Ela trabalhou a vida inteira e se apoiou, se recompensou, por desentendimentos, eu acredito, falta de entrosamento.

GVC: Eu não sei se a pergunta é boa, mas ela fez inimigos? Teve gente que discordava, tinha essa coisa política de “Eu discordo, não vou com cara, eu prefiro...”? Tinham pessoas que eram contra ao que ela fazia?

LEM: Olha, eu acho que era uma cisão lá dentro. Eu tenho impressão que não mexiam com ela, mas não aceitavam.

GVC: Na SBPC também?

LEM: Não!

GVC: Na USP?

LEM: Dentro da Psicologia. Porque normalmente você tem professores, assistentes, todos falam uma mesma linguagem, certo? Todos lá se entendem, mas lá, eu acho que havia um divórcio

entre a psicologia experimental e o resto da psicologia. Tem um moço que trabalha com formiga, abelha, como é que chama? Ades¹¹⁸?

GVC: Ades! Cesar Ades

LEM: Que eu acho que é um cara que é produto, tenho a impressão de que ela ajudou muito. Eu acho que ele pode dar informações. Eu fiz uma coisa, assim, superficial, certo?

GVC: E na SBPC? Como era o apoio que ela tinha lá dentro?

LEM: Eu acho que a Carolina sempre foi muito bem vista. Ela era uma pessoa de muito cuidado para externar opiniões, sabe, ela era uma pessoa bastante reservada, uma pessoa bastante reservada, principalmente a sua privacidade. Era intocado, tá. Ela era uma pessoa, também bastante presente nas urgências, nas necessidades, nos agravos. Ela era uma companheira. Então é uma pessoa conhecida, ela tinha uma grande popularidade, indiscutivelmente, indiscutivelmente. Ela tinha atitudes, ela foi uma pessoa sempre atuante, tinha muita penetração, ela falava com autoridades, tanto dentro da universidade como fora, governador do estado, ministro, etc. Ela tinha condições intelectuais para enfrentar, reivindicar, discutir. Então, eu acho que é uma pessoa, não foi isolado, mas ela se apoiou nos subordinados, sem ser necessário apoio dos iguais ou dos superiores.

GVC: Mas os iguais pelo menos dentro da psicologia?

LEM: É, exato. Ela cativou todos os alunos. Ela é uma pessoa dedicada. Você respeita isso. Você respeita, o aluno tem uma percepção muito grande: “Não, eu vou falar com a Carolina” e ela recebe, e ela te dá a resposta e os outros fogem, não dão. Então, eu acho que daí vem a coisa que ela se tornou conhecida. Entendeu? Um comportamento claro, uma linha que eu acho que foi examinada, avaliada, que eu acho que foi assumida por ela conscientemente. Ela não era uma louca, ela não era uma... ela quando fazia uma coisa, ela sabia o que estava fazendo. Agora, foi pesquisadora? Eu não acredito que tenha sido. Pouco, muito pouco.

GVC: Para o senhor, ela foi mais uma administradora do que uma pesquisadora?

LEM: Incentivadora é melhor. Incentivadora. Tá certo? Ela tinha uns alvos. Como quem diz: “Siga esse caminho que eu não segui mas você vai alcançar”.

GVC: Ela não fez pesquisa mas incentivada pesquisa?

LEM: E muito, não? E segura. Ela foi um estímulo de várias gerações que passaram por ali. Disso eu não tenho a menor dúvida e nucleou um grupo de amigos lá dentro que eu acho que tão fora do poder, mas que ficaram em torno dela. Então ela era um corpo estranho dentro da psicologia, na minha avaliação. Se é correta eu não sei, fica claro isso! Eu não sei, apesar de ter convivido com ela tanto tempo, porque ela preservava demais a sua intimidade, nunca discuti nenhum problema pessoal dela com ninguém e muito menos comigo, apesar de eu me considerar amigo dela. A gente conversava, conversava sobre a SBPC, sobre a política. Ela não falava dela e eu não falava de mim.

¹¹⁸ César Ades (1943 – 2012), psicólogo, professor do Instituto de Psicologia da USP, foi diretor do Instituto de Estudos Avançados da USP, fundador e vice-presidente da Sociedade Brasileira de Etologia. Trabalhou na área de etologia, comportamento animal e cognição animal.

Era assim. Esse era o modelo, mas tivemos um contato, um convívio bastante intenso, de solidariedade, problemas comuns, enfrentar, de cooperação. Onde eu fui, eu a convidei. Isso é uma prova patente que eu gostava, que eu admirava, que eu respeitava, que eu confiava. Eu queria o apoio. Ela tinha boas ideias, ela tinha um sentido de melhorar as coisas e eu queria que ela me ajudasse a fazer, porque eu também tinha e tenho até hoje, entendeu? Acabou!

APÊNDICE E – Walter Hugo de Andrade Cunha

Entrevista com o professor Walter Hugo de Andrade Cunha, realizada no dia 27/01/2012, às 21h30 minutos, na residência do entrevistado, em São Paulo (SP). Estava com sobrinhos em casa, que haviam perdido o pai e vieram ao Brasil para o enterro. Receptivo, não demonstrou nenhuma hesitação em participar da pesquisa e responder às perguntas.

“Ela, assim, como professora ela não era tão fluente, nem como orientadora. Era mais como administradora mesmo. Sabia mandar, fazer o povo... e estimular também”.

Walter Hugo de Andrade Cunha: Olha, o meu primeiro contato com ela foi como aluno. Em 1953 eu entrei na faculdade de filosofia para fazer o curso. Naquele tempo não havia curso de psicologia, mas a metade do curso de filosofia era de psicologia. Tinha psicologia em todos os anos. Desde o primeiro até o último, desde que a pessoa no último ano escolhesse algumas matérias optativas da psicologia. Eu, na verdade, entrei para fazer filosofia e ao sair de lá eu fui convidado tanto pelo Cruz Costa¹¹⁹. Fui sondado por ele para ver se eu queria trabalhar com ele com história da filosofia (e eu gostava muito) e psicologia. Eu preferi a psicologia, o campo. Mas a Carolina foi minha professora. O professor Dante se encarregava de umas aulas de Psicologia Diferencial. A Carolina se encarregava de Psicologia Experimental, algumas aulas, e a professora Maria da Penha Pompeu de Toledo¹²⁰ dava Psicanálise e que mais? Acho que foi só. Educação a gente só tinha quando entrava no quarto ano.

Eram duas cadeiras de psicologia. Cadeira de Psicologia do curso pertencia a sessão de filosofia. O primeiro titular dela foi o professor Jean Maüguê¹²¹, era um filósofo. Ele dava aquelas aulas eruditas, mas de um ponto de vista filosófico. Depois, a doutora Annita se tornou assistente dele e ficou respondendo pela cadeira. Ela fez o doutorado nos Estados Unidos na *New School of Social Research*. Ela fez com os Gestaltistas. Parece que o orientador dela foi o Wertheimer. Michael Wertheimer que foi o fundador da Psicologia da *Gestalt*. E ela, depois, contratou o Otto Klineberg¹²², que era psicólogo social para responder pela cadeira por uns tempos. Houve uns outros

¹¹⁹ João Cruz Costa (1904 – 1978), filósofo, catedrático da Universidade de São Paulo, seguidor do positivismo de Auguste Comte. Foi afastado da universidade pelo governo militar em 1966. Recebeu o título de doutor *honoris-causa* da Universidade de Rennes (França). Ao lado de Lívio Teixeira, foi o principal responsável pela criação do Departamento de Filosofia da FFCL da Universidade de São Paulo.

¹²⁰ Maria da Penha Pompeu de Toledo (1914 – 1971), conhecida como Talita, psicanalista, trabalhava com crianças. Foi assistente da cadeira dirigida por Noemy da Silveira Rudolfer na USP.

¹²¹ Jean Maüguê (1904 – 1991), filósofo francês, chegou ao Brasil no início de 1935 como membro da missão francesa para organização dos cursos das áreas das humanas da recém criada Universidade de São Paulo.

¹²² Otto Klineberg (1899 – 1992), psicólogo canadense, foi contratado para a cátedra de Psicologia dos cursos de Filosofia e Ciências Sociais. Ficou responsável pela cadeira de Psicologia de 1945 à 1947. Foi o catedrático que sucedeu Jean Maüguê e antecedeu Annita Cabral.

também, eu não me lembro exatamente quem, que era um professor de estatística, de psicologia experimental, também lecionou na cadeira. Mas ela geralmente respondia como interina e nunca fez a livre docência, segunda ela porque os seus adversários esperavam que ela fizesse o concurso para receber a cabeça dela numa bandeja. Eu acredito que ela estivesse certa, porque naquele tempo a rivalidade era muito grande. Se uma pessoa achava que ela era dona de um campo, ela não gostava que ninguém mais se intrometesse. Era uma época assim de muito personalismo, não? Era difícil tolerar.

Eu estou falando dos anos 53 até 56 quando eu me formei. A grande rival dela era a Noemy da Silveira Rudolfer¹²³. Ela tinha sido aluna da Noemy e acho que tinha sido assistente da Noemy na Escola Normal e a Noemy foi chefe da cadeira de Psicologia Educacional. Então, como eu disse, eram duas cadeira. Uma pertencia à sessão de Filosofia e outra à sessão de Educação. Depois elas se desmembraram, se tornaram autônomas. A cadeira, realmente teórica, era a cadeira da Dra. Annita. Era mais ligada à psicologia fundamental. E a Dra. Annita tomou mais providência, ela foi quem propôs o curso de psicologia e isso é uma coisa que a Noemy não perdoava. Que ela tivesse proposto o curso de psicologia. Era uma coisa. Ela dizia que em vez dela propor o curso de psicologia, que era prematuro, ela deveria se submeter ao concurso. E a dona Annita disse: “Eu não vou fazer isso porque eu vou entregar minha cabeça numa bandeja”. Porque quem ia compor, a presidente da banca ia ser ela, a Noemy, que já era catedrática. Então, a situação era essa.

A Carolina lecionava, dava aulas e eu me lembro de ter tido aula com ela na Alameda Glete, que eram umas salinhas no porão da Alameda Glete que pertenciam a cadeira de Psicologia. Eu gostei muito do curso da Carolina porque ela me mostrou que era possível fazer observação e fazer experimentação com a psicologia. Eu só conhecia a psicologia de falação, teórica, de filósofos, de reflexão. A Carolina nos fez fazer alguns experimentos, de nível de aspiração, de resolução de problemas. Eram tendências do pensamento e ela submetia os alunos àqueles experimentozinhos que eram, em parte, ligado à tese de doutorado dela, que eu não sei quando é que ela defendeu, não sei se você tem essa informação. Provavelmente alguns desses experimentos que ela fazia com os alunos, ela deve ter usado para testar alegações das discípulas de Kurt Lewin. Eram Tamara Dembo¹²⁴ e Zeigarnik, eram as discípulas de Kurt Lewin. Trabalhava com motivação. E era uma tentativa de verificar que quando uma pessoa não conseguia completar uma tarefa, ficava uma tensão, uma motivação que levava a pessoa, depois, na primeira oportunidade, a tentar completar essa tarefa. E aquilo era uma das coisas que eu achei interessante. Eu aprendia com a Carolina e ela não era de fala muito fluente. Era um pouco entrecortada, ela parava, pensava um pouco, falava um pouco assim aos arrancos, mas era uma pessoa séria, que lia, lia bastante, tinha bastantes livros em inglês, certo? Na

¹²³ Noemy da Silveira Rudolfer (1902 – 1980) foi responsável pela cadeira de Psicologia Educacional após a incorporação do Instituto de Educação à Faculdade de Filosofia. Em 1936 defende sua tese de cátedra, *A evolução da psicologia educacional através de um histórico da psicologia moderna*.

¹²⁴ Tamara Dembo (1902 – 1993), fez grandes contribuições tanto para a Psicologia aplicada quando para a Psicologia Experimental. Participou do desenvolvimento da teoria e dos processos experimentais que hoje fazem parte da Psicologia social. Foi aluna de Kurt Lewin e colega de Bluma Zeigarnik. Sua preocupação era investigar reações emocionais, como a raiva, do ponto de vista teórico de Lewin.

ocasião em que eu entrei na faculdade, eu trabalhava na CMTC. A CMTC era a Companhia Municipal de Transporte Coletivo, que foi extinta depois, eu acho que pelo Maluf, coisa assim. Era uma companhia que se encarregava do transporte municipal de bonde e de ônibus. Eu fazia Escola Normal, eu deixei de fazer a escola, o clássico, que eu deveria fazer o terceiro clássico, mas como eu fui com meu pai e meus irmãos para fazenda e acabei rompendo com meu pai, acabei vindo morar sozinho. Então pensei, “eu tenho que ter uma profissão para depois poder fazer o curso superior”, uma profissão que me permita fazer isso. Então resolvi fazer o curso normal. E ali eu fui convidado por um professor de psicologia que era chefe da sessão de seleção e formação profissional da CMTC para trabalhar na sessão de seleção profissional. Nessa sessão eu fiz uma pesquisa sobre a validade das provas de seleção que eles usam para motoristas de ônibus. Está publicado no boletim pela cadeira de psicologia. A Dra Annita aceitou que eu apresentasse isso como boletim e de fato fiz muito com a colaboração da Carolina, porque a Carolina que me andou emprestando livros de estatísticas, me dando algumas preleções sobre como fazer estatística e tudo. Então, nesse ponto ela era muito prestativa. Ela trabalhava numa rua ali perto da Maria Antonia, não me lembro agora o nome dela. Ela fazia pesquisa e trabalhava no centro.

Gabriel Vieira Cândido: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais?

WH: É, de pesquisas educacionais. E então eu entrei em contato com a Carolina para obter informações sobre essas coisas e, posteriormente também...

GVC: Mas aí o senhor já era aluno dela quando foi atrás para poder pedir ajuda para esse trabalho específico?

WH: Já era aluno dela. E ela foi muito prestativa. Depois, um outro trabalho que eu comecei a fazer, bem mais tarde, por volta de 64, 65. Eu fiz um ano de estudos pós-graduados nos Estados Unidos, mas eu não tinha curso de pós-graduação. E eles aceitaram aqueles cursos como valendo para pós-graduação para eu poder me habilitar a fazer o doutorado. Mas eu tinha que prestar exames para duas disciplinas subsidiárias e uma, não sei porque que escolheram, foi técnicas projetivas. E eu, lá na CMTC tinha introduzido por minha conta mesmo, a técnica da Karen Machover¹²⁵, não sei se você conhece. Desenho da Figura Humana. A razão pela qual eu acabei introduzindo aquilo é porque me parecia o modo mais fácil de entrevistar o sujeito. Ele começava contando uma história e tudo, eu perguntava qual era a semelhança que tinha com ele, ele se parece com você, e passava para o sujeito. E rapidamente ele me contava as coisas. Então, a gente ficava sabendo que ele bebia, que ele jogava, que ele era separado, que isso, aquilo, e acabava tendo uma porção de informações. Mas o que a gente queria mesmo era obter os traços de patologia mesmo. Cheguei a fazer um trabalho, a Machover esteve no Brasil e eu andei com ela um pouco e cheguei a mostrar uma parte do trabalho e ela me incentivou a fazer. E eu fiz um trabalho grande que comparava os desenhos de pessoas com nível

¹²⁵ Karen Machover (1902 – 1996), psicóloga estadunidense, foi uma grande conhecedora de métodos projetivos e desenvolveu um método de análise da personalidade conhecido como Teste da Figura Humana. Foi um dos primeiros psicólogos a trabalhar com psicoterapia de grupos com homens e mulheres. Também estendeu a terapia de grupos à crianças, casais e família.

sócio econômico elevado, que eram alunos de faculdade, cobradores de ônibus, que eram geralmente de um nível sócio cultural pouco elevado e os internados que eram mais do nível sócio econômico baixo. Então eu precisava discriminar o que era sinal de baixa cultura ou de alta instrução do que era patologia mental. Então eu fiz essa comparação. Eu usei a Carolina porque eu descobri que ela entendia do teste de Machover, que tinha trabalhado com teste de Machover.

GVC: Sim, ela tem alguns artigos com esse teste. Ela não tem muitos artigos, mas tem uns dois ou três que ela fala sobre esse teste. Alias, dois que ela fala sobre esse teste e um que apresenta resultados da aplicação desse teste. Em um grupo de Minas Gerais, Malacacheta.

WH: Malacacheta, é isso mesmo. Então, ela conhecia do teste de Machover e eu resolvi usar a Carolina como juiz, para ela poder me discriminar entre o que era o grupo A, o grupo B e o grupo C, o que era patologia.

GVC: Mas aí você já tinha terminado o curso? Já tinha terminado a graduação?

WH: Já tinha terminado a graduação e estava trabalhando como professor, como assistente.

GVC: Certo. E também nessa companhia de transporte?

WH: Trabalhava, fazia pesquisa. Eu sai da CMTC, mas eu continuei. Mas eu estava em tempo parcial ali, eu fazia pesquisa na CMTC. Trabalhava lá várias horas por semana, fazendo pesquisa. E achei muito interessante porque a Carolina entendia mesmo do teste de Machover e ela funcionou assim, ela foi capaz de discriminar, com grande porcentagem de acerto, quem era de um grupo, quem era do outro, o que era patologia mental ou não. Isso daria uma publicação de um boletim e eu entreguei em mãos para a Odette Lourenção Van Kolck¹²⁶, que era presidente da Sociedade de Psicologia de São Paulo: “Odette, você quer publicar isso como um boletim. Você dá uma olhada” Depois ela disse que nunca recebeu, escondeu porque ela não queria concorrência. Então, ela nunca publicou esse trabalho. Poderia ser usado como índice de patologia mental, que tinha uns traços bem definidos, me deu um trabalho enorme, estatístico inclusive. Mas, então, eu entrei na cadeira de psicologia e depois de pouco tempo a Carolina saiu. Ela, parece que foi despedida. E a dona Annita sempre foi muito silenciosa a cerca disso. Ela parece que tinha uma mágoa, mas o problema parece que foi com o marido da Carolina, não sei se você sabe disso. A Carolina estaria com o tal de Bori, que era um italiano. O nome Bori não era dela, era Martuscelli. A dona Annita passou um dinheiro grande para ele comparar um carro importado para ela. E não sei se devia ser um Alfa Romeo, ou coisa assim, mas ele comprou um Taurus para ela e ele teria embolsado, segundo Annita, uma boa parte do dinheiro. Ela soube que a Carolina e o marido, em um certo tempo, andavam em cassinos lá em Poços de Caldas, estava jogando e o marido dela se apresentava como um conde. Dona Annita chamou a Carolina e falou que não pactuava com aquilo, que ela sabia quem era o marido dela. Ou ela se separava ou ela saia. O fato é que Carolina saiu e, posteriormente, não sei quanto tempo depois, a

¹²⁶ Odette Lourenção Van Kolck, cursou Pedagogia, a partir de 1942, na Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras da USP. Terminando o curso, foi convidada a trabalhar como professora assistente na cadeira de Psicologia Educacional. Integrou a equipe que elaborou a lei 4.119/62 que regulamenta a profissão e formação do psicólogo. Sua área de interesse na Psicologia era a avaliação Psicológica.

Carolina acho que se separou dele ou ele dela, não sei. Mas não viviam juntos. Ela tinha um filho com ele.

WH: Naquele tempo que eu entrei, tinha um instrutor voluntário que era o Isaias Pessotti, que já trabalhava com abelhas. Tinha o Dante Moreira Leite que era o primeiro assistente e tinha a Carolina Martuscelli Bori. Não sei se a Carolina que era a primeira assistente e o Dante ficou com o lugar dela e tinha a Penha, que era contratada mas não sei se era só docente voluntária ou qual era a relação dela. Maria da Penha. O fato é que o Dante depois foi para Rio Claro, também. Recebeu oferta de chefiar Rio Claro. Não sei se foi quando a Carolina foi para Brasília.

GVC: Ela voltou antes para USP? É que eu não sei exatamente quando ela saiu de Rio Claro. Ela saiu de Rio Claro em 60, 61 ou no máximo em 62, porque parece que ela ia de Rio Claro para São Paulo para assistir as aulas do Keller, em 61. Então, talvez em 61 ou 62 ela voltou para USP. E ela foi convidada para Brasília, ela foi para lá em 64.

WH: Eu sei que eu me lembro que eu fiz o meu doutorado. Em 67 eu defendi. A minha tese estava pronta em 66. Eu estive nos Estados Unidos em 60 e 61. Em junho de 60 até junho ou maio de 61 e quando eu voltei, eu passei a me encarregar da parte de laboratório de psicologia experimental II. Eu fui para os Estados Unidos para me especializar em psicologia experimental, para o meu retorno poder me encarregar do ensino prático da disciplina. Não se falava em Keller, não se falava em outro. A intenção era realmente chamar um professor estrangeiro para se encarregar da psicologia experimental e psicologia comparada, que não havia aqui no meio. Mas a dona Annita me fez viajar para os Estados Unidos para isso.

GVC: E a experimental que o senhor fez também era diferente da experimental da *Gestalt*?

WH: Completamente. Na Universidade de Kansas, que era uma universidade dominada em grande parte por cognitivistas. Por tolmanianos e por gestaltistas. Então eles tinham uma outra abordagem. Mas também tinha hullianos no meio e tinha um ou outro skinneriano. Mas Skinner era ainda estranho, começando ainda. Não se falava muito nele. Mais importante era Clark Hull¹²⁷, Spence¹²⁸, da linha do neo behaviorismo tradicional. Guthrie¹²⁹, falava-se demais. E Toman¹³⁰, também, que era a alternativa cognitivista naquela ocasião. Quando eu fui para os Estados Unidos eu já trabalhava com formigas. Na verdade, falar que eu trabalhava com formiga era meio esquisito, porque a formiga foi um acidente. Eu, na verdade, trabalhava com o que me parecia ser emoção. Quando você esmaga uma formiga numa trilha, dependendo da espécie de formiga, quando ela é

¹²⁷ Clark Leonard Hull (1884 – 1952), psicólogo estadunidense, inspirou-se nas teorias de Pavlov e Watson, propondo variáveis intervenientes entre um Estímulo e Resposta, como, por exemplo, a motivação. Descrevia processos de aprendizagem em equações matemáticas.

¹²⁸ Kenneth Wartinbee Spence (1907 – 1967) trabalhou em parceria com Hull e a grande parte de suas propostas teóricas para o behaviorismo é coincidente.

¹²⁹ Edwin Ray Guthrie (1886–1959) foi um filósofo, matemático e, posteriormente, um psicólogo behaviorista. Tornou-se conhecido pela teoria de tentativa única, não reforçamento e aprendizagem contígua.

¹³⁰ Edward Chace Tolman (1886 — 1959), psicólogo estadunidense, cuja teoria se enquadra nos pressupostos behavioristas, contudo, afirmando que a explicação do comportamento a partir da relação entre estímulos e respostas eram simples demais, já que o comportamento humano era intencional, dirigida por objetivos.

muito social, elas apresentam uma série de chilikues, elas tremem, caem da parede. Você conhece esse fenômeno, ne? Como se fosse desencadeada uma reação já feita, pré-programada da evolução. Só que eu mostro que não é assim. Se a formiga tiver alternativa ela não se perturba. E mostro que ela é, esse comportamento é grandemente afetado pela memória. E a emoção é um preço que se paga por ter memória. E se você não tivesse memória, não teria psicologia. Você teria que lidar só com pré-programado para as coisas. E o grande assunto esquecido pela psicologia é a memória. Então, o meu trabalho todo foi um trabalho no sentido de verificar se aquilo era emocional e tentar explicar aquilo.

Quando eu voltei, eu lá nos Estados Unidos me privei bastante de procurar informações sobre essa coisa porque a minha missão era de estudar psicologia experimental e aprender a montar um laboratório e eu aprendi com o jeito deles, que não era para trazer equipamento feito. Comparar as peças já, e tal, mas fazer os alunos fabricarem conforme o problema. Então, quando eu cheguei eu montei uma oficina, o Mario foi se encarregar da oficina e o Mario foi fazer alguns protótipos. Embora o Mario fosse chefiado pela Dra. Annita, ele estava subordinado a mim. Mario Guidi. Eu comecei a me encarregar do ensino de psicologia experimental quando surgiu um problema com o Domingos Valente, que lecionava psicologia comparada. Os alunos estavam insatisfeitos porque ele não dava psicologia comparada, ele dava fisiologia, e pediram uma solução para a coordenação dos professores que dirigiam o curso. Então, me indicaram para lecionar psicologia comparada. Mas eu ainda tive mais um ano encarregado dessa psicologia experimental. A gente dava para os alunos alguns experimentos para ele, retirados das revistas científicas da época (*Psychological Review, Journal of Experimental Psychology*). A gente retirava alguns experimentos que os alunos deveriam replicar e em seguida eles deveriam fazer um experimento original alterando um pouco aquele, mas baseado naquele que eles tinham visto. E o término do curso era produzir um artigo para ser publicado segundo as normas da APA. Hoje em dia isso seria pós-graduação, mas naquele tempo o pessoal fazia isso.

WH: Hoje você tem os livros de texto, certo? Naquele tempo não tinha. A gente mandava ler no original. O que eu mandava ler, por exemplo, mandava ler o Tolman, por exemplo, o livro do Tolman era um livro que eu adotava no curso. É o sistema do *Purpose Behavior in Animals and Men* era o livro de texto usado. E outros ne, que a gente usava.

GVC: Mas quando o senhor começou a montar esse laboratório de experimental, foi depois da vinda do Keller, foi depois, como foi? Quando foi o ano?

WH: Olha, quando eu cheguei, o Keller já estava na cidade universitária, porque o problema era o seguinte: cada cadeira da faculdade recebia alguma matéria do curso de psicologia, que foi criado com a condição de não criar ônus para faculdade. É um absurdo, mas foi criado assim. Deveria ser criado com os recursos que já existiam. Então, a Dra. Annita propôs a criação do curso, ele foi

aprovado, ficaram duas cadeiras com as disciplinas psicológicas e mais um curso de especialização que existia na nossa cadeira e era dada pelo Durval Marcondes¹³¹.

GVC: De clínica?

WH: De clínica, isso. Então, esse pessoal se encarregou da psicologia anormal, curso de Roscharch, e algumas disciplinas de psicologia do anormal. Mas então na psicologia educacional e a nossa psicologia que tomava conta das matérias. A dona Annita começou a providenciar a contratação de um professor inglês (Bartlet¹³²) que era para lecionar a psicologia experimental. Mas o Sawaya, o professor Sawaya era diretor da faculdade e ele conheceu umas alunas lá do curso de psicologia que, conversando com ele falaram que tinha um professor excelente lá em Columbia e resolveu contratar por conta dele, própria e passou por cima da cadeira de psicologia. Era um pouco próprio dele também. Eu sei que ele contratou o Keller e colocou lá. Porque não tinha lugar para ele aqui, certo? A gente não estava esperando ele. Na Glete era para vir o Bartlet, quando eu chegasse ia montar o laboratório. Quando eu cheguei o Keller já estava lá. Ai eu fui assisti alguma aula do Keller e me dava com ele, gostei muito dele, era uma pessoa fascinante, muito encantado com o trabalho que eu estava fazendo, a colonização, certo? Era muito interessante. Mas o Keller também foi embora e deixou o Sherman. Mas nós ficamos. No segundo ano a dona Annita dava o aquele manual, o *Handbook of Experimental Psychology*. Então aquele era o livro adotado no curso e eu me encarregava da parte prática. Na parte prática eu dava alguma coisa de percepção, motivação e aprendizagem. Posteriormente, os cursos da psicologia experimental do departamento se tornaram Psicologia da Percepção, Psicologia da Motivação e Psicologia Experimental, também, que era... que eles passaram a dar na linha do Keller, ne, que era o condicionamento operante. Então, voltando à Carolina. Eu devo ter... eu entrei no lugar do Dante, com certeza. O Dante foi para Rio Claro, não sei se no lugar da Carolina ou o que era e eu fui nomeado primeiro assistente, no lugar dele. Deveria dar Psicologia Experimental, dei durante alguns semestres e mais um semestre no ano seguinte. Depois eu passei para os meus colegas, que era o Arno e o Cesar Ades, que se encarregaram do curso. Nesse tempo a Carolina não estava lá.

GVC: Estava em Brasília?

WH: Estava em Brasília. Um dos motivos pelos quais a Carolina foi recontratada é que houve um movimento contra a Dra. Annita na congregação. Eles não queriam renovar o contrato se ela não fizesse o concurso de cátedra. Ela não estava com a tese pronta, eu ajudei a Annita a fazer a tese dela, que não chegou a terminar. Era compreensível porque era muita coisa. Desde que ela criou o curso de psicologia, era problema a todo momento que surgia. Parte profissional, quem é que vai se encarregar

¹³¹ Durval Bellegarde Marcondes (1899 – 1981), considerado um dos fundadores do movimento psicanalítico brasileiro. Criou um curso de especialização em Psicologia clínica no ano de 1954. Em 1927, fundou com Franco da Rocha, a Sociedade Brasileira de Psicanálise e escreveu ao próprio Freud para contar o fato.

¹³² Frederic Charles Bartlett (1886 – 1969), psicólogo britânico, professor de Psicologia experimental na Universidade de Cambridge, foi um dos precursores da Psicologia Cognitiva. Fez estudos envolvendo processos cognitivos e sociais do lembrar.

disso, quem é que vai encarregar não sei o que. Escrever para uma autoridade, escrever para outro. Receber gente que vinha de fora. A USP era a VADE MECUM do Brasil. Vinha gente do Brasil inteiro querendo saber como que fazia um curso de psicologia, que livros devia ter, o que que devia fazer, quem devia contratar, quem devia levar. Então, ela perdia um tempo enorme. Mas foi feito esse movimento na congregação, era para impedir que o contrato fosse renovado. Eu fiz um abaixo assinado na ocasião, argumentando que ela tinha criado o curso, que ela estava com as dificuldade de fazer o curso, etc, e que ela tinha méritos para continuar dirigindo a coisa. E para minha surpresa, a Carolina assinou. E o Rodolfo Azzi também assinou, o Dante assinou, eu procurei esse pessoal todo e eles todos “Não, dona Annita é muito importante” defendendo a psicologia, fazendo e tal. E eu acho que a dona Annita, em parte por gratidão e em parte por necessidade. Depois que eu fiz a minha tese de doutorado, a Dra. Annita achava que eu devia ter feito a livre-docência em primeiro lugar, mas eu não quis fazer porque ai eu fragilizava a posição dela, que ela era só doutora. Eu falava “Não dona Annita, eu não vou fazer porque...” era mais fácil mandar ela embora. Eu faço mais tarde. E achava que ia fazer em seguida, dois anos e tal. Mas ai veio aquela onda, começou pós-graduação. Ela resolveu abrir o curso de pós-graduação em Psicologia Social e Experimental e para parte de social ela pensou em umas contratações e na parte de experimental conversando lá, nos chegamos a conclusão de que seria ótimo trazer a Carolina, trazer o Rodolfo também. Mas depois veio aquele movimento de 68, da rebeldia dos estudantes, eles queriam acabar com a cátedra, queriam ter representação paritária, quer dizer o mesmo número de estudantes na direção dos departamentos e queriam extinguir as cadeiras, as cátedras. Queriam criar os departamentos, que era uma ideia simpática, eu acho uma ideia interessante porque o catedrático sempre foi uma pessoa importante demais, mas centralizadora demais, também. se o catedrático fosse bom, a cadeira dele era ótima. Mas se o catedrático fosse ruim, fosse uma pessoa enjoado, era difícil. Era muito difícil. Então, a gente, no geral, os professores e os assistentes todos eram a favor de criar departamento. E o nosso curso de psicologia tinha até uma coisa boa. Que ele tinha uma coordenação de professores que eram todos os departamento, todas as cadeiras que lecionavam no curso mandavam aquela pessoa que lecionava lá para essa reunião para resolver problemas de horário, de programa, de contratação, de verba de compra de material, etc. Então estava se criando um departamento. Mas com a rebeldia dos alunos, eles investiram contra os catedráticos e o único catedrático que nós tínhamos era o Arrigo. Então eles investiram contra o Arrigo e contra a Annita, que não era catedrática era interina. Catedrática interina.

GVC: E foi nesse ano de 68 que teve a reforma da educação, quando de fato eliminaram as cátedras, não foi isso?

WH: Eu acho que foi em 70. Era para ser em 68, era para ser antes. Mas ai o governo militar caçou uma porção de gente, fez aquele silencio todo, afugentou os estudantes, paralisou o movimento e fez uma reforma quase que imposta. Na verdade, a reforma dos militares foi uma tentativa de profissionalizar o estudo, em vez de ele caminhar como ele estava caminhando, para ser um núcleo de pesquisa, de fomento de pesquisa, de estudo, de investigação. Eles privilegiaram a formação

profissional. Então, a Carolina foi convidada e nós achamos muito bom. Eu, o Cesar Ades, o Arno e quem mais estava na cadeira naquele tempo, porque arejava um pouco, era uma ideia um pouco diferente, ela tinha estado em Brasília, tinha outras ideias. Foi muito interessante, a gente participava muito de conversa de como devia fazer os programas, os cursos, que matérias. E a Carolina participou de várias reuniões com a gente, a gente com ela. A dona Annita mesmo tinha um... tinha encomendado a Carolina que pensasse o curso de psicologia experimental. E nós fizemos isso em conjunto. Geralmente as reuniões eram na Alameda Gleite. Era interessante.

Esse curso de pós-graduação em Psicologia Social e Experimental, o mestrado e doutorado, ele começou em 67. Em 66 eu acho que já lecionei a primeira vez. Eu me lembro que a primeira matéria que eu lecionei foi instinto. Uma matéria chamada “Instinto”. Uma matéria de etologia que eu dava. Mas era um curso de psicologia social e experimental.

GVC: A Psicologia Experimental era bem aceita na USP? Na psicologia?

WH: A psicologia experimental? Na verdade, todas as nossas matérias da cadeira de psicologia tinha uma parte de experimentos, uma parte de práticas, ne, de laboratório. Mas uma parte ficou com Keller, ficou com o Rodolfo e parece que com a Carolina, também, parece que ela foi assistente. O Rodolfo eu sei que foi, a Carolina eu não sei se chegou a ser, mas ela andava lá com Keller. Quando nós fomos, em 68, nós mudamos para a cidade universitária, fizemos um pavilhão, conseguimos o pavilhão, fizemos o B-10, o bloco 10. Era o bloco destinado a acomodar a cadeira de psicologia. Então, já era cadeira de Psicologia Social e Experimental, a dona Annita estava organizando as coisas para ser dividida em duas. Uma cadeira de psicologia experimental e uma cadeira de psicologia social. Nós estávamos indo para esse nível quando houve o movimento dos alunos, ocuparam o pavilhão e exigiram a saída dela. Eles só voltavam à aula se ela saísse. Procuraram então, o apoio dos professores. É um episódio meio chato, ne, na vida, porque eu sempre fui muito grato à dona Annita, gostava muito dela, ela me influenciou demais. Nas aulas eu prestava muita atenção, procurava acompanhar o raciocínio dela. Porque ela levantava muito problema. Geralmente era utilizado a parte mental, a parte de experiência consciente, e tal, e de percepção e de reconhecimento. Acontece que eu trabalhei muito com ela, muito pesadamente, eu me encarregava de muitas matérias para que ela tivesse tempo de fazer a administração dela, que era muito pesada. Mas a dona Annita começou a ficar um pouco paranóica. Ela começou a se sentir um pouco perseguida inclusive pelos assistentes dela. Um dia, alguém esqueceu na cozinha um fogareiro aceso, ela voltou e já começou a achar que era um atentado. O Cesar Ades era meu orientando. Houve um tempo que eu comecei a trabalhar com aranha e o Cesar resolveu entrar nessa pesquisa e tomou para frente e acabou ficando o dono da área da... lá, um dia, nós estávamos lá no B-10, em volta era mato. Tinha até um pântano lá, perto da hidráulica. Tinha um terreno alagadiço ali na engenharia. Um dia apareceu uma *lycosa*¹³³, uma bruta de uma *lycosa* no corredor, ela achou que era um atentado, que tinham feito um

¹³³ Espécie de aranha.

atentado contra ela, coisa assim. Nessa ocasião, em 68, quando eu terminei a minha tese, eu fui influenciado outra vez pela Carolina, pelo Rodolfo e pelos que trabalhavam com eles. Naquela ocasião, a Carolina foi muito aglutinadora de gente de fora. Que isso ela tinha uma habilidade toda especial. De lidar com gente, e tal. Ela não era grande orientadora, acho que se você conversar com os orientandos dela, eles provavelmente vão lhe contar isso. Que eles tinham que se virar, ela não era capaz de resolver grandes problemas. Não sei se você conversou sobre isso.

GVC: Conversei com três orientandos dela até agora e não tem nenhuma reclamação. O que eles reclamam é das correções que ela fazia. Não era muito clara nas correções, nos comentários que ela fazia. A reclamação que eles fazem geralmente é essa. Que ela colocava uma interrogação e o aluno tinha que quebrar a cabeça.

WH: O problema da Carolina é o seguinte. No começo da carreira dela, ela era considerada uma grande pesquisadora. Quando ela foi para Minas, Malacacheta, quando ela foi pro centro de pesquisa, tal, ela era considerada uma grande pesquisadora. Depois a Carolina foi se tornando cada vez mais administradora, como a dona Annita. Ela conversava com as pessoas “Você vai dar isso, você vai dar aquilo e tal” e passou a fazer parte de sociedade, da SBPC e, então, a Carolina era muito habilidosa em fazer os outros trabalhar. Tinha um jeito todo especial: “Você faz isso para mim?” ai a pessoa fazia com gosto, certo? a gente fazia mesmo, com gosto. Eu gostava de atender. Mas a parte de pesquisa ela... ela deixou de fazer. Ela não era pesquisadora. Você não consegue apontar uma grande descoberta que ela tenha feito, não? Alguma contribuição grande, assim.

GVC: Ela teve uma importância na educação, com o Keller. Mas, de fato ela não tem nada escrito, não.

WH: Na área da psicologia experimental, ela se alinhou ao Keller. Ela era gestaltista e de repente ela aderiu à linha de análise experimental do comportamento. Então eu estava falando, em 1967 quando eu fiz a tese, eu achava que eu tinha descobertas, de fato, que era uma dificuldade muito grande pro pessoal da análise experimental do comportamento. E não entregava aquilo porque eu apresentava para um, apresentava para outro e eles diziam: “Não, eu acho que a gente seria capaz de explicar isso”, mas não me falavam como. “Não, mas que pessoa que, mesmo não conhecendo todo o argumento, eles já acham que estão com a verdade”. Mas o que que era isso? Eu achava aquilo meio fanático, certo? isso não é possível. Eu pedi para Carolina e pro Rodolfo para eles me indicarem as obras que eles achavam mais importantes para ler na análise experimental do comportamento e fui ler. Entre outras eu já conhecia o *Behavior of Organisms*, do Skinner eu já tinha lido. Já tinha estudado nos Estados Unidos, mas fui ler o *Contingencies of Reinforcement*, enfim, fui ler o tratado principal dele, o *Ciência e Comportamento Humano*. Peguei o livro do Keller, vários lá que eles me deram. Tudo lá que eles me deram, o arsenal, a Carolina tinha muito livro e ela me emprestou. E quando eu

tinha dúvida, eu ia perguntar para ela me esclarecer. Ela, a Maria Amélia, a Dora¹³⁴, o Rodolfo, o Mario Guidi, certo? Todos que eram skinnerianos, as vezes eu discutia ali. Eu pensei “vou tentar interpretar meus fatos dentro da análise experimental do comportamento”. E consegui explicar tudo. A explicação pela análise experimental do comportamento tinha uma vantagem. Eu fazia menos suposições, era mais econômica e me curava de uma tendência ao antropomorfismo e imaginar coisa da mente do animal e eu vi uma vantagem naquilo. De um dia para o outro eu aderi. Me tornei skinneriano também e quando a gente realmente adere, começa a acreditar em um movimento, vira religião. Quando levanta uma bandeira, se torna uma verdade. E passei a ser assim. Mas em pouco tempo eu percebi que não era Skinner que era importante. O que era importante era a etologia, era a observação, era a experimentação, mas era uma visão ampla para o que estava acontecendo no universo natural, na evolução. E o Skinner era muito importante pelo objetivismo, que hoje eu não sei se é uma virtude, porque o objetivismo também mata muita especulação que poderia ser útil e criativa. A física não poderia ficar só no observável. Ela tem que fazer inferências. Tem que ter teoria, também. Mas eu continuei unindo etologia e análise experimental do comportamento por alguns anos. Só que desde que eu me tornei skinneriano, eu não consegui produzir mais. E foi um custo entender porque. É porque ela já tem toda a explicação.

GVC: Não vou tomar muito tempo mais, é sexta feira à noite, vou deixar o senhor descansar, mas uma última pergunta. Como o senhor falaria sobre a contribuição dela, da Carolina Bori. Como o senhor falaria da importância dela ou se o senhor concorda com tudo que as pessoas falam, se o senhor concorda em partes, se o senhor não concorda.

WH: Olha, eu acho que a Carolina foi importante em incentivar, em estabelecer redes de ligações. Não há um estado no Brasil onde não haja pessoas que vieram conversar com a Carolina e foram influenciadas por ela na maneira de organizar as coisas.

GVC: Durante toda a vida ela agiu assim? O senhor acha que é uma característica que permaneceu sempre?

WH: Ela era uma pessoa que preocupada com que as coisas funcionassem, andassem direito. A ponto, às vezes, dela ser um pouco estrita demais. Algumas pessoas achavam que ela era ambiciosa, que ela era dominadora, que ela queria o poder, ne, tudo. Mas eu acho que ela era uma pessoa apaixonada pelo que fazia e ela queria que a ciência progredisse.

GVC: Tinha muita gente que não gostava dela? O senhor sabe?

WH: Os alunos de 68, da turma de 68, era uma turma muito rebelde, era uma turma que queria reformas as coisas, que queria tomar o poder de baixo para cima, não? Queriam começar pela universidade, modificar as coisas. Logo também perderam o entusiasmo, porque esse negocio de você fazer uma comissão paritária, você tem um departamento de doze membros, você colocar doze alunos

¹³⁴ Dora Selma Fix Ventura, graduou-se em Psicologia em 1961 na USP e fez mestrado e doutorado em Psicologia Experimental na Universidade de Columbia (EUA). Atualmente é professora titular aposentada do Departamento de Psicologia Experimental da IPUSP. Fundou o Laboratório de Psicofisiologia Sensorial da USP em 1968 para estudar mecanismos neurais da visão utilizando métodos comportamentais e eletrofisiológicos.

lá, daqui a pouco eles não sabem nem o que fazer, estão cheios daquilo, porque é uma conversa chata, administração, material, programa, reposição de aula, tal. O aluno logo está cheio daquilo. Então, logo eles se aborreceram com isso, mas naquela ocasião, os alunos achavam que a Carolina tinha ideias sobre o que se ensinava nas outras universidades, o que deveria ser ensinado, sobre pessoas que ela conhecia e achavam que ela realmente podia ser a chefe, organizar as coisas. Então, a dona Annita pessoalmente, achou que a Carolina e o Rodolfo tinham feito a cabeça dos alunos contra ela. Não me parece. Na verdade, eu acho que era um entusiasmo dos alunos pelo entusiasmo da Carolina. E o Rodolfo era brilhante. O Rodolfo era uma cabeça! O Rodolfo era uma coisa! você conversava com ele, a cultura dele! E quando o Rodolfo sentiu que a dona Annita estava achando que ele estava influenciando os alunos, ele se afastou. Nem mesmo contato com os alunos ele tinha mais. Então, no caso dele não era verdade. Agora, eu participei com a Carolina, aliado dela, numa tentativa de organizar o curso de psicologia, organizar o instituto de psicologia. Não era instituto, mas a faculdade que ia ser, de uma maneira que ela pudesse ser mais voltada para a ciência. Que nós sempre achamos isso, que não pode haver uma aplicação que preste sem uma ciência por trás. Se não houver ciência, não houver investigação, essa aplicação vai ser conversa de comadre como você vê por aí. Psicologia virou isso. São comadres. Da palpite na vida de todo mundo, o psicólogo que colocar a cabeça dele no lugar da cabeça dos outros. “Abandona a sua cabeça e põe a minha que eu estou certo”. E não há aplicação de um conhecimento verdadeiro. A própria psicologia desistiu de ser um sistema uno, ser ciência fundamental. Ela está muito voltada para aplicação, para essas coisas. Virou muito auxiliar da medicina, da educação. Nessa ocasião, o que houve? Quando os alunos começaram a pedir uma reforma para o curso de psicologia, é porque o curso de psicologia era uma bagunça mesmo. Ele foi criado sem condições suficientes para isso. Havia necessidades crescentes. Tinha que criar uma matéria de relações humanas, uma psicologia do mercado, psicologia disso e daquilo, você tinha que procurar professores e não tinha recursos para isso, não tinha recursos para fazer estágios e outras coisas. Então, algumas matérias eram dadas em duplicidade de uma maneira que irritava os alunos. Eles aprendiam a mesma coisa em várias matérias diferentes, com nomes diferentes. E as vezes essas matérias eram de propósito tornadas assim, parecidas, para poder contratar mais gente. Quando resolveram fazer a reforma universitária, eles decidiram que, para ser um departamento, tinha que ter no mínimo dois ou três doutores, acho que era três doutores, e um livre docente. Então, foi por água abaixo a pretensão dos alunos de acabar com esse mandarinato, essa coisa, sabe, da pessoa já vir com título, e tal. Eles queriam que fosse um departamento. As pessoas são criadas, ali se forma uma discussão, você faz uma assembleia para discutir as coisas. E nosso departamento funcionava desse jeito. Ele era um departamento democrático. Em grande parte, isso foi obra da Carolina. Ela, quando foi chefe, ela não tomava decisão sozinha. Ela reunia todo mundo e a gente discutia, e tal, e punha em votação e estendia. Se bem que uma vez ou outra, ela também fugia, ela também não cumpria. Ela tinha também as suas preferências. Por exemplo, eu me lembro que uma das decisões que o departamento tomou e foi uma proposta minha, era de convidar o Dante Moreira Leite para fazer parte

do nosso departamento porque o Dante era doutor e ele vindo para o nosso departamento, o Arrigo, como diretor pró-tempore, ele estava muito sensibilizado porque ele achava que nós, do nosso departamento éramos contra os catedráticos, certo? Então, ele ia dividir o nosso departamento em dois: Psicologia Experimental e Psicologia Social. A Psicologia Social não tinha doutora, ia ser tutelado por alguém do departamento dele, que ia ser o chefe. Que foi a Odette Lourenção. Então, eu propus: “Ah, vamos contratar o Dante. O Dante é uma pessoa culta.” Todo mundo gostava dele, ele foi meu professor, gostava muito do Dante. O Dante era realmente uma pessoa culta, arejada e capaz de ouvir e criticar também. E foi uma votação, o pessoal aceitou e a Carolina ainda vetou o negocio, nunca mandou. Eu penso que ela não queria dividir o poder com ele. Ou talvez tivesse as razões dela, eu não sei, certo? O Dante morreu também, não dá para saber o que ele teria feito, mas uma outra divergência que eu tive com ela foi grande, eu era vice chefe, de quando os alunos depuseram a doutora Annita, eles fizeram um departamento. A Carolina foi eleita chefe e eu vice chefe. Quando eles criaram o instituto de psicologia, coisa que nós não acreditávamos, eu e a Carolina achávamos que, nós máximo, íamos pertencer à faculdade de ciências humanas ou um outro lugar qualquer. No departamento de educação a gente não queria estar porque constava que era um pessoal muito reacionário. Era todo um pessoal de direita, um pessoal que perseguia comunista, então, a gente não gostava disso. A gente, naquele tempo era mais esquerdista. Depois, com o tempo, a gente vai aprendendo (risos). Mas o fato é que a gente achava que ia ou para ciências humanas ou para educação. Então nós fazíamos força para ir para as ciências humanas. Ou então, para biologia, que era o meu caso. Eu, por exemplo, achava que a psicologia taria melhor na biologia porque a biologia entendia mais de ciência. O pessoal realizava mais pesquisa, tinha mais verba, tinha mais possibilidade. Então, colocava a psicologia como ciência biológica. O ser humano é parte da biologia, e tal. Mas a gente percebia que realmente, o grande interesse do psicólogo é o ser humano. então deveria ser em ciências humanas. Agora, o Arrigo não. O Arrigo sempre defendeu que deveria ser um instituto separado porque não ficava bem em lugar nenhum. E o instituto de psicologia nosso foi criado pelo Eurípedes Simões de Paula¹³⁵, que nos confessou à Carolina, à mim e a outros professores que estavam presentes. Ele disse “não, nós temos que pegar esse pessoa e colocar num saco de gato. Eles brigam, eles vão ser sempre um saco de gato, então bota eles lá separado. Que onde eles forem vão fazer briga. Então, não vão colocar em ciências humanas, não.” E assim nasceu a ideia do instituto de psicologia. E foi boa. Nós éramos muito poucos professores, que a psicologia tinha nascido há pouco tempo e não havia tradução no Brasil, disso. Não havia nem público consumidor de coisa que se escrevesse. Então, a gente fazia força para que a psicologia fosse ou para ciências humanas ou para ciências biológicas. Mas o Arrigo achava que a gente queria era dominar o instituto. Não sei se a Carolina tinha essa ambição. Eu, pessoalmente, não

¹³⁵ Eurípedes Simões de Paula (1910 - 1977), advogado e historiador. Assumiu a Cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval na USP em 1936. Defendeu sua tese de ciências em 1942, com o título *O comércio varegue e o Grão-Principado de Kiev*. Foi Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP e Vice-Reitor da instituição. Também participou da criação do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, de grande importância na reforma universitária da USP.

tinha. Eu achava que o melhor lugar era aquele. Eu acho que não. Era realmente como a gente via e a gente não cogitava da possibilidade da psicologia ser um instituto separado porque não tinha massa crítica. Houve uma outra ocasião, duas outras ocasiões onde eu andei assim meio balançado com ela e com a Maria Amélia. Uma ocasião foi que, quando foi criado o nosso departamento, a Carolina estava de férias. Eu estava respondendo pelo departamento. Então falou assim: “Olha, vai ser... na semana que vai ai eles vão criar o departamento, tal, e já foi anunciado que a nossa chefe vai ser a professora Maria Jose Mondego de Moraes Barros¹³⁶” que era uma professora da escola de educação física. Parente do Valdemar de Barros e tal. Uma excelente pessoa, muito boa administradora, mas ela estava no fim da vida e estava por conta, porque tiraram ela do conforto dela e colocaram no meio do saco de gatos, também, ali. Então, eu falei com o pessoal: “Olha, vamos visitar a professora e manifestar a ela o nosso apoio, ela vem e vai ser a nossa colega, então vamos dar as boas vindas”. E fui pessoalmente, convidei algumas pessoas e fomos lá na casa dela e tal, fomos bem recebidos. E ela veio e fez uma reunião, mas nós tentamos uma estratégia. Nos achamos que ela poderia entrar no nosso departamento, ela lecionava matérias de social, e nós achávamos que ela poderia entrar no nosso departamento, criar o nosso departamento, dar condição e em seguida pertencer a outro departamento e escolher aquele departamento para ser chefe. Então, instalávamos os dois e não deixávamos um deles sendo tutelado pelo departamento do Arrigo. E quando eu falo nessa situação, você pensa “por que isso?” Mas basta ver o seguinte, que o nosso departamento continuou com 13, 15 pessoas durante anos, décadas, e o departamento do Arrigo foi 30 e tantas pessoas. E todos dando Roscharch I, Roscharch II, Roscharch III. Ah, tenha santa paciência. Criando matéria desse jeito, para poder justificar a criação. E conseguia! Quem é que não quer emprego, não? Todo mundo quer emprego. Então, a Carolina, quando ela voltou de férias, ela achou que estava errado. “Você não devia ter chamado a pessoa, nem tenta-la fazer ocupar os dois departamento”. Foi uma diferença, mas era uma diferença compreensível.

Uma das coisas que nós resolvemos e, nesse ponto ela foi influente, nós fizemos uma reunião sob o comando dela para saber nós perdemos a batalha da congregação. Não vamos ter mando nenhum. A professora Annita que tinha sido destituída, tinha sido contratada pelo departamento dele para dar mais um catedrático. Um professor tinha feito a tese de livre-docência, não tinha havido ainda congregação para reconhecer o título dele, mas o Arrigo já o colocou como uma pessoa com o título e já podendo votar e ele votou. Então, nós perdemos por um voto. Eu vim de Goiás, fui avisado assim, vim viajando dia e noite para poder chegar para votar porque diziam que um voto poderia decidir. E nós perdemos por um voto. Então, desde que nós perdemos a votação, nós sabíamos que nós não... íamos ter que comparar ração com nosso dinheiro, íamos ter que comparar rato com o nosso dinheiro, vamos passar apertado. Não íamos ter dinheiro para congresso, para publicação, para outras coisas, não? Os congressos continuaram. Acapulco, todas essas cidades importantes dos congressos mundiais.

¹³⁶ Maria José Mondego de Moraes Barros, professora emérita da USP em 1979, foi professora da Escola de Educação Física da USP foi transferida para chefiar o Departamento de Psicologia Experimental após a criação do Instituto de Psicologia da USP, em 1970.

Os congresso no Brasil geralmente são feitos nesses lugares. Foi feita uma reunião sob a direção da Carolina, sobre o que é que nós vamos fazer daqui para frente, porque nós perdemos a batalha aqui dentro e nós vamos ter cada vez menos matérias no curso de psicologia para gente ter influencia. Eles vão tirar a nossa influencia sobre o aluno, que já que o aluno apoiou o departamento, eles vão tirar. Então, vamos nos voltar para fora, para pós-graduação e vamos procurar fazer um centro de excelência na pós-graduação. E foi o que foi feito. Nós lutamos nesse sentido.

GVC: Foi a primeira pós no Brasil e continuou a única por muito tempo, não foi isso? A pós de psicologia aqui na USP?

WH: Uma outra diferença que eu tive com ela, que a Carolina era muito restrita na visão do dever dela. Ela achava que, sabe, “nós temos que fazer, então vamos fazer”. Então, ela levantava cedo, ela trabalhava, fazia aquilo. E houve um ano lá que era um ano crítico. Ou o pessoal fazia tese naquele ano, ou então os créditos caducavam e tinham que começar tudo de novo. Era o caso do Cesar, era o caso do Arno e do Fernando. Os quatro estavam na boca de fazer a tese de doutorado e poderia passar a ser orientadores e a dar cursos na pós-graduação. Se fizessem o doutorado, eu acho que era em 1970 o último ano. E eu era o orientador de todos, menos do Arno. O Arno era orientando da Carolina. Então, eu estava como chefe e a Carolina, nessa reunião. Eu propus que aqueles que tinham o título e estavam dando aula, dessem aula em dobro, nesse ano. Que ia ser um, ia ser uma coisa pesadíssima. Vou dar o curso de Cesar, vou dar o curso do Fernando, vou dar tudo, para que eles se dediquem ao doutorado para que no final do ano a tese esteja pronta. Em dezembro eles tem que depositar. De acordo? De acordo. Todo mundo estava de acordo. A Carolina e a Maria Amélia estavam na reunião. A Carolina era a presidente da comissão da pós-graduação do instituto. Mas do departamento era eu. Então, “Tá de acordo? Ta de acordo!”. A Maria Amélia foi de acordo, a Dora foi de acordo, Mario Guidi foi de acordo, todo mundo foi de acordo, Carolina também. elas saíram da reunião, Maria Amélia e a Carolina, e foram para comissão de pós graduação, onde a Carolina era presidente. Chegando lá, eu mandei a proposição dos cursos que deveriam ser dados, eles estavam livres desse curso. Eles recusaram e fizeram eles darem o curso. Um professor de lá, que já faleceu, o seu Rosamiro, veio e contou para algum dos professores lá que a Carolina e a Maria Amélia tinham faltado a palavra delas, que elas tinham dado na reunião, que ele tinha sabido da reunião. Eu tornei a convocar uma reunião e, publicamente, nós questionamos as duas. A Carolina disse: “Nós achamos é importante dar o curso”. Mas aí eu disse: “Vocês são muito imediatistas, você não estão vendo o futuro”. Aí eu mandei colocar no prontuário das duas, eu estava como chefe, aí já era chefe, não?, não era mais a Carolina. Mandei colocar no prontuário das duas uma recriminação por terem faltado ao compromisso que havia sido votado em departamento e deve constar como um desamor na ficha dela. Talvez você possa saber isso. Então é uma diferença que eu tive com ela. Mas, tem que reconhecer porque era a visão dela. Ela era um pouco imediatista, a ponto assim, vamos dizer, todo mundo mandava programada de pós-graduação ou com dez unidades de crédito ou com quinze unidades de crédito ou com vinte unidades de crédito. Se eu mandasse um programa com treze unidades de crédito,

a Carolina mandava cortar. Tinha que adaptar. Tinha que ser dez ou tinha que ser quinze. Ai eu perguntei a ela por que? Não, porque todo mundo ta assim. Então, eu disse “Se todo mundo entrar de farda, então você acha que também vai ter que entrar de farda?”. Então, tinha algumas discussões com ela, eu achava que ela era um pouco, assim, imediatista demais. Mas ela era ligada ao objetivo dela, isso era verdade. Era uma virtude dela.

GVC: Certo, professor. Eu acho que eu vou, a gente já está aqui há uma hora e meia conversando (risos) sobre esse assunto eu vou agradecer. Eu acho que já tá, o que o senhor contou aqui me deu uma visão já um pouco diferente. Porque eu conversei com pessoas, talvez eu possa dizer que são seguidoras dela, certo? Então, são pessoas que, tudo que ela fez eles estavam lá juntos, apoiando e querendo fazer junto. Então, é interessante ver esse lado.

WH: O que não dá para saber assim, era a vida dela, particular dela. Uma vez eu fiquei muito admirado de vê-la em uma igreja, rezando. Rezando mesmo e foi tomar hóstia. E eu não sabia que a Carolina era católica. Eu sempre fui ateu e achava que ela era também. um episódio que, esse eu acho que é importante contar, é parte da luta pelo poder. Quando nós estávamos para criar o nosso departamento, nós decidimos que a Carolina devia fazer livre docência. Ela estava mais adiantada, mais perto. Começamos a pressioná-la para fazer a livre docência. Eu acho que ela foi contra a contratação do Dante porque o Dante já era livre docente, eu acho. Talvez ela quisesse continuar assim, chefiando.

GVC: Mas ela não foi aprovada na livre docência?

WH: Não, fizeram ela retirar a livre docência.

GVC: O senhor sabe o que aconteceu nesse episódio?

WH: Olha, uma parte da coisa eu sei porque a Carolina estava fazendo a tese dela sobre, era mobilização social, coisa assim. E ela estava usando dados que ela obteve em Minas, lá em Malacacheta e coisa e tal. Só que ela estava numa tensão enorme, porque tinha o problema de chefia, a luta política, aquela coisa. Ela estava numa tensão enorme, Então, nós a dispensamos da chefia, eu assumi a chefia para que ela fizesse a livre docência. E para que ela pudesse andar um pouco mais, ela me pediu para ler a tese dela, comentar, fazer comentário mesmo, por escrito, sugerir reforma e mudança e tal. A tese dela estava um pouco descosida, tinha alguns dados interessantes, mas ela estava com dificuldade de expressão. Então, eu tive um bocado de trabalho para entender o que ela estava querendo fazer e fazer ela colocar, mas ela estava lá colocando. Eu não vi todo o trabalho dela pronto. Eu sei que quando ela apresentou, eles fizeram uma reunião, era uma reunião do Arrigo, o Sawaya, um professora que era de antropologia.

GVC: Maria Isaura?

WH: Maria Isaura, que ela achava que era muito amiga dela. Talvez a Maria Isaura pudesse dar informações sobre ela. E não sei quem era o outro, eu sei que eles fizeram uma reunião e propuseram ela, se não me engano foi o Sawaya que propôs que retirasse a tese porque senão ela ia ser reprovada. E nós achamos muito injusto aquilo porque, talvez a tese dela não fosse perfeita, foi feito

meio às pressas, meio ajambrada, mas, conhecendo certas teses que foram produzidas no departamento do Arrigo. Havia umas pessoas lá que se botassem as mãos nos chão, não levantava mais. Havia teses fraquíssimas e foram aprovadas. E aprovadas com notas altas. Então, eu tenho a impressão que foi mesmo uma perseguição. Ela devia ter defendido a tese. Ora, que reprovassem em público.

GVC: Sim, e nunca mais ela voltou a apresentar?

WH: Não, ela não tentou. Ela nem teria tempo, porque a Carolina era sempre muito requisitada para reuniões, para isso, para aquilo, certo? ela não tinha tempo. Em matéria de curso, ela dava também alguns cursos. Era ensino programado, era um curso que ela deu. E outro que ela deu muito era táticas de pesquisa científica. Ela, como professora, não era tão fluente nem como orientado, era mais como administradora mesmo. Sabia mandar e estimular também.

APÊNDICE F – Rachel Kerbauy

Entrevista com Rachel Kerbauy, realizada no dia 27/02/2012 no seu consultório particular, em São Paulo (SP). Quando cheguei, já estava me aguardando com alguns textos impressos para me entregar. Estava com um pouco de pressa e me avisou dizendo que precisava ir ao banco ainda naquele dia.

“ela estava muito mais interessada no papel político de abrir campos e formar gente e de dar condição de ter doutores na área e de desenvolver laboratórios. E ela achava que era irrelevante publicar”.

Rachel Kerbauy: Eu tinha isso aqui que acho que está no boletim da USP¹³⁷ porque acho que eu falei quando ela morreu. A secretária lá me mandou o que ela tinha, e eu falei “pode me mandar porque não achei nada aqui nos meus bagulhos” e tem um livro da Maria Amélia, que é o mesmo volume de noventa e oito e aqui é o que eu escrevi, está certo? Eu tenho impressão que é em homenagem a ela, porque a Maria Amélia pediu para eu falar, porque disse que não teria condições de falar, porque iria chorar, aquela coisa assim e então eu falei, está aqui, eu te trouxe escrito. E sabe quando vai chegando perto e dá aquela aflição? É isso que está publicado lá.

Gabriel Vieira Cândido: Sim, obrigado. Tem um trabalho da senhora, que eu inclusive cito no projeto, que tem lá vários lugar em que a Carolina esteve.

RK: Não, esse daqui que é o boletim USP, esse deve estar no boletim USP, mas não sei te falar, USP, porque depois que eu sai da faculdade e eu não fiquei mais fazendo currículo. Olha de 2004, está vendo? Acho que é quando ela morreu. Quando teve uma homenagem. Você leva esse. Pode ser que você já tenha, porque está lá na revista do boletim.

GVC: Acho que eu conheço outro, acho que eu conheço outro artigo.

RK: Bom de qualquer forma você quer saber de mim, pelo que eu entendi, como eu conheci a Carolina? Olha, eu morei no bairro que a Carolina morava, que a família dela morava aqui perto da Paulista¹³⁸. E eu morava na Vinicius de Moraes, porque meu pai tinha uma farmácia lá. Eu conheci a Carolina porque eu queria conversar com alguém da psicologia, porque eu queria fazer uma pesquisa, e me falaram para falar com a Carolina. Ela tinha uma sala para ela na biblioteca municipal, reservada. Foi aí que conheci a Carolina.

GVC: Essa sala tem alguma coisa a ver com CBPE, Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais?

¹³⁷ Trata-se de um texto, assinado por ela, com data de 05 de outubro de 2004, dia de morte de Carolina Bori. Nele, Kerbauy apresenta algumas das contribuições de Bori para a Psicologia e Ciência no Brasil.

¹³⁸ Referia-se à Universidade Paulista de Medicina.

RK: Eu não sei. O que eu quis fazer na época não lembro, mas eu fui atrás dela e ela não estava no CBPE. Eu fui fazer uma pesquisa de Paulo Freire, foi isso, que eu queria conversar com alguém, mas eu não me lembro, fui conversar com ela na biblioteca e fiquei encantada com o sorriso dela e o jeito agradável que ela recebia. Foi assim que eu a conheci. Posteriormente eu fiz o curso do Keller.

GVC: Certo, da USP de sessenta e um.

RK: No outro ano eu ganhei uma bolsa na França que eu tinha pedido e eu fui conversar com ela, mas que eu estava tão interessada no curso que do Gil Sherman, que tinha substituído o Keller, que eu estava achando que não iria, porque eu estava gostando de outro jeito de trabalhar e ela disse: "Vai embora porque um ano fora vale mais do que quatro anos de faculdade"

Risos

RK: Eu já tinha ganhado a bolsa do governo Francês e lá fui eu.

GVC: Na Psicologia mesmo?

RK: Para estudar Psicologia, na realidade eu queria estudar Psicologia da Arte, mas tem aquela mutreta de brasileiro, jeitinho brasileiro. Eu fui fazer a entrevista no consulado e o moço falou para mim assim: olha nunca ninguém pediu Psicologia da Arte aqui, mas eu sei o que você pode pedir que você ganha! Peça um negocio assim de deficiente ou alguma coisa assim que é mais fácil de ganhar. E eu pedi em deficiência mental para estudar em Paris.

Risos

RK: Crente que bicava o curso de psicologia da arte. Mas tinha fechado aquele ano então eu fiquei na área da deficiência mesmo, mas foi muito bom para mim, entende? Estudando deficiência mental. A Carolina me ajudou nisso. Ela dizia: "você não vai largar uma bolsa porque está apaixonada pelo que está estudando, você vai embora". Nesse sentido, eu acho que ela era uma pessoa que tinha uma visão mais ampla das coisas porque ela era mais velha, tinha mais experiência, tinha estudado, tinha feito tese, era a única doutora para orientar a gente em experimental, então ela me deu isso. Eu, por mim, entusiasmada, já largava a bolsa para ficar vendo o curso sobre o Keller, de Análise do Comportamento. E ela disse: "Não, vai". Foi ótimo eu ter ido para a França. E chegando lá não tinha nada de comportamental, então não adiantava nem eu querer estudar. Então, eu ia embicar para a Inglaterra. Falei que ia juntar as duas bolsas, mas não deu certo. Eu voltei para o Brasil porque tinha um cargo de professora secundária e eles me chamaram para voltar.

Eu voltei porque não queria perder o cargo e na realidade ela era uma pessoa que te estimulava, quer dizer, o que ela queria? Ela me amava? Não, ela queria formar alguém melhor para a Psicologia do Brasil. Que eu acho que era a grande preocupação dela, uma psicologia científica no

Brasil. E nisso eu acho que entrava dentro das coisas dela, eu estava batalhando ainda, não?, começando.

GVC: Ela era professora na USP nessa época, em sessenta e um, sessenta e dois?

RK: Ela era.

GVC: Porque está meio confuso para mim, o seguinte: ela foi para Rio Claro, passou um tempo lá, parece que tinha sido demitida da USP.

RK: Tinha.

GVC: Então, não está claro se ela chegou a voltar para a USP antes de ir para Brasília.

RK: Ela era professora da USP, saiu. Daí ela fundou Rio Claro, porque também ela não ficava chorando em cima, ela arrumava outro inferninho entende?

Risos

RK: Ela fundou Rio Claro, levou um grupo para lá, começou a trabalhar ativamente. Depois ela foi readmitida. Na realidade, ela não foi mandada embora da USP, ela foi deslocada para outro Departamento. São coisas pessoais e políticas, que eu não gostaria de citar, porque não acrescenta nada.

GVC: É eu estava com esta questão. Queria saber se ela voltou para USP antes de ir para Brasília.

RK: Ela voltou para USP, tanto é que quando ela foi para Brasília, ela foi afastada da USP. O Rodolpho também. Só que ela foi afastada. O contrato dela era antigo lá na USP, era um contrato da Annita que foi a orientadora dela. E essas coisas na universidade eram muito complicadas naquela época. A universidade é complicada, não sei se é porque é gente inteligente, gente que é “*bigger for power*”, louca por poder, alguma coisa assim, mas é um ambiente hostil. Você pode até hoje olhar, em todo lugar é a mesma coisa. É difícil uma que esteja pacífica igual o Sedes¹³⁹, que eu trabalhava no Sedes. Lá era o lugar mais gostoso que eu trabalhei na vida! Lá não tinha isso de um querer comer o outro, pegar o lugar do outro, pegar as coisas do outro. Eu era comportamental no Sedes, por exemplo, e o “Ain” que era psicanalista que chefiava a clínica e mandava cliente deficiente, com problemas de aprendizagem, tudo para mim, tudo para a comportamental, não tinha essa rivalidade, ele via que eu trabalhava bem naquilo, por que não mandar para mim? Hoje em dia não tem. O Sedes era o paraíso na Terra para mim, é o modelo que eu quis na vida e ainda quero, porque você respeita o trabalho do outro, sabendo fazer bem, muito bem para a pessoa, é isso que você quer. Para a área toda, o

¹³⁹ Instituto Sedes Sapientiae é uma instituição de ensino e atualmente conta com 200 professores, 150 terapeutas e 40 funcionários administrativos que desenvolvem seus trabalhos nos departamentos de Arte Terapia, Psicanálise, Formação em Psicanálise, Psicanálise da Criança, Psicodrama, Psicopedagogia e Gestalt Terapia; nos centros de Filosofia (Cefis), Educação Popular (Cepis), Educação de Adultos (Cida Romano) e Centro de Referência às Vítimas de Violência (CNRVV); na Clínica, no núcleo de referência em Psicose (NRP); nos 30 cursos de especialização, aperfeiçoamento e mais de 30 de expansão.

desenvolvimento de psicologia, mas a Carolina queria uma psicologia científica. Então, eu tenho a impressão que ela a vida inteira pensou em gente que ela achou que estava gostando de ciência. Eu escrevi em algum lugar, porque eu li hoje de manhã. Na verdade, eu não sei se ela defendia só a Análise do Comportamento, ela defendia a Psicologia. Agora, ela era poderosa, ela era uma pessoa que foi naquela época, ela era o único doutorado. Para você fazer doutorado de qualquer coisa em científica, era com ela e ao mesmo tempo, ela gostava do poder também e ela sabia que precisava de poder para conseguir as coisas também. Tanto é que você viu ver ela foi Presidente da FAPESP.

GVC: FAPESP ou da SBPC?

RK: Da SBPC, FAPESP não, da SBPC, quando nenhuma mulher tinha sido. Porque ela sabia onde estava. Como ela era muito simpática, agradou. Tinha uma voz mansa, na realidade ela conseguia penetrar nos lugares, eu não posso falar umas coisas porque fica feio, mas na realidade ela sabia se relacionar muito bem assim, no superficial, para entrar, para impor ideias e numa luta teoria ou de lugar para a psicologia, ela não vacilava, ela ia até o fim da briga, entende? Mas, sempre falando manso e se precisasse ela ficava brava. E nos lugares em que ela estava, era tudo homem. Ela era praticamente a única mulher, e inteligente, tinha bolsa de fomento sempre. Eu acho que este papel dela foi bom, foi um papel político, porque ela tinha um repertório político, ela gostava do poder político e queria colocar a psicologia como ciência.

Então ela fez isto. Acho que o que ela quis da vida, nesse sentido, ela tinha muito poder de tirar e por quem ela queria nos lugares e ela não vacilava nisso, não! Mas ela aceitava um argumento forte, que ela via que era forte.

GVC: E Brasília? A senhora foi para Brasília?

RK: Fui, quando eu vim da França, eu tinha ido.

GVC: Foi como aluna de graduação?

RK: Eu tinha acabado, não era nada, eu era uma diretora de escola. Eu era professora secundária e comecei a responder por diretora, porque a secretaria da educação me chamou e eu comecei a responder, mas meu lugar era de professora de escola normal. De psicologia e pedagogia. Mas quando eu voltei, eu voltei louca para fazer um projeto de Análise do Comportamento, porque lá eu não perdi o amor por aquilo que eu havia estudado aqui. Então eu fiz um projeto de discriminação com crianças, por minha conta. Cheguei da bolsa, sentei e fiz o projeto.

GVC: Usando o material do curso do Sherman?

RK: É. Do Sherman, do que eu sabia e do livro do Keller que eu tinha. Eu era uma das poucas que tinham. Então eu fiz o projeto e encontrei com o Rodolfo no corredor da USP, que eu não sei o que eu fui fazer lá. O Rodolfo: “O que você está fazendo?”, “Aah, eu vou pedir uma bolsa para FAPESP e eu vou entrar com um projeto sobre discriminação com crianças, que eu quero fazer isso”. Ele disse: “Bom, se você vai fazer com discriminação de crianças, trás aqui para eu ver, porque no fim, quem vai julgar sou eu”.

Risos

RK: E eu levei para ele e era um projeto de discriminação com crianças deficientes e normais. Foi meu mestrado depois. Ele leu o projeto e falou para mim: “Você sabe o que é um...”, não era um retroprojetor, era de projetar coisas, um aparelhinho, “sabe o que é isso? Em Brasília vai ter tudo isso. Ao invés de pedir bolsa aqui, você vai pedir uma bolsa para ir para Brasília. Nós estamos indo para Brasília com o professor Keller e você vai fazer pós-graduação lá”. Nossa! É o projeto que eu aproveitei e pedi bolsa para Brasília. Então foi assim, o Rodolfo falou: “Você vai mudar isso, vai pedir bolsa para Brasília e vai para Brasília”. Nunca pensei em ir para Brasília, “Eu vou te levar lá para conversar com o Keller para ver se ele te aceita no curso”, me levou lá na casa em que o Keller estava, não lembro, e o Keller achou ótimo que eu fosse. E então, eu fui para Brasília com eles, fazer pós-graduação.

GVC: E como foi o trabalho lá?

RK: Veja, era um grupo pequeno, era o Luis Otávio¹⁴⁰, João Cláudio¹⁴¹, eu, Luis Oliveira, que estávamos fazendo pós-graduação em análise do comportamento. Na verdade a gente tinha que montar tudo no laboratório.

GVC: Era um curso de mestrado?

RK: Era um curso de mestrado, então tinha que montar tudo lá, fazer tudo e os professores que tinham era o Rodolfo, a Carolina, o Keller, que deu para nós o AEC¹⁴², não? Depois vieram Nazzaro¹⁴³ para dar Estatística, vieram outros. Então era um grupo muito unido e nós fazíamos tudo o que precisasse. Nós monitorávamos na graduação, nós ajudávamos a escrever as coisas que precisavam, instrução, experimentos, tudo o que precisava. Escrevia para o Rodolfo e ele escolhia o que achava que tinha que por, a gente carregava móveis se precisasse, entende? Não tinha escolha, era um grupo que estava lutando para instalar uma coisa nova na psicologia e em Brasília, porque Darcy Ribeiro tinha dado abertura para isto na universidade. Então, é difícil eu falar daquela época, porque nós fazíamos tudo junto, porque éramos meia dúzia de gato miado. Depois que começou a entrar gente de Brasília querendo fazer aquilo e eles vinham com a gente fazer o curso e Então, aumentou, mas no começo éramos nós quatro, cinco.

GVC: Sim, e o que a Carolina fazia em Brasília?

RK: Ela dava os cursos de pós-graduação quando precisava e ela era coordenadora do departamento, ela ia atrás de tudo, precisava de verba, precisava disso, precisava daquilo, ela fazia

¹⁴⁰ Luiz Otávio Seixas de Queiroz (1938-2003), um dos pioneiros da análise do comportamento no Brasil, instalou o Laboratório de Análise Experimental do Comportamento na Pontifícia Universidade Católica de Campinas. No Brasil, estendeu os conceitos básicos testados em laboratório para o *setting* clínico e ao hospital psiquiátrico.

¹⁴¹ Ver entrevista com João Claudio Todorov na página 286.

¹⁴² Análise Experimental do Comportamento (AEC)

¹⁴³ James Russell Nazzaro e Jean Nelson Nazzaro, casal norte americano que foram alunos de Keller e convidados a fazer do corpo docente do curso de Psicologia da Unversidade de Brasília.

comunicação com a reitoria, que era o que ela fazia muito bem. Essa política assim, ela fazia muito bem. Então, no departamento, ela era coordenadora, quer dizer, se a Carolina não falasse amém, não acontecia nada, e ela que assinava todos os pedidos, tudo não? Ela incentivava isso, porque a gente estava fazendo. Agora, a gente trabalhava feito doido, não tinha hora não!

GVC: É porque era tudo novo, não? Estava começando tudo?

RK: E a gente entrava de manhã e saía a hora que dava. Às vezes às dez horas da noite! Depois que começou a pingar gente querendo fazer esse curso de pós-graduação, de lá de Brasília mesmo e teve gente que veio de outro lugar. Agora teve aquele negócio de expulsar de Brasília, certo? de sair todo mundo¹⁴⁴. Eu vim para cá, com o mestrado sem entregar. Eu tinha acabado todos os créditos da pós, mas eu não tinha entregado a dissertação de mestrado. Eu cheguei aqui e tinha a da USP. Era psicologia, era pós-graduação em psicologia, mas não era de análise do comportamento. Era com a dona Annita. Quando eu cheguei na USP, se você viesse transferido, tinha que fazer os créditos. Tinha que fazer quatro cursos aqui, eu tive que fazer tudo outra vez, para poder fazer o mestrado aqui.

GVC: O reconhecimento do mestrado?

RK: Não, eu não tinha reconhecido, eu não cheguei a defender lá. Fiz todos os cursos, mas não defendi e eu não podia entrar aqui com a defesa, eu tinha que fazer os cursos outra vez. E depois, entrar o mestrado, no curso que a Carolina também dava matéria na época. O curso chamava "Personalidade" na época.

GVC: Personalidade?

RK: Sim, com o livro do Lundin¹⁴⁵, que eu que traduzi. Então quer dizer, era tudo novo, você entende?

GVC: E foi nessa época que foi traduzido este livro?

RK: Foi, eu comecei lá em Brasília, porque eu era apaixonada pelo livro, com o Luis Otávio. Depois o Luis Otávio disse que não queria fazer mais, não queria traduzir, porque saiu uma nova edição e precisou rever tudo, porque saiu outra em inglês, mas eu fiz e coloquei o nome dele porque tinha começado com ele, "Você não pode por meu nome porque eu não trabalhei", eu falei: "Nós trabalhamos juntos no começo, vai o nome", tanto é que estava Rachel Lisboa Rodrigues e não Rachel Kerbauy e Luis Otávio de Seixas Queiroz. Até hoje é vendido.

GVC: Em edição nova?

RK: Não, é a mesma, é a mesma, só que acabei a tradução do primeiro aqui. Na realidade saiu outro nos Estados Unidos e a EPU queria que a tradução que iria sair fosse do novo e não do velho. Eu tive que pegar os dois, comparar e acrescentar tudo, porque o Luis Otávio disse que não fazia e saiu esse, que é o que está existindo até hoje.

GVC: Sim, e que é usado até hoje.

¹⁴⁴ Em 1965 a Universidade de Brasília foi invadida pelos militares, que expulsaram parte do corpo docente da universidade. Em seguida, cerca de 90% dos professores pediram demissão.

¹⁴⁵ Lundin, R. W. (1969). *Personality: A Behavioral Analysis*. New York: The Mac Millan Company.

RK: Vende até hoje, eu perdi o exemplar que eu tinha e fui lá na editora ver se tinha e eles me disseram: “Ah, é a senhora? Para a senhora a gente dá, porque esse livro vende até hoje”. Acho que é o livro que mais vende até hoje. Não tem nenhum tão antigo assim, eu acho.

GVC: É, talvez o *Ciência e Comportamento Humano*¹⁴⁶.

RK: É talvez o *Ciência e Comportamento Humano*. Com certeza! Então a Carolina tinha essa função. Ela realmente incentivava dentro da linha de pesquisa científica e acho que se ela visse que você tinha garra e trabalhava, ela topava, você que tinha que fazer os caminhos, entende? Mas, ela queria gente assim.

GVC: E ela foi a orientadora da senhora, de mestrado e doutorado?

RK: Era quem tinha!

GVC: Porque não era como é hoje, faz dois anos de curso de Mestrado e depois o doutorado, certo?

RK: Era assim mesmo, primeiro fiz mestrado, depois fiz os cursos de doutorado, para depois fazer a tese de doutorado. Eu fiz os dois.

GVC: Com ela?

RK: Com ela, orientanda dela. Mas não tinha alternativa.

GVC: Porque era experimental?

RK: Porque era experimental. Agora eu queria mudar. Eu estava na área experimental, não podia pegar orientador da área escolar lá na USP. Agora, não iria pegar um de experimental que não era da minha área. Ela era, mas iria mudar para um programa novo da pós-graduação. Então eu estava achando que o parazo que eu tinha para entregar não iria dar, porque a Carolina tinha muito orientando e não te recebia sempre não... A Maria Cristina¹⁴⁷ falou: “Se inscreva aqui na PUC, que eu fico como sua orientadora aqui na PUC, se vencer o prazo lá, você vem fazer aqui”. Eu fui falar com ela, que eu iria me inscrever na PUC, com medo de que o parazo não desse, e que a Maria Cristina iria ser minha orientadora. E que você acha que ela fez?

Risos

RK: Ficou louca. Ela disse: “Eu também sou Orientadora na PUC, eu posso assinar para você como Orientadora lá”. Não largou. A Maria Cristina iria quebrar um galho para mim, porque estava havendo muitos problemas. Então éramos eu, Luis Otávio, Maria Alice Leme, não me lembro quem

¹⁴⁶ Skinner, B. F. (1953). *Ciência e Comportamento Humano*. Brasília: Ed. UnB/ FUNBEC, 1970.

¹⁴⁷ Madre Cristina Sodrê Dória (1916 – 1997), filósofa e pedagoga, foi a fundadora do Instituto Sedes Sapientiae. Estudou Freud sozinha e mais tarde foi para o exterior complementar os estudos em psicologia (1955). Publicou vários artigos e livros, entre outros: "Psicopatologia", Fac.Sedes Sapientiae, SP, 1958, "Psicologia científica geral: um estudo analítico do adulto normal", Agir, RJ, 1960, "Psicologia educacional", RS, 1961, "Educando nossos filhos", Fac.Sedes Sapientiae, SP, 1968, "Psicologia do ajustamento neurótico", Vozes, Petrópolis, 1975.

mais, nós éramos uns cinco ou seis que ela orientava. Era muito trabalho, não?? E você não podia fazer nada sem falar com ela. Enquanto ela não colocasse que estava bom, você não podia fazer nada.

GVC: Sim, e como eram as orientações dela?

RK: A Carolina deixava você fazer, veja. Eu era a primeira Tese em clínica, que foi com obesidade. Não tinha ninguém trabalhando, eu mandava buscar nos Estados Unidos as coisas, tinha até uma conta lá, direta, que eles me mandavam tudo que saia direto da “*Heathers*” e ela me mandava todas as novidades que saiam da área e a Carolina não tinha tempo de ler o que você lia então quando você colocava alguma pergunta metodológica, uma dica, mas ela nunca tinha trabalho na área, ela te dava uma orientação metodológica, mas ela não era como esse orientador que a gente é agora, que lê tudo com o aluno e discute pedaço por pedaço. Não! Não tinha isso com a Carolina na orientação. Você teria que ler, se virar, escrever e ela lia o que você escreveu e dizia: “Confuso!” “Bom!”, mas uma palavrinha só. Ela nem fazia nada fazia assim. Às vezes ela riscava uma palavra e você não sabia o que ela queria, era difícil a orientação, entendeu? Era uma maneira dela talvez, de deixar você livre. Eu tenho muitas falas, mas o importante é que ela teve um papel na Psicologia de procurar e trazer atividade de laboratório, ela introduziu isto nos cursos de graduação e pós-graduação. Para onde ela foi, ela sempre fazia desse jeito. Ela deixava você pular e que batesse a cabeça e ela não era. Eu me lembro que falei para ela que iria fazer um trabalho com obesidade com criança e ela disse para mim: “Vai”. Eu fiquei pensando que ela não disse o que é para fazer ou não fazer, onde vou buscar, nada! Até voltar e dar a resposta para ela, você fica congelado seis meses. Não é igual agora que a gente fica em cima. Então a Maria Cristina que falou: “Rachel, você vai arrumar obeso onde? Na escola?”. Não tinha naquela época. Hoje tem, mas naquela época não tinha. “Faz com gente que não tem comida”, a Cristina me gozava. Então eu fui fazer com adultos, pedi para que os médicos mandassem os clientes para mim. E os Médicos falavam: “Imagine, mandar para Psicólogo os clientes de obesidade”, agora ela era assim, quer dizer, a medida em que ela deixava você com a pergunta, você tinha medo de voltar sem uma resposta, percebe? Até você chegar e falar: “Eu pensei e não cheguei a nada” ou então você falar: “Essa palavrinha, só se for só isso” e ela dizia: “É”.

GVC: Certo, e a senhora acha isso nela que era pensado? Era proposital?

RK: Eu acho que era a maneira que ela achava de desenvolver a pessoa e dar uma liberdade.

GVC: Sem interferir?

RK: Sem interferir, deixar a pessoa, ela dava umas diretrizes para você não se perder e fazer uma bobagem grande, mas ela deixava você buscar o seu caminho, entende? E você tinha que ler. Tanto é que quando eu fiz a tese de obesidade, eu dei um curso para um grupo sobre a teoria de obesidade, de Análise do Comportamento, para ter com quem discutir os textos que eu lia, você entende? Porque saia de lá muita coisa. O Rodolfo, por exemplo, quando eu falei: “Eu só li o

Ferster¹⁴⁸”, disse ele: “O Ferster? Então você não precisa de mais nada, vai trabalhar”. O Rodolfo era diferente, entende?

GVC: Sim, e o Ferster era o mais aplicado de todos.

RK: Era o melhor de todos e ainda até hoje é antológico, todo mundo quis bater os dados, as coisas dele e ninguém conseguia. Só que ele não pôs dado no texto dele, os dados eram do Stuart, ele fez com seis pessoas, mas o Stuart parece que escolheu aquelas pessoas que entrevistou e viu que aquelas emagreceram, sabe? Então ele tem seis resultados.

Risos

GVC: A senhora ficou muito tempo também com ela na USP, não?

RK: Na USP, sim. Eu dei um curso de graduação com ela de Análise do Comportamento no primeiro ano.

GVC: Na Graduação? AEC?

RK: O AEC, a gente arrumava muito monitor para ajudar. Aquele curso era terrível, sabe por quê? A gente trabalhava "mouramente", os experimentos o Rodolfo tinha escrito todos em Brasília. A Herma e o Mário Guidi eles tinham feito um manual¹⁴⁹, mas quem tinha escrito aqueles primeiros experimentos, baseado no que o Rodolfo tinha feito em Brasília e o Rodolfo dava para a gente aqueles experimentos. Dava instrução e mandava a gente fazer perguntas, escrever instrução de experimento, Então, ele juntava aquilo, selecionava e ele que fazia as instruções, tanto é que, a meu ver, o manual da Herma e do Mário era tudo cópia do Rodolfo, que não ligava para isso, porque ele que fez tudo aquilo, de modo que aqui na Universidade nós seguimos aquele manual que tinha. Os experimentos eram daquele manual e a gente formava os monitores, discutia com os monitores os textos, as dúvidas que os alunos traziam nos seminários.

GVC: Isso era o que faziam no curso do Sherman, ou não?

RK: Não, no curso do Sherman não fazia isso, o Sherman dava aula, dava as aulas mais bonitas que eu já vi na minha vida, eu me apaixonei por Análise do Comportamento, quando ele foi fazer um experimento de Reforço Secundário. Ele colocou o rato trabalhando na caixa na sala de aula e foi dando a aula de acordo com o desempenho do rato na caixa. Pela primeira vez na vida eu descobri porque que a gente fazia as coisas na vida com reforço secundário. Eu me apaixonei! Foi a segunda ou terceira aula do curso que eu assisti. Ele pôs o rato a trabalhar e deu a aula calibrado com o comportamento do rato, eu vi. Foi uma aula linda! Com o Sherman a gente fazia os experimentos de dupla e tinha uma instrução mínima para condicionar. Eu não sei o que você quer, então lá no curso de

¹⁴⁸ Charles Bohris Ferster (1922–1981), um dos principais psicólogos norte americanos que estendeu os conceitos comportamentais propostos por B. F. Skinner à psicoterapia.

¹⁴⁹ Trata-se do livro Guidi, M. A. A., Bauermeister, H. B. (1974). *Exercícios de Laboratório em Psicologia*. São Paulo: Martins Fontes.

graduação era assim, eram vários monitores, eu era professora junto e a gente ajudava aqueles monitores.

GVC: Como era a preparação das aulas, essas coisas mais do dia-a-dia?

RK: Acho que você está exigindo muito! Eu vou falar para você, vou sair na tangente, porque eu não lembro, na realidade eram muitos alunos. O Rodolfo não deixava, a gente competia com os alunos quando tinha monitor, tinha que estar na frente do aluno que era mais disparado e tinha uma moça que era disparada, se a gente não tivesse na frente, não poderia entrar monitoria daquele dia. Porque não tinha feito experimento e nem lido o texto e ter feito a verificação de leitura, lá em Brasília, aqui não, aqui nossos monitores já tinham feito o curso antes, eram alunos de graduação que tinham feito o curso, então a gente discutia dúvidas eventuais que eles tinham de experimentos, dos resultados que os alunos obtiveram dúvidas de leitura, a gente discutia, mas não era tão sistemático assim.

GVC: E tinha algum modelo ou formato parecido com o curso de Brasília?

RK: Não, começou com o Programado Personalizado.

GVC: Então não tinha aula?

RK: Teórica?

GVC: Expositiva.

RK: Não tinha, não tinha! Começou daquele jeito, depois parou. Porque os alunos não gostavam muito. Os alunos, embora eles aprendessem, não gostavam. Agora, era bom porque a gente discutia com o aluno. Logo depois do experimento, a gente, em geral, discutia com eles os resultados que eles obtiveram. Então era muito bom, o laboratório era imediato. Você está fazendo pergunta muito difícil, o que mais?

Risos

GVC: Só uma perguntinha, porque senão estende muito. Como o interesse era conhecer mais a Carolina Bori, como a senhora avaliaria o trabalho dela na Ciência, em geral?

RK: Olha, deixa eu te falar isso e eu acabo, certo? Na verdade a Carolina fez Doutorado lá atrás. Aquele do Lewin, tem publicada a Tese dela pela USP. Acontece que ela não publicou trabalhos. A minha impressão é que ela não aguentava crítica, e a medida em que você publica, você se expõe a crítica. Tanto é que ela não queria escrever trabalho com você, embora ela te orientasse, ela não queria escrever, eu demorei sete anos para publicar o meu Doutorado e foi um sofrimento, porque sou persistente e porque publiquei na revista deles lá da Psicologia, mas me fecharam o trabalho. Disseram que não iriam publicar porque não tinha condição. Na realidade, eu tenho impressão que ninguém foi incentivado por ela a publicar, ou porque ela não tinha publicado, isso Freud explica e não eu. Eu sou incapaz de explicar isso dela! Ou porque ela estava muito mais interessada no papel político de abrir campos e formar gente e de dar condição de ter doutores na área e de desenvolver laboratórios. Ela

achava que era irrelevante publicar! Mas ela não era uma pessoa que incentivava você a publicar, mesmo ela tendo feito a revista *Psicologia USP*. Tudo que ela começava, acabava. Começou a revista, eles brigaram no final. Estava a Maria Amélia, estavam os alunos de Pós-graduação dela naquele tempo. Ela saía de uma Faculdade, a Faculdade acabava. Quer dizer, não era um ambiente que o pessoal ficava continuando, você entende? Ela abria lugares, mas eu não vejo eles continuarem, quando ela abria Faculdade, diferente quando ela ia a uma Faculdade que estava montada para formar laboratório. Então era a época em que estava uma teoria se desenvolvendo e se expandindo aqui e fora. O que a Carolina eu acho que fez de bom, foi que ela deixou a gente fazer, mesmo que depois não publicasse, mas você fazia e ensinava para seus alunos. Você ia dar curso e levava para seu aluno, você ia fazer conferência e apresentava o trabalho nos congressos. Então acho que nisso o papel dela foi muito importante. Então ela não chegou a impedir, se você fizesse um arrebento de ciência, agora ela criticava que seu método não era experimental ou ela criticava que a sua metodologia não era bem feita, criticava. Eu lembro que o meu doutorado eu defendi em público, na defesa, eu tinha escrito a influência da fala dos outros nas pessoas que emagreceram e ela tinha sido contra porque aquilo não tinha sido eu que manipulei, e eu não me conformava que a fala do outro que fez o cara emagrecer não poderia ser considerado como dado e como intervenção só porque não fui eu pesquisador que fiz.

GVC: E era em grupo?

RK: Era em grupo e tinha individual, mesmo no individual eu contava, mesmo com a moça que eu lembro que estava descendo e uma pessoa convencendo-a disse: “Olha você convence todo mundo para fazer as coisas, você só não se convence a emagrecer” e ela começou a emagrecer depois disso. Isso foi individual, quem falou foi uma pessoa, não fui eu. Mas, ela contou na sessão e eu aproveitei aquilo para usar como controle de comportamento. Evidente, isso para Carolina não era uma pesquisa bem feita, porque você estava catando variáveis que não era você como pesquisador que tinha introduzido. Eu acho que era, porque você aproveitou alguma coisa. Mas dentro do grupo individual alguém contou para ela e eu aproveitava. Eu me lembro que na defesa ficou, teve uma hora que citava toda hora a minha frase, porque tinha muito mais na situação clínica do que estava nos trabalhos. Porque realmente você tinha que utilizar o verbal em clínica, senão, não dava. Entende? Eu usava e eu sou muito boa para ver detalhes de comportamento.

É complicado isso, é uma pessoa que teve uma influencia e que foi da época dela. Eu não sei se outra época, como seria a atuação dela, entende? Mas ela realmente colocou gente de Análise do comportamento em vários órgãos de fomento, então saía verba para gente, para pesquisa. Ela sabia fazer isso muito bem. Mas eu acho que prioritariamente ela queria a psicologia dentro do contexto das ciências e claro que em análise do comportamento. Mas acho que falei isso, ela queria a psicologia entrando na ciência. O papel dela foi importante, isso para todo mundo, ela marcou todo mundo que tem que fazer ciência, mesmo que não tenha publicado, não tenha ajudado a publicar, não tenha incentivado a publicar, entende? E que a gente tinha que fazer aqui no Brasil, alguma coisa. Era

realmente apaixonante você ver que você punha água e que o rato ia bater para beber água, você dava uma barra para uma criança e ela ia fazer.

APÊNDICE G – Maria Helena Souza Patto

Entrevista com Maria Helena Souza Patto realizada no dia 28/02/2012, em uma sala de reuniões da USP, em São Paulo (SP). Apenas o entrevistador e o entrevistado estavam presentes. Foi uma conversa agradável, a entrevistada tinha levado alguns documentos para contribuir com a pesquisa de outras maneiras além da entrevista e indicou pessoas para entrevistar.

“eu acho que é uma comprovação, com o compromisso dela com o progresso do conhecimento, e o conhecimento, eu acho que ela pensava assim, pode ser emitido de diferentes caminhos, existia o caminho dela, mas ela também não o tinha como o único caminho, então isso eu achei sempre muito interessante na Carolina”

Maria Helena de Souza Patto: Eu acho que a minha história de relacionamento com a Carolina, é uma história que digamos, é uma história que não é rica, tive muito pouco contato com a Carolina, mas foram momentos significativos, os poucos que eu tive. E de fato o primeiro encontro que tive com a Carolina foi ainda na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, antes da reforma de 1961 e ainda na época das Cátedras e essas coisas todas, e a Carolina fazia parte do Departamento da Psicologia Social e do Trabalho que a professora Catedrática era a Annita.

Gabriel Vieira Cândido: De Social e Trabalho, ou Social e Experimental?

MHSP: Experimental, isso, Social e Trabalho foi quando desmembrou. Era a professora Annita Cabral que era a Catedrática e as Cátedras da Psicologia funcionavam, já tinha sido criado o curso de Psicologia e portanto a Psicologia já tinha se desgarrado do departamento de Filosofia, porque era uma especialização da Filosofia e a gente não ficava no prédio principal, ficava em um prédio que ficava exatamente grudado que no prédio principal, um prédio bem antigo, a gente subia em umas escadas velhas de madeira e tal e essas Cátedras da Psicologia ficavam nesse prédio, quase que germinado.

Eu estava fazendo curso de Psicologia, com dezessete anos e no terceiro ano se não me engano, mais ou menos nos anos sessenta e qualquer coisa, primeira metade Então, do Século, do Século...

Risos

MHSP: ...na primeira metade da década de sessenta ela nos deu uma disciplina chamada "Psicologia da Personalidade". Na época o corpo docente era pequeno.

GVC: Na primeira metade de?

MHSP: Dos anos sessenta.

GVC: Então, antes de ela ir para Brasília.

MHSP: Antes de Brasília?

GVC: Certo, então, porque essa era uma dúvida que eu tinha. Eu sabia que ela tinha ido para Rio Claro no final dos anos cinquenta e ficou até sessenta e um, e depois foi para Brasília, neste meio tempo ainda não estava muito claro se ela ainda estava aqui.

MHSP: Ela era docente da cadeira de Psicologia, no caso, Experimental.

GVC: Teve um caso, ela foi demitida.

MHSP: É uma coisa meio conturbada a história dela, não é? Mas deve ter sido sessenta e quatro ou três, que ela deu “Psicologia da Personalidade”, através daquele manual famoso de Psicologia da Personalidade do Hilbert¹⁵⁰, são dois autores, um manual clássico e do que ficou para mim daquele contato com esta docente, ela fazia muitos seminários sobre teorias da Personalidade. Era a postura, a Carolina era uma pessoa muito contida, de poucas palavras, muito objetiva, sorria pouco, dava uma impressão para as meninas, que na época ela era aquela pessoa severa, e depois eu vi que não, era uma pessoa generosa, que procurava ser justa. Então eu tive esta experiência com ela e então eu perdi o contato com a Carolina. Ela foi para Brasília, teve aquela coisa toda da fundação da Universidade de Brasília, junto com o Darcy Ribeiro, que foi o primeiro reitor lá, que fez o projeto de criação e ela criou toda a parte de Psicologia Experimental lá, que era o digamos assim, o caminho dela dentro da psicologia, mas certamente participou de todas as discussões que cediam o campo específico da psicologia, porque a Carolina é assim. Eu acho que você tem toda a razão, ela é comprometida com o desenvolvimento da ciência, com o progresso da ciência, tanto que teve na SBPC e tal. Nesse núcleo também da USP. Eu perdi depois a Carolina de vista e fui reencontrar Carolina quando ela foi presidente da comissão de Pós-graduação, aqui no Instituto, ainda naquele Bloco 1 antigo, que tinha aqui.

GVC: Mas, a senhora já tinha feito toda a graduação?

MHSP: Já tinha terminado a graduação, já tinha sido contratada como docente do Instituto, que já era Instituto quando eu fui contratada. Não, ainda era dentro do sistema de Cátedras, o professor Arrigo que era catedrático do departamento de Psicologia Educacional.

GVC: Então nem foi tanto tempo depois porque o sistema de cátedra caiu em sessenta e oito?

MHSP: Sessenta e oito, é, e eu fui contratada quando estava no quinto ano ainda e já fui contratada, porque naquela época havia uma demanda, a USP estava se expandindo então para arrumar trabalho era fácil, completamente diferente da sua geração, porque eu tenho um filho da sua idade. E eu vejo a dificuldade que é se inserir no mercado de trabalho, ou ganha miseravelmente ou tenta fazer alguma coisa pessoal, quem tem empreendimento e não ganha nada.

¹⁵⁰ Trata-se, possivelmente, de Hilgard, E.R. and Bower, G.H. (1966) *Theories of Learning*, 3rd Edn, New York: Appleton-Century-Crofts.

Risos

Mas, me reencontrei com a professora Carolina quando ela era membro da comissão de Pós-graduação, quando eu fui fazer o doutorado, eu fiz o Doutorado em 81, foi no final da segunda metade dos anos 70 e ela estava aqui, a frente da Pós-graduação... E tive contatos com ela rápidos e tenho até documentos assinados por ela, da Pós-graduação e principalmente na formação da banca, aquela coisa toda, tinha gente que não podia e ela que chamava, substituía por outra, sempre muito atenciosa e muito dedicada. Então se eu tivesse que escolher três adjetivos para qualificar a Carolina, eu diria que atenciosa, dedicada e generosa. Apesar do aspecto sério e objetivo, muito objetiva e no meio acadêmico você deve ter muito material para adjetivá-la. Pessoa séria, comprometida com o desenvolvimento da Ciência no Brasil.

GVC: Uma coisa que me chama atenção, a senhora participava de bancas com ela? Porque você falou de bancas.

MHSP: Não, não, da formação da minha banca de Doutorado. Entendeu? Porque teve alguns problemas: esse não pode, esse não pode! Então ela me chamava, me chamava e me chamava. Como eu já tinha feito algumas disciplinas antes da criação da pós-graduação, que foi também em sessenta e oito, ela, digamos assim, deu parecer positivo, na incorporação das disciplinas que eu já tinha feito que valessem crédito pro meu doutorado, facilitou as coisas e tal. Nós não participávamos de bancas juntas porque eram raras e acirradas, eu nunca fui uma experimentalista, nunca fiz pesquisa nos moldes experimentais, controle de variáveis e essas coisas todas. Fui por outros caminhos metodológicos e o outro momento de convivência indireta que eu estive com Carolina e mostrando que ela não era uma pessoa, uma cientista radical, no sentido de achar que só a linha teórica e metodológica dela que tinha valor, que tem muita gente da experimental que é assim. Ela não era assim e eu mandei um projeto de pesquisa para o CNPq, isso no começo dos anos oitenta, que resultou nesse meu livro que acabou virando um clássico, que chama-se “A Produção do Fracasso Escolar”¹⁵¹. Esse projeto era um projeto que era absolutamente contrário de todos os princípios da ciência experimental, porque eu queria fazer.

GVC: Era o que ela fazia também, não? Era contrária a ciência experimental e ao mesmo tempo, era contrária a que ela fazia, do que ela propunha.

MHSP: Exatamente! E eu mandei o projeto que era um projeto que não tinha esse detalhamento de um projeto experimental, eu procurei uma escola de um bairro pobre na cidade de São Paulo, permanecendo lá durante o tempo que fosse necessário, acabei ficando dois anos, para fazer um estudo etnográfico da escola, baseado sobre tudo em Observações, Entrevistas, Diário de Campo, não?? Com rigor evidentemente. Mas diferente do rigor experimental, sim, e mandei pro CNPq e veio um parecer positivo, sem a autoria do parecerista, sem a identificação do nome, mas,

¹⁵¹ Patto, M. H. S. (2000). *A produção do fracasso escolar. Histórias de submissão e rebeldia*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

como eu tinha um amigo no CNPq que era presidente do CNPq na época, ou outra coisa, talvez não presidente, mas um cargo lá de segundo escalão, um dia me encontrei com ele e conversando com ele, ele me disse que quem tinha dado o parecer foi a Carolina Bori. O que para mim foi uma surpresa enorme e que eu pensando depois eu acho que é uma comprovação, com o compromisso dela com o progresso do conhecimento, e o conhecimento eu acho que ela pensava assim, pode ser emitido de diferentes caminhos, existia o caminho dela, mas ela também não o tinha como o único caminho, então isso eu achei sempre muito interessante na Carolina. Outro momento que eu também estive com Carolina, talvez fosse quando ela se aposentou, porque eu fui numa mesa de homenagem a ela, aqui no instituto.

Eu me lembro que a Sylvia Leser de Mello¹⁵², que é uma professora daqui da Social, que atualmente está aposentada, fez uma fala em que enfatizou os fatos vividos pela Carolina, durante a ditadura militar. E ela, por modéstia, não sei pelo que, quando ela respondeu, quando ela falou a respeito disso, ela disse: “Olha, não foi tão difícil assim”, porque ela não foi presa, não foi torturada. Ela encontrou limites para algumas coisas que ela quis, não?? E enfim, eu me lembro desse momento, dessa homenagem e depois desse livro. E depois o último contato, a última experiência que tive com Carolina, foi no velório, que foi aqui no Instituto e eu que era a diretora.

GVC: Foi aqui no Instituto?

MHSP: Foi aqui no Instituto e eu era Diretora, então eu estive presente, representando a direção e vi toda a movimentação que houve em torno do velório e todo o respeito que se tinha por ela, inclusive algumas pessoas falaram antes de sair para o enterro e achei muito interessante porque gostaram da Carolina e fizeram elogios para a Carolina. Pessoas das mais diferentes áreas, das mais diferentes linhas teóricas. Só para te dar um exemplo, Marilena Chauí¹⁵³ e Clodovaldo Pavan, um cientista de carteirinha e uma filósofa. Foi muito interessante isso. No velório, eu falei sobre essa minha experiência, aprovação desse projeto, esdrúxulo...

Risos

MHSP: ...sobre o ponto de vista da Ciência estabelecida. E antes do velório, a penúltima experiência portanto que eu tive foi essa do livro.

GVC: Só antes, uma última perguntinha pontual. Você sabe do que ela morreu?

MHSP: Eu sei. Não sei as palavras médicas exatas, mas estava com um problema de inflamação na vesícula e a vesícula estourou e ela morreu de uma Peritonite, uma infecção

¹⁵² Sylvia Leser de Mello (1935 -) é graduada em Filosofia pela USP, em 1961, e doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano também pela USP, foi diretora do Instituto de Psicologia da USP em 1992. Tem publicações na área de Psicologia social, em temas como trabalho e relações familiares.

¹⁵³ Marilena Chauí (1941 -) é filósofa e historiadora da filosofia, professora titular de Filosofia Política e História da Filosofia Moderna da USP. Escreveu livros de Filosofia voltados para os jovens. Seu livro *O que é Ideologia*, de 1980 vendeu mais de cem mil exemplares.

generalizada, então ela foi internada aqui no H.U, por problema de Vesícula Biliar, que se disseminou pela Cavidade Abdominal. Antes disso, o penúltimo contato foi esse: nós organizamos em noventa e nove, eu acho, um seminário de Historiografia da Psicologia, porque nós tínhamos aqui um Núcleo de Estudos de História da Psicologia Aplicada a Infância, o GEPAI e nos fizemos esse seminário foi muito interessante e a FAPESP financiou a publicação desse livrinho que saiu no ano 2000. Nós mandamos esse livrinho para todos os docentes do Instituto e a Carolina foi a única que se manifestou, que respondeu. Então o envelope é esse, como eu já te disse, do Núcleo, e esse é o bilhetinho dela.

NUPES – Núcleo de Pesquisas sobre Ensino Superior
Universidade de São Paulo

Professora Maria Helena
 agradeço o exemplar dos "Anais do I
 Seminário de Historiografia da Psicologia". Cumprimentos pela iniciativa pois concordo que a História da Psicologia é relevante na formação de psicólogos.

Um abraço
 Carolina M. Bori

26.06.01

Figura 2: Carta de Carolina Bori em agradecimento ao livro que Maria Helena Souza Patto havia enviado

MHSP: Então é isso, o que eu posso te dizer sobre a Carolina, Gabriel. É isso, sempre foi uma presença forte, sempre que ela aparecia no Instituto para eventos, a figura dela sempre impunha respeito

GVC: Uma perguntinha que é difícil, que não sei se tem resposta na verdade. A senhora poderia pensar em alguma coisa, que não teria acontecido, se ela não tivesse aparecido, tomado frente ou mesmo existido? Alguma coisa qualquer que seja, que o papel dela tivesse sido fundamental para que a coisa acontecesse.

MHSP: Olha, eu acho que a própria criação dos cursos de Psicologia, porque em toda verdade, foi uma luta difícil, porque os Médicos não queriam, e a luta foi encabeçada pela Annita Cabral, mas eu tenho certeza que a Carolina estava nos bastidores da coisa, eu acho então, que a própria criação dos cursos de Psicologia, eu apontaria como uma dessas coisas, não é? Ela era muito jovem ainda, uma jovem professora e, portanto sem poder constituído. Porque ela passou a ter mais tarde, mas ela estava ali ao lado da professora Annita Cabral e eu acho que a própria Reforma Universitária que houve em 68, houve comissões, eu acho, não tenho certeza, mas acho que ela participou de comissões

que foram formadas nos anos 60 para a discussão de um novo modelo da USP, não sei se você tem essa informação.

Estou te falando isso, porque nesse momento eu estou lendo todos os artigos sobre ensino superior que saíram na revista do IEA, o Instituto de Estudos Avançados, eu resolvi fazer um levantamento da presença da Educação na revista e eu estou encarregada de fazer uma síntese do conteúdo do Senso sobre Ensino Superior e antes de vir para cá, agora de manhã, estava lendo um que fala exatamente da história da reforma e todas as coisas que aconteceram antes, os organismos envolvidos, os órgãos envolvidos e não diz as pessoas que pertenciam a estes órgãos, mas acho que a Carolina estava presente de uma maneira muito forte. É, não sei nem se foi a época da criação do Núcleo, mas em um desses órgãos certamente ela esteve.

Ela mandou um documento, assim, esses estudos dessas Comissões. Até se você quiser posso te mandar por e-mail a indicação dessa Comissão e tal, ou então a indicação deste texto que faz esta história, porque você consegue inserir a Carolina ali não?? Escrito até por um professor da faculdade de Medicina e é de 2001 esse texto. Esses estudos preliminares feitos por comissões e esses órgãos acabaram depois montando um documento para o Ministério da Educação e da Cultura e que ajudou a constituir o texto da Reforma, então eu acho que ela certamente participou disso através da pertença dela a algum desses órgãos que fizeram todo esse trabalho preliminar com relação a Reforma Universitária que acabou com as Cátedras. Por último, o próprio Instituto de Psicologia, em Brasília, não posso dizer, mas certamente teve um papel fundador, mas eu acho que aqui no Departamento de Psicologia Experimental, ela teve um papel fundamental, eu acho que um papel fundador mesmo, principalmente depois que acabaram as Cátedras, porque a professora Annita Cabral era uma Catedrática, era um protótipo dos Catedráticos, era inclusive autoritária e tudo mais. Depois que isso acabou e que se criaram os Departamentos do Instituto de Psicologia, eu tenho certeza que ela desempenhou um papel fundador dessa nova fase do Departamento de Psicologia Experimental, porque foram separados os Departamentos, não sei se imediatamente ou logo depois. O Walter Hugo foi um professor que eu tive na época da Carolina, da graduação, um professor inesquecível, maravilhoso, porque tinha uma formação filosófica, porque ele era filósofo e a Carolina teve um papel importantíssimo na constituição do Departamento de Psicologia Experimental, através da contratação de jovens docentes, através de pedidos de verbas para montagem de biotério, de laboratórios, mas isto certamente, pessoas que viveram isso, podem dizer para você com mais detalhes. Ajudou um pouquinho?

GVC: Ajudou. Esse assunto que a senhora tocou que acho que foi importante e com a visão da senhora, que é de uma área diferente.

MHSP: Objetos de estudo são outros e com métodos diferentes, a questão da metodologia.

GVC: Com relação a uma pessoa que incentivou, de certa forma apoiou que não foi aquele apoio contundente, mas que se manifestava a favor.

MHSP: Mas foi um apoio importantíssimo porque senão eu não teria esta bolsa. O apoio também de iniciativas, não só da área experimental, da história. Isto para mim mostra uma grande pessoa na área acadêmica e de fato comprometida com o progresso da ciência.

GVC: É, tem pessoas que comentam sobre interesse dela em pegar poder. A pessoa está na política e de certa forma não tem como fugir um pouco disso, porque se candidata a presidência, por exemplo

MHSP: Sim, mas eu acho que há formas e formas de querer o poder. Na minha trajetória acadêmica eu vi pessoas que queriam o poder por uma questão meramente narcísica para se sentirem poderosas e se sentirem as donas da área e do pedaço, nunca vi isso na Carolina. A Carolina exercia o poder de uma forma extremamente discreta, talvez porque ela queria os postos de poder para poder realizar aquilo que ela achava que era preciso realizar dentro campo científico brasileiro, talvez. E pelo pouco que conheço, mas conheço pelo perfil da Carolina, seria mais essa segunda hipótese do que a primeira. Nunca vi a Carolina como uma pessoa narcísica, como uma pessoa egoísta, querendo o poder pelo poder. Eu não iria por aí. Ela era muito discreta. Ela tinha um filho, mas como eu não conversava com ela sobre coisas pessoais, ela nunca me falou dele, mas o vi algumas vezes por aqui e no dia da homenagem, ele já era adulto, chorou o tempo todo na primeira fila. Deu muito trabalho após uma certa idade como quase todos. E ela se separou cedo, o casamento durou pouco, nunca mais casou de novo, tocou a vida e casou-se com a ciência.

APÊNDICE H – João Cláudio Todorov

Entrevista com João Cláudio Todorov, realizada no dia 19 de outubro de 2012, durante o 42º encontro da SPB, em São Paulo, SP. A entrevista foi realizada em uma sala de conferências, havia pessoas que passavam por ali, mas não houve interferência de pessoas na entrevista.

“a preocupação dela em primeiro lugar com o Brasil, fundamental para o desenvolvimento científico em todos os sentidos... Em relação a Psicologia, a necessidade dos métodos experimentais em psicologia, simplesmente não se pensava nisso. A tradição até então era de profissionais de várias áreas que atuavam o que naquilo que é hoje característica da atuação do Psicólogo... Acho que a preocupação dela com a Análise do Comportamento acaba sendo terceiro”

Gabriel Vieira Cândido: Bom, só para apresentar um pouco o meu interesse, o título está sendo esse: Contribuição de Carolina Bori para o desenvolvimento de uma cultura científica brasileira. Então eu estou, dentre outras coisas, fazendo história oral. Estou trabalhando com história oral, entrevistando pessoas das ciências no Brasil, que trabalharam com ela em algum momento da vida. Então, o convite que eu fiz ao senhor é para conhecer o trabalho que fizeram juntos e um pouco a avaliação que o senhor faz da contribuição dela. Bom, o senhor já disse que são três momentos, certo? O primeiro, seria Brasília, ne?

João Cláudio Todorov: Não, o primeiro é USP. Já começou? Fui aluno dela em uma disciplina chamada “Psicologia da Personalidade”. Só que com a Carolina, o método experimental estava em tudo e para surpresa de alguns professores de hoje, preocupados com personalidade, o trabalho no curso era com pesquisa, a gente tinha que fazer experimentos, dentro das coisas que eram colocadas.

GVC: E utilizavam testes Psicológicos para isto?

JCT: Não, naquela época ela estava interessada no efeito Zeigarnik, das tarefas interrompidas. Eu acabei fazendo uma pesquisa com os empregados da *General Electric*, eu trabalhava lá na época, sobre este assunto

GVC: Sim. Na década de 50 tem alguns artigos sobre personalidade, discutindo personalidade, conceito de personalidade, estudo experimental de personalidade, por isto que perguntei sobre os testes, ela trabalhava muito nos artigos com os testes da Machover.

JCT: Mas eu não tive acesso. O primeiro impacto da Carolina, na minha formação, foi essa de experimento, o primeiro experimento que fiz foi ali.

GVC: Foi no primeiro ano, no segundo?

JCT: Acho que foi no segundo ano. Então, eu só fui ver a Carolina depois, quando eu já tinha aceitado ir para Brasília. Quem falou comigo foi o Gil Sherman, que era um professor que tinha vindo para a USP indicado pelo Keller.

Eu fui monitor do Gil em Psicologia experimental, no terceiro ano do curso e antes de terminar o semestre ele perguntou se eu estaria interessado em ir para Brasília. Em outubro de 1962, nós três fomos juntos, Carolina, Gil e eu para Brasília, para que eu visse a cidade e a universidade e decidisse se eu estava interessado.

GVC: Então isto foi já em 62?

JCT: Em 62, quando eu estava terminando o Bacharelado, já fui convidado para ser auxiliar, um instrutor, que eles chamavam na época, um auxiliar discente. Depois tivemos bastante contato durante o ano de 63 todo, em que nós trabalhamos em São Paulo, na USP, na Cidade Universitária, preparando o material, ajudando a fabricar equipamento, a tarefa nossa era muito de soldar fios, desencapar fios.

GVC: Parece que o Sherman era meio *expert* nessas coisas, certo? De montar aqueles painéis.

JCT: Montar painel sim. Então eu aprendi a montar os painéis de controle com o Gil Sherman, mas quem era “cobra” em construir o equipamento era o Mário Guidi e ele foi o grande braço direito da Carolina nessa tarefa, função de equipamentos.

GVC: Só antes de recomeçar Brasília, quando você foi aluno dela no começo da década de 60, ela ainda estava em Rio Claro? Dava aula nos dois lugares?

JCT: Eu não lembro, não lembro porque para mim, eu ia, entrava, ela era uma das professoras que eu tinha. Naquela época eu era aluno de psicologia, mas fazia "n" coisas junto. Depois trabalhei, eu não conseguia fazer o curso sem trabalhar. Então eu não fui um aluno exemplar neste ponto.

Risos

Então eu só fui conhecer Carolina e o projeto todo dela, nesta viagem em outubro de 62, para Brasília e depois nesta convivência de um ano, na construção do equipamento e foi ela que disse que eu teria que traduzir o “Ciência e Comportamento Humano”. Ela era assim. Chegou em mim e disse: “Você vai fazer isto!” Eu comecei a traduzir em São Paulo e terminei de traduzir em Brasília.

GVC: Em parceria com Rodolpho também?

JCT: Parceria em termos, por que...

Risos

JCT: ...depois que eu traduzia, passava o material para ele e não via mais. Bom quem é que levou para a editora, essas coisas todas, quem fazia era a Carolina. A minha tarefa era traduzir. E como

eu sai, aliás, nós todos saímos de Brasília em 65, eu não vi o livro publicado pela editora da UnB em 67.

GVC: E como foram esses anos lá em Brasília, o trabalho que vocês faziam? Ela era diretora, chefe do Departamento?

JCT: Desde São Paulo, o trabalho era fantástico, tanto que eu tinha um emprego que pagava o dobro do que eu ia ganhar em Brasília como bolsa, mas, o desafio era fascinante. Eu acho que eu resolvi o que queria fazer da vida. Ao invés de continuar em Psicologia Organizacional, uma área que dá dinheiro, eu resolvi trabalhar com Psicologia Experimental. Ainda com a ideia minha romântica de fazer Clínica Experimental e tal, acho que tinha saído o livro do Bachrach, *Experimental Foundations of Clinical Psychology*¹⁵⁴, mas enfim. E o ambiente era de entusiasmo, era muito bom.

GVC: E ela chefiava, coordenava tudo?

JCT: Coordenava tudo, ela mandava em tudo.

GVC: E ela dava algumas disciplinas lá?

JCT: Não, em Brasília acho que não, e aqui eu não sei se ela continuou dando “Personalidade” na época, não sei, mas em Brasília o PSI foi montado a quatro mãos. Agora você me pegou, não lembro exatamente quem estava tocando. O curso de AEC I, a execução dele, agora me foge. Eu não sei, acho que o Rodolpho na época estava trabalhando no planejamento de AEC II, que era o Comportamento Humano, enquanto AEC I estava sendo tocado, mais ou menos com a experiência que tivemos em São Paulo, com a parte de laboratório, mas acho que era Carolina que era responsável pela execução de AEC I, teria que checar isto, eu não lembro.

GVC: Com o fim do departamento, como foi o envolvimento dela, essas comissões que a universidade sempre tem como a bolsas de pós graduação?

JCT: Bom, a Carolina era uma figura importante dentro da universidade, como coordenadora do curso de psicologia e com atuação política muito forte, ela conhecia praticamente vários dos coordenadores dos outros cursos, tinha sido colega do Darcy na USP, então ela tinha muita ocupação enquanto dirigente. Bom, como eu lhe disse no início, para mim ela era mais uma professora e depois ela era minha chefe e estava chefiando um projeto em Brasília.

GVC: Mas, o senhor se interessou pela aula, enquanto aluno na USP?

JCT: De “Personalidade”? Interessei bastante, gostei de fazer o trabalho, ela conseguia transmitir essa importância do método experimental. Na Psicologia, eu acho que foi a grande contribuição dela, desde o começo.

GVC: E depois, o senhor disse lá, quando o senhor foi reitor da UNB, ela estava no Conselho da Universidade. Como era esta relação?

JCT: Muito boa, não é? A gente manteve um relacionamento bom. Aliás, antes disso, quando eu voltei dos Estados Unidos eu fui trabalhar na USP de Ribeirão Preto, na faculdade de Medicina e lá

¹⁵⁴ Bachrach, A. J (1962) *Experimental Foundations of Clinical Psychology*. Basic Books.

eu dei durante alguns semestres cursos de pós-graduação na USP de São Paulo. Então de vez em quando a gente tinha um relacionamento.

GVC: Tem algum exemplo interessante, sobre banca, discussão de pesquisas?

JCT: Tem, mas, não vale a pena comentar aqui.

Risos

JCT: Porque eu sempre fui muito exigente em banca. Isso gerou mal estar, mas enfim.

Risos

JCT: Deixa para lá. Mas eu tinha bom relacionamento e eu tinha vários alunos que viajavam para Ribeirão Preto para ter aula comigo, esta época.

GVC: Eu vi um artigo que tinha o senhor, a Deisy e ela, como co-autora também. A Deisy me contou que era um trabalho que vocês começaram a fazer em Ribeirão Preto.

JCT: É, a Deisy começou a trabalhar comigo como bolsista de Iniciação Científica em Ribeirão Preto e depois foi fazer mestrado em São Paulo. Só que a pesquisa era feita em São Carlos e o laboratório em São Carlos tinha sido montado por mim, a convite do reitor de lá.

GVC: Que era o Luiz Edmundo?

JCT: Não, o Heitor Gurgulino de Souza¹⁵⁵. E isso foi em setenta e quatro, eu acho. E o equipamento montado servia também para pesquisa, e tanto no mestrado, quanto no doutorado a orientadora era a Carolina, mas eu funcionava como um co-orientador a “doc” e no fim das contas, a decisão de publicar, se não me engano foi um trabalho de doutorado. Mas se dependesse da Carolina ele nunca seria publicado, porque a Carolina orientava milhares de teses e se algum aluno decidisse publicar, publicava, se não... e por isso, esta era uma discordância que eu tinha com ela.

GVC: Sim e esse artigo tem ela.

JCT: Nós perguntamos a ela se poderíamos colocar o nome dela, porque ela tinha sido orientadora formal e então, como a Deisy era muito amiga, quem conversou com ela foi a Deisy. Mas eu nunca cheguei a conversar com a Carolina, direto sobre esse assunto. Esse foi um dos poucos que eu sei que ela publicou.

GVC: Sim. E como trabalho experimental é o único que ela tem, sendo que ela trabalhou tanto tempo dando aula de experimental.

¹⁵⁵ Heitor Gurgulino de Souza (1928 –) é acadêmico, fez trabalhos relacionados à física nuclear. Exerceu várias funções de gestão em Ciência e Tecnologia e em Educação, além de assumir cargos internacionais em sociedades, comitês e organizações voltados para a educação. Ajudou a estabelecer a Universidade Federal de São Carlos, em 1970, e foi seu primeiro reitor.

JCT: Não e milhares de teses que ela orientou e deveria ter publicado. Mas este era o problema da USP naquela época, não sei como está agora. Deve ter mudado, mas os alunos faziam mestrado, faziam doutorado, iam para a prateleira.

GVC: Voltando para a UnB, eu vi uma participação dela como professora mérita, talvez.

JCT: Não, ela ganhou o Doutor Honoris Causa depois, pelo reitor que me sucedeu e eu continuo achando que deve ter sido a política. O Doutor Honoris Causa era para casos específicos. Eu, por exemplo, em quatro anos só propus e aprovamos o Doutor Honoris Causa para o Darcy, porque tinha sido fundador. Então não me passou naquela época propor a Carolina porque ela tinha sido professora e era membro do conselho diretor, senão eu gostaria muito de ter feito a proposta, mas no Conselho Diretor quando eu assumi a reitoria, ela já estava no Conselho Diretor porque havia sido indicado pelo reitor anterior e tivemos um relacionamento normal. Não lembro de nada assim, específico. Pelo menos a gente tinha ideias parecidas sobre o que era importante para a Universidade.

GVC: E qual que era o papel dela, o que ela fazia como membro deste conselho?

JCT: Bom, o Conselho Diretor era responsável pelo Patrimônio Universitário, então, a maior parte dos assuntos que chegam ao conselho diretor, são referentes a gestão do patrimônio. O que comparar, o que vender, essas coisas.

GVC: E ela ia nas reuniões?

JCT: Todas elas!

GVC: Foi mais ou menos neste período que o senhor trabalhou para ela na SBPC, ou não?

JCT: Eu acho que foi depois, eu não lembro, teria que verificar no meu currículo qual é as datas. Eu sei que a última gestão dela terminou em 84, se não me engano, na SBPC, depois foi fazendo outras coisas a mais. Então, eu acho que o último cargo que ela teve como membro gestor lá, ou presidente, talvez, acho que foi em oitenta e quatro. Não sei, nessa época, não lembro

GVC: E como foi trabalhar com ela na SBPC?

JCT: Bom, durante a vida inteira foi muito bom, todos os contatos que a gente teve, desde o começo, principalmente depois que eu voltei e fui para Ribeirão Preto, muito amigável, minha mulher era muito amiga dela. Ela esteve em casa várias vezes, acho que a última vez que ela esteve, alguns meses antes de morrer, acho que nós estávamos em Goiânia para alguma reunião, não lembro do que, ela ia chegar em Brasília de manhã e só tinha um compromisso a tarde e eu ia continuar em Goiânia, mas conseguimos convencê-la a ir do Aeroporto para casa e passar a manhã em casa e foi uma manhã ótima e eu guardo muito essa visita.

GVC: Sim, legal. E as associações na época, SBP, na época da SPRP também, ABPMC?

JCT: Sim, desde o início a “Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto”, acho que desde a primeira reunião, era uma figura frequente. Mas ela ia como convidada, acho que ela nunca chegou a ser membro do conselho.

GVC: Ela foi presidente?

JCT: Da SBP depois, mas da SPRP não. Acho que nunca foi nada, senão, convidada e palestrante. Acho que naquela época a SPRP funcionava muito com presidente e diretoria de Ribeirão Preto, porque ela foi fundada como uma Associação Municipal, você sabe disso. Quando a gente pensou em fazer a primeira reunião, fundar a associação, ninguém imaginou, que logo a partir da primeira, ela teria gente do Brasil inteiro.

GVC: Quando eu vejo o nome dos presidentes e secretários, todos são professores de Ribeirão Preto, como o Ricardo Gorayeb, que foi várias vezes presidente.

JCT: Várias vezes o Ricardo, várias vezes o Luis de Oliveira, José Aparecido, o Lino, José Lino, o Isaias também.

GVC: Bom, mas a ABPMC também, como associação mais específica dentro da Psicologia?

JCT: Eu não tive muito contato com a ABPMC, porque como eles disseram hoje na Assembléia, começou como uma associação profissional e começou como uma espécie de reincidência de Ribeirão Preto, pelo menos quando era Associação de Modificação do Comportamento, a AMC. Mas enfim, eu não tive muito contato, só fui ter contato maior com a ABPMC bem mais tarde. E bem depois que eu voltei para a Psicologia praticamente, porque eu fiquei muito tempo fora da Psicologia, fui Decano em Pesquisa e Pós-graduação, Vice-Reitor por 4 anos, depois Reitor e depois fui trabalhar no governo, 3 anos no Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária, deu um total de 85 à 2000. Em 2000 que eu aposento da UnB saio do governo e aceito o convite da Católica de Goiás para ir lá ajudar a montar o mestrado. Em Psicologia, eu perdi muito nesses 15 anos. O desenvolvimento da ABPMC assim como da AMPEP, eu nunca fui em uma reunião da ANPPEP .

GVC: Você não participa de GT nenhum?

JCT: Quando voltei para Psicologia estava mais interessado na ABA Internacional que é mais ou menos da mesma época, então eu não tenho ligações.

GVC: Então a ABAC também o senhor não teve muito envolvimento?

JCT: Que ABAC?

GVC: ABAC foi a que sucedeu a AMC, era a “Associação de Modificação do Comportamento”, depois virou a “Associação Brasileira de Análise do Comportamento”. Bom, sobre o envolvimento dela em outras áreas, durante a SBPC por exemplo, como era o envolvimento dela com outras áreas, além da Psicologia? O envolvimento com outros Pesquisadores, com FAPESP e coisas do tipo?

JCT: Eu não tenho muita informação sobre isso, mas, eu lembro uma vez que eu participei com ela. Houve uma Comissão da SBPC para discutir uma questão de Educação. Eu estou doido para lembrar com quem era.

GVC: Foi na UnB isso?

JCT: Não, foi na Sede da SBPC em São Paulo, não tenho muita informação.

GVC: Bom, sobre a contribuição dela, é pergunta difícil, eu sei, mas como o senhor descreveria a contribuição dela para a Ciência, para a Psicologia?

JCT: Você leu o que a SBPC pediu que eu escrevesse, quando ela morreu? Aquele texto do Ciência Hoje. É um boletim amarelo, então, descobre lá e pega. Tem o que eu penso da Carolina. Tem toda a emoção da morte. Não sei se eu lembro do título, mas era algo como o Rigor do Método. Bom, a preocupação dela em primeiro lugar com o Brasil, fundamental para o desenvolvimento científico em todos os sentidos. Ela passou a vida inteira dela trabalhando com a SBPC, ela fazia parte do grupo que pensou e formou a SBPC basicamente e do grupo que, na SBPC, pensou a UnB, isso com relação a ciência geral. Em relação a Psicologia, a necessidade dos Métodos Experimentais em Psicologia, simplesmente não se pensava nisso. A tradição até então era de profissionais de várias áreas que atuavam o que naquilo que é hoje característica da atuação do psicólogo. Pedagogos, filósofos, médicos, nenhum deles com treinamento em pesquisa, em métodos experimentais, então esta foi uma grande batalha da Carolina. Acho que a preocupação dela com a Análise do Comportamento acaba sendo terceiro. Primeiro era o Brasil, esta preocupação com o desenvolvimento científico brasileiro; o segundo, método experimental e científico na psicologia; e a Análise do Comportamento.

GVC: Certo, uma última perguntinha antes de terminar. Bom, o senhor foi aluno dela, passou um tempo assim, como aluno e professora. Mas em outros momentos, teve um contato mais próximo, acredito que em Brasília também, e hoje o senhor com vários prêmios, foi premiado recentemente pela ABA, pela difusão da Análise do Comportamento, por várias pesquisas. Bom, com todo o reconhecimento que você tem na Ciência do Brasil, não sei se o senhor sabe avaliar isso agora, mas o que o senhor acha que aprendeu com ela?

JCT: Olha, eu gostaria de ter aprendido com ela a fazer as coisas a maneira de Carolina.

GVC: Como que é essa maneira?

JCT: Com essa seriedade, o empenho, realmente se dedicar e trabalhar. Eu talvez, não tenha conseguido fazer isto tão bem. Mas, tranquilamente ela foi uma grande influência no meu desenvolvimento, por conta disso. Então, eu devo a Carolina o fato de eu ter me encaminhado nesta direção que estou hoje e não continuar na Psicologia Organizacional.

APÊNDICE I – Geraldina Porto Witter

Entrevista com Geraldina Porto Witter, cedida a Gabriel Vieira Cândido no dia 20 de outubro de 2012, durante o último dia do 42º encontro anual da Sociedade Brasileira de Psicologia, em São Paulo, SP. A entrevista foi feita da sala dos convidados do encontro e, ao final da entrevista, João Claudio Todorov pediu para participar da conversa. Durante toda a entrevista, a professora Geraldina Witter estava acompanhada de duas pessoas (uma era a sua filha) que fizeram alguns comentários durante a entrevista.

“a Carolina não contribui só para a ciência, ela formou muita gente e ela contribuiu para que a Psicologia fosse uma profissão no país. O que ela fez então, nós não estaríamos aqui sem a Carolina ter investido como ela investiu, e ela tinha uma capacidade muito grande de fazer a gente sentir que aquele era o caminho”

Gabriel Vieira Cândido: Apresentei um pouquinho o meu trabalho, estou indo atrás de pessoas que trabalhavam com a Carolina Bori em vários momentos, pessoas que também tem uma representatividade na ciência no Brasil, mas quando eu pensei na senhora para convidá-la eu sabia de pelo menos três situações talvez que a parceria entre a senhora e a Carolina Bori me chamou mais atenção. A senhora pode me corrigir se eu estiver falando alguma coisa errada ou acrescentar, primeiro como aluna na USP, um segundo momento em Rio Claro, e depois em algum momento na SBPC também.

Geraldina Porto Witter: Na SBPC só muito distante, mais de trabalhar nas intenções para ir na SBPC.

GVC: Então eu queria ouvir um pouquinho como era essa relação nesses períodos e se tem algo mais.

GPW: Tem. Meu nome é Geraldina Porto Witter concordei com essa gravação e para falar de Carolina é falar de alguém que foi muito importante na minha vida, a primeira aula que eu tive na USP foi com a Carolina, primeiro dia meu de aula entrou Carolina na aula.

GVC: Lembra o nome da disciplina?

GPW: Ela dava Introdução à Psicologia. Então ela entrou na sala, não falou nada, entrou e ela tinha acabado de chegar dos Estados Unidos. O curso que ela fez lá com sobre o Lewin. Então ela era naquela época lewiniana. Ela chegou na sala, pôs a bibliografia na lousa com as datas, era Wertheimer, Koffka e Kohler, que a gente tinha que ler os livros um para a próxima semana, um para a próxima semana e a cada semana tinha que ler um livro, e de cada livro ela queria uma síntese e uma pergunta. A gente fazendo uma pergunta sobre o livro. O que é que ficou pendente. Ela estava mais nervosa do que nós, que era primeiro dia de aula dela também ali na USP, então a gente sabia também que tinha

que fazer uma pesquisa durante o ano. As disciplinas eram anuais e nesse meio tempo a gente deveria definir uma pesquisa. Ela achou até que a gente poderia encontrar as coisas ali, ela falou que a gente poderia ter uma ideia do assunto e indo no *Dissertation Abstract* ou no *Psychological Abstract* para ver como é que a coisa estava sendo tratada ali. A gente tinha quatro horas de aula seguidas, nenhum intervalo porque éramos todos adultos e ninguém precisa de intervalo com quatro horas (risos). Quatro horas não? Então a gente, quando acabou a aula, então a gente ficou brigando porque tinha um livro de cada um. *Xerox* não existia ainda naquela época, para gente fazer cópia e nem poderia então a gente fez um esforço assim cada um vai traduzindo porque muitos dos colegas tinham dificuldade com inglês, embora no vestibular o inglês fosse obrigatório. Inglês e francês e todos deveriam saber ler, mas tinha alguns que tinham mais dificuldade. Depois, o inglês desse pessoal também era um inglês duro, não? Então a gente foi, fez o trabalho e tudo e eu aprendi muito com ela nessa época. Eu já tinha experiência de pesquisa porque eu tive a sorte de no ensino médio eu ter tido professores que eram professores da USP. Desde o primeiro ano meu de ensino do antigo ginásio, eu tinha professor de latim que era professor da USP, o titular de latim da USP dava aula lá para gente, então tinha já, eu já estava envolvida com pesquisa, já tinha sido auxiliar inclusive de análise de dados de pesquisa. Quando eu entrei na Universidade, qui-quadrado e correlação eram coisas que eu já sabia. Eu logo me dispus a fazer a pesquisa, e ela me ajudou bastante a definir temas e tinha um tema que ela estava interessada também. Então a gente discutia muito, e ela era assim bastante acessível em dar informação e indicar para gente onde tinha as coisas para gente procurar. Quer dizer, eu não sabia que existia um *Dissertation Abstract* e nem o que era isso. Ela explicou para o que era e a gente começou a estudar e vinha com as dúvidas com ela. “Como é que a gente consegue a tese”, é mais difícil tem que pedir cópia, depois surgiu a *xerox* que fazia as cópias para gente, ai que bom. (risos)

Mas eu fiz essa disciplina. Quando mais adiantada no curso eu fiz outra com ela que era já sobre matéria ligada à produção científica, os cuidados que a gente deveria ter, um pouco de ética essas coisas. Eu já estava no último ano, nessa altura a Carolina tinha acabado de vir dos Estados Unidos de novo onde ela teve com o Keller e foi quando ela até preparou a vinda.

GVC: Já estava pensando em Brasília?

GPW: Não, ela não estava pensando ainda em Brasília, ela estava ainda na USP, mas ela já tinha tido um primeiro contato com ele. Na segunda viagem, ela veio já com as coisas mais ou menos organizadas e o Keller deveria vir para o Brasil naquela ocasião.

GVC: Mas essa já foi já a primeira vinda dele?

GPW: É, já era a primeira vinda dele, ele veio para dar um curso aqui. Então, e eu estava matriculada no curso, eu estava grávida, e eu precisava me formar na época, eu tinha bolsa de estudo. Acabava o prazo da bolsa, e eu tinha que voltar para o ensino, eu era professora primária, eu tinha que voltar para a escola, e eu não podia atrasar minha formatura, porque eu também ia dar a luz logo ali em seguida. Eu tive que desistir do curso, mas eu combinei com ela: “Posso ir assistir o que desse para

assistir?”. Então eu ia assistir algumas aulas, ela veio e já começou a planejar Brasília. Eu entrei no grupo de planejamento para ir para Brasília, porque eu queria ir para Brasília também.

GVC: Sim. E Rio Claro?

GPW: Eu estava me formando e eu comecei a fazer a pós-graduação aqui na USP, para fazer o doutorado na USP. Naquela época só podia ser orientador o titular, mas eu queria fazer com a Carolina. Foi um processo enorme, demorado, e a gente tinha muitos amigos, meu marido era muito relacionado com o diretor da faculdade, então ele conseguiu passar, na congregação, uma autorização especial para a Carolina ser minha orientadora, que só doutor não podia. Então, era o titular que orientava todo mundo. Eu ia fazer uma tese sobre a esquiva assinalada do Sidman, seguindo o roteiro. Então, ela trouxe para mim a tese do Sidman para eu ler e eu fiquei toda preocupada com aquilo. A gente se formou e ela me convidou para trabalhar com ela em Rio Claro, lá estava o Isaias Pessotti.

GVC: O Isaias já estava lá?

GPW: O Isaias já estava lá e a Nilce Mejias também, e lá fui eu. Daí, vamos preparar Brasília! Eu fiquei encarregada de estudar os ratos. Como é que ia conseguir os ratos, a qualidade de vida, o que é que precisava, onde a gente podia arranjar os ratos. Então li sobre ratos. Ela que dividia mais ou menos os trabalhos, porque a gente ia ter que levar rato para lá. Eu estava fazendo o curso em São Paulo, as disciplinas da USP, e de manhã a gente vinha cedo para ter um trabalho no laboratório lá na biologia e onde a gente discutia Brasília, e a gente fazia as pesquisas da gente lá. Então, a gente tinha cada um uma tarefa, então ela me deu outra tarefa que era comparar os primeiros 1000 livros de psicologia para a biblioteca de Brasília, da parte da Psicologia. Então, lá fui eu para as livrarias daqui pegar os catálogos para importar livros e ver o que a gente queria. Para isso, eu tive primeiro que ter uma ideia geral do que é que a gente ia dar e quem era o psicólogo que a gente ia formar, para eu ir buscar os livros que precisava comparar.

Eu acabei comparando 1500 livros, primeiro tinha um tanto, mas a gente era bastante, era amigo dos livreiros e a gente conseguiu comparar, fazer a compra. Ia ter o vestibular lá em Brasília e eu fui lá ajudar. Eu, meu marido foi também porque ele ia para a história, mas ele não quis ficar lá. Ele não gostou do grupo, tinha uma pessoa que era uma pessoa muito mal vista da USP que foi posta fora e que estava lá coordenando, ele disse “eu não vou trabalhar com ele, sujar meu nome, não vou”, e ele tinha ao mesmo tempo um convite do Sergio Buarque de Holanda para trabalhar com ele e nós fomos. Fomos de carro, levar coisas para Brasília que eles pediram para gente levar, eu estava toda entusiasmada e ele também estava. Até escolhi até apartamento. A Carolina ia morar no apartamento de cima eu ia morar no apartamento de baixo, fiz a matrícula da minha filha na escola, fui reservar a matrícula da minha filha e do filho dela, para a gente ir lá, que os dois, a minha filha e o filho dela tinham a mesma idade, e quando ela ia para Rio Claro, era férias, ela levava o menino junto, e ele ficava brincando na minha casa, ela almoçava lá com a gente. Mas na volta a gente veio conversando e meu marido disse assim “eu não posso trabalhar com aquele homem”. A gente conversou com a Carolina, “a Geraldina fica, eu dou uma passagem por mês para ela”, naquela época estava tudo azul e

cor de rosa, ainda não estava ninguém pensando no que veio depois, quer dizer ela vem uma vez por mês, ela vêm e você arranja uma passagem uma vez por mês e você vai, a gente faz um convênio com a USP você vai dar umas palestras lá e pronto. Quando acabou o vestibular a gente veio embora e veio conversando.

GVC: Engraçado, não teve um limite financeiro na USP lá em Brasília?

GPW: Não tinha limite, não. Mas então, eu não queria separar a família, eu já tinha um bebê novo, não? Um menino novo já estava com a terceira filha, como é que eu vou fazer? Eu tinha uma tia-avó, que é a tia da mamãe, que estava morando comigo e me ajudava em tudo. Ele disse “eu moro aqui sozinho e você mora lá com os dois”. Eu disse não a família tem que morar junto e os filhos tem que curtir o pai agora, porque senão nunca mais você vai ter a relação necessária”. Então eu disse “não, eu não vou. A gente fica aqui”.

Eu tive um convite. O Arrigo me convidou na mesma época para trabalhar e foi um convite muito interessante, é uma outra história mas foi muito interessante o convite dele, como ele fez e eu disse: “vamos ficar aqui em São Paulo então”.

GVC: Então, Brasília para a senhora durou quanto tempo? Meses?

GPW: Eu não cheguei a ir lá para ficar lá. Quando a Carolina veio a gente conversou com ela, o meu marido estava se sentindo um pouco culpado por eu não poder fazer aquilo que eu queria, e ele foi conversar com a Carolina e ela disse “não se preocupa, ela vai por conta dela, com o que ela já sabe”, e ele disse “e a tese?” Ela disse, “a tese, bom, ela vai ter que mudar, ne!” Porque, inclusive, os equipamentos que estavam em Rio Claro, que eu estava usando, iam para Brasília e tive que embrulhar, empacotar tudo aquilo para mandar para Brasília, e eu disse “bom, paciência?”. Eu ainda fiquei um pouco em Rio Claro até acertar com o Arrigo e vir para São Paulo.

GVC: Ainda em Rio Claro, como foi o fim? Uma coisa que eu ainda não consegui entender muito bem, ela saiu da USP teve lá os motivos.

GPW: Não, ela trabalhava na USP e em Rio Claro.

E: Ao mesmo tempo?

GPW: A USP emprestou-a para Rio Claro, para criar, dar base para criação de curso lá, então e ela fez uma equipe dela.

E: Isso foi mais ou menos em 58?

GPW: Em 58 eu entrei na universidade, foi no começo de 60 que a gente começou a tratar de ir para Brasília. Então, quando eu decidi, ela disse “não, ela faz a tese sozinha. Só que o problema é que ela não tem equipamento agora”. Como o Arrigo me convidou, eu fui e conversei com ele. Eu sei que eu disse que não queria fazer tese com o senhor e foi uma coisa, uma exceção porque não tinha... todo mundo fazia tese com o titular. Ele disse assim “não, acho que foi boa a exceção porque outros estão fazendo isso e a gente não conseguia orientar todo mundo”. “E agora eu estou querendo voltar com o senhor, o senhor me aceita?” Ele disse, “mas com rato eu não mexo” eu disse “não, não é com rato. Eu vou trabalhar com alfabetização, com repertório básico para alfabetização”, ele disse “tá bom,

você sabe o que você vai fazer? Então eu vou acompanhar você”. Eu ia fazendo, ia dando para ele, lia tudo, nós tivemos reunião de orientação duas vezes porque eu fazia o tratamento dos dados das pesquisas dele, eu ajudava, eu tinha já ajudado três colegas do doutorado, então, ele se interessou e a gente foi. Eu fiquei em São Paulo e a Carolina lá. Quando estourou a coisa em Brasília, eles voltaram para cá e no nosso departamento que era onde a Carolina estava, a verba dela tinha sido passada para me contratar e outras pessoas.

GVC: Porque ela saiu para Brasília! Ela não foi emprestada?

GPW: Não, ela pediu demissão porque ela ia ficar o tempo integral lá. Então, ela ia coordenar tudo lá. Ela voltou, ela voltou para o departamento de psicologia experimental, porque eles estavam mais interessados em manter aquela linha de análise experimental do comportamento que foi se desenvolver lá. Então, quando ela voltou, ela foi para outro departamento e eu para outro e inclusive estávamos em espaços físicos distantes e nessa altura a gente tinha tido a briga com a Mackenzie, a USP brigou com a Mackenzie, a Mackenzie apedrejou a nossa escola.

Foi uma luta danada, a gente fazia serão a noite toda lá, defendendo a escola e a escola não tinha mais condições. Ela ficou tão estragada que não dava mais para ficar lá. Então, nós mudamos de lá para a cidade universitária. A psicologia experimental foi para um prédio e nós fomos para o prédio da educação e o prédio da educação começou a cair. Então, a gente mudou para história, para o prédio de história que eles cederam uma área para a gente até que saiu os barracões.

GVC: Qual era o seu departamento?

GPW: O meu departamento era psicologia educacional. Nós mudamos para um barracão, onde é hoje, naquele mesmo espaço físico, só que eram barracões, depois fizeram prédios. E a gente tinha um contato mais assim, eu mandava alunos meus fazer, meus orientandos iam fazer disciplina lá e eles mandavam os orientandos de lá fazer disciplina aqui. Então, a gente tinha um contato mais distante e ocasionalmente a gente ia até ao teatro juntas. Nós fomos ver junto a peça do Chico Buarque que a gente tinha facilidade, a gente conheceu o Chico, era menino não?, de calça curta não?, como a gente ia muito na casa do Chico e a Dona Maria Amélia fazia muitos jantares e o Witter vivia lá que ele ajudava muito o Sérgio e a gente conseguia ingresso com mais facilidade. Então, um dia a gente foi ver a Roda Viva e ela foi ver com a gente. O Witter conseguiu o ingresso e disse vamos ver se a Carolina que ir e fomos. A gente era um contato mais social e mais de vez em quando. E ela coordenava a comissão de pós-graduação e eu era integrante da comissão de pós-graduação. Era eu, a Maria Amélia e tinha outra professora de outros departamentos mas da linha dela era eu Maria Amélia e ela que tocava mesmo a infra estrutura. Então, a gente trabalhou bastante na pós graduação, mas a nível de administração, junto. Depois, a Carolina se aposentou, ficou ainda mais e eu me aposentei porque eu era mais nova mas eu comecei a trabalhar muito mais cedo que ela. Eu comecei a trabalhar também na Paraíba. A USP me emprestou durante alguns anos e, então, eu me aposentei na USP. Eles queriam que eu ficasse tempo integral lá eu disse que não foi pelo mesmo problema meu marido não

vai eu não vou. Então, a gente tinha um contato mais assim esporádico nos encontros científicos, em participação de eventos, em participação na Sociedade, na SBP, na SBPC assim.

GVC: Pensando na contribuição dela para a ciência, que tipo de discussão vocês faziam?

GPW: Ela se preocupava muito com a divulgação da produção, que a gente tinha que publicar sim e que a gente tinha que procurar fazer o melhor possível. A gente discutia muito isso, nessas reuniões que a gente tinha para preparar Brasília, todos nós fazíamos pesquisa e foi uma das maiores lições que eu tive na vida foi nessas reuniões, em que eu e o Isaias estávamos fazendo uma pesquisa. E a gente fez a pesquisa e nós achávamos que estávamos inovando. A gente nem era doutor ainda, ela trouxe um livro encapadinho para a gente e pediu para a gente ler um artigo lá. Eu disse “poxa esses caras fizeram igual ao que a gente está fazendo, fizeram a mesma coisa”. Era um capítulo de um livro em que narrava exatamente a mesma pesquisa que a gente estava fazendo, só que eles faziam em uma linguagem cognitivista. Mas o procedimento era exatamente o que nós estávamos fazendo. Ela disse “vocês podem comparar os seus dados com os dele”, usaram inclusive equipamentos semelhantes ao nosso. O Isaias ficou decepcionado, nós nem publicamos o trabalho. Então, ela falou assim, “o que vale é o método. Você pode fazer bem feito, o dado vai valer sempre você pode ler o dado com a leitura que você quiser. Se o dado for bem colhido, você pode fazer uma leitura diferenciada”. Os dados foram colhidos igual a curva é a mesma de vocês se fizer junto vai ficar igual, então...

GVC: E acharam os mesmos dados?

GPW: A mesma coisa, era parecidíssimo se pusesse na mesma escala a nossa curva estava junto com a deles. Então, a gente um rato e eles tinham um rato nós tínhamos outro, fazendo os mesmo esquemas que nós usamos de reforçamento eles usaram.

GVC: Só que chamavam de outras coisas.

GPW: É, então ela tinha bastante preocupação com isso e ela orientou muito a gente em termos de profissão também, não só cientificamente mas em termos de profissão. Ela estava nessa comissão para criar a psicologia como ciência. Era o Arrigo, ela, padre Benko, o Bessa, era um grupo que estava trabalhando. Então, ela trazia muita coisa para a gente ler, para a gente produzir, para a gente organizar, para ela levar as opiniões. A gente saía perguntando para os outros o que os outros achavam, juntávamos as informações para ela, para ela ir defender nosso ponto de vista lá, quando saiu a profissão, ela ficou insistindo que todo mundo tinha que se inscrever o mais rápido possível para criar base. Quando a gente começou com a inscrição era no MEC, porque ainda não tinha criado o Conselho Federal de Psicologia, que só em 72 que foi criado, então dez anos depois de criada a profissão. Nessa época a gente tinha muito contato em função de fazer, vamos dizer assim, o avesso, a parte do chão de fábrica para ajudar a sair a profissão, para buscar a assinatura de pessoas coisas assim para sair o conselho.

GVC: A senhora recebeu o registro de psicóloga? O Isaias fala: “E ela não me fez psicólogo!”

GPW: Recebi. Não, ela deixou livre isso para a gente. Eu acho que ela fez o papel dela na hora em que ela alertou: “agora vocês tem que se inscrever”. Para inscrição você tinha que arranjar uma

papelada danada dava um trabalhão muito mais complexo do que é hoje. Você chega hoje é rápido, mas naquela época você tinha que levar currículo, levar histórico, tudo com comprovante.

GVC: É porque eles iam avaliar quem ia ser psicólogo de fato, certo?

GPW: É, porque estava tudo assim meio no ar. Os cursos de psicologia eram novíssimos ainda estavam começando a formar então não tinha aquela *status* ali. Quando saiu a lei, o curso de psicologia não estava formado. Então, eu completei os créditos e pedi o registro. Mas ela alertou para a gente fazer, mas quem se interessou foi atrás. Mas teve gente que achou assim “ah, isso é bobagem”, “Eu não estou interessado em fazer isso”. Então, assim eu fiz, sou psicóloga porque ela alertou “olha, se vocês não correrem com os papéis...”. Eu complementei os cursos lá para poder.

GVC: Certo, a senhora foi professora na USP durante muito tempo. Existia um contato de um ir na banca do outro? Como era a situação dela, como era a discussão que era feita?

GPW: Sim, tinha. Olha, tinha uma discussão de regulamentação geral que todo mundo fazia mesmo. Eu acho que a gente quebrou um certo formalismo quando começou as bancas no novo regime. Quando eu fiz doutorado eu fui a primeira banca na psicologia que a gente não usou beca. Tinha que usar beca, todo mundo tinha que usar beca. Até hoje na medicina ainda é assim, participei de banca de livre docente o ano retrasado lá, de doutorado que eu tive que participar na medicina e é de beca! Um puta calorão e a gente de beca. Mas naquela época era época que começou a se discutir as coisas. Em 69 estava aquela revolução e tudo e uma das coisas foi a gente tirar a beca. Então na psicologia a gente tirou a beca e eu fui a primeira defesa de tese no novo Instituto. Ainda estava na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e a gente fez sem beca. Daí ninguém mais usou. E aí, no começo do Instituto, já do Instituto estabelecido no prédio dele, ninguém nunca mais usou beca.

GVC: Sim, e essa mudança do Departamento para o Instituto?

GPW: Olha foi uma luta danada. Foi uma luta danada, porque na realidade a Experimental propôs que a gente fosse ficar junto com a Biologia. Por outro lado a clínica queria ficar na medicina e a escolar e social não queriam. A gente achou que se ficasse na Educação a gente teria a maioria da verba porque a gente tinha mais produção. Mas tem o social. Onde que nós vamos colocar essa gente? A gente fez um esforço danado, foi uma briga grande com a Experimental. Os outros logo aceitaram em criar um Instituto de Psicologia, mas o pessoal de Experimental relutou muito em aceitar. A gente fazia discussões até de madrugada, tinha uma comissão dos que queriam fazer um Instituto separado e com a Experimental, porque os outros logo aderiram. E foi uma luta grande porque a gente teve que conseguir, no Conselho Universitário, a aprovação. E a gente ganhou por um voto de Eurípedes Simão de Paula.

Os dois grupos trabalharam muito e a gente ganhou por um voto, e então, o Eurípedes votou para gente, que estava presidindo a coisa e deu voto de minerva também e nós ganhamos. Então, criou o Instituto de Psicologia que hoje todo mundo acha que foi certo, porque que você ia fazer Psicologia Social, com Psicologia do Trabalho. O que que ia fazer, onde ia por essa gente? Para nós da Educacional ficar na educacional, na Educação era ótimo porque a gente ia ficar com o quinhão maior,

mas não era certo. A gente ficava de madrugada até tarde da noite, duas horas da manhã estava saindo de lá. Então, voltava, ia para os departamentos, cada departamento discutia de novo. Até que se acertou, a gente criou o Instituto de Psicologia, mas foi madrugadas e madrugadas. A gente ficava até tarde mas a Carolina pouco participou dessas reuniões, era mais o César e o Walter Hugo, eu, o Samuel Fromm, o Romeu, tinha um da clínica e de social era Eclea. Então, a gente discutia, discutia até que, então, criou o Instituto com os quatro Departamentos no começo e chegou onde está hoje.

GVC: Na SBPC tem alguma coisa?

GPW: Quando a Carolina estava na presidência eu estava muito ligada a USP e ao mesmo tempo a Universidade Federal da Paraíba. Então, eu viajava ficava quinze dias aqui ficava quinze dias lá. O que eu fiz foi trazer o pessoal de lá para vir para SBPC, trazer os colegas meus que eram professores lá começar a ir. Então eu estimulava os outros cursos que eu estava lá trabalhando na educação, mas trabalhava também na Biblioteconomia (risos) e eu fui dar aula na Estatística que eles me convidaram para dar aula na Pós Graduação de Estatística. Eu dei dois anos aula na Pós-Graduação de Estatística deles. Então, eu vinha com uma turma de lá. A gente ia para lá e para cá. Era isso que eu fazia, era divulgar porque tinha um grupo lá. Mas era difícil convencer: “mas é muito difícil fazer pesquisa para levar o que a gente faz”. Eu comecei a ajudar todo mundo na parte metodológica para eles virem e eles vinham bastante mesmo vinha uma turma grande, vinha gente da Medicina, de todas as áreas. Eu tinha lá orientando de várias áreas que faziam Educação, e gente da Biblioteconomia também. Então eu comecei a dar aula na Pós Graduação de Psicologia e orientei gente lá então.

Fala de um dos acompanhantes da professora Geraldina: E dois reitores da Universidade foram orientados dela e eles hoje tem uma Universidade de grande porte na Paraíba.

GPW: Tem dois. O Jackson e tem o Loreiro, que eu era co-orientadora. Porque o orientador dele eu não entendia bem o que estava fazendo. Então, essa gente toda fazia pesquisa lá e vamos levar lá. A gente trazia gente de todas as áreas, e de psicologia a gente trazia para a SBP.

GVC: Na SBP teve algum tipo de relacionamento, algum contato de Diretoria, de Conselho?

GPW: A gente foi membro do conselho concomitantemente. Agora eu sou membro de novo, eu fui vice-presidente do conselho, vice-presidente da SBP, e nessa época gente trabalhou bastante junto e ela era membro do Conselho e mais tarde eu fui membro do Conselho de novo, então a gente trabalhou nessa parte mais técnica, administrativa de tomada de decisões.

GVC: A senhora acabou tendo mais contato com ela como colega de trabalho mesmo, um tempinho como aluna, mas logo já se tornou professora.

GPW: Como aluna eu aprendi muito com ela, mas o que ela ensinava naquela época, o que ela tinha assim mais gozo em ensinar era realmente a parte de *Gestalt* e a parte do Lewin. A gente fazia experimentação, mas não experimentação com animal e nem na linha de Análise Experimental. Quem primeiro me falou em análise experimental do comportamento e em técnicas de máquina de escrever do Skinner foi o Samuel From Netto. Foi com ele que eu vi a primeira máquina de ensinar.

GVC: Mas já foi depois de 61?

GPW: Não, foi antes! Foi antes disso! E ele já ensinava no curso de Psicologia da Aprendizagem, o Samuel ensinava Skinner e ensinava o que ele representou, as máquinas de ensinar e eu fui aprender instrução programada e curso programado depois com o Keller, que foi a experiência de Brasília e que a gente primeiro testava as coisas em Rio Claro, que a gente testou. A gente testava muitas das coisas a gente testava em Rio Claro para ver se aquelas instruções estavam boas é. E o Roberto Bosque, um secretário nosso lá que era muito eficiente, excelente datilógrafo. Sabe aquele livro do Holland e Skinner que é de instrução programada? Foi tudo digitado lá em Rio Claro. A gente testava com os nossos alunos e usava nas nossas aulas e na forma de apostila e o Rodolpho tentando de traduzir. Depois ele fez a versão final a gente mostrava aonde não funcionou e nossos alunos foram os nossos participantes.

GVC: Legal, é eu não vou tomar muito o tempo, mas a última pergunta.

**João Claudio Todorov: Posso ouvir?*

GVC: Pode inclusive participar!

GPW: Acabou já quase.

GVC: Sim, eu só ia pedir uma avaliação da contribuição dela para a ciência.

GPW: Olha, a Carolina não contribui só para a ciência, ela formou muita gente e ela contribuiu para que a Psicologia fosse uma profissão no país. O que ela fez? Nós não estaríamos aqui sem a Carolina ter investido como ela investiu, e ela tinha uma capacidade muito grande de fazer a gente sentir que aquele era o caminho, então eu acho que é inegável o que a Carolina representou

GVC: Uma coisa que eu acho curioso nessa história toda que eu tenho visto é que ela, tem pessoas que chegam a falar que ela não foi de fato uma cientista, ela não fez muitas pesquisas. Eu já ouvi isso, mas ainda assim todo mundo fala que ela tem uma grande contribuição em todas as áreas.

**JCT: É, eu acho que ela foi uma grande cientista, ela não publicou muita coisa. Mas o que ela orientou de teses de mestrado e de doutorado?*

GVC: E ela não permitia que o nome dela fosse junto nos artigos dos orientandos?

**JCT: E os doutorandos não publicavam.*

GPW: É, e eu acho que essa coisa de publicar, no auge da vida dela lá na USP, não era tão valorizado. É com a pós-graduação, com a necessidade, com a cobrança da CAPES, que agora tem que publicar no exterior. Hoje a gente cobra também mais dos alunos a publicação. Então, eu acho que era uma contingência de vida que a gente tinha que ninguém valorizava muito isso. A gente ficava contente com o resultado e pronto.

GVC: Certo, é porque tinha uma preocupação diferente também ou é uma visão errada a minha? Porque a impressão que eu tenho, e é bem uma análise pessoal, é que ela e as pessoas da época tinham preocupação em formar pessoas para continuar tocando o barco nas universidades.

GPW: Não, isso ela tinha sim, mas ela pesquisava também. Quando eu fui aluna dela no primeiro ano, eles estavam já buscando conseguir assinatura de pessoas para conseguir sair a profissão. Tinha que arranjar, naquela época, vinte mil assinaturas de pessoas que fossem

profissionais, de profissão já reconhecida, que dessem o número de título de eleitor e número de título de qualquer coisa dele lá.

GVC: E vinte mil que trabalhavam com psicologia ou...

GPW: Não, que trabalhasse a criação de uma nova profissão, mas preferencialmente da área de Educação e de Saúde. Então, ela dava as folhas para a gente e a gente saía por aí catando assinatura. Eu consegui um monte em Mogi em fui em todos os médicos de Mogi assinaram para mim lá que eles concordassem que surgisse a nova profissão. Tinha umas folhas já preparadas. A gente ia, punha o nome legível punha todos os dados, endereço, tudo para a gente mandar para Brasília. A gente conseguiu, mas não foi fácil. Em Rio Claro também a gente conseguiu um monte de assinatura quando a gente foi para lá.

*JCT: Você falou da Associação Brasileira de Psicólogos?

GPW: Ah, a Carolina foi presidente.

*JCT: Então, nos anos cinquenta.

GPW: É, nos anos cinquenta sim.

GVC: A SPSP?

GPW: Não, essa é outra, é Sociedade de Psicologia de São Paulo. Essa que a Carolina criou junto com a sociedade científica, que era para ser uma espécie de APA, mas acabou degenerando e sumiu. Morreu na mão da Matilde.

*JCT: Eu não conheço essa história, eu só sei que ela foi presidente.

GVC: Qual era o nome da associação?

GPW: Era Associação Brasileira de Psicologia. Tanto que o pessoal queria brigar por causa do nome, mas eles não tinham registrado nada. Então, não teve condição.

GVC: Isso antes até da regulamentação da profissão?

GPW: Bem antes, bem antes, essa sociedade foi criada nos anos... no começo dos anos cinquenta, eu não estava nem na Universidade. Depois daquela reunião que eles fizeram em Minas Gerais, em Belo Horizonte, eles criaram uma espécie de associação das sociedades de psicologia para ser uma espécie... de que a gente não conseguiu fazer. A ideia da Carolina era criar uma APA aqui, mas não deu certo. Não deu certo porque não houve continuidade e também essa coisa de “eu quero ser”, “eu quero ser e não quer trabalhar” (risos)

*JCT: Eu queria perguntar mais sobre o trabalho deles lá em Rio Carlos com relação ao PSI porque eu não sabia disso eu não conheço. O que vocês fizeram foi texto programado?

GPW: A gente fazia. A gente testou o texto em Rio Claro.

*JCT: O texto programado?

GPW: É, a gente fez as primeiras tentativas, os primeiros ensaios de tanto de curso programado, como de instrução programada. Aquele de listinha. A gente fez aquilo, testava primeiro em Rio Claro, depois o Rodolpho testava, retestava aqui.

*JCT: Eu nunca vi o Rodolfo retestar e eu fui aluno naquela época.

GPW: Mas sabe onde ele testava? Não tinha um curso interamericano na faculdade de Educação?

*JCT? Não sei.

GPW: Tinha assim tinha um prédio embaixo e depois na frente tinha aquele grandão que depois teve que destruir, então o Rodolfo trabalhava lá. O Rodolfo trabalhava lá, dando Psicologia. Eram bolsistas da América Latina toda que o Rodolfo dava o curso.

*JCT: Ele usava o texto programado lá?

GPW: Lá! Então nós imprimíamos, fazíamos as cópias tudo em Rio Claro e de Rio Claro vinham os pacotes. A Carolina trazia os pacotes para São Paulo e ele testava lá e gente foi ajeitando. Às vezes era questão de tradução, às vezes a palavra era nova e a pessoa não conhecia a foi fazendo a adaptação. E a gente tinha a máquina de ensinar também em Rio Claro, das primeiras máquinas de ensinar.

*JCT: Agora, o PSI com unidades e exigência de perfeição em cada unidade e o tempo livre?

GPW: Cada um fazia a seu tempo.

JCT: Tudo isso foi feito lá?

GPW: Tudo isso foi feito lá.

*JCT: Mas isso não está registrado em lugar nenhum!

GPW: É, e até conversando com o Isaias, “um dia a gente podia escrever isso”.

*JCT: Você tem que escrever.

GVC: Com certeza!

GPW: A primeira máquina de ensinar foi até o marido da Maria José Aguirre, ele tinha muita competência em habilidade, ele fez a primeira máquina de ensinar que era uma caixinha de madeira. A nossa datilógrafa, (naquela época era datilografia) ele cortava as tiras de papel, datilograva, colava as tiras de papel e o aluno lia, respondia em um buraquinho que tinha aqui, rodava, se ele estava certo ele ia adiante. Era a máquina de ensinar nossa de madeira.

GVC: Eu não sabia que tinha máquina de ensinar em Rio Claro.

GPW: Teve. A gente dava o curso de Análise Experimental, todo o conceito básico era ali para começar. Em São Paulo, também teve na Psicologia Escolar, o Samuel que foi o primeiro professor que me falou em Skinner, tinha uma, pediu uma máquinas dessa que ele usava no curso de Psicologia da Aprendizagem. Ele mesmo fazia os textos e fazia as tirinhas, eram umas tiras de papel, era assim, no fundo é papel A4 dividido longitudinalmente. Então dava duas coisas para a gente fazer.

GVC: Certo, e o laboratório de lá de Rio Claro?

GPW: O laboratório de Rio Claro era bem montadinho. Era bem montado tinha todas as coisas e nós tínhamos uns aparelhos modernos, os modernão eram só para os escolhidos, nós professores, o Marcelino, era aluno nosso que podia usar.

GVC: Sim, e é tudo produção nacional?

GPW: Não, a produção dos aparelhos sim era esse professor esse marido da Maria José que fez todas as Skinner Box nossa.

GVC: Isso, era tudo do Brasil mesmo.

GPW: Era tudo feito aqui. Agora, o que nós professores usávamos era da Grasson, importado da Grasson. A Carolina que trouxe.

*JCT: mas em que ano foi isso?

GPW: Olha, eu já tinha o Érick. Foi em 62, 61/62.

*JCT: Em 61 veio o Keller.

GVC: Não, foi depois do Keller, que ele veio. Mas era a gente que foi fazendo as coisas aos poucos e como a gente encontrou esse homem que era capaz de fazer os aparelhos para a gente, a gente mostrava para ele e era isso que a gente queria, ele fazia tudo .

*JTC: Deve ter sido 62.

GPW: É 62. É 62 que o Eric era recém-nascido.

GVC: E o Sherman já estava? O Sherman chega em 62.

GPW: Quando o Sherman chegou nós já estávamos com tudo montado.

GVC: Certo, deve ter sido em 61 mesmo.

GPW: Já em funcionamento.

*JCT: Ele chegou em agosto de 62, deve ter montado no primeiro semestre.

GPW: É, a gente montou depois, a segunda viagem do Sherman. Quando o Sherman chegou a gente já estava com todo ele montado.

*JCT: o Sherman chegou em Agosto de 62.

GPW: É, estava tudo já. Mas a gente conseguiu muito porque eu não lembro nem o nome dele.

GVC: Andreas Aguirre?

GPW: É, Andreas, o marido da Maria José. Foi através da Maria José que a Carolina conseguiu que eles se interessassem em fazer o equipamento. Ele tinha uma oficina e ele fez tudo o que a gente queria.

*JCT: Você precisava escrever isso, porque eu escrevi um trabalho sobre a Análise do Comportamento no Brasil e a Deisy ficou me cobrando: mas e o trabalho de Rio Claro?”, eu falei para ela “eu não conheço eu escrevi sobre aquilo que eu conheço”. Precisa escrever.

GPW: Eu acho que seria bom uma hora que eu e o Isaias pudéssemos nos encontrar, sentar e marcar o que precisa lembrar. Mas nós fizemos muita coisa em Rio Claro, a Carolina era minha chefe ela era coordenadora, era na educação, era no curso de pedagogia, no departamento de psicologia. Uma certa oposição grande porque os pedagogos e para que eles que eles iriam trabalhar com os ratos? A gente fazia uns experimentos com criança também, eu inventei umas caixinhas de discriminação de forma e posição: “quer ver um trabalho de discriminação com criança?”. Eu passava para fazer discriminação de letras. Eles, os alunos aceitavam. E vários deles foram para a vida universitária.

GPW: Vamos embora? Eu vou indo para Mogi.

APÊNDICE J – Frederico Guilherme Graeff

Entrevista com Frederico Guilherme Graeff, cedida a Gabriel Vieira Cândido, no dia 27/11/2012. A entrevista foi marcada por telefone, com o primeiro contato estabelecido por Carla Martuscelli Simeoni. O professor Graeff atendeu prontamente ao convite para participar da pesquisa e recebeu o entrevistado em sua residência, em Ribeirão Preto, SP.

“foi uma vertente da psicofarmacologia brasileira que começou com a relação com ela”

Frederico Guilherme Graeff: Minha relação com ela foi a seguinte: Eu iniciei a pesquisa aqui no campo da Psicofarmacologia, Farmacologia do Comportamento. Trabalhando no Departamento de Farmacologia, eles estavam iniciando lá eu comecei a fazer pesquisa mais ou menos em 63/64, por aí. Nessa ocasião, aliás, acho que até antes disso eu me interessei por essa área e naturalmente e a Professora Carolina foi pioneira na área de Comportamento Operante. E ela e o Isaias estavam em Rio Claro, o Isaias na ocasião estava inclusive fazendo aquele treinamento de abelhas. Eu acho que foi lá para 62 e o Professor Kerr estava lá também.

GVC: Kerr, o é Geneticista?

FGG: Geneticista. Então, eu fui lá tomar contato com essa área do comportamento. Depois eles tinham uma interação com o Fred Keller que era americano. O Fred Keller ou vinha para o Brasil ou mandava alguma pessoa das relações dele. Então eu fui a São Paulo fazer treinamento de como operar com os animais, com ratos e tal.

GVC: Certo, nessa época o Sherman estava por aí?

FGG: Foi com ele que eu aprendi a modelar ratos. Fiz um curso com ele.

GVC: Parece que uma das maiores ajudas dele foi em montar painéis de laboratório.

FGG: Programação. Eu aprendi rudimentos de programação e comecei essa área. Agora, o que aconteceu foi o seguinte, quando foi fundada a Universidade de Brasília eu fiquei bastante interessado, e ela me convidou para ir para lá, mas o meu nome não foi aceito porque já tinha mudado o regime entendeu?

GVC: Certo, o regime político?

FGG: É já tinha havido a revolução e o então reitor tinha mudado todo o quadro e eu peguei essa fase de transição. Quer dizer, eu não cheguei a entrar. Que a maior parte já foi demitida, entrou e foi demitido. Eu não cheguei a entrar, e então esse foi um primeiro contato.

GVC: Como que o senhor entrou em contato com ela? Alguém indicou, alguém apresentou?

FGG: Eu acho que foi o Professor Sérgio Ferreira aqui que falou dessa linha de trabalho e eu fui lá. Eu tive mais contato na realidade com o Isaias, depois com o Sherman. O meu contato com ela foi esporádico, não foi muito intenso. Agora, depois eu mantive contato com o grupo dela, em São

Paulo, durante muitos anos, quando eu trabalhava nessa área. E fui, por indicação do Keller, trabalhar na *Harvard Medical School*, no setor de Farmacologia Comportamental, que tinha muito orientação. O fundador dessa área de Behavioral Pharmacology chamava-se Peter Dews¹⁵⁶. Lá eles tinham um contato com Skinner, que trabalhava na Universidade em Cambridge. A *Harvard Medical School* fica em Boston, perto da faculdade de Medicina que é na Louis Pasteur Avenue. Mas uma vez o Skinner foi visitar lá e almoçar com o grupo, comer sanduíche na mesa do laboratório, mas eu tive a oportunidade de conhecê-lo lá. Durante muito tempo eu trabalhei nessa linha, eu pude acompanhar a contribuição que ela deu à Psicologia Científica, mas eu nunca fui uma colaboração.

GVC: Pegando essa época de Rio Claro, como eram esses contatos? O senhor a encontrava ou encontrava mais com o Isaias?

FFG: Eu fui visitar Rio Claro acho que uma ou duas vezes.

GVC: E eles estavam montando lá o Laboratório de Psicologia Experimental?

FFG: É, exatamente. O contato maior era assim, eu ia nas férias para São Paulo, já no atual curso Psicologia Experimental e lá eu realmente trabalhava. Eu trabalhei acho que duas férias lá com o Sherman, o Roldolpho Azzi, a Maria Amélia.

GVC: Certo, Maria Amélia estava se formando?

FFG: Estava começando. Eu me lembro mais do Rodolpho. Interagia mais com o Rodolpho e a Carolina sempre estava por perto, mas eu não interagia diretamente. Quer dizer, eu resolvi contribuir com você porque certamente eu tive algum contato, mas eu acho que vou não acrescentar muito à biografia dela.

GVC: Ao longo dos anos de trabalho e de vida acadêmica, o senhor teve algum contato, por exemplo, com bancas e congressos?

FFG: Sim, eventualmente bancas, congressos e acompanhei a trajetória dela na SBPC. Ela foi uma grande incentivadora da área da Psicologia Científica.

GVC: Mas, para a formação que o senhor teve, da contribuição toda que o senhor tem, alguma coisa o senhor acha que deve ao fato de ter conhecido, entrado em contato com alguma coisa que ela fazia?

FFG: Eu acho que sim. A influência desse treinamento em Psicologia Comportamentalista, certo?

GVC: Como foi esse treinamento que ela dava para o senhor?

FFG: Não foi ela, mas foi ela que iniciou esse campo. Então foi muito importante porque foi bastante marcante, embora eu tenha me afastado dessa orientação, mas não no sentido de rejeitar as contribuições. Inclusive eu criei um modelo de ansiedade justamente combinando etologia com comportamento operante, entendeu? Então eu acho que foi muito importante a aprendizagem. Depois eu fui para a Inglaterra e trabalhei com um psicólogo que também tinha uma raiz muito forte em

¹⁵⁶ Peter B. Dews (1922 – 2012) professor e pesquisador da Harvard Medical School. Trabalhou na área de Farmacologia Comportamental

aprendizagem, embora não fosse da linha behaviorista radical porque ele fazia Neuropsicologia, que foi a minha tendência. Relacionar comportamentos e sistema nervoso central. E não era isto que os behavioristas faziam, mas as leis de aprendizagem. Depois eu me dirigi também para a área de psiquiatria, então por exemplo, toda a terapia comportamental é baseada nisso. Nos princípios da aprendizagem pavloviana, com o operante, instrumental, então realmente foi uma influência muito grande que eu carrego até hoje.

GVC: E o que o senhor fez em Rio Claro com o Sherman, que tipo de atividade que ele desenvolvia?

FGG: O Sherman era em São Paulo. Em Rio Claro tive mais contato com o Isaias. Foi o contato inicial com o grupo, conheci ela, o Isaias, o Keller também estava lá.

GVC: E a partir daí?

FGG: O Kerr tinha a ver com as abelhas que o Isaias treinava, mas depois também foi importante porque o Kerr se tornou presidente da Fapesp, diretor científico e foi justamente graças a ele que eu consegui a minha primeira bolsa. Então, esse contato foi muito importante para minha carreira. Sem dúvida, a influência dela foi muito marcante.

GVC: A partir desse contato foi que o senhor começou a ir para São Paulo e encontrar com Sherman?

FGG: Isso! Exatamente, o Sherman, o Fred Keller. E o Fred Keller veio aqui a Ribeirão porque o Chefe do Departamento de Farmacologia era o Maurício Rocha e Silva, um dos fundadores da Universidade de Brasília. Foi justamente com o contato com ele e com as ideias de uma universidade naqueles termos que me atraiu e ele me encorajou a ir, embora ele quisesse que eu ficasse aqui, o que acabou acontecendo. Eu comecei a minha carreira no Departamento de Farmacologia, dirigido pelo Maurício Rocha e Silva.

Rocha e Silva era amigo da Carolina, a Carolina também o visitava e o próprio Fred. Eu me lembro quando eu tive que decidir para ir para os Estados Unidos, ele estava aqui, deu esta sugestão e fez o contato lá e me apresentou para o Peter Dews.

GVC: Certo, e em 61 quando o Keller veio ao Brasil a primeira vez, acho que ele veio para Ribeirão também, não?

FGG: É, acho que sim.

GVC: O senhor já estava aqui?

FGG: Já estava na faculdade. No Departamento de Farmacologia ainda não. Eu não me lembro exatamente, eu acho foi lá para 62 que eu comecei a trabalhar lá, que eu tinha mais ligação com a Psiquiatria. E por uma série de razões eu acabei me dirigindo para a Farmacologia porque eu queria uma formação científica sólida e a Psiquiatria não tinha esse tipo de orientação naquela época. Hoje tem. Muita gente tem e seguramente o maior cientista da faculdade era o Rocha e Silva. Eu tinha um amigo que trabalhava lá que era o João Garcia Leme e ele não mexia com comportamento, mas mexia com analgesia, com atividade espontânea. Então foi uma conexão, eu comecei a trabalhar nessa área

lá. Também com o Alexandre Pinto Conrado que fazia eletroencefalografia e ele tinha um treinamento na Itália. Ele foi meu orientador de doutorado juntamente com o Maurício. Então é isso. A influência foi mais indireta tive contatos pessoais com ela mas, profissionalmente, foi uma influência indireta. Agora, por exemplo, Luis de Oliveira, não sei se você a entrevistar ele antes de falecer.

GVC: Não, mas estamos tentando organizar os documentos pessoais dele.

FGG: Pois é, ele tinha muita ligação com ela. Sempre falava dela e tal, eu acompanhei.

GVC: Ele foi aluno dela em Rio Claro, se eu não me engano.

FGG: Foi. É isso mesmo. Ele fez Doutorado comigo. Inclusive, estava em uma situação difícil porque, naquela ocasião houve a criação da pós-graduação formal e ele não se inscreveu, que ele queria fazer informal, só que o prazo estava acabando. Nós fizemos em cima da hora, mas foi com ele que nós fundamos o primeiro laboratório aqui comportamento operante de drogas lá na Filosofia, que depois se tornou a Psicobiologia. Foi a raiz disso, foi com o Luis de Oliveira na década de 60.

GVC: E que depois é o mesmo que começou a trabalhar com desnutrição no Laboratório de Comportamento e Desnutrição, se eu não me engano.

FGG: É, começou lá. Chamava assim: Comportamento Operante e Drogas. O próprio Isaias trabalhou lá durante um certo tempo, depois aquilo foi evoluindo para o que é atualmente Psicobiologia, mas se você quiser ver isso, a minha biografia conta bem claro, no site da Sociedade de Comportamento e Neurociências. É a biografia entendeu? Então, você pega aqui. Esse artigo da Claudia Jurberg¹⁵⁷. Tem essa frase aqui:

Naquela época, pouco avançou no estudo experimental do comportamento em Ribeirão Preto. Assim, ainda durante o curso médico, havia estagiado no Departamento de Psicologia Experimental da Universidade de São Paulo, dirigido por Carolina Bori. Havia forte influência do comportamentalismo de Burrhus Frederick Skinner e, assim, lá aprendeu a treinar ratos utilizando diversos esquemas de reforço (trecho do artigo).

Foi com o Sherman... “sua atenção foi atraída pelo modelo de punição ou de conflito” (trecho do artigo) que eu comecei a trabalhar com este modelo lá:

Tendo sido contratado no mesmo ano do doutorado, início de 1966, começou a formular planos para estagiar no exterior. Por sugestão do psicólogo norte-americano Frederick S. Keller, um ex-colaborador de Skinner, que mantinha intenso intercâmbio com o grupo de Carolina Bori, foi trabalhar no Setor de Farmacologia Comportamental. (trecho do artigo).

FGG: Inclusive, a principal descoberta foi feita com essa técnica operante, com pombos. Ação de conflito. Então essa parte aqui, você tem tudo. Em Ribeirão ninguém trabalhava nessa área, foi eu e o Luis que começamos. Tanto que chamava Comportamento Operante e Drogas, porque eu estava fazendo psicofarmacologia.

¹⁵⁷ Juberg, C. Frederico Guilherme Graeff: uma prova em verso científico. *Sociedade Brasileira de Neurociência e Comportamento*. Disponível em <http://www.sbnec.org.br/site/index.php?page=frederico-graeff>. Data de acesso: 02/02/2014

GVC: E ele estava mais no Operante?

FGG: É, os dois estavam. E ele fez realmente o doutorado comigo.

GVC: O contato esporádico que o senhor disse que tinha com Carolina Bori...

FGG: Participação como você falou, em bancas, reuniões científicas, SBPC. E às vezes, visitas que ela vinha fazer aqui. Então era nesse sentido.

GVC: E como eram estes contatos?

FGG: Muito cordiais. Ela queria que eu fosse trabalhar lá com ela, logo no começo. E eu queria ir. É porque houve obstáculo de outra natureza, não acadêmica.

GVC: É, que foi o mesmo que fez com que a experiência lá acabasse.

FGG: Exatamente, perfeito. Eu não cheguei a entrar. Eu não fui demitido porque não cheguei a entrar lá, já cortou na raiz.

GVC: Sim. Ela trouxe uns americanos indicados pelo Keller, para trabalhar com psicofarmacologia lá também. Se eu não me engano, o Berryman.

FGG: O Berryman, eu conheci ele.

GVC: Acho que era o Berryman ou eram os Nazarro.

FGG: Os dois, eu conheci os dois. É, se eu fosse para lá eu trabalharia com eles, porque o João Cláudio Todorov, que veio depois, também era muito ligado ao grupo. Depois se tornou até reitor em Brasília. Então, a Geraldina naquela ocasião estava em Rio Claro. Ela e o marido. Agora que eu lembrei.

GVC: Sim, Geraldina era uma das professoras do Departamento.

FGG: Sim e depois voltou para educação. Porque Rio Claro era dentro da educação, certo? E tinha o marido dela que fazia história, que era o Witter. Mas eu conheci este casal lá na ocasião. Então é isto, não tem assim uma informação muito rica, mas é um lado aí. Quer dizer, de certa forma, foi uma vertente da psicofarmacologia brasileira que começou com a relação com ela, porque, quem começou no Brasil foi o Carlinho, Erizaldo Carlinho, lá na Santa Casa. Atualmente, ele está na Paulista de Medicina, que virou UNIFESP. A primeira pessoa que eu me lembre que trabalhou nesta área de psicofarmacologia no Brasil, e eu fui o segundo.

Agora ele não trabalhava com esta linha. Trabalhava com outros tipos de testes comportamentais, eu acho que foi bastante significativa a influência. O João Claudio, quando ele veio para o Brasil, ele estava nos Estados Unidos, ele veio para a Faculdade de Medicina daqui. Por aqui, ele começou a trabalhar em meu laboratório, porque eu tinha um laboratório instalado com os equipamentos. Quando ele não montou o dele, ele trabalhou lá. A Deisy fez doutorado com ele, dentro do meu laboratório.

GVC: Bom, uma última perguntinha então. Como o senhor poderia, ou avaliaria, a contribuição de Carolina Bori dentro do contato que o senhor teve com ela? Como o senhor vê a contribuição dela para a ciência? Não só psicologia, mas para a ciência.

FGG: Ela sempre foi uma defensora, muito dedicada e firme da ciência no Brasil. Foi uma das principais! Tanto que ela foi presidente da SBPC. E ela formava, com outros pares de outras áreas, uma frente de defesa principalmente na época da Ditadura. Quando as repressões eram maiores, ela sempre teve uma atitude desassombrada, corajosa, enfim, ela marcou bastante.

GVC: O senhor sabe dizer se ela tinha inimigos, gente que não gostava dela e era contra?

FGG: Olha, isso, eu acho que não.

GVC: Porque ela era uma pessoa política!

FGG: Ela era política, mas ela era uma pessoa assim, extremamente polida, educada e com uma postura, quer dizer, ela não entrava em baixarias. Eu acho que ela sempre mereceu muito respeito. Mesmo que o pessoal não gostasse dela, ela não podia desrespeitar. Eu não sei de ninguém que tivesse a limosidade com ela. Podia ter discordância das posições, mas era uma pessoa, extremamente correta e ética.

GVC: Certo. Obrigado.

APÊNDICE K – Arno Engelmann

*Entrevista realizada no dia 20/05/2013. Arno Engelmann recebeu o entrevistado, Gabriel Vieira Cândido, em sua residência e estava o esperando com uma cópia do texto *Gestalt Theory in Brazil*, escrito por Arno Engelmann e Nilson Guimarães Doria.*

“houve um movimento contra a dona Annita. Ela saiu. Depois, algum momento, com a Carolina, houve também um movimento contra ela e eu não fui”

Gabriel Vieira Cândido: Bom, eu queria ouvir um pouquinho do senhor, a experiência que o senhor teve com ela. Como foram os primeiros contatos? Foi mais ou menos quando o senhor entrou na USP como estudante?

Arno Engelmann: É, foi depois. Foi depois dela. Eu entrei em 45 como estudante. Tenho curso incompleto de medicina, depois fiz o curso de filosofia. E realmente, títulos obtidos: Bacharel em filosofia e fiz doutorado.

Gabriel: O senhor fez, então, graduação em filosofia em 1945?

Arno: Não, a filosofia era junto com a psicologia. A metade das aulas em psicologia e metade das aulas em filosofia. Quando terminei, fui convidado pelo Cruz Costa, da filosofia, e pela Dona Annita Cabral. Eu disse muito obrigado pela filosofia, mas eu achava que era melhor fazer experimentos.

Gabriel: Certo. E acabou aceitando o convite da Annita Cabral? Como foi começar a trabalhar com isso?

Arno: Houve um momento que todos os assistentes não aguentavam mais a dona Annita. Ela era uma pessoa muito inteligente, muito capaz. Mas hou um momento em que ela brigava com todos nós. E no fim houve um movimento contra e ela saiu da psicologia experimental para a psicologia da educação.

Gabriel: E acabou se aposentando por lá? Foi quando acabaram com o sistema de cátedras, não?

Arno: É.

Gabriel: Em 55 foi mais ou menos na época em que Carolina Bori estava também começando.

Arno: Mas ela já estava antes de mim.

Gabriel: E aí o senhor, então, dava experimental na USP também?

Arno: Sim

Gabriel: E dividia disciplina com a Carolina Bori ou cada um tinha a sua? Por que ela nessa época ela trabalhava com experimental, dava alguns experimentos clássicos da Gestalt.

Arno: Sim, eu fui aluno dela. Porque eu fiz, no início, três anos de medicina. Quando eu estava no terceiro ano, eu fiz uma troca.

Gabriel: E como foi essa passagem de aluno para assistente da cadeira? Por que ter que conviver agora de uma outra maneira, não mais como aluno, mas como alguém que é responsável em ensinar.

Arno: Nós estávamos fora da cidade universitária. Eu, o Walter e o Rodolpho. Depois, pouco depois, o Cesar Ades. Naquela época, havia quatro departamentos, mas quando eu entrei, era realmente a cadeira.

Gabriel: E nesse período estava tento toda aquela movimentação pelo reconhecimento da profissão de psicólogo no Brasil.

Arno: É, eu fui uma vez com a Carolina na época. Uma das pessoas era o pai de um grande amigo nosso, que é engenheiro hoje.

Gabriel: O senhor participou dessa discussão de alguma maneira?

Arno: Sim, realmente, a dona Annita tinha uma coisa. Ela era muito boa, mas ela era muito, franca e tudo, mas era muito difícil. Então, foi um movimento do departamento e ela saiu.

Gabriel: Certo. Foi aí que entrou o Instituto de Psicologia?

Arno: Foi, mas isso foi um pouco depois.

Gabriel: E o senhor se lembra como foi isso? Das reuniões de departamento, reunião entre os professores? O senhor se lembra como foi? O senhor consegue contar um pouquinho sobre esse período?

Arno: No início era parte da filosofia e depois virou um Instituto de Psicologia. Este tinha quatro departamentos. Um de experimental, outro de social e do trabalho, depois, de clínica e educação.

Gabriel: Certo. E como era trabalhar com Carolina Bori nessa época?

Arno: Era muito. Ela, no início era gestaltista. Depois veio o Keller e ela mudou. Mas, apesar disso, eu fui gestaltista e continuei gestaltista. Mas, todo mundo era contra dona Annita.

Gabriel: Mas a abordagem, o senhor continuou?

Arno: Sim, até hoje.

Gabriel: E como foi, depois disso, quando ela foi para Brasília?

Arno: Sim, ela foi para Brasília, mas eu não fui convidado. Aqui era o Walter, que foi meu professor. A Noemi era do outro departamento. E depois, quando surgiu a psicologia, então surgiram quatro departamentos. Na época já havia uma coisa: a Carolina era gestaltista e já tinha mudado para Skinner.

Gabriel: Ela foi orientadora de mestrado e doutorado do senhor. Como foi esse contato?

Arno: Ela via e mudava.

Gabriel: E o trabalho que o senhor fez foi em gestalt?

Arno: Foi em Gestalt.

Gabriel: Então ela orientou uma dissertação e uma tese?

Arno: A minha tese, tem um livro que eu publiquei. Foi sobre emoções.

Gabriel: Tem a história da livre-docência de Carolina Bori, que na época ela teve problemas. O senhor sabe alguma coisa sobre isso?

Arno: É, então. No fim ela não fez.

Gabriel: Eu achei a tese dela na biblioteca da USP de Ribeirão Preto. Eu tenho uma cópia. O senhor sabe o que aconteceu nessa época? O senhor se lembra? Eu lembro que tem um agradecimentozinho ao senhor, por ter lido. Mas o senhor lembra desse período, o que que aconteceu?

Arno: É, depois foi organizado uma banca. Um professor de zoologia. É complicado. E inclusive nessa época, em 69, eles estavam precisando de professores com livre-docência para comandar. Eram cinco pessoas na banca e havia dois professores de sociologia.

Gabriel: A direção da pós-graduação, alíás, a formação da pós da USP, o senhor também fez parte disso, não?

Arno: Eu nunca fui chefe. Uma vez, estava de vice-chefe. Depois eu disse: “Eu não quero. Eu socorro qualquer coisa, mas eu não consigo fazer”.

Gabriel: Sim, porque acaba tendo uma função mais administrativa, certo?

Arno: Sim, é.

Gabriel: Agora, a Carolina Bori foi várias vezes chefe, não?? Como era a relação?

Arno: Era ótima. Inclusive quando ela era, na época, behaviorista. Ela mudou com o Keller, que era inclusive muito amigo do Skinner, e ela mudou completamente. Além de mim, a Carolina tinha outros orientandos que eram gestaltistas, outros que não eram.

Gabriel: O senhor chegou a fazer este curso do Keller ou não?

Arno: Fui. Quer dizer, eu comecei a fazer, mas eu era assistente da dona Annita. A dona Annita disse assim: “ou o senhor continua no meu departamento ou faz o curso”. Era assim, direta. E eu me dava tão bem com eles! Era um gestaltista, mas ela não aceitou de jeito nenhum.

Gabriel: O senhor esteve com ela também em alguma associação, teve contato de organização, de discussão científica?

Arno: Uma vez, fui com ela no momento em que queríamos a profissão de psicólogo.

Gabriel: Sim. E foi discutir com quem?

Arno: Com quem? Entre outras pessoas, com o Lauro Cruz. Lauro Cruz era um pai de um bom amigo meu. Atualmente engenheiro.

Gabriel: Mas para pensar no projeto?

Arno: É, para reconhecer a psicologia:

Gabriel: Sim. Foi uma dessas discussões já de congresso? Por que teve o projeto, os médicos fizeram todo aquele projeto contra. O senhor foi lá já para defender as ideias e assinar o papel para reconhecer?

Arno: Não. Eu sei que com ela eu fui. Eu e ela fomos retomar as ideias, depois outra. A gente discutia porque nós queremos a profissão de psicólogo. Nós queremos a profissão de psicólogo.

Gabriel: Certo. Mas isso era institucional? Isso era na USP ou era mais que isso?

Arno: Não, era mais.

Gabriel: Bom, e outras associações como a SBPC, o senhor acompanhou?

Arno: Sim, ela foi a presidente da SBPC.

Gabriel: Sim, por um ou dois mandatos. Mas ela foi da diretoria durante anos também. O senhor acompanhou alguma coisa? As pessoas falavam muito que ela dava tarefas para as pessoas fazerem. Ela te passou alguma? Algumas pessoas disseram que ela falava: “Eu queria uma ajuda nisso” e aí as pessoas se envolviam. Ela envolvia as pessoas em algumas atividades.

Arno: O que eu me lembro, houve um movimento contra a dona Annita. Ela saiu. Depois, algum momento, com a Carolina, houve também um movimento contra ela e eu não fui. Eu era bem amigo do Walter e do Cesar, mas na parte de experimental eram quase todos contra a Carolina.

Gabriel: Eu não sabia disso.

Arno: E somente o grupo da experimental que era o Walter, o Cesar...

Gabriel: Quem mais estava nesse grupo? Eu estou tentando lembrar também. O senhor se lembra quando foi isso e como resolveram a questão?

Arno: Resolveram, não sei como que resolveu. Era grupo de dentro da experimental. O Walter, o Cesar e Fernando. Novamente eu disse: “não, fomos contra a dona Annita, mas...”

Gabriel: E tinha a ver com algumas decisões que ela tomava, que a Carolina Bori tomava como chefe?

Arno: É, mas não houve nada.

Gabriel: Bom, o senhor se lembra de algum caso, alguma história, alguma coisa que ilustrasse um pouco a contribuição que a Carolina Bori tenha dado, seja como professora do senhor, seja como uma pessoa influente na ciência?

Arno: Ela foi, durante uma época, a única. Era coisa bem diferente, porque na época da dona Annita era dona Annita. Depois, era a Carolina. Era uma pessoa que tomava decisões mas não era a única pessoa. Era uma coisa bem diferente da dona Annita.

Gabriel: Ela discutia mais?

Arno: Sim! Inclusive ela disse que sou behaviorista, mas não tem nada a ver. Eu sou gestaltista, mas com ela e não com a dona Annita. Ela apoiava todos os outros.

Gabriel: Bom, tem mais alguma coisa que o senhor acha que valha a pena dizer? Alguma coisa que o senhor acha importante dizer quando se pensa em Carolina Bori?

Arno: Eu acho ela muito boa. Realmente foi. Ela foi presidente da Ciência e Cultura. Havia muita coisa publicada.

APÊNDICE L – João Bosco Jardim

Entrevista com João Bosco Jardim, um dos fundadores do Instituto Carolina Bori (ICB) que, durante o ano de 2012, organizou debates com temas variados. O depoimento de João Bosco foi gravada no dia 29/05/2012, em São Paulo, no dia seguinte do 4º Colóquio ICB, com o tema "Behaviorismo, ano 100: que fazer com os eventos privados?". A entrevista aconteceu em uma sala de estudos do Instituto de Psicologia da USP.

“Não é difusora que dá entrevista para um jornal, que escreve um artigo para uma revista, que fala no rádio. Não é. Isso ela fazia também, mas é a pessoa que, pela ação, pela ação nesta faculdade, naquela entidade, levava, permitia que as pessoas adotassem aquilo que ela levava, fosse o modelo dela de conduzir a ciência, fosse um livro, fosse... Ela era uma pessoa muito assertiva, ela tinha um poder de convencimento, mesmo que as vezes não fosse claro”

Gabriel Vieira Cândido: Bom, por enquanto o título do meu trabalho é “Contribuições de Carolina Bori para o desenvolvimento da cultura científica no Brasil”, alguma coisa assim, que enfatiza a contribuição de Carolina Bori na ciência, não só na psicologia ou análise do comportamento, é uma visão mais ampla. Para isso eu estou entrevistando pessoas, estou usando história oral. Pessoas que trabalharam com ela, pessoas que tiveram contato com ela. Nem precisa ser tão próximo assim, mas que em algum momento trabalhou, tem uma opinião sobre ela, sobre a contribuição dela. Também estou trabalhando com cartas, analisando artigos, outro tipo de material, mas o que eu prometi para a USP no doutorado com a Marina Massimi em Ribeirão foi estudar história oral, conversar com pessoas que tiveram algum tipo de relação com ela. Então é isso que eu estou fazendo. Eu conheço aquele texto que o senhor escreveu sobre a Carolina Bori em Belo Horizonte, e também não tenho nenhuma pergunta feita, prontinha. A minha ideia é conhecer um pouco o que o senhor tem para dizer sobre o que ela fez. Eu sei que o senhor a conheceu quando ela foi dar um curso lá, depois o senhor virou orientando dela de mestrado, se eu não me engano, viajava constantemente... bom basicamente isso que eu sei, acho que o senhor poderia começar dizendo então sobre esse primeiro contato, como foi, o que o senhor fazia, o que chamou a atenção, o que a Carolina Bori estava apresentando.

João Bosco Jardim: Gabriel, vai ficar um pouco repetitivo, como o artigo. Se tiver excessivamente repetitivo, você me corta e diga: “não, isso eu já sei, não precisa falar não”. Pode ser que repetitivo fique um pouco mais coerente porque o tempo passou aquele artigo deve ser de quando

GVC: 98, edição especial Psicologia USP.

JBJ: Então, claro, já tinha ouvido muito da Carolina, mas eu a conheci mesmo quando ela foi a Belo Horizonte. Naquela altura, nós éramos, meu grupo, nós éramos ainda “quarto anistas” ou “quinto anistas” de Psicologia, então nessa altura ela foi a Belo Horizonte dar um curso. Que ano foi que Brasília acabou? Sessenta e quatro?

GVC: Sessenta e cinco.

JBJ: Sessenta e cinco, então foram três anos depois. A gente não tinha essa noção de tempo, embora a gente soubesse por alto o que é era que tinha acontecido em Brasília.

GVC: O senhor já sabia o que tinha acontecido em Brasília? já conhecia a Carolina Bori?

JBJ: Já, de nome e regime militar. Essas coisas entre nós eram muito comentadas, mas então eu quero dizer, em sessenta e oito eram apenas três anos depois e a gente jovem não tem essa noção de tempo tão próximo. Quer dizer, por causa mesmo dessas repercussões (acho, eu não sei o quanto você pode confiar em mim) o Célio Garcia com quem eu trabalhava quando estudante. O Célio tinha um grupo de Psicologia Social em que nós estudantes trabalhávamos. O Célio recebia as solicitações de trabalho em Psicologia Social Aplicada e a Carolina era da Psicologia Social.

O Célio recebia os pedidos, as solicitações, enfim, e ele não queria atender, não podia atender ou tinha, por princípio, que envolver os alunos do grupo dele, então ele entregava para gente. Um caso extremo que muita gente ainda se lembra como... se lembra no sentido de dizer “olha como nós éramos ousados”, foi quando o Célio me deu, passou para mim uma solicitação que ele recebeu de fazer palestras e dinâmicas de grupos, palestras de planejamento social e dinâmica de grupo na América Latina e ele entregou para mim. Eu era um menino!

Risos

JBJ: Eu era um menino, e lá fui eu, fui para o Uruguai, fui para Argentina, fui para o Peru, fui para não se onde, Costa Rica. Quer dizer, era de uma ousadia. Eu falo aqui para um amigo que aquilo era uma irresponsabilidade do Célio, sempre foi assim. Então é preciso situar a ida da Carolina para dar esse curso de Psicologia Social Experimental neste contexto. O contexto era, Gabriel, Carolina como uma figura já conhecida, não só por causa de Brasília. Carolina é o registro de psicóloga numero um. O Pedro Bessa que é o criador do curso da UFMG é o número dois. Carolina já despontando e o Célio com esta mentalidade, com esta maneira de agir muito ousada e ele era muito antenado com o que estava acontecendo. Ele já tinha levado, a Minas, teóricos franceses, que a formação dele é toda francesa. E eis que o Célio nos disse uma vez assim: “eu vou chamar aquela senhora da USP”. Então, tem que ver a ida da Carolina a Belo Horizonte nesse contexto de Célio Garcia como essa pessoa muito antenada para tudo o que ocorria no Brasil.

GVC: E ele a convidou?

JBJ: Ele a convidou! Ele a convidou, eu comento uma passagem bem prosaica naquele artigo da Angelina, que foi mulher dele, chegada de São Paulo, que dizia “a fui lá, fui lá, encontrei com ela

no barracão”. Eu contei isso lá no artigo. Minas Gerais sempre foi muito eclética, talvez até um pouco leiga, então tem de tudo. Por coincidência histórica o Célio era Psicanalista tinha muita influência intelectual. Naquela época não havia Doutor, ele era um dos poucos Doutores, então ele tinha muita influência intelectual. Agora ele fazia uma Psicologia Social não era uma Psicologia Social de fundo analítico, ele fazia como fazem até hoje intervenção psicossocial, que dizer a filosofia é toda francesa. Ele não fazia psicanálise nesse sentido enquanto ele estava sendo psicólogo social. A ida da Carolina a Belo Horizonte foi que trouxe para nós a novidade que era em primeiro lugar o PSI que a Carolina estava trazendo de Brasília, a Psicologia Social Experimental, porque a Psicologia Social do Célio era e é toda em intervenção psicossocial, psicossociológica como a gente chamava na época. Então a Carolina levou o PSI que ela trazia de Brasília, porque o curso foi todo em PSI, o próprio Celio fez e achava gozadíssimo e tal, a Psicologia Social Experimental ela fundamentou o curso no livro do Zajonc¹⁵⁸.

GVC: Que ela traduziu ou não?

JBJ: Que ela traduziu, você tem razão, ela traduziu, tinha acabado de ser traduzido, nem estava pronto ainda, estava no prelo. Ela levou as apostilinhas que ela própria chegava no departamento um pouco cedo ou na véspera e ela mesma ia no coisa e rodava e distribuía para nós que a Angelina já tinha a mulher do Célio, tudo organizadinho no armário. Uma coisa bem prosaica, mas é bem Carolina. A sua pergunta é como que eu conheci Carolina. Então eu conheci ela aí. A Carolina chegou, deu o curso, mas eu comento naquele artigo uma coisa que eu sei por ouvir dizer, que o Célio não gostou de eu dizer que a Psicologia Social Experimental que o Célio queria conhecer jamais vingou em Belo Horizonte. Em compensação a Análise, como eu falei, bombou, entendeu? Porque que bombou? Ela não estava dando um curso de Análise do Comportamento Social, no contexto analítico comportamental. Embora, todas as afinidade do Zajonc e outros textos que ela apresentou. Mas ela não apresentou só textos, ela citou Asch¹⁵⁹, textos tradicionais, textos clássicos. Então, porque que vingou? Por que um grupinho nosso de alunos muito atirado começou a se reunir com a Carolina nos botequins, nos bares, nos restaurantes e ali a Carolina, falou de Análise do Comportamento.

GVC: Isso durante o curso?

JBJ: Durante o curso, de noite! Acabava o curso e a gente ia conversar, ia para o restaurante conversava. Então, quer dizer. eu digo no artigo, ela mostrou uma outra realidade, uma psicologia diferente daquela que a gente conhecia. Não se falava em Skinner, era proibido falar em Skinner como você deve imaginar porque, e Então, Carolina veio. E nós, eu e um colega que hoje é Psicanalista mas na época não era, fizemos aquilo, viemos para São Paulo aqui pro barracão do 10, depois fomos ver o João Claudio em Ribeirão, a Tereza Metel, a Clotilde, e Então, nós dois levamos os programas de São Paulo para Belo Horizonte. Lá, o meu contato com a Carolina foi esse, foi no curso que ela foi dar a

158 Zajonc, R. B. Psicologia social: do ponto de vista experimental, EPU. Tradução: Carolina Martuscelli Bori, 1972

¹⁵⁹ Solomon Eliot Asch (1907 – 1996): Psicólogo gestaltista e pioneiro da psicologia social

convite do Célio, nesse contexto de 68, um grupo de alunos, não havia pós-graduação, não havia nada, que conhece Carolina e se encanta com ela.

GVC: Chamou a atenção que vocês se encontrava nos bares, a noite. Como ela era? Minha pergunta tem duas intenções, uma conhecer isso mesmo, essa difusão da ciência em outros contextos, mas também essa questão mais social, ela com outras pessoas porque é uma coisa que é pouco comentada.

JBJ: Gabriel, eu não sei, eu nunca me pus essa questão. Aqui em São Paulo, muitas vezes nós fomos. Bar é um pouco forte. Nós saímos para almoçar, jantar e tal. Mas como que era a Carolina nessa situação pública assim, eu nunca me pus nessa situação. Eu tenho a impressão que talvez seja a mesma Carolina. Me vem a palavra formal, não é isso que eu quero dizer. A mesma Carolina, olha lá, faltam as palavras, enfática, definida, decidida, veemente! Veemente é uma boa palavra, pode usar esta. E muito articulada, com um lastro de conhecimento impressionante. A mesma Carolina com todas as características em uma mesa de restaurante.

GVC: Comendo e bebendo.

JBJ: Comendo e bebendo. Não me vem nenhuma cena, minha memória é complicada porque a gente tem desse pessoal só imagem estática, não? Não me vem nenhuma imagem de Carolina mais relaxadinha. Não.

GVC: E não tinha nenhum outro assunto sem ser assunto acadêmico?

JBJ: Só. Mas ali a gente fuzilava a Carolina de pergunta, e ela...

GVC: Adorava?

Risos

JBJ: Ah, aquilo valia por muito mais do que um ano de curso. O curso foram poucos dias, o curso deve ter durado, sei lá eu, uma semana, dez dias. Mas desculpe, eu não tenho nenhuma imagem de Carolina diferente do que ela seja. Talvez só o ambiente e o contexto. Se eu lembrar eu te falo.

Risos

GVC: E quando o senhor decidiu então fazer mestrado com ela? Como foi o contato que o senhor fez com ela para vir a São Paulo?

JBJ: Isso é interessante, eu fui o primeiro mestre de Psicologia Experimental de Minas Gerais. O primeiro de Minas Gerais. Antes, na Psicologia como um todo, teve a Ana Edith que fez Psicologia Social no Rio de Janeiro, e teve a Marília Marta Machado fez também no Rio de Janeiro. Mas Psicologia Experimental eu fui o primeiro, não tem nenhuma glória nisso não, eu só quero situar.

Risos

JBJ: Mas mostra um pouco o que era. Não existia mestrado, não existia doutorado, sem contar que os cursos eram muito bons, já era um feito, não? O João Cláudio me mandou uma carta dizendo assim: olha a Carolina está prestes a abrir o mestrado de Psicologia Social Experimental no B10, eu já indiquei o seu nome para ela. Você entra em contato por causa do prazo de inscrição. Jamais eu tive essa perspectiva porque não existia essas coisas, não fazia parte das nossas aspirações. Então aconteceu. Logo eu mandei uma carta para ela, ela me respondeu, depois eu mandei uma carta para o Walter, o Walter Hugo que era o chefe do departamento, o Walter me respondeu com uma carta, carta mesmo, papel, muito amável e tal, então eu já fui aceito direto por indicação do João Cláudio e provavelmente da Carolina porque a carta que o Walter me mandou já era de aceitação. Eu não me lembro de ter pedido a ela. Nessa época eu ainda a tratava como senhora e eu já cheguei para ser orientando dela.

GVC: Estava começando a pós aqui então, que era no Departamento de Social Experimental?

JBJ: Então, houve uma mudança na estrutura do que é hoje o Instituto de Psicologia, criou-se o Departamento de Psicologia Experimental, tem toda uma política que provavelmente você está se familiarizando com ela, não importa aqui. Então o mestrado virou um mestrado em Psicologia Experimental. Eu vim para o mestrado em Psicologia Experimental, já não era mais Social Experimental, porque já desapareceu. Aquilo que o João Claudio propôs: “oh, a Carolina está abrindo um mestrado”? Não, em poucos meses virou Experimental.

GVC: E foi neste mesmo ano? Quando foi isso?

JBJ: Então, já foi no começo de 1970. O João Claudio já tinha estado em Belo Horizonte. Então, foi em 1970 porque nós nos formamos, minha turma é de 69, e eu, João Bosco terminei a graduação em 69 e vim para a USP em 70. O curso atrasou um pouquinho e não era mais Social Experimental, já era Experimental, atrasou deve ter começado, Gabriel, para Maio, Junho e eu já vim para ser orientando da Carolina.

GVC: E como era a orientação com ela, com qual frequência, como funcionava essa relação? O senhor continuava morando em Belo Horizonte?

JBJ: Não, eu mudei para cá! Eu aluguei um apartamento aqui, depois eu até morei no CRUSP. É difícil falar só da Carolina, tem que falar da Carolina e da Maria Amélia e tem que falar do Walter. Todos, figuras extraordinárias! Gabriel, eu vou falar o que eu me lembro, é muito entrecortado. A Carolina disse “Você tem que fazer a A, B, C, D cursos”. Esses tais cursos eram: Maria Amélia, controle aversivo; Walter Hugo, observação do comportamento, Dora Fix, psicofísica ou que nome tivesse, mas era psicofísica.

GVC: Vocês viram o livro do Sidman, o Práticas?

JBJ: Isso já era mais para adiante, estou falando logo o primeiro contato. Isso para todos nós, isso não só eu, é meu grupo, é o Hélio, Tutu, enfim, um monte de gente que somos os primeiros pós graduandos de Análise do Comportamento.

GVC: Certo, então ela, não sei se obrigou é a palavra, mas ela indicou alguns cursos para vocês fazerem? Algumas disciplinas?

JBJ: Não, ela determinou! “Vocês tem que fazer”. O leque ainda era pequeno, o leque de ofertas. Então, ela me indicou. E de repente, vindo de Minas Gerais, recém-formado, sem nenhuma formação em Análise do Comportamento, estava diante da Maria Amélia falando em Herrnstein, Hineline, esquiva livre, sinalizada... aquelas coisas. E eu sempre gostei de estudar e levei adiante. Mas então no começo ela indicava e tal. Carolina sempre foi muito ocupada, então se você compara, se pudesse comparar a orientação que a Carolina dava com a orientação que a Maria Amélia dava, a Maria Amélia tinha muito mais oportunidade de interagir com os alunos do que a Carolina. Mas uma sessão de orientação com a Carolina valia o mesmo número que a Maria Amélia pudesse fazer. Eu me lembro muito bem disso. Então havia contatos esporádicos, eu digo com relação ao padrão orientando-orientador, agora foi muito determinante. No meu caso, a Maria Amélia fazia lá um pesquisa, eram dois pesquisadores de rato, éramos a Tutu e eu. O resto do pessoal gostava mais de gente, de clínica e de não sei o que. E nós dois viramos os pesquisadores básicos. de animal. Eu, no laboratório da Maria Amélia, comecei a tocar uma pesquisa qualquer de esquema de reforço e eu peguei um esquema que ninguém tinha estudado. Havia um trabalho do Herrnstein e Morse, de 58, de esquema conjugado, então aquilo era novidade. E a Maria Amélia me manda apresentar meus resultados preliminares na SBPC. Eu falei: “Ela é louca!”. Na época, a SBPC era o que era, tá? Não tinha outra entidade, a gente apresentava na SBPC. Ninguém publicava, não tinha essa febre de publicação, essa indústria de publicação. O grande barato era apresentar trabalho na SBPC e a Maria Amélia: “não senhor vão apresentar sim vai você e a Tutu”, de repente eu estava apresentando trabalho de rato na SBPC, e a Carolina sempre deu a maior força. Mas era uma época então que a presença mais constante era a da Maria Amélia por conta desse curso e acho que os contatos com a Carolina eram contatos orientando orientador normais. E houve também uma influência muitíssimo grande, que perdura até hoje, que não é só comigo, mas com todos os seus alunos, que é o Walter. O Walter era extraordinária! Extraordinária como modelador de comportamentos. Extraordinário! E ele tinha aquele formigueiro extraordinário! Bom, e depois de passada essa fase inicial, os contatos começaram a se intensificar, porque já tinha dados, já tinha que fazer tese de mestrado e ela sempre pegou, acho, se bem me lembro, mais no aspecto de análise de dados. O forte dela era capacidade de fazer análise. Decompor o todo em partes e eu me lembro de vários episódios em que ela discutia os meus dados mas sempre me ensinando a fazer análise.

GVC: Não sei se é difusão a melhor palavra, mas como era essa questão? As pessoas falam que ela era queria formar e fazer das pessoas cientistas independentes, que não dependesse do orientador, que estudava, tinha relação de orientação e depois ia para o mundo formar outras pessoas.

JBJ: Eu gosto da palavra difusão aplicada a isso. Eu acho bem o conceito de difusão, eu gosto. Boa pergunta também, muito boa a pergunta, eu estou falando isso para valorizar a minha resposta.

Risos

JBJ: Eu posso ficar traído pela memória. Você tem razão, ela sempre orientou no sentido de ter independência. Ela jamais cultivou a dependência do orientando ao orientador, às suas perspectivas. Isso é tal modelo comportamental que orientava Carolina Bori. A Carolina jamais foi dogmática, a Carolina tinha uma abertura, uma consideração bastante respeitosa para qualquer contribuição que chegasse a ela, e ela tinha já então na época uma formação bastante avançada em Análise do Comportamento que predominou sobre as outras orientações teóricas que ela teve na trajetória dela. Então, evidentemente que as análises eram em termos comportamentais, analítico comportamentais, mas isso não significava que ela desconsiderasse as outras. Essa é uma característica muito marcante e é bom lembrar isso porque a análise do comportamento está cheia de dogmatismo hoje em dia e essa inspiração, vamos dizer assim, da Carolina na prática, na ação, no dia a dia, não reforçar essa tendência dogmatista é muito relevante, é muito importante. Gabriel, eu acho que eu realço que assim, o que provavelmente você coletou com os outros entrevistados no sentido de que sim, ela formava para a independência e realço esse aspecto, quer dizer, ela jamais foi o tipo de orientadora que criava vínculo de orientando que está preso às amarras do orientador e a Carolina você sabe, outros já devem ter comentado, ela não publicava. Ela não publicava e na hora de publicar com os orientandos, ela não deixava pôr o nome dela. Ela dizia “Não, isso é muito seu. Você que publica, você que vai”. É mais um aspecto dessa característica de forjar a independência dos orientados dela.

GVC: O que você estudou no Mestrado com ela?

JBJ: O que marcou a todos nós, a toda nossa geração foi o curso de táticas da pesquisa científica. Era um curso muito difícil de ser dado, porque era novidade, o livro não era traduzido e então ela tinha um sistema. Ela dava o Sidman de uma maneira muito curiosa, ela reunia o grupo e pedia que cada um fizesse a ela um número de perguntas, se eu não me engano três. Então, ela dispensava o grupo, ia para a sala dela, estudava as perguntas, voltava e a gente discutia pergunta por pergunta com ela, e era muito interessante, e era muito, muito, muito interessante. É curioso que ela tenha feito assim, de uma maneira tão aberta um curso que, tão explícito, sem esconder um curso que implicitamente. É curioso que ela usasse o método de forma tão explícita e dizia que “eu quero estudar antes de conversar com vocês”. É muito, é muito interessante isso. Agora, é claro que Sidman naquelas alturas era um suparassumo. Aquele livro é um marco extraordinário, então ela precisava mesmo, ela trancava na sala dela, ela pegava pergunta por pergunta, estudava, depois vinha. Agora, Gabriel, eu não estou lembrado de outro curso que eu tenha feito com a Carolina.

GVC: E qual o tema da pesquisa de mestrado que você fazia?

JBJ: Eu estudava esquemas de reforço

GVC: Era pesquisa básica também com ela, então?

JBJ: É, de pesquisa básica.

GVC: Que eram também os dados que apresentou na SBPC.

JBJ: Era também a mesma coisa, ali foi só evoluindo, evoluindo, evoluindo.

GVC: Eu tinha entendido que essa pesquisa com a Maria Amélia tinha sido parte de uma disciplina ou algo assim.

JBJ: Pode ter sido parte de uma disciplina, mas virou uma dissertação de mestrado. A Maria Amélia que mandou apresentar na SBPC! Devia ser parte do curso, a Tutu era controle aversivo. Eramos dois, não é que éramos dois, éramos dois daquele grupo.

GVC: No e-mail que a gente trocou tentando combinar, o senhor falou da SBPC.

JBJ: Então, a gente dá um salto, a gente dá um salto imenso. Olha o que aconteceu depois, rapidinho, antes de dar este salto. Eu terminei o mestrado, a minha banca era a Carolina, a Maria Amélia e João Cláudio. Terminei o mestrado e voltei para Belo Horizonte, criei lá, montei o meu laboratório de pesquisa básica com equipamento do CNPq, corri, montei o grupo de pesquisa etc, etc. Todas essas coisas que hoje o doutor e o pós-doc fazem, já fazíamos nós. Depois fui para Minas, depois fui para Brasília para a UnB, levei meu equipamento e depois vim cá para a USP, lá onde você está de Ribeirão Preto e depois fui para os EUA. Nesse intervalo, eu fiz o exame de qualificação, eu estou falando isso, porque o entrevistado sou eu. Eu fiz o exame de qualificação, porque eu estou falando que o entrevistado sou eu? Porque o meu exame de qualificação já foi projeto de saúde pública.

Eu comecei a estudar no meu laboratório esquistosomose, esquistosomose em rato. Só que rato não é um bom modelo para esquistosomose, o camundongo que é, e eu não tinha equipamento para camundongo. Seria a minha tese de doutorado. Por que que eu falo que sou eu? Porque já naquela época eu queria fazer Saúde Pública e eu me lembro que a mesma banca, João Claudio foi a banca de qualificação do doutorado e eles deram a maior força. Então, em Minas eu me liguei ao Peregrino, José Pelegrino, morreu, era um grande pneumologista na época. E o Peregrino também me deu muita força, o João Cláudio também e eu comecei a estudar isso lá. Depois eu fui para Brasília, depois eu vim para cá, mudou muita coisa, fui para os EUA e só vim retomar a Saúde Pública mais recentemente.

Eu larguei a USP, pedi demissão da USP de Ribeirão, na volta dos Estados Unidos porque eu não completei o Doutorado, e eu achei que eu não estava cumprindo com os meus compromissos e mudei radicalmente a minha vida e voltei a profissão que eu era antes, de jornalista. Abandonei a Psicologia, abandonei Fantino¹⁶⁰, Carolina, João Cláudio, todo mundo e fui para Londres como jornalista da BBC. Ao todo eu fiquei nove anos em Londres, mas eu voltei ao Brasil. Eu fui para Londres em 80, eu larguei o doutorado na Universidade da Califórnia com o Fantino em 1980, pedi demissão da USP logo em seguida, 1980. Deve ter sido começo de 1980, em setembro, outubro de 1980 eu fui para a Inglaterra, quer dizer, eu fiquei 6 meses entre jogar tudo para o espaço e ir para a

¹⁶⁰ Edmund Fantino trabalha com Psicologia Experimental, foi presidente da *Association for Behavior Analysis International* e foi editor do *Journal of Experimental Behavior Analysis*. Pesquisa temas como análise quantitativa do comportamento, aprendizagem e motivação, autocontrole e comportamento de escolha.

Inglaterra. Fiquei 3 anos do meu primeiro contrato com a BBC de um total de nove. Terminados os três anos, eu voltei para o Brasil. A Tutu que sempre foi muito minha amiga, Tutu contou para Carolina que eu estava de volta e a Carolina me chama para criar na SBPC um setor de difusão científica. Ela não falava divulgação, ela falava difusão e estava coberta de razão. E ela me entregou então isto para eu criar e coordenar e eu criei. A gente fez um programa de rádio que cobria o Brasil inteiro, com entrevistas. Tinha uma equipe de repórteres alguns hoje são conhecidos, se quiser eu falo. Enfim, eu como jornalista criei uma equipe jornalística para fazer difusão científica.

GVC: Mas só uma curiosidade que agora me surgiu. O senhor acha que já existia esse projeto e aí ela chamou o senhor para participar ou foi aproveitando a situação por ter uma pessoa que sabe fazer?

JBJ: As duas coisas, as duas coisas. Em 83 já existia, já tinha sido criada, um ano antes, a revista “Ciência Hoje” na SBPC do Rio de Janeiro e nós estávamos em São Paulo, na SBPC em São Paulo. A SBPC do Rio de Janeiro tomou o comando da SBPC nacional quando Enio Candotti, do grupo do Rio, foi para a presidência. Isso significava uma briga boa entre São Paulo e Rio.

A Carolina, apesar de todo o entusiasmo dela para com a ciência hoje, isso é evidente eu mesmo publiquei várias coisas lá porque ela me incentivou a publicar como jornalista, então ela não tinha nada, evidente. Ela era entusiasta da revista apesar das brigas políticas, mas a criação de uma outra vertente de difusão científica em São Paulo era também uma resposta às iniciativas de difusão científica do Rio de Janeiro. Lá eles chamavam de divulgação científica, o subtítulo da Ciência Hoje era revista de divulgação científica da Sociedade Brasileira de Progresso da Ciência. Você entendeu? Então as duas coisas, quer dizer eu voltei para o Brasil em 83, quando a Ciência Hoje já estava circulando e com repercussão nacional.

GVC: E o convite que ela fez ao senhor foi para montar uma revista de difusão em São Paulo?

JBJ: Não, montar um programa.

GVC: Ah, um programa de rádio?

JBJ: É! Então, eu disse: “Carolina vamos começar”. Já não chamava de professora, aí já era Carolina, não tinha vínculo mais, e disse: “Carolina vamos fazer”. Ela me expos toda a situação: “Carolina, vamos fazer por rádio? Se nós queremos uma outra vertente, se já existe a divulgação via revista” e a revista era na época criticada por uns certos setores porque era elitista, não estava fazendo divulgação coisa alguma, os cientistas não sabiam escrever para o povão e de fato, isso foi um aprendizado! A “Ciência Hoje” ensinou muito cientista a escrever, ou forçou, criou condições para que eles aprendessem e o desenvolvimento que veio é extraordinário por conta da criação da “Ciência Hoje”. E nós procuramos uma outra vertente, ali o cientista tinha que falar, ele não tinha que escrever. Ele domina, porque para falar, hoje fala mas naquela época não falava. Então, jogava fora muita entrevista, aquela chatice, nossa! Então foi uma outra concepção de difusão científica. E eu, que hoje estudo difusão, são doze anos que eu estudo difusão, não só na parte de comunicação, tudo. A primeira pessoa de quem eu ouvi a palavra difusão foi da Carolina: “João não é divulgação, é difusão!”, ela não

sabia definir o que era, hoje se a gente estivesse conversando já estaria mais definido, porque a área cresceu muito. O que ela queria dizer é que não era meramente um exercício de tradução de uma linguagem científica para uma linguagem menos científica, se quiser popular. Não, é a ciência sendo difundida como instrumento de melhoria de vida, é a ciência sendo difundida para ela se integrar à vida das pessoas e fazer parte do modo de viver.

GVC: Divulgação é conhecer: “Eu li, sei que existe”, mas a difusão envolve usar isso?

JBJ: Isso, a difusão envolve o uso, exatamente. É a adoção ou o uso, a difusão envolve você adotar o conhecimento, a tecnologia, o livro didático, o projeto de ensino e usá-lo. Porque tem gente que adota e não usa.

GVC: É uma coisa é pegar um livro e ler: isso é divulgação.

JBJ: Não, quando você pega um livro e lê, você está usando o livro. A divulgação em si ela não promove a difusão. O que caracteriza a difusão é a passagem de um comportamento para outro, por mecanismo de influência social. Entendeu? Então, um exemplo banal, eu estou lendo a Ciência Hoje e de repente você está ao meu lado e você pega uma “Ciência Hoje” ou compara e lê também. Não foi alguma coisa que foi divulgada, você adotou a revista, você usou a revista. Então, o meu comportamento se duplicou, de certa maneira e você passou a usá-la.

JBJ: Carolina foi quem primeiro pensou a difusão não como uma mera divulgação como faziam antigamente. Ela queria o uso da ciência. O Instituto Carolina Bori usa essa ideia de difusão, no sentido de que os debates teriam que influenciar as pessoas, influenciar as políticas públicas. Isso é diferente de o pai e a mãe assinarem a “Ciência Hoje para as crianças” e ela passar a se interessar por ciência. Isso é muito bom, é legal, mas é o conhecimento científico fazer parte, entrar como elemento integrante na hora de se formularem políticas públicas. Nesta hora os formuladores estão adotando conhecimento científico e o conhecimento está se difundindo para além do meio acadêmico. Ele está fazendo parte, ele está sendo usado. E a Carolina queria era isto. Isto eu aprendi com ela, eu elaborei depois. Como consultor do Ministério da Ciência e Tecnologia, levei isso para lá, o cerne foi lá. Agora, o conhecimento de técnicas de comunicação, isto eu já sabia, até porque eu era jornalista.

Eu não aprendi com ela. Eu aprendi o conceito: “A Carolina tem um troço diferente”. E depois com o tempo eu fui elaborando isso, publiquei um troço outro dia, muito difícil e muito complicado. Mas quem primeiro me falou: “João não é divulgação, é difusão” foi Carolina, eu jamais tinha feito essa distinção. Sabia lá, que eu sabia de divulgação científica? Nada, eu era jornalista, jornalista de cobrir buraco de rua, não era de ciência, eu não era Jornalista de ciência, entendeu? Ficou claro isso? Porque as vezes não entendem, são mundos distantes.

Você perguntou da SBPC. Isto durou de 83 a 87. Nós fizemos programa de televisão, São Paulo se integrou mais na revista “Ciência Hoje”, mais gente da SBPC. A Carolina criou um conselho de difusão científica entre as luminais da SBPC São Paulo e era um troço assim, inconcebível, porque você assim via o Oscar Sala, o Crodowaldo Pavan, Zé Reis, Carolina, Luís Edmundo que, reunidos na sala, na sede antiga da SBPC, lá no Pinheiros, ao lado do Olhar Eletrônico, não sei se você sabe.

GVC: Não!

JBJ: Então, aqueles caras discutindo divulgação científica e a Carolina que botava os caras lá para discutir e dar palpites, indicar nomes, dizer que foi bom, se o programa foi bom. Ela queria ter um conselho, mas não era como tem na SBPC no Rio de Janeiro, de assessores que seriam um nível B de colaboração. Não, eram os titulares da ciência brasileira reunidos em torno de uma mesa.

GVC: Era o pessoal da comissão, o pessoal da diretoria da SBPC. Os Presidentes, os secretários, tesoureiros.

JBJ: Era mesmo, mas não só. Não precisava fazer parte da diretoria. O Angelo Machado! O Angelo não era mais, mas o Angelo era um dos que mais contribuía, daquele jeitão dele, o Angelo dava sugestões, dava todo morria de rir, mas apoiava e tal. O Pavan também com aquele jeito exuberante. O Crodowaldo Pavan foi presidente do CNPq, da SBPC e tudo mais, também ali dando palpites. O Pavan me levava para viagem com ele, para falar de ciência na Paraíba, em Alagoas. E de repente a Carolina via a oportunidade, que acho que sim, eu falei que são as duas coisas.

Se oferecia, porque o ex-orientando dela, que era jornalista, estava chegando, e teve uma experiência no exterior e tal, para, para fazer difusão científica. acho que as duas coisas, não?? Não por meus belos olhos, mas foi o que aconteceu, calhou, que a Tutu falou: “o João Bosco está voltando”.

GVC: Ela sabia aproveitar das pessoas, não?

Risos

JBJ: Sabia, e ela montou, ela fez um grupinho de repórteres jovens ainda, recém formados e ela montou o equipamento básico que eu pedi, não? Equipamento de som, de edição, as coisas básicas. Aquilo foi ampliando, chegamos à TV, rádio cultura, depois radio e chegamos na TV cultura, fizemos um programa de televisão, nosso programa já ia ser lançado no programa regular, mas não teve sustentação. Uma coisa é você produzir um, outra coisa é você produzir em série. Então, produzimos o primeiro e agora o segundo? Isso acontece muito frequentemente no jornalismo e a gente viu que era um sonho maluco, não dava. Já tinha diretor de TV contratado, sabe, faltava aquela infra estrutura, que uma sociedade científica jamais vai ter. A própria Ciência Hoje virou um instituto, uma parte da SBPC.

GVC: Certo, então eu acho que vou fazer uma última pergunta, já faz um tempinho que a gente está aqui, não vou mais tomar o tempo do senhor. Tentando resumir toda a contribuição dela para a ciência no Brasil, por exemplo, o que o senhor diria? Qual a contribuição da Carolina Bori para a ciência no Brasil? Não sei se tem resposta, não sei (risos). Mas, o que o senhor diria para uma questão como essa?

JBJ: Olha, a dificuldade é porque é difícil resumir como você pediu. É difícil resumir. Acho que tem que ser contextualizado, a Carolina foi a primeira mulher presidente da SBPC, a Carolina

tinha características lá de personalidade que eram coisas como a veemência, a clareza com a qual defendia as ideias dela, a firme convicção de que o que se vai progredir na ciência brasileira é que será aquilo, a loira falava disto, será aquilo que os cientistas fizerem. O protagonismo, é ação mesmo.

A Carolina jamais foi dogmática. A Carolina tinha uma atitude científica, no sentido de jamais desconsiderar o que quer que fosse. Tem certas barbaridades evidentemente, mas a contribuição científica era bem vinda. Se você incluir no seu Hall de entrevistados as pessoas da SBPC, você vai ter respostas, muitíssimo, de qualidade muito superior a que eu posso dar, que eu possa dar. A minha resposta é muito genérica e eu não acho que eu seja a pessoa para quem esta pergunta possa ser dirigida, por que, enfim, acho que esta é uma pergunta para o grupo de cientistas da geração dela e eles são capazes de dizer melhor que eu. Eu acho que eu fico muito timidamente, dizendo que eu acho que a Carolina se impôs por ser uma pessoa que, eu vou usar esta palavra que está na moda, uma protagonista. De sempre se impor com muita clareza, com muita propriedade nos momentos de discussão de ciência. A Carolina, ela era muito modesta, apesar da veemência, ela nunca foi estrela. Com o texto editado, pode não captar todo o sentido que eu estou dizendo, mas essa atitude de modéstia contribuiu para ela, para a influência dela se dar muito mais no nível, no segundo nível, por isto que é perigoso, mas não significa menos importante. Quer dizer, a Carolina era a consciência crítica do Pavan e do Goldenberg. A Carolina passava horas, virava a madrugada elaborando atas, documentos, pareceres, quando ela ainda não era presidente, que depois eram usados pela diretoria. Mas ela que fazia o trabalho braçal. E fazia com a maior parazer e ela achava que se ela não fizesse, o troço não iria sair direito. Ela que tinha que fazer, porque ninguém iria fazer.

Então, os caras lá, o Aldo, os que estão vivos, o Aldo, a Nicinha que é secretária até hoje. Não sei quem está vivo ainda. Talvez o Angelo. O Angelo está doente, mas se você fosse para Belo Horizonte, você teria um depoimento do Angelo, magnífico. Angelo Barbosa Machado. Eu tenho a impressão de que eles diriam isto: que a Carolina foi uma pessoa que fazia um trabalho de base. Ela dava os elementos para tornar as posições da SBPC consistentes. Consistentes e com poder de influenciar. Quem fazia o trabalho de base era a Carolina. Então, foi assim, um grande curso que ela deu.

GVC: Uma grande pesquisa?

JB: Uma grande pesquisa? Não! No aspecto de influência via cursos, Então, o Isaias, esse pessoal vai ter respostas muito melhor que eu, porque ela fez difusão da análise do comportamento, no sentido da análise do comportamento ser adota em Belo Horizonte, Rio Claro. Você vai saber melhor que eu. Agora, a ciência brasileira, pergunte lá ao pessoal. Na minha visão, o que eu consigo recuperar, eu via a Carolina ali, com uma consciência crítica das pessoas, da SBPC, no momento de tomar grandes decisões. Então, a história, hoje, tornou-se famosa. Da proibição da Ditadura ao congresso da SBPC, que acabou sendo na PUC. Foi Carolina que fez aquilo. Não porque os outros não quisessem. Não, todos queriam! mas tinha a Carolina, a protagonista, atuando operantemente.

A SBPC cresceu enormemente, divulgou-se enormemente a partir dessa contribuição. Foi Carolina que fez, entendeu? Se isso é a resposta, eu acho que é a sua pergunta, quais são as contribuições... Foi essa atuação de pessoa que sabe o que quer, tem os objetivos claros, sabe como atingi-los e sabe como mobilizar. Sabe como mobilizar seus atores do conjunto para levar, a termo, aquilo que tem que ser feito.

GVC: No comecinho dessa última fala, o senhor disse que ela tinha argumentos claros.

JBJ: Tinha. E muita gente diz que não.

GVC: Muita gente diz que não! Exatamente.

JBJ: Ela sabia o que queria, ela tinha um repertório verbal que não expressava aquilo que ela queria, mas a veemência com que ela argumentava, não deixava qualquer dúvida de que aquilo era direção. É difícil dizer, não sei responder, ela sempre deixava um elemento para o interlocutor raciocinar. Se isso fazia parte da estratégia ou era uma lacuna no repertório verbal que, portanto, se refletia com pouca clareza, que se demonstrava com pouca clareza, eu não sei responder. Ela sempre deixava alguma coisa para você elaborar. Então, uma boa resposta para sua pergunta atrás, de como eram as orientações, de relação professor e aluno, é esta. E isso é muito interessante, ela não te dava coisa pronta.

O argumento podia não ser muito claro, mas você saía sempre, sempre, sempre, sempre, invariavelmente, com alguma coisa, para você elaborar depois. E aquela dúvida que ela lançou, ficava na sua cabeça por um bom tempo.

Risos

JBJ: Então se isso é um repertório verbal confuso ou se era uma tática pedagógica, é difícil responder, mas que funcionava pedagogicamente, funcionava. É complicado, desculpa, não dá para ser mais prático.

JBJ: É do ponto de vista, de alguém que trabalhou. Eu trabalhei, como jornalista, não mais como psicólogo. Eu trabalhei, como jornalista, com três anos e tanto, depois eu voltei para a Inglaterra, eu retomei a BBC e outras coisas que eu fiz como jornalista durante um bom tempo e até que depois quando eu voltei para o Brasil. Eu estava no Ministério da Ciência e Tecnologia, eu conversei com ela mais por telefone e não tive mais... Então, eu já estava na UFMG, de novo, e tudo. Mas eu queria só terminar com dizendo, você provavelmente deve saber, se não sabe, acho também que é uma vereda, que ela ganhou um prêmio da ABA de destaque.

GVC: De difusora.

JBJ: De difusora! Eu acho que você tocou em um ponto importante que se você não elaborou, deveria elaborar, como sugestão para sua tese. Não é difusora que dá entrevista para um jornal, que escreve um artigo para uma revista, que fala no rádio. Não é. Isso ela fazia também, mas é a pessoa que, pela ação, pela ação nesta faculdade, naquela entidade, levava, permitia que as pessoas adotassem

aquilo que ela levava, fosse o modelo dela de conduzir a ciência, fosse um livro ou qualquer outra coisa. Ela era uma pessoa muito assertiva, ela tinha um poder de convencimento, mesmo que as vezes não fosse claro. Então, ela levou a Análise do Comportamento, por exemplo, para o Brasil inteiro e ela também levou conhecimento científico até onde foi possível, no Brasil inteiro também.

GVC: Muito obrigado, excelente.

APÊNDICE M – Silvio Paulo Botomé

A entrevista ocorreu no dia 12 de abril de 2013, durante o I Jornada de Análise do Comportamento da Universidade Estadual de Londrina. Botomé cedeu a entrevista a Gabriel Vieira Cândido após sua conferência no encontro sobre o tema “Análise Experimental do Comportamento: o que é e para que serve na capacitação profissional de psicólogos?”

“Então, tem uma história de desenvolvimento de conhecimento que teve Carolina como alma, como inspiração, como origem, como orientação, como o caminho, como orientadora de direções para vários de nós”

Gabriel Vieira Cândido: Eu não tenho perguntas então depende um pouco da conversa, mas o que me interessa saber principalmente é, são impressões pessoais mesmo, como o senhor avalia o trabalho dela, como o senhor conheceu, como foi seu trabalho com ela, algumas coisas eu já busquei, já conheci algumas informações sobre as atividades que o senhor realizou com ela e algumas coisas eu vou perguntar, por exemplo, parece que o senhor andou viajando com ela pela América Latina. Então, coisas deste tipo: como você viu seu trabalho com ela? Coisas bem pessoais mesmo, de trabalho e avaliação, como o senhor vê o trabalho dela. As perguntas vão surgir a partir da conversa.

Silvio Paulo Botomé: Eu conheci Carolina entre 69 e 70, quando nós realizamos a semana de Psicologia na PUC-SP, estávamos investindo em um projeto de extensão do próprio curso da Universidade, etc, foi a primeira vez que veio uma turma de 120 alunos na PUC, tinha passado de 40 para 120, em função do protesto dos estudantes pela reforma Universitária, etc, o problema dos excedentes, na época um problema muito grave, muito intenso e decidimos fazer uma semana da Psicologia e começamos a discutir um projeto, fizemos um projeto, com os alunos, os estudantes eu estava no centro acadêmico na época mudando, e um dos nomes que apareceu, uma pessoa que tinha uma boa visão crítica da psicologia, de ensino na psicologia era a Carolina Bori, mas todo mundo duvidava que ela tivesse tempo e disposição de vir na PUC fazer uma palestra para estudantes, na semana de psicologia, porque era uma coisa meio bagunçada, pelas considerações que as pessoas fazem, que é coisa de estudante e tal. Então, ninguém acreditava nisso e disse eu: “Quero tentar”. Eu não conhecia a Carolina, nunca tinha visto.

GVC: Certo, o senhor era professor da PUC na época?

SPB: Eu era aluno do primeiro ano e foi a primeira vez que eu fui até a USP procurar a Carolina Bori e eu tinha sido um dos idealizadores do projeto. Quando eu fui conversar com ela, ela me recebeu com extrema gentileza, embora eu fosse um moleque e eu não a conhecia. Então, eu expliquei o que eu estava fazendo ali e ela com uma expressão muito séria e grave, ouviu atenta e,

quando eu terminei, ela foi como ela costumava ser, lacônica. E eu falei que estava ali para convidá-la para fazer uma pequena palestra e que eu estava dentro da tesouraria e assim por diante... Ela disse: “Eu aceito”, eu fiquei surpreso, não sabia nem o que dizer, não?? Eu agradei e me despedi.

GVC: Certo, foi uma conversa curta, então?

SPB: Foi e eu fiquei admirado de ver essa segurança dela, a serenidade, a maneira gentil e ao mesmo tempo profissional. Não foi uma adoradora, uma gentileza meio frouxa, foi gentil e profissional. E eu saí pensando: “que pessoa forte”! E depois, a palestra que ela fez foi marcante, uma palestra que sacudiu todo mundo e provocou todo mundo, foi provocativa, foi informativa, foi incisiva nestas coisas e assim por diante. Assim começou meu envolvimento com Carolina Bori. Eu fui atrás dela outras vezes para debates, e ela começou a me conhecer e eu a conhecê-la. Nos tratávamos diferente já, um pouco mais... “como vai?” e coisas deste tipo. E eu decidi que se eu fosse fazer mestrado, queria ser mestrando dela. Tive outras oportunidades de encontrar ela para debates e programas científicos e tudo, e ajudei na SBPC, fui ajudar na SBPC, ela era Secretária Geral na época.

GVC: Mas, ainda como estudante de graduação?

SPB: Ainda como estudante, fui ajudar lá em uma porção de coisas. Eu fiquei muito próximo dela. Acompanhei o trabalho dela durante meses afincado, quando tive a organização do congresso.

GVC: Foi a convite dela, a organização do congresso?

SPB: Não, eu fui. Eu nem me lembro, eu fui para lá, por conhecer a SBPC e por saber que ela estava lá, e ela era uma pessoa que eu conhecia e admirava e fui para lá para ajudar. E era ajuda que era bem-vinda, precisava muita mão de obra, a SBPC e inclusive não tinha dinheiro para contratar “meio-mundo” para fazer as coisas. Eu sei que eu fiquei vários anos ajudando a organizar os congressos da SBPC, ao lado de Carolina. Aprendi um monte de coisas com ela e ficamos assim, em última análise, com muita satisfação e até envaidecimento, não?, ficamos amigos. Eu vi Carolina chorar muitas vezes, senti junto com ela muitas vezes, em momentos difíceis e chorando por sofrimento das coisas. E ela era uma pessoa difícil de chorar e nunca chorava em público. Algumas vezes tive que acompanhá-la, me sentei ao lado dela e deixei ela chorar.

GVC: Sim, mas sempre motivo profissional?

SPB: Sempre por questões de ordem assim, políticas graves que destruíam coisas importantes do trabalho.

GVC: O senhor sabe alguma coisa sobre a livre-docência dela, falando em coisas difíceis?

SPB: Não, eu não sei de coisas assim, de detalhes da carreira específica dela, a não ser as coisas que acompanhei ela fazendo. Enfim, começou um envolvimento que durou bastante tempo na SBPC, conversei com o pessoal que ajudou, o Luis Edmundo que ajudou a organizar lá a SPBC e participei da SBPC. Assisti palestras dela várias vezes, comecei a fazer apresentação de trabalhos, pesquisa, umas coisas, e eu comecei logo depois a ser professor da PUC e comecei o mestrado.

GVC: Com ela?

SPB: É. Antes de começar o curso, nós fizemos um curso de dois anos, especificamente de Análise do Comportamento, que eram dois anos do curso de Psicologia, que antes durava 6 anos e Então, interagi mais com Carolina Bori, pela frequência na USP, pela pesquisa que eu comecei a fazer no laboratório da PUC e no laboratório da USP com a Maria Lucia Ferrara. Começamos a fazer um pouco mais de presença na USP. Depois fiz a inicialização do mestrado, a Carolina me aceitou como mestrando e eu fiquei como orientando dela no mestrado e no doutorado. Sempre foi um trabalho, assim, muito agradável trabalhar com ela, embora ela fosse exigente, enorme exigência e um profissionalismo muito grande, até desconfortável para muita gente. Para mim, nunca foi, sempre foi tranquilo trabalhar com ela, me corrigiu muita coisa, dava risada as vezes, ria das minhas bobagens e eu sabia usar o feedback. Acho que consegui, tanto que consegui ficar um tempo bom com ela. Depois em São Carlos, nós trabalhamos na mesma sala, uns quinze anos.

GVC: Naquele período em que ela esteve, na década de 70?

SPB: Ela foi diretora por um tempo, depois ela foi professora convidada ou uma coisa assim. Neste tempo nós trabalhamos na mesma sala, junto e foi aí que eu vi várias vezes ela sofrendo com as coisas que eram difíceis. Como ela foi diretora, foi ela que me convidou para São Carlos para ajudar em um curso de especialização. Eu toquei o curso por vários anos, de programação de ensino, que é uma área que ela me influenciou muito, que ela era a gênese e a orientação do trabalho. Foram todas as coisas que fiz, sempre. Eu lembro que ela me deu horizonte e me deu ponto de partida. Me deu não no sentido de paternalismo, mas me provocou para perceber e foi uma convivência preciosa. Carolina era uma pessoa extraordinária, me lembro quando ela teve um acidente, esteve no hospital, eu tive no hospital acompanhando ela, conversei com ela no hospital várias horas e fiquei quase o período inteiro com ela no hospital.

GVC: Acidente de carro?

SPB: É, ela perdeu o baço na época e tudo. E sempre foi uma pessoa fantástica, fantástica. As vezes que eu fui na casa dela, trabalhamos juntos na direção das sociedade científica de Análise do Comportamento, também ela participou, do conselho diretor, eu fui presidente.

GVC: Aquela ABAC?

SPB: ABAC, depois ABPMC. Anterior a ABAC tinha a AMC. AMC, ABAC e assim por diante. A Carolina sempre foi crítica com estas coisas foi muito incisiva, assim, sempre de uma forma colaborativa. Nunca foi de forma envenenada, para atrapalhar, não, sempre ajudou, arregaçou as mangas. Olha, muitos finais de semana, sábado a tarde inteira, ela estava lá, madrugada da SBPC, três horas da manhã, ela estava lá, firme, ajudando a tocar as coisas, ajudando a tomar decisões, uma pessoa fantástica e eu acho que eu devo minha vida profissional, fundamentalmente, muito a ela. Eu tinha uma forma influência da Maria do Carmo no começo, na graduação, também de uma outra professora que faleceu logo no começo do curso, professora Meire Solito. Eu sei que essa me influenciou, que foi monitoria, o primeiro semestre de curso com ela, já me marcou muito e Maria do Carmo que me chamou muito a atenção pelo questionamento incisivo de várias coisas da psicologia,

as vezes até um incisivo que desconsertava as pessoas. Muito colega meu ficava desconsertado, irritado, é uma questão que tem que ser examinada e com a Carolina foi algo semelhante, embora eu ache que Carolina tinha uma suavidade pessoal que eu considerava muito grande, assim, acolhia o tempo inteiro e isto me ajudou muito no trabalho. Depois, em São Carlos, ela que me propôs os problemas que tinha e a medida em que eu consegui dar a solução, fomos ficando colegas de trabalho, cada vez mais, andando. Ela não publicou, não escrevia muita coisa, mas ela nos dava muito coisa para escrever. Nos seminários, nas discussões conosco, nas dicas, nas orientações do que escrevíamos, etc, Carolina me ajudava muito, então muita coisa que eu tenho publicado hoje, eu devo a análise que ela fez.

É como se eu fosse o redator do discurso dela, como nesse artigo¹⁶¹, assim, eu me senti orgulhoso de estar podendo tornar publico uma coisa que era dela. Eu lastimo que a revista não aceitou publicar do jeito que eu indiquei, porque eu pus lá no texto: “Carolina Bori, apresentação Silvio Botomé” e eu analisei o texto, montei uma apresentação minha toda. Fiz um parágrafo, o começo e o fim, que sou eu que fiz, e mais uns destaques nas afirmações dela, que são aqueles pequenos destaques lá.

GVC: Trechinhos, não?

SPB: Que era o núcleo de cada parágrafo, do que ela falou. Eu me lembro que eu fui três ou quatro vezes na casa dela para analisar a versão da arrumação da gravação, tinha gravado essa gravação de uma moça, que me mandou de presente depois. Eu fui paraninfo de uma turma em Brasília, no ano seguinte. E no ano seguinte quando eu fui paraninfo, essa moça estava, era uma aluna que estava se formando e ela me deu de presente a fita. Eu disse, olha, mas essa fita é história e ela disse: “Eu sei que você sabe o que fazer com ela”, ela deixou comigo e foi aí que eu publiquei, infelizmente, depois que a Carolina tinha falecido já, mas eu me sinto satisfeito de tornar aquilo público, porque eu acho que era uma coisa na época, muito forte, aquilo, claro, hoje pode ser uma coisa que todo mundo já fala, já repete, etc, mas naquela época foi novo. Carolina foi a pessoa que bateu naquela tecla, com dureza, foi a primeira vez daquele jeito. Já era uma discussão que ocorria na ciência e tal e estava se fazendo para lá e para cá, mas com aquela precisão, aquela localização e na Psicologia, na Psicologia do Brasil foi Carolina. Então, eu me sentia meio desconfortável em ter aquele artigo, que ninguém, a não ser eu e ela conhecíamos. Ninguém, nem a moça que gravou, ouviu a gravação. Ela ouviu uma vez e guardou.

GVC: Deve ter escutado para ver se ficou boa a gravação.

SPB: Preciosa, porque a gravação estava boa, porque deu para tirar bem as coisas que a Carolina falou e ela conferiu depois. Enfim, a programação de ensino, a própria guinada. Nádia está publicando um antigo, uma conceituação de programação de ensino, de ensino programado. Foi a Carolina que a influenciou, claro teve contribuições de Maria do Carmo, fortemente de João Claudio

¹⁶¹ Botomé, S. P. (2007). Onde Falta Melhorar a Pesquisa em Psicologia no Brasil sob a Ótica de Carolina Martuscelli Bori. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23 n. especial, pp. 29-40.

Todorov e outras pessoas, na área de terapia com o Hélio, Luis Otávio Seixas Queiroz que morreu, que começou com o Hélio este trabalho, que também tiveram influência porque, na verdade, a programação de condições de ensino, ele não deixa de ser programação de contingências de reforçamento para mudança de comportamento, para a melhoria do funcionamento do comportamento, síntese comportamental. Então, é a mesma base e o Hélio também foi uma pessoa que influenciou muito nesse caminho, o Luis Otávio, outro; Camilo, outro, Álvaro Durham, outro, Deisy das Graças. Depois, quando eu fui trabalhar em São Carlos, me ajudou a ficar mais tempo no laboratório, acompanhando as pesquisas de laboratório e tudo, porque eu estava muito envolvido com coisas de ensino e fazendo pesquisas já com programação de ensino.

Então, basicamente, eu desenvolvi as pesquisas necessárias para desenvolver a programação de ensino, como Carolina estava entendendo, que eram sempre Análise do Comportamento.

GVC: Sim, a Deisy discutiu um pouco, eu conversei com ela também, falando sobre a diferença entre a definição de objetivos dela, da Carolina Bori e para outros que existiam, por exemplo, da Julie Vargas.

SPB: É, tem uma literatura intensa que me lembro que na época, decidi com Carolina, de fazer uma sistematização dessa literatura e fazer um balanço conceitual. Foi então que apareceu a noção de objetivo de comportamento e foi uma das coisas que eu discuti bastante com Carolina, na época. A minha tese foi sobre objetivo no ensino e um teste daquilo que a literatura tinha. Tem até hoje na USP a tese de doutorado sobre isso e foi onde eu revi, fui obrigado a rever a noção de comportamento operante, que vinha da literatura e que estava obscura. Até hoje está obscura. Quer dizer, a noção de operante como a interação entre respostas do organismo e o ambiente, o ambiente antecedente, ambiente consequente e essa resposta em um sistema de relações é absolutamente ausente na literatura. E esta foi uma coisa que foi discutida muito com Carolina. Carolina tinha isto claro, embora ela nunca incomodasse as pessoas que estavam utilizando isto de uma maneira imperfeita ou utilizando o conceito de outra maneira e etc. Ela sempre trabalhou com todo mundo, numa boa. E foi com ela que começou isto, eu me lembro das primeiras versões discutimos as diferenças entre ensino programado e programação de ensino, em que a ênfase estava no comportamento do programador dessas condições. Então, esse comportamento tinha que ser estudado, foi isto que eu fiz durante uma boa parte da minha vida.

GVC: Certo, na prática dela, quais eram as coisas que ela fazia? Às vezes aparece, as pessoas falam: “Ah, a Carolina era pesquisadora”, “Ela era incentivadora”, aparecem as características. Mas vendo esta questão toda de ensino programado, programação de ensino, objetivos, as coisas que o senhor aprendeu com ela, como o senhor analisa a prática dela em relação a estes conceitos todos?

SPB: A prática dela era exatamente isto, ela fazia as pesquisas conosco, ou seja, ela nos levava a fazer e nos acompanhava. Então, eu me lembro que a minha tese de doutorado foi premiada no Brasil, no concurso nacional sobre tecnologia de ensino e era uma consequência do concurso, ela seria publicada pelo CNPq. Então eu avisei Carolina, eu disse: “Carolina, você é coautora disso”. Foi uma

briga, ela não aceitava, eu disse: “Carolina, você é a gênese e a orientação deste trabalho”. Tanto que tem uma dedicatória com essa expressão. Ela não aceitava ser coautora, mas foi coautora. Porque é um problema importante. Não é só o executor, o redator que é o autor. A pessoa que teve a percepção da gênese daquele trabalho, teve a percepção dos problemas no núcleo dele, que orientou os passos que você deu é um coautor.

GVC: Sim, isto é um livro?

SPB: É uma tese que está publicada.

GVC: Mas a do CNPQ?

SPB: Não, o CNPQ passou anos segurando o livro lá, brigando e quando eu fui cobrar, cinco anos depois, eles não tinham lugar para publicar. Então, eu fiquei apanhando porque eu mandei para outra editora que falou que eu tinha que fazer revisão para atualizar e começou a dar problema, porque minha vida começou a correr e eu tinha outras publicações, tinha três outros prêmios para minha dissertação de mestrado que defendi depois do doutorado.

Por problema administrativo da USP, eu tive que defender, aprontei a tese de doutorado e tive que segurá-la para fazer o mestrado, porque teve um problema burocrático. Porque eu ia fazer o doutorado direto, por proposição de Carolina. As coisas foram ficando e isto não foi publicado até hoje. Eu publiquei um capítulo de um livro sobre este conceito de noção de comportamento, um livro de filosofia em Porto Alegre, que é uma parte da tese, a introdução que eu faço a revisão de como evoluiu o conceito de comportamento operante, não?? Eu me lembro que depois que eu terminei eu perdi um autor, que foi para mim hoje muito importante, que influenciou o Skinner, que foi o Bertrand Russell, que em 27 escreveu uma crítica ao Behaviorismo watsoniano e foi onde Skinner pegou a deixa da consequência. Que é uma coisa importantíssima na literatura.

Então, há duas grandes coisas que para mim. Carolina foi importante para marcar esta passagem e a descoberta desta noção de comportamento no Brasil. Ela criou as condições para que a gente fizesse. Fui eu que fui o primeiro meteu a boca nisto, tem um artigo do João Claudio Todorov agora de 2012, inclusive que, antes, nega isto que eu descobri lá e eu quero questionar ele e dizer: “Não, você está recuando o conceito de Skinner, está misturando a noção de contingencia com a noção de operante, está falando em tríplice contingencia, enquanto esta expressão está absurda hoje”.

Então eu acho que Carolina foi uma contribuição importante para estes avanços de coisa, porque isso ocorreu, essa discussão, essa análise do conceito de operante, desta forma, ela ocorreu em 1978/1979. Eu publiquei e escrevi terminei de escrever minha tese em 1979. Eu ia defende-la em 80, Então, deu este problema, eu tive que segurá-la na gaveta até 81 e defendi o mestrado e o doutorado no mesmo mês. Então é um trabalho que estava já ocorrendo nesta época, ele não é citado em lugar nenhum, porque está na tese lá e ninguém conhece.

Então, tem um trabalho também da Téia, da Maria Tereza Azevedo Sério, que é a evolução, a proposição do conceito de classes de respostas em Skinner. Ela faz uma exegese do trabalho de Skinner para falar do conceito de classe de resposta, que para mim é um pouco de pré-história do

conceito de operante. Porque problematiza com uma porção de coisas ali. Então, tem uma história de desenvolvimento de conhecimento que teve Carolina como alma, como inspiração, como origem, como orientação, como o caminho, como orientadora de direções para vários de nós e essa foi uma delas. Como teve no ensino programado, outras pessoas em vários lugares do Brasil, também tiveram isto com ela. Nem todos tomaram isto como um campo de investigação. Eu tomei. Eu continuei essa tradição, porque eu achava que tinha uma fonte preciosa. Espero conseguir dar conta de escrever as coisas que eu tenho, porque todos os anos saem pesquisas sobre isto. Eu não estou falando que eu estou inventando este conceito, eu estou tirando ele da literatura.

GVC: Sim, eu vejo as coisas que o senhor fala em congressos como a ABPMC, por exemplo, e eu fui me identificando. O senhor faz muita análise de leis, por exemplo, e faz aquilo virar comportamento, não tem umas coisas assim? Ou umas teses e dissertações.

SPB: Pois é, olha, o problema está em como você deriva o comportamento do conhecimento que existe? Porque o cara que produziu o conhecimento ele não tem noção de comportamento. Mas ele está te falando ou de classe de estímulo ou de tipos de ações que você pode fazer ou de consequências que tem a sua conduta, ou seja, pega um filósofo falando sobre as implicações da Universidade hoje e ele vai te falar de consequências de médio e longo prazo, que consequências de comportamentos humanos. Então, você recua e analisa, se tem essa consequência, que tipos de comportamentos, de respostas podem produzir, que tipo de condições precisam para essas respostas se viabilizarem? Pronto e você vai ter os três componentes de um possível comportamento a desenvolver.

GVC: E foi isso que o senhor aprendeu com ela no doutorado?

SPB: Não, eu acho que isto veio depois. Isto fui eu que fiz e mostrei para Carolina, como decorrência do futuro, ela gostou muito, ficou impressionada eu lembro que ela disse: “Isto é um filão”.

GVC: Sim, e a América Latina com ela?

SPB: Então, Carolina tinha uma visão mais ampla da Análise do Comportamento do que apenas a Análise do Comportamento na USP, em São Paulo, ou mesmo no Brasil. Ela ia para os congressos internacionais, participava e teve muita interação com pessoas que estavam fazendo Análise do Comportamento em vários países da América Latina. Eu acho que ela provocou núcleos e em algumas vezes como divulgação inclusive, das contribuições da Análise do Comportamento para a Educação. Eu participei, ajudei ela em um projeto em Caracas, na Venezuela, em que ela estava ajudando a desenvolver um programa de ensino personalizado, o PSI, do modelo Keller, em que nós tínhamos introduzido várias inovações. E fui eu inclusive que escrevi o material, fizemos versão espanhola, etc, e fui com ela para a Venezuela para fazer isto. Teve outras vezes que ela foi, foi com o Mário Guidi, tinha uma professora argentina que também ia conosco para lá. Então, eu trabalhei com ela nesta experiência de Caracas. Depois, as outras experiências na América Latina, no Uruguai, na Argentina, quando apresentei trabalhos com alunos, já não foi mais com Carolina. Depois, ela já tinha falecido e na Bolívia também que eu fui para lá para discutir com um grupo de Psicologia, a

possibilidade de incluir mais Análise do Comportamento na formação dos psicólogos bolivianos, mas foi muito fraco, foi pouco tempo e as pessoas envolvidas estavam com uma formação muito pouco científica para entender as implicações da proposta da Análise do Comportamento.

Ela falou uma frase uma vez para mim que eu acho que eu disse para ela: “Essa frase vale para você”. Ela me disse assim: “Silvio, você é cientista em tempo integral, você raciocina, você relaciona, funciona, pensa, sempre como Analista de Comportamentos, fazendo análise”. E eu brinquei: “Esta frase serve para você também”, eu disse para ela. Então, eu acho que Carolina de fato, não era uma pessoa que estudava ou fazia pesquisa com a Análise do Comportamento, ela fazia Análise do Comportamento o tempo inteiro. Ela via o comportamento todo o tempo, as pessoas não veem comportamento todo tempo, eles veem respostas. A Carolina via comportamentos.

Tivemos seminários, até formais, me lembro uma vez uma pessoa questionando a Carolina sobre o problema da quantificação, qualitativa, quantitativo, tal, e ele teimava que as coisas nem sempre eram quantitativas, e ela disse: “Olha, qualidade é só uma forma de quantificação, o problema é quando você usa categorias, bom, excelente, péssimo, ruim, é um gradiente como qualquer outro, só que o nível de mensuração é diferente”. Então, eu me lembro da Carolina quieta, ouvindo a discussão, ela parou uma hora de debater com o rapaz. Então, eu me lembro que ele teimou, e ela disse tá bom, vamos pegar um livro, e disse assim: “Quanto é isso aqui?” E ele disse assim: “Depende”, e ela: “Pois é, este é o problema, o que que você está olhando para dizer quanto que é isso aqui?” Ele disse: “Ah, trezentas gramas”, Ela disse: “Você está olhando para uma propriedade, uma dimensão do livro, fale de outra”. Ele disse: “Ah, tal volume”, eu disse: “Tá, outra dimensão, outro aspecto do livro, outro conjunto de variáveis, fale outro”, e ele não conseguia ir muito longe, e ela disse: “Vou dizer o número de letras, número de páginas, quantidade de toques, quantidade de ideias aqui dentro, valor destas ideias”. Opa, mas aí isto é qualitativo? Não, é só você descobrir qual é a métrica que você tem para medir o valor das ideias que estão aqui. Se for bom, ruim, excelente, aplicável, não aplicável, operacional, não operacional, você simplesmente mudando a métrica, a régua. Então, todas as coisas são quantificáveis, o problema é o nível de mensuração que eu posso ter, eu não posso ter só categorias para medir a variação. Então eu tenho entre pessoas, por exemplo, moreno, moreno claro, moreno escuro, loiro, loiro claro, albino, quer dizer, se você for ver, você não sabe a distância entre um valor e outro, mas é uma categorização inclusive hierárquica, tem uma ordem. Não é moral a ordem, não é que o moreno é o melhor e o albino é ruim, ou o inverso, mas é uma hierarquia, ok? Então, este tipo de coisa, me lembro que nasceu com Carolina, na coisa assim, foi clareando com ela, e claro, eu acho que ela fazia isto conosco, as novas gerações e aí tá a maneira de Carolina escrever: ela escrevia em nossos comportamentos, ela escrevia com as contingências que ela produzia para a gente fazer as coisas.

GVC: E não só com os alunos também, em todos os cargos que ela assumiu acho que era isto que ela queria fazer.

SPB: Todas as coisas que ela fez, ela fez isso, que eu acompanhei, me lembro, agora, haviam pessoas que reagiam a isto de acordo com o repertório que tinham. Tinha aluno que chorava chateado porque não conseguia entender o que Carolina estava propondo e a gente estava feliz da vida porque a Carolina estava apontando caminhos claros. Eu fui monitor dela e eu me lembro do tanto de coisa que eu tinha que ajudar a traduzir, às vezes, alguns alunos não entendiam, achavam a Carolina grossa, agressiva. Não, ela está sendo incisiva com você, porque você está precisando ser chacoalhado nisso, e algumas pessoas ficavam odiando isto. E a Carolina era de certa forma, o tempo inteiro, uma pessoa controvertida, era odiada ou amada em extremos. Tanto que algumas vezes que eu a vi sofrendo muito, era por pessoas que não entendiam o que ela estava propondo e a mal tratavam, literalmente. Agrediam, como é que é... ofendiam, desvalorizavam as coisas dela de uma maneira muito agressiva e destrutiva. Isto era doloridíssimo para mim, que acompanhava ela e conheceu o trabalho dela.

GVC: E na SBPC isto acontecia também?

SPB: Na SBPC eu acho que não, porque a SBPC de certa forma se transformou em uma espécie de comunidade que Carolina ficava um pouco distante das coisas mais operacionais e ela coordenava os processos do correio, entendeu? Então, a grande fase histórica boa da SBPC, teve a mão da Carolina Bori, ou como secretária Geral, ou como presidente da sociedade. Carolina teve um papel fundamental, foi ela que fez a Associação se tornar forte. Para você ter uma ideia, quando foi criada a Secretaria de Ciência e Tecnologia do governo, depois transformou-se em Ministério da Ciência e Tecnologia, o governo Sarney criou o Conselho de Ciência e Tecnologia. Eu me lembro que eu estava na Universidade Federal de São Carlos na reitoria e eu tinha recebido do nosso assessor em Brasília, um fax, com a lei do Sarney criando o Conselho de Ciência e Tecnologia do país. Eu olhei e fiquei assustado, porque na composição tinha sindicato, tinha sindicato patronal, tinha associação das indústrias, tinha não sei o que, e não tinha uma Universidade, nem referências as Universidades. Então, eu mandei imediatamente o fax, telefonei para Carolina e mandei o fax para Carolina, “Carolina, da uma olhada nisso aqui porque a SBPC tem que quebrar o pau com o governo, agora”. Carolina recebeu o fax, telefonamos, conversamos e ela disse assim: “Silvio, isto tem que ser discutido diretamente com o Presidente da República”, ela na direção da SBPC pediu audiência para o Sarney, tá? E o Sarney recebeu e incluiu a representação do Ministério da Educação (Risos). E ela ficou possessa.

GVC: E ela conversou diretamente com o Presidente, como Presidente da SBPC?

SPB: Sim, foi a comissão da Diretoria da SBPC conversar com o Presidente. Eu me lembro que era assim, uma situação corajosa, e mesmo assim, não se conseguiu que se entendesse o que ela estava propondo. E houve, outros momento de envolvimento do conselho de reitores, que também teve um trabalho com o Conselho de Ciência e Tecnologia, mas não deu certo. O Paulo Renato se recusou a receber as propostas na época e aí já estava em outro estágio da vida de Carolina. Carolina estava muito cansada e trabalhando muito para ajudar varias coisas... a dar continuidade. Mas sem dúvida, se eu tivesse que resumir, uma palavra para dizer, foi uma pessoa, extraordinária, que mulher

maravilhosa. Assim, é daquelas pessoas que a gente se apaixona historicamente, quer dizer. Não importa as circunstâncias, é uma pessoa que ficou. Para mim foi muito marcante e a morte dela foi uma negação que eu fiquei... não pude estar em São Paulo, porque eu estava fora e quando eu soube, ela tinha, estava já no enterro, ou qualquer coisa assim.

A condição em que ela morreu foi estúpida. Eu me lembro, eu tinha passado uma semana anterior em São Paulo e eu ia na casa dela, porque ela tinha passado uma outra semana anterior em Florianópolis conversando e ela estava gripada. Ela queria voltar para São Paulo rápido, não queria descansar e se recuperar, mas eu lembro que insisti com ela: “Mas, Carolina, você não está bem, fica, descansa um, dois dias, a gente tem lugar, tem condições para te ajudar a cuidar”. Porque ela morava sozinha, e ela disse: “Não, eu tenho trabalho na CAPES na segunda-feira e eu preciso ir para Brasília”.

GVC: Uma coisa, já que a gente entrou no assunto da saúde dela, não sei se o senhor vai saber falar disto, mas foi uma coisa que me toquei só depois da transcrição. Parece que este acidente que ela sofreu tempos atrás, tinha algum machucado, uma ferida que não cicatrizava.

SPB: Não sei disto. Não sei. Eu sei também que nestas coisas ela era muito discreta. Ela teve um acidente, a Deisy estava dirigindo, teve um acidente, ela machucou bastante, disse que perdeu o baço.

GVC: Indo para São Carlos?

SPB: Ela estava em São Carlos quando sofreu o acidente, ela estava em uma esquina da cidade, e ficou hospitalizada um bom tempo, teve que fazer cirurgias. Mas eu não tenho nenhuma informação disto, até porque, Carolina nunca falava dela, era difícil. Ela conversava sobre a vida, as coisas, as pessoas, ria, fazia piada com a gente e tudo das coisas, era bem humorada, e sempre séria. Parece paradoxal, bem humorada e séria, mas era. As pessoas mais rígidas, mais moralistas, mais sei lá, mais formais, não pegavam isto muito claro. A convivência dela com Maria Amélia, com Maria Lucia Ferrara, foi uma coisa fantástica porque elas brigavam o tempo inteiro

Risos

GVC: E não se separavam?

SPB: Numa boa, porque estava brigando pelas ideias, não era por problema pessoal. Às vezes até pareciam que estavam brigando pessoalmente e era uma coisa rica, sempre se ajudavam, sempre colaboraram, sempre respeitaram o trabalho e as pessoas, umas as outras e dávamos muita risada, ríamos das coisas, das divergências. Não transformávamos divergência em briga. Nos últimos tempos, eu acho que isto está envenenando a Psicologia. Nós estamos recuando. A ausência de Carolina foi muito ruim para nós. Ela era um catalisador importante para haver unidade na Psicologia. Mesmo quando havia, quando Carolina era foco de controvérsia, divergência. E tinha muita gente que se aproximava dela e ficava meio assecla e não colega. Eu me lembro que várias vezes tive que fazer palestras sobre coisas de Carolina para os inimigos de Carolina, porque achavam que eu iria massacrar

Carolina. Quer dizer: “Esquece a Carolina, analisa o que ela está propondo e vamos discutir, você tem uma proposta melhor para resolver isto?”. E algumas pessoas achavam que porque eu estava lá trabalhando com os inimigos de Carolina, que eu era um inimigo de Carolina. (Risos) e o debate era esse. Me chamavam para um debate, eu vou, e queriam massacrar Carolina. Por conta das diretrizes curriculares, disciplinas, e eu: “Bom, esquece a Carolina. Veja a proposta que está aqui. Você tem algo melhor a colocar no lugar? Não? Então qual é o teu problema com a ideia? E se fosse outra pessoa que estava propondo, você concordava? Então esquece a Carolina”.

GVC: Isto na discussão de Psicologia, mesmo?

SPB: Psicologia, Psicologia! Diretrizes curriculares da Psicologia, eram cento e pouco coordenadores de Psicologia na Bahia. Eu fui fazer um debate sobre diretrizes curriculares. A primeira coisa que queriam era crucificar as diretrizes e culpar a Carolina. Eu disse: “Olha, devagar um pouco Então, porque é esse o debate? Vamos ver as proposições e você me diga. Você tem uma proposição melhor que isto? Isto daqui está fundamentado nisto, nisto, nisto e nisto, tem melhor?” Não, não tenho. Foi divertidíssimo. Eu ganhei cento e pouco coordenadores de Psicologia para as diretrizes curriculares. E o pessoal que estava acompanhando, que estava trabalhando com Carolina, achava que eu estava tomando partido dos inimigos. A Carolina não raciocinava assim. Eu conversei com ela na entrada, na saída.

GVC: E o senhor consegue explicar porque que isto acontecia, tem hipóteses?

SPB: Não, não, nunca me preocupou muito. Eu acho que na verdade, na academia é muita concorrência, as contingências são muito para a promoção de peruação. Não á para primeiro mérito, o valor das coisas que são feitas, sabe? É o *status* que dá para as pessoas. Então isto na academia, estraga a academia e estragou muito as relações de pessoas com alto valor. Pessoas de alto valor que mereciam ser o que os americanos fazem, eles chamam de professor emérito e tem o cara dando aula quando ele quer, e tiver condições melhores para continuar trabalhando nas condições de envelhecimento inclusive, não?? Não fazemos isso no Brasil, tem um caso de uma Universidade que os ex-reitores se deram a si mesmos o título de Doutores Honoris Causa.

Risos

SPB: Esse é o nível da Universidade, me lembro que dei uma bronca neles: “Vocês não tem vergonha na cara, fulano, beltrano e ciclano, que fizeram um excelente trabalho aqui, mereceram ser Doutores Honoris Causa, vocês só foram reitores e ainda reitores segurados no cargo por pessoas que estavam trabalhando mais do que vocês trabalharam”.

GVC: Uma atuação questionável, não?

SPB: É. Então neste sentido a Carolina nunca ficou na peruação acadêmica, ela tinha como importância máxima, fazer ciência, fazer Universidade, desenvolver a educação de ensino superior e mais outras contribuições que ela trouxe. O que me importa é marcar uma coisa em você. Eu acho um

pouco fraco nós usarmos esta expressão que a Carolina não publicava. Eu acho que Carolina escrevia em nós e nós escrevíamos no papel o que ela escrevia em nós. Não sei se essa expressão é rica o suficiente, mas eu me sinto assim, eu me sinto assim. Quer dizer, Carolina modelou comportamentos precisos, ela escreveu em mim. Então, eu sou o resultado disto aqui. Agora, eu pus no papel muita coisa como se fosse... como é que chama quando espíritos fazem?

GVC: Psicografado?

SPB: Psicografado, é.

Risos

SPB: Qualquer coisa assim, porque ela fazia a gente entender e aprender e incentivava a gente a escrever e valorizava o que escrevíamos. Eu tenho, dezenas de artigos de alunos que escreveram um trabalho escolar na pós-graduação, eu tenho cópia. Trabalhos excelentes! Foi a Carolina que inspirou aquilo, que ajudou, supervisionou e não aparece o nome de Carolina, tenho dezenas, encadernações em montes, desde a década de 70. Meu trabalho na secretária de saúde de São Paulo foi o tempo inteiro discutindo com Carolina, recebi três prêmios, aquilo foi um sucesso danado, revolucionou o atendimento dos postos de saúde em São Paulo. Atrás disto estava a inspiração de Carolina, me dando força, me dando apoio, me dando sugestões, discutindo comigo as tecnologias que eu aprontava, me apontando onde tinha risco de poder dar problema. Quem que vê isto? E nunca apareceu o nome de Carolina.

GVC: Porque ela não deixava?

SPB: Ela mesma não deixava. Uma vez, o Keller estava no Brasil e ela convidou o Keller para discutir meu trabalho, esse da Secretaria de Saúde. Passamos a tarde inteira os três discutindo. Se isso não é escrever em um cara como eu as ideias deles... Keller e Carolina. Você imagina a influência que isto teve sobre mim. As coisas que eles viram, que discutiram comigo. O Keller elogiou um monte de coisas, então isto, reforçou. Isso é escrever no meu comportamento, entendeu? Para mim é um pouco doloroso, porque Carolina é uma pessoa marcante da minha vida. Eu vivi mais tempo com ela, próximo ai, e orientado por ela, do que com a minha mãe. Minha mãe, eu saí de casa aos oito anos e pouco. Com Carolina eu vivi vinte e poucos anos perto dela, trabalhando com ela, orientado por ela, trabalhando na mesma sala. Então, é uma pessoa assim, que eu tenho uma ligação afetiva, pessoal, muito marcante para mim, para ela eu não sei o quanto foi.

Risos

GVC: Se ela te envolvia nas coisas delas, com certeza, foi marcante.

SPB: Com certeza, nunca consegui dizer não para um convite ou pedido de Carolina, nunca.

GVC: Sim e dizem que ela pedia muitas coisas.

SPB: Nunca, me lembro que eu estava estourado, sobrecarregado e eu: “Vamos lá Carolina”, porque eu sabia que ela também estava sobrecarregada. E olha, teve coisas encrencadas, viu? E ela não tinha medo de encrenca.

GVC: Tinha alguma coisa assim, quase impossível, que ela tenha pedido? Uma coisa quase impossível assim, a dificuldade da coisa que era muito grande? Que ela tenha pedido?

SPB: Eu não me lembro, foi muita coisa, não me lembro. Eu me lembro que as coisas que ela me pedia, me davam medo, às vezes de não conseguir fazer, de não dar conta, de ser maior do que eu ou que minha capacidade. Mas eu me lembro que ela sempre tinha, dava a impressão que havia uma confiança grande nisso. Então isto apagou um pouco alguma coisa que poderia parecer impossível. Eu não saberia lhe dizer hoje, assim. Acho que também ela era uma pessoa razoável, ela sabia o que exigir da gente.

GVC: Certo, até onde ir?

SPB: É, acho que ela exigiu bastante de mim, mas eu acho que ela o fez de uma maneira legal. Nunca me senti, sei lá, explorado, sacaneado, ou com uma exigência desproporcional. Ela era tolerante inclusive, com as minhas bobagens. Eu lembro que eu fazia bobagens, e bastava, ela não me explicava muito. Eu sabia que eu tinha que me virar para descobrir.

Risos

SPB: Isso era uma coisa boa, ela dava dicas, quando achava que tinha que dar dicas. Quando ela achava que eu tinha que descobrir a dica, ela falava assim: “Faz, faz”, com uma simplicidade, e eu ria não?? Porque a dica tá aí. Parece que o importante é que eu descubra isto. Para outras pessoas era desesperador, morriam de medo. Eu achava que era a dica, clara, era fácil.

GVC: Ela confiava na capacidade? Quando ela sabia que a pessoa conseguiria fazer, ela deixava?

SPB: Eu acho que sim, mas eu acho que ela também avaliava o quanto você confiava nela. O quanto que você confiava e entendia que a dica estava ali. Às vezes ela percebia que a pessoa não estava entendendo e ela deixava o barco correr um pouco mais. Esperava. De uma coisa boa da Carolina, ela tinha essa coisa da gravidez permanente, ela sabe esperar a hora do parto. Para todo mundo! Uma grande mulher.

GVC: Está ótimo, muito obrigado, eu vou parar aqui.

APÊNDICE N – Eduardo Moacyr Krieger

Entrevista realizada com o professor Eduardo Moacyr Krieger no dia 16/12/2013, cedida a Gabriel Vieira Cândido. A entrevista foi realizada na sala do Instituto do Coração (InCor), em São Paulo, onde ele trabalha. O entrevistado foi recepcionado pela secretária do Dr. Krieger, que imediatamente me levou até ele.

“Ela sempre teve uma dedicação às causas maiores da organização da universidade, do sistema de educação, sistema de ciência no país”.

Eduardo Moacyr Kriger: Bom, eu vejo que a vida da Carolina poderia ser descrita em duas vertentes que didaticamente podem ser separadas, mas na verdade correm paralelas e confluem porque uma influencia a outra. Uma é parte, digamos, estritamente acadêmica, de pesquisa, e que eu tenho menos informação. Não é a minha área, mas eu tenho suficiente, digamos, contato com pessoas que tiveram e falam sobre a importância que a Carolina teve na psicologia, especialmente porque ela teve o mérito de influenciar o desenvolvimento da psicologia experimental e que criou uma grande escola no Brasil de psicologia experimental e pelo visto não existia pelo menos uma forma efetiva. Este é um mérito extraordinário dela, que ela teve não só na nossa universidade, mas ela influenciou diferentes grupos pelo Brasil. Isto já é uma característica importante que justificaria elogios à vida dela. Mas paralelo a isso, ela sempre teve uma dedicação às causas maiores da organização da universidade, do sistema de educação, sistema de ciência no país. E essa segunda vertente é que eu acompanhei mais de perto, porque eu também sempre fui muito envolvido em associações. Eu trabalhei na FeSBE¹⁶², eu fui um dos criadores da FeSBE. Na mesma época em que ela era presidente da SBPC, eu era presidente da FeSBE, que é Federação das Sociedades de Biologia Experimental, que reúne as sociedades de fisiologia, farmácia, imunologia, etc. Então, eu tinha muito contato com ela e como a SBPC reunia o conjunto das sociedades, eu tinha contato lá com a Carolina e apreciava muito essa visão que ela tinha de papel que o cientista tem que ter em debater, influenciar os rumos das adversidades da ciência e tecnologia.

Gabriel Vieira Cândido: Assim começou o contato entre o senhor e ela?

EMK: Isso, foi aí. Eu conhecia muito bem um pesquisador que foi anterior a ela, que ele trabalhou na diretoria, que era o Oscar Salas, que era um homem fantástico, então, a Carolina era do grupo do Salas e que deu continuidade. Ela trabalhou com o Salas na diretoria, depois se tornou presidente. Então, eu conheço bem a evolução, a gente tinha reuniões seguidas na SBPC, ela me indicava para comissões nacionais, eu cito naquele depoimento que eu fiz para revista. Uma das

¹⁶² Federação de Sociedades de Biologia Experimental (FeSBE)

comissões foi para reestruturar o sistema nacional de ciência e tecnologia, que sempre vinha, era ministério depois secretaria e tal. Então nós fizemos uma comissão de alto nível para trabalhar lá no ministério.

GVC: Tem alguma discussão ou algum projeto que o senhor tocou envolvendo este tipo de atuação?

EMK: Então, é está, nós conseguimos realmente na discussão daquela época é que fosse firmado a volta para ministério. Então, deixou de ser secretaria.

GVC: Isso foi no início dos anos 80, mais ou menos?

EMK: Foi na época em que ela foi presidente da SBPC. Ela foi presidente da SBPC de 86 a 89. Naquelas idas e vindas de ministério e secretaria. Então, isso foi uma das atuações marcantes que eu tive com ela. Depois que ela saiu da SBPC, entre outras coisas, ela foi dirigir o Estação Ciência

EMK: Ela era diretora e me convidou para fazer parte do conselho. Então, lá eu trabalhei. Ela foi presidente da SBPC, falava em ciência, falava em divulgação de ciência, é diretora, então, da Estação Ciência que é identificada exatamente a educar o pessoal da importância e à popularização da ciência.

Estação ciência é museu, lá na Barra Funda. Ela foi diretora e hoje eu não sei quem é o diretor. É um instituto que era federal, mas mantido pelo CNPq e pela USP. Hoje eu não sei quem é que mantém, mas quem indicava era um conjunto. Era federal e a USP. E a Carolina foi indicada como diretora, tinha um conselho e eu trabalhava lá, organizava as exposições.

GVC: Mas ela buscava o senhor, ela procurava ajuda, convidava para participar de algum projeto ou por causa dos interesses que cada um tinha, acabavam se encontrando?

EMK: O que ela fazia, ela tinha um conhecimento da comunidade científica, por causa da vivência dela. Então ela escolhia as pessoas dentro da comunidade científica que ela achava que tinha liderança, conhecimento, capaz de auxiliá-la nas tarefas.

Esse era um conselho que tinha representação em diferentes áreas, certo? Outro momento em que nós trabalhamos juntos, e nós dois fomos convidados, foi lá na Fundação Universidade de Brasília. O Rosemberg era ministro da educação e ele nos chamou e disse que havia um dispositivo legal, que a Universidade de Brasília devia ser comandado pela Fundação e que a Fundação não estava funcionando. Ele ia botar a Fundação para funcionar porque ela que comandava a universidade. Nomeou os conselheiros e entre eles, a Carolina e eu. Então, nós íamos frequentemente à Brasília, viajávamos juntos, de ida, de volta, convivemos muito. E qual era o nosso papel lá? Era auxiliar a Universidade de Brasília, era um conselho da Fundação que dirigia. Aliás, de acordo com a lei, era o conselho que deveria ser eleger o diretor, mas na prática, as coisas já tinham passado, a universidade estava muito politizada e o conselho não ia pretender nomear o reitor. Mas o reitor tinha que prestar todas as contas pro conselho da Fundação. Que a fundação tinha direitos legais de nomear o reitor, nomear diretor e etc.

Nós trabalhamos lá e foi muito agradável porque a gente procurava, digamos, de alguma forma, equacionar os problemas da Universidade de Brasília, não só a parte de ensino e pesquisa, mas principalmente administrar a parte financeira. Pode se ver que a Carolina teve uma atuação paraticamente nos dois setores com grande intensidade e com grande sucesso. Ela nunca deixou de ser pesquisadora e nunca deixou de atuar politicamente em sociedades, SBPC, Estação Ciência. Tudo que envolvia, digamos, problemas de educação, problema de ciência e tecnologia, estrutura do sistema. Ta certo que estava tudo para ser construído. O Ministério de Ciência e Tecnologia foi criado em 1985 e começou a passar por momentos de turbulência de que não era mais Ministério, virava Secretaria e virava Ministério de novo. Então, esse é o depoimento que eu poderia dar. É uma pessoa que teve um envolvimento muito ativo, mas com legitimidade. Na nossa área, para você ter liderança, digamos na área universitária, acadêmica, é preciso você ser reconhecido pelos pares dentro do seu setor, dentro da sua competência. Isso é muito importante, que você legitima a sua liderança se você é reconhecido pelos pares na sua área. Isso ela era! Quer dizer, ninguém duvidava da competência dela na psicologia experimental. Então, isso dava suporte. Era um pouco o grupo do Salas. O Salas tinha essa visão de quem tem que liderar os movimentos são os bons pesquisadores. Eles eram bons pesquisadores na sua área. E a gente então, se reunia lá um grupo que a gente achava que tinha um ideal comum de universidade, mas a partir de uma dedicação à própria universidade, ta certo? Então que podia, digamos, fazer a atuação externa, que podia lutar pelos valores além.

GVC: Tinha alguma coisa no jeito dela, no jeito de falar, de defender uma ideia, que chamava a atenção?

EMK: Tinha, tinha. Primeiro, ela parecia uma pessoa frágil. A figura física dela. E não era! Ela enganava porque ela era absolutamente dura nas negociações. Mas, disfarçava. Procurava, digamos, ser agradável, mas todo mundo sabia que a Carolina tinha ideias muito fortes e sabia defendê-las. Alias, acho que essa era uma das características dela. Firmeza! Firmeza! Firmeza mas dentro de uma exteriorização mais frágil, mais feminina, mais doce! Mas na verdade, ela não era não, na negociação.

GVC: Certo! Em conversas de corredor, de quando não estava negociando mesmo. Uma das coisas que aparece bastante, quando se fala em Carolina Bori é que ela preservava muito a sua vida pessoal. Ela não falava, não se expunha, não conversava muito sobre os problemas de família ou coisas do tipo. Fora de mesa de reunião, quando saía para almoçar, do que se falava?

EMK: Então, eu sou suspeito para falar porque eu também, digamos, os momentos que eu vivia com ela nas reuniões da SBPC terminavam paraticamente ali. Nas reuniões anuais a gente tinha um pouco mais de tempo. Mas não havia muita oportunidade para você sair daquelas coisas que você estava realmente centrado, que era política universitária, política educacional. Realmente, ela era muito discreta e a gente não sabia nada da vida pessoal dela e nem era oportuno. Nem era necessário. Realmente, eu, mais tarde, que fiquei sabendo que ela tinha um filho, etc, mas não tinha ideia da vida pessoal dela!

GVC: Então, esticavam a reunião para outros contextos, certo? Era o que acontecia geralmente?

EMK: Ahh, sempre com aquela motivação. Nós íamos de Brasília para cá sempre conversando sobre o que havia sido discutido lá, etc. Era muito profissional. Agradável, mas profissional. Ela não se dava muito ao luxo de ter digressões, não. Ela era muito centrada. Ela não perdia muito tempo.

GVC: Certo. O senhor falou da Carolina como referência na psicologia experimental. Mas ela também foi referência em educação, com uma proposta de educação. O senhor sabe de alguma coisa, conversou sobre alguma coisa, sobre isso com ela?

EMK: Não, não, eu sei que ela fazia parte de um grupo, do NUPES aí, do núcleo e que aí tinha várias pessoas, a Eunice, ela era muito amiga da Eunice. Eu sei que ela se interessa por educação. Eu sempre entendi que essa parte dela de psicologia experimental, etc, sempre teve muito ligado à educação formal, de psicólogo, certo? Agora, as ideias mais gerais de educação, eu acho que ela teve depois, pelo menos com mais intensidade, depois que se aposentou e foi trabalhar no NUPES, que aí era um pessoal que estava dedicado à educação como meta, como coisa primária.

GVC: Certo, entendi. Se o senhor fosse dar uma impressão, definir de algum jeito, o senhor conseguiria fazer isso? Como o senhor poderia fazer? Como o senhor a descreveria?

EMK: Eu acho que o que fica sempre é essa ideia de uma pessoa em que eu conheci na parte profissional. E a parte profissional, a universitária, a científica, a educacional de alto nível. Então, neste contexto, eu guardo dela uma ideia de uma das lideranças que esse país teve. Em que eu já conheci no meio caminho, entre o início da atividade política e o topo. Que eu me lembro dela ainda trabalhando na diretoria da SBPC e depois na presidência da SBPC. Então, é uma pessoa que teve coerência, sempre, digamos... eu acho que a atitude melhor é coerência. Quer dizer, sempre teve uma meta, uma meta em que ela nunca saiu dessa meta, nunca vi ela se desviar dessa meta. Todos os anos que eu conheci as preocupações dela, em geral, foram sempre as mesmas. Mudava um pouco por causa do tempo, mas a preocupação central era a universidade e o nosso sistema de ciência e tecnologia, o nosso sistema educacional.

GVC: O senhor citou a mudança para Ministério. De Ciência e Tecnologia, certo? De Secretaria para Ministério. E agora o senhor disse dela como uma liderança do país. O senhor se lembra de algum outro projeto de nível nacional do qual ela participou e o senhor participou que o senhor possa falar um pouquinho de como foi a ideia, o planejamento, a elaboração?

EMK: Não, eu diria que tem uma coisa que era constante nas nossas discussões e nas nossas tarefas era o problema de verba, que isso aí independe de novas leis. Era o problema anual de você ver se o governo, realmente, federal, dava verbas adequadas, principalmente para o CNPq. Antes não tinha o Ministério, começou o Ministério em 85, mas o CNPq sempre foi a agência que estava mais em contato. Então, essa era uma preocupação permanente. Então, nós chamávamos as lideranças, etc, para reuniões na SBPC que veio o Maciel, que era o vice-presidente, que ainda estava no senado. E assim por diante. Quer dizer, as nossas preocupações sempre era aperfeiçoar o sistema, mas que ele

funcionasse. E para funcionar era preciso, digamos, a parte de verbas. Então, a parte de verbas era uma preocupação permanente.

GVC: Participavam dessa reunião, alguns desses políticos?

EMK: Sim, nós sempre chamávamos o pessoal de Brasília.

GVC: E ela tinha algum partido ou alguma coisa do tipo? Ela defendia alguma posição?

EMK: Que eu saiba, não. Que eu saiba, não. Eu acho que não. Do meu conhecimento, não. Todos nós éramos considerados um pouco de esquerda naquela época, porque ser de esquerda queria dizer que queria liberdade.

Risos

GVC: Certo. Mas não defendia um ideal político ou partido político?

EMK: No máximo o chamavam é que ela era um pouco de esquerda, mas não aquela esquerda radical, mas pode ser chamada de apartidária.

GVC: Certo, um pouco contra a corrente da época, ne, política. A liderança da época.

EMK: É, nós tínhamos que lutar, ainda era o regime militar. Então, toda a universidade era, digamos, contra o regime militar. A gente tinha visto a aposentadoria de colegas, estava sempre na eminência de repressão. Todos nós éramos oposição.

GVC: E os encontros, o senhor também participava dos encontros da SBPC?

EMK: É, tinha a sede da SBPC. Eu me lembro que na época da Carolina era ali naquela rua que vai dar na Rebouças. Antiga estrada da boiada que vem desde lá da Cidade Universitária e vai terminar aqui na Rebouças. Era lá perto da Cidade Universitária. Mas a SBPC tinha várias sedes. Uma delas era ali e a gente fazia as reuniões ali.

GVC: E os encontros anuais?

EMK: Os encontros anuais, eu acho que uma das coisas que ficou marcada foi aquele que o governo proibiu a realização.

GVC: Da PUC?

EMK: E ai foi feito na PUC. Nessa época o presidente da SBPC era lá de Ribeirão Preto, o Maurício Rocha e Silva. Fez um belo de um discurso lá sobre o Galileu e o arcebispo aqui de como era o nome dele? A memória não está boa. Mas ele procurou dizendo que a igreja estava se redimindo com o que fez com o Galileu ao acolher a SBPC quando as forças militares e governamentais estavam todas querendo proibir. O Erasmo Dias!

GVC: Que invadiu depois de um ano ou dois.

EMK: De toda forma, foi uma reunião muito tensa. Foi lá na PUC. O Evaristo Arns era o arcebispo que nos acolheu ai. Evaristo Arns. Era danado! O Evaristo! Foi uma época boa porque você tinha que lutar por valores que hoje estão ai. Parece que são naturais. Mas naquela época não eram. Quer dizer, liberdade, universidade autônoma. Não era, não era.

GVC: Bom, não sei se vou tomar muito mais tempo do senhor, mas tem alguma coisa assim, que, quando pensa em Carolina, por senhor, não pode faltar?

EMK: Eu gosto do termo senso de dignidade. Eu sempre considerei que as lideranças daquela época tinham um senso de dignidade, da universidade, do país, que nos fazia tomar posições. Senso de dignidade. Tinham valores que você achava passíveis de serem, digamos esquecidos, ou passados por cima. Acreditava-se. E que hoje são valores que tão ai, como eu digo, certo? Parecem naturais, ninguém mais está pensando em liberdade. Naquela época, não. Então, eu acho que é isso que a gente lembra da Carolina e dos líderes daquela época. Pessoas que tinham sensibilidade e que achavam que há valores que são perenes, que a gente tem que brigar por eles. Então, brigava por eles.

GVC: Sim, e o contato que o senhor teve com ela foi sempre no cenário científico mais amplo possível. Por exemplo, o senhor saberia me dizer como ela levava a psicologia, estando nessas posições?

EMK: Não, eu acho que, como eu digo, são duas vertentes. Então, ela era a líder política, como eu era líder político cada um do seu setor. O Salas é da física, ela era da psicologia experimental, eu era da fisiologia, o Ab'saber da geografia e assim por diante. Quer dizer, digamos, a procedência profissional era a universidade, era o país, era o sistema de ciência, em geral. A gente sabia o que cada um fazia, etc. Nas conversas aparecia, mas não influenciava. A credencial não era aquela, por ser deste ou daquele setor. Era por ser um líder no sentido de valores maiores, que transcendiam a sua especialidade.

GVC: Como eu entrevistei muitas pessoas da psicologia, o que aparecia muito era a psicologia. Acho que essa visão da Carolina Bori como alguém maior do que psicologia apareceu pouco.

EMK: Pois essa é a parte que eu posso colaborar porque esse foi o lado que eu conheci dela, certo?

GVC: E era um pouco o que eu estava esperando mesmo. Essas reuniões, por exemplo, sobre verba, de decisão de Ministério ou Secretaria de Ciência e Tecnologia, acho que isso tudo mexe muito com a organização, inclusive, por exemplo, minha que estou entrando na vida universitária, começando a dar aulas.

EMK: Claro, Claro. A estrutura da ciência e tecnologia do país, sem a qual você não pode andar, quer dizer, senão fica tudo em casuísmo. Quer dizer, nós lutávamos desde então, e não conseguimos até agora, que reflete tudo isso, é transformar política de ciência e tecnologia e educação, em política de Estado, e não de governo. De Estado quer dizer que seja permanente, que seja reconhecido pelo governo, pelo congresso, pela sociedade. São valores e atividades que precisam ser mantidos porque são partes do Estado e ninguém pode duvidar da questão. Isso nós lutávamos sempre e ainda não conseguimos.

GVC: E como era isso na Estação Ciência? Como era essa divulgação, esse trabalho com ciência?

EMK: A Estação Ciência faz parte do sistema de difusão do conhecimento. Por um lado você luta pela estrutura da ciência, fazer pesquisa, obter verba. Por outro lado, você enquanto pesquisador tem a obrigação também de levar a ciência pro povo. Então, isso que a Estação Ciência fazia. Quer dizer, ela faz parte da difusão da ciência que é um componente importante também. Agora, você vê que a Carolina fazia ciência e preocupava com o sistema de ciência.

GVC: Ela levava até as pessoas e fazia as pessoas terem proveito dessas coisas todas.

EMK: É, é. E ela teve boas ideias lá e teve uma boa direção.

GVC: Sim. O senhor tem algum projeto para citar, que foi feito, alguma atuação? Não sei se projeto é um termo para isso, mas alguma atividade desenvolvida como exemplo?

EMK: Não, particularmente não. Nós estávamos, na época, em que depois acho que foi realizado, sob circulação, que o InCor ia participar, mas a Estação Ciência tinha os seus projetos mais permanentes e tinha projetos que eram montados de acordo lá com a natureza do que se iria expor, por mesa, e tal, desmontava. Então havia uma certa flexibilidade em montar coisas lá. Tinham os conselheiros que ajudavam a discutir o que se poderia montar, onde é que se poderia encontrar parceiros capazes de dar um *Know how*, dar financiamento também. Era isso que a gente fazia.

GVC: Certo! Bom, acho que isso. Agradeço muito. Acho que tem algumas falar que vão me ajudar bastante a traçar um perfil.

EMK: É muito interessante o seu trabalho!

GVC: O título é “A contribuição de Carolina Bori para a cultura científica”, certo? Eu acho que essa fala que o senhor ofereceu tem muito disso. Tem muito disso de fazer a coisa funcionar, de planejar como a ciência vai se organizar.

EMK: Você está no laboratório, faz as coisas, você sabe que aquilo que você tá fazendo depende de um conjunto maior de coisas. O conjunto maior de coisas se chama Sistema de Ciência e Tecnologia, que, se não funciona, lá dentro você não faz nada. Você precisa sair um pouco de lá. Alguns ficam lá e estão fazendo certo porque aquilo é que tem que fazer, tem que fazer a pesquisa andar. Mas outros precisam ter a vocação de sair de lá para poder assegurar que aquilo lá funciona.

GVC: Vai acontecer!

EMK: Que aquilo lá vai funcionar não por acaso. Vai funcionar se houver reconhecimento, houver vontade, houver conhecimento político da importância daquilo lá. Então é isso que a liderança faz, liderança científica faz. É lutar para que aquilo seja reconhecido.

GVC: Sim. Certo! Muito bom, muito obrigado.

APÊNDICE O – Jesuína Lopes de Almeida Pacca

Entrevista cedida a Gabriel Vieira Cândido no dia 25/02/2014. A professora Jesuína Pacca recebeu o pesquisador em sua sala, no Instituto de Física. Ela apresentou alguns materiais feitos com base nos princípios apresentados por Bori e alguns outros feitos a partir de críticas elaboradas à estes princípios.

“Apesar de a psicologia não estar incluída, este início [da pós-graduação em ensino de ciências] foi, assim, todo permeado pelas ideias que a gente tinha da psicologia, através do grupo da Carolina Bori”

Gabriel Vieira Cândido: Bom, eu acabei já dizendo um pouco sobre o trabalho mas eu estou atrás de informações, de coisas sobre a vida de Carolina Bori, de momentos da vida de Carolina Bori que me ajudem a pensar e construir a contribuição que deixou para ciência no Brasil. Não é só psicologia. Sou psicólogo, faço doutorado na USP em Psicologia, mas no nosso foco está na contribuição dela para além da psicologia. Esse ano, eu estava fazendo uns cálculos, deve ser quando eu termino o doutorado, defendo a tese e vai ser exatamente o ano que ela completa anos de falecimento. Eu li o texto que a senhora escreveu naquela revista da psicologia USP e de lá eu fiquei pensando em algumas perguntinhas. O que eu pensei foram em alguns temas que eu gostaria de entender e de conhecer um pouco mais, sobre aquele texto e que tem a ver principalmente com o surgimento da pós em Ensino de Física, um pouco da participação dela, a colaboração que ela deu, como era o contato dela aqui com os outros professores e alunos. No caso, a senhora era aluna?

Jesuina Lopes de Almeida Pacca: Aluna, eu estava fazendo mestrado.

GVC: Que era quando surgiu a pós?

JP: Deixa eu falar um pouco com você e depois o que faltar você vai em frente. Foi uma colaboração muito importante e não só essencial, mas eu acho que fundamental. Ela era uma pessoa muito respeitada na área de trabalho dela e nós estávamos aqui querendo começar uma pós-graduação. A pessoa que ficou mais interessado, eu diria, ou responsável ou que trabalhou muito para criar essa pós-graduação foi o professor Ernesto Hamburger¹⁶³. Ele procurou se associar com as unidades, os departamentos da USP que poderiam ser aglutinados para uma pós-graduação de caráter interdisciplinar, não é? Vamos dizer, a instituição mais óbvia era a faculdade de educação. E como a ideia era uma pós-graduação em ensino de ciências, se procurava então uma relação também com as outras ciências, entendidas como ciências, claro, as ciências exatas. Então, seria a física, a química, a biologia

¹⁶³ Ernst Wolfgang Hamburger (1933 -), físico, graduado pela USP em 1954, integrou e dirigiu o Instituto de Física da mesma instituição

e a matemática. E a faculdade de educação, com a parte pedagógica, também fundamental para uma área desse tipo, ne?

GVC: Então, a pós não era de ensino de física, era ensino de ciências?

JP: De ciências. Ela já nasceu com o nome “Ensino de Ciências (modalidades física, química e biologia). Então, você vê que nesse esquema, o que foi aprovado foi a interação com a química, a biologia e a faculdade de educação que, desde o início já estava sendo cogitada, certo? A psicologia, por exemplo, não entrou e também não entrou a matemática. Isto porque estas instituições não conseguiram, vamos dizer, convencer os seus pares ou a própria instituição de que seria importante uma pós-graduação interdisciplinas em ensino. O problema era ensino. Eu acho que o principal argumento, que não aparecia explicitamente, mas seria que ensino não é uma pesquisa, não é? Física, química, biologia, muito bem, já cada um já tinha sua pós-graduação, mas alguma coisa de ensino, não era. Então, a resposta que eles davam, sempre que eram procurados nesse sentido, era que nós deveríamos ir para faculdade de educação. Já existe uma instituição que faz ensino. Ensino de qualquer coisa. Então, deveríamos ir para lá. A psicologia também não aceitou entrar como uma unidade corresponsável, por motivos que eu também não posso te dizer, não sei. A matemática também não e principalmente motivados por essa ideia de que isto é para ser feito na faculdade de educação. Mas o professor Ernesto era muito teimoso e sabe essas características da pessoa que às vezes a gente acha que é ruim e às vezes a gente percebe que é bom? Então, ele insistiu, insistiu e acabou conseguindo montar essa pós-graduação. Apesar de a psicologia não estar incluída, este início foi, assim, todo permeado pelas ideias que a gente tinha da psicologia, através do grupo da Carolina Bori, Maria Inez Rocha e Silva e, eu não me lembro agora, tinha duas monitoras do curso.

GVC: Que ano foi isso?

JP: Em 73 começou nossa pós-graduação. Eu posso até depois tentar me lembrar ou procurar que eu acabo sabendo. Tinha duas monitoras que trabalhavam no laboratório, na psicologia experimental. E eu digo que as nossas primeiras incursões dentro de uma área fora da ciência. Eu vou chamar de ciência dura, embora eu não goste disso, certo? Eu até, assim, coloquialmente, eu costumo falar “física de verdade”, certo? Então, foi assim o nosso primeiro contato com o laboratório em que você ia tratar de elementos que estavam te dando informações de aprendizado, do aprender.

GVC: Isso foi uma coisa que eu fiquei, também, meio em dúvida. Porque o Instituto de Psicologia não aderiu à proposta da pós-graduação. Mas, ao mesmo tempo, a professora Carolina Bori e todo o grupo dela lá estava no departamento. Então, como foi esse contato, como isso aconteceu?

JP: Bom, o contato com a Carolina foi através do conhecimento, eu diria, do professor Ernesto. Ele a conhecia. A universidade sempre permitiu essas, vamos dizer, participações em outras unidades, em outros departamentos e coisas do tipo. E nós podíamos fazer isso, certo? Os estudantes de pós-graduação podiam ter uma disciplina interessante num outro departamento e querer cursar. Isso podia ser formalizado sem dificuldade.

GVC: Então, o que aconteceu foi a participação de alguns alunos nas disciplinas, foi isso?

JP: Na disciplina que era ofertada pela Carolina e a Mausi, que era o apelido dela, a Maria Ines Rocha e Silva. Aliás, até hoje, até agora de manhã eu falei “Puxa, como é que era o nome da Mausi?”. De repente me deu um branco e depois eu lembrei. Eu falei, “Não, vou ter que falar com o Gabriel, vou ter que falar o nome dela!”. Mas para nós era interessante porque nós trabalhávamos com os ratinhos, lá no laboratório. E nós fizemos umas coisas assim, que para nós era incrível Nos surpreendeu. Como é que em uma aulinha de laboratório de 40 minutos, o ratinho chegava lá, por mais difícil que fosse a tarefa. No nosso entender, difícilima, certo?

GVC: A senhora se lembra do nome da disciplina? Por que não era o ensino programado, PSI, não era isso.

JP: Não, era uma coisa assim como Psicologia Experimental, Laboratório de Psicologia Experimental, era alguma coisa assim. Pode até ser que eu consiga recuperar.

GVC: Análise Experimental do Comportamento?

JP: Olha, alguma coisa desse tipo. Eu posso até tentar recuperar isso para você.

GVC: Porque ela dava, na pós-graduação, algumas disciplinas e eu estava imaginando que era a de Ensino Programado ou PSI, que é o que era ligado a educação.

JP: O Keller, principalmente, certo? De onde veio o ensino programado.

GVC: E eu estava imaginando isso, mas não. Era o ratinho, era experimental.

JP: Experimental, era experimental. E então que eu te digo que a gente pode perceber como é que a gente poderia ter dados de natureza qualitativa, não é, num experimento em que você estava observando aprendizagem. A gente chegava a discutir a validade, tudo isso e questionar o fato de que um ser humano e o ratinho são muito diferentes. Então, eu estou vendo um certo tipo de comportamento que é resultado de uma possibilidade que o ratinho tem que o ser humano eu acho que tem mais do que isso, certo? Mas foi o momento que a gente tomou contato com esse tipo de conteúdo e nos tínhamos que fazer o experimento com relatos objetivos... com relatos objetivos da observação, daquilo que a gente tinha como observação. E acho que o nosso vício quantitativo, a gente ficava mais ou menos feliz quando a gente via que o número de vezes que a gente teve que acionar as gotinhas ou tal, com o que o ratinho ia fazendo, ne, quantos passos ele teve, isso dava uma tranquilidade. A gente achava ótimo e ao mesmo tempo, se admirava com aquilo que era um comportamento que o sujeitinho ali ia apresentando. Então, foi o nosso primeiro contato com uma coisa que a gente podia chamar de experimental, relacionado com o ensino e que nós podíamos medir. Então, para mim, era essa a minha surpresa agradável. Que eu podia, então, trabalhar com esse tipo de concepção.

GVC: É. Eu até anotei no texto, a senhora escreveu uma frase assim: “Que nesse contato, o grupo de alunos da física, que estavam lá, tiveram contato com uma metodologia que se adequava aos problemas que tinham no ensino de física”. Era mais ou menos disso que a senhora estava falando?

JP: Não se adequava completamente, eu diria, mas ela trazia elementos que a gente poderia associar com os outros. Pelos menos para mim eu acho que era a ideia de que era possível medir comportamento de uma maneira bastante sistemática, organizada e objetiva. Eu acho que a nossa

preocupação era assim muito grande com a objetividade e a coisa do quantitativo, a gente dominava bastante, mas o qualitativo era um fantasma. Sabe que eu vejo isso, essa dificuldade de conceber o ensino de uma disciplina, eu vejo isso acontecer hoje com os alunos da nossa pós-graduação. Então, eles tem esse mesmo tipo de enfrentamento. Quer dizer, o que que é isso? De estudo, de informações qualitativas, de análise qualitativa e tudo isso. Então, eu acho que isso foi muito importante para o estudo da área.

Para te dizer, nós tivemos um projeto que foi desenvolvido por um grupo. É uma coisa importante também, era um grupo liderado pelo Ernesto e nós escrevemos um projeto para o ensino de física. Não sei se você já ouviu falar, o PEF, Projeto de Ensino de Física.

GVC: Eu não conheço.

JP: Eu vou mostrar depois para você um exemplar, para você ver a ideia. Esse projeto, ele trazia ideias do ensino programado e, ao mesmo tempo, alguma coisa que eu considero que evoluía um pouco até na linha piagetiana. Uma das dissertações foi específica sobre Piaget. De um desses estudantes que fizeram o curso. Então você vê que tinha a conta já assim. Não teve nenhuma que foi em cima do ensino programado. Aliás, nós éramos muito críticos com relação ao ensino programado. Eu tinha trabalhado, 10 anos antes, teve aqui um projeto da UNESCO, que se chamou Projeto Piloto da UNESCO, que desenvolveu um projeto para o ensino de ótica todo com instrução programada. Aquilo me incomodou muito. Eu trabalhava no projeto, mas eu era novata, tinha acabado de me formar, ainda não tinha assim, essa preocupação de fazer uma pós-graduação porque na década de 60 a gente não tinha tanto essa necessidade de ser doutor ou qualquer coisa. A gente fazia uma carreira acadêmica. Eu já estava contratada aqui. Aliás, eu não estava ainda contratada no corpo da universidade mas eu tinha um contratado de uma bolsa da UNESCO para desenvolver esse projeto. Em seguida eu fui contratada aqui.

GVC: Isso nos anos 60?

JP: Esse ensino programado foi 63, 64. Isso aí, tinha diferentes professores da América Latina. Toda América Latina tinha algum representante nesse projeto que trabalhava. O coordenador aqui na USP, no Instituto de Física, foi o professor Claudio Dib, talvez você já tenha ouvido falar. Cláudio Zaki Dib¹⁶⁴. Ele foi o coordenador desse projeto aqui em São Paulo.

GVC: E esse material todo veio importando?

JP: Não, foi elaborado aqui. Elaborado aqui.

GVC: Certo, em parceria com universidades da América Latina.

JP: Todas da América Latina. E vieram alguns especialistas. Eu esqueci o nome dele, Gabriel. Eu vou ficar te devendo também. Como é que era? Eram discípulos do Keller.

GVC: Dos Estados Unidos?

JP: É, é.

¹⁶⁴ Claudio Zaki Dib é físico, doutor em Física pela Universidade de São Paulo, concluído em 1973. Atualmente, é professor do Instituto de Física da mesma Instituição.

GVC: O Sherman?

JP: Não, não era Sherman.

GVC: Porque ele esteve aqui. Em 62 ele esteve n Brasil.

JP: É. Um fascículo que era, assim, nossa bíblia era o Adeus, Meste! Mas não para o projeto piloto.

GVC: É, porque ele era dos anos 70, esse artigo.

JP: É. Mas era aqueles descendentes ali do Keller que estavam reforçando a instrução programada. Então, aquilo me incomodava muito. Eu não tinha nem, vamos dizer, *background* para discutir tudo isso. Eu estava saindo da física, eu sou formada em física. Então, tivemos essa participação nesse projeto que me incomodava. Então, fomos para o PEF. O PEF já entrou como uma proposta contra o ensino programado, quer dizer, aquela coisa de quadrinhos, a resposta lá atrás, preenche espaços em brancos e tudo isso, não satisfazia. A gente achava que não, tinha que dar mais oportunidade do sujeito pensar, ele investir numa resposta ou qualquer coisa e tal. Então, o PEF.

O PEF é interessante porque ele tem uma mistura. Eu não posso dizer que ele saiu completamente do ensino programado, mas certamente ele tem uma cara que vai muito mais na outra direção, do sujeito enfrentar um problema e tentar trabalhar. A gente trabalhou muito com experimentos, não é? Era muito fenomenológico. O sujeito fazendo o experimento e tentando dali tirar conclusões. E o PEF, através de perguntas, ele ia direcionando. E tinha espaços, espaços amplos para respostas no mesmo caderno.

GVC: Não era só uma resposta a era correta?

JP: Não era só uma resposta.

GVC: Ele poderia explorar mais.

JP: Então, no final ele tinha algumas repostas, assim, bem rápidas e tal, mas ele tinha espaço ali. Então, isso aí foi o PEF. Depois eu mostro para você o PEF.

GVC: Certo. E nesse contexto, nesse período, Carolina Bori nem existia no meio.

JP: Existia, existia, existia. Principalmente porque como a pós-graduação foi instalada, só física, ensino de física, a química apareceu foi no começo agora, 2000 e pouquinho, que a química entrou. Depois, fazem 5 anos entrou a biologia e só agora também, recentemente, acho que 2000 e qualquer coisa que nós conseguimos doutorado na área. Desde 73. Porque nós tivemos sempre que enfrentar resistência de dois ou três, eu diria, mas que são pessoas que estavam com as decisões, então, a gente não conseguia fazer isso, certo? Tanto que eu fui credenciada como orientadora na área, mas eu só podia orientar, na área, mestrado. Eu orientava doutorado na Faculdade de Educação, porque eles credenciaram alguns e a gente orientava doutorado em educação, com uma tese em ensino de física. Então, fizemos o PEF. Eu acho que PEF foi um ponto muito importante para gente instalar essa pós-graduação. Esses participantes, esses 10, eles já se definiram um pouco, se aproximando da Carolina ou não. Como eu disse, uma das dissertações foi para o Piaget. O professor Ernesto forçou muito essa interação com a Carolina, porque era uma pessoa que ele conhecia e que ele achava que

podia ajudar. Mas ele nunca te proibiu de ir atrás de outras pessoas. Aliás, ele sempre foi assim um orientador que os orientandos que se viravam, certo? Ele era quase um co-orientador. O meu orientador não era o Hamburger. Era o professor Moscate¹⁶⁵, que se interessou pela área. Aliás, sempre teve assim um espírito muito aberto, se interessou pela área e pegou duas dessas pessoas dos 10, para ele orientar. Então, o meu trabalho, especialmente, foi com a professora Carolina Bori, que a gente dizia “Ah, minha co-orientadora”, mas na verdade, eu entendo que ela foi mais orientadora do que a professor Moscate. E eu até tinha, assim, um papel difícil de desempenhar ali, porque o professor Moscate não era muito ligado às questões psicológicas ou pedagógica. Ele é um físico excepcional, tá aposentado, ele é um físico excepcional e ele tinha uma propriedade interessante que ele também era muito da fenomenologia, de mexer com as mãos, muito criativo, certo? Então, também, me deu muita liberdade e eu interagi sistematicamente com a professora Carolina Bori. Fiz a minha dissertação de mestrado e ela, inclusive, esteve na banca, certo? Então, isso um pouco Então, da institucionalização geral que eu estou falando, certo? Até a época da defesa da dissertação, nós tivemos enfrentando problemas. Nós depositamos 4. Daquela lista, depositamos as primeiras.

GVC: 4 dos 10.

JP: Dos 10, as primeiras dissertações. E o diretor, claro, por influência de todos os outros também, que eram contra, não deram encaminhamento para o depósito, nomear banca e etc. Ficamos brigando durante 6 meses até a gente conseguir que fosse aceita.

GVC: Isso porque achavam que não era pesquisa?

JP: Não é pesquisa, não é pesquisa. Inclusive, alguns recomendavam que a gente retirasse e apresentasse na faculdade de educação. Mas eu era muito teimosa e eu insisti. Os meus colegas, tinham 3 homens, mas eu tenho cá comigo que a teimosa aqui insistiu, insistiu e preferiu ficar esperando o que fosse, até ver o que acontecia. “Não, se vocês não quiserem a minha tese, vocês que vão ignorar e fazer alguma coisa, que eu não sei o que, mas eu não vou retirar, eu também vou fazer do meu lado”. Depois de 6 meses nós conseguimos, mas com uma condição. Nós tínhamos lá a indicação de nomes para banca e principalmente de professores de física, porque a gente não queria fazer nada escondido. “Olhem, os físicos que venham olhar”. Tinha lá 10, 12 nomes indicados. Inclusive, eles, quando entraram na questão, consultados por alguém da física, mais ligados à diretoria do Instituto de Física no geral, foram consultados e diziam que não aceitavam porque o Instituto de Física não aceitava. A coisa era essa, certo? Eles, inclusive, se recusavam a fazer um juízo de valor. Não queriam nem saber. Então, não aceitavam. No final, o professor Salinas¹⁶⁶, que tinha alguma ligação também com a Carolina ou se aproximou dela através de alguma situação, ele conversou com a Carolina e perguntou se ela gostaria de fazer parte da banca, no meu caso. A Carolina e também outros professores para cada uma das outras bancas. Então, o professor Salinas veio conversar comigo

¹⁶⁵ Giorgio Moscati, formado em física e engenharia, foi professor da USP desde 1958.

¹⁶⁶ Silvio Roberto de Azevedo Salinas (1942 -), físico, foi chefe do Departamento de Física Experimental e de Física Geral, ambos do Instituto de Física da USP.

e disse: “Bom, a gente vai por um da faculdade de educação”, inclusive, eles que iam escolher e a Carolina, se eu aceitava que a dissertação fosse encaminhada assim. Eu disse: “Ótimo, muito bom, vamos lá”. E foi assim que a dissertação saiu. Mas foi sempre uma luta. Agora, do ponto de vista mais acadêmico, científico, eu vou dizer, eu discuti todo tempo a minha dissertação com a Carolina, tentando fazer uma mistura entre o que a Carolina me dizia, o que o meu orientador me dizia, que eles falavam línguas bem diferentes e a minha cabeça de pesquisadora novata, certo? Mas eu tinha assim um bom conhecimento de ensino porque eu tinha dado aula durante 5 anos no ensino médio. Então, eu tinha uma boa percepção do que era ensinar, do que era perceber o aluno aprendendo. Eu fiquei aí no meio dos dois fazendo a dissertação.

Eu achei até que foi interessante. Eu me lembro que uma das coisas que me animou, no meio desse processo, dessa discussão de não aceitação e tudo, aqui dentro do instituto, eu levei a dissertação e pedi para o professor Goldemberg¹⁶⁷, que eu tinha uma relação, assim, pessoal. Ele até, em algum momento, quis que eu fosse trabalhar com ele, ele gostava do meu trabalho, eu tinha no livro de física que ele fez pro primeiro ano. Na parte experimental, eu que escrevi os roteiros. A gente tinha uma relação desse tipo. Então, eu mostrei para ele e ele, não sei se leu porque ele não gastava muito tempo. Ele ia mais ou menos rápido, aí ele disse assim: “Olha, eu não posso julgar a parte de ensino, mas eu posso dizer para você que você formulou uns problemas muito interessantes”. Os problemas que eu dei para os alunos para fazerem uma medida, Os problemas são muito interessantes. Eu me lembro muito claramente disso, que eu falei com ele: “Professor, não precisa falar mais nada”. Isso me animou, me reforçou a ideia de que eu devia ir para frente, não é? E essa coisa de que se você faz perguntas que são interessantes dentro de algum contexto, as respostas vão te dizer alguma coisa, você está querendo alguma coisa, certo? Isso aí, eu acho que eu trazia um pouco das ideias da Carolina. Aliás, essa era coisa da Carolina. Ela não te dava uma receitinha, ela não falava explicitamente: “Faça isso, faça aquilo”. Ela aproveitava as coisas que você colocava e questionava em cima daquilo. Ela nunca se manifestou sobre os problemas de física que eu tinha feito, certo? E ela, também, de física não dizia nada. Mas, de alguma forma, na parte que se referia a área dela, ela sempre foi muito perguntadora. E ouvia. Isso era uma coisa importante que eu agora reconheço fortemente. Quer dizer, você deve sim fazer perguntas que possam dar uma direção, mas ouvir. E isso eu acho que foi uma coisa importante, que ela fez comigo sem dizer que estava fazendo. Eu acho isso interessante. Eu tinha assim, cada vez que eu ia falar com a Carolina, eu ficava muito ansiosa, muito preocupada, nossa, mas dava um medo falar com a Carolina: “O que é que eu vou falar?”. Exatamente porque você não tinha uma pergunta dela ou uma receita dela para seguir. Agora eu vejo assim, eu tinha que ir lá mostrar o meu trabalho e mostrar alguma questão, alguma coisa que não me satisfazia e eu não entendia isso, mas eu ia lá. Eu dizia: “Bom, se eu não for, eu não vou sair daqui. Então, eu tenho que ir”. E eu me

¹⁶⁷ José Golbenberg (1928 -), físico, professora da Universidade de São Paulo, já assumiu cargos na secretaria de Ciência e Tecnologia (1990-1991), foi ministro da Educação (1991-1992) e secretário do Meio Ambiente (março a julho de 1992)

lembro que a minha entrada era muito difícil, era difícil mesmo. Ela me perturbava, ela me angustiava e tal.

GVC: Com as perguntas?

JP: Não, antes de chegar lá, eu estava angustiada. A minha entrada lá, certo? Para entrar. E quando eu saía, eu saía leve, aliviada e pensando que “Ah, eu vou fazer isso, eu vou fazer aquilo”. Eu nem podia dizer naquele momento, eu vejo agora, que ela me disse para fazer isso, mas eu comecei a pensar: “Puxa, que bom. Nossa, que engraçado! Pois é, então eu vou explorar isso, vou explorar aquilo” sem que tivesse saído de uma proposta ali, dela. Mas ela era questionadora. Muito questionadora, mas nesse sentido, de pegar aquilo que eu estava mostrando e “Por que você quer isso?”, né? Eu dava um porquê, certo? Então, mais adiante ela dizia: “Você acha que dessa maneira você vai chegar lá?”, né? Então, eram coisas desse tipo, que hoje eu consigo formular dessa maneira, certo? quer dizer. A sensação que tinha naquela época era essa. Quando eu tinha que ir lá era um sofrimento. E depois, quando saía, eu saía muito bem, não? Engraçado que agora. Às vezes me pego numa situação parecida, que eu faço Ioga e Ioga eu acho que me faz muito bem. Eu tenho uns problemas aí e eu acho que a Ioga me faz muito bem. E quando eu vou para Ioga, eu tenho que levantar cedo, eu falo: “Ai, meu deus, eu tenho que ir para Ioga e tal”. quando eu saio da Ioga eu falo: “Nossa, que bom que eu vim para Ioga”, entendeu? Porque dá aquele alívio. Eu estou fazendo um paralelo aí com a coisa, certo? Então, esse modo de trabalhar dela, eu acho que foi muito importante. Eu não sei o quanto que as pessoas perceberam, nesse momento que já faz tanto tempo, né, que isso era uma... uma metodologia importante para que o indivíduo se desenvolvesse com o protagonismo efetivo. É a questão do protagonismo, que a gente fala nas teorias construtivistas, que o indivíduo tem que ser protagonista do seu aprendizado, certo? Mas o que a gente aplica, quando é professor, a gente não está usando nada de protagonismo. A gente acha que porque ele está mexendo no experimento, eu tenho uma receitinha e ele está mexendo, ele é o protagonista. Não é um protagonista mental com ideias dele que vão lá, certo? Do sujeito criando, mexendo com os neurônios dele. Hoje eu acho que eu sou um pouco da Carolina, viu. Eu nunca tinha dito isso, nem pensado isso, mas tem essa parte que eu acho que era a Carolina.

GVC: Que ficou dela?

JP: Para mim, hoje, eu vejo um pouco isso. A minha relação com ela era uma relação que não era fácil. Ela era uma pessoa importante, uma pessoa que já estava sendo orientadora, coordenadora, estava em instituições diferentes, por exemplo a FAPESP, CNPq, SBPC. Na SBPC ela teve uma atuação incrível, ela era uma pessoa distante, nesse sentido. Eu tinha, sabe, aquele medo de você conversar com uma pessoa tão importante. Eu acho que isso era parte também dessa minha sensação, quando eu chegava lá. Mas eu aproveitei e vou dizer para você. Eu acho que a minha dissertação, eu acabei fazendo, eu não sei se ela estava dentro da expectativa da Carolina, eu acho que até tinha que ir mais a fundo, estava superficial nesse sentido. Mas, foi com isso que eu fiz.

GVC: Mas a proposta do trabalho que a senhora fez foi alguma coisa ligado ao que ela ensinava? Seguiu os moldes do PSI ou não?

JP: Não, eu não tinha isso como uma bibliografia explícita na minha dissertação. Eu não tinha. Mas aquele comportamento, entende? Aquelas situações. Então, por exemplo, eu peguei como tema, uma parte do PEF que não foi a parte na qual eu trabalhei. Eu trabalhei em eletromagnetismo e eu fui analisar o PEF de mecânica, que era uma parte do grupo. O grupo estava dividido em 3: mecânica, eletricidade e eletromagnetismo. Por isso que o Moscate ficou com a parte que estava com eletromagnetismo e o Ernesto ficou com eletricidade e mecânica. E eu tinha algumas críticas ao que foi feito no PEF, em geral, mas eu preferi analisar uma das parte em que eu não havia participado que foi mecânica. Então, eu peguei são os objetivos da mecânica, escolhi lá três objetivos e eu fui ver se com o que a física dizia sobre aqueles conteúdos, se o PEF tinha realmente feito o aluno aprender.

Então, o que eu fiz, eu peguei três dos objetivos que eram fascículos lá da mecânica e fiz um problema para cada um. Esses problemas que o Goldemberg disse que eram problemas muito interessantes. Fiz um problema para cada um, sendo que esse problema que eu redigi, ele exigia um conhecimento significativo daquele conteúdo que o PEF descrevia e tal. E eu queria saber, então, se os alunos, diante de um problema que exigia aquele conteúdo, como é que eles respondia e foi mal. As respostas não eram satisfatórias, eles não conseguiam resolver um problema real. Era um problema bem prático e eles não conseguiam. Então, eu pensei: “Bom, o PEF não chegou, lá”. Pelo menos não chegou à proposta do aluno ter aprendido uma coisa que fosse capaz dele levar para vida dele. Porque era um problema bem cotidiano. Foi isso que eu fiz.

GVC: E ela foi uma espécie de co-orientadora, certo? Não formal, mas ela estava ali dando palpites e ajudando a pensar.

JP: Isso, dando todo o apoio. Aliás, ela tinha uma coisa. Em qualquer momento que eu precisasse, eu me comunicava com ela, a gente marcava um horário e ela me atendia. Ela nunca me disse que não podia ou qualquer coisa.

GVC: E também foi banca?

JP: Ela foi banca, depois, nesse acordo que nós tivemos.

GVC: Isso. E a senhora disse que não usava as mesmas referências bibliográficas que ela usava.

JP: Não.

GVC: Como foi esse contato? Ela te fazia críticas, ela aceitava e continuava a pensar a partir da bibliografia que a senhora levava? Como foi?

JP: Nunca falamos de bibliografia. Nunca! Ela nunca me citou um texto que eu fosse consultar.

GVC: Nunca indicou uma leitura?

JP: Nunca! Nunca! E eu acho que isso foi uma coisa boa porque ela seguia a minha cabeça, entendeu? O que eu tinha feito, o que eu tinha pensado, estava no papel.

GVC: As perguntas que ela te fazia, bastava aquilo que a senhora já sabia?

JP: Que eu falava e que estava escrito.

GVC: A senhora que tinha que buscar as referências que quisesse, que achasse mais adequado para responder as perguntas?

JP: Ela nem me perguntava quais eram as referências. Como se eu fosse uma autora e ela tivesse discutindo comigo. Exatamente, era essa a coisa. Ela nunca me citou uma referência e foi sempre em cima. Nisso eu vejo uma situação interessante que na sala de aula eu acho que ela acontece ou seria bom ela acontecer: você ouvir o aluno, sem perguntar para ela qual é a tua referência, certo? É claro que se eu vou dar uma aula para um aluno de pós-graduação, que quer fazer mestrado e tal, não sei o que, em algum momento ele vai se referir, certo? Aliás, isso é uma coisa que depois a gente cobra. Quando você vem, você tem que referir de alguma maneira porque a sociedade científica está aí para cobrar as coisas, as novidades que você está falando. Pode parecer muito brilhante e tal, mas você precisa ter um certo apoio, certo? Mas a Carolina nunca me perguntou de referência. Ela trabalhou com a minha cabeça. Eu não sei se isso era consciente dela se era... eu sempre achei que a Carolina era muito espontânea, certo? E tinha uma coisa de intuição muito forte, também. Hoje, eu olhando para trás, eu me sinto que era tratada dessa maneira. Era o que eu tinha li naquele momento, eu levava aquilo: “Olha, veja se é razoável. O que que a senhora acha disso?”. E ela, então, fazia as questões. Eu me lembro que no mestrado, na defesa, ela me disse: “Por que que você seguiu essa...” alguma coisa, “...essa sequencia”, qualquer coisa. E então eu disse: “Bom, porque era uma proposta do PEF. O PEF propunha”. E aí tinha aquela coisa mais fortemente ligada com o ensino programado. E ela disse: “E se você não seguisse, aonde que você ia chegar?” E eu me lembro que eu não consegui. Do meu ponto de vista, eu não consegui dar uma resposta satisfatória. Eu falei alguma coisa, nem me lembro o que, e ela meio que deu uma complementada e qualquer coisa, e foi para outras questões. Mas isso ficou na minha cabeça porque depois eu falei: “Não, mas isso...”. Eu realmente não sabia dar essa resposta. Me lembro disso. É a coisa que eu mais me lembro da minha defesa.

GVC: Isso foi uma pergunta da defesa?

JP: Na defesa! Entendeu? Depois eu sai com uma raiva, eu falei: “Puxa vida, até na defesa ela vem me fazer essas questões? Onde você chegaria se não fosse aqui?” Por que eu argumentei o porque que eu não fiz, não é? Eu achei satisfatória aquela resposta. Mas aonde você chegaria se você não fizesse isso, ne, ou se fizesse o que você gostaria, ne? E eu dei uma enrolada.

Risos

JP: Aliás, naquele dia eu não era eu, assim, carne e osso e pensamento. Eu estava muito preocupada e ansiosa com a defesa, porque depois de brigar 6 meses e você ir, e a professora que veio da educação eu não conhecia, nunca tinha tido nenhum contato, eu nem imaginava. Eu já estava, eu estava muito ansiosa, muito preocupada. Eu me lembro que naquela noite anterior, até chegar lá, eu

tomei remédio para dormir porque eu não ia dormir. Eu já tinha passado, sei lá, 2 ou 3 noites sem dormir, eu falei: “Eu preciso dormir, eu não posso ir lá desse jeito. Eu vou ficar igual a um zumbi”.

Risos

JP: Tomei remédio para conseguir dormir e nem consegui muito, mas eu estava muito ansiosa, muito preocupada.

GVC: Mas é interessante a senhora contar isso. Parece muito o relato de alguns ex-orientandos dela. Eles colocam isso, que ela fazia perguntas, o texto as vezes vinha com algumas interrogaõezinhas no cantinho da página e sempre muitas perguntas.

JP: É, exatamente. Mas sempre em cima do texto que você escreveu e das coisas que você falava ali, presencial. Então, foi assim que foi. Por isso eu te digo que ela criou um formato de você pesquisar, discutir pesquisa e avançar no teu trabalho, certo? Eu acho que eu faço muito isso agora, entendeu? Mas eu só estou pensando que isso foi uma coisa que eu experimentei. Eu nunca tinha pensado nisso, euestoupensando agora por causa da entrevista. Foi uma coisa que eu experimentei com a Carolina, ne, porque quando você disse que queria conversar sobre a Carolina, eu fiquei pensando: “Bom, como é que eu me sentia com a Carolina e o que daquilo chegou, ne”? Não que tivesse chegado só de lá, mas, ne? Mas assim, de bom que eu vejo foi essa forma de você conduzir uma pesquisa.

GVC: Agora, uma questão que eu fiquei pensando agora mesmo. A senhora disse que naquele trabalho da UNESCO, em 63, 64, o nome dela já circulava ou não, não tinha nada a ver com ela?

JP: Não.

GVC: Não! Não tem nada a ver com ela, certo?

JP: Não, nada, nada. Era o Keller e eu esqueci o nome do outro sujeito que esse outro foi o que evoluiu para esse enquadramento da teoria. Como é que chama? Que nós estamos fala aqui? Veio aqui para o Projeto Piloto, em 64. Eu vou me lembrar do nome dele. Ele veio, fez uns seminários, ficou aqui uma semana com a gente.

GVC: Mas a senhora sabe se veio também para psicologia ou não?

JP: Não, não sei. Não sei. Não tenho ideia. O nome dele que eu devia saber, mas esse realmente me fugiu. Acho que porque eu não gostei.

Risos

JP: Limpei! Mas, porque ele reforçava essa coisa dos quadrinho, certo? Tanto que aqui, no próprio instituto, logo depois que o PEF começou a trabalhar para produzir o projeto, apareceu um outro grupo liderado por um outro professor e um conjunto de professores daqui que escreveram também “Física Auto-Instrutiva”. É o projeto FAI, certo? Mas é todo em quadrinhos, que é o projeto piloto.

GVC: Mas como é que o nome, a pessoa da Carolina Bori se torna uma pessoa conhecida aqui no Instituto? Por que a física e a psicologia são áreas distantes. Inclusive aqui, geograficamente.

JP: Verdade. Aqui, pelo menos para o meu grupo e para esse grupo que estava no PEF, que entrou na pós-graduação, foi o Ernesto. E a ligação era a SBPC porque o Ernesto tem essa coisa, ele ainda tem, e ele tinha, de olhar para outras áreas. E a SBPC tinha esse espaço. Aliás, eu tenho uma pena que a SBPC tenha tomado um outro rumo. Mas era o espaço onde você via tudo. Então, foi isso. O Ernesto é que fez essa ligação.

GVC: E a decisão da participação dela na banca, certo? Ela tinha que participar. Então, já tinha a ver com quais questões? A senhora sabe?

JP: Por que a Carolina?

GVC: É. Por que que ela deveria participar da banca?

JP: É. Foi o professor Salinas que teve a ideia e tal. Bom, primeiro porque ele tinha uma ligação forte com o Ernesto e com a Amélia Hamburger, esposa do Ernesto, já falecida. E tinha uma ligação muito forte com elas. Uma ligação através de questões políticas, certo? Partido comunista e coisas do tipo. E da época da repressão eles tiveram uma proximidade grande.

GVC: Com a Carolina?

JP: Com a Carolina e outras pessoas. E como a Carolina se envolveu também dentro dessa proposta de pós-graduação, através do Ernesto, eles ficaram conhecidos. O professor Salinas, eu acho que foi também. Esse foi o ponto.

GVC: Eu fiquei pensando muito nessa discussão sobre ensino de física não ser pesquisa, não ser parte da física, inclusive, e a decisão dela como alguém que talvez trouxesse isso.

JP: Ah, mas eu acho que a motivação era outra. Era não ter ninguém da física na banca. “Vocês vão defender, vocês chegaram aqui, institucionalmente, vocês preencheram todos os requisitos, vocês vão defender. Mas ninguém da física vai entrar”. Entendeu? Essa foi a motivação. Então, alguém da educação. Eles foram escolher quem eles quiseram e eu nem sei porque é que eles foram escolher aquela professora que veio na minha tese. Outro dia eu fiz um esforço até para lembrar do nome dela. Zilda Anselmo, que logo em seguida ela saiu, se aposentou, sei lá o que. Não tinha uma... uma tradição de pesquisadora, né, na pedagogia ou qualquer coisa. Pelo menos a gente não tinha ideia. E a Carolina porque o Salinas tinha uma relação pessoal muito boa com o Ernesto e também não queria. “Vai para educação, vai pegar qualquer um e...”, certo? Ela era co-orientadora e eu acho que o papel dela na minha dissertação foi muito maior que a do professor da física. Então, foi por isso. Mas o mais importante era não ter ninguém da física. O orientador, porque formalmente ele já estava lá.

GVC: E fora dessa pós-graduação, a senhora teve algum contato com ela? Por exemplo, a SBPC?

JP: Não, não tive. Não, não tive, não tive. Eu tive contato com ela, aliás, dentro da SBPC, depois de ter esse com a pós-graduação, certo? O meu marido também participou um pouco da SBPC,

foi da diretoria em algum momento, então eu conhecia bem, mas depois de... de... dela ter participado do meu trabalho de pesquisa.

GVC: Sim. O contato da senhora com ela foi a partir da década de 70, então?

JP: Bom, a nossa pós-graduação começou em 73 e foi aí. Foi dos primeiros cursos que nós fomos fazer foi esse. Aliás, durante o desenvolvimento do projeto, ela não participou de nada. De nada. O projeto foi muito mais Keller e Skinner do que Carolina Bori, certo?

GVC: Certo. Eu não sei se tem outras questões. Eu andei anotando algumas coisinhas, mas eu acho que todas as questões a gente já acabou conversando. Então, por exemplo, uma outra coisa que a senhora disse no texto, que ela na banca tinha dado o respaldo científico. Eu acho que isso tudo a gente já conversou um pouquinho, certo? Como ela foi descoberta, a questão metodológica, eu acho que tudo isso a gente já acabou discutindo. A senhora tem alguma outra passagem, ou algum caso que ilustre como a senhora vê a contribuição dela? É uma pergunta mais geral, não só para física ou para psicologia, mas se a senhora ouviu histórias dela em outros lugares, em outros contextos, tem alguma passagem assim?

JP: Olha, alguma coisa que eu tivesse presenciado, não tem. Aliás, tem uma coisa que talvez eu possa mencionar. O Ernesto Hamburger orientou um professor daqui com uma tese em ensino, mas dentro do instituto de física, e dentro dessa época em que o instituto estava brigando e era completamente avesso a instituição de uma área interdisciplinar. Nessa época. Mas o doutorado era de um tema que não tinha nenhuma relação com o projeto e que era ligado à instrução programada e tinha muito mais a ver com o projeto piloto da UNESCO, certo? E ela foi convidada para banca. Então, foi um episódio desagradável porque a tese orientada pelo Ernesto Hamburger tratava de ensino programado e dentro da linha Skinner. Era o projeto piloto que estava em discussão. E ela foi muito dura na banca. Foi muito dura. Ele não foi reprovado, mas ela fez críticas muito sérias e mostrou uma exigência bastante alta com relação à vertente que ele estava defendendo. Porque era ensino programado. Isso foi assim, meio surpreendente, meio chocante porque numa defesa em geral as pessoas vão só para alisar alguma coisa porque a tese já tá lá, certo? e foi um momento em que ela foi questionadora mesmo.

GVC: E ela fez críticas porque achou que não estava nos moldes que deveria estar?

JP: É, ela fazia críticas à própria metodologia, o próprio conteúdo, o que é a instrução programada, o que tem a ver com aprender, desenvolver conhecimento e tal. A própria validade dessa teoria do Skinner.

GVC: Ela fez críticas à própria fundamentação?

JP: À fundamentação, exatamente. Foi uma crítica teórica mesmo.

GVC: Quando foi? Em que ano mais ou menos?

JP: Deixa ver, foi por volta de 70, viu. Não sei precisar. Foi quando a gente começou. Eu já conhecia, foi em 70 e qualquer coisa aí, certo? 70 e pouco. Ela foi muito dura na crítica. Agora, isso

também eu acho que era a Carolina. Ela conversava sobre o que estava havendo no momento, o que ela sentia, aquela coisa do espontâneo, certo? Era a concepção dela.

GVC: Mas foi uma posição que ela nunca tinha tido com a senhora, por exemplo, em conversas, em outros contextos?

JP: Não, não. Com certeza não porque ela questionava, como eu te disse. Ela vinha com perguntas em cima daquilo e ela te obrigava a pensar. Mas eu estava numa situação diferente, porque eu não tinha uma base de fundamentação teórica para defender qualquer coisa, certo? Eu estava muito mais disponível para tentar ver o que que aquela pergunta dela me colocava. É aí que eu digo para você, eu ia receosa porque eu não vou saber responder aquelas perguntas. Exatamente, eu acho que porque eu não tinha uma base sólida de fundamentação. E quando eu saía, eu saía com alguma coisa esclarecida, ne, porque eu acho que talvez isso tivesse me ajudando a me organizar teoricamente, entendeu? Eu acho que é assim que eu vejo a coisa. Agora, numa defesa de doutorado, com a tese pronta, e você já está no instituto de física, que a coisa já é meio complicada e tal, então essa atitude dela foi meio, vamos dizer, complicada porque ela pegava em pontos que eram grandemente questionados no instituto, num momento em que aquilo estava pronto para sair, certo?

GVC: Certo. Tá joia. Obrigado.

JP: Era isso?

GVC: Era isso.

JP: Então eu fico te devendo o nome do psicólogo, que eu vou ver isso para você, não vai demorar muito não.

O gravador foi desligado e durante uma conversa, a entrevistada se lembrou de outro episódio e a conversa voltou a ser gravada, como segue a transcrição:

JP: Pois é, porque exatamente você falou do PSI eu me lembrei. Eu participei assim, com mais distância da coisa, mas a gente teve aqui um curso de física pro primeiro e segundo ano de física: Instrução Programada Individualizada.

GVC: Certo, que é o PSI

JP: O PSI. A gente teve e a gente teve alguma ligação com a Carolina, mas aí já foi pouco, foi menos. Nós tivemos aí.

GVC: Esse grupo de mais ou menos. De dez que foram fazer a disciplina, foram fazer experimental.

JP: É, experimental. Mas esse aqui é outro. Inclusive, quem estava muito interessado nisso, talvez você até possa, não sei se tá, se o nome dele tá na sua lista, Alberto Villani.

GVC: Sim, eu escrevi para ele.

JP: E você já entrevistou?

GVC: Não, não conseguimos marcar um horário.

JP: Ele pode te falar muito do Ensino Programado Individualizado. Eu acho que ele pode te falar muito porque ele era o que coordenou isso.

GVC: Sim. Eu escrevi para ele e ele indicou a senhora também.

JP: Ah, tá. Mas ele trabalhou nisso, desenvolveu alguns semestres, não é? E foi um curso interessante porque os alunos da física, eles podiam escolher fazer essa modalidade ou fazer o tradicional daqui. E teve um grupo que resolveu fazer isso. E era um grupo até significativamente grande, eu diria, que resolveu fazer isso. Por acaso, ou não por acaso, eu percebo que eram os melhores alunos, não é? Mas eles perceberam que eles tinham que dar um... era para eles um esforço muito maior de tempo, de estudo, porque eles iam lá, apresentava. E se não tivesse bom, eles tinham que voltar, né? Então, nós tivemos, eu acho, algum contato, uma colaboração mais efetiva com as duas professoras monitoras que eu falei para você que eu esqueci o nome delas, mas o Villani vai lembrar.

GVC: Maria Amélia Matos não era?

JP: Não, a Maria Amélia na época também era muito associada com a Carolina, mas ela não teve essa interação. Uma eu acho que era Maria do Carmo.

GVC: Maria do Carmo Guedes?

JP: Guedes. Maria do Carmo Guedes. E a outra, Benê

GVC: Benê?

JP: Benê, deve ser Benedita, ou qualquer coisa? Eu acho que era Benê que a gente chamava ela. Mas então, a Maria do Carmo Guedes. Ela foi também uma das que teve uma interação.

GVC: Mas eram elas que preparavam o material ou não?

JP: Quem preparava tudo era a gente aqui. Inclusive eu participei em alguns momentos de preparar esse material, certo? Mas então o Villani aí vai te contar detalhes do curso que foi onde ele participou porque na nossa pós-graduação ele não estava. Ele veio para cá já estava correndo a nossa pós-graduação. Ele é italiano, ele se formou lá e tal e veio para cá no final de 70, eu acho. Por aí. Mas então, ele vai te falar do ensino programado individualizado. Sem dúvida ele vai te falar. Foi a tarefa em que ele se integrou já depois da nossa pós-graduação tá andando, né, com esse... esse sistema de ensino, tudo isso. Tá bom? Mas ele vai te contar.

GVC: Tá Ok. Obrigado!

APÊNDICE P – Eunice Maria Fernandes Personini

A secretária executiva da SBPC cedeu uma entrevista ao pesquisador Gabriel Vieira Cândido, na sede da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência no 25/02/2014. No dia marcado, separou alguns documentos sobre Carolina Bori que fazem do acervo da sociedade.

“eu comento direto, toda hora que se fala das várias diretorias da SBPC, que não teve outra pessoa, eu acho, não me lembro desde que eu estou aqui, tão dedicada como ela para as questões da SBPC, mesmo”.

Gabriel Vieira Cândido: Uma das coisas que vem aparecendo muito é o papel dela, que vou chamar de formiguinha. De escrever carta a mão, de planejar todos os encontros que ela planejou, de fazer o programa a mão. Isso eu gostaria de conhecer também. Eu acho que você seria uma pessoa bem indicada para dizer sobre tudo isso. Eu me lembro de algumas coisas que a gente já conversou, e me lembro que isso era uma das coisas que a senhora tinha dito. Não estou interessado, necessariamente, no papel dela como alguém que pensava, que fazia pesquisa, mas como alguém que estava envolvida em questões mais políticas, mais até burocrática, me preencher papel, assinar coisas. Então, é um pouco isso que eu queria entender. O papel que ela teria tido fazendo essas outras funções que não aquela de representar, de fazer um discurso. É um pouco isso que eu estava pensando. E pensando nessa temática da contribuição dela para o desenvolvimento da ciência.

Eunice Personini: É, eu comento direto, toda hora que se fala das várias diretorias da SBPC, que não teve outra pessoa, eu acho, não me lembro desde que eu estou aqui, tão dedicada como ela para as questões da SBPC, mesmo. De política científica. Tinha a Eliana, que era secretária e eu e ela ia na SBPC, que é difícil. Os diretores todos tem funções nas suas universidades, mas a Carolina ia quase todos os dias. E ela chegava, tanto quanto secretária como depois como secretária geral, como depois como vice-presidente e como presidente, ela ia todos os dias, depois da função dela. Que ela chegava 5h30, 6 horas, que a gente até pensava: “Puxa”! Sempre a gente ia ficar até tarde. E ficava, ela escrevia mesmo, ela pegava cada correspondência, que não tem isso hoje em dia, não tem ninguém. Cada correspondência e pegava e escrevia a mão, com aquela letra linda, pequenininha, completamente legível, bonita. Era uma arte a letra dela. Tem algumas cartas e escrevia todas as cartas. E em cada uma ela deixava com a resposta com aquela que veio e a gente datilografava. Com um cuidado, com um esmero que não existe. E a todas as questões que se apresentavam, ela se envolvia com todas. Acabava que aquela época de 77, que a reunião foi proibida em São Paulo, é claro, o presidente era Oscar Sala, o secretário geral era o Luis Edmundo, mas quem trabalhou muito foi ela, em bastidores, eu acho até meio injusto. Então, se você pega, eu fui procurar coisas ai e é gozado porque outro dia a gente teve que escrever, mas a atual presidente tem assessores que

escrevem para ela. Não existia isso. Mas tem um telex dela mandado para ministros e para o presidente da república da época, com várias autoridades pedindo cuidado. Era contra o risco da fusão do Ministério da Ciência e Tecnologia com outros Ministérios porque perderia a força. E hoje, assim, quantos anos depois? Acho que 40 anos depois. Tantos anos depois, se mandou essa mesma carta. Tem várias questões dessa coisa da fusão do Ministério de Ciência e Tecnologia, defesa do CNPq, se e depois foi até gostoso porque eu lembro do cuidado com que ela escrevia e depois ia conversar com outras pessoas. Não tem, não tem alguém que fosse da diretoria, que era professor que tivesse o empenho pelo ideal mesmo, pela ciência, pelo progresso da ciência. Ela nem aparecia na época. E depois mesmo que ela saiu da diretoria, ela continuou fazendo falta porque a cada questão mais importante, tipo estatuto, ela não tinha a menor dúvida. Outro dia aconteceu uma coisa que a gente ficou “Não, mas estatuto tá ou não tá?” A primeira pessoa que eu ligava: “Doutora Carolina, assim, assim, assim”. Ela sabia exatamente a resposta. Ela sabia o estatuto da SBPC, que ela participou da feitura, de cor. E ela falava com a coerência. Quer dizer, você tinha consultado o advogado, ela sabia, entendeu? Ela sempre falava: “Precisa tomar cuidado, não pode mudar o estatuto porque o estatuto são princípios.” E fizeram várias mudanças. Toda hora eu lembro dela em várias coisas. Acho que ela era a principal fonte. De quando eu entrei na SBPC, para mim era a principal fonte. E assim, a mais confiável. Porque ela era sempre, a favor do correto, muito cuidadosa.

GVC: E depois que ela saiu da presidência da SBPC, ela continuou vindo até aqui, fazendo outras coisas fora da diretoria?

EP: Continuou porque depois que é presidente, você fica membro do conselho efetivo, certo? No caso, ela foi. Também recebeu o título de presidente de honra por tudo que ela fez. E o conselho é o órgão maior da SBPC, então, para tudo ele é consultado. E até alguns presidentes que eles não tinham tanta compatibilidade, tinham ideias diferente sobre algumas coisas, mas na hora de consultar por uma questão importante, era a Carolina. E mesmo nas reuniões do conselho, porque todos os presidentes participam de todas as reuniões do conselho. Tem uma reunião ordinária, que é a que deve decidir o rumo e, em todos os casos, resolver as questões. Ela sempre foi super sensata, mas também firme, muito respeitada. Ela falava devagar, mas todo mundo parava para ouvir, entendeu? Baixinho! Não lembro dela perder a calma, as vezes ela ficava vermelha.

Risos

Mas todo mundo ouvia. Então, tinha uma força, mas força mesmo, sei lá, da verdade, da correção.

GVC: Esses dias eu andei olhando umas coisas, meio de curiosidade mesmo. Eu sabia que tinha que trabalhar, mas, sabe quando você está cansado e não quer fazer o que tem que fazer? Eu fui entrando no jornal Estado de São Paulo e Folha de São Paulo e joguei o nome dela nos arquivos dos jornais para ver o que aparecia. Eu descobri tanta coisa interessante que ainda não tinha visto e a

senhora comentou enquanto discutia, que ela mandava telex. Tinha uma discussão lá, específica, tinha foto dela em uma mesa, em uma sala de aula, parece, e outros cientistas do país, discutindo com ela. E era uma notícia do tipo “Cientistas do país discutem os rumos do Ministério de Ciência e Tecnologia” e entrevistaram ela. Na entrevista tinha ela mandando recado para o Sarney, que era presidente na época, dizendo o que estavam planejando e uma espécie de resposta. Eu não sei se o jornalista foi fazer leva e trás, mas tinha alguma coisa do tipo resposta. Ela fazia coisas desse tipo? A senhora sabe de coisas, de histórias disso?

EP: Sim, das brigas importantes, sim! Com toda a calma dela, ela era extremamente corajosa.

GVC: É que a SBPC fez bastante isso, ne!

EP: E ela ficou na SBPC, acho que 18 anos, certo?

GVC: Desde o conselho? Ela entrou no conselho em 69?

EP: 69 até 89. 20 anos como função. Ela, na verdade, entrou de sócia em 54, ano em que eu nasci. Ela entrou de sócia em 54 e em 69 ela foi conselheira pela primeira vez. A partir de 69 ela passou de conselho para diretoria e foi até 89. E depois de 89 até 2004 ela continuou no conselho. Então, eu acho que não sei de outro membro da diretoria que tenha ficado tanto tempo ativo assim, certo? Compondo conselho e diretoria por tantos anos ininterruptos. Talvez o Enio Candoti esteja próximo disso. E trabalhando. Nesse período, a sede era na Pedroso de Moraes, nesse período ela era secretária, ela era acho que secretária ou secretária geral. Ela tinha uma Brasília. Ela saía da USP e ia. E a gente tinha um estacionamento, não sei se você já sabe dessa história. Era uma casa alugada que você entrava aqui na lateral. E ela tinha uma Brasília velha e ela entrou com a Brasília, desceu e foi lá, trabalhou, trabalhou, trabalhou. Quando ela saiu, tinham levado a Brasília dela. Nunca mais ela teve um carro. Ela vinha de ônibus. A última vez, eu lembro, que ela esteve na SBPC, aqui mesmo, na Maria Antônia, por uma questão assim, que estava com dúvida no estatuto, eu telefonei para casa dela e ela falou “Não, eu vou. Pode deixar, Nicinha, eu vou aí.” E veio de ônibus. Ela falava que vinha de taxi e a gente, no mínimo, reembolsa. E ela nunca apresentava nada. Ela veio, certamente, de ônibus.

GVC: Ela vinha da USP de ônibus?

EP: Não, ela já não estava na USP, ela já estava em casa. Foi bem pouco antes dela falecer. Eu queria dar carona depois. Eu tinha carro, eu queria levá-la. Ou a Wanda, que era outra funcionária. Algumas vezes eu falava, “Você leva a Carolina?” Porque ela não aceitava que a gente pagasse taxi. Ela vivia com dificuldade, certo? Só com salário de professor, assim, não sobrava. E ela falava: “Não, não, eu já estou de taxi, que vai me levar”. Ela era muito orgulhosa. E aí eu saí, um tempo depois e ela estava no ponto de ônibus esperando o ônibus para ir embora. E aí eu parei, insisti e ela entrou.

Risos

EP: Ela era doação, mesmo. Doação de tempo, doação de recursos, doação de todos os tipos de recurso. É inacreditável.

GVC: A senhora lembra de algum caso ou alguns casos dela discordando ou fazendo algum comentário sobre o que estava acontecendo na ciência no país e ela discordava? Algum caso, por exemplo, como esse mesmo do Ministério de Ciência e Tecnologia ou o próprio encontro de 77, que ia ser na USP.

EP: Então, eu até li porque o encontro de 77 ela foi uma das corajosas que peitou fazer. Tinha gente que achava que não devia fazer. E a Carolina peitou, que tínhamos que fazer a reunião. Tínhamos que enfrentar o governo, sim. Mas não aparece isso em nenhuma publicação. Eu estudava na PUC na época e eu lembro, mas não lembro assim, especificamente. Agora, eu até ia ver porque eu acho que a gente tem gravações. A nossa sede é na Maria Antônia, mas teve um problema que inundou. Então nós tivemos que fechar lá e mandar para cá. E agora, a gente voltou para lá, mas todas as coisas que tinham ido para o guarda-móveis vieram e não foram abertos. Mas, eu acho que tem gravação de algumas reuniões que ela participou que daria para você ver a força que ela tinha, entendeu? Ela era uma mulher muito forte.

GVC: Sim, sim. Eu ia gostar muito de fazer isso.

EP: Deu pena de não ter dado tempo porque semana passada foi enrolada por muitas reuniões. Mas eu acho que a gente devia pegar essas fitas porque eu acho que seria um material rico para você. É, porque por mais que as pessoas falem, é difícil.

GVC: Ver sempre é diferente.

EP: É. Então, ela brigou com várias pessoas, inclusive no conselho. Ela, às vezes, era a opinião discordante e ela insistia. E fora a capacidade de trabalho, porque todo grupo de trabalho eu tinha, da constituinte, quando teve a mudança, em 88, era ela quem redigia todas essas propostas porque ela era incansável. Era muito dedicada mesmo. E escrevia bem, era sensata, dedicada.

GVC: Tem algum pronunciamento clássico dela? Algum que ficou famoso? Alguma abertura de encontro, alguma fala que ela fez que ficou meio marcado, quer dizer, foi marcante.

EP: Ahh, eu não lembro assim!

GVC: Sim. É porque faz, né, alguns pronunciamentos, faz abertura de encontro, de repente, teve algum que deixou algumas marcas aí.

EP: Você tem o vídeo de 60 anos da SBPC? Tem algumas pessoas que fazem comentários sobre ela. É, mas eu não me recordo assim para te passar. Mas, certamente, tem muita coisa que foi marcante, e gozado porque depois, a coisa que passa, ela ficava muito tempo nos bastidores.

GVC: Eu nunca consegui ver nada que ela tenha feito na SBPC, dos encontros, por exemplo. Eu já peguei a revista Ciência e Cultura. Tinha a programação. As atuais eu acho que não, mas as mais antigas tinham. E eu já peguei folha por folha, procurando coisas dela. Eu achei alguns artigos e resumos de trabalhos apresentados, mas...

EP: É, porque na verdade, as reuniões anuais, por exemplo, que passaram de mil participantes para 5 mil e depois para 10 mil, quem bancava essa programação (porque hoje em dia tem um grupo enorme) era ela. Eu não lembro de outra pessoa. Porque a gente fazia tudo, não tinha nem computador,

tudo era bem manual. Para fazer o índice, a revisão, a gente ficava até três, quatro horas da madrugada e ela ficava junto. Não é que ficavam as secretárias e os secretários. Tinha um grupo de 12 pessoas. A Carolina ficava junto, ela pegava aquele programa e revisava todo. Naquela época, com os recursos que a gente não tinha, a reunião só era realizada porque tinha uma pessoa como ela, entendeu? Hoje eu não estou mais nesse setor, mas você fala “Mas ninguém vai revisar?”. Ninguém mais revisa. Se o cara manda e tem erro, sai assim. Ela revisava e ela organizava e ela ficava com a gente ditando o índice. Eu lembro que a gente estava tão cansado, e ela é toda séria, toda séria! Estava eu, a Eliana, todos os secretários, eu era novinha. E a gente ditava para por a página. Então, punha o nome do autor e ela falava o nome do autor e a gente punha a página. Cada hora revezava quem falava. E tinha um que ela falava assim: “Mario Quiotoco”.

Risos

Que ela estava tão cansada e a gente gargalhou, mas gargalhou de ter que parar. Quer dizer, a gente fazia o índice e ela fazia junto. As reuniões estouraram porque era o único espaço aberto naquele momento político da ditadura. Então, todo mundo queria participar da SBPC. Naquela época foi um salto gigantesco. Eu não consigo imaginar, porque todos os outros apareciam, davam entrevistas, mas quem punha a mão na massa enquanto ela estava, era ela. E foi a primeira mulher presidente.

GVC: Dois outros nomes que, na história da SBPC, acho que aparecem como presidente: o Rocha e Silva e o Pavan, certo? É fácil achar textos deles na *Ciência e Cultura*, por exemplo. Mas dela, não tem.

EP: Exatamente, você tem razão porque não tem mesmo.

GVC: Porque o papel dela era outro, certo? Não era esse de levar a teoria, o conhecimento dela.

EP: Não, é na época do Sala e do coiso, ela escrevia, mas não era ela quem assinava porque ela era a secretária geral, certo? Então, ela fazia, eu até separei, quando a SBPC não recebeu recursos e tal, e foi chamado em Brasília porque não poderia fazer a reunião no Ceará, não tinham tido dado verba, também, para universidade lá, ela que escreveu a carta. Esse texto foi escrito por ela¹⁶⁸. Eu queria achar ainda. Assinado pelo Sala, mas foi escrito por ela para todos os sócios, que mobilizou. Os artistas fizeram leilão dos quadros, das obras para angariar fundos, as pessoas cederam as casas.

GVC: Ela que fez essa carta?

EP: Foi ela quem fez. Quem assina é o presidente. Então, essa reunião aqui toda: “A diretoria lamenta comunicar aos sócios que, por falta de compreensão governamental e...” tudo isso, quem escrevia era a Carolina, nessa época. E nem aparece.

GVC: Como secretária?

¹⁶⁸ Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (1977). Realizada em São Paulo a XXIX Reunião Anual da SBPC prevista para Fortaleza. *Ciência e Cultura*, 29, 8, pp. 937 – 950.

EP: Como secretária, como membro da diretoria, certo? 77? Quer ver? Ela era secretária geral, que é, depois do presidente, realmente é a função mais... Então, quer dizer, eu queria tirar cópia disso aqui para você, mas depois, não tem o nome dela. Mas é interessante ver a história.

GVC: É, mas se está em nome da diretoria e é a função da secretária...

EP: É! Isso aqui saía no suplemento da Ciência e Cultura, os comentários da reunião anual. E outra coisa que tinha, no Jornal da Ciência, não sei se você tem muito tempo.

GVC: Tenho sim!

EP: Eu marquei aqui. Todos esses são manifestações dela, quer ver? Que o jornal passava. Na época dela tinha muito. “Contra as sanções...”, “Telex enviado ao ministro da fazenda e ao ministro do C&T, pela presidente da SBPC, Carolina Bori, em 01/12/87”. Era em defesa da política nacional de informática, essa. Esse aqui é dos cargos que eles estavam nomeando sem consulta à comunidade científica, CAPES, CNPq. Eu acho que foi quando veio o CD do CNPq, que agora a comunidade científica das diversas áreas, indica. A SBPC até que coordena a consulta e é até por mérito, por currículo, tal. Antigamente eram eles que punham. Também tem isso aqui, um Telex dela. Tem outro que eu já tinha visto, quando iam fundir o Ministério de Ciência e Tecnologia e ia perder poder e que até hoje tem esse risco. Toda hora. Foi ela também que escreveu: “Telex enviado ao presidente José Sarney, em outubro” Também foi ela, aqui está o nome dela, Carolina Bori.

GVC: Esse é o telex que foi enviado, por ela, para ele?

EP: É! Naquela época era telex. Você nem sabe o que é isso, ne?

Risos

GVC: É o telegrama ou é outra coisa?

EP: Não, era uma maquininha, tinha uma máquina de telex, que antigamente você tinha que passar o telex.

GVC: Algo parecido com fax?

EP: Não, era digitado. Fazia um barulhinho de rádio, sabe? Você passava o telex, tinha uma máquina enorme de telex. Eu e a Eliana, a outra secretária, fizemos curso de telex.

Risos

EP: Você digitava e o cara recebia lá, depois de um tempo. É o mesmo que a gente levava no correio e tal. A primeira inovação que eu peguei foi o telex. Mas ta vendo, isso era escrito por ela, sozinha. Não é igual hoje, que tem uma assessora lá e uma jornalista em Brasília que acompanham as questões e que já escrevem, mandam para presidente aqui. Não tinha isso! Quem escrevia era ela.

GVC: “Carolina Bori, presidente e Alberto Carvalho da Silva, coordenador da Comissão das Sociedades Científicas”.

EP: Também foi outra coisa que cresceu com ela. Juntar sociedades científicas, sabe. Foi na época dela também, que essa Comissão de Sociedades Científicas, que dava mais força, não? A sociedade das áreas.

GVC: Sim, e essa comissão era uma comissão da SBPC?

EP: Por exemplo, tinha a sociedade de física, de genética, não sei o que. A SBPC propôs fazer uma reunião com todos e eles escolhiam meia dúzia, sei lá, porque são várias, para compor a comissão e trabalhar junto com a SBPC. Então, como tem questões que afetam mais a um ou a outro, então ela tinha esse cuidado. Ela não agia sozinha, ela tinha essa ética, não sei como chamar. Então, ela trabalhava junto. Impressionante!

GVC: E essa comissão ainda existe hoje?

EP: Não! Não tem mais hoje. Tem as sociedades científicas e a SBPC consulta todas.

GVC: Mas uma comissão de todas elas juntas, que representam a opinião de todas elas...

EP: Não tem.

GVC: Certo! Como uma pessoa política, tem sempre aqueles que concordam e aqueles que não concordam. Tinha muita gente que não concordava com as posições dela? Que eram contra as coisas que ela fazia, que era contrário às opiniões dela?

EP: Ah, tinha. Em várias coisas, teve várias situações, mesmo em reuniões do conselho, vários embates com ela, que ela insistia nas questões.

GVC: E outros que insistiam em outras questões?

EP: É. Mas eu não lembro, não sei dizer qual era a questão, entendeu?

GVC: Mas era uma coisa comum?

EP: Quem falava muito dela também, admirava demais era o Aziz Ab'saber. Você não chegou a falar com ele, ne? Porque ele morreu recentemente.

GVC: Não. Eu estava trocando emails com ele.

EP: Que inclusive eles foram colegas no Caetano de Campos. Ele sempre comentava isso, que ela era uma das mais bonitas, que todos os rapazes. O filho dela ficou até bravo que ele falou isso.

Risos

EP: Você estava em contato mas não chegou a falar?

GVC: Não, não. Eu acho que era uma secretária dele que estava conversando comigo. Não era exatamente ele.

EP: Devia ser do IEA

GVC: Era uma pessoa, uma outra pessoa.

EP: Olha, porque ele falava muito dela, viu. Ele tinha várias passagens que ele falava dela.

GVC: É uma pena. Eu levei até um susto, porque eu estava, indiretamente, falando com ele e então, eu vejo na televisão a notícia. Foi até uma coisa meio ruim. Mas esse papel que ela teve, a

atuação dela na SBPC, as discussões que ela teve de política científica, é pouco discutido. Então, eu acho que ter essas cartas, esses telex, é muito importante. Mostra bem a atuação dela.

EP: É, de política científica foi fantástico. Hoje, acho que ela teve um papel fundamental nas coisas que hoje, por exemplo, quando a gente indica nomes para alguns conselhos, eu sei que ela batalhou para ser forma democrática. A colocação de nomes no CNPq e em vários outros. Porque na época eles eram novos, tinham sido criados há pouco.

GVC: Certo, estava ainda em processo de formação.

EP: E aí a SBPC participa de tudo. Hoje, a comunidade científica indica nomes e toma conta, tem conhecimento do que se faz, né, graças a ela, a essa atuação cuidadosa e trabalhosa, também.

GVC: Certo! Então, o que estava querendo saber era mais ou menos isso mesmo que você acabou dizendo. Você acha que tem mais alguma coisa que você acha que é importante ser dito sobre ela que quando se fala em Carolina Bori não pode faltar? Essa pode ser uma última pergunta, certo? Uma última questão, na verdade. Nem é uma pergunta. Quando se pensa em Carolina Bori, o que não pode faltar?

EP: É, eu acho que o me vem é tudo isso que eu falei. Ética, dedicação, coragem, muita coragem. Não sei, acho que seria isso. Eu acho que isso é inquestionável. Até quem não concordava com ela, admirava, entendeu? Tinha respeito. Ela causava um certo receio quando ela entrava.

Risos

EP: Eu acho que é isso, se você quiser eu acho que a gente até tem algumas cartas manuscritas. Teria que pegar nesse material que está empacotado. E fita, com certeza tem. Inclusive, ela foi homenageada na reunião Cuiabá.

GVC: De 2005, se não me engano?

EP: Não, ela morreu em 2004.

GVC: Foi antes da morte dela?

EP: É, na reunião que foi em Brasília, antes. Eu acho que foi a última que foi que lá ela caiu. Ela foi subir ou foi descer, acho, do palco.

GVC: Depois da homenagem?

EP: Depois da homenagem, ela ficou muito emocionada e ela teve uma queda. E foi uns dois anos da morte. E ela não foi a mesma depois. Ela ficou um tempo acamada e eu acho que uma questão pulmonar. Até aí ela estava absolutamente ativa. Como eu te disse, ela vinha de ônibus sempre que precisasse, a qualquer hora. Não tinha preguiça nenhuma, e essa homenagem, a gente tem. Tem o discurso dela nessa homenagem. Tanto o que falaram dela como o que ela falou, o discurso dela. Certamente a gente tem porque é mais recente, a gente fazia a gravação em cd. Eu queria marcar porque eu queria que você falasse com o Aldo. Porque eu tenho mais essa parte humana, certo?

GVC: Mas isso é importante. Esse trabalho do dia-a-dia. Isso tudo é importante. E talvez ele não conseguisse dar muitos detalhes.

EP: É. E nós estávamos os três até quando ela teve um AVC. Foi depois dessa homenagem também. A gente estava num jantar lá na reunião anual, conversando, rindo na mesa e ela começou a falar com dificuldade e eu fui com ele leva-la no hospital, ela começou a falar, não saía o que ela falava. Ela teve um AVC. Essa eu acho que foi uma reunião marcante.

GVC: 2 anos antes dela morrer?

EP: Eu acho que foi em 2003, 2 ou 3. Mas seria interessante, na sua próxima vinda, se você falasse com o Aldo. Porque ele tem umas passagens em que ele tomou bronca. Fora que ele fala sempre que, ela já velhinha e a gente queria ir para balada depois do trabalho da reunião anual e a Carolina estava lá. Ia junto.

Risos.

EP: Ele sempre comenta isso. Ela era bem animada também, sabe. Adorava comer fora, bebia um vinhozinho. Era bem legal.

GVC: Legal! Muito obrigado.

APÊNDICE Q: Glossário

A

Anísio Spínola Teixeira (1890 – 1971), formado em Direito em 1922, no Rio de Janeiro, tornou-se secretário da Educação do Rio de Janeiro em 1931. É um importante nome na história da educação brasileira, representante do movimento da *Escola Nova*. Reformou o sistema educacional da Bahia e do Rio de Janeiro

Antonio Cândido de Mello e Souza (1918 -), estudioso da literatura brasileira e estrangeira, professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Publicou mais de vinte livros, entre os quais: *O método crítico de Sílvio Romero*, 1945; *Formação da Literatura Brasileira. Momentos decisivos*, 2 v., 1959; *Os parceiros do Rio Bonito. Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*, 1964; *Vários escritos*, 1970; *A educação pela noite*, 1987; *O discurso e a cidade*, 1993; *O albatroz e o chinês*, 2004.

Antônio Erasmo Dias (1924 – 2010) foi um militar, secretário da Segurança Pública durante o governo Geisel. Era identificado como um militar da chamada linha-dura. comandou a invasão ao Campus Monte Alegre, da PUC-SP, proibindo o Encontro Nacional dos Estudantes, 1977.

Arno Engelmann (1931 -), cursou Filosofia na USP, em 1955 e, em 1960, após formado, se tornou assistente no curso de Psicologia e começou a trabalhar com experimentação. Atualmente está aposentado, mas continua atuando na área acadêmica

Arrigo Leonardo Angelini (1924 -), professor catedrático de Psicologia Educacional da USP a partir de 1956 com a tese intitulada *Um novo método para avaliar a motivação humana: estudo do motivo de realização*.

Aziz Nacib Ab'Saber (1924 – 2012), foi um dos mais importantes geógrafo brasileiro. Foi professor emérito da Universidade de São Paulo e membro da Academia Brasileira de Ciências. Recebeu diversos prêmios como o Prêmio Internacional de Ecologia de 1998 e o Prêmio UNESCO para Ciência e Meio Ambiente de 2001. Com mais de 300 trabalhos acadêmicos desenvolvidos nas linhas de estudos sobre os aspectos naturais do Brasil.

B

Bento Parado de Almeida Ferraz Júnior (1937 – 2007), filósofo, foi professor titular da Universidade Federal de São Carlos e escreveu sobre história da filosofia, filosofia da psicanálise, filosofia da

linguagem, crítica literária e poesia. É considerado por muitos como um dos maiores filósofos brasileiros.

Bertram Hutchinson, sociólogo britânico, dirigiu um estudo sobre mobilidade social e trabalho na cidade de São Paulo junto ao Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE) e financiado pela Unesco e pelo Ministério da Educação do Brasil.

Bluma Wulfovna Zeigarnik (1901 – 1988) estudou com Kurt Lewin, e, em 1927, realizou uma pesquisa sobre motivação humana conforme proposta de Lewin, que afirmava existir um equilíbrio entre um indivíduo e o ambiente. Qualquer perturbação desse equilíbrio provocaria uma tensão e os indivíduos se esforçariam para aliviar esta tensão. Zeigarnik, então, expos os participantes a uma série de tarefas e algumas eram interrompidas antes de serem finalizadas. Seus dados confirmaram as hipóteses de Lewin e este efeito ficou conhecido como Efeito Zeigarnik.

Burrhus Frederic Skinner (1904 – 1990), psicólogo norte americano, fundador do Behaviorismo Radical e da Análise Experimental do Comportamento

C

César Ades (1943 – 2012), psicólogo, professor do Instituto de Psicologia da USP, foi diretor do Instituto de Estudos Avançados da USP, fundador e vice-presidente da Sociedade Brasileira de Etologia. Trabalhou na área de etologia, comportamento animal e cognição animal.

Charles Bohris Ferster (1922–1981), um dos principais psicólogos norte americanos que estendeu os conceitos comportamentais propostos por B. F. Skinner à psicoterapia.

Claudio Zaki Dib é físico, doutor em Física pela Universidade de São Paulo, concluído em 1973. Atualmente, é professor do Instituto de Física da mesma Instituição.

Crodowaldo Pavan (1919 – 2009), biólogo e geneticista, foi presidente da SBPC de 1986 a 1990. Tornou-se professor assistente da USP em 1942, fundou um laboratório de genética celular. Em 1975, após sua aposentadoria, dirigiu o Instituto de Biologia da Universidade Estadual de Campinas. Seu trabalho investigava a genética, taxonomia e ecologia de moscas (*Drosophila* e *Rhynchosciara americana*, por exemplo).

D

Darcy Ribeiro (1922 – 1997), mineiro, antropólogo, político brasileiro, desenvolveu trabalhos nas áreas de educação, sociologia e antropologia. Foi o idealizador da Universidade Estadual do Norte Fluminense e, ao lado de Anísio Teixeira, foi um dos criadores da Universidade de Brasília.

Dante Moreira Leite (1927 – 1976), intelectual e filósofo formado pela USP, foi professor do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, traduziu diversos livros sobre Psicologia, contribuiu grandemente para Psicologia Social no Brasil. Entre suas principais publicações estão: *Psicologia e literatura* (1965) e *O caráter nacional brasileiro* (1969).

Dora Selma Fix Ventura, graduou-se em Psicologia em 1961 na USP e fez mestrado e doutorado em Psicologia Experimental na Universidade de Columbia (EUA). Atualmente é professora titular aposentada do Departamento de Psicologia Experimental da IPUSP. Fundou o Laboratório de Psicofisiologia Sensorial da USP em 1968 para estudar mecanismos neurais da visão utilizando métodos comportamentais e eletrofisiológicos.

Durval Bellegarde Marcondes (1899 – 1981), considerado um dos fundadores do movimento psicanalítico brasileiro. Criou um curso de especialização em Psicologia clínica no ano de 1954. Em 1927, fundou com Franco da Rocha, a Sociedade Brasileira de Psicanálise e escreveu ao próprio Freud para contar o fato.

E

Eda Terezinha de Oliveira Tassara, professora do Instituto de Psicologia da USP, defendeu a tese *Análise de um programa de intervenção sobre o Sistema Educacional - da promessa à possibilidade*, sob orientação de Carolina Bori, em 1982.

Edmund Fantino trabalha com Psicologia Experimental, foi presidente da *Association for Behavior Analysis International* e foi editor do *Journal of Experimental Behavior Analysis*. Pesquisa temas como análise quantitativa do comportamento, aprendizagem e motivação, autocontrole e comportamento de escolha.

Elenice Aparecida de Moraes Ferrari é professora do Instituto de Biologia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Atua nas linhas de pesquisa a) das bases neurais do comportamento, aprendizagem, memória e plasticidade neural e (b) da organização temporal circadiana desses processos.

Elizabeth Tunes é psicóloga, pesquisadora associada da Universidade de Brasília e professora do Centro Universitário de Brasília. Sob orientação de Carolina Bori, concluiu sua tese de doutorado em 1981, com o título *Identificação da Natureza e Origem das Dificuldades de Alunos de Pós-Graduação para Formularem Problema de Pesquisa, Através de Seus Relatos Verbais*.

Ernst Wolfgang Hamburger (1933 -), físico, graduado pela USP em 1954, integrou e dirigiu o Instituto de Física da mesma instituição

Eurípedes Simões de Paula (1910 - 1977), advogado e historiador. Assumiu a Cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval na USP em 1936. Defendeu sua tese de ciências em 1942, com o título *O comércio varegue e o Grão-Principado de Kiev*. Foi Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP e Vice-Reitor da instituição. Também participou da criação do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, de grande importância na reforma universitária da USP.

F

Fernando de Azevedo (1894 – 1974), sociólogo, catedrático do Departamento de Sociologia e Antropologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo redator e crítico literário de jornal O Estado de São Paulo.

Florestan Fernandes (1920 – 1995), sociólogo e político brasileiro, foi professor da Universidade de São Paulo (USP) na década de 40, foi afastado pelo regime militar em 1969. É considerado o fundador da sociologia crítica no Brasil.

Fred S. Keller (1889 – 1996), um dos precursores da Psicologia Comportamental. Publicou importantes livros, entre eles *Princípios de Psicologia: um texto sistemático na ciência do comportamento* (1950), junto com Schoenfeld e *PSI, the Keller Plan Handbook: Essays on a personalized system of instruction* (1964), em parceria com Sherman.

Frederic Charles Bartlett (1886 – 1969), psicólogo britânico, professor de Psicologia experimental na Universidade de Cambridge, foi um dos precursores da Psicologia Cognitiva. Fez estudos envolvendo processos cognitivos e sociais do lembrar.

G

Gilmour Sherman (1931 – 2006) ex-aluno de Keller nos Estados Unidos, deu continuidade aos trabalhos de Keller na USP, em 1962 e publicou trabalhos sobre o PSI.

Giorgio Moscati, formado em física e engenharia, foi professor da USP desde 1958.

H

Heitor Gurgulino de Souza (1928 –) é acadêmico, fez trabalhos relacionados à física nuclear. Exerceu várias funções de gestão em Ciência e Tecnologia e em Educação, além de assumir cargos internacionais em sociedades, comitês e organizações voltados para a educação. Ajudou a estabelecer a Universidade Federal de São Carlos, em 1970, e foi seu primeiro reitor.

Hélio José Guilhardi, psicólogo clínico, cunhou o termo *Terapia por Contingência de Reforçamento* para se referir à aplicação dos princípios skinnerianos em *setting* clínico. Publicou diversos textos sobre este tema.

Herma Bauermeister, psicóloga, escreveu o livro *Exercícios de Laboratório em Psicologia*, primeiro manual brasileiro com exercícios de análise experimental do comportamento, em parceria com Mario Guidi.

J

Jack Michael é professor e autor de vários artigos e livros na área de Psicologia Experimental e Análise do Comportamento. Cunhou os termos Operações Motivadoras, Operações Estabelecedoras e Operações Abolidora, utilizados no estudo da motivação na Análise do Comportamento.

James Russell Nazzaro e Jean Nelson Nazzaro, casal norte americano que foram alunos de Keller e convidados a fazer do corpo docente do curso de Psicologia da Unviersidade de Brasília.

Jean Maüguê (1904 – 1991), filósofo francês, chegou ao Brasil no início de 1935 como membro da missão francesa para organização dos cursos das áreas das humanas da recém criada Universidade de São Paulo

João Claudio Todorov (1941 -), formado em Psicologia no ano de 1963, foi Professor Emérito da Universidade de Brasília e reitor desta mesma universidade de 1993 a 1997. Com Rodolpho Azzi, traduziu o livro *Ciência e Comportamento Humano*, de B. F. Skinner e publicou importantes artigos como *Behaviorismo e análise experimental do comportamento* (1982), *A psicologia como estudo de interações* (1989) e *O conceito de contingências na psicologia experimental* (1991)

João Cruz Costa (1904 – 1978), filósofo, catedrático da Universidade de São Paulo, seguidor do positivismo de Auguste Comte. Foi afastado da universidade pelo governo militar em 1966. Recebeu o título de doutor *honoris-causa* da Universidade de Rennes (França). Ao lado de Lívio Teixeira, foi o

principal responsável pela criação do Departamento de Filosofia da FFCL da Universidade de São Paulo.

João Dias da Silveira, (1913-1973) responsável pela cadeira de Geografia Física a partir de 1939.

Joel Martins (1920 – 1993), mestre e doutor em Psicologia Educacional, foi diretor da Divisão de Pesquisas Educacionais no Centro Regional de Pesquisas Educacionais – CRPE, no estado de São Paulo e atual em grande parte da sua vida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

José Albertino Rodrigues, cientista social, trabalhava com os temas Movimento Sindical e Condições de vida da massa trabalhadora, faleceu em 1992.

José Golbenberg (1928 -), físico, professora da Universidade de São Paulo, já assumiu cargos na secretaria de Ciência e Tecnologia (1990-1991), foi ministro da Educação (1991-1992) e secretário do Meio Ambiente (março a julho de 1992)

K

Karen Machover (1902 – 1996), psicóloga estadunidense, foi uma grande conhecedora de métodos projetivos e desenvolveu um método de análise da personalidade conhecido como Teste da Figura Humana. Foi um dos primeiros psicólogos a trabalhar com psicoterapia de grupos com homens e mulheres. Também estendeu a terapia de grupos à crianças, casais e família.

Kurt Lewin (1892 – 1947), psicólogo alemão, mudou-se para os Estados Unidos em 1933 por defender uma teoria incompatível com o nazismo. Sua Teoria do Campo Psicológico defende que todo comportamento depende de característica pessoais e à situação social (tensão) na qual ela se encontra.

L

Livia Mathias Simão, professora do Instituto de Psicologia da USP, onde Coordena o Laboratório de Interação Verbal e Construção de Conhecimento do Departamento de Psicologia Experimental. Sob orientação de Carolina Bori, defendeu a tese Interação Verbal e Construção de Conhecimento, em 1988.

Luiz Marcellino de Oliveira (1939 – 2008) foi aluno das experiências pioneiras no Brasil no emprego da Análise Experimental do Comportamento, instalou o laboratório de Psicologia Experimental no Departamento de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto e, posteriormente, implantou uma linha de pesquisa sobre Nutrição e Comportamento junto ao programa de pós-graduação em Psicobiologia da USP-Ribeirão Preto.

Luiz Otávio Seixas de Queiroz (1938-2003), um dos pioneiros da análise do comportamento no Brasil, instalou o Laboratório de Análise Experimental do Comportamento na Pontifícia Universidade Católica de Campinas. No Brasil, estendeu os conceitos básicos testados em laboratório para o *setting* clínico e ao hospital psiquiátrico.

M

Madre Cristina Sodré Dória (1916 – 1997), filósofa e pedagoga, foi a fundadora do Instituto Sedes Sapientiae. Estudou Freud sozinha e mais tarde foi para o exterior complementar os estudos em psicologia (1955). Publicou vários artigos e livros, entre outros: "Psicopatologia", Fac.Sedes Sapientiae, SP, 1958, "Psicologia científica geral: um estudo analítico do adulto normal", Agir, RJ, 1960, "Psicologia educacional", RS, 1961, "Educando nossos filhos", Fac.Sedes Sapientiae, SP, 1968, "Psicologia do ajustamento neurótico", Vozes, Petrópolis, 1975.

Maria Amélia Matos (1931 – 2005), uma das pioneiras da Psicologia no Brasil, ingressou no primeiro curso de Psicologia da USP, em 1958. Foi aluna de importantes pesquisadores da Análise do Comportamento, como Keller e Schoenfeld e se tornou grande representante da Análise Experimental do Comportamento/Psicologia Experimental do Brasil.

Maria da Penha Pompeu de Toledo (1914 – 1971), conhecida como Talita, psicanalista, trabalhava com crianças. Foi assistente da cadeira dirigida por Noemy da Silveira Rudolfer na USP.

Maria José Mondego de Moraes Barros, professora emérita da USP em 1979, foi professora da Escola de Educação Física da USP foi transferida para chefiar o Departamento de Psicologia Experimental após a criação do Instituto de Psicologia da USP, em 1970.

Mário Arturo Alberto Guidi foi um aluno de Carolina Bori e responsável pela construção de alguns equipamentos de laboratório. Em colaboração com Herma Bauermeister, publicou o livro *Exercícios de Laboratório em Psicologia* em 1968 e, anos depois, dedicou-se à áreas como Cinema e Fotografia.

Max Wertheimer (1880 – 1943) psicólogo, um dos fundadores da Teoria da Gestalt juntamente com Kurt Koffka e Wolfgang Köhler.

N

Noemy da Silveira Rudolfer (1902 – 1980) foi responsável pela cadeira de Psicologia Educacional após a incorporação do Instituto de Educação à Faculdade de Filosofia. Em 1936 defende sua tese de cátedra, *A evolução da psicologia educacional através de um histórico da psicologia moderna*.

O

Octavio Ianni (1926 – 2004) formou-se em ciências sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, em 1954, é considerado um dos maiores sociólogos do país. Tornou-se professor na cadeira de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, sob a chefia de Florestan Fernandes

Odette Lourenção Van Kolck, cursou Pedagogia, a partir de 1942, na Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras da USP. Terminando o curso, foi convidada a trabalhar como professora assistente na cadeira de Psicologia Educacional. Integrou a equipe que elaborou a lei 4.119/62 que regulamenta a profissão e formação do psicólogo. Sua área de interesse na Psicologia era a avaliação Psicológica.

Oscar Salas (1922 – 2010), graduou-se em física no ano de 1943, pela Universidade de São Paulo, tornou-se professor assistente da cadeira de Física Geral e Experimental logo em seguida. Tornou-se chefe do Departamento de Física Nuclear nos períodos 1970-1979 e 1983-1987. Também foi presidente da SBPC e diretor científico da FAPESP.

Otto Klineberg (1899 – 1992), psicólogo canadense, foi contratado para a cátedra de Psicologia dos cursos de Filosofia e Ciências Sociais. Ficou responsável pela cadeira de Psicologia de 1945 à 1947. Foi o catedrático que sucedeu Jean Maüguê e antecedeu Annita Cabral.

P

Paulo Sawaya (1903 – 1995) foi chefe do Departamento de Fisiologia Geral e Animal da USP, diretor da extinta Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, diretor do Instituto de Biociências da USP, diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro

R

Ricardo Gorayeb, psicólogo, é professor Associado da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo, atuando no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina – FMRPUSP.

Rodolpho Azzi (1927-1993), filósofo, fez grandes contribuições para a Psicologia no Brasil, esteve entre os precursores da Análise do Comportamento no Brasil como professor da USP e da UnB. Traduziu obras de B. F. Skinner e Fred S. Keller. No período do Regime Militar, devido à posições políticas, passou por dois períodos de prisão.

S

Sérgio Buarque de Holanda da Cunha (1902 – 1982), historiador brasileiro. Escreveu livros como *Raízes do Brasil* (1936), *Cobra de Vidro* (1944), *Caminhos e Fronteiras* (1957), *Do Império à República* (1972) e *Tentativas de Mitologia* (1979)

Sérgio Vasconcelos Luna, professor no curso de Psicologia da PUC-SP, integra os grupos de pesquisa em História da Psicologia, Análise do Comportamento: Pesquisa e Intervenção e Bases da Psicologia na Educação, todos na mesma instituição.

Sílvia Tatiane Maurer Lane (1933 – 2006), formou-se em filosofia, é doutora em Psicologia, trabalhando como psicóloga social na PUC-SP. É precursora da Psicologia Comunitária, Psicologia sócio-histórica e Associação Brasileira de Psicologia Social – ABRAPSO.

Solomon Eliot Asch (1907 – 1996): Psicólogo gestaltista e pioneiro da psicologia social

Sylvia Leser de Mello (1935 -) é graduada em Filosofia pela USP, em 1961, e doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano também pela USP, foi diretora do Instituto de Psicologia da USP em 1992. Tem publicações na área de Psicologia social, em temas como trabalho e relações familiares.

T

Tamara Dembo (1902 – 1993): fez grandes contribuições tanto para a Psicologia aplicada quanto para a Psicologia Experimental. Participou do desenvolvimento da teoria e dos processos experimentais que hoje fazem parte da Psicologia social. Foi aluna de Kurt Lewin e colega de Bluma Zeigarnik. Sua preocupação era investigar reações emocionais, como a raiva, do ponto de vista teórico de Lewin.

W

Warwick Estevam Kerr (1922 -) foi chefe do Departamento de Biologia em Rio Claro em 1955 e chefe do Departamento de Genética da Faculdade de Medicina da USP – Ribeirão Preto, em 1965. É conhecido por seus estudos sobre abelhas

Wolfgang Köhler (1887 – 1967) foi um dos principais teóricos da Psicologia de Gestalt. Publicou, em 1917, um livro chamado *The Mentality of Apes*, discutindo como macacos poderiam resolver problemas a partir de *insights*.